O DESTINO É UMA ESCOLHA

O PARADOXO DE ATLAS

OLIVIE BLAKE

Planeta

Table of Contents

Ficha Técnica

Dedicatória

Pessoas De Relevo

Plano De Estudos Da Bolsa Da Sociedade De Alexandria

Segundo Ano

• Início •

O Paradoxo:

I - Deslumbramento

• Libby •

• Ezra •

II - Iniciados

• Reina •

• Tristan •

• Parisa •

• Callum •

III - Origens

• Nico •

• Reina •

• Tristan •

• Parisa •

• Libby •

IV - Entropia

• Libby •

• Callum •

• Nico •

• Ezra •

• Parisa •

V - Dualidade

• Libby •

• Tristan •

• Reina •

• Parisa •

• Interlúdio •

VI - Ego

• Nico •

• Libby •

• Callum •

• Ezra •

VII - Alma

• Tristan •

• Nico •

• Reina •

• Parisa •

• Libby •

VIII - Destino

• Callum •

• Reina •

• Tristan •

• Libby •

IX - Olimpo

• Belen •

• Nico •

• Callum •

• Parisa •

• Ezra •

• Fim? •

Agradecimentos

Grupo Planeta

Planeta de Livros Portugal
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2022, Olivie Blake
Publicado por acordo com Tom Doherty Associates
com International Editor's Co. Barcelona
© 2021, Planeta de Livros Portugal

Título original: *The Atlas Paradox*

Revisão: Joana Baudouin

Ilustrações do miolo: Little Chmura

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Abril de 2023

Depósito legal n.º 513 076/23

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-777-685-4

www.planetadelivros.pt

Para o meu talismã,
Henry Atlas

PESSOAS DE RELEVO

CAINE, TRISTAN

Tristan Caine é o filho de Adrian Caine, cabecilha de uma organização criminosa mágica. Tristan ficaria sentido por ser apresentado por referência ao pai, mas Tristan fica sentido com quase tudo. Nascido em Londres e educado na Escola de Magia de Londres, Tristan é um antigo investidor de risco da Wessex Corporation, bem como o antigo noivo de Eden Wessex, com quem tem relações cortadas. Formado na escola da ilusão, a verdadeira especialidade de Tristan é desconhecida, embora os seus talentos incluam ver através das ilusões (ver também: *teoria quântica; tempo; ilusões: ver através das ilusões; componentes: componente mágicas).* No termos da eliminação da Sociedade de Alexandria, Tristan foi incumbido de matar Callum Nova. Por razões ostensivamente relacionadas com a sua consciência, Tristan não foi bem-sucedido.

FERRER DE VARONA, NICOLÁS (pode ser designado por DE VARONA, NICOLÁS ou DE VARONA, NICO)

Nicolás Ferrer de Varona, habitualmente chamado Nico, nasceu em Havana, Cuba, e foi enviado com tenra idade para os Estados Unidos da América, onde se viria a formar na prestigiada Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque. Nico é um físico particularmente dotado e possui muitas capacidades além da sua especialidade (ver também: *tendências litosféricas; sismologia: tectónica; mutação: de humano para animal; alquimia; correntes de ar:*

alquímicas). Nico é amigo íntimo de Gideon Drake e Maximilian Wolfe, também estudantes na NYUMA, e, não obstante a rivalidade de longa data, tem uma aliança com Elizabeth «Libby» Rhodes. Embora Nico seja extremamente competente no combate corpo a corpo, não deixou de acabar por perder a aliada.

KAMALI, PARISA

Pouco se sabe dos primeiros tempos da vida de Parisa Kamali além do que se especula (ver também: *beleza, a maldição da: Callum Nova).* Parisa nasceu em Teerão, no Irão, e frequentou a École Magique de Paris. É uma telepata com muitos recursos e tem um conjunto variado de associações conhecidas *(Tristan Caine; Libby Rhodes) e* experiências *(tempo: cronometria mental; subconsciente: sonhos; Dalton Ellery).* Não seria aconselhável confiar nela. No entanto, é impossível deixar de o fazer.

MORI REINA

Se pouco se sabe sobre Parisa Kamali, o que se sabe sobre Reina Mori é ainda menos. Não que seja uma competição, mas, se fosse, Reina venceria. Nascida em Tóquio, no Japão, com extraordinárias capacidades naturalistas, Reina frequentou o Instituto de Magia de Osaca e estudou os clássicos com um enfoque na mitologia. Só a Reina a terra oferece frutos pessoalmente, e só com Reina a natureza fala. De nada lhe serve, porém, pensar que tem outros talentos (ver também: *amplificação: energia; experiência de combate: Nico de Varona).*

NOVA, CALLUM

Callum Nova, do grupo de comunicação social Nova, sediado na África do Sul, é um manipulador cujos poderes vão além da metafísica, ou seja, para os leigos, é um empático. Nascido na Cidade do Cabo, na África do Sul, Callum estudou muito confortavelmente na Universidade Helenista de Artes Mágicas antes de se juntar ao negócio de família na venda de produtos de beleza e ilusões medeicas. Só há uma pessoa no mundo que sabe ao certo qual é o real aspeto de Callum. Infelizmente para Callum, essa pessoa queria-o morto. Infelizmente para Tristan, não o queria com força suficiente (ver também: *traição, nenhum destino tão final como).*

RHODES, ELIZABETH (pode ser designada por RHODES, LIBBY)

Elizabeth «Libby» Rhodes é uma física dotada, nascida em Pittsburgh, na Pensilvânia, EUA. Os primeiros anos de vida de Libby foram marcados pela perda da irmã mais velha, Katherine. Libby frequentou a Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque, onde conheceu o seu rival transformado em aliado Nicolás «Nico» de Varona e o antigo namorado, Ezra Fowler. Depois de ser recrutada pela Sociedade, Libby liderou várias experiências notáveis (ver também: *tempo: quarta dimensão; teoria quântica: tempo; Tristan Caine)* e dilemas morais *(Parisa Kamali; Tristan Caine)* antes de desaparecer, tendo o resto do grupo começado por pensar que tinha falecido. O paradeiro de Libby é desconhecido (ver também: *Ezra Fowler).*

PARA MAIS LEITURAS

SOCIEDADE DE ALEXANDRIA, A

Arquivos — conhecimento perdido

Biblioteca (ver também: *Alexandria; Babilónia; Cartago, bibliotecas ancestrais: Islâmica; bibliotecas ancestrais: Asiática)*

Rituais — iniciação (ver também: *magia: sacrifício; magia: morte)*

BLAKELY, ATLAS

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria: iniciados; Sociedade de Alexandria: Curadores)*

Infância — Londres, Inglaterra

Telepatia

DRAKE, GIDEON

Aptidões — desconhecidas (ver também: *mente humana: subconsciente)*

Criatura — subespécie (ver também: *taxonomia: criatura; espécie: desconhecida)*

Ligações ao crime (ver também: *Eilif)*

Infância — Cabo Bretão, Nova Escócia, Canadá

Educação — Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque
Especialidade — viajante (ver também: *domínios dos sonhos: navegação)*

EILIF

Alianças — desconhecidas

Crianças (ver também *Gideon Drake)*

Criatura — *finfolk* (ver também: *taxonomia: criatura; finfolk: sereia)*

ELLERY, DALTON

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria: iniciados; Sociedade de Alexandria: investigadores)*

Animação

Ligações conhecidas (ver também: *Parisa Kamali)*

FOWLER, EZRA

Aptidões (ver também: *viagem: quarta dimensão; física: quântica)*

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria: não iniciados; Sociedade de Alexandria: eliminação)*

Infância — Los Angeles, Califórnia

Educação — Universidade de Artes Mágicas da Universidade de Nova Iorque

Alianças conhecidas (ver também: *Atlas Blakely)*

Emprego anterior (ver também: NYUMA: *assessores residentes)*

Relações pessoais (ver também: *Libby Rhodes)*

Especialidade — viajante (ver também: *tempo)*

PRÍNCIPE, O

Animação — geral

Identidade (ver também: *identidade: desconhecida)*

Relações conhecidas (ver também: *Ezra Fowler, Eilif)*

PLANO DE ESTUDOS DA BOLSA DA SOCIEDADE DE ALEXANDRIA

PRIMEIRO ANO

Diretivas:

Os candidatos para a iniciação na Sociedade de Alexandria irão contribuir rigorosamente com investigação nova e inovadora para os arquivos de conhecimento da instituição. Além disso, irão proteger e manter os arquivos ao longo da duração do internato, depois da conclusão satisfatória dos termos de iniciação.

Currículo Base:

Espaço
Tempo
Pensamento
Intenção
Mais pormenores do estudo a seguir, depois de concluídos os termos de iniciação.

Os módulos para o primeiro ano de estudos e os requisitos para a conclusão da iniciação terminarão no dia 1 de junho.

SEGUNDO ANO

Cada iniciado contribuirá com um trabalho com significância para os arquivos, cujo tema será escolhido pelo próprio.

Proposta de estudo independente:
*Requisitos mínimos indicados**

Tema de pesquisa*: _____

_____

Objetivos: _____

_____

Metodologia (indicar todos os textos relevantes): _____

_____

_____

Calendário:

Apresentação de proposta: indicar prazos para qualquer recolha, revisão e/ou análise de dados pretendida. A entregar até ao dia 1 de junho.

Assinatura do iniciado:

Aprovado por:

Atlas Blakely

• Início •

Gideon Drake protegeu os olhos do Sol radioso e escaldante e relanceou para os montes chamuscados e escurecidos. O calor percorria o ar entre nuvens formadas por partículas de cinza. Pequenos detritos que mais pareciam asas de traças flutuavam delicadamente à frente da sua visão limitada. O fumo era denso, suficientemente gredoso para lhe ficar na garganta, e, se tivesse algo de real, constituiria imediatamente uma emergência médica.

Mas não era, pelo que não constituía.

Gideon olhou de relance para o labrador preto ao lado dele, contemplou-o com as sobrancelhas franzidas e voltou a virar a cabeça para a cena pouco familiar, puxando a camisa para cima da boca de forma a criar um véu fino de ar semirrespirável.

— Isto é muito interessante — murmurou Gideon para si próprio.

Nos domínios dos sonhos, aqueles fogos aconteciam de vez em quando. Gideon chamava-lhes «erosões», mas, se alguma vez ele conhecesse outro como ele, não ficaria surpreendido ao saber que já havia um nome próprio para o fenómeno. Era suficientemente comum, embora habitualmente não fosse tão... inflamável.

Se Gideon tinha uma filosofia, era a seguinte: não vale a pena entrar em desespero.

Não havia como dizer o que era real e o que não era para Gideon Drake. A perceção que ele tinha sobre a terra desolada sonhada poderia ser uma cena completamente diferente para o sonhador. Os fogos eram um perfeito lembrete de algo que Gideon tinha aprendido muito tempo antes: podemos encontrar a ruína em qualquer lugar, se o que procurarmos for a ruína.

— Bem, vamos lá, Max — disse Gideon ao cão, que, por coincidência, também partilhava o quarto com ele. Max farejou o ar e ganiu, contrariado, ao ver que se dirigiam para oeste, mas ambos tinham consciência de que os

sonhos eram o domínio de Gideon, pelo que o caminho a seguir era, em última instância, decisão deste.

Em termos de magia, os domínios dos sonhos faziam parte de um subconsciente coletivo. Embora todos os humanos tivessem acesso a um canto dos domínios, muito poucos eram capazes de atravessar os domínios dos sonhos como Gideon atravessava.

Ver onde a consciência de uma pessoa acabava e a de outras começava exigia um conjunto de aptidões muito específico, e Gideon — que conhecia os padrões volúveis dos domínios da mesma maneira que os marinheiros conhecem as marés — tinha os sentidos mais afinados do que nunca e raramente deixava de estar entre eles.

Para o mundo exterior, Gideon parecia uma pessoa com narcolepsia bastante normal. No entanto, compreender a magia de Gideon não era nada fácil. Pelo que ele conseguia perceber, a linha que separava a consciência e a subconsciência era muito fina, no caso dele. Era capaz de identificar o tempo e o lugar no seio dos domínios dos sonhos, mas, por vezes, a capacidade de percorrer diferentes sonhos impedia-o de chegar ao pequeno-almoço em pé. Às vezes, parecia que pertencia mais ao domínio dos sonhos do que ao mundo dos vivos. Não obstante, a aparente deficiência sonambular de Gideon significava que ele podia fazer uso dos limites que os outros enfrentavam. Uma pessoa normal poderia voar num sonho, por exemplo, mas saberia que estava a sonhar e, portanto, estaria ciente de que não seria capaz de voar na vida real. Por sua vez, Gideon Drake podia voar, ponto final Se estava acordado ou a sonhar era a questão que ele nem sempre conseguia perceber.

Tecnicamente, Gideon não era mais poderoso do que qualquer outra pessoa poderia ser dentro de um sonho. As limitações corpóreas que sentia eram semelhantes às da telepatia: nenhuma magia levada a cabo nos domínios dos sonhos teria a capacidade de lhe fazer mal para sempre, a não ser que a sua forma física sofresse algo parecido com um derrame ou uma convulsão. Gideon sentia dor da mesma forma que qualquer outra pessoa poderia sentir num sonho: imaginada e desaparecida assim que acordasse. A não ser que estivesse sob uma tensão fora do normal que pudesse provocar uma das reações corporais acima mencionadas, claro... mas isso nunca o

preocupava. A única coisa pessoa que se preocupava com essas coisas era Nico.

Ao pensar em Nico, Gideon sofreu a habitual sensação de algo exposto, como se tivesse perdido um sapato e tivesse continuado a difícil caminhada sem ele. No ano anterior, treinara-se (com graus de sucesso variáveis, dependendo do dia) para deixar de catalogar a ausência daquele que o costumava acompanhar a ele e a Max. De início fora difícil; Nico vinha-lhe à ideia de forma reflexa, uma espécie de memória muscular, sem aviso nem premeditação, e, portanto, com a consequência imprevista de perturbar a rota pretendida. Às vezes, quando o pensamento de Gideon se detinha em Nico, também Gideon se detinha nele próprio.

Afinal, o perigo e a providência de conhecer Nico de Varona residia no facto de não ser fácil esquecê-lo, nem simples de manter a distância. Sentir falta dele era como sentir falta de um membro cortado. Nunca se sentia totalmente completo nem totalmente inteiro, embora, uma vez por outra, os vestígios de dor se revelassem úteis e informativos.

Gideon permitia-se sentir as coisas que (noutras circunstâncias) tentava não sentir, e, como um suspiro de alívio, sentia os domínios em delicada mutação debaixo dos pés. O pesadelo amainou gradualmente e deu lugar à atmosfera dos sonhos de Gideon, pelo que ele seguiu o caminho que lhe surgia mais facilmente: o seu próprio caminho.

O fumo do sonho desvaneceu-se quando a cabeça de Gideon começou a divagar e, como tal, Gideon e Max deram por eles a vaguear por entre a perceção consciente do tempo e do espaço. Em vez de terra queimada, havia a leve sugestão de pipocas de micro-ondas e detergente de roupa com poder industrial: as notas mais marcadas e inconfundíveis da residência de estudantes da NYUMA.

E, com elas, o rosto familiar de um adolescente que Gideon conhecera no passado.

— Sou o Nico — disse o rapaz de olhos esgazeados e cabelo desgrenhado, cuja *T-shirt* estava inadvertidamente dobrada de um lado devido à presença de um saco de desporto a tiracolo. — És o Gideon? Pareces estar exausto — decidiu, em segunda instância. Depois, atirou o saco para a segunda cama, olhou em volta para o quarto e acrescentou: —

Sabes uma coisa, teríamos muito mais espaço se puséssemos uma cama em cima da outra.

Seria uma memória, ou um sonho? Gideon Drake tinha dificuldade em perceber.

Era difícil explicar exatamente o que Nico teria feito ao ar do quarto, o que era algo em que o próprio Nico parecia não ter reparado. Com uma claustrofobia leve, Gideon acabou por dizer:

— Não estou certo de que possamos mudar a mobília de lugar. Não será melhor perguntarmos?

— Podíamos perguntar, mas fazê-lo irá diminuir as probabilidades de termos um resultado favorável. — Nico deteve-se e relanceou para Gideon. — E que sotaque é esse, já agora? Francês?

— Mais ou menos. Acadiano.

— Quebequense?

— Não muito longe.

O sorriso de Nico abriu-se.

— Bem, excelente — disse ele. — Ando a pensar alargar os meus horizontes linguísticos. Penso demasiado em inglês neste momento, preciso de mudar. Como eu costumo dizer, o melhor é nunca acreditar numa dicotomia. Embora, e esta *é* uma nota importante, se imponha a questão: queres ficar na de cima ou na de baixo? — perguntou, e Gideon pestanejou.

— Escolhe tu — acabou por dizer, e Nico acenou com a mão e reorganizou a mobília com tanta facilidade, que, num abrir e fechar de olhos, Gideon já se tinha esquecido de como era o quarto quando tinha chegado.

Na vida real, Gideon aprendera muito depressa que, se não houvesse espaço, Nico arranjava uma forma de o encontrar. Se as coisas ficassem imóveis demasiado tempo, Nico acabaria por lhes dar um abanão. Os administradores escolares da NYUMA tinham considerado que a única adaptação necessária para receberem a presença de Gideon era rotulá-lo como «estudante a precisar de serviços de pessoas com deficiência» e não fazer mais nada, mas, depois de tudo o que tinha observado no novo colega de quarto poucos momentos depois de o ter conhecido, Gideon estava

desconfortavelmente seguro de que era só uma questão de tempo até que Nico descobrisse a verdade sobre ele.

— Onde vais? — perguntara Nico, provando que Gideon não se tinha enganado. — Refiro-me a quando estás a dormir.

Tinham passado duas semanas desde o início do ano letivo e Nico descera do beliche de cima, aparecera ao lado de Gideon e acordara-o com um susto. Gideon nem sequer sabia que estava a dormir.

— Tenho narcolepsia — acabara por dizer.

— Tretas — respondera Nico.

Gideon olhara para ele e pensara: não te posso dizer. Não por Gideon pensar que Nico pudesse acabar por se revelar uma espécie de caçador de criaturas ou alguém colocado naquele quarto pela sua mãe (embora ambos os casos fossem uma possibilidade clara), mas por haver sempre um momento em que as pessoas começavam a olhar para ele de forma diferente. Gideon detestava esse momento. O momento em que os outros começavam a descobrir alguma coisa — muitas coisas — para ajudar a reforçar as suspeitas de que Gideon era repugnante de alguma maneira. Conhecimento instintivo, presas a responderem a uma ameaça. Lutar ou fugir.

Não posso contar a ninguém, pensara Gideon, especialmente a ti.

— Há algo estranho em ti — continuara Nico convictamente. — Não necessariamente mau, só estranho. — Cruzara os braços sobre o peito, a pensar. — Qual é a tua história?

— Já te disse. Narcolepsia.

Nico revirara os olhos.

— *Menteur.*

Mentiroso. Então estava mesmo decidido a aprender francês.

— Como é que se diz «cala-te» em espanhol? — perguntara uma versão anterior de Gideon na vida real e Nico lançara-lhe um sorriso que, mais tarde, Gideon viria a perceber que era extraordinariamente perigoso.

— Levanta-te da cama, *Sandman* — dissera Nico, a afastar as cobertas para o lado. — Vamos sair.

De novo no presente, Max cutucou o joelho de Gideon com o nariz, com força suficiente para Gideon ter de dar um passo em frente para manter o equilíbrio.

— Obrigado — disse ele, a abanar a cabeça para afastar a memória da ideia. O quarto da residência de estudantes voltou a desvanecer-se e a dar lugar à erosão do monte que ardia à distância enquanto Max lhe lançava um olhar arregalado de expetativa.

— O Nico é por aqui — disse Gideon, a apontar para lá da vegetação densa e das árvores de folha persistente a arder em fogo lento.

Max olhou para ele com dúvidas.

Gideon suspirou.

— Pronto, está bem — disse ele antes de desencantar uma bola e a atirar para a floresta. — Busca.

A bola iluminou-se ao ganhar velocidade, banhando a floresta com um brilho baixo e tranquilizador. Max lançou-lhe mais um olhar de irritação, mas disparou em direção à bola, seguindo o caminho que a magia de Gideon tinha criado.

Toda a gente tinha magia nos sonhos. As limitações não eram as leis da física, mas, antes, o controlo do sonhador. Gideon, uma criatura que se movia constantemente entre a consciência e a inconsciência, carecia de memória muscular no que dizia respeito às limitações da realidade. (Se não soubermos exatamente onde a impossibilidade começa e acaba, é claro que não nos pode limitar.)

Se Gideon *tinha* magia apenas ou se era *de facto* mágico era um tema de debate perpétuo. Nico estava convencido de que o primeiro caso era o verdadeiro, Gideon não tinha a certeza. Mal conseguia executar bruxarias corriqueiras quando chamado a fazê-las nas aulas, razão por que se tinha atido sobretudo a estudos teóricos sobre como a magia existia e porquê. Por ser um físico, Nico via o mundo como uma construção pseudoanatómica, mas Gideon gostava de pensar que o mundo era uma espécie de nuvem de dados. Era nesta nuvem que residiam todos os domínios dos sonhos, afinal. Um espaço partilhado para a experiência da humanidade.

O verdadeiro Nico estava mais perto, e o limiar da floresta a arder transformava-se numa extensão fina de praia vazia. Gideon baixou-se para passar os dedos pela areia. Depois, afundou um braço, a testá-la. Não havia nada a arder na praia, mas o braço de Gideon despareceu imediatamente, engolido até à articulação do ombro. Max soltou uma rosnadela baixa e assustadiça.

Gideon retirou a mão, e estendeu-a para Max para lhe dar um afago leve e tranquilizador no queixo fino.

— Porque é que não ficas aqui? — sugeriu Gideon. — Volto para te vir buscar daqui por uma hora.

Max ganiu baixinho.

— Sim, sim, eu tenho cuidado. Estás mesmo a começar a soar como o Nico, sabias?

Max ladrou.

— Está bem, pronto, retiro o que disse.

Gideon ajoelhou-se na praia a revirar os olhos e voltou a submergir a mão, só que, desta vez, inclinou-se para a areia até esta lhe cobrir todo o corpo e deslizou completamente para o outro lado. Sentiu imediatamente uma mudança de pressão, que era alta e ficou baixa, e deu por si a mergulhar de cabeça em mais areia e a cair do céu de encontro às colinas ondulantes de um deserto árido.

Bateu com a cara na areia e cuspiu um pouco pelo lado da boca. Gideon não era o que poderíamos considerar um amante da natureza, ele que já fora exposto a demasiados dos seus dons menos agradáveis. Havia alguma coisa pior do que a areia? Sim, sem dúvida, mas a areia não deixava de ser desagradável. Gideon não considerava que fosse completamente despropositado achar os efeitos da areia ofensivos. Conseguia senti-la em todo o lado, na parede das orelhas e nos dentes, a instalar-se-lhe nos impérvios caminhos do escalpe. Não era a situação ideal, mas, como sempre, não valia a pena entrar em desespero.

Gideon arrastou-se até ficar em pé e teve dificuldade em manter o equilíbrio na interminável faixa de areia que lhe chegava às barrigas das pernas.

Olhou em volta para as dunas, a preparar-se para alguma coisa. Não fazia ideia do que seria. Era sempre algo diferente.

Um zumbido na orelha direita fê-lo rodar (ou tentar rodar) num ápice com um grito e dar um golpe cego no ar. Tudo menos mosquitos: Gideon não gostava de insetos. Mais um zumbido e sacudiu-o para longe, embora desta vez tenha sentido uma picada de agulha no antebraço. Já se começava a ver uma pápula, um pedaço de sangue inchado a intumescer da picada. Gideon levantou o braço para inspecionar a ferida mais de perto, e esfregou da pele um exosqueleto de metal, um pequeno vestígio de pólvora.

Muito bem. Não era nenhum inseto, portanto.

Saber qual seria o obstáculo que teria de enfrentar a seguir era, habitualmente, um alívio, embora com reservas, porque significava que Gideon passava a ter a capacidade e a necessidade de planear uma defesa. Às vezes, entrar naquele subconsciente particular era uma questão tática. Às vezes, havia um combate, outra vezes havia labirintos. Salas de escape, perseguições e combates esporádicos eram preferíveis, dada a capacidade geral que Gideon tinha (até então) de escapar à morte e a todos os cavaleiros que a anunciavam. Outras vezes, era apenas uma questão de suor e de esforço, um simples, mas terrível, problema de resistência. Nos sonhos, Gideon não podia morrer — ninguém podia mas podia sofrer. Podia sentir medo, ou dor. Às vezes, o teste consistia apenas em saber cerrar os dentes e aguentar.

Infelizmente, aquele sonho iria ser um desses casos.

As armas minúsculas disparavam projéteis demasiado pequenos para que Gideon os conseguisse evitar e demasiado rápidos para que os pudesse combater: provavelmente não se tratava de nada que pudesse existir na Terra ou ser operado por humanos. Gideon deu o peito às balas, bicadas inevitáveis que eram, e enfrentou a força do vento, fechando os olhos para se proteger da areia que o fustigava e que se infiltrava nas feridas abertas, começando a escorrer-lhe sangue em redor dos braços. Gideon viu as manchas vermelhas entre as pálpebras semicerradas, brilhantes e relativamente benignas, mas sem deixarem de ter mau aspeto. Como marcas de roturas nas estátuas de mártires e santos.

O telepata que construíra aquelas defesas era sem dúvida um sádico do mais alto e problemático nível, fosse ele quem fosse.

Algo perfurou o pescoço e infiltrou-se na garganta de Gideon, que ficou com as vias respiratórias imediatamente comprometidas. A sufocar, apressou-se a aplicar pressão na ferida, a fazer força para regenerar depressa. Os sonhos não eram reais, os danos não eram reais. A única coisa real era a luta, e a isso ele não iria renunciar de maneira nenhuma. Gideon nunca iria deixar de ir à luta, em caso nenhum, porque, nos cantos mais recônditos do seu coração, sabia que se justificava. Não só era o mais correto, mas também o devido.

Os ventos intensificaram-se, a areia cobriu-lhe os olhos e os lábios, colou-se ao suor nas rugas do pescoço, e Gideon, a convocar toda a dor acumulada, soltou um grito. Um grito primordial. O tipo de grito que significava que estava a desistir, a deixar-se ir. Gritou e gritou e tentou fazer com que a agonia que sentia desse azo a uma capitulação adequada, uma espécie de palavra-passe secreta. A mensagem certa. Algo como *morrerei antes de desistir, mas tudo dentro das tuas defesas é seguro para mim.*

Não passo de um homem em sofrimento. Não passo de um mortal com uma mensagem.

Deve ter funcionado porque, no momento em que os pulmões de Gideon se esvaziaram, a estalar da súplica e do esforço, o chão cedeu debaixo dele. Gideon caiu como que sorvido com um som de sucção antes de ser entregue, misericordiosamente, ao despojamento súbito de um quarto vazio.

— Oh, céus, estás aqui — disse Nico, com um alívio palpável, a levantar-se e a aproximar-se das barras das defesas telepáticas que os separavam. — Acho que estava a sonhar com a praia ou algo assim.

Gideon relanceou instintivamente para os braços em busca de sinais de sangue e areia, e testou a sua respiração para perceber como estavam os pulmões. Tudo parecia estar como devia ser, o que significava que ele tinha conseguido chegar ao interior da Sociedade de Alexandria pela centésima décima oitava vez.

Cada vez era um pouco mais tormentosa do que a outra. No entanto, valia sempre a pena.

Nico sorriu ao encostar-se às barras com a sua habitual presunção.

— Estás com bom aspeto — observou em divertida aprovação. — Muito descansado, como sempre.

Gideon revirou os olhos.

— Estou aqui — confirmou. Depois, por ser o que tinha ido ali dizer, acrescentou: — E acho que devo estar prestes a encontrar a Libby.

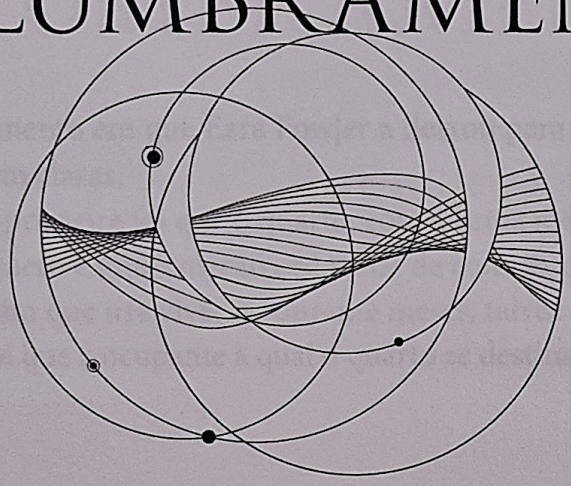
O PARADOXO:

Se o poder é algo que vale a pena ter, tem de ser passível de ser possuído. Mas o poder não tem um tamanho nem um peso específico. O poder é contínuo. O poder é parabólico. Digamos que nos dão um certo poder, que aumenta a nossa capacidade de acumular mais poder. A nossa capacidade de ter poder aumenta exponencialmente em relação ao poder que ganhámos de facto. Por isso, ganhar poder é perder cada vez mais poder.

Se quanto mais poder tivermos, menos poder temos, então é a coisa ou somos nós?

I

DESLUMBRAMENTO



• Libby •

No momento em que Ezra Fowler a deixou para trás, duas coisas ficaram claras.

A primeira foi que o quarto, com a cama mal feita, vestuário dobrado com esmero e uma coleção ordenada de comida pré-embalada, se destinava a alguém que iria viver ali durante meses, talvez anos.

A segunda foi que a ocupante à qual o quarto se destinava era a própria Libby Rhodes.

• Ezra •

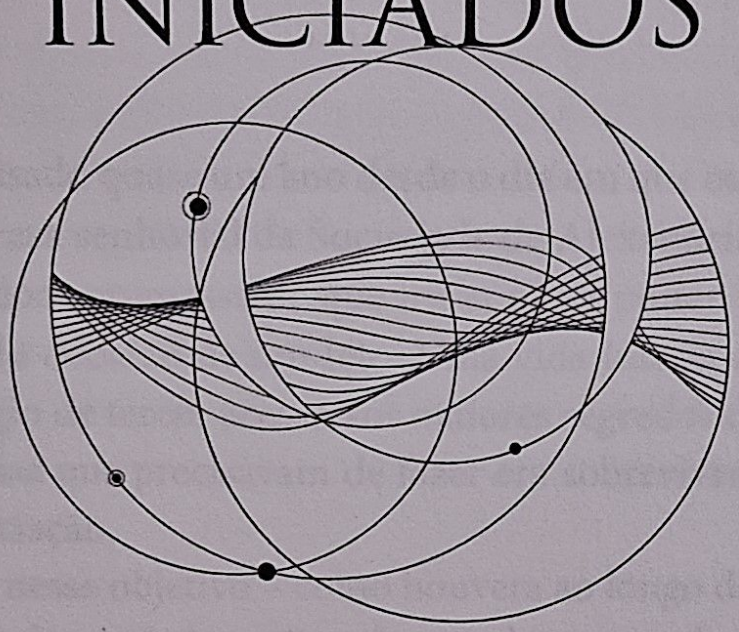
Ela iria perdoá-lo, pensou Ezra.

E, mesmo que não perdoasse, a alternativa continuava a ser o fim do mundo às mãos de Atlas Blakely.

Por isso, talvez fosse melhor não pedir perdão.

II

INICIADOS



• Reina •

No Dia Anterior

Tinha passado quase um ano desde o dia em que os seis tinham chegado à casa senhorial da Sociedade de Alexandria motivados pela enganadora promessa de que iriam obter poder. Todo o conhecimento do mundo debaixo de um teto. Uma vida inteira de prestígio para coroar o privilégio de terem acesso aos maiores segredos do universo.

E a única coisa que precisavam de fazer era sobreviver apenas um ano até à data da iniciação.

Havia união nesse objetivo — como houvera ao longo do ano em que se tinham modificado, mutado e alterado —, pelo que, onde antes havia seis, passou a haver, irreversivelmente, um.

Ou algo.

Reina olhou de relance para o quarto e perguntou-se quanto tempo duraria exatamente aquela união. O mais certo era que durasse menos de uma hora. A energia no quarto já se tinha alterado quando Atlas Blakely, o pretenso Curador de todos, entrou sem fazer barulho pela porta da sala pintada e os observou em silêncio.

Ao lado de Reina, Nico de Varona estava nervoso como sempre, a olhar para Atlas e a afastar o olhar. Tristan Caine estava inquieto em silêncio atrás deles. À sua volta, Reina via as feições de Parisa Kamali a manterem-se placidamente inalteradas depois de ver o Curador, ao passo que Callum Nova, atrás de Parisa, nem sequer se apercebeu da entrada de Atlas. Callum manteve alguma distância dos outros, com o queixo ligeiramente projetado, como que a assinalar que tinha a cabeça ocupada com outras coisas.

— Tentem pensar que tudo o que se vai seguir é um jogo — sugeriu Dalton Ellery, o investigador de óculos que estava responsável pelos iniciados.

Dalton acenou com a cabeça na direção de Atlas, depois continuou a dirigir-se aos outros cinco. Estavam encostados a uma estante de livros, à espera, quando Dalton lhes dirigiu a atenção para o centro da sala.

A sala pintada tinha sido despojada da mobília, tendo ficado apenas um conjunto de cadeiras de mesa de jantar corriqueiras. As cinco cadeiras, dispostas bastante longe umas das outras, estavam todas viradas para o interior, criando um círculo vazio.

A perda do sexto membro já tinha deixado de ser uma novidade naquela altura. No entanto, ainda era visível. Como uma velha ferida de guerra que só se faz sentir quando chove, a falta dos murmúrios e da ansiedade de Libby Rhodes parecia assombrar o espaço livre entre os cinco iniciados, tácito, com existência apenas nas promessas que tinham feito uns aos outros. Algures debaixo do soalho, ouvia-se o palpitar da ausência de Libby.

— Chegaram até aqui — continuou Dalton, a dirigir-se para o centro do círculo vazio — e já não estão a ser testados. Não há aprovações nem reprovações. Contudo, sentimos uma obrigação ética de os advertir de que o facto de estarem a salvo de danos corporais não é garantia de conforto durante a cerimónia. Não vão morrer — concluiu. — Mas todos os outros resultados são plausíveis.

Ao lado de Reina, Nico agitou-se, apreensivo, de encontro às prateleiras. Tristan cruzou os braços com mais força à frente do peito e Parisa olhou de relance para Atlas, que pairava junto à porta. A expressão do Curador não se tinha alterado.

Ou talvez tivesse. Era possível que fosse imaginação de Reina, mas o habitual olhar de amena afabilidade de Atlas parecia um tudo-nada mais frio do que era habitual. Muito fixo, de uma forma que sugeria preservação.

— *Todos* os outros resultados são plausíveis? — perguntou Callum, a dar voz à dúvida coletiva da sala e a fazê-la ecoar no espaço vazio. — Do tipo, não vamos morrer, mas poderíamos acordar em forma de barata gigante?

— Escaravelho — murmurou Reina, mas Callum ignorou-a.

— Não é um resultado conhecido — disse Dalton mas não é tecnicamente impossível.

Deu-se outra mudança intangível entre os que estavam prestes a ser iniciados. Nico, ao sentir o potencial de discórdia, relanceou para Reina antes de dizer:

— Iniciação significa mais acesso, não é? E é claro que todos nós fizemos escolhas para chegar aqui. — Nico dirigiu cuidadosamente os comentários para a sala em geral e não para um candidato específico, embora se tenha detido um momento em Atlas antes de se voltar para Dalton. — Parece que o fator de intimidação não é muito necessário neste momento, não é assim?

— É mais uma renúncia de responsabilidade — disse Dalton. — Mais alguma pergunta?

Várias, claro, mas Dalton não era conhecido por ser acolhedor. Reina olhou para Parisa, que era a única pessoa que poderia saber se havia alguma coisa de que devessem desconfiar. Parisa não parecia preocupada. Não que Reina tivesse o hábito de ficar nervosa, mas não iria certamente perder tempo a ter medo de alguma coisa se não visse Parisa preocupada primeiro.

— A cerimónia de iniciação exige que deixem este plano — continuou Dalton. — As restrições à vossa transição serão definidas por cada um de vocês.

— Vai estar tudo nas nossas cabeças? — perguntou Tristan bruscamente.

Um tique de angústia manifestou-se na testa de Nico; desde que testemunharam a morte de Parisa às mãos de Callum, todos eles — exceto Parisa, ironicamente — tinham ficado suscetíveis perante a perspetiva de contrafações telepáticas.

Dalton deteve-se.

— Não — disse ele —, mas também sim, sem dúvida.

— Ah, bom — disse Nico a Reina num suspiro baixo. — E eu que estava preocupado que ele não fosse ajudar.

Antes de Reina poder responder, Parisa disse cautelosamente:

— O que estamos a fazer afinal no plano astral da Sociedade? E não, isso não me dá nenhuma vantagem — acrescentou ela, impedindo quaisquer outras perguntas com um movimento impaciente dos olhos pela sala.

— Se houver constrangimentos, também eu os sentirei — disse de forma concludente a Reina, que não era, seguramente, a única a pensá-lo. — Não é por estar dentro do meu campo de especialidade que eu tenho uma vantagem significativa.

Reina afastou o olhar. *Suscetível*, pensou, na direção de Parisa.

Sentiu a postura de Parisa a mudar rigidamente em resposta. *Não gostei da acusação.*

E de repente preocupas-te com o que eu penso?

Parisa não respondeu. Do canto mais distante da sala, uma figueira num vaso casquinou inoportunamente.

Dalton aclarou a garganta.

— A idealização da vossa iniciação não é nenhum segredo...

— Encantador — murmurou Tristan. — Algo novo e diferente.

— ... é apenas uma simulação — concluiu Dalton. — No âmbito da simulação, irão enfrentar uma projeção de outra pessoa na vossa turma de iniciação. Não como ela é, mas como vocês a veem.

Parou para observar as expressões dos outros, que variavam, indo da indiferença evidente (Callum) à ambivalência resignada (Nico). Se alguém sentisse alguma sombra de angústia, ninguém, entre os que restavam, estava disposto a mostrá-la. Atlas, por sua vez, limitou-se a levantar o queixo e a coçar uma comichão. Parecia estranho reparar nisso, mas Reina tinha a impressão de que o fato de Nico parecia mais flagrantemente imaculado do que era habitual. Engomado até não restarem vestígios de vincos, como se ele soubesse que alguém iria reparar. Ou talvez fosse apenas um efeito da luz.

— Não se trata de um teste sobre o que aprenderam — acrescentou Dalton. — Não se trata sequer de um teste, apenas de uma formalidade. Ao longo do último ano, estudaram tudo o que vos pedimos. Em breve, terão o direito de fazer pedidos aos arquivos, onde quer que os caminhos de estudo que escolherem vos levem. — Reina sentiu um breve arrepio na espinha, favorável e ominoso. — Como membros iniciados da Sociedade, poderão fazer uso do teor da biblioteca e contribuir, da forma que desejarem, até que as vossas obrigações para com os arquivos sejam cumpridas e o vosso

período de aprendizagem esteja concluído. Conquistaram o vosso lugar aqui, mas todas as pontes têm dois lados. Atravessem-na.

Retirou um ficheiro do nada, apanhando-o como se tivesse sido atirado ao ar.

— Vamos começar dos mais novos para os mais velhos, o que significa que o Sr. de Varona será o primeiro. — Dalton relanceou para Nico, que assentiu com a cabeça. A preferência de Nico seria sempre ser o primeiro. O feitio dele era assim, sempre a precipitar-se para as coisas. Sem Libby para servir de contrabalanço, não havia nada para lhe temperar a impetuosidade. Nada que o ancorasse ao que quer que fosse.

Nico não foi o único a ficar desequilibrado. Eram todos ligeiramente diferentes sem Libby Rhodes. Sem que se apercebessem, Libby tinha-se tornado o «mas» na consciência coletiva, a escala de moralidade. *Mas e se isto acontece, mas e se alguma coisa corre mal, mas e se alguém se magoar.* Os efeitos da saída de Libby da anatomia do grupo pareciam agravar-se impercetivelmente, como uma infeção não diagnosticada. Conseguiam seguir em frente sem ela, claro, mas era indubitável que a perda se iria revelar significativa com o passar do tempo. Hemorragias internas lentas, a intoxicação de um rim. Um pequeno furo algures na constituição de um pulmão perfeitamente saudável.

Um feto cercado suspirou um comentário *desgraçadesgraçadesgraça* que só Reina conseguiu ouvir e de que não gostou, na verdade.

— Muito bem. — Nico deu um passo em direção a Dalton. — Para onde é que eu vou?

— Para lugar nenhum. Sentem-se. — Dalton fez um gesto para as cinco cadeiras e encaminhou Nico para a que se situava aproximadamente às 12 horas. — Vocês todos — esclareceu Dalton — em ordem.

Cada um se sentou na respetiva cadeira. À direita de Reina estava Tristan, à direita de Tristan estava Callum, à direita de Callum estava Parisa. Nico fechava o círculo à esquerda de Reina.

Depois de se sentarem, houve um momento breve em que todos pareciam estar à espera de algo... algo que caísse do teto ou emergisse do chão. Não aconteceu nada desse tipo. As plantas na sala eriçaram-se e

bocejaram, Atlas sentou-se entre as estantes anteriores, longe da vista de Reina, e Dalton assumiu o seu lugar atrás da cadeira de Nico, com uma prancheta nas mãos.

Nico, agitado, relanceou primeiro para Reina e depois rapidamente por cima do ombro.

— O que é que eu tenho de fazer, afin...

— Comece — disse Dalton.

A cabeça de Nico precipitou-se para a frente — acendida como um fósforo, um botão de desligar corporal — enquanto a consciência se esvaiu de debaixo dele. O ar do quarto palpitou momentaneamente com a estática, com magia ou vida ou com alguma onda intangível do próprio Nico. A estranha energia empederniu-lhes a pele, levantando-lhes os pelos dos braços e do pescoço.

Ao fim de poucos segundos, a sensação de eletricidade desenfreada tinha cessado, feita condensação palpável — uma névoa fina de início e uma nuvem a seguir — e, depois, como o estalar de um chicote, uma imagem espectral de Nico levantou-se do centro do círculo. A impressão que ele tinha do quarto pintado encobriu os iniciados quando ele se levantou numa projeção da disposição habitual da mobília: a mesa ao lado da estante, o sofá à frente da lareira. Nico parecia incapaz de ver os quatro colegas e os dois iniciadores sentados num círculo em volta da sala. Na projeção era meio— Dia, o calor do sol emanava das janelas. As cortinas estavam abertas, o tempo no exterior, limpo e luminoso, contrastava com a escuridão húmida e estival da realidade física em que se encontravam.

Do canto do olho de Reina, Tristan inclinou-se para a frente, colocou os antebraços à frente dos joelhos com uma apreensão que mais parecia profundo desgosto.

— Vamos poder ver os rituais de iniciação uns dos outros?

— Vão — disse Dalton, e, enquanto ele falava, uma versão espectral de Reina materializava-se à frente da projeção de Nico, que esboçou um sorriso.

— Excelente — disse Nico, a tirar a mobília da sala projetada com um movimento de braço. Como toda a magia de Nico, era difícil de ver numa

sequência adequada. Depois de um único piscar de olhos, toda a mobília estava encostada ao perímetro da sala. Como se fosse aquela a disposição de sempre.

Nico estendeu uma mão para que a apertassem, oferecendo-a à projeção de Reina. Era o início de qualquer treino de luta padrão. Mesmo depois de um ano de combates recreativos, continuavam a iniciar todos os treinos daquela forma.

Por entre a translucidez da projeção, Reina vislumbrou Parisa a revirar os olhos.

O que foi? Perguntou Reina.

Os olhos negros de Parisa fixaram-se nos dela.

Se eu quisesse passar o tempo a vê-los aos dois a comportarem-se como crianças, já o teria feito.

Mas ainda antes de Parisa ter concluído a ideia, a Reina da projeção já estava a fazer a primeira investida. Nico desviou ligeiramente a cabeça para o lado antes de rodar e desferir um murro para a frente para testar o alcance. A verdadeira Reina saberia que deveria esperar aquele gesto (e, provavelmente, teria feito o mesmo), mas a projeção fugiu ao murro como se tivesse sido desferido com toda a força. A mão dela baixou-se o suficiente para que Nico lhe desse uma palmada leve no rosto em jeito de aviso; uma forma de a lembrar que deveria manter a agilidade.

A Reina da projeção desferiu uma série de golpes secos; um, dois, depois um terceiro, um quarto, que Nico evitou com a mão direita, agarrando-lhe o antebraço. O movimento fez a Reina da projeção balançar-se para a frente, o que a desequilibrou, e Nico tirou proveito da descida de nível para apontar um gancho à parte lateral da cabeça dela, que ela se apressou a bloquear com o antebraço em vez de rolar por baixo dele: uma escolha pouco acertada, pensou Reina com um esgar. A projeção de Reina conseguiu evitar a maioria do impacto, mas não deixou de receber pelo menos metade da força investida no murro, se não mais.

Nico e a Reina da projeção andaram em círculos um à volta do outro, cada um a testar os passos do outro. Nico conseguiu aproximar-se do interior da envergadura da projeção de Reina e depois furtou-se ao gancho curto quando a projeção dela mordeu o isco. Os nós dos dedos de Nico bateram-

lhe no rim quando ele se desviou com destreza do alcance dela. Reina respondeu com golpe cego, apanhando apenas a ponta da orelha. Nico riu-se. A projeção de Reina não.

De repente, Parisa sentou-se mais aprumada, uma ideia a franzir-lhe o cenho.

E agora, de um momento para o outro, estás interessada em estratégias de combate? Reina fez um trejeito de escárnio na direção dela. Não conseguia ver Atlas do lugar onde estava sentada — uma das muitas estantes da sala escondia-o —, mas tinha a impressão de que ele também tinha reparado.

Parisa lançou-lhe um relanceio irritado.

Isto não é um combate. Estás a passar ao lado da questão, como de costume.

Qual questão? Era absolutamente claro que tudo aquilo era uma inutilidade. Reina poderia testemunhar exatamente o mesmo cenário na vida real em qualquer momento, embora não o fosse fazer, se tivesse voto na matéria. Era desconfortável ver-se a ela própria a lutar, nem que fosse apenas pelo embaraço de observar as lacunas que tinha. Daquela forma, perante o público, as lacunas que exibia pareciam mais exageradas do que era habitual. Nico tinha movimentos fluidos, naturais. O ritmo que exibia — a forma como orbitava o espaço — era sempre leve e nunca forçado. Nico nunca estava no mesmo lugar duas vezes. Reina, por sua vez, parecia atarracada e imóvel, uma arriba a ser desbastada devagar pela maré de Nico. Reina achou-se a desviar constantemente o olhar da projeção do ritual, embora, ao fazê-lo, tenha reparado que a atenção de Parisa continuava concentrada na sua imagem projetada.

Afinal porque é que tens tanto interesse nisto? Perguntou Reina, rabugenta, e Parisa olhou fixamente para ela do outro lado do combate simulado, aparentemente igualmente irritada por ter de responder.

Não percebes? Isto é uma projeção do que ele pensa sobre ti, disse Parisa na cabeça de Reina.

Reina pensou ter visto Parisa a relancear na direção de Atlas. No entanto, se o fez, fê-lo de forma breve e não comunicativa. A principal

preocupação de Parisa era a projeção de Reina, não Atlas, que, na verdade, era a coisa mais desconcertante a acontecer na sala pintada. Ser o alvo da concentração de Parisa não poderia trazer nada de bom. (A figueira no vaso estava de acordo.)

E? pensou Reina.

E, em primeiro lugar, ninguém disse que não podíamos usar magia, mas o Nico não está a usar. E a imagem que ele tem de ti também não. Os lábios de Parisa esboçaram um sorriso leve. *E, não sei se reparaste, mas ele não parece achar-te nada perigosa, pois não?*

De novo:

E?

Durante um ano, todos nós fomos incumbidos de matar alguém. Ficámos a saber há pouco tempo quem será. Parisa fez um gesto para o vulto dançante de Nico. *Parece-te uma pessoa preocupada com a ameaça que significas para a vida dele?*

A Reina da projeção vacilou, apanhada numa das armadilhas costumeiras de Nico: um golpe seco que a distraiu e que a impediu de ver o gancho dele do limite da sua periferia. Ele deu-lhe um murro cruzado e, de seguida, um soco de baixo para cima, que ela não conseguiu bloquear. Era uma sucessão de erros, mas, sobretudo, era uma sequência de erros de *Reina.* Eram erros que ela já tinha cometido no passado.

Ah, estás a perceber agora, observou Parisa com franca e perturbante satisfação, e, embora Reina se tivesse esforçado ao máximo para conseguir ignorar todos os comentários exteriores, Parisa conseguiu penetrar-lhe as defesas com um ruído de fundo, como a estática de um rádio.

Ele acha que tu és vulnerável.

E, de seguida, de forma mais decisiva...

Ele acha que tu és fraca.

Reina eriçou-se e obrigou-se a não pensar em nada, tentando lembrar-se do habitual refrão orelhudo e maçante de um velho anúncio de pasta de dentes que ouvia quando era mais nova. O sorriso de Parisa virou-se para uma tensa careta de *toma, otária* e a atenção dela desviou-se, sem dúvida, para qualquer outro jogo de psicanálise amadora. A Reina da projeção evi-

tou uma direita cruzada de Nico e acertou-lhe com dois golpes secos razoáveis em resposta, embora ele tenha contra-atacado com uma combinação de socos que ela não teve rapidez suficiente para bloquear por completo. Reina — a *verdadeira* Reina, que estava a ficar cada vez mais irritada — manteve a expressão impassível ao perceber que Parisa não era a única a observar a reação dela. Do outro lado de Nico, o olhar de Callum tinha-se fixado subrepticiamente no dela, para a observar por longos e perspicazes momentos antes de se desviarem.

Reina perguntou-se o que estariam os sentimentos dela a fazer naquele momento particular. Habitualmente, não se preocupava com esse tipo de coisas, porque se considerava uma pessoa desprovida de grandes sentimentos. (Aborrecimento, irritação e impaciência não contavam. Eram picadas de mosquito na escala de Richter emocional.) No entanto, sentia um formigueiro inusitado que lhe dizia que estava a debater-se com alguma coisa. Não era angústia, nem medo... e muito menos traição, porque, apesar de Parisa estar a dar a entender que compreendia todos os cambiantes de toda a humanidade, não havia dúvida de que estava enganada quanto a isso.

Contudo, como era habitual em Parisa, não estava *assim tão* enganada. Reina, que ao contrário de certas pessoas (Libby), não estava completamente sujeita a todos os caprichos da sua insegurança, sabia que, na verdade, Nico não a considerava fraca. Reina, que já tinha percebido que a cabeça de Nico era um lugar sem lei nem rei, sabia que ele não considerava *ninguém* um inimigo suficientemente sério para tentar destruí-lo. Era aí que residia o encanto e o busílis de Nico: confiança que também era arrogância. Recriminá-lo por isso seria, essencialmente, não compreender quem ele era. Mostrar preocupação com a arrogância de Nico seria um exercício de fragilidade emocional e, logo, uma perda do tempo de ambos.

Não obstante, ao ver-se pelos olhos dele, parecia realmente que Nico considerava Reina... previsível. Ligeiramente inferior. Boa, mas não o suficiente. Uma impressão que, para sermos justos, estava correta em algumas áreas, combate e magia física incluídas. Reina nunca fizera de conta de que não estava. A preocupação que ela tinha em relação à Sociedade sempre fora o acesso, não a influência.

Teria ela pensado que a ambivalência óbvia que mostrava relativamente às suas próprias capacidades poderia ser vista pelos outros como um reflexo de falta de capacidades? Sim, tinha. Mas se Tristan, Callum ou Parisa a viam assim, poderia não importar. Reina tinha conseguido não lhes revelar nada sobre si própria. Nem sequer a Nico, na verdade, e ele tinha passado muito mais tempo com ela do que qualquer um dos outros. Não estaria ele a prestar atenção?

A mente de Reina serviu-lhe uma memória indesejada. Chá com a avó, que decorrera depois de um jantar especialmente infrutífero com a mãe. *Um dia irão perceber,* dissera Baba com uma suavidade afável que descambava facilmente em esquecimento e, mais tarde, em trivialidades irracionais que umas vezes tinham uma relação com a realidade e outras não. *Um dia irão olhar para ti e ver tudo o que eu vejo.*

Mãemãe? perguntou o feto do canto com hesitação.

Reina concordou, embora contrariada.

A mãe de Reina, na qual Reina não costumava pensar e da qual não falava de forma nenhuma, era a filha do meio e tinha duas irmãs e dois irmãos. (Uma desordeira quando era jovem, dizia sempre a avó de Reina com carinho, como se estivesse a ver um drama entretido, mas irrealista, em vez do desenrolar da vida da filha.) Baba, uma mulher excêntrica já com uma estranha propensão para a amabilidade, não queria ver a vida da filha destruída por uma pequena imprudência, pelo que adotara Reina num ato de aparente generosidade. Ao fim de um ano ou dois, a mãe de Reina tivera um casamento de sucesso com um homem de negócios mortal, uma pessoa cuja família lucrara com o crescimento repentino da eletrónica que deu azo à era da tecnomancia medeica. Reina sempre olhara para ele de um ponto de vista formal: o Homem de Negócios, que não tinha um nome próprio nem significado para lá da profissão. Não era o pai dela, apenas o homem que casara com a mãe depois de Reina nascer. Ele só sabia que Reina vivia na casa da sogra porque fazia muitas perguntas sobre ela. De início, o homem pensava que Reina era filha de uma das empregadas, talvez a governanta, e, portanto, alguém que haveria de poder controlar. Reina imaginava muitas vezes a conversa que a mãe teria tido em resultado daquela reviravolta irónica. (Talvez ninguém tenha dito nada. A mãe de Reina não falava muito.

Tinha o ar de alguém que tinha visto muito e decidido limitar-se a fechar os olhos e a deixar de olhar.)

A questão era que o Homem de Negócios não devia ter sido informado da verdadeira identidade de Reina, porque fora ele que iniciara o hábito de a convocar para jantares mensais. Naquela altura já havia outras crianças — que, na verdade, eram filhas do Homem de Negócios —, embora, tal como o pai, fossem mortais e não tivessem o poder de Reina. Não era um homem antipático. Recebia as chamadas de negócios à mesa, mas não gritava. No entanto, era muito, mas muito, transparente. Durante os jantares, em que elogiava os elegantes *kanji* de Reina ou o seu desempenho cumpridor na escola antes de se dedicar ao tema do naturalismo, a mãe de Reina remexia a comida no prato e praticava o habitual costume de não dizer nada.

Em todo o caso, a mãe de Reina morreu dois anos antes da avó, quando Reina tinha 14 anos. No funeral, a mãe de Reina foi descrita como uma mulher e mãe cumpridora. (Não como mãe de *Reina*, claro. Reina estava sentada na fila de trás, discretamente, e, se havia alguma dúvida sobre o seu parentesco, a verdade é que ninguém fez nenhuma pergunta.) Reina não conhecia a mãe muito bem, mas estava convencida de que aquele discurso era uma forma muito triste de concluir a história dela, uma vez que a única coisa que se disse sobre a vida banal que tivera foi que tinha sido muito competente nos dois empregos que exercera. Não se disse se era desafinada ao cantar no chuveiro ou se tinha medo de serpentes de jardim ou qualquer coisa que a definisse de uma forma mais concreta.

Pouco depois, o Homem de Negócios voltou a casar. A vida continuou, como era hábito.

As lembranças eram como areias movediças, cada vez mais profundas e inescapáveis. Reina foi acometida de outra recordação desagradável, um estremecimento de repulsa do vazio da subconsciência.

Não muito tempo antes da visita de Atlas, o Homem de Negócios aparecera por acaso no café de Reina. Estava zangado com alguma coisa, ocupado ao telefone. Tão ocupado que, não obstante os muitos anos de súplicas para a conhecer, não fora capaz de reconhecer Reina. É verdade que passara mais de uma década desde que se tinham visto pela última vez, mas Reina não deixara de registar a ironia. Sentara-se uma vez por mês à

frente de Reina, na mesa da mãe dela, durante muitos anos e fizera de conta que a considerava interessante; poucas semanas antes, conseguira encontrar a antiga colega de quarto de Reina, a quem pedira o número dela, e que, uma hora e um telefone novo depois, a colega de quarto já não tinha. No entanto, naquele dia, o Homem de Negócios estava ocupado a praguejar contra alguém, um estrangeiro. O nome parecia difícil de pronunciar na língua dele.

— Ele já o fez no passado, pode fazê-lo novamente! — gritara o Homem de Negócios, que olhara para Reina sem a ver quando ela lhe levara o café. Naquele momento, Reina estava mais do que visível, o que era uma dose de triunfo particularmente amarga. Uma espécie de validação da pior parte dela própria. A transparência tangível de Reina era a prova de que as coisas eram como ela sempre pensara que eram.

Reina sempre soubera que havia uma segunda intenção para o interesse que o Homem de Negócios tinha nela. Era evidente que não a queria encontrar por sentir falta da sua personalidade ou da sua letra. Era a mesma razão que levava os lírios da mãe de Reina a encolherem-se perante ele quando estava a comer. Quando era criança, Reina partira do princípio de que a aversão que as plantas sentiam em relação a ele era um sintoma da antipatia que ela própria sentia, mas houve algo específico sobre ele, naquele dia no café, que a fez repensar nas ideias que trazia da infância.

Não, não sobre ele. *Nele.*

Destruição. De repente, tornou-se claro nas memórias dela, como uma película fina que lhe alterava a lente e lhe permitia ver a experiência de infância de uma forma nova. Nos tons sépia da retrospetiva, com uma ligeira camada de pó sobre os ombros, como caspa ou cotão, era óbvia e inevitável. Reina percebeu que o negócio dele era mais insidioso do que os benefícios agrícolas que as pessoas esperavam dela. Mas isso acontecia com tudo o que gerava tanta riqueza, na verdade. A natureza destrutiva do negócio do homem agarrava-se a ele como uma água de Colónia especialmente perigosa.

Reina sacudiu-se para afastar os efeitos persistentes da habitual espiral de vergonha com que se debatia sempre que se lembrava de alguma coisa sobre o seu passado. A questão era que a avó de Reina sempre dissera que

um dia alguém a haveria de ver, e era verdade, ou grandemente verdade, embora não da forma que ela gostaria que fosse. As pessoas acabaram por olhar para ela. O Homem de Negócios foi apenas o primeiro. De uma forma sinistra, a atenção era inevitável, porque, a certa altura da adolescência, o que Reina era — o que ela era capaz *de fazer* — não poderia ser ignorado de maneira nenhuma quer alguém decidisse olhar de perto para ela ou não. Mas, naquela altura, Reina não queria ser vista de maneira nenhuma.

O poder que ela tinha não era apenas profundo para um naturalista: ela própria era uma naturalista. Isso, por si só, deveria torná-la preciosa, ou, pelo menos, útil. Mas porque é que ela haveria de ter de provar que era útil para alguém quando quer que fosse? Não fora ela que determinara as circunstâncias do seu nascimento. Além disso, não tinha pedido os poderes que tinha. Se aquela que dizia ser a sua família não lhe oferecia a dignidade de ser aceite, e, menos ainda, amor, então também não mereciam os frutos do valor que tinha. Pelo menos era o que ela dizia a si própria quando se sentava à frente do Homem de Negócios durante os jantares mensais.

Com o tempo, tornou-se mais fácil negar aos outros o direito de a conhecer, de olhar demasiado tempo para ela. Reina desenvolveu o dom do isolamento. Não sentia necessidade de executar as suas próprias habilidades ou de provar o que valia. Sem falha, sabia que iria acontecer tal como a avó dissera: as pessoas iriam ver. Iriam ver, concretamente, poder. Oportunidade. Naturalismo sem restrições, magia de uma magnitude sem precedentes. Quando Reina percebeu que era um objeto — uma ferramenta que outros poderiam utilizar sempre que tivessem oportunidade de ganhar alguma coisa com isso — teve o devido cuidado de se isolar, de se esconder, de se preservar. Nunca passava demasiado tempo a ser ela própria onde toda a gente a pudesse ver, porque acabava por ser objetificada pela mercê do egoísmo de outro.

Nico era a exceção. Nico, com quem Reina decidira passar tempo mais abertamente do que alguma vez fizera com outra pessoa e que acreditava que não queria nada dela. Era uma raridade! Uma *bênção.* Só que, ali, naquela sala, ao vê-lo a lutar com a muito pouco determinada projeção dela, Reina reparou que a arrogância de Nico negava uma das verdades que tinha como fundamentais: que havia algo nela que valia a pena ser vista.

Reina fora construída sobre alicerces de afastamento por razões de autopreservação, mas, intencionalmente ou não, tinha-lhe aberto uma janela.

Nico conhecera-lhe as fraquezas, as inflexibilidades, as defesas e os erros. Tinha-as detetado e registado. Tinha usado todas as coisas em Reina que mais ninguém tivera o privilégio de conhecer de perto e não o tinha feito de uma forma que tivesse algum tipo de grandeza. A ideia que ele tinha dela era extraordinariamente medíocre. Não tinha vontade de a usar por nenhuma razão. Só estava a usar o que tinha aprendido sobre a individualidade de Reina para preservar o seu próprio ego, para fazer valer os seus próprios pontos fortes.

Reina agitou-se na cadeira.

Ah. A sensação era de desilusão.

Na simulação de Nico, tanto ele como a projeção de Reina já tinham expandido o repertório de artes marciais. Passaram dos bloqueios e dos socos para os pontapés e detenções quando a projeção de Reina elevou a fasquia do combate, talvez decidida a escolher manobras mais exigentes por alguma sensação de incapacidade que Nico lhe atribuía. (Ah, mas não estaria ela apenas a fazer uma projeção? Reina olhou para Parisa por um momento para confirmar e depois desviou rapidamente o olhar, furiosa consigo própria.) Nico tentou agarrá-la depois de fazer de conta que dava uma joelhada no rosto da projeção de Reina e, quando ela se afastou cambaleante, ele desequilibrou-a com um pontapé forte num ponto fraco da coxa dela. Ou seja, a projeção de Reina tinha caído em mais uma das armadilhas de Nico e a verdadeira Reina, que estava sentada a fervilhar por dentro, sentiu um pequeno assomo de ressentimento. Algo levemente insistente, como uma gavinha ou uma videira.

(Em que aspeto é que Reina era diferente do amigo de Nico, o sonhador, afinal? Como é que Nico não viu que Reina, tal como a pessoa que ele viera aqui tão desesperadamente proteger, era mais uma ferramenta que mãos erradas ansiavam usar? Não que fosse importante, claro. Não que ela precisasse que ele, ou qualquer outra pessoa, lhe desse valor. Não que ela estivesse zangada.)

Tanto quanto Reina conseguia perceber, aquele ritual de iniciação tinha sido concebido para castigar a pessoa que estava a ser projetada, não a que estava a fazer a projeção. Dalton tinha-o dito: não havia restrições. O que significava que Reina poderia ter aparecido com um veículo e raptado Nico. Poderia tê-lo combatido com magia, poderia ter-lhe rasgado o centro do peito com um relâmpago. Poderia tê-lo estrangulado com uma planta. E tudo isto era o que ela conseguiria fazer no domínio da realidade. O que poderia ela fazer *para lá* dele, numa projeção mágica dentro de uma biblioteca mágica, onde a realidade tal como eles a conheciam não existia?

Mas Nico não tinha pensado nessa possibilidade. Era claro que a eventualidade de ela o vencer ou surpreender nunca lhe tinha passado pela cabeça. Por isso, era Reina quem sofria, não ele.

Reina apertou um punho, e o feto no canto abriu-se com o som de um chicote a bater, os ramos a estender-se para os lados como tentáculos. Havia algo a crescer dentro dela, a supurar. Algo mais suave do que uma traição, mas apenas de uma forma putrefacta, como a penugem fina e translúcida de bolor de um pêssego. Talvez ela estivesse zangada com ele. Uma picada de aranha de algo a supurar, como a insistência de uma etiqueta que faz comichão ou o zumbido de um inseto que não se vê. Talvez ela estivesse irritada com a descoberta de que, aparentemente, Nico de Varona, não via nela nada de significativo.

Na simulação, Nico voltou a aproximar-se e a enredar-se na projeção de Reina. Agarraram-se por breves instantes antes de a projeção de Reina o atirar para longe. Depois, Nico, como era habitual, afastou-se dela num movimento meneante, passos leves em recuo, os olhos a lampejar malícia.

Não lhe valia de muito, mas Reina não precisava que Nico olhasse para ela de nenhuma maneira particular. Eram amigos, ou talvez colegas, nada mais. Nunca olhara para ele romanticamente nem, muito menos, sexualmente. Nunca pensava em ninguém sexualmente. O facto de possuir órgãos sexuais interessava-lhe tanto como interessaria a qualquer planta que não germinasse. E claro que não haveria razão para Nico a imaginar dessa forma, tirando o facto de terem passado quase todo o tempo que tinham juntos e, aparentemente — *aparentemente* —, a única coisa que ele aprendera sobre ela fora a probabilidade que haveria de ela ser apanhada por exatamente o mesmo murro.

Bem. Reina fez um esgar, e cruzou os braços sobre o peito. Fora Parisa que colocara aquela ideia naquele lugar, seguramente. Não era uma ideia de que Reina se fosse lembrar por ela própria. Ela não se importava nada com o que as outras pessoas pensavam dela, e sobretudo, fosse como fosse, não precisa do interesse nem da aprovação de Nico. Sim, tinha confiado nele mais do que em qualquer outra pessoa na casa e, sim, nunca se tinha questionado se ele seria de fiar. Fora ele o primeiro a falar-lhe das qualificações para a iniciação, não fora assim? O pequeno jogo do assassinato que fora deixado para as letras muito pequeninas? E ela ficara a saber que ele não a mataria e ele nunca lhe perguntara se ela já teria pensado em matá-lo, mas...

Nico deu um golpe forte na projeção de Reina e deixou-a a cambalear, os olhos lacrimosos.

Nico não lho tinha perguntado, apercebeu-se Reina. Claro que não. Porque já sabia que ela não o faria.

Porque talvez ele não pensasse que ela era fraca, mas sabia que tinha a lealdade dela, como a de toda a gente na vida dele.

(Nico sabia que tinha a lealdade dela, mas teria Reina a dele?)

Reina voltou a agitar-se no assento, inquieta e imediatamente desconfiada da sua própria desconfiança à medida que a simulação avançava. Para que *serviria* aquele ritual específico? Dalton dissera que não era um teste. Qual era o objetivo, então? A ideia era que fosse uma revelação — um pedaço significativo de perspetiva relativamente ao que cada um era realmente — ou que fosse algum tipo de armadilha?

E se fosse uma armadilha, era para apanhar Reina? Ou seria Nico?

A projeção de Reina recuou, visivelmente ofegante, e Nico parou imediatamente.

— Estás bem? — perguntou-lhe. Esquecida estava a lição que a projeção dela lhe tinha ensinado pouco tempo antes: que não esperaria que lhe dissessem quando começar, que não hesitaria em fazer subir a fasquia. Nico não demorou a abandonar todo o medo de retaliação da parte dela, mostrando apenas preocupação por ela, como se nunca tivesse significado nenhuma ameaça para ele. — Reina, estás bem?

A projeção de Reina não ripostou. Endireitou-se e olhou-o nos olhos.

— Estou bem — disse ela, secamente. Impassível. Mecânica.

(Era assim que ela lhe soava?)

— Não temos de continuar com isto — assegurou-lhe Nico, praticamente com olhos de cachorrinho de compaixão. — Eu não sei bem o que raio estamos aqui a fazer, para começar, mas não te quero magoar.

Magoá-la? Como se ela não soubesse o que estava a fazer? Como se não andassem a fazer exatamente a mesma coisa durante *quase um ano?* A primeira interação entre ambos fora em combate. Estaria ele tão preocupado com ela naquela altura? Pensaria ele que ela deveria simplesmente deixar-se cair e *morrer* não fosse a sua instrução misericordiosa?

Não que ela estivesse zangada, claro.

Do outro lado do círculo, Parisa sorriu para Reina com uma implicação positivamente medonha.

— Não me podes magoar — disse a projeção de Reina. Assim, pelo menos, tinha-o dito. (No entanto, não haveria algo estranho na frase *«não me podes* magoar», que era falsa e algo delirante e, ao que parece, algo a discutir com um profissional clínico, em contraponto com *«não me vais* magoar», que, pelo menos, implicava algum tipo de capacidade para impedir a referida dor?)

(Chegada aquela altura, Parisa estava a rir-se para a palma da mão.)

— Eu sei — insistiu Nico. — Mas, mesmo assim, não o vou fazer.

A imagem de ambos distorceu-se e acabou por se dissolver. Nico voltou a acordar no seu corpo com um resfolego ofegante, o efeito da consciência renovada a descair sobre ele como água nos pulmões.

Pela primeira vez, Atlas falou.

— Sessenta segundos e avançamos para a menina Mori — disse ele.

Dalton assentiu com a cabeça, a relancear para o relógio.

Entretanto, Reina voltou-se para Nico, a sussurrar o mais baixinho que podia sobre o som que ele fazia ao inspirar profundamente. (Evidentemente, o esforço físico da simulação transferiu-se para o seu estado físico, pelo que, pelo menos, ao humilhá-la por completo, Nico tinha conseguido transpirar um pouco.)

— Sabias que ia ser eu? — perguntou-lhe ela. — Tipo, pensaste em mim antecipadamente, ou...?

— Conseguiste ver tudo? — perguntou Nico, desorientado, mas não culpado. Ou seja, não sentiu vergonha, afinal. O que não surpreendia... Reina sabia quem ele era, mas, uma vez mais, aquela lembrança estava a começar a inflamar-se. — Não, não estava a pensar especificamente em ti. Na verdade, estava a pensar...

Mas Reina não iria ouvir o que Nico estava a pensar. Dalton tinha-se agitado atrás da cadeira e, numa sensação menos tátil do que adormecer, Reina sentiu um pedaço de si mesma a soltar-se. Num momento estava a olhar para Nico, que ainda estava a arquejar e a meio da frase, e, no seguinte, via apenas a abertura de um abismo infindável, que se transformou — depois de outro momento de ajustamento — na sala pintada.

O ritual dela estava a decorrer à noite, as cortinas da sala pintada completamente fechadas, o fogo a arder na lareira. O ar quase encharcado de calor. Ensopado.

Ao fim de outro momento, um vestido branco resplandecente surgiu da escuridão cavernosa.

— Olá, Reina — disse Parisa num murmúrio baixo.

Foda-se, disse Reina na cabeça, e a projeção de Parisa sorriu levemente, deixando o vestido branco cair.

• Tristan •

— Interessante — observou Callum maliciosamente, ao olhar para o espectro de Parisa do seu ponto de vista privilegiado entre a cadeira dela e a de Tristan. A projeção de Parisa que Reina conjurara estava completamente nua, depois de ter deixado o vestido cair. Estava totalmente exposta, o que, aparentemente, era uma das possibilidades da iniciação «não vão *morrer*» com a qual Dalton —, e, por conseguinte, Atlas, que se apresentava tão assumidamente adulador como sempre, não sentia necessidade de interferir.

Tristan, a recusar fazer qualquer comentário, afastou-se de Callum, o que só o levou para mais perto de Nico, ainda que sem intenção. A expressão de Nico parecia tensa e ávida, com conflito — algo hesitante na ponta da língua — antes de Tristan desviar o olhar desdenhosamente. O que quer que Nico quisesse tinha pouca importância e podia esperar.

A verdadeira Parisa observou-se a si própria na simulação de Reina e encolheu os ombros.

— Ela enganou-se nas minhas mamas — disse.

— Verdade — concordou Callum. — E, se não me engano, não é o único pormenor inexato. — Relanceou para Parisa, que estava ao lado dele. — Não tens uma cicatriz no cimo da coxa?

Tem, pensou Tristan. Em forma de um raio de sol enrugado. Sem querer, lembrou-se de passar os dedos sobre ela e de roçar as extremidades com o polegar.

— É uma queimadura. E tu és asqueroso — apontou Parisa para Callum sem nenhum sentimento especial.

Callum deixou-se descair na cadeira com um sorriso malicioso.

— Deverei encurtar os meus poderes de observação? Tu não te dás ao trabalho de a esconder.

A projeção de Parisa avançou em direção a Reina, que recuou.

— Ao contrário de ti — disse Reina à sua versão de Parisa — não preciso de me sexualizar só para sentir alguma coisa.

— Verdade — disse a projeção de Parisa. — Precisas de muito mais do que isso para sentires alguma coisa.

— Chispa — murmurou Callum.

— Cala-te — disse a verdadeira Parisa, embora, mais uma vez, o tom fosse algo vazio. Não conflituoso. Tristan considerou a possibilidade de ponderar, mas não demorou a descartar a ideia. Parisa iria seguramente ouvir o que quer que ele pensasse.

Ela olhou de relance para ele.

Faz-me a vontade na mesma, comentou ela na cabeça dele.

Ele olhou para o lugar onde ela estava sentada com os olhos postos em Reina, os braços cruzados. O ar leve de diversão no tom dela ficara reservado aos pensamentos dele.

— A fasquia parece estar bastante baixa, não parece? — foi o que Parisa disse em voz alta.

— Porquê? — perguntou Callum num tom arrastado. — Porque toda a gente da casa já viu isto no passado?

— Não — disse ela, com indiferença. — Porque a Reina lhe vai pôr termo antes de avançar mais.

— Verdade — concordou Callum. — Mas, então, porque é que...

— Bem, a questão é mesmo essa, não é? — interrompeu Parisa.

— Ah — disse Callum, a assentir com a cabeça.

Andavam a fazê-lo nos últimos tempos. A assentir com a cabeça. A conversar. A *concordar.* Era algo que deixava os dentes de Tristan a ranger. Nunca parara para pensar como seria se Callum e Parisa decidissem fazer uso das respetivas aptidões complementares, e, afinal, quando viu que o fizeram, percebeu que era irritante. Não, preocupante. Além disso, Tristan estava convencido de que Atlas o estava a observar. Provavelmente à espera para ver o que ele faria na sua própria projeção. O que quer que fosse que Tristan já devesse ser capaz de fazer, mas era óbvio que não era, para lhe aumentar a frustração.

Tristan agitou-se no assento e cruzou a perna esquerda sobre a direita. Não. Mau.

Descruzou as pernas e trocou de lado. A direita sobre a esquerda. Não. Pior. Pousou ambos os pés no chão antes de ver um fio solto perto da manga. Depois sentiu uma etiqueta a fazer-lhe comichão. Além disso, sentia uma pontada no pescoço. Levantou a mão direita, levou-a à boca e roeu a extremidade seca de uma cutícula.

Ao lado dele, a boca de Callum fez um esgar.

— Interessante — disse Callum novamente.

De início não era claro se Callum se referia à agitação de Tristan, a Parisa ou à projeção que Reina fizera de Parisa ou se pensava exatamente o contrário e estava tremendamente aborrecido com aquilo tudo, embora *fosse* realmente possível que Callum *considerasse* tudo o que se estava a passar muito interessante, porque parecia o tipo de jogo que ele gostava de jogar. Uma pequena guerra psicológica em jeito de presente. Tristan voltou a remexer-se, mas depois percebeu que Callum ainda estava a olhar para ele.

— O que foi? — murmurou Tristan.

O sorriso de Callum acendeu-se nos cantos da boca como a chama de um isqueiro.

— Eu poderia resolver o assunto por ti — disse ele.

Sim, pensou Tristan, não havia dúvida de que conseguia sentir que Atlas o estava a observar.

A estenografia entre Callum e Tristan já estava definida há tempo suficiente para que Tristan não precisasse de esclarecimento. Callum estava a dizer que lhe podia curar a agitação. A ansiedade. Só o estava a dizer para ser irritante, claro, porque, na ausência de Libby Rhodes, era claro que Tristan tinha assumido o papel de pessoa mais passível de entrar em combustão espontânea. Talvez, na verdade, ele soubesse desde sempre que o mais parecido com Libby não era aquilo em que Nico a complementava, mas o rasgo de inadequação que ela tinha em comum com Tristan. Ao pensar nisso, sentiu a comichão na gola a piorar.

Fechou um punho. Abriu-o.

— Pensava que me estavas a castigar — comentou com Callum, que encolheu os ombros. — Agora queres ajudar?

— Claro que não te estou a castigar — disse Callum com brandura.

— Embora não duvide de que isto funcionasse bastante bem se estivesse.

Nos últimos tempos, Tristan, o assassino falhado residente da casa, andava a sonhar acordado. Talvez fantasiar seja a palavra mais adequada, na verdade. E, nas fantasias, Tristan não hesitava. Limitava-se a matar Callum com uma faca na sala de jantar para o bem do grupo, tarefa que lhe fora, muito auspiciosamente, atribuída. Tinha passado um mês desde essa noite, a mesma noite em que Libby Rhodes desaparecera — coincidência? comunicação cósmica? Tristan tinha sérias dúvidas — e Tristan continuava a imaginar coisas. Situações em que, mesmo que o seu pior amigo e mais íntimo inimigo não *morresse,* era, pelo menos, vítima de *algo* desagradável. Como forma de quase meditação, Tristan alimentava pequenos devaneios em que se levantava e esmurrava Callum com violência no maxilar.

No entanto, em cada devaneio, imaginava Callum a rir-se ou a virar a cabeça, a cuspir sangue para o chão e a dizer algo como «ele tem coluna, afinal», altura em que Tristan pensava, muito bem, dá-me a faca, vamos tentar de novo, mas depois lembrava-se de que não, ainda sentia o formato da pega na palma da mão. Haveria de lembrar-se durante o resto da vida da suavidade debaixo do polegar, a frequência exata da sua própria dúvida.

À distância, Tristan pensou ter visto Atlas a agitar-se na cadeira.

— Deixa o Tristan em paz — disse Parisa a Callum. — Ele está a ir-se abaixo.

— Bem vejo — disse Callum.

— Muito prestável, Parisa, obrigado — murmurou Tristan.

— De nada — respondeu ela, o olhar ainda fixado na projeção dela própria.

À frente da forma inconsciente — bem, semiconsciente — de Reina, Nico levantou a cabeça e olhou para os olhos de Tristan com uma expressão interrogadora. Algo como *estás bem, meu amigo?* A questão é que não eram amigos e, na verdade, Nico não tinha ajudado em nada no seguimento do

desaparecimento de Libby. Porque, pelos vistos, sugerir que todos se unissem como uma verdadeira equipa para a vingar implicava que Tristan fizesse mais, ou se comovesse de forma mais convincente, ou desistisse por completo da vida para se dedicar ao ritual noturno de uivar para a lua devastado com a ausência dela. Ou, pelo menos, era assim que Tristan interpretava o olhar de Nico. Claro que havia sempre a possibilidade de Nico estar a ser compreensivo porque Tristan parecia precisar de compreensão. Tristan decidiu que provavelmente também se podia levantar e dar um murro em Nico.

As coisas estavam a correr bem, portanto.

Felizmente, as coisas não estavam muito melhores na projeção que Reina fizera de si própria. Ao contrário do que acontecera com o ritual de iniciação de Nico, o de Reina quase não tinha movimento. Não havia ameaças claras nem violência. Talvez por isso era insuportavelmente pior. Tristan tinha de se limitar a ficar ali sentado a *olhar*.

— Diz a verdade — disse a projeção de Parisa. — Queres saber porque é que eu me interesso por ti.

— Não — disse Reina, o que até Tristan percebia que era mentira.

— É verdade que me interessas — disse-lhe a projeção de Parisa. — Achas que eu não consigo perceber que és poderosa?

— Não preciso que me digas o que eu sou — respondeu Reina.

— Na verdade, até precisas. — A projeção de Parisa andou à volta de Reina a passo lento, pé ante pé como um gato selvagem. — Estás desesperada por saber. E cheia de medo de descobrir.

— É mesmo parecida contigo — comentou Callum com a verdadeira Parisa ao lado dele.

Parisa não disse nada. Tristan conseguia perceber claramente a expressão de cálculo no rosto dela, as engrenagens em movimento. Perguntou-se, não pela primeira vez, como seria ler o que lhe ia na cabeça verdadeira.

Tristan agitou o joelho para o colocar no devido lugar. Voltou a cutucar uma cutícula. Vislumbrou o relanceio interrogador de Nico e decidiu que era a coisa mais irritante que lhe estava a acontecer. Difícil de decidir, na

verdade, com tudo o que o podia estar a irritar. Callum poderia ainda estar a tentar matá-lo. Parisa acusava-o diariamente de ter uma crise existencial grave. Reina, pelos vistos, não tinha dificuldade nenhuma em dizer não a Parisa, o que, possivelmente, a tornava a pessoa mais poderosa da sala.

E não se podia esquecer dele próprio. Tristan, como sempre, estava no topo da sua própria lista de coisas com que deveria estar irritado. Uma parte dele sentia que, numa qualquer lápide do universo, o desaparecimento de Libby era culpa dele. Se se tivesse limitado a matar Callum, estariam naquela situação? Tristan gostava mais das coisas tal como estavam no mês anterior, quando Nico lhe atribuía a responsabilidade pelo desaparecimento de Libby sem dizer nada. A dar a entender com o rosto, o tom e as sobrancelhas que Tristan tinha *falhado.* Aquela nova mudança de opinião — a sensação de que Tristan era digno de alguma compreensão — era insuportável ou exasperante. Sim, era isso mesmo. Exasperante. Encolerizante. Era uma sensação bem conhecida para Tristan. Reconfortante, quase. Sentia-se praticamente apaziguado ao saboreá-la. O Nico que se fodesse. Que se fodesse a Parisa, também. Que se fodesse a Reina, porque não? O que é que ele ainda estava ali a fazer, afinal? Quase o tinham levado a matar alguém e, enfim, ali estava ele, quase vítima e não agressor. Fora isso que Callum dissera que ele era: uma vítima.

Importas-te de estar calado? disse Parisa. *Estou a tentar prestar atenção.*

— Vai-te foder — disse Tristan em voz alta, enquanto se punha de pé. Os olhos de Nico seguiram-no. Os de Callum não. Dalton, que estava sentado no canto a observar tudo, abriu a boca e Tristan disse — Vá-se foder, Dalton, eu sei. — E Dalton não disse nada. Tristan não tinha deixado de reparar que Atlas estava na sala, mas, por motivos gerais da integridade, tinha sido obrigado a comportar-se daquela forma.

Tristan andou de um lado para o outro em redor do círculo de cadeiras a olhar para o holograma de iniciação de Reina. A projeção de Parisa estava perigosamente perto de Reina. Tão perto, que, se Reina olhasse para baixo, também veria a pele de galinha no busto nu de Parisa.

— Diz a verdade — sussurrou a projeção de Parisa. — Estás com medo?

— De quê? — perguntou Reina num tom escarninho. — De ti?

— Poderias desaparecer — murmurou a projeção de Parisa. — Percebes isso? Nada do que faças poderá ter impacto. Na melhor das hipóteses darás muito dinheiro a ganhar a alguém. O mais provável é que venhas a dar um animal de estimação bonitinho e decorativo. Tu não tens medo de mim, Reina, tens medo *de ficar como* eu — disse ela, a roçar a bochecha de Reina com um sorriso leve. Na projeção, Parisa e Reina eram da mesma altura. Na vida real, Parisa era significativamente mais baixa.

— Pensas que o que estás a fazer é a revoltar-te — disse a projeção de Parisa. — Mas não é. Estás só a *tornar-te irrelevante.*

— O que é que isto tem que ver com sexo? — perguntou Reina num murmúrio, a olhar para a frente sem se desviar.

— Não tem nada que ver com sexo — disse a projeção de Parisa. — Sabes muito bem disso. Nunca nada tem que ver com sexo.

— Então tem que ver com o quê?

Os lábios da projeção de Parisa enrolaram-se num sorriso.

— Poder.

Tristan relanceou para a verdadeira Parisa, que parecia subitamente incomodada.

— Nesse caso — disse Reina. Olhou para baixo por entre as pestanas e perscrutou cada centímetro da presença da projeção de Parisa. Catalogou cada curva, primeiro com os olhos, depois com o mais leve movimento da mão. Estendeu o braço devagar, os olhos a caírem na curva do pescoço de Parisa. Deu-se um silêncio pesado quando a projeção de Parisa inspirou profundamente.

Depois viu-se um brilho de prata entre os dedos de Reina. Uma lâmina fina, pouco mais comprida do que a palma da mão de Reina, beijou a ponta da anca de Parisa.

Uma faca.

(Um batimento possante e alongado do relógio em cima da lareira.)

A uma distância de dias e semanas e pesadelos difusos recorrentes, Tristan pestanejou para esquecer um brilho semelhante e reprimiu uma dor

demasiado acessível.

— Há outros tipos de poder — advertiu Reina com cautela. Pressionou a lâmina devagar na pele de Parisa.

Parisa riu-se com malicia, inclinou-se para tocar com os lábios na garganta de Reina e com um golpe rápido de baixo para cima, Reina pegou na faca e...

Tristan desviou o olhar, repugnado pelo som inconfundível da lâmina a ir de encontro à pele.

(Lá estava novamente: o clarão de aço frio. O sabor a vinho e angústia. O momento certo a aparecer, a hesitação. O baque do coração. O relógio em cima da lareira.)

De seguida, a simulação ficou escura, a tremeluzir.

— Sente-se, Sr. Caine — disse Dalton.

Tristan, que se tinha esquecido de que estava em pé, relanceou para a verdadeira Parisa quando o corpo de Reina parecia estar a sair de um transe, o ar a voltar aos pulmões de forma tão abrupta que ela sufocou. Reina levantou a mão — vazia, nenhuma faca à vista —, levou-a ao maxilar e fechou os dedos levemente em redor da curva do pescoço como que para verificar se era real.

(O clarão da lâmina dele. O baque do coração.)

(Tiquetaque.)

(Tiquetaque.)

(Tiquetaque.)

— Que caralho foi isso? — perguntou Tristan quando os outros se viraram para olhar para ele. Por uma vez, Parisa não tinha o ar de quem sabia o que estaria prestes a acontecer. Provavelmente porque Tristan também não sabia o que estaria para acontecer.

Reina franziu o sobrolho.

— O que foi?

— Sr. Caine — advertiu Dalton. — Sente-se.

— A faca — atirou Tristan, ignorando o lampejo de algo que atravessou a testa de Atlas. — Isto é alguma piada, por acaso?

— Tristan — murmurou Callum. Mais um tom de cautela exasperante.

Reina cruzou os braços sobre o peito.

— Se é uma piada, qual é o remate? Isto não é como o que aconteceu com eles os dois — acrescentou Reina, a apontar teimosamente com o queixo para o local onde Callum e Parisa estavam sentados ao lado um do outro. — Não foi de verdade. E eu avisei-a na cerimónia.

— Sr. Caine — disse Dalton. — Aconselho-o a sentar-se de uma vez por todas.

— Não, não é... Sabem que mais? Não — disse Tristan, a agitação a aumentar. (Tiquetaque.) Estás a tentar provar-me alguma coisa? Que eu sou fraco? (Tiquetaque.) É isso? — Então era isso o que eles pensavam? Que ele era um cobarde? Que, se não tivesse feito o que fez, se não tivesse fracassado como fracassou, talvez a noite, o ano, toda a *vida* deles pudesse ser diferente?

(Tiquetaque. Tiquetaque. Tiquetaque.)

— Foste tu que fizeste disto uma questão de poder, não foste? — perguntou Tristan, e Reina fez cara feia. *(TiquetaqueTiquetaqueTiquetaqueTiquetaque...)* — Foi a *tua* projeção. Não foi obra da Parisa — vociferou, apontando a mão para o centro do círculo, onde decorrera o ritual de iniciação de Reina. — Foste *tu.* Foste *tu* que escolheste uma faca, por isso, o que estás a tentar...

— Eles não sabem, parceiro — interrompeu Callum com calma. Com tanta calma que Tristan se deixou cair mentalmente em mais uma montagem de violência improvisada. A dar um pontapé na cadeira em que Callum estava sentado e a deixá-la desfeita e espalhada pelo soalho eduardiano. Não, a levantá-lo da cadeira, a preparar o golpe e...

— Eles não estavam lá — disse Callum. — Não sabem.

As palavras caíram sobre Tristan como uma guilhotina. Reina franziu o sobrolho. Parisa olhou para ele com um embaraço evidente, ou talvez preocupação.

— Não sabem o quê? — perguntou Nico em voz alta.

— Está bem — disparou Tristan, a virar-se para ele —, e quanto a ti...

Viu um vislumbre dos olhos vigilantes de Atlas antes de ser acometido por algo férreo.

— Já lhe disse para se sentar — disse Dalton, cuja mão estava subitamente nas costas do pescoço de Tristan.

No instante seguinte, Tristan cambaleou para a frente, pestanejando para apagar uma luz branca.

— Olá, Tristan.

A visão de Tristan demorou um pouco a clarificar-se. Tristan tinha a sensação de que tinha perdido o equilíbrio, cambaleado e caído cegamente para a frente. Ouviu a voz, reconheceu-a e pensou: oh.

Oh, não.

A imagem dela flutuou à sua frente, a clareza a aumentar paulatinamente. O tom do cabelo dela. O formato dos lábios. Tristan sabia que a imagem estava a ser retirada da sua memória de alguma forma, a ser-lhe extraída como se alguém tivesse aberto uma torneira, mas isso era o facto mais extraordinário: mais extraordinário do que a possibilidade de nunca ter sido verdadeiramente ela.

Tristan não se tinha apercebido de que a via tão claramente.

De que continuava a imaginar coisas como os ossos dos pulsos dela.

A curva da garganta.

O arco da clavícula.

A expressão imaculada de reprovação sempre gravada na testa franzida.

— Rhodes — disse Tristan devagar. E depois — Estás com bom aspeto.

Os cantos dos lábios dela enrolaram-se para cima e, naquele momento, ele perguntou-se se teria direito a alguma coisa. Absolvição. Por mais falsa que fosse. Poderia ser uma escolha dele? Um momento de paz.

Mas não, claro que não. Dalton dissera que era um jogo, não dissera? Talvez fosse, para todos os outros. Mas aquela era a cabeça de Tristan. Aquela era a prisão que a sua cabeça lhe tinha construído e não havia nada no interior que alguma vez tivesse sido tão indulgente.

— Vai-te foder também — disse-lhe Libby num tom impassível antes de soltar uma explosão de chamas da palma da mão estendida.

• Parisa •

Tristan baixou-se, afortunadamente.

— *Cruz-credo* — praguejou em voz alta, a cambalear para evitar a ira de Libby Rhodes que ele parecia ter inventado para o atacar, como se o seu próprio lapso de moralidade tivesse surgido de uma necessidade divina da ausência dela. Se Parisa não estivesse a prestar tanta atenção ao ritual que estava a decorrer, poderia ter achado piada à forma absurda como Tristan deduzira que tinha culpa de sobrevivente. Mas algo lhe dizia que o que quer que estivesse a acontecer não tinha piada nenhuma.

Parisa relanceou para Reina, cuja testa nunca deixara de estar enrugada em pensamento desde que ela acordara do ritual de iniciação. Seria «acordara» a palavra certa? Ter-lhe-á parecido um sonho? Parisa acercou-se dela aos poucos com a sua magia, penetrando como a luz por uma brecha.

Mas Reina olhou imediatamente de relance para ela e reconheceu os vestígios da magia de Parisa no espírito. *Boa tentativa,* disse-lhe com a cabeça, lançando um gesto a Parisa que só poderia ser designado por tosco, e fechou-se logo de seguida.

Bem. Era precisamente por isso que Parisa nunca passava muito tempo com ninguém. Era sempre possível começar a perceber como a outra pessoa pensava. Noutras versões da mesma situação, chamar-se-ia a isso intimidade, ou amizade. Naquela era um incómodo.

Do canto do olho, Parisa via o trejeito minúsculo na boca de Atlas.

Presumo que pense que isto é engraçado?, perguntou-lhe.

Ele não respondeu, nem telepaticamente nem com nenhuma indicação visível de que a tivesse ouvido. Desde que entrara na sala, fora particularmente estoico, chegando ao ponto de se colocar cripticamente à sombra de uma estante. Parisa pensou também em espicaçar-lhe as ideias, mas percebeu que o esforço seria em vão. Atlas estava particularmente bem escudado naquele dia, o que acontecia desde o desaparecimento de Libby.

(O que merecia alguma desconfiança, claro. Mas havia um momento e um lugar para essas coisas.)

Parisa voltou a colocar a atenção em Reina, que estava a amuar. O mais certo era que Reina se estivesse a sentir inibida com o facto de ter conjurado Parisa, embora fosse uma perda de tempo. Em primeiro lugar, não se dava o caso de Parisa nunca se ter visto nua. Em parte, porque algumas das suas namoradas gostavam de se filmar em vários estados clandestinos, mas, também, porque, ao contrário do que ela dizia às pessoas — ou melhor, ao contrário do que dava a entender —, Parisa ganhara grande parte do rendimento para despesas não essenciais como modelo de arte durante os anos que passara na universidade. Já havia muito tempo que tinha percebido o valor que tinha como objeto de beleza, que não se distinguia de uma flor ou de uma estátua. Tinha aprendido a posicionar-se de forma a apresentar-se nos melhores ângulos, com os visuais mais expressivos, com o objetivo de melhorar a perceção que os outros tinham dela.

Ver-se refletida nos olhos dos outros não a incomodava de todo. Quando muito, dava-lhe material com que podia trabalhar. Houvera muitos artistas e estudantes naquele tempo, uns mais arrojados do que outros, que a abordaram com o objetivo de lhe mostrar o que tinham visto nela. Aqui estava a luz dos olhos dela e ali a sombra dos seios. Aqui estava o mistério do meio sorriso de Mona Lisa e ali o formato de ampulheta da cintura. Para eles, o objetivo parecia ser dizer *aqui está, representei a tua beleza na perfeição,* mas, depois de várias versões em que reparou num ou noutro pormenor divergente, uma coisa que Parisa viria a perceber era que a visão que as outras pessoas tinham de si dizia muito mais sobre elas do que alguma vez tinha dito sobre ela.

Parisa estava mais do que habituada a ver-se aos olhos de outrem, ao contrário de Reina, que ficara claramente dominada pelo desconforto ao ver-se aos olhos de Nico. Não teria Reina realmente imaginado como os outros olhavam para ela em nenhum momento do passado? Provavelmente não, o que deixou Parisa quase a sorrir por dentro.

Reina não deixava de ser um caso interessante, na opinião de Parisa, uma vez que observava a verdade das pessoas muito facilmente, embora de forma simplista. Reina via as pessoas com base em características

distintivas básicas: manipulativa (Parisa), narcisista (Callum), inseguro (Tristan) ou fiel a algo que não ela (Nico). Reina via-os a todos muito claramente, mas sem compreender verdadeiramente o cerne das questões — o *como* ou o *porquê* pelo que esperava que agissem de forma racional, tendo em conta o seu próprio código de raciocínio.

Era aí que ela fracassava, claro. Reina Mori ainda não tinha percebido que as pessoas tinham uma tendência exasperante de ser precisamente o que eram da forma mais imprevisível e errática possível.

Uma parte de Parisa lamentava o facto de Libby Rhodes não estar ali para experienciar aquele ritual específico, nem que fosse apenas porque Libby ficaria deliciosamente envergonhada com tudo o que via. Libby não compreendia as pessoas, na verdade. Era por isso que ela confiava em Parisa, apesar de todas as indicações de que não deveria fazê-lo, e porque tinha reservas acerca de Tristan, não obstante a realidade de Tristan ser a única pessoa que nunca haveria de mover um dedo contra ela. Por isso, era engraçado que, não obstante tudo o que não sabia ou não compreendia, Libby Rhodes estivesse mais próxima de estar certa sobre todos eles do que Reina haveria de estar em algum momento da sua vida.

Ao lembrar-se da ausência de Libby, Parisa sentiu um formigueiro agudo de desconforto interno. Mesmo ao fim de um mês, era difícil recordar a ausência de Libby. Regra geral, Parisa não gostava de lidar com a perda. Faltava-lhe capacidade para situações de tristeza, pelo que o normal era sentir frustração ou agitação, como uma cãibra muscular nas pernas. O facto de os outros sucumbirem à tristeza era uma demonstração desprezível de fraqueza aos olhos de Parisa, mas, infelizmente, fazia parte da condição do ser humano. Parisa reconhecia a presença de um mal-estar nela própria, mas não se deixava senti-lo e era suficientemente esperta para saber que, se deixasse a dor penetrar por uma vez que fosse, nunca seria capaz de fugir dela novamente. Até Callum fora suficientemente esperto para perceber isso nela.

Do interior da bolha do ritual de iniciação de Tristan, era óbvio que a projeção de Libby estava a levar a melhor sobre ele. Era evidente que Tristan se culpava de alguma forma pela ausência dela, o que era uma perda

de tempo disparatada. Embora, para dizer a verdade, Tristan estivesse a dedicar-se bastante a perdas de tempo disparatadas nos últimos tempos.

Muito a propósito, Callum relanceou para Parisa apontando para o local onde a projeção de Libby por pouco não arrancava o olho de Tristan.

— Um pouco triste, isto.

Parisa lançou-lhe um olhar de relance em resposta e depois reconsiderou a cena à frente deles em silêncio. Tristan tentara um pouco de magia física, que tinha corrido tão medianamente como seria de esperar dado que a adversária era metade dos físicos mais dotados da geração dela. A projeção de Libby lançou uma espécie de petardo idiota na direção de Tristan, que conseguiu dissipar a pequena bola de fogo atirando-se com uma mão para o chão.

Sempre ágil, Tristan. Parisa gostava dessa característica dele.

Parisa voltou-se para Callum, atenta à sua expressão jovial enquanto observava as tentativas vãs de duelo de Tristan. Era óbvio que Tristan estava a sentir demasiadas dúvidas em relação a Libby para conseguir algo que se parecesse minimamente com um golpe fatal. Nesse sentido, sim, era um pouco triste. Por outro lado, Callum vinha tendo bastantes fantasias e a maior parte delas era muito mais triste do que a muito plausível perspetiva de ser reduzido a cinzas por Libby Rhodes.

Concretamente, Callum andava a sonhar. Mais concretamente, andava a sonhar com a morte de Tristan. Nos sonhos de Callum, Tristan morria sempre nas mesmas circunstâncias. Era como ficar preso num pesadelo, ou num lapso de tempo, com a sala de jantar como cenário. Callum tentava criar diferentes cenários nos sonhos para testar diferentes tipos de armas. O bárbaro do Tristan a bater-lhe com um candeeiro numa noite, a sufocá-lo com a almofada estofada da cadeira da sala de jantar ao lado dele na seguinte. A estrangulá-lo, claro. Sempre com uma conotação sexual, este último. A envenenar-lhe a sopa, o que era ridículo. Todos sabiam que Tristan tinha algum tipo de aversão persistente a caldo. Metodologias à parte, porém, o que não era claro era se Callum compreendia a *razão* por que estava a ter aquelas fantasias. Parisa calculava que não. Provavelmente, Callum pensava que estava a sentir algo muito masculino e poderoso, como raiva ou a

sensação de ter sido traído. Na realidade, era como uma criança e estava a sentir-se só.

— Muito triste — concordou Parisa, por fim.

Callum olhou-a com uma expressão interrogadora, depois teve a sensatez de desviar o olhar.

Tristan ainda estava em duelo com a projeção de Libby. Nico estava dobrado para a frente, os antebraços pousados nos joelhos como se pretendesse recapitular o jogo. Os olhos seguiam a projeção de Libby à medida que ela o evitava, atacava, cuspia fogo: a cisma penetrante que se tinha apoderado dele no mês anterior e que já era habitual, portanto.

Reina, a única pessoa interessante que restava, ainda estava a bloquear os pensamentos dela, o que era irritante.

Não achas que é estranho, fez-lhe chegar Parisa como quem não quer a coisa, *que não haja nenhuma exigência de ganhar? Isto não é um jogo, na verdade. É só... uma simulação. Então qual é o objetivo?*

Reina voltou a presenteá-la com um movimento obsceno da mão e Parisa suspirou internamente em desistência. Voltou-se para Dalton, que já estava a olhar para ela.

Consigo ver-te a maquinar daqui, pensou, e telegrafou a ideia na direção dela. Raramente se lhe dirigia diretamente quando os outros estavam presentes. Na verdade, ela não se lembrava de nenhum momento em que ele o tivesse feito no passado, sobretudo dada a presença de Atlas na sala. Embora, depois de pensar no assunto, talvez essa fosse precisamente a razão por que ele o tinha feito.

Eu nunca maquino, assegurou-lhe Parisa tranquilamente, ciente de que Atlas poderia muito bem estar a ouvi-los. *Nem congemino esquemas. Embora conspire uma vez ou outra.*

Não é nada, disse-lhe Dalton, com um gesto quase impercetível para o local onde Tristan tinha invocado algum tipo de escudo defensivo, que amortecia o impacto. *Só mais um ritual.*

Parisa olhou para Atlas, que não lhe estava a prestar atenção ou, pelo menos, parecia não estar.

Não acreditas realmente nisso, decerto.

A questão não é aquilo em que eu acredito, respondeu Dalton. *É o que eu sei*.

Depois, também ele limpou a cabeça.

Parisa voltou a suspirar. Com Libby desaparecida, o equilíbrio de tudo tinha sido desvirtuado. Tristan era o ansioso e, pelos vistos, Parisa tinha ficado paranoica. A relação entre Nico e Reina estava a desgastar-se, embora, como era típico de Nico, só um deles estivesse ciente disso. E estaria algo estranho a passar-se entre Tristan e Nico também? Talvez fosse a estranheza persistente de um dia terem concordado um com o outro. O que, é verdade, Parisa também não tinha previsto.

Pensou no momento em que descobriram o «corpo» de Libby Rhodes, que, de acordo com Tristan, não era um corpo, embora, claro, mais ninguém pudesse ver o que ele via. Tirando Parisa, que tecnicamente podia, mas, neste caso, ver é muito diferente de compreender. Fora a primeira vez em que ela percebera qual era a sensação de ver o mundo na perspetiva de Tristan.

Normalmente, gostava das pequenas e extravagantes investidas da observação de Tristan, como ver a verdadeira cor de cabelo de Callum (loiro, embora só tecnicamente) ou a verdadeira raiz do cabelo (a genética não demoraria a atacar, talvez pouco depois de ele chegar aos 30). O que era perturbador era o potencial absoluto da perceção de Tristan e o facto de ele parecer tão abstraído desse potencial.

A triste verdade era que, embora Tristan irradiasse uma ambição poderosa, o poder em si parecia sempre claramente longe do alcance dele. Bastava olhar para ele naquele momento, por exemplo. Não se tratava sequer da verdadeira Libby Rhodes e ele não conseguia pensar em fazer-lhe mal a um cabelo que fosse. Estava praticamente a encolher-se de vergonha e culpa por causa dela. Mas, na sala em que estavam a olhar para o corpo dela um mês antes, Parisa vira-lhe o interior da cabeça. Para Tristan, não era corpo nenhum — não como os outros o viam, um cenário terrível de um assassinato, coberto de sangue —, mas antes algo intangível, irreal, um feixe de luzes, como as auroras. Observar o «corpo» de Libby Rhodes pelos olhos de Tristan era como olhar por um telescópio para seguir as esteiras de mil estrelas cadentes.

Fora Dalton que dissera a Parisa que a coisa, o corpo — o aglomerado de estrelas — era uma animação. Callum confirmara a suspeita de Parisa: as animações pareciam uma ilusão, mas eram dotadas de mais... substância. Tinham uma centelha de vida. Muitas vezes, o trabalho típico de um animador era desajeitado, uma espécie de dispositivo animatrónico mortal, que nunca poderia ser confundido com um humano vivo e ativo, mas o conceito fundamental não deixava de estar lá. As animações não eram apenas mágicas, mas a magia em si mesma.

Pondo de lado a questão da animação de Libby — e a capacidade do seu criador —, o que incomodava Parisa era o seguinte: se Tristan conseguia ver magia em algum tipo de forma molecular, então o que *mais* poderia ele ver?

Parisa sabia que tinha havido alguma coisa entre Tristan e Libby muito antes de ela ter interferido na vida deles. Tinham partilhado algo que não podia ser desfeito, algo que sempre os seguira, unindo-os até quando estavam longe um do outro. A história fazia isso às pessoas. Aproximava-as. Amor nuns casos, ódio noutros. Precisamente o tipo de intimidade que significava que todos os inimigos já tinham sido amigos.

O que teria exatamente o dia em que encontraram o corpo de Libby Rhodes para que Parisa estivesse sempre a voltar lá? Havia algo que lhe atormentava o espírito e a deixava a rabiar. Demasiado tempo com as mesmas pessoas, os mesmos espíritos e as defesas cada vez maiores contra ela estava a atenuar os efeitos da magia que ela era capaz de fazer, a limar-lhe as arestas. Parisa sentia-se como Callum no seu lapso temporal de sonhos intermináveis. O que é que a incomodava, a prendia? História, moléculas, Tristan e Libby, Tristan a avistar o corpo de Libby no chão...

Foi então que lhe ocorreu.

O que Tristan vira no quarto de Libby não fora na sua própria perspetiva. Tristan não era o público da projeção. Era o palco. O truque daquilo tudo era esse, afinal. Era isso que estava a deixar Parisa louca, o facto de estarem a atuar para um público que não conseguiam ver. Nico tinha conjurado uma Reina falsa, Reina tinha conjurado uma Parisa falsa, Tristan estava com a sua Libby falsa... mas porquê? Aquelas projeções que eles estavam a criar uns para os outros não lhes iriam ensinar nada sobre os

verdadeiros adversários, se é que ainda eram adversários. As opiniões que tinham uns dos outros não eram mais autênticas do que a representação imprecisa dos seios de Parisa por parte de Reina.

Mas era uma informação preciosa, de facto. Não sobre a projeção, mas sobre a pessoa que as estava a conjurar. O que Nico considerava facilmente derrotável em Reina revelava algo sobre ele próprio, sobre os seus processos, a sua magia. Tinha mostrado a mão, tal como Reina, logo que a projeção de Parisa se despiu. Cada iniciado revelava os seus próprios preconceitos, o conhecimento imperfeito que tinha dos outros. E se ainda estivessem a competir até à morte — *estariam?*, pretensamente não, mas enfim —, estariam a revelar fraquezas óbvias. Fraturas capazes de desfazer o todo. Mas, dado que não era necessária mais nenhuma eliminação, não se tratava de um exercício em benefício dos outros quatro.

Ou seja, o ritual estava a ser executado para *alguém*, o que talvez não devesse constituir uma surpresa. Afinal de contas, uma Sociedade que tirava vidas poderia muito bem recrutar uma mente. Parisa deixou os olhos pestanejar brevemente para Atlas, que não deu sinal de vida.

Se os cinco iniciados estavam a revelar não passar de simples padrões de hábito, uma série de comportamentos rastreáveis que cada um dos outros poderia observar, talvez o objetivo fosse esse, talvez esse fosse o verdadeiro jogo. Talvez a questão não fosse se seriam capazes de se derrotar uns aos outros, mas até que ponto seriam previsíveis.

Mas previsíveis para quem? E para quê?

Parisa repôs a atenção desconfortavelmente em Tristan, que franzia a testa quando mergulhava para trás de uma nuvem de fumo projetada. A projeção que fizera de Libby parecia mais poderosa do que Parisa alguma vez a imaginara, e Tristan, coitado, parecia estar em pânico. Estava a tentar fazer alguma coisa, portanto. Alguma coisa que nem ele percebia o que era, a avaliar pela expressão de concentração e pelo medo nos seus olhos. Talvez a Sociedade não viesse a conseguir nada dele tirando o estranho sentido de cavalheirismo e as dúvidas persistentes sobre a sua própria capacidade.

A projeção de Libby atirou mais uma bola de fogo, desta vez a roçar o bíceps de Tristan. Parisa inclinou-se para a frente com a testa franzida quando Tristan praguejou em voz alta, escondeu a manga com uma mão e

voltou a dar um berro. As chamas eram verdadeiras, portanto, ou, pelo menos, suficientemente verdadeiras para ser sentidas. Interessante.

— Quais são as regras, caralho? — roncou Tristan, a olhar em volta do interior da bolha da projeção. Não era claro se ele conseguia ver além da simulação em que estava a participar, mas, no desespero, parecia querer combinar a atuação para um público com o direito de ser ouvido. Dalton, que, aparentemente, não dava importância a este facto, escrevinhou algo na margem de um bloco de notas.

— É uma pergunta justa — observou Callum em voz baixa.

Nico deu meia-volta para olhar para Atlas, que se limitou a abanar a cabeça e a fazer um gesto que parecia querer lembrá-los de que ele era apenas um observador externo e que o responsável pela sessão era Dalton.

— Eu dei-lhes as regras — respondeu Dalton sem levantar a cabeça. — Não há regras.

— Um jogo sem vencedores, sem perdedores *e* sem regras? — disse Parisa, incerta, a perguntar-se se Atlas a iria contradizer.

Atlas não a contradisse.

— Portanto, não é uma competição — acrescentou Dalton. — Apenas um ritual. — Lançou um olhar cauteloso na direção dela no exato momento em que Tristan desistia de receber uma resposta e, aparentemente, decidia que tinha chegado o momento de deixar-se de rodriguinhos e fazer alguma coisa pela primeira vez nos 20 minutos que tinham passado desde que o ritual tinha começado.

Era de longe um ritual muito longo, quando comparado com os de Reina e Nico, o que também era muito interessante. Portanto, a simulação não acabava até que acontecesse algo significativo e, pelos vistos, a manga chamuscada de Tristan não contava.

Tens a certeza de que ele não pode morrer? Perguntou Parisa a Dalton em silêncio.

Ele mostrou-se imperturbável em resposta.

Tenho a certeza, disse. *Só um dos participantes na projeção é real.*

Ou seja, só uma pessoa estava de facto a usar magia.

A projeção de Libby prosseguiu com a pirotecnia, o brilho da magia da simulação a banhar a sala pintada com tons de âmbar e vermelho. Tristan evitou a rajada de luz vinda da palma da mão dela e precipitou-se para trás da mesa para se proteger da saraivada de estilhaços que lhe passava por cima da cabeça. Parecia que a versão que ele invocara de Libby era vingativa. Destrutiva. A Libby da projeção virou a mesa de pernas para o ar com uma mão e levantou Tristan do chão numa espetacular inversão da gravidade. Tristan, as cadeiras e os livros nas estantes ficaram a flutuar no ar em rota da colisão com o teto.

Tristan conseguiu libertar-se do domínio da magia da projeção de Libby, o que lhe provocou um claro desgaste. O suor escorria-lhe pela testa e saturava o tecido que se lhe colava ao corpo. Depois de se salvar da fúria de Libby Rhodes, caiu bruscamente no chão junto aos pés dela.

— Rhodes... — começou ele, mas ela não o queira ouvir, por mais patético que ele soasse. Só uma cambalhota rápida em direção à estante flutuante o salvou de mais um golpe sem misericórdia, mas as opções de escape eram limitadas. As cortinas já estavam em chamas, os estofados a fumegar a olhos vistos. A projeção de Libby deu um passo na direção dele e Tristan deu mais uma cambalhota que o fez colidir com violência nos tornozelos dela. Libby cambaleou, mas esteve longe de cair.

Uma pancada com a perna de Tristan levou-a finalmente a cair e a renunciar ao domínio que tinha sobre as forças na sala. A mesa caiu com estrondo e desfez-se em volta dos pés antigos, e Tristan, que estava de bruços depois da última cambalhota, levantou-se num pulo imediatamente antes de uma cadeira cair e ficar em pedaços perto do local onde ele tinha a cabeça. A projeção de Libby virou-se de costas e apontou algo que parecia uma nuvem translúcida para a coluna de Tristan.

Parecia que Libby tinha atingida o alvo. Tristan soltou um grito de angústia e fúria em igual medida, rodeando-a precisamente como um homem que tinha sido traído pouco tempo antes. Ela pôs-se a pé e levantou uma mão enquanto Tristan, subitamente temerário, se precipitou para *a frente* para a rasteirar e a atirar de costas para o chão.

O ambiente da sala alterou-se, ou pareceu alterar-se. Foi a *projeção de* Libby que começou a fazer uso das forças da sala, modificando a energia do

interior em seu benefício. Tristan foi derrubado como uma boneca antes de voltar a erguer-se e conjurar algo inacabado com que conseguiu, pelo menos, limitar a oportunidade de ela ripostar. A sala estava escura do fumo, cada um via apenas vislumbres de membros dos outros no meio da névoa densa que tardava a dissipar-se, quando Tristan, ignorando as limitações mágicas que tinha, tirou partido da pausa da projeção de Libby para a atirar de encontro à estante vacilante. O impacto do corpo dele a bater no dela foi de uma familiaridade quase poética; como se ele se lembrasse das formas dela ao centímetro.

A mão da projeção de Libby estendeu-se para se fechar em volta do pescoço de Tristan. Em resposta, ele soltou um riso estrangulado, perturbado, e puxou-lhe a mão com tanta força, que ela cambaleou para o lado, dobrada quase até à cintura. Ela deu-lhe um soco no peito, o esplendor do esforço a dar-lhe uma expressão febril que lhe vidrava a lisura da pele. O cabelo dela estava emaranhado e empapado, encharcado de suor e enegrecido pela cinza. A verdadeira Libby Rhodes já estaria exausta. Mas aquela era a versão dela que Tristan evocara e, na cabeça dele, ela desafiava as suas próprias limitações de forma incansável. Portanto, talvez ele merecesse voar no ar côncavo, como a forma da lua em quarto crescente.

A queda foi forte, um estrondo por entre as janelas da abside, e, quando ele se levantou com dificuldade, tinha estilhaços de vidro incrustados nos ombros. Cuspiu para o lado, sangue a escorrer-lhe do canto da boca.

— Linda menina, Rhodes — disse com a voz roufenha. — Muito bem.

Ela respondeu exatamente como Parisa teria respondido: com um lança-chamas apontado ao peito dele. Tristan afastou as chamas com as costas da mão, o impacto a crestar-lhe a pele dos nós dos dedos com um silvo de vapor. Tristan convocou um estilhaço de vidro, atirou-o e falhou. A projeção de Libby desintegrou o estilhaço a meio do caminho, os pedaços dispersaram-se em pó, que voou para os olhos de Tristan e o cegou por alguns instantes. Ele praguejou em voz alta, com os olhos vermelhos quando se obrigou a abri-los, e conjurou algo fraco e cintilante. A projeção de Libby afastou-o com uma palmada e contra-atacou com um golpe de rajada, que era o seu equivalente astronómico. Tristan recuou, cambaleante, como que atingido por um tiro de canhão. Quando Libby se aproximou das

extremidades exteriores da abside, flocos minúsculos de teto pintado caíram e formaram uma auréola em volta da cabeça dela.

A noite caía rápida. Havia um silêncio sinistro e perfeito vindo do interior da projeção do ritual. As estrelas tinham começado a cintilar no céu, indistinguíveis das centelhas de cinza que caíam. Tristan tinha as duas opções habituais: lutar ou fugir. Enfim, uma opção, dada a disparidade de forças em confronto. Podia pôr-se a andar. Iria a simulação segui-lo se o fizesse? Parisa tinha dúvidas de que ele tivesse planeado descobrir. A única atividade da simulação eram os passos lentos do andar majestoso de Libby e o movimento irregular de subida e descida do peito ensanguentado de Tristan.

A projeção de Libby aparecia, gigante, à frente de Tristan, que seguramente era capaz de fazer mais na vida real, tal como Libby seria capaz de fazer menos. No mundo da simulação dos rituais, a realidade era irrelevante. A única coisa que existia na simulação era o próprio tormento de Tristan, a dor e a culpa. Parisa preparou-se para um impacto terrível (pior do que qualquer outra coisa que tivesse acontecido na cabeça de Tristan seria seguramente a simulação de Callum, que haveria, com toda a certeza, de o colocar a intimidar a projeção de Tristan para gerar o resultado que Callum conseguia produzir sempre que enfrentava algum tipo de incapacidade emocional) e quase desviou o olhar quando a projeção de Libby se inclinou para pegar num estilhaço de vidro com o comprimento e a largura do antebraço dela.

A garganta de Tristan soltou um som áspero. *Desculpa*, talvez, ou *salva-me*. Depois, Tristan fechou os olhos. Parisa estremeceu e protegeu-se quando Libby empunhou o estilhaço na direção dele. Tristan, com os olhos ainda fechados, soltou o resquício de algo, o início de gemido e...

A projeção pestanejou. Uma espécie de anomalia na simulação. A imagem de Tristan a dissolver-se e...

Quando Parisa se inclinou para a frente, os olhos semicerrados para ver melhor, Tristan resfolegou dentro do corpo, que continuava no chão onde tinha caído no início do ritual. Estava a arquejar do esforço e, do interior da simulação, a projeção de Libby levantou-se num pulo e espreitou por entre

os escombros como se algures, de alguma maneira, pudesse encontrar o resto dele.

Tristan demorou um momento a levantar-se. Parecia embrutecido e dorido, embora nenhuma das lesões realmente sofridas no ritual aparecesse na sua forma corpórea.

Havia algo estranho naquilo, pensou Parisa com a testa franzida. Na forma como a simulação acabou. A de Nico acabou com um empate, a de Reina com — pretensamente — a morte de Parisa, mas a simulação de Tristan ainda estava a decorrer sem ele.

Parisa relanceou para Atlas, que se tinha movimentado muito ligeiramente para a frente.

— Porque é que a Rhodes ainda está ali se matou o Tristan? — disse por fim Nico em voz alta.

Nos momentos de silêncio, Dalton tinha-se levantado, escondendo rapidamente o que parecia ser um relanceio confuso na direção de Atlas.

— Nada significativo — disse ele, afastando a janela pela qual estavam a ver a projeção do ritual com um aceno. — É só um desfasamento, mais nada.

Mentira. Parisa conhecia-o suficientemente bem para perceber. Reina relanceou para o lado para obter uma confirmação de Parisa, que ela escondeu, em grande parte para a irritar, como retaliação.

— A Rhodes não matou o Tristan — disse Callum.

Nós não vimos a Reina a matar a Parisa — salientou Nico. — Mas a simulação deve ter acabado porque ela tinha intenção de o fazer, não é?

Reina lançou-lhe um olhar fulminante.

— Neste caso, a Rhodes é a projeção, não o projetor — disse Callum.

— É — disse Dalton rapidamente. Demasiado rapidamente. — Sim, precisamente.

— Oh — disse Nico, aparentemente só convencido em parte. — Mas...

— Sr. Nova — disse Dalton, a virar-se para Callum. — Está pronto?

O que é que fizeste? perguntou Parisa a Tristan, que relanceou para ela com uma expressão de ressentimento vazio.

Como sempre, o interior da cabeça de Tristan era uma confusão de raiva percussiva, a palpitar com a habitual mistura de despeito, dor e melindre. Mas havia mais alguma coisa. Uma textura que Parisa não reconhecia. A centelha de algo, mais próxima de uma chispa do que de uma chama, a frustração a anteceder um clímax. Parisa viu algo ordenado, com uma tabela, a que ele só conseguiria aceder em desespero. Cena um, o corpo de Libby Rhodes no chão do quarto dela. Cena dois, o brilho de Libby Rhodes refletido em todo o comprimento de um estilhaço de vidro caído.

Era como se, na cabeça de Tristan, a imagem de Libby pudesse subitamente fragmentar-se e transformar-se em grânulos que seguiam um caminho conhecido. Parisa conseguia perceber a falta de autenticidade da Libby projetada, o fingimento da projeção, do ponto de vista de Tristan. Tratava-se de réplicas, aproximações, ondas. Tinham os mesmos marcadores de todas as outras falhas que Tristan conseguia ver: as pequenas urdiduras de magia que cada um usava para esconder as respetivas imperfeições. A energia que irrompia de Nico. As ondas de Callum que o ofuscavam.

Tristan via a magia a ser usada; isso Parisa já tinha percebido. Mas aquilo — o que ele viu imediatamente antes da morte iminente na projeção — era diferente. Quase uma espécie de portal, um túnel, como se, quando fechasse os olhos, a sala à volta dele tivesse mudado, sido reordenada. Como se tivesse perdido as características que a definiam, as cores, os traços e a solidez básica, mas Tristan... *fez* alguma coisa. *Movimentou* o que quer que fosse.

Como se ele tivesse *caído por entre* alguma coisa.

Tempo, pensou Parisa com uma clareza súbita e cristalina.

Depois pestanejou ao perceber que estava a olhar especada para ele.

— O que foi? — murmurou Tristan com brusquidão.

Que idiotazinho omnipotente. Parisa não era a única a fitá-lo: o olhar de Atlas estava fixado em Tristan, o fragmento de uma ideia a passar momentaneamente por entre as brechas da sua cautelosa preservação. Era algo semelhante ao desespero, só que mais colorido, mais perigoso. Pungente, para que ninguém lhe tocasse. A luz ao fundo de um túnel sombrio. Algo traiçoeiramente parecido com a esperança.

No preciso momento em que ela o percebeu, Atlas libertou-se e lançou um olhar de relance para Parisa como se soubesse que ela o tinha visto. Havia, portanto, alguma coisa para ver. Algum azar terrível se abatera sobre o Curador deles e Tristan era a resposta. Ou, no mínimo, um sinal.

— Nada — disse Parisa, a voltar-se para ver os ombros de Callum a cair para a frente, a projeção dele prestes a começar. — Está tudo bem.

• Callum •

Preparou-se para Tristan, partindo do princípio de que o jogo — *o ritual* — era uma manipulação emocional. Uma parte dele queria que fosse Tristan. Sentia-se preparado para isso de alguma maneira, uma vez que, chegado àquela altura, já tinha revivido mentalmente o dia em que o seu único aliado — amigo? uma experiência de pensamento que já não tinha nenhuma utilidade — decidira que ele era dispensável, ou, pelo menos, estaria melhor morto. Todas as noites desde então foram passadas em ensaios filosóficos intermináveis. Por isso, o que poderia Callum fazer desta vez se tivesse a oportunidade de fazer alguma coisa? Seria nobre, mostraria elevação. Seria o mais sensato. Não, Tristan, *nunca* o faria. Magoar-te? *A ti?* Preferia *morrer.* Como é que pudeste pensar numa coisa dessas? Quanta audácia. E assim por diante. Seria divertido, embora monótono. Iria contribuir para a constante batalha de Tristan com as suas próprias insuficiências, o que era reconfortante e bem feito para ele. Os sentimentos de Tristan estavam turvos, e não da forma mais positiva. Tristan tinha evitado o encontro entre os dois na sala de jantar sem dizer nada e, a desmoronar-se por dentro, preferira sentar-se sozinho num trono de sobranceria que fazia de Callum o único vilão da história.

Como se a decisão que Tristan tomara de matar Callum fosse uma traição menor só porque ele tinha mudado de ideias. Como se tudo o que Callum partilhara com Tristan — todos os pensamentos íntimos, todas as confissões privadas — tivesse sido falso, ou, não tendo sido falso, tivesse sido tão desprezível, que podia ser inimaginado, revogado, desfeito.

Pior ainda, pensou Callum, seria ter de enfrentar Nico no ritual. Callum tinha muito pouco controlo sobre as fisicalidades e não era capaz de competir com nenhum tipo de atividade sísmica e, pior, Nico não tinha nenhum trauma que pudesse ser explorado. Havia a ausência de Libby, mas não era nada que justificasse um colapso. Além disso, Nico estava delirantemente certo de que ela ainda existia algures, o que não ajudava a aumentar a margem de manobra que tinha. Reina, pelo menos, agarrava-se a algo

mais sombrio; algo do seu passado que colocara cuidadosamente numa redoma e preservara em gelo. Nico era só futuros brilhantes, um horizonte que brilhava mais intensamente à medida que se aproximava.

Por isso, Callum preparou-se para um aborrecimento ou para uma agitação quando a projeção se desdobrou à volta dele. Esperou muito tempo para descobrir, aparentemente. Tanto tempo que se serviu duma bebida e acomodou-se na projeção do sofá da sala pintada.

— Então — disse uma voz atrás dele. — Vais contar-lhes, ou conto eu?

Callum engasgou-se ao ouvir aquela voz bem conhecida, o *whiskey* na garganta a exalar fumo algures em redor dos olhos. Era um tom que ele ouvia constantemente nos confins do espírito, insistente e irritante. Uma voz arrastada, sarcástica e pretensiosa.

— Eu vou ser breve — disse a projeção. Callum vislumbrou caxemira verde-acinzentada algures junto a ele.

A preferida da mãe dele.

Achava que a cor lhe realçava os olhos.

— Bem — disse a projeção dele próprio depois de encher mais um copo e de se sentar à frente de Callum. — Sejamos honestos connosco próprios, está bem?

Fez-se uma pausa comprida quando a projeção de Callum aguardou com expetativa.

A projeção resfolegou.

— Tenho de o dizer, é isso? Muito bem. Ninguém acha que devas existir. Muito menos tu próprio.

O *whiskey* formigou o fundo da garganta de Callum quando ele teve *realmente* de enfrentar o pior dos cenários, no qual não tinha pensado até então: ele próprio. As ilusões esperadas estavam todas presentes e explicadas, embora parecessem mais imperfeitas do que era habitual. As ampliações do rosto dele eram insuficientes, tão obviamente falsas que toda a gente percebia que não era real. Aproximavam-se da beleza sem chegarem a alcançá-la, que era mais ou menos como Callum costumava olhar para ele próprio.

Lembrou-se de que Atlas Blakely estava a olhar e pensou, *ah.*

O que não me mata irá inevitavelmente tentar a melhor alternativa.

— A questão é que — continuou a projeção dele próprio, a cruzar uma perna sobre a outra — eles têm razão, sabias? Não deverias existir. Há algo em ti que não faz sentido e, pelo menos, sempre o soubeste, o que é lisonjeiro para ti. — A projeção parou para um trago da bebida, depois avaliou o silêncio de Callum. — Vais fazer-me parar? — Se não o fizeres — advertiu —, irão descobrir que és uma fraude. Não que seja importante. Seja como for, já te detestam.

Riu-se com o riso odioso de Callum e bebeu o resto do *whiskey.* Fora da cabeça dele o som era ainda mais repugnante.

— O teu problema, Callum, é exatamente o que o Atlas Blakely disse. Não tens imaginação — informou-lhe a projeção antes de se levantar abruptamente.

— Todos os castigos que já infligiste às pessoas? Inflige-los a ti próprio todos os dias. Todos os minutos. A *tua* dor é crónica. A *tua* existência não faz sentido. Quando a tua consciência se extinguir, o que não deixará de acontecer — acrescentou com um piscar de olhos irreverente e um brinde com o copo vazio —, será como se nunca tivesses existido. Não haverá amantes, família nem amigos a pensar em ti com saudade no momento em que o domínio que exerces sobre eles se desmoronar. Não haverá memórias a recordar com carinho a não ser as que fabricaste, que se reduzirão a nada assim que o teu fim chegar. Serás esquecido imediatamente, e isto, a imensidade do teu poder, a magnitude das tuas capacidades — clarificou com um sorriso malicioso, como se lhe desse especial prazer torcer aquela faca específica —, que não é coisa pouca, será eclipsado pela absoluta *enormidade* da puta da tua inutilidade. Quando deixares de existir, não deixarás nada atrás de ti.

A projeção de Callum fez um esgar de repulsa e deixou cair o copo vazio despreocupadamente da mão. Em vez de se estilhaçar, desfez-se aos poucos e desintegrou-se como que levado pelo vento.

— Toda a gente que olhar para ti por um bocado estará a testemunhar o resultado de uma tragédia — disse a projeção de Callum num tom escarninho. — No entanto, ninguém ficará triste por isso.

O verdadeiro Callum olhou para o copo que tinha na mão por um momento.

— Pareces estar a laborar na ideia de que o que dizes é uma novidade para mim.

— A laborar? Não, faço-o com toda a facilidade do mundo — respondeu a projeção. Classicamente jocosa, tal como o próprio Callum era na maior parte das vezes.

— Então o que queres de mim? — perguntou Callum, num tom meditativo. — Que eu me destrua a mim próprio?

— Claro que não — respondeu o *alter ego.* — Não compreendes? Não me interessa o que fazes contigo. Ninguém se interessa. Não me interessa se vives ou morres. Não é óbvio?

— Então como é que eu ganho? — perguntou Callum com total neutralidade.

— Não ganhas. Isto não é um jogo. Não é nenhum teste. É só a tua vida. — O Callum alternativo levantou-se do sofá, dirigiu-se para a lareira com o passo apressado e passou os dedos pelo relógio em cima da chaminé da lareira. — Não existem vencedores, Callum. Nem perdedores. Percebes isso melhor do que ninguém. Toda a gente morre. — Relanceou por cima do ombro. — Tudo acaba por ter um fim.

— Devo ser terrivelmente divertido em festas — observou Callum secamente.

— Oh, e és — confirmou a projeção, voltando-se de novo para ele. — Na verdade, não passas disso. De uma pessoa divertida em festas. Evidencias a tua mundividência de forma natural e despreocupada com esse teu desconforto, aborrecimento e despeito indiscriminado. Não achas que isso é terrivelmente engraçado? — troçou a projeção. — O teu alheamento, as tuas observações do mundo... é tudo muito *divertido,* não é? Oh, as pessoas são terríveis — parodiou, levando a mão pálida ao sobrolho falsamente louro. Embora a projeção fosse de Callum, tinha uma voz petulante e nasalada afetada. — São fracas, imperfeitas e interessantes apenas por serem tão terrivelmente caóticas, e nós *detestamo-las,* mas não por serem aborrecidas e previsíveis. — Aquele sorriso, que era seguramente o de Callum, exalava insinceridade. A voz fez-se cava e a projeção olhou

Callum nos olhos, a atirar para matar. — É porque, por mais pequenas que sejam e por mais horrivelmente vulgares, simplistas e estúpidas que sejam, não guardam nem um bocadinho de amor por ti, não obstante o desejo imenso que tens de que o fizessem.

Desidratado, Callum bebericou a bebida indolentemente.

— Mas é claro que não te amam — disse o *alter ego* entre risos. — E mesmo que amassem, como poderias ter a certeza de que não tinhas sido tu a imbuídos desses sentimentos?

Callum cruzou as mãos no regaço. A continuar assim, Parisa iria ter um dia em cheio com ele. Por outro lado, talvez as coisas animassem para Tristan e as aventuras de decadência existencial a que se dedicava.

— Diz-lhes como funciona — sugeriu-lhe a projeção, o brilho de algo imprudente no olho demasiado azul. — Diz-lhes o quanto dói. É a tua oportunidade, afinal de contas. — A expressão iluminou-se de malevolência. — Ou podes contar-lhes a verdade. Como a biblioteca te revelou os segredos, os fantasmas e as trivialidades que os afligem. Conta-lhes o que disseste ao Tristan, e o bem que isso correu. — Mais um riso áspero. — Mais vale tentares alguma honestidade, por uma vez que seja. Se alguma vez te vão ouvir, será agora.

Tratava-se, claro, de algum tipo de armadilha. Callum sabia de uma forma profundamente desinteressada que os outros não tinham as suas capacidades em grande conta e que acreditavam que tinha muitas limitações no que dizia respeito à magia física. Mas tudo era pelo menos parcialmente físico, não era assim? Eles eram seres físicos, não manchas amorfas. Estar submetido às exigências de um corpo ou às leis da física era uma questão de transcendência, e a transcendência implicava, naturalmente, algum tipo de limitação de base. Era tudo muito simples, na verdade, e ninguém poderia criar algo do nada. Da mesma forma, ninguém poderia criar nada de algo.

Mesmo quando os outros viam Callum a trabalhar, não poderiam saber o que estavam a testemunhar. Durante um ano não viram senão os efeitos: a volubilidade de Libby, a destruição de Parisa e o ódio de Tristan eram as únicas coisas que provavam que Callum tinha algum tipo de magia. O resto não passava de uma história que lhes era contada circunstancialmente. Para reduzir a ansiedade de Libby, Callum assumira-a para ele. Para atenuar ou

alterar a dor de Tristan, Callum tivera de encontrar forças para a conter. E quanto a Parisa...

Na verdade, não fora assim tão difícil trabalhar com Parisa quando se enfrentaram no ano anterior. Afinal, ela não era muito diferente dele e o que os outros não viram, na rivalidade que nutriam, foi que Callum não teve de a provocar demasiado para lhe descobrir o ponto de rutura. Os outros pensaram que estavam a testemunhar a influência dele quando, na verdade, estavam a ver a versão nua e crua da verdade de Parisa: o tipo de verdade com que ninguém poderia viver não fosse a repressão do tipo mais persistente e competente.

A questão era que a magia de Callum tinha custos. Para criar o vácuo de espaço necessário para proteger a magia da casa, por exemplo, fora Callum quem se esvaziara por completo. Só para criar a membrana fluida nas defesas da Sociedade fora necessário absorver tudo o que as tinha ocupado anteriormente. Terror, angústia, saudade, isolamento, inveja, orgulha O custo desse tipo de magia irradiava-lhe das costelas para as barras do recipiente, e tudo o que Callum Nova pudesse ser ou não ser além disso só

poderia ser regenerado à custa da morte. Só com o tempo era Callum capaz de se recompor devagar.

Era Callum que estava um caco e ninguém sabia nem se preocupava com isso. E ele não esperava que ninguém descobrisse. Preferia o ódio à pena, a desconfiança à caridade. Esta última era uma névoa sem substância, como ficar envolvido numa película fina de algodão. Uma asfixia lenta consumada com o tempo.

Ao sentir um imprevidente assomo de sentimento de Callum, a projeção continuou com afetação. — Achas que eles sabem o que significa realmente amar? — disse-lhe em voz alta e escarninha. — Ou seja, que não é apenas a alegria simples do afeto. Que, na verdade, o amor é violento e destrutivo. Amar significa arrancar o coração do corpo e dá-lo a outra pessoa. — Olhou para Callum de cima a baixo, mas Callum não retribuiu o olhar. — Gostar a sério de alguém ou de alguma coisa significa sofrer inevitavelmente. O que é a compaixão, afinal de contas? — A projeção de Callum aprumou-se e parou para o remate. Como se fosse uma anedota, o que, de certa forma, não deixava de ser. — Sentirmos o que outra pessoa sente significa exaurirmo-

nos com o dobro da dor — concluiu, com indiferença, como se estivesse a fazer um brinde numa festa de jardim. — Todos os pequenos *sentimentos* insignificantes, os aborrecimentos da coexistência que dizes odiar tanto. Quando os alteras, têm de ir para algum lugar, não é assim?

— Para algum lugar — repetiu Callum para não ficar calado. Apenas para não ser deselegante.

— E é um fardo, claro — assegurou-lhe a projeção. — As dores corriqueiras da vulgaridade e da existência. Querermos coisas que não podemos ter, ir atrás de um destino que nunca poderemos cumprir e assim por diante. Tudo isso não passa de uma obediência à nossa mentalidade coletiva, um qualquer padrão atávico do nosso sangue. Como a migração das baleias — devaneou — ou aquela compulsão estúpida que temos de vez em quando de acasalar.

Callum olhou para o copo que tinha na mão a pensar se deveria beber outro.

— Estou a ver que isto de dizer merda como gente grande não nos sobrecarrega demasiado — disse sem emoção.

— Nem por isso — concordou a projeção. Depois parou. — Estás a tentar influenciar-me?

— Estarei? — Callum esticou os dedos e ajustou-se perante o desconforto de os sentir com cãibras. Como acontecia com qualquer problema crónico, a sua sobrevivência era uma questão de se pôr mais à vontade, não uma irrealidade impossível de nunca sentir dores. O truque era controlá-las para deixarem de morder e arder com tanta veemência.

— Não vai funcionar — disse-lhe o alter ego projetado, com um olhar de condescendência insuportável.

— Bem. — Callum convocou a garrafa de *whiskey* até ele e livrou-se da insubstancialidade risível do copo. — Tens de admitir, valia a pena tentar.

O ego projetado de Callum lançou-lhe um sorriso desconsolado.

— Contaste-lhes que a aprendeste a usar?

— A usar o quê? — perguntou Callum retoricamente, aproximando-se de um grau seguro de ignorância. (Estava há muito tempo habituado a empregar um pouco de fingimento para os normais.)

— A tua magia. — O Callum projetado riu-se de escárnio. — As tuas... capacidades.

— A empatia é amplamente ensinada — disse Callum. — Partilhar é amar e essas coisas todas.

O *alter ego* largou uma interjeição de impaciência.

— Estás a perder o teu tempo.

— Estarei? — Callum fez um gesto em redor da projeção com a garrafa na mão. — Parece-me que tenho bastante.

— Sabes muito bem o que eu quero dizer.

— Sei, sim. Sei sempre o que toda a gente quer dizer. — Callum bebeu um longo trago da garrafa com os olhos fechados. — Tal como a Parisa sabe o que todos os homens estão a pensar quando olham para ela, independentemente da mentira que decidirem contar-lhe. Sabes, admiro-a bastante, na verdade — acrescentou com um pouco de intransigência genuína. Afinal de contas, ela estava a ouvi-lo. — Saber o que as pessoas são na realidade e não as destruir é furiosamente notável. A Parisa é excecionalmente comedida. — Embora, a seguir aquela bitola, talvez ele devesse elogiar Reina da mesma forma. Dos cinco, só ela parecia realmente capaz de recorrer à indiferença.

— Sabes o que as pessoas são. — observou a projeção. — Não sabes?

Era mais uma pergunta retórica e, provavelmente, uma armadilha, mas Callum não deixou de lhe dar resposta. Porque haveria de não responder, chegado àquele ponto?

— Pensar como outra pessoa pensa e sentir o que outra pessoa sente são atividades desesperadas. Do ponto de vista recreativo, são desafios de índole muito diferente.

— Porque sentir é um ato menos poderoso do que pensar? — mofou o *alter ego*. — Nem nisso te podes apoiar, portanto.

— Não. Porque sentir é um ato mais humano do que pensar — corrigiu Callum antes de fechar os olhos e expirar. — E quanto mais humana uma coisa for — murmurou — mais fraca se torna.

Silêncio. Ao fim de um momento ou dois de deleite sobre o tédio do exercício, os olhos de Callum abriram-se devagar.

A projeção estava a olhar para ele. À espera.

— Presumo que queiras que eu confesse as minhas limitações ao público presente? São muito simples — disse Callum sem nenhuma emoção especial. — São as mesmas limitações de um computador que esteja sobrecarregado de aplicações para funcionar convenientemente. Quando é de mais, o sistema vai abaixo, falha, morre. — Deixou-se descair nas almofadas do sofá e bebeu mais um trago da garrafa. — Os limites de qualquer magia são os mesmos limites do meu corpo — continuou, a fazer o que considerava ser um esforço louvável de se explicar. — É uma questão de escolher entre o poder e a vida.

— Mas tu nunca usaste verdadeiramente o teu poder — lembrou-lhe a projeção. — Talvez te estejas a esquecer de que debaixo do teu talento natural está alguém muito, mas muito pouco inspirado.

Callum voltou a baixar a cabeça e olhar para os nós dos dedos, a pensar na dor que continuava a sentir de vez em quando. Sobretudo desde a experiência que tivera naquela noite em que admitira a Tristan que tinha ido um pouco longe de mais para alimentar a discussão e fazer valer a sua opinião de forma pouco pragmática. Ao submeter Tristan às suas melhores (e piores) capacidades, Callum ampliara a enormidade da dor de uma vida e depois contivera-a precariamente.

De vez em quando ficava com artrite no rescaldo de um esforço tão grande, embora na maior parte dos casos desenvolvesse uma deficiência imune. Normalmente, o mais inteligente a fazer era isolar-se pelo menos alguns dias, talvez uma semana ou duas. O que era perfeitamente exequível a partir do momento em que ninguém suportava olhar para ele.

O que era engraçado era que Rhodes (e, possivelmente, Varona) compreenderia melhor do que os restantes o que Callum tinha de enfrentar sempre que fazia um uso excessivo da sua magia. Libby perceberia a natureza da imposição de tanta força, que residia em criar ordem a partir do caos. Portanto, conheceria o esforço prescritivo necessário para aquele grau de implausibilidade termodinâmica se alguma vez pensasse no assunto nestes termos. A quantidade de entropia revertida por Callum para criar

uma emoção que, de outra forma, não existiria era suficientemente física: era energia enviada para fora, caos aceite no interior.

Não obstante, alegar a sofisticação de um aríete humano não era propriamente bonito. Sobretudo se a ideia era vencer uma batalha que não podia ser vencida para colher a simpatia de quatro idiotas que não queriam saber se ele vivia ou morria.

— Diz lá o que queres dizer — instou Callum. — Estou a ver muito bem onde queres chegar.

— Diz tu — disse a projeção.

Callum voltou a fechar os olhos e riu-se.

— A sério? E ponho fim a esta conversa tão agradável?

— Não — disse o *alter ego.* — Esta conversa nunca terá um fim. Eu vou desaparecer para todos eles, é verdade, mas...

Com os olhos fechados, Callum sentiu a projeção a ajoelhar-se aos pés dele.

— Nunca desaparecerei para ti — disse-lhe a sua própria voz ao ouvido.

Tão melodramático. Callum tinha a boca seca, pelo que bebeu mais um trago de *whiskey.*

— Di-lo — disse a projeção.

Callum suspirou de exaustão. Tudo aquilo era deveras cansativo. Não era de admirar que as pessoas não suportassem ouvi-lo.

— Presumo que não tenhas envenenado a bebida, ou envenenaste? — perguntou a apontar para o pouco que restava na garrafa.

— Di-lo — voltou a instar a projeção.

Que completa farsa era aquele ritual. Para que serviria, tirando a humilhação pública? Não havia como ganhar nem como perder. Não havia sequer magia nenhuma. Havia apenas a imagem dele próprio e a plena consciência de que não, ele não gostava da sua própria companhia. E que divertido que era ter a certeza disso. Como se alguém fosse alguma vez decidir de livre vontade passar tempo consigo próprio. (Também isso era algo que Libby Rhodes não deixaria de compreender.)

Callum bebeu mais um trago longo, à espera de algum ditoso final da monotonia. Seria assim tão difícil limitar-se a definhar ali mesmo? Esperou até contar rapidamente até três, a perguntar-se se seria capaz de se transformar numa não existência por meio da simples força de vontade.

Naquele momento, viu o lampejo de algo. Um clarão que lhe passou à frente dos olhos, com um raio súbito de luz das estrelas. O destino a intervir de uma forma conhecida em seu benefício. Um favor, finalmente.

Callum relanceou para a faca pousada inocentemente em cima da mesa. Ah, tinha uma escolha, afinal. Falar ou acabar com aquilo tudo, um cenário verdadeiramente teatral. Tão típico da parte dele assegurar que a única escapatória que tinha era participar numa comédia de erros e dor lancinante.

Inclinou-se para a frente, pegou na faca pelo cabo e observou o seu reflexo na lâmina. Na luz da fogueira bruxuleante, passou com a polpa do polegar ao longo do gume, a admirar a impressão que fazia ao encontro da pele.

O alter ego parecia cheio de presunção. Conhecimento.

— Não vai durar — disse.

Não, não iria durar. Parecia haver uma forma de acabar com aquilo.

— Dói — confessou finalmente Callum em voz alta. — A humilhação era amarga, acentuada pelo regozijo do alter ego. — Eu — esclareceu, deixando que os olhos se fechassem novamente para não ver o vazio que sentia. A falsidade do seu próprio rosto. — Eu sinto dor.

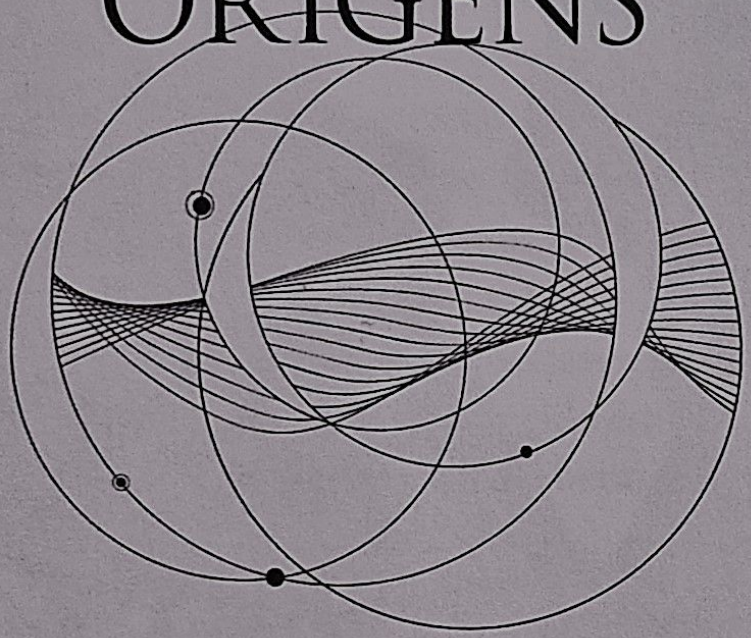
Os olhos mantiveram-se fechados quando ele ouviu a projeção a pôr-se a pé e a aprumar-se. A projeção pegou na faca da mão de Callum, depois na garrafa e bebeu um trago bem audível antes de se sentar à direita de Callum. Sabotadores e esbanjadores gémeos.

— Ninguém quer saber — disse a si próprio, nem cruel nem simpaticamente.

Depois, Callum acordou, finalmente.

III

ORIGENS



• Nico •

Era estranho ver a rapidez com que as horas se podiam estender cansativamente e transformar-se em dias e, de seguida, muito depressa, em semanas a acumular-se. Depois do desaparecimento de Libby, o tempo que antes se estendia e bocejava como um gato recalcitrante, parecia ter passado a correr e desaparecido em algum momento em que Nico não estava a olhar. O que, pensando bem, também era relativamente felino.

Com a exceção do ritual de iniciação do dia anterior, Nico dormia, acordava, comia e lia. Não era nada, mas os dias pareciam cada vez mais curtos e a descoberta do desaparecimento de Libby tornava-se um ponto cada vez mais minúsculo no espelho retrovisor. De início, Nico não parava de incomodar os outros com o assunto, depois começou a fazer pedidos educados, mais tarde, sugestões académicas, até que abandonou tudo quando percebeu que ninguém o poderia ajudar. Depois de anos em que ela o perseguia com insultos e correções entediantes, Nico dava por si a desejar virar a esquina e vê-la com a horrível postura inclinada que lhe era habitual a ler um livro coçado. O que ele não daria para lhe interromper a sessão de leitura com um comentário cínico, um movimento dos pés contra a mesa de estudo em que ela se encontrasse só para ver qual seria a reação que ela teria. Quase que se conseguia imaginar a dizer:

— Rhodes, isso é volatilidade de mais para uma manhã. Pensa na camada de ozono. Ou nas árvores.

Mas ela não estava em lugar nenhum. Ou, pelo menos, em nenhum lugar que conseguissem encontrar. Por isso, não havia nada para dizer. Talvez nunca mais houvesse nada para dizer.

Foi quando Nico começou a perguntar-se se havia alguma coisa mais a descobrir, que Gideon, sempre o príncipe mais esperto da escola, lhe voltou a aparecer nos sonhos.

— Bem — disse Nico, depois de um instante ou dois a falar sobre como ele estava. (Como é que ele estava? Como é que ele *estava?* Responder a

esta pergunta deixava-o sem fôlego.) — Já me deixaste em suspenso tempo suficiente, Gideon, não achas?

— Só porque é terrivelmente divertido para mim — disse Gideon, a bater nas barras da habitual cela onírica de Nico. Do local onde Nico se mantinha em pé do outro lado das barras, Gideon parecia quase renovado, como se a possibilidade de travessuras sinistras em nome do seu amigo mais imprudente lhe tivesse melhorado a expressão geral.

— Ou por isso — acrescentou Gideon — ou porque estás a falar todo alterado há dez minutos sobre uma pessoa que suponho ser um dos outros iniciados da Sociedade. Diz-me lá quem é esse Tristan outra vez, já agora.

Só o idiota mais desnecessariamente rabugento à face da terra. Nico andava a tentar há várias semanas perceber exatamente como encetar uma conversa com Tristan que não acabasse com a inconfundível implicação (transmitida por um Olhar Furioso e Agressivo) de que Nico se deveria depositar na fenda mais próxima. Seria assim tão pouco razoável que Nico tentasse criar algum tipo de laços entre eles, dado que Tristan lhe parecia o aliado mais natural no seguimento do desaparecimento de Libby? Mas claro que não, Nico, seu idiota. Como é óbvio a única resposta razoável de Tristan era morder, repetidamente e sem explicação, a mão que não tinha feito mais do que, em jeito de ajuda (!), concordar com ele. Não que essa fosse a questão, claro, longe disso.

— Não te cabe a ti saberes nada disso — suspirou Nico, apercebendo-se de novo de que Gideon o ouvia sempre a reclamar pelo menos dez vezes mais cuidadosamente do que qualquer pessoa normal faria.

— O quê? O facto de conheceres uma pessoa chamada Tristan ou de já teres concluído a tua iniciação? — perguntou Gideon com total neutralidade (O pestinha).

— Nenhum dos dois — resmungou Nico, a lançar um olhar de relance para a câmara de segurança montada do canto superior da cela. Mesmo numa paisagem onírica, as defesas telepáticas mais amplas da Sociedade eram dotadas de câmaras de vigilância, que, pretensamente, eram controladas por alguém. (Por Parisa? Nico não conseguia deixar de pensar que seria improvável. Mas, pensando bem, talvez tivesse muito mais tempo

do que ele tinha conhecimento. Ou apenas uma propensão para o voyeurismo, o que não estava completamente fora de questão.)

— O que é que tiveste de fazer na tua cerimónia de iniciação? — perguntou Gideon. — Um sacrifício humano ritualizado?

Desta vez não.

— Só uma espécie de jogo simulado.

— Um jogo? — Uma das sobrancelhas de Gideon levantou-se numa demonstração evidente de ceticismo e Nico, que, na verdade, não merecia aquele tratamento (naquele dia), suspirou longamente.

— A sério que desconfias assim tanto de mim, *Sandman?*

— De ti? Não, Nicky, nunca. — Era de prever, pensou Nico, que, de acordo com Parisa era «incapaz de recorrer à perfídia» ou qualquer outra expressão tranquilizadora, mas insultuosa, relativamente à repugnante fragilidade humana que exibia. — No entanto, tenho algumas reservas antigas sobre a vossa Sociedade — esclareceu Gideon. — Alguma coisa neste processo te levou a acreditar que as qualificações para se ser membro podem depender de um jogo sem importância?

— Bem, houve outras coisas antes disso — tentou dizer Nico.

— Ah — apontou Gideon com neutralidade —, referes-te ao jogo do assassinato? *Em que os seis se fazem um* — disse com uma inflexão dramática —, um tem de... — fez, então, uma pausa teatral — *morrer?*

— *Arrête* — disse Nico.

— *Jamais* — respondeu Gideon.

— Não foi um *jogo de assassinato...* — suspirou Nico.

— Não estou aqui para julgar os teus passatempos — comentou Gideon, que era impiedosamente presunçoso.

— A questão é que... — Nico deteve-se. — Desculpa, qual era a questão?

— A tua questão? Não faço a menor ideia — disse Gideon. — A *minha* questão era que, independentemente do que tiveste de fazer ontem, deve ter significado algo mais para a própria Sociedade.

— Duvido — disse Nico, a encolher os ombros. — A mim pareceu-me apenas um teste.

— Um teste de quê?

— Eu... — Nico voltou a relancear para a câmara de segurança, depois decidiu deixar de se preocupar de uma vez por todas. — Bem — murmurou — se queres mesmo saber, foi uma simulação. Nós frente a uma projeção de um outro membro da nossa turma de iniciação.

A sobrancelha de Gideon agitou-se, conhecedora.

— E foste tu *versus* Tristan?

— O quê? Não. — Na verdade, fora Parisa que enfrentara a projeção de Tristan na última ronda. O que acabara por ser um final muito anticlimático para o dia, tendo em conta que, assim que entrara na simulação do ritual de iniciação dela, Parisa se limitara a cruzar as pernas debaixo do corpo no chão da sala pintada e a começar a meditar. A versão dela de Tristan fez... algo. Algo que não foi nada claro para Nico e que também deixara Tristan igualmente confuso. Ou ainda mais. Mas Parisa, que era quem estava a comandar a projeção, não fez nada a não ser meditar e, ao fim de alguns minutos, a simulação terminou sem nenhuma indicação de que ela tivesse realizado algum tipo de magia.

— Fui eu frente a... uma amiga — disse Nico, conseguindo, por pouco, não revelar o nome de Reina. — A minha parceira de treino de combate, na verdade.

— E... combateste com ela?

— Combati. — Foi bastante normal, apesar de tudo. — E correu tudo bem.

— Foi? — perguntou Gideon, de novo com uma boa dose de ceticismo.

— Porque é que insistes em acusar-me? *Correu* tudo bem — insistiu Nico.

— Depois, ao fim, disseram-nos para organizarmos algum tipo de apresentação para a nossa investigação independente...

— E depois deram-lhes um beijo na testa e foram levar cada um de vocês para a caminha para que ficassem bem aconchegadinhos durante a

noite — concluiu Gideon.

— Sim, basicamente ... — confirmou Nico.

— Certo — disse Gideon. — Bem, tenho a certeza de que foi tudo exatamente tão divertido como tu imaginas e não algum tipo de experiência em curso para te doutrinar no culto da universidade homicida que eles têm.

— Sim, obrigado, concordo — disse Nico. — E, seja como for, a Reina ficou perfeitamente bem ao fim, por isso... — Ah, foda-se.

— Reina — repetiu Gideon, a olhar para a expressão de Nico, que parecia dizer *raios partam, outra vez,* o que o fez decidir que era o momento adequado para se fazer o mais inocente possível. — Muito bem.

Nico suspirou, desesperançado. Num momento em que Gideon já sabia o que se passava em geral na Sociedade, Nico estava sempre a esquecer-se de não lhe revelar todos os segredos sobre si próprio. Não faltaria muito para estar a confessar que fora ele quem comera o resto da *Nutella* naquele dia dos exames finais no último ano do secundário. (Ah, nunca. Morreria antes de o revelar.) Mas as opções que tinha eram contar a Gideon e deixar que ele o ajudasse a encontrar Libby, ou...

— Bem, esquece o que eu disse — lembrou-lhe Nico antes de Gideon encolher ligeiramente os ombros como quem diz *está esquecido, continua.* — É óbvio que estou a delirar por causa do meu trabalho a tempo inteiro como homicida universitário.

— Oh, claro. — Gideon olhou para ele por um momento a pensar em silêncio. — Sabes, acho que nunca te perguntei. Quem terias matado se tivesses sido tu o escolhido para levar a cabo a tarefa?

— Então estás a partir do princípio de que não fui eu o encarregado do assassinato? — perguntou Nico, a fazer de conta que se sentia insultado.

— Fica à vontade para partires do princípio de que eu parti desse princípio — permitiu Gideon. — Eu, porém, direi que é uma certeza.

— Eu seria capaz de matar alguém — insistiu Nico. Já o tinha feito no passado. E naquela casa, ainda por cima.

— Alguém que *conhecesses* verdadeiramente? — Gideon fitou-o discretamente.

Tudo aquilo era bastante insultuoso provavelmente. Não sabia bem como, mas parecia-lhe que era o mais provável.

— Quer dizer, *seria capaz*...

— Mas não o fizeste — observou Gideon.

— Eu — Sinceramente. — Bem, para que conste, não teria nenhum problema em matar a pessoa que fomos incumbidos de matar — disse Nico, que nunca fora fã de Callum. — Embora se eu tivesse sabido que ele iria acabar por ficar vivo — oh, *merda*, disse Callum tardiamente entre dentes, depois de mais uma vez ter divulgado uma informação confidencial.

— Interessante — disse Gideon, cujo olhar de presunção continuada se debatia, entretanto, com um sorriso de afeto repugnante. — Quer dizer que ele ainda está vivo? Continua.

— Está bem, digamos, para o bem da discussão, que ele já *não* está vivo — tentou Nico, com otimismo, ao que Gideon respondeu com um encolher de ombros que dizia *claro, força*. — Não me importaria necessariamente que ele... continuasse sem estar vivo.

— Isso não me parece a mesma coisa que decidir que ele deveria morrer — apontou Gideon.

— Bem... — Certo, Nico estava bastante convencido de que se tudo aquilo fosse uma questão de quem *merecia* fazer parte da Sociedade, o que, na verdade, parecia ser o caso de início, então, houve um período em que uma pessoa em particular não parecia possuir nenhum talento minimamente útil, e não era Callum. — Esquece — disse Nico concludentemente, atirando o caráter inacreditavelmente desagradável (e continuamente misterioso) de Tristan Caine para trás das costas até ver. Tristan não só estava vivo como era mais útil do que Nico previra (ou menos, se se considerar que não é assim tão útil ver a verdade no cadáver de Libby se a pessoa em questão decidir não fazer absolutamente nada com a informação), pelo que não era sequer importante.

— O facto é que agora posso estudar o que eu quiser — disse Nico.

— Que é? — perguntou Gideon.

— A ti, *idiota*.

Gideon levantou uma sobrancelha.

— Vais apresentar-me ao resto da turma?

— Bem, não exatamente. Não da forma que estás a pensar. — Na verdade, fora Reina que sugerira que Nico se dedicasse à biologia evolutiva. Falara pela primeira vez no assunto mais ou menos uma semana depois de ter realizado a pequena experiência de criação de uma centelha de vida, que recordava a Nico que ele tinha de lhe perguntar com mais insistência o que ela queria dizer. Não lhe parecia o seguimento mais *natural* para o que tinham feito — não consideraria ela mais interessante estudar a matéria negra ou algo parecido? Algo que ela pudesse realmente vir a *usar?* —, mas, pensando bem, Reina era muito cerebral por natureza. Nico andava a querer discutir o assunto com ela desde o ritual de iniciação, mas ela parecera-lhe bastante distante e alheada desde então, como se precisasse de estar noutro lugar.

— Bem, enfim — disse Nico, a aclarar a garganta e a mudar de assunto para falar do que tinham intenção de discutir desde o início. — Disseste que quase a encontraste? À Rhodes?

Foi preciso um momento. Gideon estava a pensar se deveria insistir no tema da Sociedade, claro. Nico susteve a respiração até que, por fim, Gideon cedeu.

— Acho que sim — concedeu Gideon. — Não conheço a forma exterior.

— Oh. — Os domínios dos sonhos não tinham formas na maior parte dos casos. Gideon tentara explicá-lo no passado — que os sonhos eram uma função de uma consciência coletiva, bláblábla — e Nico nunca ouvira a explicação inteira sem se lembrar subitamente de que estava com fome, o que o lembrava de que andava a ter um estranhíssimo desejo de comer pastéis de nata portugueses na padaria a que costumava ir com Gideon e Max às quartas-feiras (tinha lido algo sobre o excesso de gemas de ovo num mosteiro qualquer que resultara naqueles doces, e as quartas-feiras pareciam-lhe sempre um estranho dia santo), mas a questão era... hum. — Espera, o quê?

— Consigo perceber que é a consciência de Libby — esclareceu. — Mas não sei onde ela está. Se é que a questão é mesmo onde? — acrescentou.

— Oh. Bem, já é alguma coisa, pelo menos. — E era, tendo em conta que Parisa estava tão convencida de que não havia forma de encontrar Libby Rhodes. — Então qual é o plano a partir daqui? — perguntou Nico, a sentir um leve entusiasmo com a possibilidade de entrar em ação. — Vais apropriar-te dos sonhos dela ou algo parecido?

Gideon inclinou a cabeça, provavelmente a calcular se valeria a pena explicar tudo detalhadamente a Nico.

— Não é assim tão simples, na realidade — acabou por dizer Gideon. — Não posso simplesmente aparecer e dizer-lhe que estamos à procura dela sem avisar. Poderei assustá-la.

— Mas não seria tranquilizador? — ripostou Nico. — Saber que anda alguém a querer saber dela?

Gideon abanou a cabeça.

— Ela não tem consciência de quem é num sonho — lembrou Gideon a Nico, que provavelmente já o sabia de alguma forma passiva, mas que encolheu os ombros. — Não tem a mesma prática que tu tens de estar no subconsciente. E não temos como saber se ela está realmente *ciente* de que foi, enfim... — disse Gideon, hesitante.

— Sequestrada? — sugeriu Nico para não abusar da terminologia. — Raptada parece um pouco infantil.

— Claro. — Gideon encolheu os ombros. — Portanto, sim, a situação exige subtileza, parece-me.

Certo. Subtileza estava longe de ser a especialidade de Nico.

— Que tipo de subtileza?

— Preferia não... enfim. — Mais um encolher de ombros. — Dar-lhe cabo do cérebro.

— Oh. Certo. — Parecia uma possibilidade real. Por mais resistente que Libby parecesse ser enquanto medeica, era uma espécie de causa perdida na arena da preocupação desnecessária. (E este nível de preocupação era, possivelmente, muito merecido.)

— Então como é que sabes que é ela? — perguntou Nico.

— Ossos de ofício, sobretudo. — Esta era habitualmente a resposta abreviada de Gideon para designar que *a minha magia não é completamente humana, pelo que não pode ser explicada. Por favor, deixa de me fazer esse tipo de perguntas, muito obrigado.* — Poderei demorar mais algum tempo para chegar até ela.

— Porquê? — perguntou Nico — Alguma dificuldade?

— Não exatamente. — Mais uma pausa para pensar. — É só porque ela tem de... me aceitar.

— Aceitar-te?

— Sim, aceitar-me como possibilidade. No sonho dela.

— Mas isso é impossível — disse Nico, desanimado.

— Claro que não é impossível, Nicolás — disse Gideon. — Esqueces-te de que eu sou muito talentoso.

— Nunca me esqueço disso, *mon ami* — respondeu Nico espirituosamente. — Queria dizer que é impossível porque a Rhodes é um destroço caótico que nunca acredita em nada.

— Ah. Sim, então tens razão. — Gideon parecia encabulado por um breve momento. — Creio que vai demorar mais um bocado, então. Dependerá da frequência com que ela sonha.

— Bem, pelo menos vai manter-te ocupado — disse Nico, a fazer o que podia para não ceder à sensação de ruína e perdição que vivia ligeiramente abaixo do seu ventrículo esquerdo. — Detestaria pensar que te limitas a ficar sentado por aí, errante e estranho, quando eu não estou por perto...

Deteve-se depois de dizer estas palavras, a sentir-se inesperadamente apanhado. *Percebido* sem querer, na verdade, era a melhor palavra para o que sentia. Estava um pouco perto de mais da verdade, que era a de que Nico se sentia errante e estranho sem Gideon e que andara particularmente desligado desde que Libby desaparecera. Sentia-se isolado e, para uma pessoa que evitava a todo o custo estar sozinha, Nico estava mais próximo do que nunca de estar só. Algo na ausência de Libby tinha aberto um buraco no tecido da realidade de Nico, o que o levava a deixar escapar algumas vulnerabilidades imprevistas.

Tanto ele como Gideon pareceram reconhecer o que não fora dito no mesmo momento, um olhar de ternura a apoderar-se das feições de Gideon, o que era insuportável, daquela forma como a afabilidade de Gideon era habitualmente insuportável.

E foi por esta razão que, numa tentativa desesperada de repor o equilíbrio no universo, Nico perguntou:

— Tens falado com a tua mãe?

A ideia era que fosse uma piada, embora não valesse nada. Afinal, Gideon contactara Eilif, a sua sereia criminosa (em retrospetiva, o termo «mãe» parecia imerecido), para descobrir para onde Nico tinha ido, pelo que, não obstante as juras de Gideon segundo as quais não lhe custara demasiado, a possibilidade de a informação não ter sido de graça era muito real. Dada a associação de Eilif com o tipo de criminosos dispostos a matar para ter o acesso de Gideon aos domínios dos sonhos, um favor dela era o tipo de cavalo dado a que não se poderia olhar o dente sem levar uma dentada maldosa e inevitável.

— Estou dentro das tuas defesas outra vez — disse Gideon com cautela. Com demasiada cautela. — Ela não vai poder alcançar-me.

Era uma formulação fastidiosa na opinião de Nico e não chegava para eliminar a possibilidade de alguém muito tolo (Gideon) fazer algo igualmente tolo (ligar à mãe).

— Isso não é resposta, Gideon.

— Mas não está longe de ser — foi a resposta incarateristicamente esquiva de Gideon.

Nico não estava à espera daquela resposta. Pela primeira vez desde que estivera fora, Nico teve a sensação de que talvez o ano que passara a não contar toda a verdade a Gideon pudesse ter espoletado algo essencialmente transacional entre eles. Era verdade que havia meias-verdades (ou omissões) esporádicas que trocavam como forma de procurarem a felicidade coletiva, mas aquela desatenção parecia particularmente cara. Conotação negativa. Nico não tinha contado nada a Gideon sobre a Sociedade e, uma vez que Libby tinha desaparecido, era claro para Nico que as partes que ele deixara de divulgar (incluindo, entre outras, a

possibilidade de morrer, ser desmembrado e/ou desaparecer) tinham sido um segredo demasiado grande. Nico pensara que eram coisas pequenas — uma grande necessidade que, de certa forma, não deixava de ser uma coisa pequena —, mas talvez estivesse a esperar mais do que devia. Talvez houvesse demasiadas coisas entre eles e Gideon soubesse exatamente o que não lhe tinha sido dito.

— *Je suis désolé* — tentou Nico. Desejou subitamente, ferverosamente, ter a possibilidade de roçar o ombro em Gideon ou de o cutucar no joelho. O que é que se costumava dizer? Que as pessoas que sofreram uma perda extraordinária sentem falta do ordinário? As coisas pequenas, as trivialidades tranquilizadoras que formavam a língua materna. A cultura das suas pequenas nações, que acabaram de sofrer o impacto de algumas bombas.

— Não tens de te lamentar — disse Gideon. — Eu sei porque o fizeste. Porque guardaste a verdade sobre a Sociedade para ti. Não te cabia a ti divulgar esse segredo.

Nico estremeceu. Havia tantos segredos que não lhe cabia contar e que, não obstante, revelara.

— Saberes porquê não significa que me perdoes.

— Quem disse que precisas que eu te perdoe?

Nico manifestou todo o tipo de ofensas de que se conseguiu lembrar com um único olhar e Gideon suspirou a abanar a cabeça.

— Não é uma questão de perdão — disse Gideon diplomaticamente. — É mais uma questão de... resolução.

— O que é que eu posso resolver?

— Não és tu que tens de resolver, sou eu. E não há muito a dizer sobre a minha mãe — acrescentou. — Ela está a insistir comigo para que eu faça o trabalho de que te falei. Eu disse que o faria.

— Mas não estavas a falar a sério, pois não? — perguntou Nico. Depois, ao ver que Gideon parecia hesitar em responder, franziu o sobrolho. — Não vais *fazer* isso, pois não?

Gideon hesitou.

— Bem...

— Gideon — disse Nico, a abarcar todos os registos de desilusão na amplitude daquelas três sílabas.

— É algo bastante diferente de tudo o que ela me pediu até hoje — admitiu Gideon. — Não vou roubar nada. Nem tirar nada do devido lugar. Nada disso.

— Mas o que é que sabes sobre o... enfim. O trabalho? Já que sabes que a tua mãe não te está a contar tudo — apressou-se Nico a apontar.

— Eu sei. E, para dizer a verdade, ainda não decidi se o vou fazer. — A verdade é que Gideon parecia genuinamente indeciso. — É só que... não dá a impressão de que possa ser algo *mau*, pois não? Chegar a alguém que está preso na sua própria consciência? Tenho dificuldade em acreditar que seja algo que aconteceu por querer.

— Isso foi só o que a Eilif te contou — lembrou-lhe Nico. — E não é necessariamente a verdade.

— Sim, verdade, eu sei. Claro. É só... — Gideon deteve-se. — Seria... interessante.

Oh, não.

— Gideon.

— Quer dizer, só depois de eu encontrar a Libby, claro...

— Gideon, não me parece...

— Prometi que te ajudaria a encontrá-la e vou cumprir. É a minha principal prioridade. Mas, dado que vais continuar fechado com a tua Sociedade...

— Oh, vai-te foder — ripostou Nico com o coração todo, enfurecido ao pensar na possibilidade (realidade) de ele ser o principal culpado por aquela situação. — Ambos sabemos que tens um problema com o tédio, comigo ou sem mim. — O que não era verdade, claro, porque era *impossível* sentir tédio junto de Nico. Até ele o sabia, e o olhar que Gideon lhe lançou era sintoma disso mesmo. — Ah, estou a ver — disse Nico ao perceber, enojado, que a culpa era dele. — Quer dizer que estás a castigar-me por me ter ido embora, por ter guardado algo para mim por uma vez, é isso?

— Não és *tu* que me estás a castigar a *mim?* — replicou Gideon. — És tu que me estás a tratar como uma espécie de ovo Fabergé, Nicky. Não me vou partir só porque não estás aqui para te afligires comigo.

Estavam perigosamente perto de algo a que Nico chamaria uma discussão razoável e Max chamaria um arrufo de amantes.

— Eu vim cá — disse Nico com uma pontada de frustração — para te manter a *salvo.*

Gideon lançou-lhe um olhar impassível.

— Foi?

A implicação de que a motivação pudesse ter sido outra foi breve, mas agudamente enfurecedora.

— *Foi...*

— Está bem — disse Gideon, com a forma habitualmente enfurecedora de Gideon recuar antes de as coisas aquecerem demasiado. — Está bem. Partindo do princípio de que isso é verdade...

Nico olhou para ele de boca aberta.

— *Partindo do princípio* de que é verdade?

— ... de que serve exatamente ficar a salvo se tu nem sequer estás aqui? — atirou Gideon.

Fitaram-se por um segundo.

Depois, aos poucos, Nico viu Gideon a engolir em seco com remorsos.

Não que devesse sentir remorsos. Nico sacudiu-se, a fazer força para ser melhor, para ser menos... ele, e mais Gideon.

— Se isto é uma forma de chamares a minha atenção — acabou por dizer —, vou ficar muito ressentido contigo por me roubares a minha jogada.

A tensão entre eles dissipou-se, os ombros de Gideon a caírem com exaustão fingida. Ou exaustão real. (Quem haveria de saber no caso de Gideon?)

— Prometo — suspirou Gideon — que não vou deixar que me magoem, matem ou mutilem de qualquer outra forma.

— Também não quero danos psicológicos — avisou Nico. — Eliminar um trauma da cabeça demora uma eternidade.

— Te odio. — Odeio-te (afetuosamente).

— Con razón. — Com razão. — Moi aussi.

Olharam de novo um para outro, desta vez com menos facas nos olhos. Mas com algo, pensou Nico. Algo triste, como uma janela de oportunidade que se abriu e fechou.

Não era a primeira vez que acontecia, disse Nico a si mesmo. E iria voltar a acontecer.

— Eu aviso-te quando chegar até à Libby — disse Gideon.

— Podes vir ter comigo antes disso — ofereceu Nico. Sentia algo pesado no peito, uma perda.

Gideon parecia compreensivo.

— Descansa, Nicky — respondeu e estalou os dedos, deixando Nico a acordar na cama dele com um resfolego.

Nico virou-se precipitadamente no escuro para o telefone. A luz era demasiado clara, ofuscante. Digitou tão depressa, que teve de corrigir erros duas vezes.

Estamos bem?

O telefone vibrou ao fim de poucos segundos.

Sempre, Nicolás, sempre.

Nico deixou a mão cair, os olhos a fecharem-se.

A pulsação demorou algum tempo a baixar. Era algo que acontecia com mais frequência nos últimos tempos; havia alguma coisa fundamental para a existência dele que estava a deixá-lo ansioso. Demorava mais tempo a acalmar-se, a acordar. Até a simulação de iniciação o tinha testado mais do ponto de vista físico do que era habitual, o que eram péssimas notícias para a magia dele e piores ainda para a cabeça. Fechou um punho e sentiu os nós dos dedos a estalar e a ceder à pressão que ele desejava não sentir.

Perguntou-se se os outros o conseguiriam perceber, ou se sentiam alguma versão da mesma coisa. Daquela... fraqueza. Algo que Nico não estava habituado a sentir e mal conseguia identificar como algo que se

pudesse sentir. Pensara durante algum tempo que Tristan tinha reparado, ou que lhe estava a acontecer algo semelhante. Que, desde que Libby desaparecera, fora levada, algo psicologicamente debilitante tinha acontecido a ambos. Coisas ligeiramente diferentes, mas algo ainda assim.

No entanto, Tristan já era um chato de primeira em circunstâncias normais, por isso, pouco importava. Nico virou-se de lado, olhou para a parede branca e esperou que o coração deixasse de palpitar.

Estava quase a dormir de novo quando ouviu alguém a bater à porta: direto, preciso, sem brincadeiras. Nico pensou em ignorá-lo de forma a aproximar-se um pouco mais do precipício do descanso, mas depois levantou-se a resmungar. Os tornozelos estalaram e ele sentiu uma picada estranha algures nos discos mais baixos da coluna.

Abriu a porta, pronto para dizer a Reina que seis da manhã *não* era, ao contrário da opinião popular, uma boa hora para treinar combates e para lhe pedir para voltar mais tarde, quando já não estivessem a correr contra o sol.

Mas, afinal, não era Reina, o que era altamente imprevisto.

— Preciso que me ajudes a morrer — disse Tristan Caine.

Foi então que Nico decidiu que provavelmente já tinha dormido o suficiente naquele dia.

• Reina •

Parisa estava sozinha na sala de leitura quando Reina chegou para pedir um manuscrito dos arquivos. O que Parisa estava ali a fazer era pouco claro, porque não tinha nenhum livro. Estava apenas sozinha em pé no meio da sala, a olhar para os tubos pneumáticos que eram responsáveis pela entrega dos livros e manuscritos pedidos aos arquivos.

— Estás a fazer disto um hábito? — perguntou Reina.

Parisa parecia descontente por ter de parar a importante tarefa de olhar para nada que tinha a cargo. Perscrutou Reina com um olhar dissecante antes de se dignar a responder.

— Estou a fazer um hábito de quê?

— Isto. — Reina apontou para ela. Para os tubos vazios. — Inatividade. Estás a perder o juízo?

— Estou — respondeu Parisa a revirar os olhos. — Estou a sucumbir à loucura, obrigada. E tu?

— A fazer progressos.

Parisa soltou um sorriso malicioso em resposta, o momento subsequente tenso de reconhecimento repulsivo por terem sido quase cordiais uma para a outra.

— Não estarás por acaso a lamber as tuas feridas do ritual? — observou Reina rapidamente antes de alguém elaborar no erro de as considerar civis uma com a outra.

— As *minhas* feridas? — repetiu Parisa, a tensão a ressurgir, felizmente. — Tu é que andas a evitar o Nico.

— Não ando a evitá-lo.

— Ah? — Parisa levantou uma sobrancelha. — Só tens andado... muito ocupada de repente, não é?

— *Tu* não? — ripostou Reina, ciente de que Parisa tinha andado quase invisível pelo menos nas 24 horas anteriores. — Poderia partir do princípio

de que estás a aprimorar o teu tema de estudo independente, mas creio que há algo mais... — Reina fez um pequeno ruído seco de desinteresse, como uma cereja em cima de um gelado sem graça — ... extracurricular.

— Ha, ha — respondeu Parisa, atirando a melena de cabelo preto para cima de um ombro no que parecia um elevar da irritação que sentia. — Estás ciente de que esse método não é muito eficiente para me magoar, não estás? Pessoas que eram importantes para mim já me chamaram coisas muito piores — murmurou com um olhar furioso.

— Não estou a tentar magoar-te — disse Reina a encolher os ombros. — Só a salientar o óbvio.

— Tal como eu. — Parisa cruzou os braços sobre o peito e virou-se para olhar de frente para Reina com um suspiro impaciente. — Não sei se sabes, mas estás a desperdiçar a tua hostilidade nele.

— Em quem?

— Em quem haveria de ser? No Varona. — Encolheu os ombros. — Dada a qualidade das pessoas presentes, podias ter tido muito menos sorte.

— Eu não sinto nenhum tipo de hostilidade por ele — disse Reina. — Não sinto nada por ele.

— Hum. — Parisa cerrou os lábios. — Se, ao menos, isso fosse verdade.

Parisa virou-se como se fosse sair da sala, mas Reina estava a ficar um pouco cansada de a ver ficar sempre com a última palavra.

— Porque é que não fizeste nada? — perguntou, e Parisa parou a meio da meia-volta. — No teu ritual de iniciação. Quando foste emparelhada com o Tristan. — Fora Parisa frente a uma projeção de Tristan, o que, para todos os efeitos, deveria ter sido uma vitória fácil. Reina não via Parisa como uma alma misericordiosa, mas, por alguma razão, ela não levantara um dedo para se defender. Era um desvio do caráter de Parisa que andava a incomodar Reina desde que acontecera, embora ela se pusesse a recitar Homero para esconder esse incómodo.

— Emparelhada, hum? — Parisa parecia divertida. — É isso que pensavas que estavas a fazer comigo? A emparelhar?

— Não, eu... — O raio da linguagem. — Quando o *enfrentaste*, pronto. Lutaste contra ele ou o que quer que tenha sido.

O leve enrolar escarninho dos lábios perfeitos de Parisa só se adensou.

— Então achas que estavas a *lutar* comigo? Isso é tão absolutamente deprimente.

Reina já estava arrependida de ter aberto a boca.

— Esquece, estava só...

— Não, não, diz-me — instou Parisa a esboçar um riso. — Estavas preocupada comigo, Reina? Tão querida. Nunca pensei que fosses dessas.

— Não, estava só... — Muito bem, que se lixe. — Deverias tê-lo batido sem apelo nem agravo — disse Reina, o que surpreendeu Parisa, claro, porque ela pestanejou. — Fomos todos emparelhados daquela forma por alguma razão, não fomos? Contra alguém que deveríamos ter destruído, mas não destruímos.

— É isso que tu achas que aconteceu? — A voz de Parisa era estranhamente contemplativa. Sincera, até. Ou, pelo menos, não tão escarninha como era habitual. Tinha o efeito de lhe ampliar a beleza ou o que quer que fosse que lhe deixava o rosto com aquele aspeto, o que era revoltante. — Interessante.

— Bem — Reina deteve-se. — O que é que haveria de achar? O Nico deveria ter-me vencido, eu deveria...

— Ter dormido comigo? — aventou Parisa.

— Ter-te apunhalado com mais força — murmurou Reina entre dentes, o que aparentemente só deixou Parisa mais satisfeita. — O Tristan devia ter tido a capacidade de matar a Rhodes e o Callum... — Tratava-se de anomalia que nenhum deles foi capaz de compreender verdadeiramente. — Não sei o que raio se passou com o Callum, mas depois *tu*...

— Interessante — repetiu Parisa, a atenção a virar-se para lá de Reina e a centrar-se de novo nos arquivos. Parecia realmente estar a ser sincera, a dar a entender que o que Reina estava a dizer *lhe interessava*, o que deixou Reina... temporariamente desarmada.

— Porquê? — perguntou Reina com o sobrolho franzido. — Qual é que achas que era o objetivo daquele emparelhamento?

— Oh, isso não me interessa nada — respondeu Parisa com irreverência.

— A mim pareceu-me completamente aleatório.

Reina ficou estupefacta.

— Achas que foi *aleatório?*

Parisa encolheu os ombros.

— Porque não? O que pensas sobre mim não é diferente do que os outros pensam, pois não? — Reina pestanejou, a perguntar-se se seria uma cilada, embora, felizmente, Parisa já tivesse perdido o interesse e acrescentado — O que eu penso sobre o Tristan não se alterou.

Reina tinha a sensação de que o que Parisa lhe estava a dizer não era, no essencial, verdade, mas admiti-lo seria como perder uma discussão completamente diferente da que estavam a ter.

— Então para que é que achas que fizeram aqueles arranjinhos?

— Isso parece uma pergunta do Callum — disse Parisa, lançando um olhar de desinteresse para Reina. — Não me interessa quem ou o que é que nos organizou daquela forma. Só não queria estar envolvida naquilo fosse como fosse.

Alguma coisa na formulação de Parisa não batia certo.

— Quem ou *o quê?* — repetiu Reina, com o cenho franzido. — O que queres dizer com isso?

Os olhos de Parisa viraram-se para um lado. Algo assomou à superfície na cabeça de Reina, embora ela não conseguisse identificar o quê. Nada, na verdade. Nada de concreto. Um vislumbre familiar dos arquivos, embora viesse acompanhado do súbito impulso de cerrar os dentes, o que não era muito diferente do que Reina sentira quando vira a projeção de Nico.

Estaria Parisa a tentar convocar os pensamentos de Reina sobre... os arquivos? Os olhos de Reina viraram-se para os tubos pneumáticos de novo. Para o facto de estarem vazios e Parisa estar a olhar para eles com tanta atenção.

— Nada — disse Parisa, por fim, voltando-se para o outro lado. — Hipérbole.

— Não, não foi — disse Reina, subitamente frustrada. — O que queres dizer com *o quê?* Achas que foi algo que não o Atlas ou o Dalton?

— Claro que não — disse Parisa calmamente.

— Então porque é que...

Atrás delas alguém aclarou a garganta levemente. As duas mulheres voltaram-se para as portas da sala de leitura, Reina assustada, Parisa nada surpreendida.

— Menina Kamali — disse Atlas. — Um momento?

Estava vestido mais informalmente do que era habitual. O fato imaculado do dia anterior tinha desaparecido e, no seu lugar, estava um par de calças incarateristicamente enrugadas e uma camisa de corte largo. Ainda mais estranho do que a ausência de qualquer formalidade era o par de mocassins que trazia calçados e que mais pareciam chinelos e a chávena na mão que dava a entender que tinha tomado o chá à pressa. Era uma mudança tão chocante, que Reina começou por pensar que tinha razão ao desconfiar que ele estava a esconder alguma coisa. De seguida, pensou imediatamente em destruir aquela primeira ideia.

— Está bem — disse Parisa, lançando um olhar de aborrecimento a Reina, como se tivesse sido Reina a chamá-lo para ali. — Fica à vontade — acrescentou Parisa por cima do ombro, depois de passar por Reina com um andar afetado para ir ter com Atlas à porta.

Atlas desviou-se para lhe dar passagem para o corredor e parou para se dirigir a Reina antes de a seguir.

— Desfrute da investigação, menina Mori — disse Atlas no tom hospitaleiro habitual, como se não estivesse A) de pijama e, portanto, B) num estado de óbvia inquietação. — Está tudo bem.

— Quão tranquilizador — disse Reina secamente.

Pelo menos, Atlas aceitou bem a dúvida de Reina e lançou-lhe algo equivalente a um sorriso malicioso.

— Estou de férias — replicou, com um curto aceno de cabeça antes de desaparecer no corredor.

Reina ficou a olhar para eles por um momento, lamentando a ausência de plantas na sala de leitura por um breve instante. Sentia estranheza por ser a

única testemunha do que era uma interação incrivelmente bizarra, embora percebesse que o feto da sala pintada não fosse servir de grande consolação. Acabou por sacudir aquelas cogitações para trás das costas e foi fazer o pedido que a levara aos arquivos.

Tinha tido o cuidado de fazer uma lista dos temas que tinha em mente. Primeiro queria mais uma leva de mitos da criação: as origens da humanidade de acordo com «inserir cultura ancestral neste espaço» e coisas assim. Começara com o óbvio — os clássicos, a mitologia greco-romana e, claro, a mitologia egípcia, o velho testamento, as lendas taoistas da criação — e depois decidira retroceder ao berço da humanidade e recorrer aos mitos sumérios e aos épicos ancestrais.

Pensava que, à sua maneira, estava a realizar pesquisas sobre cosmologia. «No início havia apenas escuridão» e assim por diante, só que sem a abordagem Nico-Libby que fazia com que tudo parecesse tão matematicamente inacessível. Queria compreender a vida a partir de uma perspetiva naturalista, sabendo que se tratava de uma forma de energia, uma chama interior e não de um enorme esquema arquitetónico misterioso de moléculas e espaço vazia Desde o ritual de iniciação, ainda não tinham chegado a nenhum tipo de conclusão significativa sobre Viviana Absalon, a medeica mortal cuja autópsia revelara órgãos internos de uma pessoa de 21 anos onde deveriam estar os órgãos de uma pessoa de 45, o que dava a entender que teria o dom medeico da longevidade. Fundamental para os estudos que faziam sobre a morte, Viviana Absalon deixou-os sem uma conclusão significativa e deu-lhes apenas um tema de discussão experimental: poderia ela ter vivido para sempre se o destino não tivesse intervindo? A introdução de Dalton ao tema — com a implicação de que talvez a morte extemporânea de uma medeica com o dom da vida era, de alguma forma, um resultado inevitável e predestinado — espoletara algo em Reina: uma ideia que não era capaz de nomear.

A teoria dele implicava, na opinião dela, que o universo tivesse algum tipo de ironia ou que as catástrofes fossem merecidas. Parecia-lhe um método pequeno e, em última instância, mortal (do tipo «destinado a acabar») de olhar para o mundo. Além disso, aquela forma de pensar encerrava um certo egoísmo: o conceito de um plano maior onde eles não

eram grãos de areia nem mil milhões de átomos numa gabardina, mas onde cada um tinha uma importância insubstituível e significativa.

(Reina era da opinião de que era impossível que tal fosse verdade. E se *houvesse* um deus — um Deus, melhor dizendo —, ela respeitava— O menos por ter o tempo, a capacidade ou o interesse de a azucrinar pessoalmente.)

Afinal, a única coisa que a unidade sobre longevidade e morte produzira para Reina fora a mesma coisa que ela tentara recriar com Nico: o conceito, não testado e semiformado, de que a vida era algo que poderia ser criado espontaneamente e, portanto, destruído aleatoriamente. (Antes, a hipótese ligeiramente diferente de Reina era a de que Viviana Absalon era uma pessoa cuja vida tinha acabado não porque ela tinha nascido marcada com uma consequência mágica destinada, mas porque se dera o caso ter nascido e são coisas que acontecem de vez em quando.) O interesse de Reina em investigar os mitos da criação advinha de uma suspeita fundamental de que, se a vida não era aleatória, os humanos, fossem eles o que fossem, eram excelentes a tomar notas. O universo era anterior à humanidade, claro, mas quando é que a *vida* começou a ter o significado que tinha? Alguém devia ter testemunhado o que a vida significava para o mundo quando soube que estava a começar, e se essa coisa tivesse algum tipo de forma, Reina precisa de uma retrospeção extraordinária para a encontrar.

Os livros foram depositados à frente dela em ordem. *Gilgamés e o Submundo. O Enuma Elish.* O mito de Adapa. Reina já sabia que cada uma daquelas obras versava sobre temas semelhantes: humanos a quem os deuses concederam a imortalidade pela grandeza que manifestavam. (Um reflexo de uma aversão geral, transversal à espécie, em relação ao abismo para lá da morte.) Além disso, havia uma componente de divindade geracional. Deuses antigos e novos. Era o aspeto que mais intrigava Reina. O advento do Antropoceno significou o supernaturalismo da geoengenharia, a marca indelével da humanidade sem interferência do divino. (A menos que, por acaso, alguém se tivesse esquecido de dizer que a mãe de James Wessex tinha sido inseminada por uma chuva de moedas de ouro.)

Reina examinou os títulos com cuidado, a parte de baixo encerada da película protetora a roçar-lhe as pontas dos dedos como folhas. Chegou ao

fundo da pilha mais depressa do que estava à espera e estava a tentar lembrar-se se tinha deixado algo fora da lista quando outro pedaço de pergaminho chegou a flutuar do sistema de entrega dos arquivos.

CERTOS PEDIDOS FORAM NEGADOS.

Reina pestanejou e virou o pedaço de pergaminho ao contrário para ver se os arquivos tinham especificado quais tinham sido os títulos que tinham sido rejeitados. Não especificava, e a lista dela tinha desaparecido. O que é que a biblioteca se recusara a entregar-lhe? Ela teria sido capaz de jurar que estavam todos essencialmente na mesma categoria de mitologia. Além disso, tinha passado a ser uma iniciada. O que mais lhe iriam recusar a partir daquele momento?

— Oh, olá — disse Nico, a olhar por cima do ombro e a assustar Reina, que soltou um silvo breve de surpresa. — Desculpa — acrescentou ele com um sorriso, como se nada entre eles pudesse estar mal de maneira nenhuma. — Um saque novo?

— O quê? — Reina pestaneou e Nico baixou a cabeça e olhou inconfundivelmente para a pilha de livros. — Oh. Certo, sim.

— Parece volumoso — observou ele a apontar para o *Gilgamés*. — Embora não deva ser por acaso que dizem que é um épico, não é?

Nico parecia estar a desesperar por um sorriso de Reina. Provavelmente era a forma que tinha de procurar perdão, o que fazia sentido. No mundo de Nico, porque é que alguém haveria de dar-se ao trabalho de admitir erros próprios quando podia simplesmente mostrar as covinhas do rosto num sorriso prazenteiro e pingar um pouco de luz do sol das pontas dos cabelos desgrenhados?

— O que estás aqui a fazer? — perguntou-lhe Reina, porque ceder a mais um dos caprichos de Nico de Varona lhe parecia uma indignidade insuportável naquele momento. (Não que ela estivesse zangada, claro. Nada no ritual de iniciação tinha sido real, pelo que era uma perda de tempo ter ideias muito vincadas em relação ao assunto.)

— Bem, hum. É uma longa história — disse Nico. — Sabes alguma coisa sobre o Schopenhauer?

— O filósofo alemão? — Era evidente que Reina não sabia nada sobre filosofia, que, por variadas razões, considerava ser uma enorme perda de tempo. Não teria Nico já noção disso? Além disso, ela já tinha lhe tinha sugerido que ele estudasse biologia evolutiva para a investigação independente que tinha em mãos, mas, pelos vistos, ele não estava a planear seguir aquele conselho. — Não é um dos que dizem que a vida é sofrimento?

— É? Festivo — disse Nico, animado, enquanto preenchia o formulário de pedido e o entregava aos arquivos. — Mal posso esperar.

— Isso é para... enfim. O teu amigo? — perguntou Reina.

— Oh, céus, não. Não, nem por sombras. — Nico fez um esgar, depois fez aparecer uma maçã de algum lugar e mordeu-a. O som fez ricochete nos tetos altos da sala de leitura e reverberou num lugar mais profundo de Reina, que se pôs tensa. — Não acreditarias se te dissesse, na verdade — disse Nico a revirar os olhos.

— Oh. Certo. — Maravilhoso, pensou Reina. Que utilização produtiva do tempo de ambos que aquela conversa se revelava. — Bem, talvez seja melhor eu... — Apontou para trás do ombro e fez um gesto de quem se prepara para se ir embora, mas Nico virou-se para olhar para ela antes de ela poder sair e fez o som habitual, que vibrava a uma frequência demasiado alta para a distância curta que os separava.

— Olha, então que livros é que aquilo rejeitou? — foi a pergunta que, pelos vistos, ele não resistiu a fazer. Depois deu mais uma mordidela incrivelmente alta na maçã e mastigou enquanto falava. — Pensei que isso tinha deixado de acontecer.

Reina pensava o mesmo, embora não fosse essa a ideia que lhe ocupava a mente.

— Aquilo — repetiu Reina.

— Sim, aquilo. Ou eles, talvez. O que quer que seja. — Nico apontou para os tubos dos arquivos, e agitou os dedos. — O sistema de entrega divino e os seus pequenos mensageiros.

— Oh. — Nico estava só a ser faceto, portanto. Ainda assim, algo na palavra «aquilo» impressionou Reina de uma forma que fez com que lhe

ficasse na ponta da língua, como um sonho não completamente lembrado. — Nada importante — disse ela. — Só alguns mitos sobre a criação que eu pedi para a investigação.

— Só isso? — perguntou ele. Reina encolheu os ombros numa confirmação ambígua. — E não tos entregou? Estranho — disse Nico. — Achas que tem medo de que tu te transformes num deus ou algo parecido?

— Ha, ha — disse Reina, respeitosamente, antes de se virar. — Bem, tenho de...

— Certo, desculpa. — Deu-lhe um cumprimento. — Diverte-te. Treinamos no jardim mais logo?

Oh.

— Talvez. — Se ela não conseguisse encontrar uma forma de o evitar. — Muito trabalho para fazer, mas...

— Pois, claro. Bem, se puderes. — Os arquivos concluíram o pedido de Nico precisamente com o tipo de tomo denso e encadernado que ele costumava detestar e, se Reina estivesse a sentir-se ligeiramente mais conciliatória, ter-se-ia rido da forma como ele morreu claramente por dentro. — Até logo.

Reina, que tinha intenção de ler na sala de leitura, saiu com a pilha de manuscritos e uma disposição algo melancólica, dirigindo-se para a sala pintada (a menos que estivesse lá mais alguém, caso em que daria o dia como perdido e iria comer bombons para a cama). Alguém tinha de regar os filodendros. Estava calor lá fora e os cornizos cresciam em direção ao sol. *Mãe! Aqui! Mãe, olhaolhaolha abençoa-nos com os teus olhos fartos, mãe, louva-nos, mãe, oláááááá...*

Reina deteve-se, a cabeça a capitular tardiamente com uma resposta no exato momento em que ela passava pelo gabinete fechado à chave de Atlas.

Parisa dissera *o quê.* Como se o resultado do ritual de iniciação não tivesse sido determinado por uma pessoa, mas sim coisa.

Nico chamara *aquilo* aos arquivos.

Dalton, quando falava de Viviana Absalon, referira-se à magia quase como um deus em si própria.

Atlas disse que a necessidade de iniciação era um sacrifício perante o altar do conhecimento, conhecimento que era senciente, uma senciência que enchia aquela casa, inegavelmente.

Mas talvez a magia — ou a própria biblioteca — fosse menos cerebral do que isso.

Reina mal sabia para onde ia quando chegou à sala de jantar e parou no limiar até que Callum, que estava em pé num canto, reparou na presença dela com um relanceio breve e desinteressado.

Estava junto ao bar a preparar uma bebida. Eram nove da manhã.

— A tua reprovação está registada — disse Callum sem levantar a cabeça, aparentemente a colocar ainda mais líquido no copo em resposta ao silêncio de Reina. — E também ignorada.

— Diz-me uma coisa — disse Reina. — O teu ritual de iniciação...

— Sim, estou todo fodido, é patético, o fim — disse Callum a levantar o copo para o beber de um trago.

— Não — disse Reina, o que fez Callum parar a meio da bebida. — Bem, sim. Mas também, queria dizer... — Engoliu em seco. — Tu disseste algo. Tu a seres o outro tu. Algo sobre saberes tudo sobre nós.

Callum olhou-a de soslaio, depois bebeu o resto da bebida mantendo o nariz enterrado no copo pelo que pareceu uma eternidade a Reina.

— Sim — acabou por dizer.

— Sim? — repetiu Reina.

— Sim — repetiu ele.

— Importas-te de aprofundar?

— Está bem — Voltou-se para as garrafas e encheu o copo com mais daquele *whiskey* escuro de que tanto gostava. — Bebes alguma coisa?

Reina abanou a cabeça.

— Não.

— Agora vais beber. Faz-me a vontade.

— Podias ter-te limitado a convencer-me a beber um — apontou Reina.

Callum olhou para ela por cima do ombro e continuou a encher um segundo copo.

— Ouve — disse ele. Voltou a colocar a rolha na garrafa, levou os dois copos para o local onde Reina estava em pé atrás da mesa e pousou um, não com muita delicadeza, ao lado da cadeira da cabeceira da mesa. — Estou-me nas tintas para o que acontece a qualquer um de vocês fora daqui. Se tens algum tipo de obrigação moral rodesiana de descobrir o que os arquivos decidem mostrar-me, tudo bem. Pouco me importa. Não tenho tempo para te estar a tranquilizar quando às minhas inten...

— Então foram os arquivos — interrompeu Reina, a assentir com a cabeça. — Deram-te informação sobre nós?

Ele encolheu os ombros e levantou o copo.

— Um brinde — sugeriu. — À vida que não faz sentido nenhum.

Um pouco dramático de mais para o gosto de Reina.

— Estou só a tentar perguntar se...

— Bebe — disse Callum. — Quando Reina abriu a boca, Callum repetiu, — Beeeeeeeebe —, o que dava a entender a Reina que aquela não era a primeira imprudência do dia de Callum. Levou o copo aos lábios e engasgou-se imediatamente nos vapores, optando por não se mexer até Callum terminar o copo dele.

— Muito bem — disse Callum, a pousar o copo vazio com estrondo. — Tens trinta segundos. Que caralho queres?

— És capaz de influenciar os arquivos? — perguntou Reina.

— Não — disse Callum amargamente. — A biblioteca é senciente, é verdade, mas naquela magnitude...

— Então quero que me uses — disse Reina.

Callum pestanejou.

— Quero que uses a minha magia — esclareceu Reina — para influenciares os arquivos de forma que me deem os livros que eu quero.

Callum fitou-a longamente.

— Acho que já passaram trinta segundos — disse Reina. — Que, para dizer a verdade, é tempo mais do que suficiente para mim, por isso...

— Espera — disse Callum, detendo-a quando ela se virava para se ir embora. — Espera. Espera. — Estás...? Estás a falar a sério ou...?

Aquilo era ridículo. Reina não tinha o dia inteiro. Era um pedido muito simples e ela tinha a questão muito premente de muitos livros interessantes para consultar no tempo que os neurónios dele estavam a demorar a entrar em ação.

Era isso, pensou, já a ficar irritada. Era por isso que não bebia.

— Põe-te sóbrio — sugeriu Reina por cima do ombro, Callum ainda a fitá-la com o olhar vago quando ela chegou à porta. — Depois vem ter comigo.

• Tristan •

Preciso que me ajudes a morrer — disse Tristan a Nico. Porque, na cabeça dele, essa era a única solução.

Na verdade, era uma solução muito simples. O processo de dedução de Tristan começara durante o seu ritual de iniciação. No momento em que Libby estivera prestes a matá-lo — não a verdadeira Libby, claro, embora ele não duvidasse de que ela o faria se decidisse tentar —, ele fora subitamente capaz de invocar o uso da magia, o que até então só tinha conseguido fazer depois de olhar vagamente para o espaço e de se desassociar completamente dele próprio. O que não era nada fácil, para dizer a verdade. Dava muito trabalho. E era uma perda do tempo precioso de Tristan.

Mas, quando Libby estivera perto de o matar, a perspetiva que ele tinha sobre a situação alterara-se. De repente, conseguia ver tudo, o que, na prática, significava que conseguia ver uma coisa muito claramente. Viu a magia a limitar a simulação e, depois de a ver a agitar-se, como acontecera na primeira vez que ele vira a animação de Libby (mais uma vez, não a verdadeira Libby, embora se tratasse de uma segunda Libby irreal: as coisas iam ficar confusas, não era assim? Aquelas Libbys todas a acumular-se no seu armazém mental, que era claramente lógico embora não estivesse muito bem) deitada no chão. Um pestanejo e é a Libby Rhodes! Morta! O horror! Novo pestanejo e é a energia a mudar de direção e a seguir finalmente um caminho ordenado.

Na sala pintada, quando enfrentava a ira de Libby Rhodes, com a morte em jogo, a visão de Tristan voltara a cair num caleidoscópio, como acontecera na vez anterior, para aprimorar os outros sentidos. Sentia o perigo latente, o que lhe dava claridade e o tirava do raio da obtusidade perante a qual encolhia os ombros a cada dado momento. A imaginação dele era demasiado curta no momento em que estava lá sentado, completamente seguro, preocupado com coisas como a opinião que o pai tinha dele ou se a

sua alma ainda existiria depois de ele morrer. Não, o truque era *limpar a cabeça* ou, possivelmente, abandoná-la de todo.

Quando Tristan acordara da projeção, os olhos de Atlas Blakely foram os primeiros com que se cruzara e Tristan duvidara que os escassos graus em que a postura de Atlas mudara tivessem sido pura coincidência.

Daí o «preciso que me ajudes a morrer», que não foi recebido com grande entusiasmo.

— Mas — dissera Nico — que caralho.

— Eu sei — disse Tristan.

— Eu sabia que eras masoquista, mas isso é levar as coisas um pouco longe de mais, até para ti — acrescentou Nico.

— É verdade — concordou Tristan amigavelmente. — Mas não to pediria se não achasse que iria resultar do ponto de vista da magia.

— Porquê eu? — perguntou Nico. E era uma pergunta legítima que Tristan já tinha feito a si próprio várias vezes nos segundos que decorreram entre o momento em que bateu à porta de Nico e o momento em que se viu perante o físico desgrenhado.

— Porque, infelizmente para todos nós, gosto de mim o suficiente para não *querer* morrer — começou Tristan.

— Oh — Nico piscou os olhos. — Isso são ótimas notícias, a sério...

— ... o que significa que não posso ser eu a fazê-lo — continuou Tristan amargamente. — E, dado que és o único com a capacidade mágica para tentar o que eu tenho em mente, também és a única pessoa a quem posso pedir.

Esqueceu-se de referir os outros fatores óbvios: porque não podia pedir a Callum. Porque Parisa iria rir-se dele. Porque Reina não podia ser arrancada dos livros e, fosse como fosse, Tristan não estava convencido de que ela não era uma completa psicopata. Se houvesse qualquer outra pessoa a quem ele pudesse recorrer, Tristan tê-la-ia escolhido, mas não havia, pelo que não escolheu. Não estava sequer convencido de que deveria estar ali naquele momento, mas, pensando bem, a solução parecia-lhe muito simples. Tão simples que por um momento de impulso se tinha sobreposto a outras coisas, como a antipatia geral que tinha pelo homem sem camisa junto à porta.

Nico sugou uma bochecha e mastigou-a a pensar, talvez desconfiado.

— E se eu não te quiser ajudar?

Então, tal como eu desconfiava, não me serves de nada, foi o que Tristan não disse muito inteligentemente.

Em vez disso, encolheu os ombros.

— Triste. Não irremediavelmente triste. Só inconveniente. — Virou-se, uma vez que já tinha gastado mais tempo do que pretendia quando bateu à porta de Nico, mas este deteve-o com um suspiro cheio de longo sofrimento.

— Está bem — disse Nico. — Diz-me o que queres dizer.

— A vontade de viver de Schopenhauer — disse Tristan.

— Muito bem, usa palavras melhores — sugeriu Nico, a cruzar os braços sobre o peito nu. Não era inusitado para ele estar indiscretamente semivestido, mas, pela primeira vez, parecia ao corrente disso de uma forma auto-consciente. — Ou, tipo, mais palavras.

O peito de Nico estava coberto por um brilho fino de suor que, de repente, Tristan achou anormal. Ao pensar no assunto por um brevíssimo instante (afinal, era normal os humanos suarem de vez em quando), apercebeu-se que era porque nunca tinha visto Nico nem Libby a terem de regular a temperatura corporal no passado. Enquanto os outros adaptavam os comportamentos e guarda-roupas ao clima, Nico muitas vezes não o fazia. E Libby, que parecia apaixonada por malhas de uma forma assaz estética, só lhe parecera fisicamente alterada quando, pouco tempo antes, tivera de fazer uso de uma quantidade substancial de magia: um nível de esforço que, para o melhor e para o pior, Tristan compreendia intimamente.

— Estás muito suado — observou Tristan, antes de se arrepender imediatamente ao ver a expressão de Nico a contorcer-se numa espécie de sorriso malicioso.

O que é que Atlas chamara a Tristan uma vez? Um intelectual? Era mais a fama do que o proveito.

— Os meus olhos estão aqui em cima — disse Nico numa voz irritante com que Tristan não tinha tempo a perder.

— Estava só... esquece. — Tristan olhou para ele, furioso. Por nenhuma razão em particular, na verdade. Só porque lhe parecia que podia expressar uma opinião sobre a questão da interação entre ambos antes de qualquer um deles ficar confuso. — A vontade de viver de Schopenhauer diz que há algo inato em cada um de nós. Algo como a autopreservação, que, no essencial, se manifesta em momentos de morte iminente.

— Certo. — Nico franziu o sobrolho e encostou-se à ombreira da porta. — Então achas que vais conseguir aceder a algo imediatamente antes de morreres?

— Não acho. Sei. — Afinal, ele tinha-o experienciado pouco tempo antes e, a menos que estivesse muito enganado, Atlas também o tinha visto. O silêncio de Atlas sobre o assunto era, provavelmente, mais revelador do que a desconfiança pessoal de Tristan. — Só preciso de algo que acelere o processo.

— Processo de quê?

— De... ver. Coisas. Não sei. — A conversa estava a descarrilar rapidamente. — Eu tenho alguma coisa — disse Tristan, a ficar irritado. — Alguma capacidade que eu não compreendo. Mas não a posso usar a menos que as coisas estejam muito...

— Negras? — aventou Nico.

— Sim. — Tristan tinha a sensação de que tinham conseguido finalmente chegar a um momento de sincronicidade: estavam ambos a visualizar o cadáver de Libby Rhodes no chão do quarto dela, que também fora o momento em que ambos se aperceberam de que havia algo na ausência dela que só eles compreendiam. — Já a usei um punhado de vezes no passado — acrescentou Tristan. — Acho que... acho que consigo aceder a alguma coisa. Algo que muda a forma como vejo a realidade. Mas... — disse, antes de parar de repente.

Nico esperou.

— Mas não o consigo fazer com velocidade suficiente — confessou Tristan com um resmoneio. — Penso que só o conseguirei quando a minha vida estiver em risco. E dado que tu já morreste uma vez...

— Desculpa, o quê? — disse Nico, antes de Tristan se lembrar que o *dossier* sobre os outros que Callum tinha partilhado com ele —, a informação que Callum tinha obtido nos arquivos da biblioteca que, entre outras coisas, dizia que a magia de Nico de Varona já tinha permitido ressuscitá-lo num momento de esforço intenso, não era exatamente do conhecimento geral.

— Desculpa, lapso de língua, eu só... — Ótimo. Suor e agora línguas.

— A questão é que fazes muitas coisas estúpidas muito regularmente — clarificou Tristan com brusquidão.

— Ah, certo. Verdade. — O sobrolho de Nico franziu-se em concentração. — Embora não tenha por costume matar pessoas.

— Que sorte a tua. — O despeito saiu sem esforço nenhum. — Acredito que tenhas reparado que, quando tento, tenho tendência a falhar.

Nico, pelo menos, parecia reconhecer o passo em falso.

— Não foi minha intenção...

— Não me interessa qual era a tua intenção — disse Tristan, o que era verdade, ou provavelmente verdade. — Mas quero começar a experimentar em breve. Tipo agora.

— Agora? — Nico pestanejou, depois fez cara feia. — O que é que queres que eu faça? Que vá buscar a espingarda de caça e te leve lá para trás?

— Acho que isso iria implicar cosmética em demasia — disse Tristan.

— Tenta manter o rosto bonito, se não te importas.

— Ah, portanto agora também temos vaidade no meio disto, que bom.

— Mas Nico estava claramente a ponderar as possibilidades. — Estás a pensar... eletrocussão? Asfixia? Sufocamento?

— Quanto tempo é que passaste a imaginar a minha morte, afinal? — perguntou Tristan.

— Não passei mais tempo do que as outras pessoas, com certeza. — Os dedos de Nico tamborilaram distraidamente no lado da perna. Também parecia ter arrefecido um pouco, não que Tristan estivesse a reparar. — Está

bem. Certo. — Assentiu com a cabeça. — Mas vou ler um pouco do Schopenhauer.

Tristan tentou árdua e infrutiferamente não resmungar.

— Está bem.

— E quero... pensar no assunto. Refiro-me a formas de o fazer. — Nico parecia estar a ser sincero e quase cuidadoso. — Porque se algo correr mal...

— És um físico — disse Tristan secamente. — Se algo correr mal, é bom que resolvas a situação, caralho. — As palavras, como a maioria do que ele dizia nos tempos mais recentes, saíram mais contundentes do que ele pretendia.

— Não poderás fazer nada se eu não for capaz — atirou Nico, igualmente pungente.

Ficaram ambos tensos, Nico encostado ao outro lado da ombreira da porta enquanto Tristan mudou o peso da perna esquerda para a direita.

— Bem — disse Nico, a passar a mão pelo cabelo despenteado e com ar de quem estava à procura de um ramo de oliveira. — A Rhodes confiou em ti. Isso eu sei.

E esta era, provavelmente, a razão por que Tristan recorrera a Nico.

— Sim.

— E tu... e o que fores capaz de fazer. — Nico contemplou-o em silêncio. — É obviamente algo que vale a pena explorar.

— Sim. — Claramente. — Penso que deverá ser...

Mas depois Tristan deteve-se, porque não queria enganar-se.

— Só acho que compreenderia melhor se acertasse no momento certo — disse ele, a escolher as palavras com cuidado.

Nico pensou no que ele estava a dizer por mais um momento.

— Está bem — disse. — Mas não voltes a acordar-me a esta hora.

Faço o que me apetecer, pensou Tristan, irritado, embora ao fim de um momento de indignidade, tenha decidido que provavelmente era um pedido

justo. Tinha por hábito perder a noção do tempo no abismo que era aquela casa.

— Está bem, pronto.

— E é melhor que o façamos quando a Parisa estiver a dormir — acrescentou Nico, posteriormente. — Não quero ninguém a ler a minha mente e a gritar-me por causa disso.

— Está bem. — Também era um ponto válido. Não que Parisa fosse gritar com ele, mas não há dúvida de que gozaria com ambos. Partindo do princípio de que Tristan sobreviveria à experiência, claro. — Hoje à noite, então.

— ótimo. Adeus. — Nico afastou-se da porta e fechou-a com firmeza, deixando Tristan sozinho no corredor.

Antes de conseguir virar-se para se dirigir para o quarto, houve uma porta que se abriu à direita dele.

— Bem — disse uma voz na periferia dele, e Tristan pôs-se tenso.

Tristan virou-se devagar para Callum, que estava a olhar para ele com algo que poderia muito bem ser regozijo.

— A fazer amigos novos? — perguntou Callum. Estava a bebericar de uma caneca, que não deveria estar cheia de chá de camomila. Embora, quem haveria de adivinhar? Callum não parecia mais nem menos perturbado do que o habitual. Talvez tivesse dormido como um bebé. Ou um morto.

— Acho que já tenho amigos suficientes — respondeu Tristan com firmeza.

O rosto de Callum abriu-se num sorriso largo e trocista.

— É compreensível. — Deu um passo para voltar para o interior do quarto e parou. — Eu... — começou, depois voltou a parar e encolheu os ombros. — Bem, talvez seja melhor pensares em lidar com isto tudo — disse ele, fazendo um gesto vago para Tristan. — Idealmente de uma forma mais saudável do que a congeminar esquemas perigosos com uma criança hiperativa.

Tristan sentiu outro assomo de raiva sem direção.

— Presumo que tenhas observações.

— Sugestões amigáveis, talvez? Eu, por mim, considero o ioga extraordinariamente revigorante. — Callum levou a caneca aos lábios, os olhos fixados nos de Tristan. — Mas não me atreveria a fazer nenhuma observação.

Maravilhoso.

— É só isso?

— Basicamente. — Callum afastou-se do corredor. — Boa noite, então.

— É de manhã — apontou Tristan.

— Só para quem não tem imaginação — respondeu Callum por cima do ombro, e afastou-se do limiar para voltar para o quarto.

Tristan tinha sorte por Callum ter assuntos mais prementes para resolver. Dirigiu-se para o quarto, a pensar dormir um pouco, depois desistiu devido ao despropósito daquela ideia e decidiu sair até ao limite do terreno da casa. Debaixo do braço levava um bloco de notas no qual andava a escrevinhar desde a conclusão do ritual de iniciação e que deveria conter ostensivamente investigação para o tema de estudo independente (o currículo do segundo ano nos arquivos da Sociedade era uma página absurdamente esparsa — «cada iniciado contribuirá com um tratado com significância para os arquivos, cujo tema será escolhido pelo próprio» — seguida de uma única frase que Tristan, alegado académico e possuidor de palavras, continuava a não concluir satisfatoriamente), mas que, na verdade, continha diagramas incompreensíveis sobre nada.

Bem, nada não. Tristan compreendia algumas coisas fundamentais aqui e ali. Uma: sabia que era capaz de ver o tempo. Estava provado; *Rhodesificado* até. Duas: sabia que era capaz de ver a forma e os contornos da magia, que lhe pareciam ondas granuladas de energia. Era uma questão que teria de discutir com um físico, embora não se imaginasse a consultar Nico sobre nenhum assunto de cariz intelectual nos tempos que se avizinhavam. Uma coisa de cada vez. Primeiro o assassinato, depois as demandas académicas.

Riu-se até resfolegar para ele próprio, repugnado. Tinha-se transformado naquilo, era? Uma espécie de bobo estouvado encantado pelo

perigo? Sentia a forma como algo dentro dele mudara com a vivacidade do brilho de uma faca. Sempre fora uma pessoa cheia de raiva, mas era o tipo de raiva que não tinha escape, porque era uma raiva relativamente aos intangíveis. A vida. O destino. As circunstâncias. Tinha raiva do enquadramento em que tinha nascido, tinha raiva de quem era. Mas, de repente, ótimas notícias, era tudo muito mais concreto! Tinha raiva de Callum, que, basicamente, ameaçara matá-lo, além do que, por mera diversão, parecia ter *dado fortemente a entender* que Tristan era fraco, pequeno e bastante idiota.

O que era verdade. Daí a raiva.

Mas as coisas estavam a mudar paulatinamente. A dar frutos. A raiva estava a tornar-se produtiva. Porque Tristan dissera a si próprio que Callum não era o proprietário do seu valor — não era *seu* proprietário — e que ele, Tristan, tinha um valor inato, que se satisfazia a si próprio, porque via, sentia, fazia coisas que os outros não eram capazes de ver, sentir nem fazer. E tinha finalmente uma oportunidade de provar que era verdade.

Nos momentos que antecederam a projeção em que Libby Rhodes o matara, Tristan tivera o ensejo de criar uma estratégia de fuga. Vira o destino que o esperava e, ao fazê-lo, alterou a perceção que tinha da realidade. Outra vez. Porque começava a compreender que a realidade não era objetiva e, na verdade, nunca o fora. De acordo com a realidade *objetiva*, se um medeico utilizasse uma ilusão para esconder a sua própria aparência por artes mágicas, os efeitos da magia deveriam manter-se. Provavelmente, os olhos de Callum deveriam ter um aspeto cerúleo e castigador para Tristan, mas não: tinham apenas um tom azul normal e humano. Havia algo a dizer sobre isso, sobre a relatividade, e a relação entre o observador e o observado, mas a teoria não podia ir tão longe. Tristan não via aquilo a que os outros chamavam realidade, mas via algo mais útil. A definição que ele tinha da realidade implicava a identificação das estruturas do tempo e do espaço, mas a experiência que tinha do mundo estava sempre a servir de obstáculo à capacidade que teria de lhe chegar. Só nos momentos em que colocava a consciência à mercê de uma fratura ou da expiração é que era capaz de se dissociar dela e de abrir um outro olho para uma verdade mais elevada e mais verdadeira.

Estava no limite do terreno da casa, para lá dos cornizos, a recordar um tempo em que era capaz de aceder a um outro plano. O outro homem, o viajante — Ezra, se bem se lembrava do nome dele — tinha-se encontrado com ele naquele plano, e Tristan fechara os olhos para tentar alcançar algum tipo de... seria nirvana a palavra certa? Talvez se ele quisesse ser um perfeito idiota pretensioso, sim. Mas pouco importava, porque algo nas defesas do limiar do terreno tinha mudado.

Tristan voltou a abrir os olhos, desiludido. O padrão granulado grosso das defesas parecia mais denso ou talvez as pequenas brechas de autorização que ele atravessara tivessem desaparecido. As janelas de fluidez tinham sido sugadas por um vácuo, embora, pretensamente, isso se devesse a alguma falha que ele não tinha previsto. As defesas que alguém tinha violado, que nunca ninguém deveria violar, tinham sido reparadas. O que significava que Tristan tinha deixado de poder movimentar-se no meio delas, por mais pequenas que fossem as manobras.

Tristan perguntou-se se deveria falar com Parisa sobre o assunto. Era óbvio que ela tinha visto alguma coisa na magia dele e, pelo que ele conseguia perceber, tinha sido uma visão precisa. Por conseguinte, a projeção que ela fizera dele durante o seu ritual não era desprovida de poder. Na verdade, a projeção que ela fizera dele vira algo. Um padrão de ondas, uma progressão de energia. Era exatamente o que o verdadeiro Tristan já tinha visto no passado. No entanto, nunca se tinha apercebido de que Parisa também sabia da sua existência. Mas o que o estava a incomodar não era o facto de Parisa ter visto aquela progressão de energia, mas o de ter decido não interagir com ela. Numa simulação em que só eles dois conseguiam ver o que estava a acontecer com precisão, ela decidira desligar-se por completo.

Seria um reflexo do que ela pensava sobre ele, perguntou-se Tristan, no sentido em que não considerava o assunto importante?

— Oi — disse uma voz atrás dele, e Tristan abriu os olhos para o anoitecer já escuro como breu.

Para isso e para Nico de Varona.

— Andava à tua procura — disse Nico, que atirou um livro para Tristan, que o apanhou. Era uma coletânea de apontamentos de Schopenhauer sobre transcendentalismo.

Tristan relanceou para o livro e depois desviou o olhar. Já sabia tudo o que precisava de saber sobre transcendentalismo, daí a teoria.

— E?

— E o conceito é sólido. — Nico deixou-se cair pesadamente no chão ao lado de Tristan. — O que é que deverá acontecer se eu aceitar?

— Já te disse. Matas-me, mas não completamente. — Não eram, de todo, instruções difíceis de seguir e Tristan começava a perguntar-se se já tinha levado Nico ao expoente máximo das capacidades de pensamento inteligente.

— Não, o que é que deverá acontecer no momento antes de morreres. — Nico virou-se para olhar para ele. — É essa a parte que eu não compreendo. Sim, certo, acontece alguma coisa. Adrenalina ou algo parecido. Magia? — perguntou, e Tristan encolheu os ombros. — O que é que vês exatamente?

A questão era mesmo essa, não era? A questão que passara o dia inteiro a colocar a si próprio. E era o objetivo do exercício, porque, chegado àquele ponto, o tempo preciso que tinha na Sociedade estava a esvair-se e ele não tinha dias inteiros a perder.

Tristan estava cansado de colocar questões a si próprio. Cansado de estar entre pessoas que já tinham compreendido os limites que tinham, ou a falta deles. Já tinha perdido um ano de vida em confusão quando lhe tinham prometido a grandeza: tinham-lhe jurado, sem margem para dúvidas, que *ele* era grande. Só lhe restava um ano para provar a Atlas Blakely e, por conseguinte, a ele próprio, que tinha algo de único. Que era ali, àquela casa, a viver ao lado dos maiores medeicos de uma geração, se não de uma era, que ele pertencia.

— Vejo tudo — disse Tristan. — E acho que — acrescentou a aclarar a garganta... que também o posso usar. Que quanto enfrentei a Rhodes naquela simulação...

Tristan sentia Nico a olhar para ele e fixou os olhos no horizonte que recuava devagar.

— ... usei o tempo — disse Tristan. — Foi como se eu me tivesse expandido para fora de mim. Não sei como explicá-lo — acrescentou mas

foi como... naquele momento, além de ser eu próprio, de ter um início e um fim finitos, passei a dobrar-me sobre mim próprio, vezes sem conta. A existir *dentro* e *fora* de mim, numa replicação infinita. Foi como ter a capacidade de entrar noutra...

— Dimensão — murmurou Nico.

— Sim. — Tristan manteve os olhos postos na vagueza da noite.

— O que é engraçado — continuou Tristan — é que já vi a mesma coisa no passado. O meu pai... — Inspirou profundamente em reflexão. Não gostava muito de falar sobre o assunto. Nico não disse nada, o que foi uma ajuda.

— ... não é uma pessoa paciente — disse Tristan por fim. — E é violento por natureza. Costumava ter umas coisas, uns episódios. Explosões, como eu e a minha mãe lhes chamávamos. Ela tinha uma espécie de sexto sentido, uma forma de saber quando deveria usar paninhos quentes com ele, o que dizer para o acalmar. Mas depois morreu. — Tristan engoliu em seco. — Eu continuo a não saber como. Ainda era novo. Perguntei ao meu pai e ele bateu-me com tanta força, que eu juro por Deus que provei o raio das estrelas.

Nico não disse nada, e Tristan sentiu a mistura de amargura e deslealdade que sentia sempre que falava sobre o pai. A dualidade da relação entre eles significava que o amor dele não podia existir sem raiva, e o ódio que ele sentia era igualmente ineficaz porque era frágil e permeado de saudade.

— Eu costumava ter medo da água — disse Tristan. — Não sei porquê. Bem, não era bem da água, era da profundidade. Até que um dia ele me agarrou pelo pescoço em cima do Tamisa.

Silêncio.

Depois de começar a falar, o discurso começou a sair com mais desenvoltura.

— O que é estranho é que ele ficou um pouco mais calmo desde então. Acho que é porque eu cresci. Ou talvez ele tenha visto Deus ou o caralho, não sei. Continua a ser um idiota perverso, não me interpretes mal. — Acrescentou Tristan com um sorriso. — Continua a ser um imbecil, isso é

claro, e não vejo ninguém que possa discordar de mim. Mas fez o resto muito bem. A escuridão. O facto de ser... inusitada, como se alguém se apoderasse dele. Como se fosse possuído por um demónio ou uma merda dessas.

— E agora está mais velho — continuou Tristan ao fim de um segundo. — Mais brando. Já não levanta tanto a voz. Acho que é demasiado sábio para isso, que viu de mais, que sabe de mais. E tem razão, não é? Melhorou com o passar do tempo, é verdade. E não foi só melhorar. Passou a ser mais respeitado, mais atencioso. Fala mais devagar. É justo — disse Tristan com um riso. — Fico a pensar se tudo aquilo terá realmente acontecido, se eu não terei sonhado, porque não podia ser tão mau como eu pensava que era. Porque, se foi assim tão mau — acrescentou se foi realmente *tão mau*, que me levou a ver além do tempo presente quando tinha sete anos e lutava pela vida acima do Tamisa, com certeza mais alguém o teria visto, não é? Deveria haver mais alguém que sabia. Mas ninguém sabia, pelo que talvez tudo não tenha passado de um sonho.

Tristan sentia a boca seca.

— Talvez tenha sido um pesadelo estranho. Ele sempre disse que eu tinha muita imaginação e que eu via as coisas como via porque as estava a inventar. E não deixa de ser estranho que eu acredite nele, não é? Porque é verdade, acredito nele — disse Tristan. E essa é a parte mais merdosa: ele ter-me ensinado a estar sempre assustado quando eu deveria estar a aprender a ver o mundo, a integrar-me nele. Tenho tanto medo que não vejo bem as coisas, a menos que volte lá, àquela sensação de que talvez eu possa morrer. E no momento em que eu tiver de pensar sim, está bem, eu deixo-me ir, nesse preciso momento — disse Tristan a exalar profundamente no momento mais difícil, o momento que fiz absolutamente *tudo* o que podia para nunca voltar a enfrentar antes de vir para aqui, nesse momento terei de ver o impossível, o inacreditável, e, depois, encontrar forças para dizer não, não vou. Não vou cair, não me vou afogar, não vou quebrar e *não vou*...

Respiração funda.

— ... não vou perdoá-lo — disse Tristan. — E não vou perdoar mais ninguém que me faça questionar se mereço viver.

Tristan apercebeu-se ao fim de vários segundos de silêncio de que talvez Nico não lhe tivesse perguntado nada, de que talvez não quisesse saber. Porque toda a gente tinha as suas próprias tragédias e quem caralho haveria de saber se Nico de Varona compreendia aquele tipo de dor? Aquele tipo de *dúvida?* E, ao fim de mais alguns segundos de silêncio, Tristan queria retirar tudo o que tinha dito, porque não suportava a ideia de Nico ter pena dele. Não aguentava ver a expressão dos olhos de Nico que dizia que ele lamentava o que lhe tinha acontecido. Que Tristan era exatamente o que Callum dissera que ele era: uma vítima. Se Nico lhe desse uma palavra de conforto, Tristan tinha a certeza que lhe iria dar um murro na boca com toda a força que tinha.

Ao lado dele, Tristan, mais do que ver, sentiu a boca de Nico a abrir-se e pôs-se tenso e apreensivo. Qualquer coisa, pensou, até uma palavra, até um *suspiro* de desculpa e...

— Acho que deveríamos tentar provocar-te um ataque cardíaco — disse Nico, placidamente. — Manter essa tua cara bonitinha intacta.

Era tão improvável e tão surpreendentemente a única coisa que valia a pena ouvir, que, por um instante, Tristan quase vomitou.

— Sim. — Tristan expirou num fluxo fino e lento de alívio. — Sim, muito bem. Mas não me podes avisar — acrescentou quando se virava para Nico porque se eu souber que está para acontecer...

Naquele momento os nós dos dedos de Nico embateram no peito de Tristan imediatamente antes de tudo ficar preto.

• Parisa •

Não era surpresa para ela que Atlas aparecesse pela primeira vez em semanas só para a ir buscar à sala de leitura. Ela vira-lhe a máscara a cair depois do ritual de iniciação de Tristan e ambos o sabiam, pelo que porque haveria ele de decidir interrompê-la naquele dia, uma terça-feira qualquer, se ela não estivesse prestes a descobrir algo?

— Menina Kamali — disse Atlas, cuja presença inoportuna naquelas ocasiões começava a tornar-se demasiado previsível. — Um momento?

O raio da Reina. Parisa teria olhado furiosa para ela se achasse que o enfado lhe traria benefícios. Só lhe restava esperar que Atlas não tivesse ouvido a última pergunta de Reina, embora, se tivesse, a culpa fosse única e exclusivamente de Parisa. Estava tão ocupada a prestar atenção aos blocos telepáticos dela, que se tinha esquecido de não dizer coisas idiotas *em voz alta.*

Seria de esperar que Atlas tivesse algo a dizer sobre a análise minuciosa que Parisa fizera à senciência dos arquivos. (Ou, como Reina lhe chamou, «a olhar para o vazio». Idiota. Espeta-se uma argola no nariz e alguma obstinação voluntariosa numa menina bonita que sabe usar uma faca e, de repente, a possibilidade de atração esfuma-se.) Ou isso ou Atlas estava finalmente pronto para se livrar de Parisa, o que parecia mais inevitavelmente posto de parte à medida que os dias passavam.

Vou precisar de uma testemunha? perguntou-lhe Parisa secamente em silêncio.

Aprecio sempre estas nossas pequenas conversas, foi a resposta de Atlas. Reina estava a ser inútil como era habitual (a olhar fixamente, reparou Parisa, para o que parecia o pijama de Atlas), pelo que esta aceitou fazer o que lhe fora pedido. Atlas, pelo menos, esperou que Parisa saísse da sala de leitura e fez um gesto para que o seguisse pelo corredor antes de a assaltar com a habitual parada de salamaleques.

— Está bem, menina Kamali?

— Depende para onde estejamos a ir — murmurou ela entre dentes. Percecionou as defesas para ver se havia mais alguém na casa. Callum estava a dirigir-se para a sala de jantar. Tristan estava sentado no jardim, de onde não saía havia várias horas. Nico estava a andar incansavelmente na direção deles pelo caminho que dava para a sala de leitura, o que, pelo menos era uma melhoria em relação às manhãs que passava incansavelmente na cama.

Atlas parecia ter feito a mesma varredura investigatória. Dirigiu-a para uma das portas que dava para jardim, impedindo intencionalmente que se deparassem com Nico.

— Preferia não ter de explicar — disse em resposta ao olhar questionador de Parisa e apontando para o seu estado geral de desleixo.

Parisa relanceou a roupa de Atlas: as calças largas enrugadas, as pantufas.

— Está a usar o dia para tratar do seu bem-estar?

— Preciso da sua ajuda — disse Atlas, ignorando bruscamente o tom sarcástico de Parisa e apontando de volta ao interior da casa depois de o caminho que seguiam não se ter cruzado com o de Nico. — E tomei a deveras lisonjeira decisão de escolher a urgência das suas aptidões em detrimento de qualquer formalidade relacionada com a indumentária, se a menina Kamali não se importa.

— As minhas aptidões? — Parisa levantou uma sobrancelha. Estava razoavelmente certa de que havia algo a atormentar o Curador. No entanto, não estava à espera de que ele partilhasse a tormenta com ela.

— É assim tão improvável? — Conduziu-a para o gabinete dele no corredor sul, fez um gesto para que ela entrasse e fechou a porta depois de entrar atrás dela. — A menina é problematicamente boa na sua especialidade, como ambos nos lembramos com certeza.

Parisa soltou um resfôlego irónico.

— Se está a tentar algum tipo de psicologia inversa para entrar nas minhas boas graças...

— Não estou. Pode manter as graças agrilhoadas à sua vontade. Sente-se — disse Atlas, apontando para a cadeira atrás da secretária. — Fique à

vontade.

A cadeira *dele?* Parisa relanceou-o em confirmação, à espera do que estava para vir. Encolheu os ombros numa aparente falta de resposta.

— Não gosto nada disto — advertiu Parisa num murmúrio de dentes cerrados, embora tenha obedecido com cautela. Deixou-se cair na cadeira do Curador com o sobrolho franzido enquanto Atlas se manteve em pé no centro da sala. *Diga-me a verdade,* lançou-lhe. *Porque é que estamos aqui?*

Era difícil mentir por telepatia. Ele seria capaz de o fazer, se quisesse, mas seria mais difícil.

Preciso da sua ajuda, disse ele de novo. *E juro que esta é a verdade.*

— Muito bem. — Ele parecia estar a ser sincero. — Do que precisa?

— Há um buraco nas defesas — disse Atlas.

— Um buraco telepático? Não, não há — respondeu Parisa. Ela saberia.

— Não, não um buraco telepático. — Atlas esfregou o queixo, que Parisa reparou que não tinha sido escanhoado. A estranheza adensava-se. Ela sempre pensara que ele era relativamente vaidoso ou, pelo menos, taticamente dedicado às aparências.

— De que tipo então? — *E diga lá onde quer chegar,* acrescentou. *Tenho coisas para fazer.*

Refere-se a uma biblioteca senciente para questionar? Não me parece que venha a obter alguma resposta significativa hoje.

Atlas não estava enganado. A única coisa em que Parisa se podia basear era na sensação geral de decadência de Reina (e, a menos que ela estivesse muito enganada, de Nico) e na advertência ameaçadora — *o conhecimento de Parisa é atroz, não se pode tê-lo sem sacrifício* — que lhe ressoava inconclusivamente na cabeça. A questão era, uma vez que já não se esperava que assassinassem um dos congéneres, o que sacrificariam então?

Temos sempre o amanhã, respondeu ela.

Ele lançou-lhe um olhar de ligeira impaciência, mas percebia que estavam num impasse.

— É uma defesa física — admitiu.

Parisa lançou-lhe um relanceio de olhos entrefechados.

— Então chame um físico. Ainda tem um, como se deve lembrar.

— O Sr. de Varona não pode saber disto. — Uma conclusão razoável por mais fértil que fosse a imaginação, embora ainda pouco clara no que respeitava àquele exemplo particular. Atlas sentou-se na cadeira à frente da dela: aquela onde ela deveria estar sentada, tivesse a hierarquia da conversa sido a esperada. — Nem mais ninguém — advertiu.

Interessante. Não que ela planeasse estragar a diversão ao dizê-lo obsequiosamente.

— O Dalton sabe? — perguntou Parisa calmamente.

— O Sr. Ellery não sabe — respondeu Atlas. — É um investigador aqui da casa. Isto não está sob a alçada dele.

— Mas iria colocá-lo sob a minha?

— Só porque não vejo outra forma. — Mais uma vez parecia estar a ser sincero. Era claro que a necessidade de recorrer a Parisa não lhe dava nenhum prazer, o que ela via perfeitamente, porque ele não se tinha preocupado em escondê-lo.

— E se eu disser a alguém? — perguntou Parisa.

Ele passou um polegar distraidamente sobre os nós dos dedos.

— Nesse caso diz a alguém.

— A sua carreira está em risco?

— Acho que sim. — Parecia cansado.

— Isto vai deixá-lo em dívida para comigo? —decidiu perguntar Parisa antes de se ajeitar na cadeira e colocar ambos os tornozelos delicadamente cruzados em cima da secretária de Atlas.

Atlas seguiu o movimento com um esgar. Parisa sorriu angelicamente.

— Não — disse Atlas. — Não fico em dívida consigo. Eu só estou a pedir-lhe um favor e a Parisa pode ajudar-me ou não, conforme deseje. Depois voltaremos aos nossos papéis habituais de Curador e investigadora.

— Parece ter um papel bastante *ativo* com o Dalton — disse Parisa em desafio.

— Menina Kamali — disse Atlas. Uma advertência. — Há um buraco nas defesas ou não?

Parisa suspirou, com pena que ele se tivesse cansado do jogo tão rapidamente. Ela estava a divertir-se extraordinariamente.

— Está bem. — Fechou os olhos para atender à senciência da casa e das suas defesas. A casa tranquilizou-se com o toque dela como um gatinho. — O que é que eu devo procurar?

— Algo com cerca de 1,80 metros de altura.

Ela entreabriu um olho.

— Com que formato.

— Com o formato de um homem. — Atlas inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Calculo que conheça bem essas medidas — murmurou ele, e Parisa pensou em ficar gravemente ofendida antes de optar por ficar encantada.

— Isso é uma piada, Sr. Blakely? Que otimismo surpreendente. — Fechou os olhos e examinou as texturas da magia da casa, a pedir-lhe um favor. Chamemos-lhe patrulha de bairro para as artes medeicas.

— Nada — apontou ao fim de um instante. — À prova de bala.

— Ainda bem. — Atlas expirou no que parecia alívio genuíno. — Obrigado. — Levantou-se. — Agora saia da minha cadeira.

— Quer dizer que já o remendou? — aventou Parisa. Não tinha pressa nenhuma de se levantar da posição de autoridade de Atlas, sobretudo quando havia tanta agitação no ar. Ao ver o olhar de advertência de Atlas, acrescentou inocentemente: — O que precisava de mim se já tinha resolvido o assunto?

— Revisão de pares. — *Levante-se menina Kamali. Tenho de trabalhar.*

Não duvido. Havia claramente mais em jogo do que o que ele estava a revelar.

— Não me diga que é assim tão mau? Alguém deve ter cometido um erro terrível — observou ela com uma solenidade seca.

— Alguém — concordou Atlas —, sem dúvida.

Olharam um para o outro por mais um longo momento antes de Parisa, cada vez mais aborrecida com o impasse, deixar escapar um suspiro. Levantou-se e apontou para a cadeira.

— É toda sua.

— Deveras. — Atlas parou ao lado da secretária, à espera.

Parisa fez o mesmo.

— Então — disse ela. — Suponho que ouviu o que eu e a Reina estávamos a...

— Estavam à procura de algo que não batesse certo — disse Atlas, a esfregar uma ruga na têmpora. — Ou algum tipo de plano sinistro. Não consigo imaginar porquê.

— Digamos que *é* da minha natureza — sugeriu Parisa. — Ou que tem que ver com o facto de toda a gente ter um plano próprio e de haver sempre algo que não bate certo. Quem haverá de dizer?

Talvez por se aperceber de que ela não estava com pressa para se ir embora, Atlas sentou-se à secretária, acendeu o monitor fino do computador e voltou à correspondência. Parisa apercebeu-se de que nunca o tinha visto a usar um computador, mas era claro que o trabalho dele era logisticamente mais trivial do que ela imaginava.

— Está a seguir-nos? — perguntou.

— Não — respondeu Atlas sem levantar a cabeça.

— Mas há algo que está, não há? — O *conhecimento é atroz. O Dalton disse esta frase por uma razão.*

Não faço a menor ideia do que está a falar. — Tenha um bom dia, menina Kamali.

— Aquela simulação. A cerimónia do ritual foi... quais foram as palavras do Dalton? *Não* era um teste. — Parisa abandonou as tentativas de ser subtil e colocou-se à frente da secretária, lançando a sua sombra sobre ela. — Aquela cerimónia não foi para nosso benefício. Nós já conquistámos o nosso lugar nesta casa, como tinha dito, pelo que conhecermos as fraquezas uns dos outros já não servia de nada. — Ele não a desmentiu. —

A não ser que houvesse outra coisa a tentar saber mais sobre nós. A observar-nos. — Outra coisa ou talvez outrem.

Atlas digitou um ponto final com um gesto vincado antes de relancear para ela.

— E o que acha que essa *coisa* tão esquiva quereria saber?

— Os nossos padrões — respondeu Parisa imediatamente. — Os nossos comportamentos.

— Para quê? — perguntou Atlas. — Considera-se assim tão interessante que acha que tudo o que faz merece uma análise?

Considerava, sim. E, mais importante naquele momento, ele estava a fazer-se difícil de propósito.

— É isto o que eu recebo por o ajudar? — perguntou ela com um suspiro de desilusão.

— É. — Atlas recostou-se na cadeira. — Receio que as minhas provisões de gratidão eterna tenham de ser reabastecidas.

Parisa sentiu a bolha de um sorriso a assomar-lhe à garganta, o que era uma mudança de ritmo surpreendente. Aquela resposta contundente, que era tão pouco habitual nele, chegou quase a ser agradável.

— Sabe, gosto de si assim — comentou ela em voz alta. — A falta de rodeios é particularmente revigorante.

— É muito fácil gostar-se de mim, menina Kamali. — *Ou como é que acha que eu cheguei até aqui?*

Bem visto.

— Então — disse ela. — Quer dizer que isto tem que ver com a Libby Rhodes? Chamar-me até aqui, o buraco nas defesas?

Desta vez ele olhou diretamente para ela.

Porque é que diz isso?

Foi um erro catastrófico o desaparecimento da Rhodes sem o seu conhecimento, respondeu ela. *E só uma catástrofe o levaria até mim.*

Ele olhou-a nos olhos durante mais alguns segundos. O pequeno relógio na parede avançou até à hora, ambos intensamente imóveis.

— Onde é que acha que ela está? — perguntou Parisa.

— Não sei.

Parisa ponderou o tom da resposta.

Mas sabe quem a levou.

— Tenho os meus palpites — disse ele, vincadamente ambivalente. Tão cansativo.

Responda-me por aqui, desafiou ela.

A boca dele cerrou-se de impaciência.

Sim. Sei quem a levou.

A resposta era suficientemente óbvia.

Um homem com cerca de 1,80 metros de altura?

Sim.

Um físico?

Uma espécie de.

E não vai contar aos outros?

Os outros não precisam de saber.

Parisa não concordava.

Mas acha que está viva?

A esperança é a última a morrer.

Sabe que o Varona vai continuar à procura dela, talvez até o Tristan faça o mesmo...

E espero que a encontrem, disse Atlas. Porque eu não consigo.

Até ali parecia verdade, se não completamente honesto.

Onde é que acha que ela está?, perguntou Parisa de novo.

Não sei, disse ele de novo.

Mas, desta vez, foi diferente. Na cabeça dele, a resposta foi amorfa. Não sabia a resposta concretamente, mas sabia algo e o que sabia era uma traição de tal magnitude que até ele, Atlas Blakely, Curador da Sociedade de Alexandria, ficava pequeno e humano. O esforço de blindar as defesas

custara-lhe muito, e não apenas do ponto de vista físico. Algo dentro dele se alterara para sempre, ficara arruinado para sempre, desaparecera para sempre.

Atlas Blakely tinha perdido algo, isso já era claro para Parisa. Algo que tinha que ver com os seus objetivos de vida, que não era algo que olhasse de forma tão desprendida para ser uma paixão, mas era mais elevado, mais denso e mais puro do que a felicidade ou a alegria.

O paradeiro de Libby Rhodes era uma questão menor, minúscula, diminuída por uma questão mais ampla relacionada com as coisas que passara a saber. *De tudo* o que sabia, na verdade. O mundo dele encontrava-se fora de órbita, em desequilíbrio.

Fora isso que levara Tristan — ou algo que Tristan fizera — a voltar à estase. Porque, quando Atlas se revelava impotente, Tristan era a resposta. Atlas tinha potencial outra vez. Estava lançado. Recorrera a Parisa porque perdera algo. Algo que, no passado, definira todo o seu ser, tudo o que ele era. Já não interessava o que ela sabia ou o que ela via, porque Atlas tinha Tristan. A órbita dele tinha mudado.

Algures na enormidade dos pensamentos em torvelinho de Atlas estava precisamente a razão que o levara a chamar Parisa. Havia sussurros, fragmentos de conversas na cabeça dele. Onde estava Libby Rhodes? Perdida para os pecados de Atlas Blakely. Parisa captou fragmentos de uma ideia, lascas de memórias a flutuar como asas errantes ou fios a desenrolar-se. Parisa encontrou as pontas gastas e fez o que fazia melhor.

Puxou-as.

... o raio dos livros...

... morta, viva a Sociedade...

... está feito?...

... sabe como passar fome...

... tu e eu, vamos...

... solutamente os dois com certeza...

... morre, a natureza faz um novo...

... Sociedade está morta...

... dizer que encontraste alguma coisa? Pensei...

...faz um novo...

... Atlas, não és um...

... e eu, vamos tomar conta disto, vamos...

... ser deuses.

Parisa inspirou profundamente, e afastou-se de Atlas com um passo. Aquela resposta, que Parisa lhe tinha roubado, era uma violação. Ela sabia-o e ele também.

— Vou assumir que as nossas pequenas tréguas acabaram — murmurou Parisa. Uma espécie de pedido de desculpa.

— Adeus, menina Kamali — disse Atlas, o que não era um perdão.

Ela saiu do gabinete de Atlas ciente de que ele não se dera ao trabalho de levantar a cabeça do computador.

Não obstante, os lábios de Parisa franziram-se num sorriso surpreendentemente vitorioso.

— Tenho a sensação de que não vamos demorar a ver-te, Rhodes — comentou para o vazio a abanar a cabeça enquanto vagueava alegremente pelo corredor adiante.

• Libby •

Nos tempos mais recentes, Libby Rhodes tinha começado a dormir de uma forma como nunca tinha dormido. O que teria mudado? Talvez fosse o ambiente. Os lençóis frios, o chamamento do descanso, a falta de coisas para fazer a não ser sucumbir a uma escuridão cavernosa. Ou talvez fosse o facto de o ex-namorado a ter raptado, traído e deixado praticamente à mercê da morte. Afinal, quem haveria realmente de adivinhar.

Dormia como uma viciada: ficava com água na boca à espera de mais uma oportunidade de se enroscar de lado na cama, de ficar enterrada debaixo dos cobertores, embrulhada na infelicidade de estar perdida. O processo de manter a existência tornara-se tão cansativo, que a única opção que lhe restava era sucumbir à inutilidade eterna e deixar-se cair numa profundeza inexplorável. Quando estava acordada, vagueava pelo quarto que se tinha tornado o seu cativeiro, completamente monstruoso, a transformar fumo em chama só para sentir o ar a ser sugado em redor dela, como se ela tivesse sido atada a uma espécie de nó de forca fluido.

Não que ela tivesse desistido.

Era como se todas as horas que estava a dormir estivessem a revelar-lhe uma ideia inacabada que a mente consciente não conseguia perceber porque ela estava — como sempre estivera — demasiado ansiosa, demasiado entregue ao primoroso pânico de fugas hipotéticas. Libby sempre fora insuportável quando estava acordada — bastava perguntar a Nico de Varona ou a Reina Mori; bastava perguntar a Tristan Caine ou a Parisa Kamali; bastava tentar perguntar a Callum Nova, partindo do princípio de que ainda estava vivo — e agora que tinha sido deixada sozinha consigo própria, também ela estava de acordo: era a pior pessoa que conhecera na vida e aquela com quem seria mais difícil passar bons momentos num único quarto.

Para que se possa desenhar o cenário, os ingredientes do cativeiro de Libby eram os seguintes:

Uma caixa com uma janela. A janela era uma ilusão, portanto, para todos os efeitos e fins, não existia nada para lá dela. A observação dava a entender a Libby, que em determinado momento do passado existira no universo, que se tratava de um estúdio terrível ou um quarto de um motel barato. O mais certo era que Ezra, o ex-namorado que ela não considerava sádico de nenhuma forma reconhecível até pouco tempo antes, não tivesse possibilidade de gastar a magia num alojamento mais habitável. No entanto poderia ser uma questão meramente económica. Os comportamentos que exibia indicavam que ele não vivia no local, e quem é que conseguia suportar duas rendas com a economia no estado em que estava, afinal?

Havia uma porta, fechada e protegida, em segundo plano. À direita havia uma pequena casa de banho que ela lamentava ter de usar. Ser arrastada da preciosa incubação do sono meditativo e retemperador para fazer as vontades à dependência obstinada que o corpo tinha da consciência era uma das coisas de que menos gostava. Passava muito pouco tempo naquela casa de banho e raramente abria os olhos quando lá ia.

À esquerda estava a cama e, diga-se, não era nenhuma prisão. Aha! Um laivo de afeto ou talvez apenas humanidade do homem que no passado fora obsequioso ao ponto de a deixar ir e vir à vontade. Os lençóis, de malha de algodão, eram suaves e sumptuosos sem deixarem de ser confortáveis e despretensiosos. Afinal, Ezra dormira na cama dela durante quase três anos. Os lençóis cheiravam a peónia e lavanda, uma flor madura combinada com o conforto suave e abafado do creme de mãos para as artrites da avó. Era maravilhosa a atenção ao detalhe que ele revelava ao encher-lhe aquela pequena cela como se ela fosse um animal de estimação problemático e ansioso. Passou dias sem comer nada com receio de que ele pudesse tentar administrar-lhe algum remédio. Acabou por perceber que ele não era perigoso e que, na verdade, se ela morresse ele ficaria muito zangado consigo próprio. Ezra queria que ela ficasse ali, longe de uma qualquer tirania exorbitante para a qual ele desconfiava que ela estava a contribuir ou da qual estava a ser cúmplice. Elizabeth Rhodes, destruidora de mundos. Só de pensar nisso ficava com desejo de comer um dónute, ou talvez uma espécie de pastel de nata.

Sem querer perder o fio à meada, ela pensava em Tristan mais ou menos da mesma forma muitas vezes. Pensava em todos eles, nos outros cinco a

quem pertencia havia pouco tempo, mas cada um parecia acompanhar-lhe o pensamento de forma diferente. Nico era incansável, sempre a maçá-la. *Rhodes, acorda; Rhodes, tu és fogo; Rhodes, deixa arder.* Libby queria que ele lhe desaparecesse da vista porque a cansava de uma forma que era diferente de qualquer outra. Não a deixava dormir, mas o que é que ela haveria de fazer? Já andara à procura de magia que pudesse usar para fugir, mas aquele quarto, aquelas defesas, tinham sido concebidas para ela, contra ela. Todos os elementos de magia que estavam a ser usados naquele quarto eram inimigos dela, aprimorados e escolhidos especificamente para a impedir de pisar a linha.

Reina era uma presença maravilhosa no espírito de Libby, muito calma, tranquila. Por vezes permitia que Libby tivesse um vislumbre por cima do livro que estava a ler a dar-lhe a entender que *tu, Libby Rhodes, és uma idiota, e nunca ninguém sente falta de uma idiota.*

Rhodes estás a ser cansativa, se tivesse de adivinhar, diria que serias uma vítima terrível. (Esta era a contribuição de Parisa.) Às vezes, não passava de um sussurro lascivo na orelha de Libby. Outras vezes era um suspiro, aborrecido, acompanhado de um vislumbre da barriga da perna debaixo do vestido. *Oh, Rhodes, és um exemplo de desespero tão deplorável, deixa-te disso ou terei de ir à procura de outra coisa qualquer para me divertir.*

Olha para as partes, Rhodes.

Este era Tristan. Libby permitia-se delinear os contornos destas interações com mais frequência do que das outras, de as reproduzir como projeções no local onde estava deitada envolta na sua roupa de cama com aroma floral, o seu casulo algodoado. Ele vagueava em direção a ela, olhos pesados e glutões, com uma paciência devastadora. *Olha para as partes, Rhodes, é a única forma de ver o todo.* O mais habitual era que aquelas incursões mentais descarrilassem desenfreadamente e ela ficasse com o desejo de uma dose de algo, uma porção de fantasia. Brincava consigo própria, permitindo-se sentir o gosto das projeções imprudentes que imaginava para as reverter no momento em que a sensação se aproximava do prazer e reprimindo a depressão em movimento lento para não desperdiçar o doce-amargo da experiência.

No entanto, Callum interrompia-a. *Ninguém gosta de um mártir, Rhodes,* dizia, com interjeições de reprovação enquanto examinava as unhas. *Poderia ajudar-te se me pedisses.*

Não para ser verdadeiramente útil, claro. *Só porque a tua ansiedade me está a dar uma dor de cabeça,* apontava.

Chegada a esse ponto, Libby lembrava-se de que Callum provavelmente já estaria morto — que, seguramente, mesmo que Tristan tivesse falhado, um dos outros, talvez Parisa, trataria de remediar a situação — e sentia-se melhor durante algum tempo, mas Callum sempre fora mais difícil de afastar do que os outros.

Estás a ignorar as partes importantes, dizia.

E ela responderia com o óbvio. Defesas. Algo ali estava a contrariar a magia que habitualmente lhe saía com muita facilidade. Havia algo cinético, que a deixava sonolenta, mole, lenta a responder, como se houvesse uma toxina no ar. Ela sabia que estava lá e sabia o que era. O que não sabia era o que a esperava se se fosse embora.

Onde teria Ezra Fowler, um homem com quem seria capaz de passar o resto da vida de acordo com o que dissera certo dia em privado à mãe, decidido colocá-la?

Cá *vamos nós, Rhodes, agora, sim, estás a pensar. Nem tudo é uma questão de fisicalidades amplas. Na maior parte das vezes, tudo se resume à fraqueza fundamental de um único ser humano. Sabes sequer quantas fraturas uma pessoa pode ter? Olha para os teus próprios defeitos e não sejas estúpida. Não és especial por teres defeitos, toda a gente tem feridas. Toda a gente tem algo a esconder.*

Nesta altura, Callum levantava-se e esticava as pernas compridas, olhando com desdém aristocrático para o que a rodeava. *Sabias que a maioria dos nossos comportamentos vem da adolescência? Os gostos evoluem, mas há uma parte específica da juventude que nunca nos deixa. Não é por acaso que dizem que são os nossos anos de formação. Porque acabamos sempre por voltar a eles de alguma maneira.*

A conversa de Callum era sempre sobre as pessoas, sobre a fragilidade dos humanos, como se ele fosse de outra espécie qualquer, o que talvez até

fosse verdade. Falava sempre de fora para dentro, como se ele fosse apenas o público de uma comédia que se desenrolava em palco.

E para Callum, que nunca se entregava, que nunca se envolvia, era sempre uma comédia. Libby perguntou-se se a ideia de, dentre todas as pessoas que ele considerava tão completamente inúteis, ter sido ele que decidiram matar teria sido engraçada ou hilariante para ele. Não conseguia deixar de achar que ele consideraria a traição divertida no mais puro dos sentidos: absurda ao ponto de ser entretida.

Tentou olhar para as coisas com a perspetiva de Callum. Seguiu o conselho de Tristan e olhou para as partes que compunham o todo, porque as evidências pareciam dar a entender que Ezra Fowler estava ferverosamente convencido de que, ao conter Libby, estava, na verdade, a salvar genuinamente o mundo. E se havia algo que precisava de ser olhado mais de perto seria provavelmente a ideia de que Libby tinha alguma importância fortuita, por mais pequena ou remota que fosse.

Ela nunca se tinha lembrado de nada, claro, mas a verdade era que pensar como Callum conferia um sabor ligeiramente mais interessante a tudo o que a rodeava. Seria possível a alguém fazer face à perspetiva de ser um sexto de um código nuclear distópico sem sorrir e voltar para a cama? Que foi exatamente o que Libby fez, insistentemente, até começar a sonhar. A sonolência crónica que sentia era suficiente para lhe deixar o corpo entorpecido e vazio, mas o cérebro, antes muito mais ocupado com os estudos académicos do que seria normal em qualquer sonho de uma estudante mortal, não se contentava com uma estase tão desafetada.

Aposto que o gosto musical dele é péssimo, dizia Callum, com um desdém pouco surpreendente ao presumir que qualquer amante de Libby seria dolorosamente banal. *Ele não seria capaz de lutar contra o apego em relação ao que ouvia quando tinha* 15 *ou 16 anos. E o que seria?*

Bem, Ezra era mais ou menos da mesma idade de Atlas, segundo ele. Considerava-se desprovido de um sotaque, o que era impossível: a fala dele teria por necessidade de pertencer a uma parte única do mundo. O próprio Ezra nunca se referira a outro local que não Los Angeles, que era uma cidade enorme que Libby só tinha visto numas férias de família em que tinham ido conhecer um quebra-mar onde as crianças podiam brincar e que

estava fechado na altura devido à subida perigosa das marés. Ezra dissera que fora criado pela mãe, que não tinha irmãos e que não falava com ninguém de casa havia vários anos. Libby assumira que ele e a mãe se tinham afastado até à noite em que ele a corrigiu, quando a garrafa de um champanhe barato já ia a meio numa festa de Ano Novo: na verdade, a mãe dele tinha morrido. Já estava morta havia algum tempo. Tinha morrido quando ele era ainda criança.

Bem, é daí que vem o heroísmo, disse Callum em tom trocista. *Culpa de sobrevivente e essas coisas. O peso da responsabilidade.* Libby sabia que Ezra era assim, que tendia a querer salvá-la das suas ansiedades em vez de se limitar a ouvi-la quando ela falava. Ezra queria que ela *quisesse* ser salva, e ela pensara que as ocasiões em que lhe fazia a vontade eram apenas coisas que as pessoas faziam em relações. Ego masculino ou algo parecido. Coisas que as boas namoradas faziam para manter a paz.

O ego é uma coisa engraçada, observava Callum, ainda a aparecer sem ser convidado nas fantasias sexuais de Libby ou sempre a fazer pouco da sua indisposição crescente. *Pretensamente, o ego revela a pessoa como ela é, sabias, Rhodes? Rhodes, não estás a ouvir. Não há muitas pessoas que compreendam realmente quem são, ainda não percebeste isso?*

Uma Libby anterior diria que era claro que ela se compreendia a si própria, afinal, ela era ela própria, mas, dada a natureza dos acontecimentos mais recentes, sentia que tinha de recuar e repensar aquilo em que acreditava. Libby percebia muito bem que *não* estava a ser ela própria naquele momento, o que lhe parecia uma perceção suficiente dadas as circunstâncias.

Não conseguimos deixar de nos ater às nossas origens, dizia Callum. *O passado parece sempre mais ordenado, Rhodes. Parece sempre mais claro, mais linear, mais fácil de perceber. Desejamos voltar a ele, à sensação de simplicidade, mas só um idiota se dedicaria a perseguir o passado, porque a nossa perceção do passado é falsa: o mundo nunca foi tão simples como o imaginamos. A questão é que, em retrospetiva, parece que o conhecemos e, logo, que o compreendemos.*

...É uma possibilidade, pelo menos, apontava Callum, *embora, como sabes, a densidade de idiotas no mundo seja alta.* Depois lançava-lhe um

riso sem humor e levantava o copo que tinha invariavelmente na mão.

Era por isso que Libby percebia que estava a sonhar: porque olhava para baixo e via que também tinha um copo e que, do outro lado da parede da sala pintada, o céu estava a arder com a previsão de Ezra sobre a forma como o mundo iria acabar. A destruição que Atlas lhes impingiria, fazendo que chovesse como lágrimas de sangue. Ezra nunca chegou a descrever o que vira quando seguira os efeitos do plano de Atlas, mas havia certas coisas que Libby sentia que todos eles deveriam prever pela forma como tinham sido concebidos como espécie. No essencial, o fim dos dias parecia sempre igual, independente da mão que o escrevesse. Toda a humanidade partilhava uma imaginação única e deprimente: incêndios e inundações, gafanhotos e pragas. A Terra a expulsar-nos do seu paraíso apodrecido e espoliado.

A extinção em massa é um logro, lembrava-lhe Callum. *É uma ideia alimentada por cabecinhas pequenas, teorias da conspiração. Claro que não há dinossauros, há lagartos e aves. Esse teu Ezra nunca poderá saber o que viu e, mesmo que soubesse, quem é que poderá considerar que não passa de uma questão de sobrevivência?*

O facto de ela conseguir ouvir Callum a falar-lhe num discurso ininterrupto dava muita credibilidade à ideia de que a negação tinha muito mais tendência a pegar do que a positividade. Libby estava a ouvir as críticas dele com tanta atenção que as conseguia evocar com mais facilidade até do que as palavras tranquilizadoras e ofegantes de Nico ou as correções murmuradas entre dentes por Tristan.

Libby estava tentada a dizer a Callum que ele estava morto e, portanto, era completamente inconsequente, mas, depois, tomou consciência de onde estava e voltou a aperceber-se de que estava a sonhar. Estava, então, no corredor da residência universitária em que morava quando era caloira na NYUMA, um corredor mal iluminado e uma alcatifa expressamente enfeitiçada para não mostrar evidências de uso, embora aquele tipo de magia a deixasse distintamente institucional. (Mais ou menos da mesma forma que a alcatifa dos dormitórios dos mortais tinha frequentemente a cor da habitação repugnante que pretendia esconder.)

Libby avançou com passos mecânicos, superficiais, como se tudo aquilo tivesse sido ensaiado, e bateu à porta de um quarto que sabia vagamente que não era o correto. Mais tarde, quando acordou, percebeu de onde era. (A mente inconsciente fora buscar pormenores da casa senhorial da Sociedade e combinara-os com a viagem da quarta classe ao Museu de História Natural.)

— Gideon Drake? — gritou Libby. — É a Libby Rhodes. Sou a sua anotadora dos serviços da NYUMA para deficientes.

O homem que abriu a porta parecia uma mistura de Tristan com outra pessoa que Libby não reconheceu imediatamente, mas que era um padre que ela achara, cheia de vergonha, muito sensual quando esbarrara com ele na Sétima Avenida no verão anterior. No entanto, sabia que se tratava de «Gideon» da mesma forma que sabia sempre quem eram as pessoas nos sonhos.

Estava a sonhar com a primeira vez que conhecera Gideon, pelo que era óbvio que era com ele que ela estava a falar.

— Libby — disse Gideon com o rosto do padre e de Tristan. — Estás a ouvir-me?

As luzes tremeluziram no corredor e ela deu meia-volta, a sentir-se subitamente ameaçada.

— Deverias ter pedido à Parisa alguns ensinamentos sobre sonhos lúcidos — observou Callum, que não estava lá um momento antes, mas que se encontrava subitamente ao lado dela de novo.

— Mito — disse Libby, mas Callum já tinha desaparecido.

— Libby. — Era Gideon de novo, embora o rosto dele não tivesse mudado. — Tenta fazer alguma coisa. Muda alguma coisa.

Argh, mas ela estava tão *cansada.* E, fosse como fosse, não era assim que as coisas funcionavam. Deviam ter começado com ela e Gideon a conversar sobre narcolepsia antes de ele lhe perguntar porque estava a trabalhar para os serviços para deficientes (passariam semanas, se não meses, até que ela se descaísse e contasse a Nico o hábito fútil que tinha de tirar notas diligentemente na escola, que fora algo que fizera para a irmã Katherine no período interminável em que ela estivera doente) e acabado com Libby a aperceber-se de que Gideon Drake era colega de quarto do

idiota que se sentava atrás dela em Magia Física 101. Seria naquele preciso momento que ela iria decidir odiar Gideon por associação, embora, claro, viesse a acabar por não conseguir fazê-lo. (Não por ele ser narcoléptico, embora fosse uma das razões, mas porque era Gideon. E era impossível odiar Gideon.)

Mas Libby estava a sonhar, e tudo o que ela sabia sobre sonhos lhe dava a entender que estava algures no meio de um ciclo de REM que não durava mais de 20 minutos. Pouco depois, iria começar um sono mais profundo e menos ocupado e iria finalmente ter um descanso muito merecido.

— Sabes — disse Callum, que, pelos vistos, não se tinha ido embora —, isto aqui está um bocado abafado.

— Não posso mudar o ar — disse Libby, furiosa. — Aguenta.

— Na verdade, consegues — disse o Gideon, o rosto uma mistura do padre e Tristan. — E, para dizer a verdade, provavelmente deverias fazê-lo.

Ela olhou para Callum e depois desviou o olhar, exausta. Porque é que ela não podia sonhar com Mira? Tinha saudades de Mira, a colega de quarto na NYUMA. Ou não poderia sonhar com Katherine, que, naquele contexto, imaginava que seria algo parecido com uma assombração carinhosa e não com o sonho recorrente em que ela estava atrasada e Katherine estava algures à espera, longe da vista e impossível de alcançar. Se Libby ia falar com uma pessoa morta, Katherine era a única pessoa de quem gostava realmente. (Libby não conhecera o avô muito bem e ter a vaga ideia de que ele jogou ténis até à provecta idade de 90 anos não substituía ter realmente *conhecido* uma pessoa.)

— Eu sei que não queres — disse padre-Tristan, com o cenho franzido de concentração. — Estás num lugar distante, dá para perceber, mas...

— O futuro é tão *confuso* — observou Callum. — Tão desordenado. Tantos resultados. A entropia só se movimenta numa direção, já pensaste nisso? Como o calor. — Fez uma pequena bola ressaltar no chão três vezes e viu-a a desaparecer. — Viste isto? Claro que não.

— Libby? — perguntou padre-Tristan, a virar-se para Callum. — És tu?

— Não, não sou eu — disse Libby, embora a reflexão momentânea a tivesse deixado a pensar se Callum não parecia, de facto, ligeiramente

estranho. Estava a fazer tudo o que era habitual, mas a forma como estava vestido não estava totalmente correta. Estava a usar um dos *blazers* de Tristan.

De repente, sentiu uma vibração absurda de resistência. Porque é que Callum estava sempre a aparecer quando ela pensava em Tristan? Tinha ciúmes dele até dentro da cabeça, continuava a vê-los como partes interligadas. Que estupidez.

Muda alguma coisa. Está bem, pode ser.

Libby olhou fixamente para o *blazer e* queimou-o, deixando um buraco. Depois, ao ver a pequena nuvem de fumo a subir enrolada, pegou fogo à peça toda e riu-se para ela própria.

(Blazer. Libby estava a lembrar-se do duplo significado da palavra em inglês: casaco de corte clássico ou pessoa que pega fogo a algo.)

— Bem, é um começo — disse Callum, que já não era Callum, mas a própria Libby. Ela percebia-o porque era igual a ela, soava como ela e tinha umas franjas douradas e volumosas de mais que ainda não tinham bem o comprimento normal, como as dela. Sim, era ela, sem dúvida: as chamas tinham amainado e Libby levantou-se das cinzas como uma Vénus tímida sem sombra de sensualidade.

— Caramba — disse Libby para si própria. — Toda a gente sabe que és inútil.

— Libby — disse padre-Tristan, cujo rosto tinha ficado levemente deformado. — Podes mudar o local onde estamos?

Ambas as Libbys relancearam para ele.

— Mudar para o quê?

— Qualquer lugar. Qualquer coisa.

— Como?

— Da mesma maneira que o fazes quando estás acordada.

— Porque é que eu não estou acordada agora?

— O teu corpo está a dormir. Mas a tua mente está acordada.

— Está?

— Não inteiramente. Mas sim, quase.

— És o Gideon? — perguntou Libby a padre-Tristan.

— Sou. — Parecia surpreendido e satisfeito. — Consegues ver-me?

Libby pestanejou e, sim, conseguia. Ali estava ele, todo cabelo aloirado e sombras matizadas. Tinha os ombros com contornos muito arredondados devido à postura curvada. Exaustão constante. A narcolepsia, pensou ela, ou melhor, lembrou-se ela. Lembrou-se também de que nunca soubera qual era a especialidade dele. (Algumas pessoas eram tão ridiculamente reservadas. Para quê, afinal?)

— Como é que eu sei se és mesmo tu? — perguntou ela, desconfiada, e, acima deles, o teto rangeu. Ela olhou para cima, reparou na abside na sala pintada e ficou levemente maravilhada com a suavidade e o tom dourado da luz.

— Estás a acordar, agora, Libby, por isso vais ter de confiar em mim. Sabes onde estamos? — perguntou Gideon.

— Hum, não — disse Libby, antes de pensar no que Callum... Libby... dissera sobre Ezra e os assassinos em série. Não, não os assassinos em série. Os adolescentes. A *adolescência.* Histórias sobre a origem, só que Ezra não era um vilão. Ou seria? Não, a vilã era ela; não, era Atlas; não, era Ezra, raptar as pessoas era um ato grosseiro. Algo sobre as formas. Senhoras, façamos a formação. Não, não, formidável, *fromage*, formativo. — Anos formativos — murmurou.

— O quê? — perguntou Gideon, completamente desnorteado.

Argh, aquilo era esgotante. Ela só queria *dormir.* Era de prever que se deixasse cair nalgum tipo de pesudocoma quando alguém tentasse magoá-la. Se fosse Parisa, o mundo já teria sido arrasado por completo. Nico olharia para Ezra e Ezra morreria sem mais nem menos. Chape. Morte. A morte é o que faz de nós aquilo que somos, que é seres vivos. A mortalidade, aqueles pequenos parênteses tão inteligentes. Nascimentos e mortes, inícios e fins.

— Tempo — disse Libby.

— Estás no futuro?

— Não, claro que não, estúpido — disse Libby, subitamente mal-humorada e avassalada. Possibilidades infinitas. Dissonância estatística. Caminhos divergentes. A entropia só se movimentava numa direção. A ordem era importante para os sequestros. O crime exigia asseio. — Como é que ele me encontraria?

— Quem?

— Tu *sabes* — disse Libby, que começava a aperceber-se de algo. Da bexiga, claro, que raio. Raios. Sorte e azar. Intenção. Qual era a intenção dele? A perturbação. Engraçado pensar na falta de visão de tudo aquilo. O que é que ele ia fazer com ela? Teria de a matar, provavelmente. Não imediatamente, ele iria fazer o caminho até lá, mas acabaria por se aperceber de que não a podia levar de volta, nem a podia esconder e tudo se tornaria simples, fácil, porque ela estava a dormir e não queria levantar problemas porque estava mais interessada em lutar contra a sua própria dissonância cerebral, mas os músculos acabariam por se atrofiar e a magia iria enfezar-se e ela teria acessos de explosividade, e Ezra iria pensar oh nãão esqueci-me que raptei uma rapariga mágica e depois teria de a matar e, claro, todos se sentiriam mal com isso, mas, por fim, ele esqueceria a culpa porque a *intenção* dele era que ela não se intrometesse no seu caminho e só havia uma forma de o assegurar.

— Separações, não é assim? — disse ela a Gideon, cada vez mais difusamente ciente dos cobertores onde estava deitada, e Gideon estava a dizer alguma coisa, mas ela não o conseguia ouvir porque estava ciente de si própria, ciente da sua forma física, ciente de que havia mais alguém no quarto, alguém a acordá-la do sono precioso e sagrado.

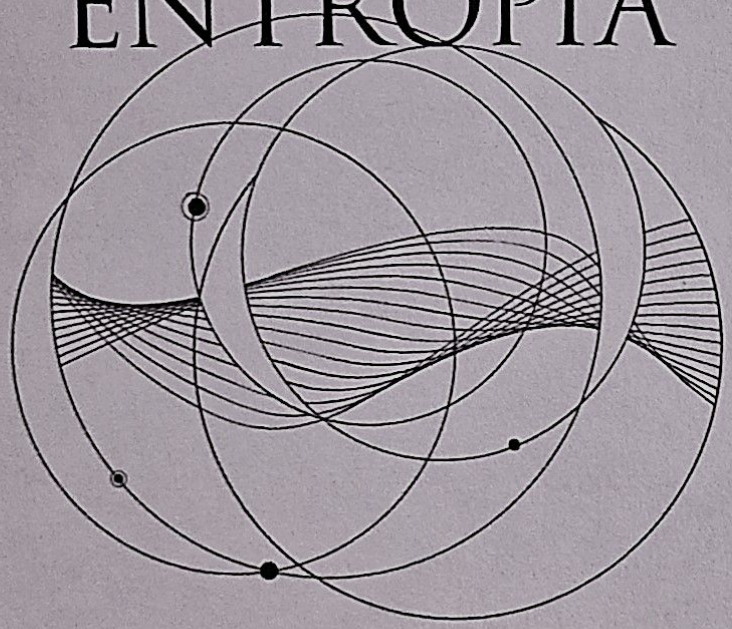
— Libs — a voz de Ezra era suave e lamentosa, familiar e suave. — Estás com fome?

Mais tarde, Libby haveria de pensar que não estava sequer completamente acordada quando a mão dela se levantou e se fechou em volta do pescoço do ex-namorado.

— Sim — disse roucamente. — Estou esfomeada.

IV

ENTROPIA



• Libby •

Libby saiu a cambalear do meio dos destroços, a tossir lascas de tinta e grãos de teto queimado. O céu do outro lado das paredes do pequeno bloco de apartamentos (ou seria um motel? Devia ser um motel, e um daqueles bem sórdidos) estava brilhante, pútrido e ofuscante. Libby via o calor a flutuar acima do asfalto, a turvar-lhe a visão dos passeios rachados com carros delapidados ao lado. Onde quer que ela estivesse, era claramente uma rua industrial, cheia de oficinas de automóveis. A avaliar pelo que conseguia ouvir, estava perto de uma estrada principal. Rajadas de vento quente do deserto passavam-lhe ao lado juntamente com o som de buzinas de automóveis cada vez mais longínquas. Uma mistura de nevoeiro e fumo pairava onde deveria haver um horizonte, uma neblina cinza e difusa a levantar para o céu brilhante e claro.

A rua era estreita, quase não tinha espaço para duas faixas. Libby estremeceu apesar do calor, a onda de chamas irregulares atrás dela como uma fornalha nas costas. Para onde deveria ir? Libby olhou para a esquerda, depois para a direita, depois decidiu que o próximo passo deveria ser lavar-se. Apressou-se a afastar-se do hotel em chamas e escolheu uma direção à sorte, seguindo o caminho da rua.

— Ei — chamou uma voz masculina atrás dela a sair de uma das garagens por que ela acabava de passar. — Vieste agora do fogo lá ao fundo?

O coração de Libby sobressaltou-se quando o homem, que estava vestido com um fato-macaco coberto de óleo, avançou na direção dela. Tinha uma ferramenta nas mãos, uma chave inglesa ou algo semelhante, que ela tentou não ver como arma (paranoia?), embora não conseguisse afastar completamente a ideia da cabeça.

— Hum? Oh, sim. Estava a passar lá ao lado — disse ela, a tentar mostrar um interesse repentino, mas distante, como se não tivesse ideia do que tinha acontecido e, mais importante ainda, não tivesse sido

individualmente responsável por quaisquer danos patrimoniais ou corporais conexos.

Fez força para abrandar a respiração e debateu-se com a sensação de agouro. Normalmente era muito boa a fazê-lo, mas estava com pouca prática nos tempos mais recentes.

— Acho que pode haver pessoas lá dentro — disse ela a roer nitidamente o lábio. Seria melhor mostrar-se mais feminina? Pareceria assim mais vulnerável aos olhos dele e, se fosse o caso, seria bom ou perigoso para ela? Era sempre muito difícil de saber quem estava a salvo e quem estava em risco. Embora, lembrou-se no último segundo, visto que tinha acabado de fazer explodir um edifício enquanto estava apenas semiconsciente, talvez aquelas não fossem preocupações fundamentais.

Poderia ela ter magoado alguém, algum transeunte inocente? Esperava que não. Teve de recorrer a todas as forças que tinha para não voltar a olhar por cima do ombro. Da última vez que tinha olhado, só uma parte do edifício tinha sido dizimada. E a única pessoa que ela pretendera magoar estava bastante viva e firme ainda, o que não era garantia de que ninguém se tivesse magoado.

— Pode pedir ajuda? — perguntou ela.

— Já pedi quando ouvi a explosão. — O mecânico estava a olhar para ela com o cenho franzido. — De início pensei que era o motor de um carro a explodir. Estavas só... a passar?

Libby teria de admitir que a mentira não era grande coisa. O bairro, se assim pudesse ser chamado, estava longe de ser pitoresco e Libby Rhodes, uma mulher com pouco mais de 20 anos e aparência delicada (bem, académica), era precisamente o género de perfil demográfico que evitava aquele tipo de cenário.

— Ouvi a explosão e quis ver se estava tudo bem — mentiu. — Tem um telefone? — perguntou, embora duvidasse de que tivesse tempo para o usar antes de alguém reparar que havia mais alguém dentro do edifício.

Pior, não sabia bem a quem ligar.

— A ambulância já está a caminho. — O mecânico ainda estava a fitá-la com o cenho franzido; olhava, especificamente, para algo no rosto dela.

Libby seguiu-lhe o olhar, levou a mão ao rosto e apercebeu-se imediatamente de que havia uma escorrência lenta de humidade a pingar-lhe da testa.

Limpou-a o mais descontraidamente possível, reparando na reveladora mancha de sangue que devia estar naquele preciso momento a saturar-lhe as, entretanto, muito estranhas franjas.

O mecânico era um risco, portanto. Só que de uma forma muito diferente do que a que ela esperava.

— Se viste o que aconteceu... — começou ele.

— Oh, não, não vi, desculpe. — Todos os instintos que tinha lhe diziam: *corre*. — Mas vou ver se consigo ir buscar alguma água ou assim. Para o caso de haver alguém preso lá dentro.

A expressão do rosto do mecânico denotava que ele desconfiava que ela tinha feito alguma coisa.

— Provavelmente é melhor que fiques por aqui — disse, os olhos entrefechados. — A polícia pode ter perguntas para fazer, pelo que se viste alguma coisa...

— Eu já volto! — gritou Libby, que se virou e continuou a caminhar, cada vez mais depressa quando se ouviu uma segunda explosão no motel atrás dela. Provavelmente uma conduta de gás. Libby estremeceu um pouco, esperando mais uma vez que não houvesse mais ninguém no interior.

Mesmo sem olhar por cima do ombro, no fundo do subconsciente era difícil deixar de ver o lugar onde Ezra jazia inconsciente no chão, o peito a expandir-se e a contrair-se muito levemente. Estava a respirar quando ela saiu do edifício, provavelmente não demoraria a ser encontrado, mas não deixava de ser preocupante.

Libby desviou os pensamentos de culpa de Ezra e caminhou o mais depressa que podia em direção ao que esperava poder ser algo que lhe desse alguma indicação sobre o local onde se encontrava. Havia uma estação de serviço, um sítio pequeno. Talvez tivesse um telefone. Sentiu um súbito alívio por pelo menos ter a luz do dia a ajudá-la, grata por não ter rebentado

metade da estrutura do edifício à meia-noite ou em qualquer outra hora mais perigosa.

O que teria acontecido exatamente? Continuava tudo muito pouco claro para ela. Tinha apenas uma levíssima sensação de memória, como algo retirado de um sonho. Algo, uma ideia, um conceito ou a letra de uma canção lhe ficara gravado no cérebro. Algo sobre ter menos limites do que ela pensava que tinha?

Além disso, claro, tinha acabado de mandar tudo pelos ares.

Ha.

Bem. Se havia um bom momento para não ter limites, provavelmente era aquele.

Libby manteve o passo apressado quando se aproximou da estação de serviço, que tinha um aspeto estranho. Não tinha pensado que estava num lugar remoto, mas talvez estivesse. Ou não? Sentia a cabeça a martelar, a vibração dos passos largos pelo passeio a reverberar-lhe no cérebro. Estar acordada oprimia-a cada vez mais. Tudo parecia muito mais violento, dos fumos dos carros e dos vapores da tinta em redor à solubilidade das defesas que ela deixara para trás.

Onde é que ela estava? Seguramente a uma boa distância da casa senhorial da Sociedade. Ezra podia ter sido um cabrão traidor e um perfeito dissimulado, mas, infelizmente, não era nenhum idiota. Além disso, era um medeico muito menos medíocre do que Nico sempre previra, o que deixava Libby mais aborrecida de novo. Porque era óbvio que Nico iria voltar a aparecer-lhe nos pensamentos, num momento de necessidade, com o único fito de não ajudar em nada.

Libby tinha a garganta seca, os lábios rachados. Estava desidratada quase de certeza. Além disso, tinha andado a comer pouco, ou mal, ou nada até. Fora tudo um excelente plano de Ezra, aquele estúpido nada idiota, que sabia claramente, ou, pelo menos, desconfiava, que ela teria algo que ver com a sua própria destruição se alguma vez tentasse evadir-se da cela que em que ele a fechara. Libby guardaria as forças para algo daquela magnitude — se soubesse que era capaz disso, era óbvio que o faria —, mas não, claro que não o fez. Ela fizera metade do trabalho de Ezra por ele, deixando que os seus próprios alicerces ruíssem com o tempo.

Furiosa, mastigou a pele escamosa do lábio inferior. Ela era mais inteligente do que aquilo. E estava mais zangada do que nunca com tudo o que tinha acontecido. Onde quer que estivesse, não chegara lá por decisão própria e, pior, fora enganada. Era o que dava ter sentimentos, ver as coisas boas nas pessoas, baixar a guarda e ser verdadeira, honesta e, logo, fraca. Um dia, teria de examinar esse traço específico em terapia, mas, naquele momento, deixou que a dominasse. Deixou que a consumisse. Na maioria das circunstâncias, seria uma decisão pouco sensata, possivelmente perigosa, até, mas Nico de Varona faria o mesmo. E se ela tivesse feito o equivalente a colocar o dedo numa tomada elétrica qual era o problema? Estendera a mão e carregara no botão de autodestruição, o que era algo que podia não ter feito se não fosse a lembrança distante e inexplicável de que, na verdade, era *ela* que tinha o destino nas mãos. O resultado foi verdadeiramente explosivo.

Sentia a pulsação a acelerar de novo, passo a passo. A respiração tornou-se mais ofegante e o cheiro a fumo mais intenso. Vinha-lhe das palmas das mãos e subia-lhe pelos ombros. Tinha esperança de que o dono do cenário infernal que tinha acabado de deixar atrás das costas tivesse um seguro que cobrisse explosões espontâneas. A maioria das apólices de seguro previam os acidentes mágicos, não era?

Libby sacudiu-se, lembrando-se de que a culpa era de Ezra. Não fora ela que decidira raptar-se. Tudo o que acontecesse a partir daquele momento era responsabilidade *dele.* O que ela tinha feito em nome da sua própria sobrevivência tinha sido o resultado das escolhas ridículas que ele fizera, e ela só teria de desaparecer rapidamente antes de que ele pudesse voltar a ir atrás dela.

Libby respirou fundo novamente para se tranquilizar antes de empurrar as portas do minimercado da estação de serviço, um daqueles serviços disponíveis 24 horas que devia ser para os camionistas que passavam. A empregada da caixa não levantou os olhos para a porta quando ela entrou, ocupada que estava numa qualquer transação com um homem corpulento com um velho boné de basebol, e Libby aproveitou para se dirigir rapidamente para a casa de banho. Havia um letreiro a dizer «fora de serviço» na porta dos lavabos femininos, mas ela abriu a porta para entrar na mesma e parou à frente do espelho.

Bem. O cabelo estava mau. Nenhuma surpresa nesse aspeto. O rosto parecia inchado e algo amorfo, os olhos cavados como poços fundos nos ossos descarnados da face. Não era o momento para grandes vaidades, era verdade. Há quanto tempo teria desaparecido? Teria de descobrir a data e perceber onde estava. Faria sentido comprar um mapa, um jornal? Ainda se venderiam essas coisas? Daria muito nas vistas se fizesse uma compra tão estranha? Desejou ter o telefone com ela para poder ver onde estava e como voltar para os arquivos. Além disso, se alguém fosse atrás dela por causa da explosão que deixara para trás, seria ela demasiado memorável? Uma rapariga a caminhar sozinha, a comprar coisas que já ninguém usava e com manchas de sangue na testa (esfregou-a, pedaços de toalhitas de papel a colar-se a um tufo de cabelo oleoso) e, claro, estava vestida com...

Olhou para baixo e percebeu que estava vestida com as calças de fato de treino largas que costumava usar, o que não era muito bom. Mas também não era ostensivo.

Sacudiu-se. Muito bem. Não valia a pena preocupar-se com coisas que não podia controlar.

Empurrou a porta para sair da casa de banho e abanou as mãos à frente do rosto como um leque, a fazer de conta que tinha entrado para se refrescar.

— Está calor lá fora — comentou para a empregada de caixa antes de se lembrar que as pessoas normais não faziam conversa com as empregadas de caixa e que ela já estava a ser uma catástrofe na tentativa de se integrar. Felizmente, a empregada da caixa era uma mulher mais velha, pouco interessada no que ela estava a fazer. Bom. Excelente. Libby encaminhou-se para a área de produtos frescos e pegou numa garrafa de *Coca-Cola* que parecia não ser tocada há meio século.

— Vou levar isto... — Alto. Teria dinheiro? Vasculhou os bolsos e percebeu que, argh, as calças eram de Ezra (porque é que os homens ficavam sempre com os bolsos funcionais?) e percebeu que não, como era óbvio, porque Ezra não iria enfiar-lhe uma carteira nos bolsos para lhe facilitar a vida. Fez um esgar e estendeu a mão devagar para a porta do frigorífico para voltar a colocar a garrafa de refrigerante de onde a tinha tirado. A empregada de caixa levantou uma sobrancelha.

— Um destes dias — disse Libby em jeito de explicação embaraçada, a pensar que a mulher poderia estar a pensar que ela seria uma vadia. O que, tecnicamente, concluiu que seria. Sentiu o nariz seco e a escorrer ao mesmo tempo e fungou. O som foi desagradavelmente alto. — Posso usar o telefone?

— O telefone a pagar é lá fora — disse a mulher a pegar nas folhas do jornal para ir diretamente para as últimas páginas. Ao ver aquele movimento, Libby lembrou-se subitamente do pai a dizer algo sobre a afabilidade geriátrica pelas «piadas», a referir-se à secção de humor do jornal. Era algo tão nostálgico... tão *velho*... ler as bandas desenhadas de um jornal. Quase tão ridículo como ouvir alguém dizer que o telefone público era lá fora.

— Ha — disse Libby, que pensava que era uma piada. Não demorou a ser desenganada ao ver a atenção da mulher a desviar-se despreocupadamente. — Oh, certo. — Voltou a fungar e limpou as narinas. Pensou que, *se fosse* uma vadia, não podia estar à espera de que alguém lhe emprestasse o respetivo telefone pessoal. — Bem, eu gostaria de o usar, mas não tenho, hum... — céus, os telefones públicos ainda aceitavam moedas? Que era óbvio que ela não tinha. E também não tinha nenhuma forma de usar um cartão de crédito. — Bem, está bem, esqueça. Obrigada.

Libby virou-se para sair da estação de serviço, a perguntar-se se haveria alguma forma mágica de fazer com que um telefone fizesse uma chamada (provavelmente havia, mas ela nunca precisara de a usar) antes de a empregada da caixa levantar as páginas de jornal, num movimento rápido que desviou os olhos de Libby da caixa registadora. A empregada retirou as páginas em excesso e pousou-as no balcão, claramente sem vontade de as ler.

— Espere... posso ver essas páginas? — perguntou Libby a estender a mão para o jornal que a empregada da caixa estava a ler. A ideia era que o jornal lhe dissesse onde estava e, ao ver as letras visíveis — NGELES TIMES —, calculou que seria Los Angeles.

O calor ficava assim explicado. E provavelmente a irritação que sentia no nariz. Ezra sempre lhe dissera que a qualidade do ar em Los Angeles tinha melhorado muito nos tempos mais recentes, mas uma viagem a Palm

Springs quando era criança deixara Libby com a leve impressão de que não deixava de ser essencialmente um deserto. Costumava provocar Ezra por isso e referia-se à cidade do ex-namorado dizendo que era um lugar cheio de quantidades irritantes de veganismo e calor seco.

— Quarenta cêntimos — disse a empregada da caixa sem levantar a cabeça, o que não parecia correto para Libby, embora ela não comprasse um jornal havia... céus, teria alguma vez comprado? Voltou a fungar e, de seguida, limpou sub-repticiamente o nariz com a manga. Deveria ter pegado em algumas toalhitas de papel.

— Não tenho nada, hum...

A empregada de caixa ajeitou-se no lugar, desinteressada, cruzando o tornozelo por cima da perna e, acidentalmente, abrindo as páginas do jornal com o pé.

Finalmente, um vislumbre claro. Era o *Los Angeles Times*, de facto. Fazia sentido, sendo Ezra oriundo de Los Angeles, embora ele nunca a tivesse levado a «casa», pois insistia que não tinha nenhuma. As parangonas da primeira página diziam respeito a algo relacionado com a política local, nomes de pessoas que ela não conhecia. A data estava um pouco acima, ainda visível: 13 de agosto de 1989.

O quê? Mil novecentos e oitenta e nove?

— Foda-se — disse Libby, que tinha esperança de ainda estar a dormir. — Este jornal... este jornal é de *hoje*, ou...?

A empregada da caixa baixou as páginas de humor do jornal como se estivesse a preparar-se para fazer algum comentário desagradável em resposta, mas deteve-se. Franziu a testa, algo lhe chamou a atenção. No mesmo instante, Libby levou uma mão inconscientemente ao nariz e reparou pela primeira vez que a manga estava manchada de sangue.

— Passa-se alguma coisa consigo? — perguntou a empregada, a olhar para Libby com atenção pela primeira vez.

Na rua, passou uma ambulância que se dirigia para a confusão que Libby tinha deixado para trás. Alguém não demoraria a ir atrás dela, pensou.

Se Ezra não a fosse perseguir primeiro.

— O meu namorado. — Libby sentia a boca seca, mas talvez aquela verdade lhe conviesse. — O meu ex-namorado, bem...

— Oh. — Até ali a mulher compreendia. A expressão do rosto da empregada fez-se empedernida e compreensiva ao mesmo tempo, o queixo a inclinar-se para algum lugar atrás dela. — Saia pela porta das traseiras.

Haveria tempo para lhe dizer alguma coisa, para explicar...? Provavelmente não. Libby sentia-se dividida, mas era uma vitória pequena e necessária depois de uma sequência de azares relacionados com Ezra.

— Obrigada — disse Libby, a precipitar-se para a entrada de serviço da estação de serviço.

— Espere...

Libby voltou-se, levantou uma mão e apanhou por reflexo a garrafa de *Coca-Cola* que a empregada lhe tinha atirado do frigorífico que se encontrava junto ao balcão da caixa.

— Boa sorte — disse a mulher com aparente sinceridade.

Libby assentiu com a cabeça, já a sentir-se culpada. Perguntou-se quanto tempo demoraria até que a empregada da caixa se questionasse sobre o tipo de pessoa que tinha ajudado.

— Obrigada — disse Libby, novamente. Saiu pela porta das traseiras da estação de serviço, a fazer o possível para não correr.

• Callum •

Era uma terça-feira ou um sábado ou outro dia qualquer quando Callum levantou a cabeça, hesitante, do sofá da sala pintada e viu Reina em pé à frente dele.

— Abuso de substâncias — observou Reina, impassível. — A tua imaginação é mesmo pequena.

Reina, pelo que era dado a observar a Callum, estava vestida com uma camisola de capuz comprida, a cor um tom de cinzento utilitário que a família de Callum costumava vender a uma determinada espécie de androginistas exaustivamente aborrecidos, e trazia nas mãos uma pilha de livros que, de repente, pareciam estar a sobrecarregar-lhe o corpo.

Ele afastou-a com um dedo na rótula, a fazer força para a fazer recuar paulatinamente e com dificuldade em levantar-se. Demorou vários segundos a atingir uma posição completamente perpendicular ao chão, mas não se sentiu particularmente bem e teve a sensação de que era demasiado cedo, pelo que abandonou o esforço. Em vez disso, inclinou-se para a frente e pousou a testa na mesa de café.

— Não é abuso — disse, a boca seca — se estiveres a desfrutar delas.

Virou a cabeça e viu que uma das sobrancelhas de Reina estava levantada.

— Por acaso até é — murmurou ela entre dentes —, mas tudo bem.

— Cala-te. — Tinha a cabeça a martelar e não conseguia pensar. Sentia algo nela, algo a vibrar a demasiada altura, de forma muito irritante. Não como Libby, mas algo mais parecido com entusiasmo, que, ainda assim, não encheu as medidas de Callum. Levantou uma mão para aliviar a dor debaixo das têmporas, o que, por sua vez, provocou um acesso de dor perto da barriga da perna. — Ai. *Ai*, puta que *pariu*... — Sentiu um espasmo no músculo, que primeiro se comprimiu e depois provocou dor. Levou a mão à perna e apertou o nó dorido de forma a desfazer as ondas de dor. A cabeça voltou a palpitar imediatamente. — *Foda-se*...

— Bem — continuou Reina. — Quanto à nossa discussão anterior.

— Podes... — A dor aguda na cabeça de Callum estava a arder, alfinetadas de desconforto a criar um tecido de miséria que parecia uma camada fina de gaze em cima dos globos oculares. — Podes parar?

— Eu sei que te disse para ires ter comigo — disse Reina, a responder como se ele não tivesse dito nada. — Mas é óbvio que vai ser preciso mais para te convencer. Portanto, tudo bem. — Escrutinou-o por um segundo antes de se sentar no sofá ao lado dele, aparentemente satisfeita por poder ignorar a agonia que ele estava a sentir e que o tinha obrigado a debruçar-se com suores frios. — Bem — disse ela —, acho que já descortinei o que os arquivos me estão a recusar.

Callum cerrou os dentes e começou a tremer.

— O quê?

— Os arquivos — repetiu ela, mais alto, como se o problema fosse o tom de voz e não o simples facto de ela estar naquele espaço. — Não me estão a dar livros sobre as origens dos deuses.

— O quê?

— A biblioteca dá-me mitologia — disse Reina. — E histórias. Mas por mais que eu tente encontrar as histórias das origens dos deuses, qualquer coisa que vá para lá dos primórdios — disse ela —, como Zeus e os Olímpicos contra Cronos e os Titãs, ou...

— Diz onde é que queres chegar — disse Callum, que não tinha tempo para uma recapitulação da mitologia grega. A personificação narrativa da terra e do céu dava sempre azo ao prazer humano, ao vinho e à guerra. Nada de surpreendente nesse aspeto. Depois da lei e da ordem vinham inevitavelmente a indecência e a arte.

— Bem, os arquivos dizem que não — concluiu Reina amenamente — e acho que é porque posso ser uma.

Daquela ele não estava à espera.

— O quê?

— Acho que posso ser um deus — repetiu ela. — Quero dizer, não um *verdadeiro* deus — acrescentou, cuidadosamente —, porque eu não tenho o teu ego. E estou quase certa de que não sou imortal, embora, quem sabe.

Callum já estava a tremer, definitivamente. Estendeu a mão por cima dela para pegar numas das almofadas e tentou abrigar-se atrás dela.

— Eu não acho que sejas um deus, Reina Mori.

Reina considerou a observação pouco relevante, o que era quase obsceno, uma vez que estava perante o que devia ser um facto.

— Porque não? Eu sou capaz de produzir vida — disse ela. — E, pelo que me é dado a ver, o Antropoceno está a seguir o padrão correto.

Callum ficou enfurecido. Não poderia acabar aquilo?

— O quê?

— O Antropoceno — recitou ela. — É a era geológica atual. Significa que já não há ecossistemas naturais que não tenham sido afetados pelos humanos.

— Eu sei o que significa Antropoceno. Estava a referir-me...

— Ah, referias-te ao padrão? Pois, está bem, em quase todas as culturas há... — Deteve-se a procurar a palavra. — ... gerações de deuses. Eras, épocas. Os primeiros precedem sempre a civilização. — Voltou-se para ele, colocando uma perna debaixo do corpo. — Os primeiros deuses são essencialmente o tempo e os elementos. A terra, o sol, as trevas, as tempestades e os vulcões. Criam os códigos que permitem que todos sobrevivam. Depois criaram a última leva de deuses, que representam a cultura. Sabedoria, misericórdia e... recreação. Os deuses egípcios nasceram do abismo primordial, depois de Hemsut, do destino e da criação. E até o deus judaico-cristão teve um filho.

Reina olhou para Callum para ver se ele a estava a ouvir, o que, para todos os efeitos, parecia não ser o caso. Estava concentrado em aliviar a dor que estava a descer devagar das costas do pescoço para os ombros.

Mas também estava a ouvir. Portanto, tudo bem.

— Compreendido. Continua.

— Chegou a hora de novos deuses — continuou Reina simplesmente. — Progredimos para uma nova geração em que os humanos já não dependem dos caprichos dos elementos, mas de quem os define, dos determinantes.

— Uma pausa. — É por isso que eu penso que os arquivos não me dão os livros. Porque a biblioteca pensa que eu estou à procura de instruções.

— E estás? — Aquilo era uma loucura, provavelmente. Quem haveria de saber, afinal? O que é que importava?

— Não estava. — Mastigou o interior da bochecha. — Mas posso ser persuadida a fazê-lo.

Ah, e não é que aquela escolha de palavras era interessante.

— Por falar em persuasão. — Callum arrastou o olhar para cima para a fitar. — Não estás nem um pouco preocupada que eu possa estar a influenciar-te para quereres isso?

— Tu estás um caco — disse ela sem escárnio. Era um facto indesmentível. — Não estou muito preocupada com o que me podes estar a fazer.

— É justo. — Callum esticou as pernas, enrolou o pescoço, todo ele a oferecer resistência como um acordeão avariado. — Então o que queres de mim?

Reina encolheu os ombros.

— Já te disse. Quero que me uses para te ajudar a influenciar os arquivos. Callum tinha a sensação de que deveria preocupar-se com o assunto.

Achá-lo interessante ou algo assim. Mas não achava.

— Muito bem, então és um deus — resumiu ele. — E depois? Qual é o plano?

— Ainda não tenho nenhum plano — disse Reina sem rodeios.

— Ainda?

— Ainda estão no início da investigação. — Parecia estar a falar completamente a sério, o que era ridículo e, se Callum não estivesse com dores insuportáveis, ter-se-ia rido.

— O que foi que disseste? — perguntou. — Sobre criar vida.

— Eu posso criar vida — foi a reveladora resposta de Reina.

— Muito bem, então cria — sugeriu Callum, recostando-se e apontando para o espaço vazio entre eles. — Vá lá. Surpreende-me.

— Não posso fazê-lo sozinha. — Reina parecia genuinamente desapontada pela primeira vez. — Mas sou *capaz*.

Não poder prová-lo naquele momento dava-lhe muito jeito.

— O que é que precisas para o fazer?

— Eu... — Desviou o olhar e, com isso, Callum sentiu algo vindo dela que se distinguia da palpitação que ele próprio sentia na cabeça. — Não interessa. O que importa é que...

— Estás a sentir-te pequena — percebeu Callum, a lutar contra a sensação de regozijo. — Não me digas que te deixaste afetar pelo Varona?

Ela continuou a não olhá-lo nos olhos.

— Claro que não. O Nico não passa de uma criança.

— Oh, não, não. Falso. — Aquilo era delicioso. Se não tivesse o resto do corpo a passar por uma dor lancinante, seria capaz de saborear aquele momento. — Tu não achas que ele seja uma criança — corrigiu Callum com uma pontada de prazer oportunista. Não que ele se importasse, mas tinha passado *tanto tempo* desde que ele vira alguém a delirar de forma tão notável. — Nunca achaste tal coisa no passado.

— E isso importa? — Reina parecia irritada, como se não fosse capaz de imaginar porque acharia ele o óbvio trauma na psique dela relevante para aquela conversa completamente desconexa. — Porque é que eu haveria de mentir sobre isso?

— Não sei — respondeu ele. — Porque é que as pessoas mentem sobre o que quer que seja? Porque as mentiras são convenientes — respondeu por ela — e as verdades são estúpidas e fazer qualquer coisa por qualquer razão baseia-se numa sequência aleatória de escolhas sustentadas numa moralidade egoísta que assegura que a espécie sobrevive. — Certo, até ele sabia que eram palavras ocas. — O que interessa é que eu não quero saber se estás a mentir ou não — concluiu ele. — Só não compreendo como é que passas de precisar da ajuda do Varona para subitamente decidires que deverás ser Deus não sei bem como.

— Eu não acho que sou *o* deus — disse Reina com impaciência, como se fosse perfeitamente óbvio e ele devesse ter intuído isso mesmo desde o início. — Acho que o mundo mudou e há uma nova definição para os deuses. No mínimo dos mínimos, já se estabeleceu que *há* gerações. Sabias — acrescentou bruscamente, no tom de voz que antecedia uma discussão perdida — que houve uma deusa matriarcal durante milénios antes dos últimos seis mil anos de patriarcado abraâmico? Os cultos femininos do Neolítico antecederam o deus masculino...

— Não sei quê não sei que mais nem todos os homens — murmurou entre dentes Callum, que não estava para se dar ao trabalho de defender o cromossoma Y naquele momento.

— Não estou a fazer nenhum comentário sobre género — atirou Reina com impaciência. — Estou a fazer um comentário sobre a deificação e a mudança. Os deuses *mudam.* Nascem gerações. O que implica que pode haver novos.

— Para um deus — disse Callum, chocarreiro — não estás a fazer muito para me convencer.

— Está bem. — Reina levantou-se, claramente furiosa com ele (não, mais provavelmente consigo própria, embora fosse óbvio que ele não estava a ajudar) e incapaz de o esconder, apesar de parecer estar a tentar. — Alguma coisa do que eu disse tem interesse para ti?

— Gosto da ideia dos arquivos com um cérebro que pode ser influenciado. — Callum fechou os olhos e recostou-se ainda mais no sofá, a sentir que a conversa iria por fim chegar a um ditoso final. — É um pouco apelativa, de facto.

— Um pouco?

No sentido que seria uma desculpa muito conveniente para a desconfiança leve de Callum de que havia partes dele que se estavam a dissolver em putrefação e desespero.

— Bem, pensa em como seria divertido se não passássemos todos de escravos de uma coisa qualquer senciente e sedenta de sague. Não me parece que os arquivos também sejam deuses, ou são? — disse em reflexão, e Reina soltou um suspiro curto e irritado.

— Estás a gozar comigo.

Ele piscou um olhou.

— Claro que estou a gozar contigo. Estás a ser uma idiota.

Ela olhou para ele, fulminante.

— E se isto tivesse sido ideia do Tristan?

Callum sentiu uma estocada de algo. Como um formigueiro num membro dormente.

— O Tristan — murmurou Callum — não *tem* ideias próprias. É disso que eu gosto nele.

Tinha intenção de dizer *gostava*, mas era óbvio que não interessava. Felizmente, Reina já tinha desaparecido, pelo que Callum não teve de justificar o incrivelmente estúpido uso do tempo presente. Além disso, talvez ela viesse a considerar tratar-se de uma tradução fraca.

O dia seguinte era o dia em que eles deveriam ter identificado o tema que iam trabalhar no estudo independente, cerca de duas semanas depois de lhes serem atribuídos os chamados currículos, sobre os quais Callum não tinha pensado um segundo que fosse. Estava irritado, não era assim? O que aconteceria se ele dissesse não obrigado, para mim já chega de livros? Só teria de viver naquele lugar por mais um ano. Ninguém o iria *reprovar* se ele não produzisse nenhum tipo de tese académica. Não estava já a contribuir para a magia da casa pelo facto de existir lá dentro? Tinha contribuído para as defesas. Estavam a alimentar-se da magia dele, claro. Na verdade, se Reina tivesse razão quando disse que os arquivos eram sencientes, provavelmente estavam sempre a alimentar-se dele. Fosse como fosse, já se sentia uma merda na maioria do tempo e era bastante óbvio para qualquer pessoa que estivesse a olhar que Nico estava novamente sob pressão. Tossira poucos dias antes, uma tosse alta, e mostrara-se surpreendido. Provavelmente estava habituado a ter um certo grau de controlo sobre as suas funções orgânicas. Provavelmente não ficava doente muitas vezes, se é que alguma vez ficava.

O que deixava Callum com uma sensação estranha de ligeira irritação devido a algo a que poderia chamar intriga, porque, se os arquivos — ou talvez não os arquivos, mas decididamente alguma fonte de magia na casa

— se estavam a alimentar deles, a rastreá-los, tanto os *dossiers* estatísticos que Callum tinha descoberto como o ritual de iniciação que parecia não ser senão mais uma humilhação com que Atlas Blakely lhes presenteara estavam explicados. Era esta a assunção de Callum: que Atlas, que fora sempre muito claro quanto ao ódio que nutria por Callum, decidira puni-lo ao obrigá-lo a passar tempo com ele próprio.

O feitiço virou-se contra o feiticeiro, pensou Callum. Ninguém sabia melhor do que Callum o terrível que era passar tempo com Callum, exceto talvez Tristan, que andava com vontade de o matar. Portanto, havia isso também.

Seria divertido, portanto — divertido! era a palavra certa, sem dúvida — se, afinal, *não* fosse Atlas quem estava ao leme, mas algo maior, mais sinistro. Se eles se tivessem submetido a observação científica e não o contrário. Afinal, *eles* eram mágicos — eram *eles* que mantinham as defesas em pé, as luzes acesas — e se a biblioteca fosse senciente, porque não haveria de querer o que eles tinham? Talvez, nesse sentido, eles *fossem* deuses. O que era algo a que Callum os tinha comparado, sim, mas sobretudo com fins retóricos. Nunca se tinha dado ao trabalho de pensar se ele seria realmente um deus.

A dado momento, Callum adormeceu no sofá. Por volta das duas horas da manhã, levantou-se e arrastou-se pelas escadas acima. Depois adormeceu na cama dele e dormiu toda a manhã, faltando à reunião em que iriam discutir quais seriam os temas que iriam tratar no estudo independente. Mais tarde, a sentir-se faminto, dirigiu-se, cambaleante, para a sala de jantar, sentou-se numa das cadeiras ornadas e abriu um pacote de tostas para acompanhar a sopa.

Foi então que sentiu uma mão a pousar-lhe no ombro e se virou para ver Reina, novamente.

— Bem, pedi ao Dalton que me explicasse como os arquivos funcionavam — disse ela.

— Está bem. — Callum estava com sede depois das tostas. — E?

— E ele está aqui — disse Reina, a desviar-se para o lado e a fazer um gesto para o lado, onde estava Dalton Ellery com uma expressão muito desconfortável. Ou doente. Ou talvez fosse apenas o aspeto de sempre de

Dalton Ellery e Callum nunca se tivesse dado ao trabalho de reparar antes daquele momento.

— Sim? — disse Callum.

Dalton olhou para ele com uma expressão de preocupação clínica, como se talvez estivesse ciente de que Callum não estava na melhor das formas. Embora, claro, Callum não imaginasse o que poderia ter dado tal impressão a Dalton.

— Os arquivos não entregam todos os títulos a todas as pessoas — disse Dalton. — Não sei se existe alguma razão codificada para o explicar. Mas existe uma implicação dos conteúdos a obter, que foi algo que lhes contámos a todos antes da iniciação.

— Porreiro — disse Callum. — Pergunta respondida, então. Boa sorte.

Virou-se, subitamente a sentir um desejo desesperado do *biryani* da mãe. Não era ela que o cozinhava, claro. Mas encomendava-o e comia-o ao lado dele. Se estivesse de bom humor, que não era sempre o caso. Era uma criatura temperamental, e não num sentido depreciativo, uma vez que os humores mudavam de forma opressiva. Sim, era verdade. Mas às vezes acabavam por ser maravilhosos e, quando isso acontecia, Callum comia *biryani*.

— Não — disse Reina. — Não. Isso é... não. Tenho mais perguntas.

— Sr. Nova — disse Dalton — quanto ao seu tema de estudo independente...

— A menina Mori tem mais perguntas — disse Callum sem olhar e a apontar por cima do ombro para Reina.

— Sim. Porque é que os arquivos rejeitam certos pedidos? — pressionou Reina. — Quais são as especificações de aprovação ou recusa?

— Como disse, não está codificado com exatidão — disse Dalton rigidamente. — Se houver algum tipo de regras concretas para o acesso aos arquivos, não fomos nós que as estabelecemos.

— Quem são os «nós»? — A voz de Reina apresentava um tom mais involuntariamente intimidante. — O senhor e o Atlas?

— Qualquer um de nós — disse Dalton. — Nós somos apenas os guardiães da biblioteca, não os donos.

— A que é que vocês não conseguem ter acesso? — perguntou Reina.

— A minha investigação é altamente específica. Tenho a certeza de que existe um conjunto variado de temas que poderia nunca vir a saber porque não tentei procurá-los.

— Mas...

— Talvez a biblioteca seja como a natureza — aventou Callum com neutralidade, a cutucar o jarro de natas que tinha sido preparado algumas horas antes para o chá. — Está só a rolar os dados.

— Mas a biblioteca *não é* aleatória. — Reina parecia tão irritada que Callum desconfiava que lhe podia dar um murro. — A questão é essa. E se fosse, seria uma coisa — apontou —, mas não é. É específica. Não nos deixa ver certas coisas *específicas.* O que eu quero é saber porquê.

Callum lembrou-se de forma estranha e retorcida que houve um dia em que uma versão anterior dele próprio achara interessante o facto de Libby Rhodes não poder ter acesso a nenhuma informação sobre doenças degenerativas.

— Porque são perigosas — murmurou Callum. A informação poderia ter matado Libby. Não de verdade, claro. Mas de uma forma transformadora e destrutiva, a posse de uma resposta teria matado a centelha de Libby que mantinha a chama acesa e a fazia seguir em frente. Saber com toda a certeza se a irmã deveria ter sobrevivido seria uma âncora que a afundaria num impasse existencial desse por onde desse. Libby só estava verdadeiramente viva porque não sabia a resposta, porque sabia que não podia haver uma resposta. Talvez a biblioteca a estivesse a testar, a obrigá-la a ir mais longe antes de lhe dar o que ela precisava. Ou talvez estivesse apenas a protegê-la, sabendo que ela nunca o faria.

Callum ficou subitamente muito ciente de que Dalton o estava a observar.

— O quê? — perguntou Reina.

— Nada — disse Callum, a afastar a cadeira para longe da mesa para se levantar. — Então — acrescentou dirigindo-se a Dalton. — O senhor e a

Parisa ainda andam a foder?

Dalton olhou para ele a pestanejar.

— Desculpe — disse Callum sem sinceridade. — O senhor e a Parisa ainda andam a fazer amor?

Notou-se uma linha minúscula de tensão entre as sobrancelhas escuras de Dalton, embora lhe deva ter passado pela cabeça que choque era precisamente o que Callum procurava suscitar. Callum, que andava numa fase em que não sentia quase nada, tinha esperança de espoletar algo interessante em Dalton.

Mas Dalton não era grande jogador de equipa, pelos vistos.

— Parece-me que a primeira formulação foi bem mais precisa.

— Certo. — Callum sentiu uma onda repugnante de inveja ao pensar em ter alguém. Ou em estar tão submissamente comprometido com alguém que chegava ao ponto de permitir que um empático que abusava de álcool o fustigasse com palavras de escárnio sem que isso lhe fizesse diferença nem o afetasse significativamente durante o resto do dia. — Certo, bem, bom proveito.

— Espera — disse Reina, deixando Dalton para trás para seguir Callum pelas escadas acima. — Espera — disse ela, já sem fôlego quando chegou perto dele e lhe tentou acompanhar o passo propositadamente alongado. — Não queres saber das pesquisas do *Dalton?*

— Não — disse Callum, que pensou em ir à cozinha. Provavelmente conseguira perceber como fazer um *biryani* se tentasse a sério. Ou poderia simplesmente beber diretamente da torneira e enroscar-se num dos cantos até Reina o deixar finalmente em paz.

— Basicamente, ele disse que nada lhe era negado — disse Reina e repetiu com veemência — *Nada.*

Tão cansativa.

— Sim, e...?

— É uma anomalia. — Estava a pensar com muita força, o que ele considerava que beirava o ofensivo. Será que ela não percebia que se estava

a passar alguma coisa com ele? Claro que não. Estava demasiado ocupada a tentar resolver um mistério inexistente.

— Está bem, é uma anomalia — disse Callum, sem grande emoção. — Acabaste?

— Não, pensa nisso. — Começou a roer a unha do polegar. Um gesto estranhamente parecido com o de Libby, mas, pensando bem, quem dentre eles não tinha já apanhado uma singularidade de Libby? Era claro que Callum tinha decidido deixar-se levar pelo hábito de decadência existencial típico da colega desaparecida.

— A biblioteca nega-nos coisas a todos — disse Reina. — Todos nós queremos pesquisar coisas que não deveríamos, o que é natural, não é? Mas ele consegue *tudo o que pede*. — Relanceou para ele, triunfante. — Alguma vez te perguntaste o que a Parisa vê nele?

Céus, não, nunca.

— A Parisa passou demasiado tempo na França — disse Callum. — Ele faz o género dela, mais nada.

— Não. Errado. — Reina abanou a cabeça. — A Parisa não *gosta* de pessoas.

— Eu também não — disse Callum.

— Exato — concordou Reina. — Mas escolheste o Tristan. Porquê?

— Porque ele é masoquista. E eu sou sádico. — Noutro dia ter-se-ia regozijado com tão notável concisão.

— Não, escolheste-o porque ele era *interessante* para ti. — Reina, por sua vez, parecia cada vez mais satisfeita consigo própria, embora Callum não fosse capaz de imaginar porquê. — E qual é o interesse do Dalton?

— Nenhum — disse Callum.

— Exatamente. — A luz que o rosto de Reina emanava era demasiado forte para Callum. Os raios da vitória feriam-lhe os olhos. — Não vês? Há algo nele que não bate certo.

— Não queres dizer que há algo *nela* que não bate certo? — Não que importasse. Em todos eles havia algo que não batia certo. A questão era precisamente essa. Callum dissera a Tristan que eles eram deuses nascidos

com a dor incorporada, e era verdade. Era isso que os deixava frágeis. Demasiado frágeis para serem os novos Olímpicos, independentemente do que Reina Mori pensasse.

— Não. Não, não vês...? — Ela deixou de andar, mas Callum continuou o seu caminho. Acabou por a deixar para trás no corredor, pelo que decidiu ir à cozinha e roubar um frasco de *Marmite*. Depois foi para o quarto e deitou-se para dormir.

Na manhã seguinte, Callum recebeu um envelope por baixo da porta.

Sr. Nova

Tive conhecimento de que não escolheu um tema para estudo independente. Por favor, entregue o esboço de uma proposta até ao final da semana.

Estava assinado com um A, presumivelmente de Atlas, ou de Asno, a escolha era do freguês. Callum amassou a página e atirou a bola resultante para a banheira antes de voltar para a cama.

Estava escuro quando ouviu alguém a bater à porta. Abriu um olho, à espera.

Silêncio.

Ainda bem.

Voltou a fechar os olhos e alguém bateu à porta de novo.

Callum abriu um olho.

Silêncio.

Fechou os olhos.

Silêncio.

Ainda bem.

E depois alguém voltou a bater à porta e ele saltou da cama, enfurecido.

— O que foi? — disparou, a abrir a porta de chofre.

Era Nico, o que fez Callum ter vontade de o pontapear para o condado ao lado como se de uma bola de futebol americano se tratasse.

— Bem, olá — disse Nico. — Fazes alguma ideia de onde está a Reina?

— Porque é que me estás a perguntar a mim? — Enjoado, Callum lembrou-se subitamente da visão de Tristan a murmurar para Nico em tons sussurrados no corredor.

Não que ele...

Não que *eles*...

A questão não era que Callum desconfiasse que houvesse algo entre eles, fosse amigável ou de outra natureza.

— Bem, não consigo encontrar a Parisa — disse Nico, com o cenho franzido —, senão perguntava-lhe. — Não se referiu a Tristan, o que significava que ele tinha perguntado a Tristan ou Tristan era a razão por que ele estava a perguntar-lhe a ele, o que deixou Callum subitamente aceso de raiva.

— E eu sou o guardião da Reina, por acaso? — perguntou Callum a resmungar.

— Não, eu só... quero dizer, pensei que a podias, tipo, sentir, ou não sei o quê. — Nico parecia cada vez mais agitado, o que, pelo menos, era muito gratificante para Callum.

— Achas que a minha magia é essa? Que eu sou uma espécie de detetor de metais para os teus sentimentos específicos? — Na verdade, até era. Não que alguma vez o fosse admitir, mas todos eles tinham uma assinatura emocional, e se ele quisesse ser prestável, o que não era o caso, saberia exatamente no que se deveria focar para encontra Reina.

— Certo. Desculpa. — Nico virou-se, agitado, sem esperar por uma resposta, e Callum fechou a porta.

Voltou para a cama antes de se aperceber de que não estava cansado. A exaustão que o tinha levado de volta para o sono foi subitamente substituída por uma sensação mais acutilante: a curiosidade.

— Raios — disse Callum para o vazio.

Levantou-se, pegou no robe, precipitou-se para o corredor e passou pelo salão de visitas. Pensou em descer as escadas, calculando que as divisões óbvias eram óbvias, antes de se lembrar que só sabia duas coisas sobre Reina. Primeira, gostava muito de livros e de privacidade. Segunda, as

plantas irritavam-na. Interrompiam-lhe o pensamento e ela guardava-lhes rancor por isso. Era assim que ele sentia a energia dela: a constante exasperação de uma coisa amarrada.

Avançou pelas balaustradas da galeria para a ala este do primeiro andar e apressou o passo em direção à capela. As portas estavam entreabertas. Callum abriu uma e viu Reina no chão debaixo do tríptico de vitral. Estava sentada a ser banhada pela luz da balança da justiça, diretamente abaixo da tocha do conhecimento.

Reina levantou a cabeça e viu Callum, que se apercebeu de que estava a usar um robe de noite e que se apresentava sem sapatos. Depois ela voltou a baixar a cabeça, desinteressada, e avançou uma página no livro.

— A verdade é que estou a ferver de raiva — disse ela sem levantar a cabeça. Não o disse em inglês, mas era uma sensação suficientemente conhecida para ele não ter dificuldade em perceber onde ela queria chegar. — E é terrível. É muito pior estar do que zangada — disse ela, de forma que ele entendesse desta vez — porque a ideia é que eu não me preocupe com nada.

Callum pensou em dizer-lhe que o mundo era essencialmente um lugar estúpido e eles tinham basicamente o mesmo tipo de defeitos. Havia variações aqui e ali, mas, do ponto de vista funcional, eram todos idiotas.

Em vez disso, suspirou, deu alguns passos em frente e sentou-se ao lado dela na madeira fria.

— Se és um deus — disse, a fazer-lhe a vontade — quer dizer que és imortal?

— Como é que eu haveria de saber? E, seja como for, os deuses morrem — disse ela. O tom era circunspecto, à espera que ele a contradissesse. — Estão sempre a morrer.

Ele encolheu os ombros.

— Então o que é que os torna deuses?

— As pessoas que os veneram, creio. — Avançou mais uma página e depois levantou a cabeça. — O que é que dizia sobre mim? O que leste nos arquivos?

— Coisas sobre a tua família. — Ele encostou a cabeça à parede, embora, por uma vez, não sentisse dor nem cansaço. Talvez tivesse finalmente dormido o suficiente. — Que tens mais poder do que qualquer outra pessoa, mas nunca serás capaz de o usar.

Um dia, Callum dissera a Tristan que cada um deles tinha precisamente as cruzes que merecia. Ele compreendia a dele, o facto de sentir tudo porque queria muito, com todo o seu ser, não sentir nada. Porque não sentir nada seria finalmente não sentir dor.

— Há uma citação — disse Reina — de Einstein. A dizer que deus não faz rolar os dados. — Deteve-se. — Não quer dizer um deus como Deus. Significa que nada no universo é aleatório.

— Hum — disse Callum, a fechar os olhos.

— Mas eu costumava não acreditar nisso — continuou Reina. — Acreditava que o universo era completamente aleatório e que era isso que nos iludia. Porque todos queremos acreditar que somos fundamentais de alguma forma. Somos os nossos próprios mitos, as nossas próprias lendas. *Damos* uma razão às coisas. Somos criaturas razoáveis e, por isso, tudo deve estar no lugar, ter um objetivo; mas também somos criaturas egoístas e, por isso, damo-nos razões que não existem.

Callum pensou num mundo onde nada era justificado nem merecido. Em que tudo se limitava a *ser.*

— Mas, se assim for, eu tenho este poder porque algo aconteceu aleatoriamente no universo? — disse Reina. — Será que a entropia, o caos... será que essas coisas fazem *mais* sentido? Que tudo isto... não é a ironia a castigar-nos, apenas aleatoriedade? Somos só coisas, bugigangas a saltar no espaço, a tentar perceber se faz algum sentido? Talvez faça, talvez não faça. Mas a natureza não é completamente aleatória... pergunta a um físico — disse ela secamente, ou o mais seca que Reina conseguia ser. — Há constantes, critério. Regras consistentes que são sempre verdadeiras e nunca mudam.

— Então a tua teoria é que a alternativa ao universo aleatório é... que somos deuses — deduziu Callum devagar.

— É o que somos em todos os aspetos que importam — disse Reina a encolher os ombros. — O poder é real. A magia que nós temos cria ordem. Não cria? Por isso, as coisas podem parecer todas perfeitamente aleatórias — disse ela, a olhar para a frente em contemplação —, mas, na verdade, para nós não são.

Fazia algum sentido, estranhamente. Ou pelo menos ajudava a amainar algo doloroso. Provavelmente não deixava de ser um disparate, mas não era o pior disparate que Callum já tinha ouvido. Já tinha sofrido muito pior dentro da cabeça.

— Então — disse Callum. — E agora?

— Vemos o que os arquivos estão a esconder-nos — disse Reina.

— E eu não poderia simplesmente fazer o pedido por ti?

— Talvez. — Reina encolheu os ombros. — Mas não é mais interessante experimentar desta forma?

Ponto válido. A função deles era estudar, afinal.

— E depois?

— Depois descobrimos o que dão ao Dalton.

Reina parecia muito convicta. Não propriamente fria, mas algo metálico.

Ferro. Era isso mesmo.

Callum era capaz de respeitar isso. E era melhor do que tostas moles. Possivelmente mais interessante do que o abuso de substâncias. Ou, pelo menos, não era um lugar-comum tão grande. Não que ele planeasse admitir que ela tinha razão sobre o assunto nem nada parecido.

— Não me estás a tentar salvar, pois não? — disse Callum. A ideia causava-lhe aversão.

— Não — respondeu Reina. — Não quero dar corda a essa tua cena do «ninguém quer saber», mas a verdade é que me estou nas tintas para ti.

Perfeito.

— Então deveríamos testá-la? A influência? Podíamos experimentar numa pessoa primeiro — disse ele.

Callum viu algo sinistro a acender-se de uma forma belíssima em redor das extremidades da boca de Reina.

— E eu conheço exatamente a pessoa certa — disse ela.

E assim Callum fechou os olhos, temporariamente satisfeito.

• Nico •

O peito de Tristan não se mexeu durante vários segundos.

Do lugar onde estava agachado sobre o corpo de Tristan no chão da sala pintada, Nico levantou a cabeça e relanceou para o relógio em cima da lareira, viu o ponteiro dos segundos a avançar e contou para ele próprio.

— Dezasseis, dezassete, dezoito,...

Pronto, que se foda. Aquela experiência alucinada não iria melhorar com danos cerebrais permanentes. Nico inspirou brevemente e apontou um golpe forte para o coração de Tristan, para o acordar como quem dá um empurrão a um carro que não pega. O efeito foi imediato e talvez exagerado: Nico cambaleou para trás quando Tristan se levantou com um grito abafado, a testa a evitar por pouco um impacto com os dentes da frente de Nico.

— Foda-se — gritou Tristan entre dentes, ofegante, quando Nico bateu com o tornozelo (outra vez) numa mesa vitoriana lateral que estava sempre a estorvar. Nico sentiu mais um pequeno tremor de metal na boca, um ressaibo radioativo decorrente do esforço que fizera para reanimar Tristan. Tentou ganhar tempo, a respirar profundamente, até que as sequelas passassem e depois levantou a cabeça e viu Tristan apoiado sobre os tornozelos, as pernas estendidas como as de uma boneca de trapos enquanto recobrava o fôlego.

— Será que devemos tentar de novo? — perguntou Tristan, o que era algo tão típico do próprio Nico que ele não tinha a certeza qual dos dois deveria estrangular. (Tristan não, já o tinham tentado.)

— Para quê? Para poderes ir morrendo mais devagar com o tempo? — recordou-lhe Nico, irritado por ter de ser a voz da razão, um papel que não cumpria com muita naturalidade e ao qual não deveria ter sido forçado.

Mas Tristan começava a parecer um pouco pálido, o que significava que alguém teria de o fazer. Tristan parecia uma má animação dele próprio e Nico não estava a sair-se muito melhor. Não que lhe apetecesse falar sobre o assunto.

— Isto deveria ter sido bastante simples — murmurou Nico entre dentes para si próprio. Além disso, deveria ser algo que faria uma única vez, não a terceira tentativa de uma noite que já é a terceira em que tentamos esta semana. — A sério que não estamos a ver nada de diferente? — perguntou Tristan, usando, infelizmente, um tom que ele estava certo de que iria dar azo a uma resposta irracional, o que aconteceu, claro.

— Talvez a culpa seja tua — disparou Tristan, o que era claramente um não. — É assim tão difícil quase matar alguém?

— Não sei, Tristan, diz-me tu — atirou Nico, levando Tristan a cerrar a boca, irritado.

Ótimo. As coisas estavam a correr bem, portanto.

Pouca coisa tinha mudado desde a primeira vez em que Nico tentara matar Tristan, o que já tinha acontecido havia bem mais de um mês. Em ambos os casos, Tristan tinha-se limitado a pairar na calada da morte em vez de transformar milagrosamente a visão para discernir o tempo e o espaço como ele afirmava que era seu destino. Cada uma das vezes fora ligeiramente diferente, mas acabara sempre da mesma forma: quer Tristan meditasse antes ou ouvisse *heavy metal* antes ou dormisse antes ou se mantivesse acordado antes, o resultado era que o corpo de Tristan adorava morrer e era claro que o queria fazer mais do que o cérebro de Tristan achava que deveria.

— Talvez tenhamos de arriscar mais — disse Nico. — Ser mais ousados.

— Era esse o *modus operandi* de Nico, afinal. Se as coisas não estavam a funcionar, torná-las piores.

Tristan esfregou a nuca.

— Como?

— Não sei. Tenho de pensar. — Nico queria falar com Reina sobre o assunto, mas Tristan deixara claro que não queria que outras pessoas soubessem do que estavam a fazer. Provavelmente porque pareceria uma loucura, o que não havia dúvida de que era. — Mas seja qual for a tua magia, é obvio que não quer ser incomodada a menos que tenha de ser.

— Talvez o problema seja eu não acreditar realmente que estou a morrer. — A expressão natural de idiota descansado começava a incomodar menos Nico, mas só marginalmente. Naquele momento, tinha um desejo imenso de dar um murro na cara de Tristan.

— Então queres que eu seja um assassino mais convincente? — atirou Nico.

— Talvez queira. — Tristan abanou a cabeça enquanto olhava furioso para Nico, que estava obviamente em falha, porque não. — Deveria ter pedido à Parisa para fazer isto — murmurou Tristan entre dentes para si próprio. — Não tenho dúvidas nenhumas de que me matava se lhe desse meia oportunidade.

— E não te salvaria. O que, para dizer a verdade, me parece ideal neste momento. — Nico deixou a cabeça descair para trás ao encontro do chão e ficou a olhar fixamente para o teto.

Andava a perguntar-se o que pensar de Tristan desde que ele confessara a forma como fora criado, uma partilha que tinha claramente a intenção de limar as arestas demasiado agudas entre ambos. Nico pensara, imbecilmente, que saber alguma coisa sobre a matéria de que Tristan Caine era feito o tornaria mais compreensivo em relação ao colega como um todo, ou mais paciente em geral. Mas, em geral, a paciência não era um dos pontos fortes de Nico e, por mais trágico que fosse o historial de Tristan, a situação estava a ficar demasiado fora de controlo.

— Bem — disse Nico. — Não sei bem quantas mais vezes vou conseguir fazer isto.

Ouviu a respiração de Tristan a falhar, o movimento do peito a ficar preso.

— Oh.

— Eu quero ajudar-te — acrescentou Nico. — Mas talvez tenhas razão, talvez eu não seja capaz.

Tristan não disse nada.

— Porque para que isto funcione — continuou Nico —, tens de encontrar exatamente as condições exatas para acreditares que estás prestes

a morrer. E se achas que eu sou demasiado fraco para te matar, ou demasiado brando, ou...

— Não acho. — A voz de Tristan perpassou o silêncio da sala. — Acho que... Deteve-se.

— Acho que provavelmente és bastante boa pessoa — murmurou Tristan entre dentes.

Nico não disse nada, partindo do princípio de que era um insulto.

— O que não deixa de ser o mesmo problema — concluiu Tristan asperamente. — Porque se és assim tão bom, então sim, não vou poder acreditar que me vais deixar morrer. Ou que eu esteja verdadeiramente em perigo.

— Ótimo — disse Nico soturnamente, a olhar fixamente para as chamas da lareira da sala pintada. — Então quer dizer que acabei de perder um mês da minha vida.

— Sim. — Tristan levantou-se com dificuldade, parando por um momento antes de se aprumar completamente. — O que eu agradeço — acrescentou com aversão agressiva já à frente de Nico.

Nico perguntou-se por um momento se Tristan lhe poderia dar uma mão para o ajudar a levantar-se do chão. Esperava que não. Algo naquela situação toda estava a começar a deixá-lo perturbado. Talvez fosse por ele e Tristan partilharem algum tipo de devastação essencial, algum grau de decadência avançado que nenhum deles queria confessar em voz alta, mas que ambos sabiam que partilhava um nome. E esse nome era Libby Rhodes.

Ajudarem-se um ao outro parecia apenas tornar a devastação pior.

— Boa noite — disse Nico, a fechar os olhos com veemência. Iria viver ali a partir de então, no chão da sala pintada, se fosse preciso.

— Boa noite. — Tristan parou por um momento, mas não muito mais do que isso. Depois saiu da sala num andar surdo, os passos a desaparecer no corredor à medida que Nico abria gradualmente os olhos de novo para olhar para a lareira.

Perguntou-se o que Gideon estaria a fazer. Perguntou-se se Gideon teria encontrado Libby, claro, mas também se se teria rido nesse dia ou pensado em algo estúpido que só Nico iria entender. Nico começava a sentir falta das pequenas coisas, da trivialidade dolorosa da existência na periferia de

Gideon. As coisas que ele enviava para Nico ao longo do dia que contribuíam para alguma linguagem partilhada: uma qualquer corrente de diversão que os unia de tal maneira, que, mesmo quando estavam separados, Nico sabia exatamente o que fazia Gideon rir-se, e Gideon também sabia que Nico não gostava dos ovos virados ou de ver a sua competência a ser questionada. Tal como ele sabia que Gideon diria: *Nicolás, disseste que o ajudarias.* Ou: *eu conheço-te, Nicky, e se há coisa que não és é um mentiroso ou um desistente. Mesmo que também sejas o idiota mais burro que eu já conheci.*

Algo em Nico lhe doía e ele deitou-se de lado com as costas viradas para a lareira. Deixou-se ficar naquela posição por um segundo, a ouvir o relógio a dar horas. A crepitação das chamas foi-se desvanecendo até que as sombras começaram a subir do chão e a sala se encheu de escuridão.

Depois Nico levantou-se e subiu pelas escadas.

Na perspetiva de um físico, tudo o que Tristan lhe tinha explicado sobre os seus poderes fazia sentido e deveria funcionar. Essa era a parte exasperante: o facto de, teoricamente, Tristan ter todas as razões para estar correto. A descrição que ele fazia da sua própria magia, a fusão de espaço e tempo em espaço-tempo, parecia congruente com uma quarta dimensão que só Tristan era capaz de ver. E a explicação que Tristan tinha para o aspeto dessa dimensão, a forma como as partículas se moviam, parecia congruente com o movimento browniano: o facto de os movimentos que pareciam aleatórios não serem verdadeiramente aleatórios, mas terem uma ordem relacionada com algo que Tristan parecia ser capaz de compreender.

— Se eu fosse capaz de perceber os movimentos— dissera Tristan —, seria capaz de os controlar. — E o que Nico não tinha confessado era que, se Tristan fosse capaz de a controlar, seria capaz de fazer mais do que Nico. E mais do que Libby também.

Porque, se fosse capaz de controlar o movimento das coisas nos respetivos *quanta* — até às partículas fundamentais da respetiva energia —, Tristan seria mais do que um físico. Não estaria preso ao mundo físico nem limitado pelas propriedades da força. Além disso. Seria capaz de alterar a química. Seria capaz de viajar no tempo. Seria capaz de identificar os materiais do universo, e, se os pudesse encontrar, seria capaz de os

movimentar. De os *criar.* Seria capaz de inverter a entropia, de dominar o caos. Na verdade, deixaria de haver caos, deixaria de haver aleatoriedade, deixaria de haver espontaneidade. O mundo deixaria de ser composto de coisas, e passaria a constituir-se de eventos, sistemas, caminhos mais vastos que todos os outros, ignorantes como eram, confundiriam com algo humano: uma vontade. Um destino. Um plano. O universo aos olhos de Tristan seria ordenado, o que, mais do que qualquer outra coisa, era o que Nico poderia imaginar que estava mais perto da omnipotência. Estava o mais perto do divino que alguma coisa poderia estar.

E Tristan não lhe teria acesso, e tudo porque Nico não queria verdadeiramente que ele morresse.

E havia algo de muito ridículo nisso.

— Já escolheu o seu tema de estudo? — perguntara Dalton a Nico no início do dia, quando se deparara com ele na sala de leitura. Nico tinha um livro nas mãos, algo que não tinha intenção de ler. O objetivo, lembrara a si próprio, era compreender *Gideon.* Ter respostas *para* Gideon. Continuava a não haver nada mais importante e, em última instância, nenhuma outra razão para a presença continuada de Nico na casa.

Mas havia mais alguma coisa a atraí-lo. Algum despertar da sensação de maravilhamento que ele atribuía a Tristan Caine. Porque nada na magia de Nico fora suficientemente interessante no passado — nem as capacidades nem as limitações que ele tinha — até ao dia em que finalmente percebeu que poderia ir mais longe. Gideon dissera que, se a teoria dele estivesse certa, uma pessoa que fosse capaz de viajar no tempo não tinha, necessariamente, de ser mais poderosa do que Nico — que talvez essa capacidade pudesse ser muito estrita, muito limitada —, mas, se *Tristan* tivesse razão, isso não teria de ser verdade. Por isso, pela primeira vez, Nico de Varona pedira um livro aos arquivos que não tinha que ver com criaturas, nem com a evolução, a classificação ou a genética, mas com a vida.

Aviditas. Apetite. *Aviditas vitae,* apetite pela vida. A fome de vida, que era o motor de tudo. Nico sabia que existia porque tinha visto Reina a criá-la. Sabia que era poderosa porque acreditava que Tristan tinha razão. Acreditava que o desejo de viver, mais do que filosofia, mais do que psicologia, era um princípio primordial da física.

O facto de as coisas poderem desenrolar-se à mínima oportunidade devia-se a uma infraestrutura intrincada. A entropia era a lei — a segunda lei da termodinâmica, para sermos mais precisos — e, portanto, estava escrita na codificação da existência. Um ânimo humano, uma consciência fundamental, continuava a ser um elemento do naturalismo e, logo, do mundo físico, mas dominar a entropia era dominar mais do que uma regra informe do caos. O que isso significava era, talvez, a possibilidade de controlo sobre a cosmologia da própria vida.

O que significaria criar essa centelha de vida? Dominá-la? Gerá-la ou destruí-la à vontade? Que mistérios do universo poderiam eles descobrir se deixassem de associar todas as formas de perigo à inevitabilidade da morte?

Era por isso que era fácil desmontar silenciosamente a fechadura do quarto de Tristan. Avançar sem fazer barulho e suster-lhe a respiração, à espera para determinar o movimento do peito de Tristan. Para se dizer a si próprio que, se Tristan estava, de facto, errado, havia uma lição que valia a pena aprender, uma certeza que valia a pena desafiar. Porque aquilo — Nico estar ali, a respirar, a existir ao mesmo tempo que Tristan Caine, apesar de todas as versões das vidas deles em que não se encontraram — e aquela confluência de eventos não era, não podia ser, uma aleatoriedade. Era a relatividade a funcionar, não era? Nico a existir em função de Tristan e, como consequência, a investigação que faziam a estar fundamentalmente interligada. As experiências de ambos eram partilhadas. A preocupação com Gideon levara Nico até ali, e existir ao lado de Libby puxara por ele, e puxara por Tristan e nada do que levara à sua perda poderia ser aleatório. Não era um acaso. Era um desígnio, e se Nico fosse capaz de *ver* o desígnio, poderia mudá-lo de alguma maneira. Poderia mudar o fim e começar de novo.

Tristan dormia de costas, inquieto. Nico estendeu uma mão e deixou-a a pairar sobre o peito de Tristan.

Depois bateu-a com estrondo, aplicando toda a força em direção ao coração de Tristan logo depois de os olhos deste se terem aberto, o reflexo instintivo de medo a acordá-lo com um resfôlego sufocado.

Havia algo a resistir à magia de Nico, a distorcê-la. Nem fez ricochete nem se inverteu, mas deformou-se, e saiu mortalmente disparada e

enviesada em direção à janela. O vidro estilhaçou-se, partículas destruídas a brilhar no canto do olho e a súbita mudança de ímpeto deixou Nico a cambalear para a frente e a cair de cara na cama de Tristan.

Que estava vazia.

Nico tentou levantar o queixo, o esforço a penetrar-lhe a pontada que sentia no pescoço. Teria de fazer algo acerca do assunto. Levantou a mão para o massajar e depois olhou para cima e viu Tristan em pé ao lado da janela.

Que estava inteira.

Nico pestanejou.

— A janela... está...

— Eu sei. — Tristan olhou fixamente para a mão, que se mantinha estendida na direção da força que a magia de Nico tinha seguido.

A janela não tinha sido partida. A magia de Nico devia ter ido para outro lugar e ter-se-á dissolvido no exterior. Nico sentia a estrutura da casa a assentar, como se a direção da força se tivesse dispersado no vento.

Nico sentou-se devagar.

— Tentaste...?

— Impedi-la? Sim. — Tristan inspecionou os ossos que tinha nas mãos como se estivesse surpreendido por não se terem partido, fechando o punho e abrindo os dedos, ilesos.

— Quer dizer que... — Nico franziu o sobrolho e levantou-se. — Funcionou?

Tristan parecia diferente. A expressão no rosto não estava tão rígida como era habitual, nem estava perdida. Nico conhecia a diferença, a mudança.

Tinha cravado os dentes naquela sensação. Era um assomo de resiliência que lhe subia aos poucos pela coluna. Determinação. Era a garra de um homem que aprendera que podia levar um soco e voltar a levantar-se.

— Seu filho da mãe — disse Tristan, descrente, ou, possivelmente, deslumbrado. — Tentaste matar-me.

— Sim, tentei — disse Nico.

A sobrancelha de Tristan agitou-se de regozijo ou pasmo, a mão a cair-lhe junto à ilharga.

— Porquê? — perguntou.

Nico tentou pensar em algo para dizer que Gideon pudesse considerar produtivo. Depois mudou de ideias e optou por algo que faria Gideon revirar os olhos.

— Porque podia, Tristan — disse Nico de Varona com sinceridade, sentindo um renovado assomo de satisfação ao lembrar-se do que lhe corria nas veias, que não existia por acaso. Tinha nascido assim por uma razão, que, subitamente, se tinha tornado importante... não, crucial... não, *fundamental*... para cumprir as obrigações que tinha. Porque o que ele era nunca tinha sido visto e não podia ser replicado.

Com uma exceção.

— E — disse Nico — porque agora te vou responsabilizar pessoalmente por encontrares uma forma de recuperar a Rhodes.

• Ezra •

Ezra estava a morrer.

De tédio.

Que era, afinal, uma morte muito mais lenta do que a morte por asfixia ou por inalação de fumos. Não que ele tivesse qualquer preocupação nesse aspeto, uma vez que, pelo menos, tivera magia suficiente para se retirar dos destroços provocados pela explosão de Libby. O fogo fora uma consequência que ele fizera o melhor que pudera para evitar, mas que sabia que estava a caminho, como o céu vermelho de manhã. Quando ela o agarrara pela garganta, passara-lhe um clarão pela cabeça, talvez alívio ou sensação de justo castigo, que lhe dizia que Libby poderia matá-lo; poderia desejar vê-lo morrer sob o polegar dela. No entanto, afinal, atirara-o para o lado, deixando-o a morrer no quarto a arder, o que não era a mesma coisa que um assassinato a sangue-frio.

De qualquer forma, Ezra Fowler estava a viajar novamente. Algo que passara a fazer com frequência, a participar em reunião após reunião. Ezra nunca tinha estado em Budapeste, nem em lugar nenhum, na verdade, no que começava a pensar ser o antigamente. Nunca fora muito dado a viagens, uma vez que tinha mais facilidade em visitar o futuro distante do que em tentar obter um passaporte e deixar a sua pegada de carbono num voo para a França.

Pensou que todas as viagens que estava a fazer eram algo bom. Ou, mais precisamente, o que a necessidade de viajar representava, que era a eficácia do plano que tinha gizado. E *era* um plano eficaz, tanto quanto o pode ser um plano, porque era simples. Quando o apresentara aos outros, tornara-se bastante evidente que tinha escolhido corretamente os parceiros de conspiração, porque precisara de poucas palavras para o tornar simples para eles também.

Os seis escolhidos por Ezra eram Nothazai, que, como era sabido, representava o Fórum; James Wessex, que era infamemente James Wessex;

Julian Rivera Pérez, o perito de tecnomancia da CIA cujo trabalho era reconhecidamente inenarrável e publicamente inenarrado; Sef Hassan, o naturalista mineral que representava os interesses mágicos na região do Médio Oriente e Norte de África; um medeico da operação que era mais fácil de encontrar do que de nomear; e uma professora, a Dr.ª Araña, cujos contratos com o governo eram de extrema e notável confidencialidade.

Ao contrário dos seis escolhidos para a Sociedade, os membros da coligação de Ezra foram escolhidos não para se destruírem uns aos outros em nome de um qualquer prémio ilusório e exclusivo, mas para partilharem resultados comuns. Um objetivo comum. O mesmo objetivo, na verdade, que Ezra e Atlas tinham partilhado mais de duas décadas antes: o de acabar com a Sociedade e substituí-la por algo mais amplamente distribuído; algo menos cheio de treta e segredos e com menos pretensões de mistério e intriga, que serviam apenas para esconder o facto de que, debaixo de uma máscara de dignidade e retidão, havia apenas mais um clã de déspotas que queriam ser donos do mundo.

— Eu sei muito bem que cada um de vocês está apostado em ver a sociedade a ser exposta — anunciara Ezra ao grupo na noite fatídica em que se reuniram pela primeira vez. O objetivo de metade deles era ideológico, filosófico. Nothazai e o Fórum queriam que o conhecimento cuidadosamente protegido — ou maliciosamente guardado — da sociedade fosse revelado. Hassan queria levar o conhecimento colonizado e, logo, roubado para o seu devido lugar. A professora, uma ativista em grande medida retirada, queria usar os arquivos para fins académicos tanto no laboratório como na sala de aula. Quanto aos outros, era mais uma questão de lucro, já que a filantropia por si só não pagava as contas nem destruía uma sociedade secreta de medeicos homicidas. O que era importante não eram tanto os meios, mas mais os fins.

— Tive acesso ao conteúdo dos arquivos — dissera Ezra, a revelar cuidadosamente o trunfo que tinha na manga. Os outros eram demasiado hábeis para mostrar a surpresa que sentiram abertamente, mas também não estavam suficientemente desinteressados para a esconder por completo. — E sei em primeira mão que o que cada um de vocês deseja, independentemente das intenções que tenha, está lá presente. — Afinal de contas, no passado, Ezra estivera disposto a desistir de tudo para ser dono

dos arquivos. Para os governar e para o fazer com Atlas, o que fora um erro. Não fizera os cálculos certos para prever que, assim que Atlas fincasse os pés na Sociedade, deixaria de precisar de Ezra por completo.

Era uma oferta bem conhecida, tão tentadora e inespecífica como a da própria Sociedade. As expressões nos rostos em redor da mesa mostravam que cada um deles estava a preencher os respetivos espaços em branco, a determinar os seus próprios tesouros. Só a professora se mostrava mais impassível, no que era acompanhada pela contenção cautelosa de James Wessex.

O bilionário falava muito baixinho, o que não deixava de ser surpreendente. Assim que abriu a boca, os outros inclinaram-se para a frente por instinto, a esforçar-se para o ouvirem.

— Devemos acreditar que a Sociedade permitiu que entrasse e saísse vivo? Partindo do princípio — murmurara Wessex — de que a biblioteca existe mesmo e não passa de uma ilusão coletiva.

Aquelas palavras mereceram um relanceio partilhado de admiração em redor da mesa. Toda a gente sabia que os arquivos da Sociedade existiam. De que outra forma poderia explicar-se a natureza e a topografia do poder ou a forma como certos medeicos pareciam indelevelmente marcados para o sucesso?

A questão era o que os arquivos continham e, ainda mais importante, como prová-lo. E Ezra era o primeiro a poder fazê-lo. Por isso, prosseguira.

— Antes de hoje, a única coisa que alguém teve para comprovar a existência da Sociedade de Alexandria foi a sua sombra. Os medeicos que nunca regressaram ou os que regressaram com um poder inaudito. Até agora era uma questão de especulação ou de dedução feita de fora para dentro. — Ezra detivera-se e olhara diretamente para Nothazai, que estava a olhar para ele com toda a atenção. — Mas posso confirmar-lhes os nomes da última turma de iniciados, bem como as respetivas especialidades. Conheço a educação que tiveram, a infância, o passado. Conheço as famílias, os aliados e os inimigos de cada um. E também sei quais são os candidatos que se mantêm.

Dera-se um momento de pausa.

— E então o seu plano é... ir atrás deles? —perguntara Nothazai com toda a tranquilidade.

— Não — dissera Ezra, embora fosse, em certo sentido. — O Fórum já tem métodos próprios de perseguição e eu acredito que se pode dizer que são ineficazes. — Olhara diretamente para Nothazai depois destas palavras.

Nothazai cruzara os braços em reflexão sobre o peito, mas não ripostara. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, saberia que a arma mais eficaz da sociedade era o secretismo. O que não podia ser provado não poderia ser usado contra eles. Todas as acusações engendradas pelo Fórum contra a Sociedade tinham a mesma consistência de fumo a dissipar-se.

— O meu plano — esclarecera Ezra — é apreender os mais recentes iniciados da Sociedade. Oficialmente. — No passado, sem provas de transgressões, a Sociedade conseguira enterrar os segredos tão eficazmente como enterrara o próprio Ezra, apagando a respetiva existência e criando assim a sua própria ruína. Tinham por rotina expurgar os próprios pecados, confiantes de que a morte das suas promessas de glória lhes compraria o silêncio. Infelizmente para eles, um dos membros era um mentiroso. O que significava que, graças a Atlas Blakely, Ezra estava vivo e gloriosamente zangado. — Vamos poder tratar os candidatos da Sociedade como os criminosos que são — apontara Ezra, referindo-se tacitamente à cláusula de morte que constituía o cerne do contrato da Sociedade — e usá-los para nos conduzir para o interior. A partir daí, para derrubar a Sociedade bastará expor os segredos mais ilícitos que guarda. E são muitos. — Pelo menos um em cada dez anos desde que as bibliotecas ancestrais se instituíram.

Pérez tamborilara com os dedos na mesa.

— Para isso basta um dos iniciados. Não são precisos os cinco. — Ao lado dele, a boca do medeico de Pequim fizera um esgar suficiente para indicar que estava de acordo.

— Quatro — corrigira Ezra, porque, como Libby o tinha informado muito utilmente, um deles estava morto. E o outro estava em segurança. — E um seria suficiente — observou com neutralidade — se a Sociedade permitisse que um deles se afogasse sozinho para não arriscar revelar os seus segredos?

Trocado por miúdos: a Sociedade não hesitaria em martirizar um medeico pela causa. Já o fazia a cada dez anos. Só o grupo inteiro seria suficientemente persuasivo.

Pérez falara imediatamente em tom apaziguador.

— Percebido.

— Mesmo assim, vai precisar de mais recursos. Mais do que apenas os que temos ao dispor. — Os dedos de Nothazai estavam unidos em V à frente da boca. — Os sistemas deles são impenetráveis. Só o Curador já é um adversário extraordinário. — Ezra tentara não se enfurecer ao ouvir a referência a Atlas. — E, mais importante do que isso, a Sociedade não irá cair só por uma turma de medeicos abrir a boca. A biblioteca aguenta-se há tempo de mais para se deixar derrubar por uma fraqueza tão simples.

— O sistema deles não é perfeito — ripostara Ezra, que, naquela mesma noite, já tinha penetrado um vazio nas defesas pretensamente impenetráveis da Sociedade. — E há fraturas entre os iniciados restantes. Não será difícil encontrar fendas nos alicerces da fundação.

Era evidente que a confiança que transmitia estava a começar a afetar os outros, que tinham a expressão de quem tinha acabado de receber um prémio raro e valioso.

Bem, todos menos uma. A atenção de Ezra desviara-se para a professora, que se mantinha complemente queda quando as cabeças dos outros começaram a assentir.

— O que acontecerá à biblioteca depois da apreensão dos iniciados? — perguntara Nothazai.

— Vai ser disponibilizada — dissera Ezra a encolher os ombros. — Vai circular.

— Nem tudo o que está naquela biblioteca é destinado ao consumo público — apontara Pérez. Detivera-se para relancear para o medeico de Pequim, que não olhara para ele, e para James Wessex, que o fizera descaradamente.

Mas Ezra já tinha ouvido aquele argumento no passado. Todos eles tinham.

— É melhor que esteja perigosamente aberta a todos do que nas mãos de uma elite secreta — asseverara. Pérez não tinha como discordar, e os outros também não.

A partir de então, tornara-se evidente para todos eles que os recursos a que Nothazai aludira — poder institucional, operações secretas e, claro, dinheiro — seriam uma componente fundamental do plano. A influência que fossem exercer teria de abarcar o mundo inteiro, unir os objetivos discrepantes, por mais renitência que houvesse, contra um inimigo comum. Além disso, o relógio estava a contar. Depois de serem libertados das obrigações perante os arquivos, os restantes quatro peões de Atlas iriam indubitavelmente estabelecer-se no mundo e colocar-se numa posição que não admitiria repreensão, como acontecera com todos os membros da Sociedade no passado. Até então, estavam contidos, mas longe do alcance. Mais um ano, poderiam ser praticamente intocáveis. No entanto, durante um breve intervalo de tempo, Ezra teria uma oportunidade. Apenas uma. Se falhasse, lembrava a si próprio, as consequências seriam medonhas, e não seria apenas a sua consciência que teria dificuldade em sobreviver. Daí a súbita necessidade de estar em todo o lado ao mesmo tempo.

Mas ver a vasta e cerebral floresta de salvação do mundo consistia ainda em contabilizar árvores entediantes e monótonas. Ezra estava a aprender muito rapidamente que as viagens eram uma espécie de dor de cabeça, mesmo quando ele usava os canais mais eficazes que aquele novo grupo de aliados lhe proporcionava. Os bilhetes dos transportes detidos e operados pela Corporação Wessex — que funcionavam como as portas de Ezra entre diferentes pontos do tempo, só que entre defesas privadas de grandes cidades — não podiam ser mais convenientes, mas tantas viagens não deixavam de ser cansativas. A logística necessária para montar armadilhas para os medeicos mais perigosos de sempre não era suficiente para cativar a imaginação de todos os momentos do dia e as diferenças horárias eram um enorme transtorno.

— Não tarda, habitua-se — disse Eden, que era a secretária de James Wessex ou algo parecido. Talvez a assistente pessoal. (Ezra. Ao contrário de Atlas, não tinha boa memória para nomes, profissões ou outras trivialidades.) Eden encontrara-se com Ezra no hotel onde Nothazai lhe sugerira que ele ficasse, que tinha um nome ostensivo e parecia uma espécie

de palácio. — Infelizmente ainda não evoluímos além dos ritmos circadianos.

— Certo. — Não era a primeira vez que Ezra falava com Eden, mas nunca sabia o que lhe haveria de dizer. Eden tinha um ar muito altivo, como se estivesse sempre a julgar as pessoas no seu íntimo, o que provavelmente era o caso. Era esbelta e bastante alta para uma mulher, quase tão alta como ele, na verdade. Tinha um cabelo castanho brilhante e raios de âmbar nos olhos verdes e havia algo na postura dela que era muito intimidante. Como se tivesse matado o último parceiro e o tivesse comido para não passar fome.

— Mas bem, o Nothazai vai encontrar-se consigo na cervejaria — disse ela. — Eu vou lá ter mais tarde. Vou ter de tratar de uns assuntos pessoais primeiro.

Ezra não tinha a certeza se deveria fazer algum comentário sobre os referidos assuntos pessoais.

— Oh?

— Reuniões — disse ela vagamente. Estamos a procurar criar um negócio aqui. Não lhe posso dizer nada, senão teria de o matar — acrescentou com um sorriso oblíquo. Eden parecia-lhe uma raposa. Algo no contorno das feições, pensou. Ou na forma como os olhos se moviam muito rapidamente pela cara dele. — Mas, enfim, precisa de alguma coisa? — perguntou, antes de parar ao lado da suite reservada para Ezra.

— Hum. Uma chave? — disse Ezra.

O sorriso de Eden entrecortou-se.

— É por reconhecimento da retina — explicou ao fim de um de momento de reposição da expressão forçada a apontar para o leitor ao lado da porta. — Acabaram-se as chaves. São muito antiquadas.

— Oh. — Certo.

— Por acaso, foi o meu ex-namorado que contratou a tecnologia — disse, sem deixar de guardar um elemento de repugnância para ex-namorado em questão. — É uma pena que não demore a morrer.

Mais uma vez, Ezra não sabia ao certo se lhe tinha escapado alguma coisa. — Oh?

Ela soltou uma espécie de gargalhada.

— É o Tristan Caine — explicou. — Enfim. Um dos seis.

— Ah, certo. — Ezra eriçou-se ao lembrar-se, tenso, das pontas soltas nos planos tão bem gizados antes de processar o que ela acabava de dizer. — Mas não vai morrer — corrigiu. — Vai ser apreendido.

— Figura de estilo — disse em despreocupada concordância. — Embora ele não perca pela demora.

— Vocês... trabalharam juntos? — perguntou Ezra, decidido a considerar a referência ao esquivo Tristan Caine um auspício e não uma subestimação. Perguntou-se até que ponto Eden o conheceria para lá da vertente romântica. Teria mais conhecimento sobre a especialidade mágica de Tristan do que os professores ou o chefe dele?

— Ha. Não. — Fez um gesto para que Ezra se aproximasse do leitor de retina, que brilhou, escarlate, antes de a porta se destrancar automaticamente. — Bem, tenha uma boa tarde — disse Eden, seguindo pelo caminho de onde viera.

— Sim, obrigado. — Ezra entrou na suite de hotel e reparou no bar à esquerda. O aspeto de apartamento aberto do desenho era um eco extravagante do átrio em *art nouveau* no rés do chão, embora o destaque da decoração fosse, sem dúvida, a vista. As cortinas estavam abertas e o Castelo de Buda aparecia, majestoso, do outro lado do Danúbio. Era uma vista tão bonita que deixou a boca de Ezra ligeiramente seca e ele tossiu para o punho fechado.

Por reflexo, baixou a mão para a garganta, e passou os dedos nas feridas que iam desaparecendo devagar. Um presente de despedida na forma dos dedos familiares de Libby.

Depois, sacudiu-se, pousou as coisas que trazia ao lado do sofá e saiu do quarto para ir para a cervejaria ao fundo da rua e se preparar para a reunião com representantes do Fórum. Na prática, o Fórum era uma organização global sem fins lucrativos, mas dava a entender ao público que a Sociedade não era e tinha como objetivo opor-se ao propósito fundacional da Sociedade. No entanto, era mais ou menos aí que as diferenças acabavam (mais cláusula de morte menos cláusula de morte). O Fórum não era menos

formal do que a Sociedade, nem, tanto quanto se podia entender, menos burocrático, nem menos dado à estrutura e à hierarquia. Sempre que Ezra se encontrava com os membros do Fórum, ficava mais ciente do quão longe ele estava de corresponder aos indicadores de estatuto da organização. Não em matéria de riqueza, mas de algo... diferente. Algo que Ezra nunca tivera. Era a mesma falta de autenticidade que ele farejava em Atlas; aquela sensação não só de pertença, mas também de *comando.* Era uma aura de certeza, daquelas que habitualmente estavam associadas ao privilégio, que Ezra nunca soubera como replicar. Um ar institucional que Ezra acreditava que os fazia sentir mais dignos ou dotados de razão.

Ainda bem para eles. Desde que partilhassem o desejo do mesmo fim, estava tudo bem para ele.

O interior da cervejaria era exuberante, com vegetação que floria junto ao teto, o bar espelhado a refletir os laivos de verde das cadeiras de madeira estofadas. Era tudo muito tranquilizador; ou seria, se ele não tivesse olhado para os presentes e visto duas coisas.

Em primeiro lugar, a presença de Nothazai, que estava muito envolvido numa conversa com outro dos responsáveis do Fórum. Encontrava-se num dos cantos da sala, camuflado atrás da presença de um enorme feto.

Em segundo lugar, Atlas Blakely, que estava sentado a uma mesa junto ao bar.

Olá, ouviu Ezra na cabeça. *Faltaste ao nosso último encontro.*

Ezra olhou para Nothazai, que continuava numa conversa clandestina, e depois para Atlas, que estava sentado sozinho à mesa com o *blazer* habitual com forro em tartã. Tinha uma chávena de chá à frente dele, como era costume. Pousado à frente da cadeira vazia estava um café de filtro, sem leite. Ezra não precisava de o provar para confirmar. Não tinha a certeza de como Atlas o tinha encontrado, ou se Atlas desconfiava de alguma duplicidade que fosse além da falta de contacto. Mas, fosse como fosse, Ezra não se atormentava com as ameaças de um amador.

E, além disso, seria indigno perguntar.

Dirigiu-se para a cadeira à frente de Atlas.

— Só tenho um minuto — disse-lhe.

— Não preciso de mais — respondeu Atlas. — Disseste tudo o que precisavas de dizer quando deixaste o corpo da Elizabeth Rhodes para trás.

Ezra manteve a mente cautelosamente oca, o mais vazia que era capaz, não obstante o baque que sentiu no peito e a necessidade súbita e impulsiva de voltar a levar a mão à garganta, de voltar a tocar o local tocado pelas mãos dela.

Era impossível que Atlas soubesse que tinha sido ele. Não tinha, seguramente, forma de o provar. Ezra olhou para a chávena à frente dele, virou-a para colocar os dedos na asa e fez força para transmitir surpresa, ou, melhor ainda, descrença.

— A Libby morreu?

— Já sabes que não. — Atlas fixou-lhe um olhar que Ezra decidiu não interpretar. Da mesma forma, Atlas disse: — Não me vou dar ao trabalho de te perguntar onde a puseste, porque sei que não mo vais dizer. E já estou bastante seguro de que não importaria se dissesses.

— Não sei do que estás a falar — disse Ezra. Sentiu o pescoço a arder, súbita e inevitavelmente.

— Devias ter sabido que não a podias reter por muito tempo — disse Atlas. Ezra girou a chávena de café.

— A sério que não sei onde é que queres chegar. — Perguntou-se se Atlas já teria mudado as defesas. Mesmo que Atlas desconfiasse que havia uma falha na construção da segurança da casa, era pouco crível que a conseguisse reparar sozinho. Ezra era mais físico do que Atlas, que teria dificuldade com a natureza física das defesas da Sociedade. Provavelmente acabaria por conseguir resolver o problema, mas não sem custo.

Ainda bem.

— Não sei se sabes, mas não vais conseguir encontrar o mesmo caminho uma segunda vez. — Atlas bebericou o chá. — E imagino que já estejas ciente de que isto não vai acabar bem para ti.

Ezra tentou conter um sorriso amargo.

— A ideia é que isso seja algum tipo de ameaça? — aventou secamente. — Que me vais encontrar onde quer que eu vá, esse tipo de coisas?

— Sou capaz de te encontrar onde quer que vás, claro — disse Atlas. — Mas não preciso. Embora possas pensar que eu sou teu inimigo por alguma razão, o sentimento não é recíproco.

Mais um sorriso amargo.

— Então ainda podemos ser amigos, é isso? — perguntou Ezra.

Atlas colocou algumas centenas de florins em cima da mesa, bebeu o resto do chá e levantou-se.

— Não, Ezra, não somos amigos — disse. — E vais pagar pelo que fizeste. Mas não tens importância para mim.

Acendeu-se uma chama no peito de Ezra, a arder em fogo lento.

— Então porque vieste atrás de mim? — perguntou, com forçada contenção. — Porque é que me seguiste até aqui, se significo assim tão pouco?

Atlas, que já se estava a virar para se ir embora, voltou-se para trás para olhar para Ezra, os olhos a baixarem para as marcas dos dedos de Libby que ele tinha na garganta.

— Queria ver o que ela te fez — disse Atlas, antes de acenar com a cabeça em despedida. — Desfruta do café — disse, a cutucar a asa da chávena. — Eu sei que gostas de um pedaço de casa.

Ezra mordeu a língua para conter algo ao mesmo tempo infantil e profano.

— Muito bem. Foste perfeitamente claro.

— Fui? — Atlas deteve-se para olhar para ele em reflexão. — Sabes — começou, a ceder à tentação de dar conselhos não solicitados, um dos seus passatempos preferidos —, estás demasiado ligado a isto. Espero que não seja tarde de mais quando perceberes que te envolveste inescapavelmente em algo que está condenado ao fracasso.

Ezra não disse nada, depois de dar atenção mais do que suficiente a Atlas. Inspecionou a textura da mesa, a pensar apenas que nada do que Atlas pudesse dizer ou fazer iria importar. Tinha uma ideia fixa, inamovível, por mais que Atlas tentasse vasculhar-lhe o espírito. Fora Ezra que

testemunhara a destruição iminente do mundo às mãos de Atlas, e era Ezra que estava preparado para o salvar. Não havia mais nada a dizer.

Atlas olhou para ele com pena.

— O teu problema, Ezra — começou, enquanto Ezra fazia pouco dele e lhe virava costas com desprezo. — O teu problema, quer te apercebas dele quer não, é que ainda estás lá dentro, naquela sala, a ver as balas a voar, a escolher a vida e a odiares-te por isso.

Atrás dos olhos de Ezra deu-se uma explosão de memória, uma pontada de dor. O templo. A mãe dele. As portas. Os olhos vazios do atirador: o gatilho mental que só Atlas era capaz de premir. Era a única coisa que Ezra não estava preparado para ignorar e Atlas, o sacana, sabia-o. Atlas voltou-se no segundo que Ezra demorou a afastar a paralisia temporária com um piscar de olhos e deixou-o para trás.

Ezra ficou a olhar para Atlas a ir-se embora e não desviou o olhar até ter passado muito tempo desde que ele desapareceu no meio da multidão.

— Ezra?

Ezra demorou um instante a aperceber-se de que alguém estava a falar com ele.

— *É* Ezra, não é? — disse a voz, novamente, quando Ezra pestanejou, voltou ao presente e levantou a cabeça. Era a mulher, a professora, uma das seis pessoas escolhidas por Ezra: a Dr.ª J. Araña, o *J*, pretensioso, a representar algo que Ezra não se lembrava o que era. Era uma química minúscula com cabelo preto e mais de 50 anos — e, aqui e ali, um espectro de beleza, apesar de o rosto apresentar já predominantemente os olhos cavados e as bochechas enrugadas — que era especialista de geoengenharia e que geria um laboratório de uma universidade privada notadamente financiado pelo governo. Fora ativista de guerrilha quando era jovem, o trabalho e os protestos a censurar publicamente a natureza da Sociedade, embora, à medida que o tempo passava, Ezra começasse a duvidar da sua utilidade. A mulher parecia-lhe um tudo-nada passiva de mais, demasiado calada. Ao contrário dos outros cinco escolhidos de Ezra, a professora nunca falava nem oferecia recursos. No entanto, insistia em participar naquela espécie de reuniões, talvez devido à sua associação académica com Nothazai e o Fórum. Fosse qual fosse a natureza das motivações da

professora, Ezra ainda tinha de a decifrar. A curiosidade dela parecia ambígua e inegável.

No caso de Nothazai, um perito de biomancia cuja especialidade tinha que ver com o diagnóstico do corpo humano, a natureza política, ou (mais lisonjeiramente) filosófica do trabalho que realizava era mais importante do que a magia que tinha. O cargo que ocupava no Fórum, que era o de chefe de funcionamento, era cada vez mais obscuro para Ezra. Era, à primeira vista, um homem cheio de contactos: o Fórum, ao contrário da Sociedade, dependia da angariação de fundos, bolsas, relações institucionais, coisas deste tipo, e o primeiro instinto de Nothazai parecia ser colecionar os recursos como se de bugigangas se tratasse, dispondo-os de forma ordenada. Era como uma pega nesse sentido, e Ezra tentava não se enervar com isso. Nem sempre o conseguia.

Para Ezra, o problema do amplo alcance do Fórum não era tanto Nothazai, mas mais a possibilidade de haver todo o tipo de problemas aos quais não fosse dada a devida atenção. O plano já estava a tornar-se muito vasto e a fugir do controlo de Ezra, o círculo de aliados a ficar cada vez maior e mais aberto, e, logo, menos digno de confiança. A Sociedade não era assim. Por definição, aquelas pessoas não guardavam segredos. Muito bem, que assim fosse, paciência, mas as coisas poderiam complicar-se, disse Ezra a si próprio. Atlas nunca deixava nada ao acaso e contava com os recursos da Sociedade, o que significava que quaisquer pontas soltas deixadas por Ezra teriam de ser atadas.

Incluindo a que lhe tinha escapado não muito tempo antes.

— Sim, desculpe — disse ele rapidamente à professora, apressando-se a levantar-se depois de atirar os pensamentos em que estava mergulhado para trás das costas. — Estou tão contente por ter conseguido juntar-se a nós — acrescentou ele, conduzindo a professora para o fundo do restaurante onde os restantes membros do grupo os esperavam.

Ezra recordou-se a si próprio de que estava a fazer aquilo por uma razão. Se tivesse considerado que não valia o risco, não o teria feito logo à partida. As convicções que tinha continuavam a ser verdadeiras. Se Atlas o quisesse destruir, teria de fazer mais do que conjurar uma chávena de café e fazer ameaças vagas num café na Hungria. Quanto a Libby...

Não, não adiantava pensar nela naquele momento. Libby não conseguiria chegar ali, o que significava que ela estava em segurança e, portanto, ele também. E os planos deles também. Teria apenas de ficar de olho nela, e até lá...

— Ezra — cumprimentou-o calorosamente Nothazai antes de relancear para o relógio. — E só dez minutos atrasado? Impressionante. — Virou-se para o homem ao lado dele, o húngaro que era a razão para aquela reunião. Era uma espécie de perito de informações secretas que se especializava em criptografia, o que, em termos de magia, não era coisa pouca. Mas Ezra estava cada vez mais receoso de que, ao praticamente garantir o sucesso do plano que tinha em mente, tivesse descurado a sofisticação do inimigo.

Que não era Atlas, claro. Atlas era apenas um dos braços da Sociedade de Alexandria, ou talvez uma manga ou uma luva. Se a destruição pessoal de Atlas se iria dar em resultado dos seus planos ou não era preocupação que não afligia Ezra.

Embora, de uma forma ou de outra, fosse uma necessidade.

— ... nesta altura, o resto do mundo *já* está a par da tecnologia de rastreamento, claro — dizia Nothazai, e o húngaro mostrava concordar. — E dado o resultado de um transporte a partir do interior das defesas da Sociedade...

— Deve ser astronómico — apontou o húngaro com firmeza.

— Sim, sim, completamente...

Do outro lado da mesa, a professora estava a olhar para Ezra com uma expressão estranha no rosto. O olhar dele cruzou-se com o dela por acaso e ele não demorou a desviar os olhos dela e a colocá-los noutro ponto do café. Ezra não compreendia aquele à-vontade de Nothazai em público, onde qualquer pessoa o podia ouvir. Era quase como se ele quisesse ser ouvido, como se as coisas fossem mais retas quando eram feitas às claras, para toda a gente ver.

— A ideia foi do Ezra, claro. Diga-se que não queremos que os novos iniciados se vão embora antes de o ano terminar, mas há sempre a pequena possibilidade de um ou dois deles tentarem fugir do cativeiro. A questão é que agora conhecemos as armas do Blakely, ao contrário do que acontecia

no passado — acrescentou Nothazai para o húngaro, que assentiu com a cabeça —, o que quer dizer que podemos preparar-nos melhor para a sua chegada. — Chá? — perguntou Nothazai, a virar-se para a professora.

— Não, obrigada — disse ela, quando Ezra olhou para a pequena taça de cobre com açúcar e viu o seu reflexo deformado na superfície mosqueada do objeto.

— A ideia foi sua? — perguntou o húngaro, a dirigir-se a Ezra, o que o surpreendeu e o fez levantar a cabeça.

— Desculpe? — disse Ezra, que se apercebeu tardiamente que o húngaro se estava a referir ao rastreamento de produções mágicas que Nothazai tinha mencionado, o que era algo de que Ezra se lembraria naturalmente, uma vez que sabia como a Sociedade fazia o recrutamento e como o seu método de viagens funcionava.

— A quantidade de magia gerada pelo transporte instantâneo é extraordinariamente elevada — observou o húngaro num tom de aprovação, talvez até de regozijo, da mesma forma que outra pessoa poderia falar de um fícus estimado. Era verdade que se tratava de uma solução inteligente, mas, mais importante do que isso, era baseada em *conhecimento.* Qualquer pessoa que saísse das defesas da Sociedade por meio dos respetivos transportes medeicos deixaria rastos de energia suficientes para fazer uma bomba depois da chegada... para alguém que soubesse o que estava a procurar, claro. — A solução é bastante óbvia agora, embora eu nunca me fosse lembrar dela.

Ezra assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Era óbvio que mais ninguém pensara naquela solução, se não a Sociedade não seria a Sociedade, mas não era algo que parecesse adequado referir naquele momento. A professora relanceou para ele de novo e Ezra fixou a atenção unicamente no húngaro, cuja testa ligeiramente proeminente estava a brilhar muito nitidamente de suor no ambiente quente do café. Mais uma vez, não era um local que Ezra teria escolhido. Estavam reunidos em volta de uma mesa minúscula, numa sala minúscula, cheia de outros grupos não tão minúsculos. Ezra também sentia que tinha a camisa húmida, a zona lombar cada vez mais ensopada. O húngaro seguiu o olhar de Ezra e encolheu os

ombros amigavelmente, antes de limpar o lustre fino de transpiração discretamente da testa.

— Aqui o jovem Sr. Fowler tem algo de excêntrico — apontou Nothazai para o húngaro antes de se voltar para Ezra e lhe lançar outro olhar a dizer *estou a brincar, estou só a brincar.* Ezra não gostava do homem. E, ao que parecia, a professora, de cujo primeiro nome ele continuava sem se lembrar, também não. Tentou lembrar-se dos pormenores da mais recente investigação que ela levara a cabo (tinha-a escolhido com base no seu renome e no passado académico substancialmente menos modesto), mas não conseguiu.

Ouviram-se pratos a partir atrás de Ezra, que deu um pulo. Hábitos antigos. Não gostava de lugares com muita gente, barulhos altos. Sobretudo sons que se assemelhassem a disparos de armas. Lembrou-se de que Libby intuíra isso mesmo, que o soubera de alguma maneira. Ela sempre tivera o cuidado de escolher restaurantes calmos quando saíam para comer.

Da última vez que Ezra tinha verificado, Libby não estava longe. Era fácil de encontrar e ainda mais fácil de seguir. Talvez ela não percebesse até que ponto ele a conhecia. Sentia as decisões dela como nostalgia, seguia-lhe o rasto e os padrões de pensamento, depois de viver ao lado dela durante anos. O que era a intimidade senão a memorização dos pensamentos, dos sonhos e dos medos que ela tinha? Quase que tivera uma vida com ela. E isso tinha algum significado.

Tinha de ter algum significado.

Não tinha?

— Está tudo bem consigo, Sr. Fowler? — perguntou o húngaro.

Ezra fez um som descomprometido de confirmação. Depois, ao perceber que isso não era suficiente, tentou um pequeno encolher de ombros despreocupado. Percebia pelo rosto da professora ao lado dele que não tinha escondido eficazmente a estranheza do momento.

— Peço desculpa — disse. — Só um pouco agitado, creio.

Aquela era mais uma razão por que tinha sido Atlas a ficar para trás, pensou Ezra soturnamente. Atlas tinha mais jeito para atravessar o presente, que era muito lento, enquanto Ezra se retirava do tempo para prosseguirem

com os planos de ambos. Atlas tratava da burocracia das coisas e dava a Ezra espaço para desaparecer, o que fora uma necessidade para ele no passado. Era uma escolha fácil, ir-se embora enquanto Atlas ficava, porque Atlas era o mais carismático. Atlas lembrava-se de nomes. Lembrava-se de aniversários, celebrava a consecução dos objetivos e minimizava habilmente as falhas. Era ele que determinava a energia de uma sala, que a mudava para ficar mais à-vontade. A amabilidade de Atlas nunca foi insípida nem genérica. Era um dom e, em contraste, Ezra era um eterno estranho. Ezra tinha os traços psicológicos inconvenientes de um homem que fora testemunha da destruição de todos quantos amara. Até ao dia em que Ezra começou a desempenhar um papel mais ativo no respetivo fim.

— Então — disse Nothazai, chamando Ezra para o círculo de confiança. — Como vai o plano de base?

A professora agitou-se levemente na cadeira, os olhos pretos a recaírem em Ezra com óbvia expectativa. Ezra expirou e abriu um sorriso forçado. Se o que era preciso era a destruição, destruição era o que ele iria oferecer.

— Cada dia um pouco mais perto, meus amigos — respondeu, a aprumar-se na cadeira na cabeceira da mesa e a tentar mostrar que pertencia àquele lugar, ou à mesa em geral, ou a qualquer lugar. — Cada dia um pouco mais perto do fim inevitável da Sociedade.

• Parisa •

— Estás de volta — disse Dalton. Não o *verdadeiro* Dalton, claro, que a via todos os dias.

O outro. O que estava dentro da cabeça dele, escondido no interior do castelo — a fortaleza telepática — desenhado por outro medeico qualquer.

A... animação de Dalton.

O rosto da versão mais nova de Dalton apareceu acima da cabeça de Parisa e ficou a pairar ali no meio do ar quando ela se sentiu a cair na pedra dura do chão do castelo. Parisa voltou a espantar-se com a qualidade daquele plano astral específico quando as costas dela ficaram frias, a brutalidade do impacto a desencadear um arrepio.

Aquela versão de Dalton continuou a olhar fixamente para Parisa, expectante, enquanto ela se debatia para se sentar. Era, como sempre, uma versão mais jovial dele próprio, embora menos... íntegra. Menos complexa. Como uma versão ligeiramente pixelizada.

— Estás a controlar as minhas chegadas e partidas? — perguntou-lhe ela.

Ele lançou-lhe um sorriso divertido.

— Estás a testar-me — observou.

Ela pensou que não havia razão para o negar.

— Estou.

— Estás a testar o quê?

— Tens senciência — disse Parisa. — Por isso, agora quero saber se tens memória. — Se ele conseguisse lembrar-se dela de visita em visita, ficaria provado que não se trataria apenas de uma projeção do subconsciente de Dalton.

Dalton parecia animado.

— Achas que sou um ciclo no tempo?

Era uma dedução. Uma dedução bastante complexa. Parisa acrescentou-a à lista: aquela versão de Dalton era capaz de pensar fora do seu eu corpóreo.

— *Poderias* ser um ciclo no tempo?

— Não — disse ele com um abanar matreiro da cabeça, como se soubesse que ela estava a fazer uma lista e sentisse que era um ato banal, ou que valesse a pena ignorar. — Eu lembro-me de ti.

— Bem, valeu a pensa tentar. — Ela deixou que ele a ajudasse a levantar-se, notando mais uma vez que ele era ligeiramente menos real do que o que o envolvia. Movia-se em lampejos e explosões, o que não acontecera sequer com as projeções que eles tinham feito no ritual de iniciação.

Convencer Dalton a deixá-la entrar na mente dele fora... algo de uma dificuldade inesperada. E fora também tecnicamente ineficaz, o que constituiu uma grande surpresa para Parisa.

Mais de dois meses antes, Dalton dissera a Parisa — a Parisa e *a mais ninguém* — que o cadáver que fora deixado no lugar do de Libby Rhodes não era, como tinham pensado, uma ilusão, mas, antes, uma *animação*, que era tão inusitadamente eficaz que o único criador possível teria de ter sido o próprio Dalton. De acordo com Dalton, tratava-se de uma impossibilidade — afinal de contas, como poderia ele executar uma magia tão substancial sem o seu próprio conhecimento? porém, ele próprio parecia não ter dúvidas de que era obra dele. Nas semanas que se seguiram, que, devagar, se foram transformando em meses, Parisa pensara que as circunstâncias do desaparecimento de Libby deixariam Dalton mais inclinado a permitir que Parisa prosseguisse com a experimentação que estava a levar a cabo no subconsciente dele, dado o que parecia ser uma questão de extrema e inevitável importância. Na verdade, porém, a perda de Libby tivera o efeito oposto e deixara Dalton mais defensivo do que nunca.

Não, Parisa corrigiu-se. Não, não foi a perda de Libby que provocou o distanciamento. A perseguição dos outros ocupantes da casa pelo fantasma de Libby (a forma cuidadosa como o nome dela era evitado, a rigidez coletiva que acometia a todos como por reflexo sempre que intuíam a ausência dos hábitos de vida ou das preocupações morais de Libby) parecia

não ter afetado Dalton em nenhum nível visível, mas era óbvio que algo o afetara. *Algo* o deixara suscetível e conduzido a uma maior distância relativamente a Parisa, que sentia que, provavelmente, o algo em questão estava mais relacionado com o Curador, que tinha feito asneira pouco tempo antes.

Em suma: Dalton mostrara muita reticência em permitir que ela lhe entrasse novamente na cabeça, o que Parisa considerava absurdo e atribuía a Atlas. No entanto, em última instância, Parisa era capaz de ser altamente engenhosa quando punha alguma coisa na ideia. Parisa tinha a sensação de que, naquele preciso momento, a forma corpórea de Dalton estava a dormir bastante bem, uma vez que tinha sido satisfeita com perícia.

— Bem — continuou ela para a versão mais nova de Dalton. — Tens algum tipo de memória. — O que, combinado com as capacidades de raciocínio que ele demonstrava, significava que as animações eram capazes de pensar em alguma medida. Havia alguma atividade cognitiva a decorrer além da simples programação ou do instinto biológico. — Lembras-te de alguma coisa além de mim?

— Lembro-me de acordar aqui — disse Dalton. Subitamente pareceu ficar apático, como se se tivesse acabado de lembrar das limitações que tinha.

— Isso foi quando? — perguntou Parisa.

— Isto é aborrecido. — Dalton não estava a olhar para ela. Tinha atravessado o quarto e chegado junto das grades da janela da torre, para as quais olhava como se não estivessem lá antes. — Isto é tudo tão aborrecido. Sabias que eu agora tenho vigilância? — perguntou-lhe de chofre. Deu um piparote no ferro das grades. — Alguém anda a observar-me.

Parisa nunca se lembrara de verificar as especificidades da vista da janela do castelo.

— Não houve sempre alguém a vigiar-te? — perguntou ela, a aproximar-se da janela devagar. Só viu floresta, os contornos de um labirinto, vislumbres de várias curvas na encruzilhada abaixo. Vegetação densa e nevoeiro pesado, mas nada significativo do ponto de vista da magia.

— Isto é diferente. — A animação de Dalton virou-se com um suspiro profundo de impaciência. — Vais tirar-me daqui?

— Estou a tentar — disse Parisa.

— Ainda bem. Mas vou precisar de ajuda — disse ele. — para que ele não vença novamente desta vez.

— Quem? O Atlas?

— É essa a parte que ele não compreende — continuou Dalton, o que não era uma confirmação nem uma infirmação. Apenas o ego de um homem que não estava a prestar muita atenção à conversa que estava a ter. — Ele não pode ganhar sempre, sabias. Conseguiu-o por pouco no passado. A probabilidade de o conseguir duas vezes é ainda menor agora. Menor a cada dia, a cada minuto que passa. E tu — acrescentou, a encolher os ombros em reconhecimento. — Tu estás a mudar as coisas.

— Sim — disse Parisa. Estava quase certa de que era verdade.

— Por isso, ele não vai voltar a vencer. E sabe-o. Seria de pensar que iria ter mais cuidado. — Continuava a não ser claro se estava a falar de Atlas, mas Parisa nunca teve a oportunidade de insistir nesse ponto. O sorriso no rosto de Dalton fez-se brilhante, quase ofuscante, quando ele o virou para ela. — As pessoas nunca têm cuidado quando tu estás envolvida, pois não?

— Nem um pouco — confirmou Parisa.

O que era verdade, pois, estritamente falando, ela não tinha sido convidada para aquela visita em particular.

Na verdade, a noite tinha começado com Dalton (a versão corpórea) a cercá-la na sala de leitura para lhe falar do tema de estudo independente que ela tinha escolhido.

— Não compreendo — dissera ele, sem preâmbulo, a mostrar-lhe a página que ela tinha enviado como proposta oficial.

— O que é que tem assim tão difícil de compreender? — ripostara Parisa, a olhar de relance para a página. — Escrevi com letras grandes e tudo.

A folha de papel continha a palavra: DESTINO.

— Parisa — dissera Dalton numa voz que soava um pouco como *por favor não me envergonhes no trabalho* —, não haverá algo menos... cerebral, que possas considerar para uma proposta?

— Em primeiro lugar, eu *sou* cerebral — dissera-lhe ela. — Por definição. E, em segundo lugar, estou a falar em termos da estrutura de Jung. — Referia-se ao psicanalista Carl Jung, que acreditava que a humanidade continha algumas propriedades atávicas enquanto entidade coletiva. — A ideia de que toda a gente nasce com acesso a um subconsciente mais amplo e interligado. Algo que partilhamos enquanto espécie, e não algo determinado por nós enquanto indivíduos.

Era óbvio que Dalton não acreditava nela, embora ela não conseguisse perceber porquê. Ela era sempre muito frontal. Raramente valia a pena desconfiar do que dizia.

— Eu sei que andas a tentar compreender a senciência dos arquivos — dissera Dalton. (Sim, muito bem, Parisa tinha os seus momentos.)

— Diz ao Atlas que para bufo, bufo e meio — respondera Parisa. — É coloquial, mas ele vai perceber o que significa.

— Não foi o Atlas — dissera Dalton num suspiro, antes de se conter. — E o que eu queria dizer era que...

— Espera. Não foi o Atlas? — A opção mais provável passava assim a ser Reina, o que era quase impressionante. Portanto, Reina parara um momento para perceber que havia coisas a acontecer na terra? Não era nada típico dela, mas era bom saber. — Desde quando é que a Reina te conta coisas?

— Não conta — dissera Dalton, que, infelizmente estava a manter as coisas muito estanques. Não que não fosse possível entrar sorrateiramente no pensamento dele se Parisa o desejasse realmente, mas o esforço de descobrir o que ela já sabia parecia-lhe muito cansativo naquele momento. — Mas se estás a tentar manipular os arquivos para perceberes como funcionam...

— Eu tinha a impressão de que os arquivos não podiam ser manipulados — dissera Parisa.

— Claro que não, mas...

— Então porque é que eu haveria sequer de tentar? — acrescentara ela inocentemente e a bater as pestanas para aumentar o efeito. — Além disso, o conceito de estrutura parece-me perfeitamente académico. — A verdade? Parisa estava a tentar compreender a senciência dos arquivos, de facto. Ao contrário das animações, que Dalton sugerira no passado (e que Callum confirmara) que estavam vivas, mas não eram completamente sencientes, os arquivos pareciam ser sencientes, mas não entes completamente vivos. A própria Parisa já tinha feito uso da consciência primordial no interior da casa, seguindo padrões que lhe pareciam constituir pensamento. Não seria a biblioteca um cofre inanimado de conhecimento, portanto, mas, de certa maneira, um cérebro?

Parisa pensava na questão desde a implicação da projeção de Callum durante o ritual segundo a qual os arquivos os estavam a rastrear de alguma forma. Que necessidade teria a Sociedade de, por meio dos arquivos, rastrear os ocupantes da casa? Não havia nada de significativo a retirar dos pontos de dados do comportamento dos ocupantes a menos que o objetivo fosse, em última instância, modelá-los e prever o que iriam fazer o seguir. O que, a ser o caso, só poderia significar uma vilania ou prova de conceito. Se fosse a Sociedade, era um ato pouco inspirado e insípido. Não os tornava melhores do que a Web 2.0. Mas se os arquivos estavam, de facto, a *aprender* os comportamentos dos iniciados — se a tarefa de alimentar os arquivos e os fazer crescer não era, na verdade, uma tarefa metafórica —, afinal, a coluna para estruturas atávicas ia ter um visto.

Se cada um dos elementos da turma de iniciados de Parisa pudesse ser predito por algo que, tecnicamente, não se poderia qualificar como um ente vivo, não se provaria, de alguma maneira, o conceito de consciência coletiva, de destino predefinido? Ou isso ou provar-se-ia apenas a vigilância ilícita da Sociedade, o que seria previsível no âmbito de planos sinistros, mas não deixava de valer a pena saber. Fosse qual fosse o resultado, Parisa sentia que valeria pena obter a reposta antes de deixar os limites daquela casa sem olhar para trás.

Mas Dalton continuava a não se mostrar muito convencido, pelo que ela se lembrou que teria de recorrer a alguma intimidade. Partilhar era cuidar, para usar uma formulação mais coloquial. Ou, naquele caso, o inverso.

— Tenho andado a pensar sobre os sonhos — observara Parisa.

— Sonhos — repetira Dalton. Desta vez, parecia mais curioso do que condescendentemente desiludido. Embora Parisa ficasse ofendida quando era pressionada para lhe dizer a verdade, não podia negar que, por vezes, era uma solução eficaz.

— Sim, sonhos — Nico, ao desvendar a natureza do amigo que viajava em sonhos, dera-lhe a ideia de que os sonhos eram a interseção do tempo e do pensamento. — Os sonhos acontecem num plano astral partilhado. Potencialmente, na quarta dimensão.

— Hum — dissera Dalton, a pensar.

— E quando eu entro nos *teus* sonhos — acrescentara ela com tato —, encontro a mesma coisa. Quase como se uma parte de ti vivesse lá em permanência. — Quase como se. *Exatamente* como se. — Não achas que isto é interessante?

No entanto, Parisa parecia ter voltado a entrar num território problemático, porque a luz nos olhos dele se extinguiu tão depressa como tinha aparecido.

— Parisa...

— Foste tu que falaste no assunto — lembrara-lhe ela. — Disseste que foste tu que fizeste aquela animação do cadáver da Rhodes. — Estavam quase a discutir, o que, regra geral, Parisa não fazia. Muito menos com um amante, porque era uma perda de tempo de todos quando poderiam estar a fazer coisas melhores e mais satisfatórias em nome da resolução de conflitos. Uma pessoa tinha de se preocupar com o resultado de uma discussão, para decidir encetá-la, e esse nunca era o caso de Parisa. — Queres que eu me esqueça disso agora?

Dalton abanara a cabeça.

— É impossível que tenha sido eu a fazer aquela animação. Não tenho nenhuma explicação para ela.

— Não — corrigira Parisa. — Não tens nenhuma explicação para ela e, por isso, desconfias que é impossível. Mas eu *conheço-te* — lembrara-lhe. — Conheço a forma como pensas.

Fora aí que ele errara. Tinha-a deixado entrar, e ela tinha passado a conhecê-lo. Dalton dera-se a conhecer. E Parisa seria a primeira a dizer que

isso tinha sido um erro crasso.

— Eu sei — continuara ela — que reconheceste a tua própria magia quando a viste. Eu sei que sabes que isso é verdade, quer seja possível quer não. Foste tu que fizeste a animação — acusara ela, e ele estremecera. — A tua metodologia é a única coisa que pode ser discutida. Por isso, tentares dissuadir-me de te perguntar como ou porquê nunca vai funcionar.

Estavam a olhar-se de frente, os braços de Dalton cruzados sobre o peito, os de Parisa nas ancas em postura desafiadora. Ali estavam eles, um retrato de conflito. Não obstante as regras que a costumavam reger ou aquilo que ela considerava mais inteligente, Parisa tinha conseguido cair numa armadilha.

Dalton não iria gostar daquilo, do súbito abandono da subtileza só porque ela tinha ficado frustrada, perdido a paciência e dito o que pensava com todas as letras. Era quase uma exigência, o que não era sensual e muito menos sedutor. O que estava a acontecer era o desentendimento mais doméstico em que Parisa se permitira envolver. *Estás enganado, não, eu é que tenho razão.* Hora dos amadores. Porque é que ela se importava sequer com aquilo? Dois anos no mesmo lugar eram dois anos a mais. Ou isso, ou, como ela desconfiava, a biblioteca estava a sugar-lhe algo. No caso vertente, a capacidade de pensar claramente. Parisa não conseguia deixar de sentir que os seus pensamentos tinham começado a perseguir-se uns aos outros em círculos, numa rotação imparável que não deixava senão o absurdo e a deterioração.

Parisa estava ainda a amuar tacitamente quando a mão de Dalton lhe serpenteara pela cintura e se abrira na anca.

— Não quero que discutamos — dissera ele. O que não deixava de ser terrível, porque ele estava a reconhecer que estavam a discutir e era evidente que não se importava com isso.

Intimidade. Repugnante. Era invasiva e repelente e Parisa afastara-a para não piorar as coisas, ou não as aprofundar.

— O que propões, então?

— Tive saudades tuas. — Ele inclinara-se e roçara os lábios pelo lado do pescoço dela de uma forma que poderia deixar uma mulher mais mole a

suspirar. — Tens estado muito virada para a destruição ultimamente.

— Destruição, não. — Parisa não queria destruir os arquivos. Só os queria compreender. Embora, se acabasse por descobrir que eram completamente repugnantes de alguma forma, sim, tudo bem. Poderia queimar essa ponte quando lá chegasse. — Embora seja verdade que me deixou alguma tensão nas costas — dissera, devaneante, a relancear para ele por entre as pestanas.

— Deixa-me tratar disso por ti — fora a sugestão de Dalton. As coisas avançaram e ela aproveitara o talento que costumavam ter para intensificar as coisas. Entrar nos pensamentos dele não era nenhum problema a partir dali, era quase como um convite aberto. Muito simples, pensando bem.

Hum.

Demasiado simples, talvez?

Lá estava ele de novo, o bombardeamento do pensamento. Parisa não estava habituada a discutir com os amantes, é verdade, mas, em retrospetiva, algo parecia ter perturbado a sequência habitual. Uma coisa era Dalton recusar a discussão, mas outra bem diferente era deixar a mente tão aberta. Era um desvio descuidado e despreocupado da rotina que parecia deslocado no cenário de controlo irrepreensível de Dalton. Porque, afinal de contas, ela conhecia-o. Para outro homem, o erro de deixar a porta da frente destrancada era um lugar-comum e algo a esperar ocasionalmente. Dalton Ellery era um homem normal em muitos aspetos, mas não naquele.

De repente, Parisa tinha a certeza, estava dolorosamente segura. O acesso à cabeça dele naquela noite específica não podia, de maneira nenhuma, ter sido um acidente, ou, pior, algo romântico, um qualquer truque rosado de luz que, em qualquer outra circunstância, ela poderia ter acreditado que fosse.

Algo não batia certo.

Convencer Dalton a fazer alguma coisa que ele quisesse fazer habitualmente com ela não era, em princípio, um feito digno de nota, mas uma porta deixada entreaberta na mesma ocasião? Só poderia significar a presença de um intruso, a marca de uma ideia deixada para trás como um rasto de impressões digitais.

A sensação súbita de vulnerabilidade acordou-a abruptamente de um transe. Hipoteticamente, claro, não na realidade, porque, na realidade, ela continuava dentro do subconsciente de Dalton, a visitar o fragmento da outra versão dele.

Parisa voltou a olhar para a imagem do Dalton mais jovem, perscrutou as paredes da sua fortaleza mental, e perguntou-se porque não tinha pensado naquilo antes. Dalton costumava ser cuidadoso em redor dela. Qual seria então a explicação para aquele comportamento?

— Vês o que ele faz? — perguntou ela para a versão mais jovem de Dalton, a animação. — O teu hospedeiro. Costumas segui-lo?

— Eu sei o que ele faz. — A versão mais jovem de Dalton estava irritada, a roçar a infantilidade. — Ele lê. E lê e lê e lê e lê e...

— Certo. — Bem, foda-se. Deve-lhe ter escapado alguma coisa, então, e quanto mais ela pensava no que poderia ter sido, mais preocupada ficava. — Tenho de ir.

— Espera. — O fragmento de Dalton voltou a tremeluzir e reapareceu junto a ela. — Vais voltar? Eu disse-te, há alguém a observar-me.

— Tenho a certeza de que está a observar-te em permanência — disse ela, a ouvi-lo apenas em parte. Afinal de contas, Atlas parecia saber sempre quando ela estivera na cabeça de Dalton demasiado tempo. Ao pensar no assunto, porque é que ele não a tinha tirado de lá ainda? Curiosidade das curiosidades mais uma vez, só que mais irritante e pior. — Tenho só de fazer alg...

— Espera. — O rosto de Dalton estava subitamente perto do dela quando ele a voltou a deter e fechou os dedos com insistência em redor do pulso dela. — Parisa.

Parisa sentiu um arrepio que não tinha previsto com a proximidade dele. Tal como o verdadeiro Dalton — ou o que quer que se chamasse à versão dele com que ela desconfiava que a estavam a enganar —, aquele Dalton tinha uma constituição com uma simplicidade muito bonita. Linhas claras, ângulos vincados. Parisa, que era ela própria uma obra de arte, gostava da sofisticação do minimalismo de Dalton. A proximidade dele era poderosa, animadora.

— Sabes, não sabes? — disse ele com a voz baixa. — Porque estás sempre a voltar.

Um arrepio involuntário subiu-lhe pelos nós da coluna.

— Claro — assegurou-lhe com uma expressão despreocupada. — Adoro um bom mistério.

— Não tem nada que ver com isso. — A mão dele em redor do pulso de Parisa ficou mais solta e tornou-se suave. — Tu conheces-me. Reconheces-me.

Claro que ela o reconhecia, tinha outra versão dele acessível sempre que quisesse. Ou isso ou algo igualmente dissimulado e leve, era o que ela queria ter respondido. Tinha uma resposta não afetada por ele nem pela proximidade dele na ponta da língua, à espera, embora ela soubesse o que ele queria dizer. Que algo nele não era apenas reconhecível, mas partilhado. Algo nele a chamava.

Ela não disse nada. Os olhos dele estavam líquidos com algo, poças negras de sugestão que não deveriam ter efeito nenhum em Parisa. Parisa sabia bem de mais como a química funcionava para se deixar levar pelas alfinetadas biológicas do desejo. Já tinha dormido com ele naquela noite, iria voltar a dormir com ele provavelmente muitas mais vezes sem muito esforço.

No entanto, quando ele se chegou mais perto, ela não conseguiu encontrar uma razão para se afastar.

— Tu não és real — comentou ela. Mesmo naquele momento, ele era demasiado falso para ser confundido com algo corpóreo; muito longe de estar suficientemente formado para ser a distração que, tão estranhamente, era. Na melhor das hipóteses, era uma ideia, ou uma pergunta. Era como sentir atração sexual por um sabor ou um estado de espírito.

— Não sou suficientemente real? — Parisa sentia o sorriso malicioso daquela versão de Dalton a tocar-lhe na boca. — Sou real para ti. Sou inegável para ti em pelo menos um sentido.

— Que é? — De repente parecia-lhe pouco sensato expirar.

Ele parecia sabê-lo. Havia perigo a acender-se nos lábios dele.

— Sou aquilo de que tens estado à espera — disse ele.

Parisa acordou a resfolegar, libertou-se do domínio astral de Dalton e deu por si ao lado da forma de Dalton que dormia. Num ápice, o aspeto sombrio da torre do castelo transformou-se na escuridão da casa senhorial da Sociedade, um abismo trocado por outro. Demorou um momento a situar-se, a boca seca, as ideias a mil. A familiaridade dos lençóis de Dalton, bem como a senciência da casa a agitar-se à volta dela, levaram-na de volta à realidade.

Ao fim de um momento, Parisa virou a cabeça e olhou para Dalton a dormir. Estava a agitar-se um pouco. Possivelmente o que ela fizera significara uma espécie de pesadelo para ele e tentou não se sentir culpada por isso. Afinal, tinha outras coisas para fazer.

Pegou na roupa, vestiu-se depressa no escuro e seguiu pé ante pé pela galeria em direção aos quartos na ala oeste. Os quartos estavam vazios, o que era desconcertante. Colocou a mão na parede e abanou a cabeça com uma fúria súbita, obrigando-se a reconfigurar os pensamentos dispersos antes de se virar, zangada, para as escadas.

Não fazia a mínima ideia de onde Tristan e Nico estavam, mas, assim que sentiu Callum e Reina sentados lado a lado na sala pintada, Parisa percebeu exatamente o que teria acontecido. Àquela hora da noite era um par demasiado estranho, a confluência de dois parceiros que deveriam matar-se uns aos outros e não partilhar uma cama proverbial (e seguramente não literal), a menos que houvesse mais alguma coisa em jogo. Reina sempre tivera uma estranha obsessão por Dalton, e Callum saberia seguramente aproveitar a oportunidade, por mais inútil que fosse.

Parisa sabia que estava à procura de um intruso. Tinha-se esquecido de que já sabia onde encontrar um.

— Como é que correu? — perguntou-lhe Callum, a fazer um brinde com um copo.

Parisa recordou-se por um momento, com uma sensação súbita e aguda de raiva incondicional, que provavelmente deveria ter matado Callum. Muitos meses antes, no ano anterior, no dia anterior. Pouco importava não ter uma razão para o fazer; pouco importava que ele não fosse nada e mal valesse o esforço. Afinal, ela não gostava dele simplesmente porque não gostava dele, isso era razão suficiente para ela.

Era claro que Callum sentia o despeito de Parisa. Sorriu, bebeu um trago de vinho, um bordéus que refletiu insidiosamente a luz.

— Espero que o bom Sr. Ellery tenha sido pelo menos tão solícito como o habitual — apontou. — Afinal, não era propriamente algo que ele não quisesse fazer.

— Isso não pode ter sido fácil — disse Parisa entre dentes cerrados. Dalton era muitas coisas, mas facilmente influenciável nunca fora uma delas. Mesmo para ela, o esforço de o convencer a fazer alguma coisa era esgotante.

— Depende a quem perguntares — respondeu Callum. Estava obviamente a aproveitar a crista da onda do que quer que tivesse acabado de conseguir, pelo que Parisa se virou para Reina, que a fitou com olhos inexpressivos.

— És capaz de fazer melhor — disse Parisa, tensa, a apontar com cara de poucos amigos para Callum.

Reina encolheu os ombros, olhou para o copo nas mãos de Callum e voltou-se de novo para Parisa com um olhar passageiro de tédio. Não, amargura.

— Na verdade, fiz bastante bem — disse Reina.

Foi então que Parisa se lembrou, tardiamente e a sentir-se uma idiota completa, que devia estar enganada. Não era Callum que ela odiava, afinal. Tinha razão logo de início: Callum não era nada. Era pior do que nada. Andava de um lado para o outro em total letargia havia semanas, se não meses, porque, por uma vez na vida dele, as coisas não lhe tinham corrido bem. Era fácil, muito fácil destruí-lo. Ainda mais fácil do que quando Parisa estivera nas mãos dele. Não era irónico? Não era essa a triste e patética verdade: o facto de ele usar os outros como armas para destruir continuadamente algo que, no essencial, estava apodrecido nele próprio? Callum considerava-se inconsequente e pequeno e tinha razão, e as pessoas que tinham razão em coisas como essa não se davam conta do poder que tinham de um momento para o outro.

Callum não era o génio naquela situação.

— O que querias do Dalton? — conseguiu dizer Parisa a tentar não sufocar de despeito. Ou do ardor que sentia por se ter deixado enganar.

— A mesma coisa que tu queres dele — respondeu Reina.

Não era sexo. Não era afeto. Não era lealdade. Parisa tinha cada uma dessas coisas, mas podia viver sem elas.

Não. Era o mistério. O quebra-cabeças. Raios a partam, pensou Parisa, e, depois, menos lisonjeira, reencaminhou a ideia para ela própria. Porque, afinal, quando é que ela tivera alguma coisa que os outros não tivessem decidido que queriam para eles também? A única coisa que ela fizera ao escolher Dalton fora aumentar o valor dele. Chamemos-lhe desejo por procuração.

Reina tamborilou com os dedos em cima de um livro, chamando a atenção de Parisa para ele.

Genesis. O mesmo livro que ela vira nas mãos de Dalton. O tema da investigação de Dalton.

— Acho que estás enganada em relação aos arquivos — disse Reina.

Algo dentro de Parisa se acendeu ao ouvir aquelas palavras, uma chama imensa. Não era habitual nela, tamanha violência de sentimento. Geralmente, Parisa era contida. Calma. Prática. Focada. Respeitava um adversário com talento. Começava a respeitar mais Reina a partir daquele momento.

Mas só de uma forma que a fazia querer agarrar em Reina pelo pescoço.

— Cuidado — disse Callum a Reina em jeito de advertência com um sorriso, os olhos a disparar na direção de Parisa. — Podes fazer dela tua inimiga.

Reina encolheu os ombros e levantou-se com o livro na mão. Encaminhou-se para o corredor, mas parou junto às portas, ficando ao lado de Parisa.

— Não me invejes, Parisa — sugeriu-lhe Reina ao ouvido num tom escarninho. — Teme-me.

Os pelos dos braços de Parisa eriçaram-se, a boca subitamente a sentir um gosto adocicado de cobre. Era um eco da própria Parisa, um momento de simetria perfeita. Muito bem executado, soubesse Reina no que se tinha

metido ao atirar para o chão um guante que mal sabia como empunhar. Era uma pequena travessura, não uma guerra ganha.

E, fosse como fosse, Parisa não tinha deixado de reparar que estavam ambas com a respiração pesada.

O que achas que quer dizer, respondeu Parisa, *o facto de me deixares viver na tua cabeça há tanto tempo?*

A expressão de ódio no rosto de Reina foi passageira, mas não deixou de ser satisfatória. Foi-se embora sem dizer mais nada e, na ausência dela, Parisa virou-se para Callum, que se estava a rir para o copo.

— Ora — disse Parisa, a levantar uma sobrancelha enquanto ele bebia o resto do vinho. — Passaste de alguém que não te podia amar como devia ser para alguém que não te pode amar de maneira nenhuma. — Cruzou os braços no peito e viu-o a convocar a garrafa do chão onde estava abandonada junto aos pés dele. — Qual é a sensação?

— A mesma de sempre — respondeu Callum, a encher mais um copo, inseguro, e a fechar os olhos. — Agora senta-te e bebe um copo — disse com um aceno enquanto bebia um trago — ou vai para o caralho e deixa-me em paz.

Parisa pensou em sentir-se indignada.

Mas, pensando bem, Callum tinha escolhido uma excelente garrafa *vintage.* Arrancou-lhe a garrafa da mão e sentou-se ao lado dele no sofá.

— Para que saibas — disse ela —, já te deixei escapar impune depois de usares os teus poderes em mim uma vez. Mas se alguma vez me influenciares sem eu saber — advertiu —, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance, e o meu poder não é de desprezar, para que te arrependas, dolorosamente, durante o resto da tua curtíssima vida.

Levou o copo aos lábios e bebeu um trago longo.

— Na verdade, até acredito nisso — observou Callum quando ela engoliu, fazendo um brinde com o copo. — *Salud.*

Ela levantou a garrafa.

— Saúde.

Ouviram ambos os passos de alguém a passar devagar à porta, trocaram um olhar e encolheram os ombros no momento em que perceberam quem era.

— Alguma ideia do que é que ele anda a tramar? — perguntou Parisa, a apontar para a presença de Tristan Caine em silencioso recuo.

— Nenhuma — disse Callum —, por opção. E tu?

— Nada.

Pensaram no assunto em silêncio, cada um a beber um trago longo.

— Bem — disse Callum, por fim, a levantar-se. — Vou para a cama. Começamos de novo amanhã?

Ou seja, as breves tréguas tinham acabado. Era a vez de Parisa, quisesse ela exercer uma vingança.

Esgotante. Como se ter de dar uma lição a Reina não fosse suficientemente mau.

— Não — disse Parisa. — Faz o que quiseres. Não me metas nisso.

Ele pareceu pouco surpreendido.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Por mais nefando que seja?

Ela fez um gesto trocista.

— Queres destruir o mundo? Força — assegurou-lhe. — Duvido que venhas a ter grande satisfação.

— *Destruir* o mundo? Não — disse Callum a abanar a cabeça. — O que seria de mim sem a existência de outras pessoas? A minha autoaversão não é assim tão completa.

Ambos se riram soturnamente da piada.

— Fica com o mundo, então, se o quiseres. Esgota-o, se preferires. — Parisa encolheu os ombros. — Talvez a Rhodes volte e te detenha.

— Ha. — Callum soltou uma gargalhada curta. — Céus, imagina o tédio que não seria. — Pousou o copo e abanou a cabeça. — Boa noite, Parisa.

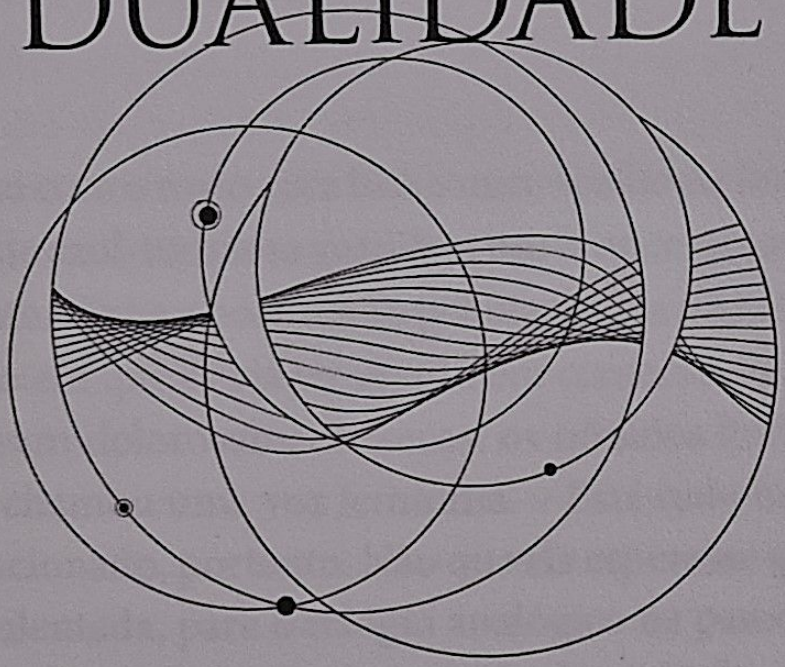
Ela deixou-o ir-se embora. Ficou a olhar para as brasas fracas a crepitar na lareira.

— *Santé* — murmurou Parisa num sussurro. Uma bebida à saúde dele.

E que nunca fosse mais forte do que a dela.

V

DUALIDADE



• Libby •

Libby acordou com o rosto para baixo num soalho de linóleo axadrezado. Viu blocos de azul-turquesa garrido e um branco-sujo que já era sobretudo cinzento. Tinha a bochecha a palpitar, o que não era surpresa tendo em conta o ângulo em que devia ter estado em contacto com o solo. A boca e a garganta estavam dolorosamente secas, os nódulos linfáticos inchados.

— Elizabeth — chamou uma voz feminina. — Está tudo bem aí dentro?

Não tinha funcionado, portanto. Não que ela esperasse que funcionasse. Libby olhou, desalentada, para o relógio analógico na parede. Eram 20h13.

Ótimo. Maravilhoso. Estivera desmaiada durante dez minutos, o que devia ser a razão por que a bibliotecária parecia estar razoavelmente frenética. Libby não deveria ser a primeira pessoa a abusar dos recursos da biblioteca, embora ela tivesse dúvidas de que alguém tivesse tentado algo tão implausível antes.

— Estou... — a voz de Libby saiu rouca. — Estou bem.

Sentou-se devagar, tensa. Sentia dor nas articulações, a cabeça a palpitar e o estômago a roncar em protesto. Tinha deixado a roupa cheia de suor, partindo do princípio de que a transpiração era a única razão para ter as calças de malha encharcadas.

Aquilo, pensou ela a olhar em silêncio para o caos em que se encontrava, era o que ela merecia pela decisão extremamente Varona de tentar algo que ela sabia perfeitamente que não podia fazer sozinha. Dado o grau de risco, era um milagre ela não se ter saído pior. Podia muito facilmente ter-se cegado, ou ter deixado o edifício a arder ou não ter chegado a acordar sequer.

Idiota, pensou, insultando-se a si própria. A sala dos arquivos já estava uma confusão quando ela chegara, e, entretanto, os ficheiros estavam todos fora do lugar, as caixas viradas ao contrário e em pedaços espalhados pelo chão. Havia uma marca de uma queimadura no linóleo. Não a conseguiria

eliminar mesmo que tivesse a devida fortaleza de espírito para o fazer. A secretária — em que estavam pousados os cálculos que fizera e que se tinham tornado inúteis — estava, em muitos aspetos, como a própria Libby, feita em pedaços. Não obstante a matemática (um claro «não» do universo), ela não deixara de pensar que poderia ser simples; não *fácil*, claro, mas, de alguma forma, intuitivo, o que não seria muito diferente da explosão que tinha provocado em estado de semiconsciência para fugir ao quebra-cabeças de defesas de Ezra. Havia sempre a possibilidade, por mais distante que fosse, que se tratasse apenas de uma questão de agarrar a chama que existia dentro dela, a fúria que lhe ribombava no peito, a raiva que crepitava como uma chama a arder. Mas era cada vez mais difícil de aceder à enormidade do caos, à omnipotência da raiva que sentia. Estava a recuar, o alcance dela estava a diminuir, e a luz, a intensidade borbulhante que ela tinha quando estavam dentro dos muros da Sociedade, ia-se tornando mais vacilante e errática à medida que ela se afastava da casa e dos respetivos arquivos. O poder que encontrara no passado, cru, selvagem e incontido, estava a curvar-se perante as circunstâncias do estado em que ela se encontrava. Os fatores que lhe amainavam a fome, as insónias, a ansiedade e o medo estavam a reconfigurar-lhe os limites mais uma vez.

O que lhe lembrava que ela iria ter de sair daquele lugar. Fosse Ezra ou a polícia quem chegasse primeiro, não seria difícil de seguir o rasto da jovem estranha que fora vista a fugir de uma explosão num motel para depois mandar uma biblioteca pública pelos ares na mesma cidade.

Desejou que outra pessoa pudesse tratar dessa parte por ela. A temeridade era uma característica de Nico. Até Parisa seria uma voz bem-vinda na cabeça dela. Qualquer coisa que não se assemelhasse à constante contenção motivada pela dúvida. Libby precisava da ajuda de alguém, mas de quem? Não a da bibliotecária, isso era certo.

— Pareceu-nos ouvir alguma coisa a partir — gritou a bibliotecária quando Libby tentava levantar-se com dificuldade, o que só podia ser um eufemismo. Teriam ouvido algo a estilhaçar-se ou talvez a explodir. — Caiu alguma coisa, ou...?

— Oh, hum... — Nenhuma estante da sala tinha ficado em pé. Ótimo. Maravilhoso. — Só deixei cair uma coisa, mais nada. — Libby tentou usar um tom otimista que sugerisse mais uma certa inaptidão infantil do que,

digamos, vandalismo propositado. — As estantes são traiçoeiras! — concluiu com leveza.

— Bem, avise-nos se precisar de alguma coisa! — respondeu a bibliotecária, numa sugestão calorosa com um tom passivo-agressivo de que era melhor que Libby deixasse de fazer o disparate que parecia estar a fazer, o que era justo. Mais do que justo, na verdade. Libby acreditava que, de maneira geral, os patronos das bibliotecas não estavam a tentar abrir buracos de minhocas no tempo em propriedades do governo. Embora fosse possível que estivessem a fazer coisas piores.

— Só estou a dar uma arrumadela a isto — respondeu Libby. — Já saio!

— Oh, não se preocupe, querida, fique à vontade! — Tradução: *acho bem.*

Libby inspirou pesadamente. Depois expirou. Tratar das estantes com magia era a melhor opção que tinha. O resto talvez pudesse ser explicado, ou, pelo menos, escondido até ela desaparecer. E ela *desapareceria,* claro, logo que tivesse oportunidade de o fazer. Só... precisava de um minuto, mais nada. Para se recentrar. E descansar.

E para assimilar a desilusão.

Não que tivesse o direito de estar desiludida. Ela conhecia a implausibilidade dos requisitos físicos para magia daquela magnitude antes de começar, uma vez que, no passado, tinha conseguido criar a mesma coisa em miniatura dentro das paredes da casa senhorial da Sociedade. Quando Libby e Nico criaram um buraco de minhoca para a cozinha, que Nico usava para ir buscar húmus, gastaram ambos — os três, contando com Reina — tanta energia combinada, que ficaram doridos e esgotados durante semanas. Para criar um buraco de minhoca para *o futuro,* Libby precisava de acesso a energia que estava longe de ter.

Fora Tristan que o percebera muitos meses antes, quase um ano.

— O que precisarias — dissera-lhe com uma dobra de concentração entre as sobrancelhas solenes — era de provocar uma reação de fusão pura.

A fusão pura poderia ser comparada a uma supernova, a libertação espontânea de energia pelas *estrelas.*

— Impossível — retorquira Libby ao mesmo tempo que Nico, que estava a comer, dizia com uma escaldante colher de sopa na boca:

— O quê? Foda-se, desculpa, queimei a língua...

— É impossível criar um buraco de minhoca *para já* — dissera imediatamente Tristan a Libby em jeito de esclarecimento —, porque neste momento é impossível gerar uma libertação de energia que seja suficiente. A bomba atómica resulta de uma fissão — dissera ele, a imitar a divisão de um átomo — que depois cria a energia necessária para a fusão. Que é a parte que faz as coisas irem pelos ares. — Mais um movimento, desta vez para os combinar, que acabara com Tristan a bater com a mão em cima da mesa e a derramar a sopa demasiado quente de Nico. — Desculpa — dissera Tristan, com uma falta de sinceridade impressionante. — Mas vamos ao que interessa: a energia estelar não só é possível do ponto de vista teórico — continuara, com um relanceio de reprovação contundente, que era o que todos os olhares dele pareciam a Libby naquela altura — como vocês não são os únicos a tentar usá-la. A Wessex Corp também está, juntamente com mais de uma dezena de organizações governamentais. — Encolheu os ombros. — Não que eu já tenha sido convidado para alguma das reuniões em que discutem essas coisas.

Nico cerrara os lábios e voltara a virar a tigela de sopa para cima, enquanto Libby murmurava:

— Então nós os dois teríamos de gerar uma reação de fusão para... criar *mais* fusão? — Portanto, aproveitar a energia do sol. Uma bomba nuclear, mais ou menos. A fissão já era difícil, mas a fusão era outra questão completamente diferente. Era a diferença entre partir uma pedra de mármore em pedaços e juntar duas pedras de mármore para fazer uma pedra maior. A primeira era exequível. A segunda deixava a cabeça a andar à roda.

Nico, que, entretanto, tinha ficado mais interessado na teoria em questão, fora quem apontara o óbvio:

— Vamos precisar de mais do que apenas de nós.

Um problema que viriam a resolver com Reina. Portanto, no essencial, Libby precisara de Tristan para fazer os cálculos, de Nico para canalizar os poderes de cada um e torná-los algo eficazmente fluido, e Reina para lhes dar a chispa de naturalismo que não eram capazes de conjurar em mais

lugar nenhum. Um trabalho para quatro pessoas. E, na altura, Libby estava descansada, alimentada, devidamente lavada e não temia pela vida.

O que não era o caso agora.

Libby demorou mais uma hora a reparar os danos da sala dos arquivos da biblioteca, altura em que a bibliotecária voltou para lhe dizer num tom muito contido que estavam a fechar, obrigada, e se ela não se importava de se passar ao caralho (era o que se deduzia), ao que Libby respondeu num tom demasiado jovial que assim faria, muito obrigada por tão excelente ideia. Para onde iria a seguir continuava a ser um mistério, mas ela estava, aos poucos, a usar e a abusar da hospitalidade do sistema de bibliotecas públicas de Los Angeles. Estava na hora de ir para um lugar em que ela pudesse — *pudesse* — de alguma maneira perceber a impossibilidade de ter desaparecido. Isto para não falar da necessidade de descobrir 1) outro físico do calibre dela, 2) o naturalista mais poderoso ainda por nascer e, bem, 3) Tristan Caine, uma outra fonte de energia teria de ser suficiente. De novo, mais ou menos uma bomba nuclear.

Embora, idealmente, não uma bomba nuclear. Partindo do princípio de que ela não mataria ninguém — e este era um se muito grande —, a energia teria de ser dirigida para algum lugar. Libby não estava especialmente interessada em deixar rastos de radioatividade ate ao Canadá ou em romper algum tipo de paradoxo espácio-temporal que significasse que ela nunca tinha nascido. Mesmo que uma bomba viesse a funcionar, os danos eram inevitáveis. As consequências seriam duradouras e inevitáveis na melhor das hipóteses e catastróficas e irreparáveis na pior.

Ao fim de um par de horas, Libby estava a dormitar num autocarro. Era menos provável que provocasse danos significativos a quaisquer obras públicas lá dentro, embora, infelizmente, ainda fosse possível, dado o estado de exaustão em que se encontrava. Tinha conjurado um escudo em volta dela, mas perdia-o de vista sempre que o pensamento vagueava. Já ia com 26 horas sem pregar olho (tirando dez minutos de inconsciência, que certamente não contavam) e ainda não tinha nenhum plano bem formado. Não tinha propriamente sido feita para andar a fugir, mas também não sabia o que mais haveria de fazer. Portanto as coisas iriam ser como eram.

Depois de ter deixado a estação de serviço ao lado da estrada principal, fora para o hospital local, fazendo de conta que iria visitar um doente, uma vez que, mesmo com a deslocação no tempo, não era difícil integrar-se, não obstante a falta de chumaços nos ombros ou das calças de ganga da moda. Libby passara tempo suficiente em hospitais à espera que a irmã melhorasse, pelo que, descontando a indumentária, sabia muito bem o que significava estar à espera de más notícias. Em particular, sabia como se comportar de forma que as pessoas não fizessem perguntas por saberem que as respostas seriam difíceis de ouvir. Deixou-se ficar no hospital algumas horas, limpou-se na casa de banho e esperou para ver se Ezra iria aparecer. Não apareceu. Nem ele nem mais ninguém.

Libby não sabia bem como Ezra o tinha conseguido, mas não havia dúvidas de que a tinha encurralado num ponto qualquer do tempo. Estava sempre a tentar provar a si própria que estava enganada, a tentar encontrar provas de que tinha sido ludibriada, mas todos os dados que conseguiu encontrar no sistema de ficheiros do hospital diziam a mesma coisa. O dia em que se libertara dele fora domingo, 13 de agosto de 1989. Libby haveria de nascer nove anos depois.

Não tinha, portanto, como ir para casa.

Poderia tentar encontrar alguém que estivesse vivo em 1989, claro. Os pais dela. Um dos professores. Atlas Blakely, embora também ele não tivesse mais de onze ou doze anos na altura. Porque é que Ezra a tinha levado para ali? Como é que o tinha feito? Como é que ela poderia reverter a situação?

Por pouco não voltou a passar pelas brasas, o pescoço a estalar com o esforço que estava a fazer para manter a cabeça levantada. Deu um pulo, acordou com um resfôlego, e uma pessoa várias filas à frente virou-se para trás para olhar para ela. Libby estremeceu e assegurou-se de que o escudo invisível que conjurara à sua volta estava em pé. Provavelmente era um desperdício de energia, mas Libby sentia que era mais seguro do que andar de um lado para o outro sem nenhum tipo de armadura.

Mas, enfim, voltemos aos pais dela. Provavelmente eram demasiado novos e desprovidos de magia para a ajudar, mesmo que ela soubesse onde os encontrar naquela fase da vida deles (era o que dava ficar a revirar os

olhos quando eles lhe contavam as suas histórias intermináveis). E não havia algo a ter em conta quando se pretendia mexer com o tempo? Regras que diziam que não se devia interferir? Libby não conhecia o efeito borboleta com o rigor de um especialista, mas tinha quase a certeza de que não deveria tentar falar com ninguém que conhecesse. Além disso, como é que haveriam de poder ajudar?

Do ponto de vista teórico, ela e Nico tinham provado que podiam ser criados buracos de minhoca, e ela e Tristan tinham provado que havia formas de usar o tempo. Libby não fazia ideia de como poderia *atravessar* o tempo, claro, mas o que ela precisava era de encontrar uma fonte de energia com um poder suficientemente grande para que a plausibilidade de funcionar fosse maior. Estava longe de saber que energia seria essa. Além disso, também não sabia se uma fonte de energia de tal magnitude existia no tempo dela, quanto mais em 1989. Mas estava bastante segura de que haveria alguém a trabalhar sobre o tema, razão por que estava a caminho da Universidade Regional de Artes Medeicas de Los Angeles.

Era difícil de dar com ela. Não porque a instituição ou os medeicos estivessem a tentar esconder-se, mas porque tudo era difícil de encontrar.

A primeira biblioteca a que ela fora nem sequer tinha um computador. Uma outra biblioteca tinha, mas não estava ligado à Internet. Libby tentou consultar os arquivos de jornais. Ficou aliviada pelo menos ao perceber que a tecnologia mágica estava a ser desenvolvida abertamente nos anos 8o, o que, não obstante a atenção exacerbada que dava à história medeica (isto era sarcasmo, Libby não se preocupou em saber muito sobre o assunto, uma vez que já levava muitos anos de atraso na sua especialidade de magia quando chegou ao campus da NYUMA), teria tendência a pensar que não seria o caso. Ao examinar os jornais antigos, encontrou um artigo do início dos anos 6o sobre escolas que estavam a abrir no país para promover o crescimento da magia enquanto fonte de energia alternativa, que foi a fonte de ajuda mais substancial que encontrou desde que chegou a 1989. Não teria de esconder o que era por completo. Só teria de encontrar uma equipa de investigação universitária que a pudesse ajudar.

O que a levou à LARCMA. A NYUMA estava fora de questão, dada a distância. Libby não tinha a certeza de que fosse capaz de aceder à

LARCMA, mas, pelo menos, ficava apenas a uma viagem de autocarro de distância.

As pestanas voltaram a descair e a fechar-se com força quando o autocarro seguia para sudoeste. Havia faróis de automóveis a aparecer e a desaparecer, feixes de luz do trânsito que vinha em sentido contrário embalavam-na ritmadamente. A iluminação pública piscava mais acima. Libby sentia que tinha a cabeça a deformar-se por dentro, a girar e a derreter-se atrás dos olhos. Estava tão cansada que se sentia embriagada, o chão do autocarro a subir em direção ao banco onde ela estava sentada com as pernas recolhidas junto ao peito. O embalo do movimento do autocarro era deveras tranquilizador, o burburinho de ruídos discrepantes embriagante. Libby sentiu sono, fome e calor, embora se tenha concentrado em manter o esquema do seu pequeno escudo. Desde que se mantivesse dentro da sua pequena bolha, poderia...

— Aqui estás tu — disse Gideon Drake, o cabelo a brilhar, dourado, quando apareceu a correr pelo corredor do autocarro para ir ter com ela. Sobressaltada, Libby endireitou-se num pulo e ficou subitamente bem desperta.

O corredor estava vazio. A pessoa algumas filas à frente — uma mulher de meia-idade — voltou a relancear para ela com fastio. Libby tinha o coração na garganta, o pânico a desvanecer-se aos poucos. Estaria a imaginar coisas ou...?

Pestanejou. Voltou a pestanejar. Tinha a cabeça inundada.

A sonolência era como um cobertor que se pousava sobre ela novamente.

— ...xa de fazer isso — disse Gideon, que parecia muito severo. Desta vez estava vestido de médico e Libby percebeu que estivera a correr. Trazia a camisola com capuz preferida de Katherine e estava a chorar, e Gideon estava lá, mas não estava, e ela estava cansada como o raio e... *foda-se.*

Katherine estava morta. Libby perdera a camisola com capuz no metro três anos antes e chorara durante dias.

Estava a ter um sonho.

— Foda-se — suspirou Libby, mas Gideon estendeu a mão e acalmou-a.

— Estás bem. — A expressão dele tinha mudado e a indumentária médica também. Estava com uma *T-shirt* cinzenta vulgar e parecia normal. Tinha um cão preto sentado ao lado dele que parecia estar a despir Libby com os olhos, mas, provavelmente, isso era só mais uma parte do sonho. — Estás bem, Libby. Respira, está bem? Só... tens de, hum. — Gideon parecia confuso e embaraçado ao mesmo tempo. Duas expressões que nunca atravessaram o rosto de Nico. — Só tens de... *te deixar ir*, está bem?

O cão olhou para Gideon com dúvidas.

— Cala-te — disse-lhe Gideon antes de voltar a atenção para o rosto de Libby. — Estás bem? Onde estamos?

— Hum... — Ela olhou em volta e descobriu que estavam na sala pintada. Mais acima estava a abside habitual e, por um instante, ela ficou mais calma, mais segura. Como se o pior que pudesse acontecer fosse que Parisa decidisse que era necessário um despertar sexual, o que, em retrospetiva, não seria um resultado tão cataclísmico. — Estamos na Sociedade.

— Está bem. Está bem. — Gideon assentiu com a cabeça e, com uma palmada leve, afastou o cão, que parecia estar a discutir com ele. — Para com isso. Olha, Libby, podes dizer-me onde estás? Ou tipo... quando?

— O quê? — Ela pestanejou para ele e ele recuou por um instante, mas manteve a mão no pulso dela sem nunca a largar.

— Na vida real. Fora deste sonho. — Gideon parecia insistente. — Não tens muita prática nisto, pelo que não tens muito tempo. Tenta dar-me toda a informação que puderes o mais depressa que puderes, está bem?

— Aqui? — perguntou Libby, atordoada. As chamas da lareira da sala pintada estavam a crescer e a aquecer-lhe o rosto. Ela apercebeu-se do movimento, da suavidade da estrada, rodas a girar e a girar e a chocalhar, ritmadas e...

— Libby. Acorda. — Gideon estalou os dedos à frente da cara dela. — Faz-me a vontade, porque eu tenho uma teoria. Sabes em que ano estás?

— Estou em... — O rosto de Gideon estava a esvair-se. — Eu não... Gideon, eu não estou...

Ouviu-se o som alto de botões a disparar para abrir as portas do autocarro. Libby endireitou-se num pulo e percebeu que tinha voltado a adormecer. O escudo à volta dela tinha desaparecido, pelo que voltou a erguê-lo.

A mulher de meia-idade já tinha deixado o autocarro numa paragem qualquer. No lugar dela estava um adolescente com o capuz na cabeça, um par de auscultadores finos com fios nas orelhas. Libby engoliu em seco com dificuldade e consultou o mapa de autocarros que tinha roubado na biblioteca. Mais uma paragem. Limpou uma camada fina de baba da bochecha e tentou lembrar-se do que estava a sonhar. Estaria a sonhar com a irmã? Lembrava-se vagamente de sonhar com o hospital ou talvez isso fosse apenas porque tinha estado no hospital pouco tempo antes.

O autocarro chegou à paragem seguinte: Union Station. A estação de caminhos de ferro estava desenhada com um estilo de *art deco*, tipo missão espanhola, com arcos arredondados, paredes brancas e um renque de palmeiras que abanavam ao sabor de uma rajada de vento seco. Libby saiu do autocarro sem demora e examinou a parte de fora da estação de comboios antes de se apressar a entrar pelas portas principais.

O interior tinha chãos de barro, mármore travertino e tetos altos com vigas de maneira expostas. Libby dirigiu-se ao balcão dos serviços de informação ao lado das cabinas de venda de bilhetes, a sentir-se subitamente nervosa ao ouvir os passos a ecoar no meio de um relativo silêncio.

— Qual é o caminho mais rápido para a universidade? — perguntou, a lutar contra a vontade constante de bocejar.

O homem atrás do balcão não levantou a cabeça.

— Vai querer o *dash*.

— O quê?

O homem apontou para a pequena pilha de mapas de trânsito à frente dele sem dizer nada.

Libby pegou num mapa e leu o acrónimo DASH. Era uma carreira de autocarros que atravessava a baixa de Los Angeles.

— Ótimo, obrigada. Posso...? Apontou para o mapa.

Ele acenou com a mão para indicar que sim, claro, à vontade, e Libby pegou no mapa, voltou para fora da estação e ficou a tremer um pouco depois de sair. O local ficava mais frio do que ela esperava à noite ou talvez ela estivesse apenas quente de mais depois de estar tanto tempo sentada no autocarro. Não tinha a certeza se já estavam a usar tecnologia mágica nos autocarros. Talvez nos comboios. Porque é que ela estava a pensar nisso? O cérebro estava exausto, as ideias corriam frenéticas. Sentiu tremores debaixo dos pés e pensou oh, merda, tremor de terra, e depois pensou oh, foda-se, será o Varona? Por fim, lembrou-se de que não era uma coisa nem outra e que era ela que estava a desintegrar-se devagar, desesperada por dormir. Voltou para a área dos serviços de informação ao perceber que precisava de mais do que de um autocarro.

— Há alguma pensão ou algo assim por aqui? Algo, hum... — Relanceou para as calças de malha e para o bilhete de autocarro que tinha roubado. — ... acessível?

Desta vez o homem olhou para ela com cautela.

— Pode tentar o Skid Row — disse ele. — Estão a entrar por maus caminhos, mas a esta hora não terá problema.

— Skid Row? — Libby apercebeu-se com um sobressalto de que o homem pensara que ela era um sem-abrigo. O que, na verdade, até era. — Certo. Hum. Isso é... — Sentiu uma onda súbita de terror por não saber quais eram os recursos que tinha à disposição. — Existe algum tipo de abrigo, ou...?

— É esquisita, a menina? — A aversão do homem era evidente.

— Eu... — Certo. Não valia a pena. — Desculpe. Obrigada. — Pelo menos era perto. Baixou a cabeça e apressou-se a sair da estação, atravessou alguns bloqueios que não conhecia e tentou decidir para onde ia. Lá fora, havia algumas pessoas e alguns táxis vazios. Viu um banco sem ninguém e sentou-se. Desdobrou o mapa para o consultar novamente até que encontrou o *campus* de LARCMA.

Apercebeu-se de que não era *campus* nenhum. Era apenas um edifício e, provavelmente, o homem no balcão de informações tinha pensado que ela se estava a referir à universidade mortal ali ao lado, que teria residências universitárias e serviços para os estudantes. Poderia ir para *lá*? Sim, talvez

— ainda poderia passar por estudante universitária mas não podia ir a pé. Recostou-se no banco a tentar acalmar-se. Desejou ter-se lembrado de ir para ali quando era mais cedo, altura em que talvez tivesse para onde ir. Desejou ter matado Ezra ou, pelo menos, tê-lo usado. Porque é que ela não se tinha lembrado de fazer isso? Seguramente, poderia tê-lo... *forçado* a levá-la de volta, de alguma forma?

Não, pensou com um suspiro. Mesmo no seu pior, nunca pensou que fosse capaz de concretizar o tipo de ameaça necessária para que tal acontecesse. E, quem sabe? Talvez ele preferisse matá-la ou até morrer a ajudá-la. Afinal, ele tinha dito que tinha um plano.

Sentiu outro arrepio de medo ao perguntar-se se o homem que amara seria realmente tão diabólico. Céus, estava exausta. Talvez devesse ter ficado lá atrás naquele quarto de motel. Poderia ter acabado por persuadir Ezra, porventura. Partindo do princípio de que teria estômago para isso, poderia tê-lo convencido. Poderia tê-lo lembrado da razão por que funcionavam bem juntos.

E *funcionavam* bem juntos, não funcionavam? Ou teria sido tudo uma farsa? Não lhe parecia. Esperava que não. Havia um dualismo tão exacerbado nas memórias que ela tinha dele, o bom esquecido e o mau ignorado a chegar-lhe em simultâneo e a desorientá-la como uma chicotada. Costumava pensar que Ezra era engraçado e facilmente incompreendido, da mesma forma que era encantadoramente estranho. Tivera tanta vontade de o proteger no passado. Nico não tinha dificuldade em lançar-lhe farpas, porque Nico era carismático e difícil de odiar verdadeiramente, pelo que era sempre um pouco rufia ou, pelo menos, fora isso que Libby sempre pensara. Até Gideon sempre fora simpático para Ezra, embora isso não quisesse dizer muito, porque Gideon era sempre simpático.

— Ouve-me — estava a dizer Gideon, porque ele estava ali de alguma maneira, na luz trémula da rua a segui-la nos seus pensamentos como uma nuvem no céu. Estaria ela a dormir? — O ano, Libby. Diz-me só o ano. — Ele relanceou por cima do ombro, como se alguém o estivesse a seguir, ou talvez a vigiar. — Ou dá-me uma dica. É...

— Mil novecentos e oitenta e nove — disse Libby.

— Oh. — Gideon pestanejou. — Isso é... a sério? Certo. Certo. — Parecia exausto, tenso. Atrás dele Libby vislumbrou alguém azul, ou com veias azuis. Os olhos ficaram levemente ofuscados e, depois de ela pestanejar, a pessoa azul desapareceu. — Mil novecentos e oitenta e nove? — perguntou Gideon. — Sabes porquê esse ano ou...? Bem, esquece — disse ele, apressadamente — isso chega para avançar.

A pessoa atrás dele fez um som que perpassou a cabeça de Libby como uma guilhotina.

— Para, já te *disse* que não me demorava... Libby. Libby, ouve-me. Nós vamos ajudar-te, está bem? Vamos descobrir como te trazer de volta, prometo. Ai. Ai, *para*... — Gideon disse algo noutra língua, algo ininteligível para Libby. — Para, já te disse, larga-me...

— Ei. — Algo bateu como um chicote ao lado de Libby, fazendo-a despertar num ápice com um resfolego. — Não pode dormir aqui.

— Desculpe, desculpe. — Passou a mão pela boca para a limpar. Baba novamente. Baba sempre. Levantou-se num pulo, a assentir para o agente da polícia ou segurança ou o que quer que fosse, mas que parecia muito pouco contente por a ver. *Estão a entrar por maus caminhos*, dissera o homem do balcão de informações. Poderia ela ser presa por estar ali? — Desculpe, eu vou...

Apressou-se a sair dali e depois olhou para o mapa novamente.

A LARCMA não era assim tão longe. Só tinha de passar por cima da autoestrada e atravessar mais alguns quarteirões. Sim, era tarde, mas ela fora estudante numa universidade medeica no passado e, seguramente, as coisas não tinham mudado assim tanto em vinte anos. Alguém haveria de estar a queimar as pestanas até mais tarde, não?

Portanto, avançou noite fora, tremendo um pouco enquanto caminhava.

• Tristan •

Tristan estava a lavar os dentes quando sentiu» mais do que ouviu, a porta a abrir-se com um rangido atrás dele. Com a boca a espumar com pasta de dentes, viu um lampejo de prata no espelho e virou-se num ápice a tempo de olhar de frente a lâmina fina que lhe era dirigida às costas.

Ainda havia um desfasamento, um nó nos pulmões. Não era hesitação, exatamente, mas uma fratura fina entre saber que a morte estava a chegar e convocar os meios para a parar. A faca continuou a ser uma faca por um pouco mais de tempo do que ele teria gostado, mas, por fim, a matéria deixou de lutar contra ele. A casa de banho curvou-se para fora; a faca transformou-se, a cintilar, em partículas cada vez mais pequenas, a energia atrás do movimento a movimentar-se para fora. O voo da faca passou a estar constrangido e virou-se para dentro por ordem de Tristan. Era esta a movimentação chave, quando Tristan conseguia ver a faca: alterar a energia dos fragmentos da faca e depois usá-los para a transformar noutra coisa, uma coisa de que ele gostasse.

— A sério? De novo? — Era a voz de Nico quando Tristan abriu os olhos, a escova de dentes ainda na mão.

A faca estava no chão, feita em pedaços. Nico estava em pé junto à porta a abanar a cabeça.

Tristan virou-se e cuspiu para o lavatório. Depois levantou a cabeça e olhou para os seus próprios olhos raiados. Não andava a dormir nada bem. Sabia que não iria morrer numa das infiltrações aleatórias de Nico — já o tinha provado vezes suficientes ao longo dos dois meses anteriores —, mas era preciso que o resto do corpo percebesse a mensagem. Os olhos estavam vermelhos e esgazeados, o peito a palpitar. A adrenalina era uma droga e peras.

— Tens de começar a jogar ao ataque, não só à defesa — dizia Nico. — Acabei de tentar apunhalar-te nas costas e a única coisa que tu consegues

fazer de cada vez que eu tento é destruir a arma? E se eu tivesse *duas* facas, Tristan, o que farias? — perguntou.

Tristan lançou um suspiro pesado e irritado para o lavatório.

— A sério — bradou Nico —, se a única coisa que consegues levar para uma luta de facas é um molho de *pequenos bocados de facas...*

— Já percebi, Varona, já te fizeste entender perfeitamente bem. — Tristan estendeu a mão para a toalha ao lado do lavatório, e limpou o excesso de pasta de dentes da boca. — Para que conste, esta foi a quarta vez hoje — apontou, ao virar-se para olhar para Nico de frente. — Receio que estejas a retirar demasiado prazer dos teus planos para me matares.

— Não diria que isto está ao nível do planeamento — disse Nico. Também ele tinha os olhos esgazeados. Parecia ter recuperado algum tipo de uma hiperatividade que Tristan não via desde o início do ano, altura em que fizeram a pré-iniciação e estavam a estudar as complexidades do espaço. — És extremamente previsível, sabias — murmurou Nico em acusação. — Até quando barras manteiga num *scone o* fazes sempre da mesma maneira...

— Diz-se «scône» — disse Tristan, num tom áspero — e, *claro* que o faço sempre da mesma maneira porque não sou um animal...

— A questão é que — interrompeu Nico — tens de pensar em fazer algo *diferente.* Algo que não se limite a partir coisas. Tipo, quem é que vai limpar isto, hum?

Nico apontou para a pilha de pedaços de faca no chão. Tristan levantou uma sobrancelha e Nico suspirou.

— Está bem. — Num piscar de olhos, a faca voltou a ser faca e regressou à palma da mão de Nico. Tristan, que continuava a achar as capacidades de Nico estranhas, arrepiou-se sem querer.

— Oh, habitua-te. — Nico voltou a relancear para ele com impaciência.

— Sabes que também és um físico, não sabes? Um físico muito estranho — acrescentou com um encolher de ombros —, mas um físico...

— Não faço o que tu fazes — retorquiu Tristan, o que era verdade. A especialidade de Tristan, fosse ela qual fosse, não consistia em reencaminhar uma força nem em alterar a gravidade nem o que quer que

fosse que Nico estava sempre a usar para fazer com que as coisas acontecessem. Tristan percebia, já naquela altura, que não era a mesma coisa que ele tinha sentido de Libby. A memória da magia de Libby ainda o inundava de vez em quando, a pulsação do coração dela debaixo da mão dele. Era diferente, a sensação de Libby, a força que ele sentia do interior das veias e que era indubitavelmente dela.

O que ele era capaz de fazer era mais do que nada, mas enfim. Não adiantava ser impreciso.

— Mesmo assim. — Nico conteve um bocejo e levou uma mão à boca. Tinha um leve brilho de suor nos braços. Tristan franziu o sobrolho e, por breves instantes, pensou em dizer alguma coisa.

Não disse.

— Como é que está o teu amigo? — acabou por perguntar, voltando-se para o espelho e passando a mão pela extremidade do maxilar. Não seria má ideia barbear-se.

— Amigo? — perguntou Nico evasivamente.

— O que está a ajudar-te a encontrar a Rhodes. — Tristan não estava completamente convencido com a teoria de Nico (de que Libby Rhodes estava perdida no tempo), mas, infelizmente, não a podia descartar, porque não tinha nenhuma melhor. Queria que ela estivesse viva. Se estava perdida no tempo, muito bem. Pelo menos assim faria sentido que Parisa não a sentisse em lugar nenhum do planeta.

Tristan estendeu a mão para a máquina de barbear. Sentia a barba curta ao longo da maçã do rosto a formigar, dura, como uma lixa. Não valia a pena adiar o barbear, mesmo que Nico insistisse em dar-lhe sermões enquanto ele o fazia.

— Oh. Sim. Esse amigo. — Nico desviou o olhar. — Não o tenho visto, na verdade.

Tristan deteve-se e chegou à conclusão de que, provavelmente, Nico não iria responder bem a nenhum tipo de simpatia. Tristan não responderia bem de certeza. Embora, na verdade, ele não considerasse perguntar uma *simpatia.* E como nenhum deles estava a chegar a perto de encontrar Libby, também não era evitável.

Tristan ligou a máquina de barbear, inclinando-se para o espelho.

— Achas que ele desistiu, então?

— Não — a voz de Nico era intransigente, apaixonada quase. — Ele não é de desistir. A questão não é essa. Está só... ocupado.

Tristan passou com as lâminas debaixo das patilhas com cuidado. — Foste ignorado, foi?

— Vai-te foder. — Nico esfregou o pescoço. Músculos doridos, observou Tristan. Não era um bom sinal para um físico omnipotente que deveria ter todas as razões para dormir bem. A investigação independente que faziam não era assim tão exigente: passavam a maior parte dos dias cheios de livros e nada mais. Tirando as aparições esporádicas para assassinar Tristan durante o dia, Nico não deveria ter nada com que se preocupar além da investigação.

— O Gideon só... — Os olhos de Nico viraram-se para o lado. — Ele tem outras coisas para fazer. Ou está a demorar muito tempo para a encontrar, não sei. Os domínios dos sonhos não são assim tão fáceis de percorrer.

Não era preciso ser um empático perturbado para saber que ele estava a mentir. (Embora Tristan soubesse onde encontrar um se a necessidade surgisse.)

— Bem — disse Tristan. — Não estou propriamente muito preocupado com o que se passa contigo. Mas, foda-se.

— Registado — disse Nico, com uma expressão revoltada e com razão. Olharam-se olhos nos olhos pelo espelho e pareceram partilhar o mesmo arrepio de despeito perante a possibilidade de criarem laços.

— É óbvio que estás a ficar um caco — foi a determinação final de Tristan antes de voltar a atenção para a barba que queria cortar como devia ser. — Há alguma coisa que te está a deixar extenuado.

— Alguma coisa — murmurou Nico a concordar, os olhos a viajar distraidamente pelo mofo das paredes da casa de banho. Os dedos estavam a tamborilar nas coxas, uma sinfonia de inquietação. — Olha — acrescentou ao fim de um momento de agitação fútil. — Qual é o teu tema de estudo independente?

Certo. Isso.

— Oh. — Como se Tristan não tivesse sido já incomodado com o assunto. Ainda naquela tarde Dalton o tinha abordado para falar sobre a mesma coisa na sala de leitura.

— O Atlas — começara Dalton com um olhar de supressão dorida — queria que eu falasse consigo sobre o seu estudo independente.

— Ótimo. O Atlas pode falar comigo pessoalmente. — Tristan virara a página do livro que estava a ler e apercebera-se de que Dalton continuava ao lado dele e não parecia estar com vontade de sair. — Sim? — incitara Tristan com um suspiro.

— O tema do tempo é... — Dalton aclarara a garganta. — Amplo. Muito batido.

— Sim, e? — Naquele preciso momento, Tristan estava a ler um livro sobre a gravidade quântica, que era um tema que os arquivos lhe entregavam com aparente bom grado. A maioria do que encontrara foram notas sem autor escritas à mão, todas muito bem redigidas.

— Talvez devesse pensar em algo mais prático — dissera Dalton.

Falar com Dalton era cada vez mais como tirar um dente. Parte disso poderia dever-se ao ressentimento pessoal de Tristan, uma vez que o que sentia por Parisa nos tempos mais recentes não era muito positivo, o que se estava a refletir na opinião que ele tinha sobre o amante dela. Embora também pudesse dever-se à extrema inabilidade de Dalton para ir direto ao assunto.

— Como por exemplo?

Dalton sentara-se à mesa de Tristan.

— Trabalhou na Wessex Corp — dissera ele.

Oh, céus, estavam, portanto, a trocar palavras de tédio óbvio.

— Sim — dissera Tristan devagar, como diria a uma criança pequena.

Dalton não pareceu ficar ofendido.

— E está, claro, ciente, graças às funções que desempenhou na empresa, que James Wessex começou a carreira na tecnologia de fissão.

— Sim. Obviamente. — Era informação que estava na página de James Wessex na Wikipédia. A empresas medeicas financiadas pela fundação de Wessex, que antecederam o envolvimento de James, tinham, no passado, sido fundamentais para a estabilização da crise climática, o que deu naturalmente azo a uma energia alternativa. O retorno sobre o investimento de Wessex fora o equivalente a uma loucura financeira completa. James era um multimilionário, e a grande maioria do trabalho que fazia era tão privada que era mais alvo de especulação do que de conhecimento real.

— Eu só trabalhei para ele na área do capital de risco — recordou Tristan a Dalton. — Sobretudo em tecnomancia medeica. — A maioria da tecnologia que Tristan encomendava nunca foi além dos produtos de luxo ou de *software* de consumidor e, mesmo nestes casos, era sempre remetida a superiores hierárquicos, que a aprovavam ou não sem ele ter conhecimento.

Além disso, o que interessava a Atlas a informação sobre o trabalho que Tristan realizara antes de integrar a Sociedade?

O humor de Tristan ensombrara-se abruptamente.

— Está a tentar dizer-me que o Atlas Blakely quer que eu compita com a Wessex Corp?

— Não, não. Dalton parecia horrorizado. — A Sociedade não patrocina nenhum tipo de ganho material e *nunca* procuraria nenhum tipo de concorrência com...

— Sim, sim, pureza académica, integridade de pensamento, percebido. — Tristan estava a sentir-se impetuoso e impaciente e talvez até um pouco usado. — Então para quê falar no assunto?

— A investigação do James Wessex é sobre energia nuclear... bem. — Um pigarreio curto e recatado. — O Atlas acredita... — Outra pausa. — Temos razão para acreditar — acrescentara — que talvez o Tristan tenha feito progressos no alargamento da utilização das suas capacidades.

Tristan estava aliviado por Dalton, ao contrário de Parisa, não poder ver as várias imagens de Nico de Varona — a dar um ataque cardíaco a Tristan, a tentar estrangulá-lo, a deixar-lhe cair objetos pesados na cabeça — a vaguear distraidamente pela sua cabeça.

— Sim, em certo sentido.

— Há algo a dizer sobre o alargamento do escopo da sua reflexão — dissera Dalton.

Muito bem. Altamente condescendente, mas tudo bem, sem problema.

— E o que é que o James Wessex tem que ver com a minha investigação?

— Só queria referir-me a ele como um exemplo de um... — Dalton detivera-se. — Bem, um pensador expansivo.

Raios, pensara Tristan. Frustrado pelo seu pequeníssimo cérebro.

— Estou a ver que escolhi a melhor abordagem para esta conversa — apressara-se Dalton a dizer depois de ler inteligentemente o despeito real no silêncio de Tristan. — É óbvio que o James Wessex não é um medeico com significado. Mas o *Sr. Caine* é, e acho que pensei...

— Quer que eu estude algo maior do que o tempo — resumira-lhe Tristan.

— Sim. Bem, não. — Dalton parecia extraordinariamente desconfortável. — Não maior, *per se.* Não necessariamente.

— Certo — dissera Tristan sombriamente. — Só mais interessante, então.

— Parece-me apenas que... — Dalton parara novamente. — Só tenho a sensação de que talvez possa ser um elemento importante, Sr. Caine, para o tipo de investigação que este grupo específico de iniciados pode fazer.

Tristan franziu o sobrolho.

— Pensava que a nossa investigação era independente.

— Sim, claro, mas cada grupo de candidatos é escolhido por uma razão.

— Dalton levantara-se, obviamente a chegar ao fim do que era capaz de oferecer em termos de interação humana. — O Sr. Caine e o Sr. de Varona encontraram interesses comuns — dissera ele com um tom de vago regozijo. — O Sr. de Varona fez o mesmo com a menina Mori e com a menina Kamali...

— O quê? — perguntara Tristan com o cenho franzido. Estava à espera do nome de Libby, mas não do de Parisa.

— Embora haja, claro, um pequeno senão — acrescentara Dalton.

O interesse de Tristan gorara-se.

— Ou seja, o Callum.

— Ou seja, há uma possibilidade de que os interesses do grupo venham a tornar-se... divergentes — dissera Dalton com ambiguidade. — O Sr. Nova ainda não escolheu um tema de estudo. E a menina Mori está... — Voltara a hesitar. — ... num precipício, por assim dizer.

— Então por eu não ter matado o empático — dissera Tristan mais uma vez de forma sucinta — estamos todos a investigar temas errados?

— Não todos. — Parecia ser uma piada, a avaliar pelo sorriso que Dalton tentou conjurar. Não era muito dado a manifestações de contentamento, pensara Tristan. — Mas talvez possa haver algo que o Sr. Caine possa considerar mais estimulante no seu caso particular. Dado que os arquivos fazem as entregas com base na força do seu sacrifício, que foi... — Uma pausa. — ... reduzido, digamos...

— Mais uma vez, peço imensa desculpa pelo meu ligeiro descuido — murmurara Tristan entre dentes.

— ... talvez queira repensar o seu tema — concluíra Dalton, no que parecia ser o objetivo da conversa desde o início.

Portanto. Com todos os temas que tinha à disposição no mundo inteiro, Tristan tinha escolhido um que era aborrecido. Muito previsível da parte dele.

— É essa a determinação lá de cima? — perguntara Tristan a Dalton com ironia. — A ordem oficial do Atlas?

— De maneira nenhuma, estude o que desejar. — Dalton encolhera os ombros. — Ninguém irá interferir. Só estou a transmitir uma mensagem.

Dalton deixara Tristan sozinho depois disso. Tristan esquecera o assunto ao jantar. Depois Nico tentara enfiar-lhe um dos balaústres no coração. Agora estava na casa de banho depois de reduzir uma faca a pedaços mais uma vez, mas por pouco. E na cabeça tinha o refrão constante e abusivo: pensa mais alto.

Sê mais inteligente.

Faz *mais*.

— Ah, está aí alguém? — disse Nico, que, pelos vistos, ainda estava junto à porta da casa de banho à espera de uma resposta. Tristan apercebeu-se de que tinha a máquina de barbear a funcionar havia quase um minuto sem fazer nenhuma espécie de contacto com o rosto.

— Sim, desculpa. — Passou os dedos pela parte de baixo da bochecha. — Estou a pensar em fazer umas mudanças.

— Estás? — Nico parecia cuidadosamente desinteressado, o que significava que estava altamente interessado.

— Porquê? — perguntou Tristan com um suspiro. — Tens alguma sugestão?

Nico assentiu com a cabeça num movimento frenético.

— Uma ou duas — disse ele apressadamente ao ver a atenção de Tristan a voltar para o rosto semiescanhoado. — Já pensaste em IMM?

As lâminas da máquina raparam levemente o maxilar de Tristan.

— O quê?

— Interpretação de muitos mundos. — Nico começou a divagar. — Já percebeste que, no essencial, provaste que a física quântica está filosoficamente correta, o que significa que também podes provar algumas das outras teorias de longa data. Como se há mundos paralelos. Ou variáveis escondidas. Ou, tipo, a verdadeira *estrutura* do espaço. A formação das galáxias. Se continuares a decompor as coisas em elementos cada vez menores — acrescentou Nico, entusiasmado —, o que é que vais encontrar se não desistires? O que é o vazio? Há alguma coisa que seja o vazio? O que é a matéria negra? Se tudo existir apenas na relação com outra coisa qualquer...

— Foda-se — disse Tristan que tinha chegado demasiado perto da garganta ao fazer a barba. — Ouve, Varona...

Mas quando olhou para o espelho à procura de Nico, ele tinha desaparecido. Tristan pestanejou.

— Varona, eu...

As luzes apagaram-se.

No momento seguinte viu outro clarão junto a ele, o brilho da faca a refletir na luz fraca do luar, graças a uma brecha na janela. Voltou a acontecer: a palpitação nas veias, o medo a que nunca chegou a habituar-se devidamente, como se nunca mais conseguisse recuperar completamente o fôlego. O desfasamento leve seguido da alteração súbita do tempo e do espaço. A mundo a curvar-se para o embalar no interior.

Tristan viu pequenos fragmentos de luz que compilou e dispôs para poder ver o local a partir do qual Nico lhe estava a apontar a faca à garganta. A lâmina estava a um pelo, não mais, da maçã de Adão de Tristan. Ele era o mais alto dos dois, mas Nico tinha feito uso da relação que tinha com a força para ganhar vantagem. Uma versão anterior de Tristan já estaria morta, a garganta cortada sem hesitação, mas *aquela* versão de Tristan já tinha visto o precipício da morte e dado meia-volta. Pegou na faca e reconfigurou-a.

Quando, por fim, as coisas acalmaram dentro da sua cabeça, Tristan abriu os olhos. Na mão direita tinha um punhado da *T-shirt* de Nico. Na mão esquerda tinha um pedaço de uma faca partida apontada ao peito de Nico. O resto da arma branca estava reduzida a fragmentos espalhados pelo lavatório da casa de banho.

Tristan olhou fixamente para Nico, cujo peito subia e descia no punho de Tristan.

— Para de partir facas — disse Nico, ofegante.

Tristan largou-o bruscamente, deixando-o cair contra o lavatório.

— Disseste para jogar ao ataque.

— Mas não *assim, idiota* — foi a resposta de Nico. — Não lutes contra *mim.* Que caralho de perda de tempo.

— Porquê? — perguntou Tristan num tom escarninho. — Porque só precisaria de mais um minuto para te vencer?

— Não, porque é um desperdício — atirou Nico. — Um desperdício da tua energia, do teu talento, um *desperdício* do caralho. — Virou costas, uma mão a passar pelos caracóis pretos. Depois expirou e pousou ambas as mãos na cabeça em aparente derrota, antes de se virar de novo para Tristan.

— Não é uma faca — disse Nico.

— Porque eu a parti.

— Não, ouve-me. — Nico deu mais um passo na direção de Tristan. — Não é uma faca. É apenas uma disposição de átomos, eletrões, *quanta,* o que lhe quiseres chamar. Só é uma faca porque o teu cérebro te está a dizer que é uma faca, porque, nesta ordem, é uma faca. Outras pessoas veem uma faca e é isso mesmo, uma faca, porque essa é a realidade deles. Mas *tu*... — Nico olhou para ele com os olhos a arder com tanta vivacidade que Tristan quase sentiu o seu calor. — ... tu não tens de ver o mesmo que os outros veem. Podias pegar nisto... — Agarrou o que restava da pega. — ... e podias transformar isto num caralho de um pónei. Num cone de gelado. Numa bomba atómica. Tu consegues ver o *tempo,* consegues *usá-lo,* quer dizer, *caramba,* Tristan, tu percebes sequer...? Quer dizer, a sério, tu...?

Nico parecia ter ficado sem energia, o ar a entrecortar-se sob aquele monólogo.

— Que se foda, deixa estar. Boa noite. — Nico virou-se e saiu da casa de banho, batendo a porta atrás dele.

Tristan deixou-se ficar ao lado do lavatório mais um momento.

Depois acabou de se barbear.

De seguida, limpou cuidadosamente o rosto com uma toalha, reuniu os pedaços de faca e abandonou-os no caixote do lixo antes de descer as escadas para o escritório ao lado de uma das salas da casa senhorial.

Bateu à porta aberta do gabinete de Atlas Blakely, pouco surpreendido por a encontrar ocupada.

Atlas levantou a cabeça como se o esperasse.

— Sr. Caine — disse Atlas a recostar-se na cadeira.

Tristan fechou a porta ao entrar e sentou-se à frente da secretária de Atlas. O que quer que estivesse prestes a acontecer entre ambos já se anunciava havia muito tempo; talvez desde o dia em que Tristan aceitara a oferta da Sociedade para se tornar algo mais.

— Temos de falar — disse Tristan. Com o que queria dizer: *não mandes o teu lacaio dizer-me o que deverias ter-me dito quando aqui cheguei.* Porque, claramente, Tristan era especial. Era poderoso. Mas também era profundamente limitado. E, ainda por cima, era um idiota, o que significava

que era chegada a hora de Atlas se deixar de tretas e lhe dizer a verdade que Tristan não conseguia ver sozinho.

— Sim — respondeu Atlas cuidadosamente. — Receio que tenhamos, de facto.

• Reina •

Reina não era megalomaníaca. Não se tratava de um complexo de deus.

— Não deixa de ser um complexo de deus — disse Callum.

Mãe! Trinou um feto distante no andar de cima. *Come-o* vivo, *mãemãeeeeEEEeeee!*

— É uma questão unicamente filosófica, não religiosa — corrigiu Reina abruptamente. — Mais uma vez, eu não sou um deus no sentido de precisar de ser venerada.

— Mas não deixas de ser um deus? — perguntou Callum com a voz arrastada.

— Nos termos da minha teoria, tu também és. — Infelizmente. — Bem como toda a gente nesta casa. — Ele continuava a ser teimosamente obtuso em relação ao assunto, o que não surpreendia Reina, diga-se. Era o que dava escolher um psicopata deprimido como parceiro. Embora, diga-se de novo, as opções fossem limitadas.

— Não digas ao Varona — disse Callum. — Não sei se ele se habituaria à omnipotência com muita delicadeza.

— Gozar com as pessoas não vai ajudar em nada — observou Reina, antes de apontar para o sistema de entrega dos arquivos da sala de leitura. — Vá. Tenta de novo.

Callum olhou para ela com uma exasperação tão violenta, que, por um momento, Reina quase voltou a respeitá-lo.

— Só por ser ali que os arquivos entregam os pedidos não quer dizer que *sejam* os arquivos — disse ele com impaciência. — Não vão estar ali sentados à espera que tu apareças.

— Bem, está certo. — Aquele choque de personalidades fundamental não iria certamente tornar-se cansativo, pensou Reina com amargura. — Não me cabe a mim compreender a senciência da casa.

— Ah, então queres omnipotência — disse Callum —, mas a omnisciência está posta de lado?

Reina poderia ter dito: pela última vez, não acho que seja sagrada. Não sou divina. O que eu sou é poderosa o suficiente para rescrever culturas, restruturar sociedades. É isto que significa ser deus: impor uma nova era de mudança. Não criar impérios, mas formatar uma nova geração. Sabes quantas vezes é que a sociedade já entrou em colapso? Irá acontecer de novo e irá reconstruir-se, mas *como* será essa reconstrução? Pensa nisso. Os velhos deuses morreram, ninguém acredita neles, por isso o que é que nos resta senão um mundo enfraquecido e sem fé? Dá-me sete dias e eu farei luz, farei os céus e a terra. Não literalmente, porque não sou doida. Mas tenho o poder e o talento, que me foram dados por alguma razão. Porque se eu for capaz de criar vida, serei obrigada a criá-la de alguma maneira.

Mas Reina tinha a sensação de que estaria a perder tempo com Callum, pelo que se limitou a dizer:

— Sim.

Callum lançou-lhe um olhar perscrutador e pareceu afastar quaisquer reservas que restassem.

— Muito bem. — Inclinou a cabeça para cima e falou para o teto. — Oh, estimados arquivos, amados servos da Biblioteca nas Alturas, abençoados pela Deusa em Pessoa...

— Para — disse Reina entre dentes cerrados.

— Está bem. — Atirou-lhe um olhar de regozijo e acenou-lhe com uma inclinação do queixo. — Mão, por favor. Ou qualquer outro apêndice que prefiras.

Repugnante. Reina bateu-lhe com a mão no ombro.

— Continuo pouco certa de que este tipo de proximidade seja necessário.

— Já funcionou no passado, vai funcionar agora. — Callum queria dizer que tinha servido para influenciar Dalton Ellery, o que, de acordo com Callum, não tinha sido tão difícil como ele esperava que fosse. *Não que não tivesse sido difícil,* esclarecera, *porque ele está a usar todos os bloqueios emocionais que se conhecem. Mesmo assim, faltava alguma coisa.*

Reina não se dera ao trabalho de lhe perguntar o que faltava, porque não queria saber nem compreendia qual era o objeto do tráfico da construção da psique humana a que Callum se dedicava. A única coisa que interessava a Reina era a eficácia com que ele o fazia. Além disso, a primeira averiguação que fizeram ao que os poderes de Callum eram capazes de fazer depois de terem sido aperfeiçoados por Reina tinha sido coroada de êxito. Portanto, estavam no bom caminho. Acresce que havia ainda o bónus de irritar Parisa, embora se tratasse de algo mais teatral do que de algo a que se pudesse dar um uso efetivo.

Assim, Reina tinha ficado a saber qual era o objeto de estudo de Dalton. A génese. A inflação cósmica. A ordem cosmológica. O universo primordial. Mas nada disso tinha significado para ela e, pior, havia uma parte dela que sentia, desanimada, que não seria tão insignificante para Parisa, que era ainda mais esperta do que bonita e, portanto, duas vezes mais irritante para Reina do que para qualquer outra pessoa demasiado babada a olhar para ela para reparar. Reina tinha esperança de que Callum mostrasse algum conhecimento do tema, mas, pelo contrário, estava agarrado a outra coisa qualquer que tinha que ver unicamente com Dalton, quando era óbvio que nada daquilo estava relacionado com Dalton enquanto pessoa. O que interessava o tipo de pessoa que Dalton era, ou se conseguia sentir emoções na mesma medida que todas as outras pessoas? Eram irrelevâncias, trivialidades no máximo. O problema de as pessoas se deixarem levar pelas suas próprias especialidades era que Callum sentia que as pessoas eram os únicos verdadeiros mistérios. Reina, que conhecera muitas pessoas que não tinham nada de misterioso, discordava dele com veemência.

Em todo o acaso, estavam a subir a fasquia, ou, pelo menos, a tentar. Demoraram algum tempo a concordar sobre o que deveriam convocar dos arquivos, mas, afinal, foi Callum que deu as cartas, não sem enorme ressentimento de Reina. Ao fim de tantos dias a tentar convencê-lo do que dizia, estava a demorar semanas a convencê-lo a agir em conformidade. Afinal, não teve escolha senão concordar com a experiência que ele sugerira e que ela considerava inútil. Mas ele mostrou-se inflexível e assim foi.

— O que aconteceu da última vez que tentaste? — perguntou ela, asperamente, com vontade de ajustar a colocação da mão no ombro de Callum.

Sentia-se intensamente ciente do calor dele debaixo da palma da mão de uma forma que a deixava agitada. Sentia que ele lhe estava a sugar algo, poder ou energia ou o que quer que fosse que estivesse a correr no corpo dela. Mas, ao contrário do que acontecia quando Nico o fazia, ou quando ela deixava que qualquer elemento da natureza lhe sugasse algo, estava a fluir para Callum de forma mais espessa. A «escorrer» talvez fosse a melhor palavra.

— A mesma coisa que acontece sempre. O meu pedido foi negado. — Olhou-a de soslaio, irritado. — Estou a concentrar-me.

— Certo. Desculpa. — Não lhe tinha parecido que ele estivesse a fazer alguma coisa. Tinha de admitir que a magia dele a deixava desconcertada.

Ao fim de alguns segundos, os padrões de respiração de Callum alteraram-se. Tinha um pequeno fio de suor a formar-se na testa e afastou-lhe a mão do ombro.

— Pronto. Deve ter funcionado.

— Como é que vamos saber? — Reina olhou para o sistema de entrega com muita atenção.

— Demorou alguns minutos quando tentei fazer isto sozinho. Provavelmente vai acontecer o mesmo. — Callum encostou-se à parede da sala de leitura a olhar para ela. — Então, o que se passa com a tua família?

— O que é que o *teu* ficheiro dizia? — ripostou Reina com a voz muito alta. — Creio que o leste.

— Claro. — Estava a olhar para ela com um sorriso fraco nos lábios. — Sabes que eu estar a perguntar-te é apenas uma formalidade, não sabes? Eu já sei quase tudo o que preciso de saber sem que tu me digas nada.

— Ainda bem. — Reina olhou para ele, furiosa. Depois baixou a cabeça para os sapatos. — Nunca te fartas de saber os segredos dos outros? — Não que naquele caso fosse um segredo, lembrou-se ela a si própria. Reina não fazia *segredo* da família, porque isso significaria que a família tinha importância. Limitava-se a não falar com os familiares porque nenhum deles tinha nenhuma importância para ela. Eram mortais. E irrelevantes.

— Na verdade, não, nunca me canso disso — asseverou Callum. — Toda a gente tem segredos. E variam extraordinariamente de pessoa para

pessoa.

Reina sentia que ele estava a olhar para ela, mas sacudiu o incómodo sem dificuldade.

— Eu sei que tu pensas que toda a gente tem uma história sentimentalona, mas eu não tenho.

— Verdade — disse ele. — Não és nenhuma Parisa. Nem nenhum Tristan.

— Não sou vítima de ninguém — disse Reina sem expressão.

— Eles também não eram. Pelo menos não nesse sentido. — Callum cruzou os braços sobre o peito. — Mas, se pensares bem no assunto, nunca ninguém pede nada disto. Do que nasceu para fazer. Ficamos com o que ficamos e isso já é uma tragédia por si só. Toda a gente tem uma.

— A minha família não é a minha tragédia — disse Reina.

Callum fez um esgar.

— Então admites que tens uma família.

Ela olhou para ele, furiosa, e ele riu-se.

— Certo, desculpa. Vou deixar-te em paz.

Provavelmente não iria. Não era da natureza dele.

— É engraçado — acrescentou Callum — o esforço que fazes para me odiar. Acho que te deveria agradecer.

Ah, bom, isso. Mais valia ter recrutado Parisa.

(Mais uma vez, Reina decidiu que detestava especialidades não físicas.)

— Não tem de te tornar mais fraca, sabias — continuou Callum. — Tens o direito de ter qualidades humanas. O que, por inerência, significa coisas estúpidas como a tristeza, as saudades e os defeitos.

— Tu detestas essas coisas todas noutras pessoas. — Reina não tinha intenção de lhe responder, muito menos dar-lhe importância, mas parecia-lhe que valia a pena falar no assunto.

— Isso não é verdade — disse Callum. — Eu não detesto as pessoas, na verdade. Detesto coisas previsíveis — admitiu. — Detesto ansiedadezinhas aborrecidas, com as da Rhodes. Pessoas que nunca se superam porque estão

demasiado ocupadas a pensar porque é que as pessoas não gostam delas, ou em quem não querem ser, ou porque não são amadas, ou...

— Mas não é exatamente isso o que tu estás a fazer? — interrompeu Reina.

A boca de Callum fez-se tensa de uma forma que dava a entender que o que ela tinha dito o incomodava genuinamente.

Mas, entretanto, algo tinha chegado dos arquivos à frente de Reina, e Callum voltou a endireitar-se rapidamente.

— É...? — Ele olhou avidamente para a capa do livro, que, tal como a que Reina vira Aiya Sato retirar da biblioteca no ano anterior, não dizia nada. — Abre-o.

Reina virou a capa e examinou a página.

ATLAS BLAKELY.

— É isto — confirmou ela, passando-o por cima do ombro para Callum, que ou não conseguia esconder a avidez ou não se deu ao trabalho de tentar fazê-lo. — Podemos tentar o que eu queria agora?

A resposta dele foi um riso sufocado.

— Eu sei que achas que a minha magia não custa nada — respondeu ele, irritadiço, já a enterrar a atenção no *dossier* que sentia que era crucial para a sua felicidade mas a verdade é que não planeio tentar fazer isso duas vezes por dia. Estes arquivos não são como uma pessoa.

Raios partam, pensou Reina. Esgotante.

— Uau — murmurou Callum a esfregar os dedos debaixo do queixo. — Isto é ao mesmo tempo mais e menos interessante do que eu imaginava.

— Que sorte a tua — murmurou Reina entre dentes. Ao perceber que não ia chegar mais longe, desistiu e virou-se para se ir embora antes de se lembrar de algo. — Devolve-o — disse ela, e Callum levantou a cabeça, e teve de percorrer tudo o que lhe ia na cabeça para perceber o que ela estava a dizer. — Assim que terminares — esclareceu. — Devolve-o.

Ele franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Porque ele sabe coisas. E eu não quero que ele saiba isto. — Diga-se que ela não tinha medo de Atlas Blakely. No entanto, também não tinha vontade de o contrariar.

Era esta parte que Callum não percebia: podia compreender as pessoas, ou a forma como encenavam as suas narrativas, mas subestimava as ações que poderiam levar a cabo, o que teriam passado ao longo da vida, as irracionalidades que poderiam estar dispostas a perseguir. Não compreendia as emoções de Tristan. Não compreendia as de Parisa. E era óbvio que não compreendia o facto de um homem na posição de Atlas Blakely não ter chegado lá por ser fácil de explorar.

— Só quero que o devolvas — advertiu, e Callum encolheu os ombros, o que ela considerou ser um sim.

Dito isto, Reina abandonou a sala de leitura com a vontade súbita de bater em alguém.

Havia algum tempo que não era fácil encontrar Nico. Reina não estava completamente certa se ele a estava a evitar por moto próprio ou se ela tinha conseguido dar-lhe a impressão de que queria que ele não se aproximasse. De início, Reina tinha dúvidas de que fosse a segunda hipótese, uma vez que partia do princípio de que Nico não era capaz de perceber sinais subtis como respostas curtas e antipatia geral, mas tinha-se esquecido de que Nico tinha muito mais inteligência emocional do que as pessoas (tosse, Callum) pensavam. Nico era eminentemente afável, sempre o fora, e não havia nada mais afável do que uma pessoa que soubesse exatamente quando se fazer sentir escassa.

Reina vagueou pelo primeiro andar, a verificar infrutiferamente os locais em que Nico costumava esconder-se (a cozinha ou o buraco de minhoca que ele tinha deixado na cozinha) antes de se dirigir para o jardim. Os dias estavam substancialmente mais frios, de tal forma que até Nico poderia pensar em vestir uma camisa.

Encontrou-o junto às rosas murchas, a fazer precisamente o que ela queria fazer naquele momento: a socar coisas. No caso, um saco pesado que ele próprio tinha conjurado.

— Oh, olá. — Nico limpou o suor dos olhos quando Reina se aproximou e lançou-lhe um sorriso fácil que a deixou imediatamente

furiosa. — Não estava à espera de te ver hoje.

Claro que não, já que, pelos vistos, ele não se quis dar ao trabalho de a procurar quando estava a fazer sozinho precisamente a mesma coisa que ambos tinham passado o ano anterior a fazer em conjunto. O que, mais uma vez, provavelmente era culpa dela, mas tudo bem. Se ela tinha sido uma cabra tão grande para ele ao ponto de o conseguir afastar, porque é que estava tão contente por a ver? Imperdoável.

— Sim — disse ela, e o sorriso dele alargou-se.

— Sentia falta dessa presença de espírito. — Acenou-lhe para que ela se aproximasse. — Vai uma ronda rápida?

Ela tentou dar a entender que não tinha planeado nada; andava apenas a passear e deparou-se com ele e decidiu que sim, claro, porque não, podia passar um bocadinho da vida dela naquele passatempo ridículo que ele tinha.

— Sim, claro.

— Porreiro. — Nico fez desaparecer o saco e estendeu o punho. — Estou a ficar fora de forma.

— Duvido. — Ela bateu com os nós dos dedos nos dele para dar início à ronda. Nico parecia felicíssimo, para dizer a verdade. Ou talvez aliviado. — Tens andado ocupado ultimamente?

— Mais ou menos. — Nico lançou um golpe de teste e ela esquivou-se, mostrando-se completamente tranquila. Os cornizos cantaram em aprovação à distância. — Já te disse alguma coisa sobre o que o Tristan anda a tramar?

— Não muito. — Nada, na verdade.

— Sim, bem... — Nico rolou com fluidez debaixo do gancho de Reina. — No fundo é uma longa história, mas, basicamente, estamos a tentar fazer com que ele manipule *quanta.*

— *Quanta?* — repetiu Reina. O que ela queria dizer era: *estamos, plural?*

— Sim. — Nico dançou à volta dela, obrigando-a rodar de acordo com os ponteiros do relógio antes de mudar habilmente a postura para desferir um pontapé. Bateu em jeito de brincadeira com o dedo do pé na parte de

trás do joelho dela e, mais uma vez, ela desejou estrangulá-lo. De forma amigável, o que era ainda pior. — Ele consegue ver através das coisas, não é? Consegue ver as pequenas partículas de magia quando as usamos. Mas é um inútil do caralho.

— Oh. — Era de prever. Pessoalmente, Reina sempre categorizara Tristan como inútil.

— Sim. — Ela avançou com o joelho, que ele bloqueou levemente. Estavam a defrontar-se apenas com uma fração da energia habitual, tão delicados com a colocação dos movimentos que mal se tocavam. — Mas, bem, vi-te com o Callum — acrescentou Nico.

Ela perguntou-se se valia a pena apresentar alguma defesa e depois decidiu que, como era habitual, não devia nada a ninguém.

— Sim.

— Tenho a sensação de que ele tem andado muito... — Nico deteve-se para desferir uma combinação de murro e gancho. — ... embriagado.

— Oh. Sim. — Ao ouvir estas palavras, Reina não conseguiu deixar de revirar os olhos e Nico riu-se.

— És a madrinha dele ou algo parecido?

— O quê? — Reinou bloqueou-lhe um golpe cruzado.

— Madrinha. Aquela pessoa que o põe de novo nos carris ou não sei o quê.

— Não. — Se ela estivesse a fazer algo que se assemelhasse a esse tipo de coisas, não era de propósito. — Ele também é um inútil.

— Devíamos tê-los deixado um com o outro. — Nico desviou-se de um gancho e afastou-se, ligeiro, do alcance dela. — Acho que já nem vejo a Parisa há uma semana.

Reina tinha uma suspeita de onde Parisa pudesse estar.

— Sabes que ela anda a dormir com o Dalton, não sabes?

— Espera, a sério? — Nico deteve-se e bloqueou por pouco o golpe de Reina. — Caramba — suspirou, temporariamente desamparado.

Contra a sua vontade, Reina estava animada.

— Não me digas que ficaste desiludido por saber disso?

— Quer dizer, ele é tão... — Nico não acabou a frase e fez um esgar que, em geral, resumia a opinião que Reina tinha sobre Dalton, ainda antes de ser influenciada. Que Dalton não tinha sentido de humor visível, nem ambições evidentes. Era bem-parecido, talvez. Tudo na cara dele parecia estar no sítio certo. Mas se tivesse intenção de chamar a atenção de Parisa — o que Nico não escondia que andava a fazer ao longo do ano anterior Reina estava quase certa de que as qualificações de Dalton estavam muito longe das que Parisa merecia.

— Eu descobri o que é que ele está a investigar — disse Reina. Não tinha intenção de falar sobre o assunto com Nico, mas havia algo na irracionalidade (ou melhor, na plena racionalidade na aceção meditativa do termo) do treino de combate que a deixava imprudentemente franca e lhe abria a porta para os pensamentos mais recentes.

— Sim? — Nico deu um pontapé com uma lentidão deliberada apontado à cabeça dela e riu-se quando ela o empurrou e desequilibrou.

— É algo físico. Cosmologia, penso eu. — Nico recuou um passo e Reina seguiu-o, para se baixar quando ele tentou dar-lhe um murro. — Fazes ideia do que é a inflação cósmica?

— O quê? — Nico, distraído, manteve-se aprumado em vez de mudar de nível, o que significa que foi apanhado precisamente no meio do gancho de Reina. — *Foda-se...*

Nico dobrou-se, a mão a cobrir o rosto quando Reina parou, algures entre o orgulho extremo por o que tinha conseguido fazer e a profunda pena.

— Estás bem?

— Sim, eu... — Quando Nico levantou a cabeça, tinha os olhos húmidos. Quando limpou o nariz, ficou com uma mancha de sangue na mão. — Oh, foda-se, a sério?

Tentou duas vezes antes de estancar o sangue.

— Desculpa...

— Estás a pedir desculpa porquê? — Reina olhou fixamente para ele. Nunca o tinha visto a demorar tanto para curar uma ferida. Não que fosse

muito tempo para um mortal, mas tratava-se de Nico de Varona, que de mortal não tinha nada.

— É só que... acho que me distraí, não sei. — Nico acenou-lhe para não fazer caso. — Não sabes o que é a inflação cósmica?

Bem. Lá se ia a simpatia dela.

— Claro que não.

— É tipo... — Tocou no nariz, que parecia inchado. — Uma reação espontânea. O universo a expandir-se a, bem, um ritmo inflacionado. — Praguejou baixinho e esfregou o rosto por um momento. Estava vermelho em consequência do impacto dos nós dos dedos de Reina. — As pessoas acham que isso foi o que aconteceu depois do *Big Bang:* que o universo se expandiu mais rapidamente do que a luz. E depois tudo se formou a partir do caos.

— Ah. — Reina perguntou-se brevemente se se trataria apenas de mais uma forma de mitologia. Um sistema de crenças para cientistas que tinham decidido que, não tendo sido um deus (ou um Deus), tinha sido algo igualmente inefável. — Espera. — Algo na explicação de Nico ficara-lhe gravado na mente, indomável. — Vida... espontânea?

— Bem... — A mão de Nico parou a caminho da boca. — Bem, sim, acho que sim. Eu ia dizer criação espontânea, mas sim, creio que em última instância significa vida, não é?

— Mas eu sou capaz disso. De fazer isso. — O que a lembrou subitamente de algo. — Eu cheguei a pensar que isso seria mais interessante para ti. — Afinal, Reina estava à espera que ele seguisse nesse caminho quando o deixara usar a magia dela no ano anterior.

— Bem... — A sobrancelha de Nico franziu-se. — É interessante para mim. Mas já te disse que não posso fazer nada com isso. Pelo menos, sem... — Hesitou antes do nome de Libby. — Só... não mais do que o que eu já fiz.

— Mas nem sequer tentaste. — À distância, Reina percebeu que a sua fúria estava a aumentar. Nem sequer se considerava temperamental, mas, de vez em quando, via marcas brancas e brilhantes e chegou à conclusão de que era fúria. Estava a ver uma naquele momento.

— Nunca pensei que quisesses que eu tentasse. — Nenhum deles estava a lutar, embora estivessem ainda a enfrentar-se, combativos. — Mal te vi sequer nas últimas semanas.

— Então eu é que deveria ter ido à tua procura?

— Tenho estado... — Nico esfregou a testa. — ... ocupado. Cansado.

— A sério? — Reina sentia um formigueiro de irritação. — Vivemos na mesma casa.

— Eu sei, mas...

— E desde quando és tão fraco? — perguntou ela, a apontar para o nariz dele. Nico pestanejou, engoliu em seco e voltou a pestanejar.

— Eu... uau. Nem sequer sei o que responder a isso.

Reina lembrou-se que poderia ter sido um problema de tradução. (Seria?)

— Estava só a querer dizer que normalmente não te magoas.

— Sim, bem, não tenho estado em mim. Claro que tu não tens de saber isso, porque, pelos vistos tu também não...

Voltou a parar.

— Enfim — acabou por dizer. — Isto é... Deixemo-nos disto, está bem?

— Deixemo-nos de quê?

— Nós não costumamos discutir, percebes? E eu gosto disso. — Encolheu os ombros. — É mais fácil.

Sim. Pensou Reina. Sim, é muito fácil esquecer-me. Ignorar-me. Porque é tudo tão fácil entre nós, que tanto vale eu estar aqui como não.

— Quer dizer, não é como com a Rhodes — disse ele. — Sempre a discutir. Chata — disse ele com um trejeito. — Sabes como é que era.

Sim. Ela sabia como era. *Chata.* Era a palavra que Nico escolhia sempre para Libby Rhodes e o tango cósmico bizarro de ambos? Sim, claro. A Rhodes era tão *chata* para ele. Tão chata que, na ausência dela, Nico *não estava em si.*

De repente, Reina não se lembrava porque fora atrás dele. Sentia-se estranhamente humilhada por ter sido ela a fazê-lo.

— É melhor ir andando — disse Reina sem rodeios. — Foi uma ronda comprida.

— Oh, certo. — Nico parecia genuinamente desconsolado, o que a deixava com ainda mais pena ou raiva. Naquele momento, não seria capaz de dizer qual. — Não te quis reter. Mas, olha, se quiseres falar, ou...

Não terminou a frase.

— Provavelmente é uma estupidez — disse ele. Mais para ele próprio do que outra coisa.

Reina teve a súbita sensação de que compreendia claramente qual era o problema de Nico de Varona.

Sentia-se sozinho.

Porque claro que estava. Estava, em termos muito simples, habituado a ser tão hostil quanto desejava sem deixar de conseguir ser adorado. Libby Rhodes servia-lhe perfeitamente ao dar-lhe exatamente o tipo de atenção que o fazia subir mais alto, ser mais ele próprio. Mas Libby tinha desaparecido e Reina continuava por perto, o que, aparentemente, não importava. Porque, mais uma vez, Nico não via nada em Reina a não ser mais uma pessoa por quem não tinha nenhum sentimento especial. A quem poderia atribuir o mais puro e insípido sentimento de ambivalência. Que poderia deixar ir e vir conforme ela desejasse.

Ao perceber isto, Reina vislumbrou sem querer o rosto presunçoso de Callum no subconsciente. Fragilidade humana, diria ele.

(O que significava muito pouco vindo de um empático constantemente embriagado sem amigos.)

— Boa sorte com o Tristan — disse Reina secamente, e Nico lançou-lhe um sorriso torto.

— Sim. Igualmente — disse ele. — Com o Nova.

— Não vou fazer nada com ele.

— Oh. Bem, sim, queria só dizer... — Ele lançou-lhe um olhar de algo ferido. Irritação? Provavelmente. Ótimo. Era o que adiantava não discutir. Não que ela o quisesse fazer, diga-se.

Mata-o! cantou a erva alegremente debaixo dos pés dela. *Mutiiiiiila-o! A mãe vai fazer uma sopa com os ossos dele!*

— Até breve — disse Reina.

— Sim. Sem tardar, está?

— Sim.

Estavam ambos a mentir, pelo que Reina voltou a fazer-lhe um favor. Virou-se, acabando com a conversa, e encaminhou-se para a casa sem dizer mais nada.

• Parisa •

Parisa estava sentada à mesa na sala pintada quando Atlas a encontrou.

Era estranho procurarem-se intencionalmente um ao outro, ou melhor, *ele* procurá-la a ela intencionalmente pela segunda vez, e Parisa manter-se obsequiosamente no lugar por a casa a ter informado que ele estava a caminho. O mais certo era que ele também tivesse sido informado de que ela iria ficar para ouvir o que quer que ele tivesse para dizer, só em virtude de o pensamento lhe entrar na cabeça. Portanto, era tudo muito amigável e impressionante da parte deles.

— Somos amigos agora? — perguntou ela a levantar a cabeça do livro quando ele entrou na sala. — Ou seremos mais colegas de casa que viram a roupa suja um do outro — acrescentou a encolher os ombros. — Porque, para dizer a verdade, só tenho a atenção necessária no último caso.

Atlas regressara às habituais camisas elegantes e roupa formal geral. Puxou uma cadeira da mesa e sentou-se na diagonal à esquerda de Parisa.

— Considerar-me-ia deveras privilegiado se tivesse realmente algum conhecimento dos seus segredos, menina Kamali. — Atlas parecia muito à vontade para uma pessoa que se tinha dirigido ali para lhe dar um sermão, ou pelo menos fora isso que ela pensara inicialmente. Decidiu que não devia ser o caso.

— Por favor — disse Atlas, com um relanceio de cautelosa advertência. — Se não se importa de se manter longe da minha cabeça durante a nova conversa.

Parisa retirou os cordelinhos da magia que estava a executar, mas só o suficiente para ser considerada devidamente leal.

Atlas levantou uma sobrancelha.

— Estou a ver que trouxe uma faca para um tiroteio — disse ele —, uma vez que não tenho intenção de apresentar mais do que informações logísticas.

— Oh, não seja tão modesto — observou Parisa. — O mais provável é que tenha trazido uma faca para um torneio de lutas com facas.

— Simpático da sua parte. — Talvez fosse apenas imaginação dela, mas algo no ar dele tinha mudado nos meses que tinham passado desde que tinham falado pela última vez. Atlas não estava completamente aliviado, mas havia algo mais: algo que o andava a distrair. Uma luz ao fundo do túnel. O que quer que ele tivesse planeado para Tristan já devia estar no forno e não demoraria a dourar.

— Queria apenas informá-la — continuou Atlas — que, enquanto membros iniciados da Sociedade, a menina e o seu grupo serão convidados para participar na gala anual da Sociedade de Alexandria deste ano.

— A quê? — perguntou Parisa, embora não precisasse de o fazer verdadeiramente. A Sociedade de Alexandria era obviamente antiquada em todos os sentidos possíveis tirando o teor progressista da investigação que fazia. Deveria haver custos operacionais. Pessoas importantes. Objetivos recreativos. Claro que teria de haver algum tipo de baile burguês.

— Claro que há um baile — concordou Atlas, a partilhar um encolher de ombros conspirativo com Parisa. — A maioria dos alexandrinos considera-o uma excelente forma de estabelecer contactos.

— Muito bem. — Parisa franziu o sobrolho. — E é realizado aqui?

— É. — Um aceno de cabeça. — Talvez se lembre de que no ano passado lhes pedimos para saírem das instalações para podermos realizar o evento.

— Mas não nos vão mandar embora desta vez?

— Não. — Atlas tamborilou com os dedos na mesa. — Não têm a obrigação de participar, claro. Mas serão convidados.

— Muito bem. — Parisa esperou que houvesse mais, mas, quando lhe pareceu que Atlas tinha chegado ao fim das observações que tinha planeado, franziu o sobrolho. — Porque é que me está a dizer isso a mim? — perguntou. — Por ser mulher e, portanto, dada a planeamento de eventos?

— Não preciso da sua ajuda para organizar uma festa, menina Kamali. — Atlas lançou-lhe um olhar de paciência resignada. — Só a estou a

informar porque sei que vai interferir e prefiro que o faça na casa, onde eu a possa ver.

— Por falar em ver coisas — disse Parisa, a mudar de assunto para não confirmar (nem infirmar) a implicação de que era uma adolescente rebelde que se revolta apenas para ser insubordinada. — Aumentar a vigilância é exagerar um pouco, não acha?

— Vigilância? — repetiu Atlas.

Parisa não estava certa se a expressão de regozijo de Atlas era real ou não. *Está a vigiar o Dalton*, clarificou ela.

— Ah — disse ele. — A vigiar, não. Se o tenho debaixo de olho, sim. E por boas razões — apontou. — Afinal, a menina Mori e o Sr. Nova decidiram recentemente fazer do Sr. Ellery o objeto de uma experiência muito invasiva.

— Ai foi? — perguntou Parisa inocentemente.

A expressão de Atlas manteve-se cuidadosamente impassível.

— A menos que eu esteja muito enganado — disse ele —, não seria de esperar que uma coisa dessas lhe fosse escapar.

O sermão sempre chegou, afinal. Uma coisa era Parisa interferir com Dalton — ao fim de um ano de esforço, Atlas parecia ter comprovado corretamente que não adiantava tentar adverti-la a afastar-se de Dalton —, mas tornava-se evidente que Atlas acreditava que ela também deveria ter a responsabilidade de assegurar que mais ninguém o fazia.

— Deixei o seu brinquedo preferido sozinho? — perguntou Parisa. — Que distraída que eu sou.

— Não a estou a culpar. A investigação do Sr. Ellery não é segredo nenhum — respondeu Atlas sem nenhum tom. — E quem tem de proteger a autonomia dele é ele próprio.

— É interessante que o diga — escarneceu Parisa. — *Como se não me tivesse tirado da cabeça dele várias vezes.*

Então admite, observou Atlas a tamborilar os dedos de novo, *que é quem estava a interferir com ele ainda antes dos outros?*

— Muito engraçado. — *Eu não estou a interferir. Ainda*, acrescentou.

— Tenho de admitir que pensei que a iria encontrar um pouco mais preocupada — disse Atlas.

— Preocupada com o quê? O Dalton?

— Com o Sr. Nova. — A expressão no rosto de Atlas era a coisa mais parecida com um sorriso malicioso que ele já lhe lançara. — Da última vez que verifiquei, vocês os dois não estavam completamente em paz.

— Oh, está a referir-se ao facto de ele me ter matado num plano astral? Águas passadas — disse Parisa, com um aceno de mão. *E, seja como for,* acrescentou ela, *ele tem um dossier sobre si.*

Parisa tivera uma sensação muito próxima do deleite ao sentir a presença do *dossier* na cabeça de Callum. Não andava muito cuidadoso naqueles dias, se é que se poderia considerar que houvera algum dia em que Callum Nova tivesse sido cuidadoso, o que não era o caso. Mas estava particularmente vulnerável devido ao entusiasmo com o que tinha descoberto sobre Atlas Blakely.

Não há nada de interessante para descobrir sobre mim, disse Atlas a encolher os ombros. *Não sou muito interessante.*

Tem sete palmos de um problema que dá a entender o contrário, respondeu Parisa.

Ele lançou-lhe um olhar que não chegou a ser de despeito. (Mas não ficou muito longe disso, diga-se.)

— A questão é — disse Atlas — que este evento é um risco de segurança anual.

Parisa demorou um momento para se lembrar de que ele estava a falar do chamado Baile de Alexandria.

— Risco de segurança? Porquê? *Seguramente sabe como manter as coisas dentro de um ruído respeitável.*

Atlas esboçou um sorriso.

— Porque o Fórum está convidado.

Aquela informação era genuinamente surpreendente.

— O quê? — perguntou Parisa, com o que queria dizer: *eu respeito o velho adágio que diz que devemos manter os nossos inimigos por perto,*

mas, neste caso...?

— Como lhe disse — disse Atlas a encolher os ombros —, prefiro que os subterfúgios ocorram dentro da casa onde eu os possa ver.

Algo na forma como ele expressava o que pensava — a propriedade que ele parecia ter sobre o risco — a deixava com um laivo de verdadeira surpresa.

— Isto é... ideia *sua?* — perguntou ela com dúvidas.

Um aceno de cabeça.

— Sim. Uma das minhas principais realizações ao longo dos anos como Curador.

— Anos — repetiu ela. — Não demasiados, espero.

— Os suficientes — respondeu ele antes de se levantar. — Em todo o caso, espero que enquanto aqui estiver, se lembre de que é uma iniciada da Sociedade de Alexandria e que deverá comportar-se como tal.

Atlas virou-se para se ir embora e acenou com a cabeça para Parisa em aparente despedida, mas ela deteve-o, levantando-se rapidamente atrás dele.

— Foram eles? — perguntou. — Que levaram a Rhodes. Foram os membros do Fórum?

A expressão de Atlas era a de alguém que tinha esperança de que ela lhe fizesse aquela pergunta.

— Acho que não. Mas não posso ter a certeza de que não estejam a trabalhar com a pessoa que a levou.

— Então é melhor ficarmos longe da vista. — Atlas piscou os olhos sem perceber onde ela queria chegar e Parisa esclareceu. — Ou, pelo menos, alguns de nós. Para que eles não possam ter a certeza se um membro foi morto. Ou qual.

— Ah. Interessante. — Ele olhou para ela com uma expressão que parecia de genuína absorção. — O que é que já conseguiu saber sobre o Fórum? Uma vez que calculo que tenha tentado recolher informação — acrescentou ele, com um tom que não era lisonjeiro. (Mas também não deixava de ser.)

— O Sr. *Ellery* — respondeu Parisa com uma ênfase escarninha — não considera que o Fórum seja uma ameaça válida. Foi tudo o que eu consegui saber.

— Ah, bem. — Encolheu os ombros. — Nesse ponto, o Sr. Ellery está enganado. Fisicamente podem não ser ameaçadores — explicou Atlas —, mas, ideologicamente, são a prova de que todas as moedas têm duas faces.

— E isso é perigoso? — perguntou Parisa, embora já soubesse a resposta. Porque, claro, não havia nada mais difícil de descartar do que um pensamento que era claramente implantado. Não havia certamente nada mais empolgante do que ver ambos os lados ao mesmo tempo.

— Menina Kamali, admito que nem sempre gostei da sua insistência em comportar-se como se comporta — disse Atlas, que acrescentou, *e talvez, por vezes, não a tenha apreciado em geral.*

Querido, estraga-me com tanta lisonja, respondeu Parisa.

— Mas também sei que é extraordinariamente pragmática — continuou Atlas. — Raramente tenho receio que leve as suas piores suspeitas avante. Além disso — acrescentou —, estou certo de que compreende que um pouco de hospitalidade solene pode fazer muito.

Ah, lá estava: Atlas estava a oferecer umas tréguas, um baixar temporário das armas de todas as partes, incluindo deles. Ela sabia que havia uma estratégia escondida atrás de toda aquela docilidade.

— Está a pedir-me para participar na gala para que eu possa ser os seus olhos e os seus ouvidos? — *Calculo que pense que os outros podem ser persuadidos. É com o Nico que está preocupado?*

Estou cada vez mais preocupado com o Sr. de Varona. O que era justo, dado o estado dele, que ninguém mais ou menos atento poderia ignorar. *Mas não neste sentido.*

Parisa refletiu. Tristan nunca confiava em ninguém, nem, muito menos, tentava subterfúgios institucionais, o que deixava duas possibilidades.

Bem, uma possibilidade. Uma unidade. *Callum e Reina, portanto.* Atlas encolheu os ombros de novo.

— *Despreza-o* por completo, não é? — Parisa não conseguiu evitar um sorriso. — Está a colocar-se ao meu lado porque acha que, entre nós os

dois, eu sou o mal menor.

— Ou isso ou considero que a menina Kamali é a aposta mais segura. Estava a provocá-la novamente. Delicioso. Em resposta, Parisa lançou-lhe o seu sorriso mais afetado.

— Lá estarei — prometeu ela. *E em troca? Mantenha-se longe da cabeça do Dalton.*

Menina Kamali. A expressão de Atlas era soturna. *Asseguro-lhe de que não sou o adversário de que está à procura.*

Ela perscrutou-lhe o rosto em busca de algum vestígio de falsidade e depois penetrou o mais discretamente que conseguiu nos pensamentos dele.

Ele convidou-a a entrar.

Não sou eu, menina Kamali. A tonalidade do pensamento era relutante com a verdade, talvez até retorcida. Uma espécie de ironia cósmica, o torcer de uma faca, que negaria algo que noutras circunstâncias seria verdade. *Asseguro-lhe,* acrescentou, *que também estou curioso acerca de quem estará a vigiar os pensamentos do Sr. Ellery. Talvez alguém além de si tenha alguma razão para lhe dar valor, hum?*

Inclinou a cabeça para ela, virou-se decidido e saiu da sala pintada.

Parisa ficou a olhar para a porta, contemplativa.

Depois Callum entrou em passo de dança e Parisa suspirou, imediatamente irritada com a presença dele quando ele sabia perfeitamente que ela tinha ido para aquela sala para estar sozinha.

— Importas-te? — disse-lhe a apontar para o livro entretanto esquecido enquanto Callum, que era evidente que tinha decidido esquecer-se de vestir umas calças (e ela não o via como o tipo de homem que usasse *boxers),* vasculhava o lugar em busca de uma garrafa que provavelmente teria escondido atrás de um conjunto de livros de citações antigos.

— Eu, importar me? Nunca. Fez-lhe um brinde por cima do ombro com o jarro de cristal. — Fica à vontade.

— Tens um problema — observou Parisa, a levantar uma sobrancelha.

Disparate. Tenho um passatempo — disse Callum. — As outras pessoas é que têm um problema.

Antes de ela poder responder, ouviu-se mais um barulho de passos a passar pela porta da sala pintada.

— Alguém viu... Oh — disse Tristan, a parar de repente quando viu Callum e depois Parisa. — São vocês os dois.

— Não somos *nós os dois* — disse Parisa com aversão. Callum, que tinha o nariz enfiado num copo de *Martini*, levantou-lhe o polegar. — E do que é que estás à procura? — perguntou ela, subitamente curiosa.

— De nada. Só... nada. — Tristan fez uma carranca como era tão habitual nele. — Vamos andar a evitar-nos todos uns aos outros durante o resto do ano é?

— Porque não? Estamos a sair-nos lindamente — disse Callum, a deixar-se cair no assento ao lado de Parisa e a agarrar-lhe no livro. — Jung, a sério? — Fez um gesto de vómito para o copo. — Tão europeu da tua parte.

— Ninguém anda a evitar ninguém — resmungou Parisa, que *andava*, decerto, a evitar Callum e Reina e, tecnicamente, Nico não, mas só porque ele parecia estar a regredir nos tempos mais recentes e, infelizmente, ela desconfiava que podia começar a interessar-se por ele se lhe prestasse mais atenção. Mas não estava a evitar Tristan. Sobre Tristan tinha muitas perguntas. — Tu é que tens andado misteriosamente ausente.

(E, se as observações dela estivessem corretas, Tristan andava a experienciar sustos transformadores várias vezes por dia. Mas, se não fosse ele a levantar o assunto, não seria ela com certeza.)

— Sabem, as coisas estão muito mais pacíficas agora que vocês os dois não estão a tentar manipular-me — observou Tristan, com dificuldade em conter um esgar. — Durmo como um bebé.

— Categoricamente falso — comentou Callum para o fundo do copo.

— Ele tem razão — acrescentou Parisa a apontar para Callum. Depois, porque não foi capaz de o evitar, acrescentou — E o facto de *nós* não te estarmos a manipular não significa que *ninguém* esteja?

— Pum — disse Callum.

— Oh, vão-se foder — rosnou Tristan antes de se virar para sair e bater com o ombro na ombreira da porta. — Foda-se — disse Tristan antes de

desaparecer.

Na ausência de Tristan, Parisa esperou para ver qual seria a reação de Callum. Beber mais? Menos?

— Estava com bom aspeto, o Tristan — disse ela em jeito de teste. O que era verdade. Tristan era um homem muito atraente e estava a degradar-se a um ritmo considerável nos últimos tempos. Não viu nenhum tipo de comoção.

— Nunca foi dessa maneira — murmurou Callum, a pousar os pés descalços em cima de mesa ao lado dela.

Parisa atirou-os para baixo, revoltada.

— Será verdade isso?

Mas Callum já estava imerso em Jung ou pelo menos estava a ler Jung dentro da cabeça bem alto.

— Muito bem. Também não preciso de confirmação para dar às coisas os nomes que elas têm. — Virou-se para se ir embora, mas depois recuou rapidamente. — Já agora, o que é que descobriste sobre o Atlas?

— Não podes entrar e descobrir? — disse Callum, a apontar para a testa sem tirar os olhos do copo.

— Podia. — E provavelmente iria fazê-lo, mais tarde. Tinha de conservar a energia para outras coisas naquele momento. Além disso, Callum não ia atirar o assunto para trás das costas assim tão depressa. — Esquece.

— Obrigado — disse Callum, desinteressado.

Um dia teria de consertar aquele problemazinho dele, pensou Parisa.

Ou não. Não era a mãe dele. E ele já a tinha matado uma vez, caramba. Ela teria todo o gosto em matá-lo, pelo que ele decidir morrer por intoxicação do fígado era algo que não a deveria incomodar nem um pouco. Mas talvez fosse a destruição que asseguravam um ao outro que a estava a deixar tão irritada com o estado das coisas naquele momento. Afinal, não tinha piada nenhuma existir sem um rival.

O que haveria ela de fazer? Concentrar-se em *Reina?*

Parisa vagueou até à sala de leitura, inquieta. Toda a gente estava a ser extraordinariamente imprestável ao mostrar-se tão estranha e imprevisivelmente imprevisível. Atlas estava a ser informativo, Callum estava a ser embriagado, o alto estava a ser baixo, o norte estava a ser sul. Ou isso ou ela tinha passado tempo de mais na casa e já não sabia qual deveria ser o comportamento de uma pessoa normal. Dava-lhe gozo a ideia de ter sangue novo, inimigos novos.

O Fórum, por exemplo. Não eram necessariamente *inimigos*, embora fosse uma boa mudança de cenário se fossem. Parisa tinha dúvidas de que fossem muito diferentes da Sociedade, afinal. As pessoas ambicionavam sempre o poder, era uma constante da humanidade, uma regra mais verdadeira do que qualquer lei da física. Se não lhes dessem poder, elas apoderavam-se dele. E por mais nobre e moral que fosse o respetivo credo fundacional, historicamente as pessoas não decidiam abdicar do poder.

Não obstante, talvez houvesse outra pessoa que fosse mais urgente decifrar naquele dia.

Quando chegou à sala de leitura encontrou Dalton debruçado sobre as suas notas, como de costume. Dalton levantou a cabeça, assustado, quando ela se aproximou.

— Menina Kamali — disse ele num tom de agradável surpresa quando ela lhe agarrou o rosto com ambas as mãos e lhe afagou as maçãs do rosto com ternura. — Isto é afeto da sua parte? Quão extraordinariamente assustador.

Estava a sorrir para ela, todo ameno prazer e ondas delicadas de contentamento. Ela roçou-lhe os lábios na bochecha e deu-lhe um beijo em resposta. Depois levou-lhe os lábios aos olhos, ao nariz. À pequena dobra de cansaço entre as sobrancelhas. Pairou sobre a boca dele, deixando-o inclinar o queixo para cima em ofegante expectativa.

Ela seria capaz de ser subtil, claro.

Ou.

Ou.

Poderia acabar com o assunto rapidamente.

— Prepara-te — suspirou, quando encontrou a porta dos pensamentos dele e a abriu sorrateiramente.

Depois fechou os olhos e mergulhou.

• Interlúdio •

O castelo era um toque algo excêntrico, pensou Gideon ao olhar com os olhos entrefechados no parapeito. Era um pouco conto de fadas a mais para o gosto dele, embora provavelmente Nico fosse achar piada. Não que Gideon devesse estar a pensar em Nico naquele momento, porque estar ali já era suficientemente difícil e ele não precisava de convocar tudo o que acompanhava qualquer tipo de pensamento associado a Nico. Nomeadamente, mágoa. Mas Gideon era — também infelizmente — um homem de palavra, por menos inteligente que isso fosse, e prometera à mãe que lhe faria um favor. Só um.

Ao lado de Gideon, Max gania.

— Não consegues calar essa coisa um bocadinho? — perguntou Eilif, que não tinha sido convidada para o acompanhar. Ou, pelo menos, iria ser isso que Gideon iria dizer a Nico quando ele lhe perguntasse, inevitavelmente, porque é que a mãe de Gideon o tinha acompanhado. (Partindo do princípio de que Gideon não se deixaria matar no interior do recreio estranho e assombrado da consciência de outrem. O que era definitivamente um se.)

— O Max faz o que quer. E sê simpática com os meus amigos — disse Gideon antes de acrescentar desleixadamente —, mãe.

— Não percebo porque é que me trouxeste contigo — murmurou entre dentes Eilif, que desconfiava dos mamíferos em geral. Não gostava de sangue quente. — Eu disse-te que isto seria muito mais fácil se nós o fizéssemos sozinhos.

— *Nós* — disse Gideon — não vamos fazer nada. E não foi simples. — Estava à espera de defesas telepáticas, mas o nível de dificuldade foi quase tão elevado como o de entrar na Sociedade sempre fora. Havia um labirinto em redor do castelo, cheio de silvas e ciprestes em mutação, bem com a intrusão esporádica de algum tipo de criatura onírica que teria de ter nascido num pesadelo. Se Gideon não estivesse já habituado ao tipo de coisas que

estavam sempre à espreita nos domínios dos sonhos, não teria chegado tão longe sem sofrer danos. — Disseste-me que isto ia ser fácil.

Culpa dele por acreditar na mãe, pensou. Não tinha a certeza de há quanto tempo estava preso naquele lugar, mas estava convencido de que já tinham passado semanas, se não meses. Não era um sonho. Não era nenhuma camada do subconsciente, o que Gideon já sabia, mas não compreendera quando aceitara a tarefa. A pessoa que criara o castelo, fosse ela quem fosse, tinha deixado algo para trás que funcionava como um mosqueiro para Gideon, que não se conseguia libertar da sua alçada. Gideon tentara encontrar a saída do labirinto, mas não conseguira, pelo que a única opção que lhe restava — além de forçar a entrada, o que parecia menos provável a cada dia que passava — seria forçar um regresso ao seu corpo físico e acordar-se a si próprio, o que não poderia fazer porque a mãe dele o estava a seguir e, nesse caso, ficaria à mercê dela em mais uma dimensão.

De novo.

Gideon suspirou com outro assomo de autodesprezo. Porque é que tinha feito aquilo, de novo? Para provar algo a Nico numa infantilidade? Estava *aborrecido*, mas de que tinha servido tudo aquilo? Estivera tão perto de encontrar Libby e, entretanto, porque pensara — *de forma assaz idiota* — que a mãe poderia ajudar a acelerar as coisas de alguma maneira, ficara preso numa incumbência que não deveria demorar mais do que poucos minutos.

— E é fácil — insistiu Eilif, a cintilar de azul-prateado na luz refletida da pedra reluzente do castelo. — Já te disse, o príncipe manda-me mensagens e depois eu...

— Não é isso que estamos a fazer aqui — interrompeu Gideon, a proteger os olhos da luz para olhar para o castelo. Tinha um estilo gótico, todo ele torres longilíneas e linhas retas. — Já passámos a fase das mensagens, mãe. É óbvio que temos de ser convidados para entrar. Mas eu pensava que o objetivo disto tudo era tirá-lo daqui.

— Claro que é — disse Eilif, de uma forma que parecia bastante mentirosa. Mas, pensando bem, era difícil de dizer, uma vez que Gideon não tinha uma noção muito precisa de como seria ouvi-la a dizer a verdade. Acontecia de forma tão rara que ele começava a confundir o som da

verdade com o som de outra coisa qualquer, como coros de anjos ou algum toque dos sinos de apelo à paz mundial.

— Talvez se te fosses embora — sugeriu Gideon pela centésima vez — e contactasses o príncipe de outra forma e lhe pudesses dizer, enfim, que estamos aqui à porta e se não se importava de *a abrir*...

— Que disparate, estou bem aqui — disse Eilif, antes de relancear para o lado. — Não fosse esta coisa medonha.

— Chama-se Max e não é uma coisa — corrigiu Gideon quando Max soltou um som baixo de irritação. — E...

Viu-se um clarão repentino vindo do castelo. Uma espécie de relâmpago.

— Viste aquilo? — disse Gideon a franzir a testa. Max ladrou em resposta.

— Oh, ótimo — disse Eilif. — Visitas.

Não parecia preocupada, o que era duplamente preocupante para Gideon.

— Visitas? — repetiu. — Estás a falar... alguém além de nós? Mas...

O chão abanou, atirando Max de encontro à parte de trás dos joelhos de Gideon, o que fez com que ambos caíssem em lama dura. Por um instante, Gideon quase se esqueceu de que estava num plano astral: tinha o aspeto e o cheiro de terra, fresca e encharcada de petricor, a memória distante de chuva. A pessoa que tinha imitado aquela lama conhecia a humidade com profundidade, sem falha. O criador daquela lama era definitivamente de algum lugar húmido.

— Bem — disse Eilif, a proteger os olhos do céu que escurecia rapidamente.

— Avisa-me quando resolveres isto, hum?

Não, pensou Gideon, em pânico. Não, ela podia ter sido uma ameaça, mas, se se fosse embora, era menos uma criatura, o que era também menos uma fonte de produção de magia num domínio que ele era capaz de interpretar, mas não de controlar. Se aquela tempestade fosse algo sério, ou,

mais provavelmente, alguém que reparara na presença dele e fora no seu encalço...

— Mãe, por favor, não... *Eilif!* — gritou Gideon a chamá-la, mas ela já tinha desaparecido.

Naturalmente. O que, bem, pelo menos queria dizer que também ele se poderia ir embora, se ao menos...

Ouviu um latido alto, seguido de um ganido. A luz dos relâmpagos mais acima era ofuscante, o chão a abanar, agitado. A súbita mudança tectónica deixou Gideon confundido e inclinado para a frente, tendo acabado por cair com força sobre as mãos e os joelhos antes de se levantar com dificuldade das ondas revoltas de lama.

Quem és tu?

A voz ressoou na cabeça de Gideon, embrenhando-se cada vez mais à medida que se aproximava. A pressão fazia-se sentir atrás dos seios nasais, das têmporas. Gideon demorou um momento a limpar a cabeça e, quando conseguiu finalmente levantar o queixo, tinha os olhos turvos, húmidos do esforço e de uma torrente lateral de precipitação.

Sim. Quem quer que tivesse criado aquela prisão conhecia seguramente a chuva.

— Estou aqui para o príncipe — disse Gideon entre dentes cerrados, a estremecer com a palpitação de algo dentro da cabeça. Era uma espécie de enxaqueca, se uma dor de cabeça pudesse atingir um ponto de ebulição. A cabeça dele estava feita em lava. Lembrou-se de que não sabia onde estava Max; de que não podia sentir uma dor duradoura nos domínios dos sonhos a menos que a sua forma corpórea sofresse um derrame; de que, se morresse, morreria sem ter dito adeus, o que era, em geral, inaceitável. Gideon levantou o queixo em desafio e depois encolheu-se, atingido por um golpe vindo de um lugar que não conseguiu ver.

Quem te enviou?

— O príncipe — disse ele, novamente, num grito. O som estava a fazer algo estranho, a engolir-se a si próprio. — O príncipe mandou-me chamar, eu estou só... — A pressão estalou como um chicote. Quem poderia ser o responsável por aquilo? Só um telepata. Provavelmente, o telepata que

levara o príncipe para ali, que o deixara preso naquele plano astral, o que significava que Gideon estava a lutar pela vida — não, não a vida dele; pior, a consciência dele, a lucidez dele — contra alguém cuja magia era, em muito, superior à dele.

Tentou voltar a olhar para cima para ver contra quem estava a lutar. Não que fosse importante. Era esse o problema de Gideon, cujo principal talento era a capacidade de sobreviver. Havia apenas uma ou duas formas de o matar com algum tipo de permanência, tanto quanto ele sabia. Podiam feri-lo o suficiente naquele lugar para que sentisse um aneurisma fora dali. Ou traumatizá-lo com gravidade suficiente para lhe deprimir o sistema nervoso, o que emularia os sintomas de uma *overdose:* respiração superficial, pulsação fraca, potencialmente convulsões ou um coma. Fosse como fosse, a morte dele era pedir muito. Mas a dor não. E se alguém fosse capaz de o matar, seria, sem dúvida, aquele telepata específico.

Quem é o príncipe?

— Está na torre! É... — A mão de Gideon, a esgaravatar a terra com vista a levantar-se de um pulo, encontrou um emaranhado de espinhos. O facto de a dor acontecer unicamente na cabeça era um toque bastante sinistro, afinal de contas. Não poder existir fisicamente naquele lugar, mas, mesmo assim, sentir que a pele estava ferida era a prova de algum sentido de humor cósmico. — Diz-lhe, diz-lhe que fui enviado para aqui...

Por quem? Pelo Fórum?

Não estavam a chegar a lugar nenhum com aquilo. Por isso, Gideon, que não conseguia aguentar muito mais tempo, virou-se para dentro. A dor não é real, disse para si próprio. É uma sensação. É uma ilusão. Não tem de existir. Isto é um sonho do qual não consegues acordar, é verdade. Mas não existem leis da física neste lugar, não há regras nenhumas. Não tens de existir da forma como eles te fizeram.

Não tens de morrer desta forma.

Gideon fez força para se levantar, abrindo caminho por entre o estrépito castigador do caos que lhe ia na cabeça, e pensou em algo, em tudo menos no ardor que sentia nos músculos, a dor de cabeça. Tarte. Sim, tarte. Gideon gostava de tarte. No mundo das sobremesas, era uma escolha muito subestimada. Haveria alguma coisa melhor do que partir uma crosta

amanteigada? Não, nada. Gideon gostava dos domingos. Não sentia pavor das segundas-feiras. Não sentia pavor. O pavor era para as pessoas que queriam sofrer duas vezes, sofrer três vezes. A maioria das pessoas estaria tentada a assumir que Gideon era um pessimista porque, bem, olhe-se para o óbvio (era tudo uma merda), mas, na verdade, não era, porque ele *gostava* de estar vivo. Adorava estar acordado. Tinha *saudades* de estar acordado. Tinha saudades de panquecas. Tinha saudades de café fraco e barato. Tinha saudades de ter Nico a acordá-lo de manhã cedo, demasiado cedo, ainda antes de o Sol nascer. Tinha saudades dos piores hábitos de Nico, do facto de Nico nunca ter ouvido uma frase que não quisesse interromper. Tinha saudades do que sentia ao olhar para Max e Nico e perceber que eles tinham deixado um espaço nas vidas deles para ele, que lhe tinham dado um lugar ao qual pertencer. Tinha saudades de lugares em que não chovesse, mas também sentia falta da chuva. De chuva *a sério.* Tinha saudades de perder o autocarro *por* estar a chover. Tinha saudades do cheiro húmido e horrível do metro. Tinha saudades da sua primeira bicicleta, que, obviamente, tinha sido roubada, e da segunda bicicleta, que também tinha sido roubada. Tinha saudades de caminhar ao lado de Nico por lhe terem roubado a bicicleta. Tinha saudades de falar com Nico, porque Nico estava no outro lado. Tinha saudades de Nico. Tinha saudades de Nico. Tinha saudades...

Pronto. A dor estava a amainar. Gideon conseguia ver de novo, conseguia sentir algo mais do que angústia. Olhou para as mãos e pensou, bolas de fogo, e de seguida, pum, uma bola de fogo. Magia! Magia de sonho! Não fazia sentido nem precisava de fazer. Não havia ciência naquele lugar, só sensações. Atirou uma bola de fogo às cegas e alguém se baixou e desapareceu de vista, disforme.

Vislumbrou uma armadura preta estilizada a tremer seguida de uma melena longa de cabelo preto, como se de uma Joana d'Arc vingativa se tratasse. Muito bem, era uma mulher aquela telepata. Não seria a primeira coisa que diria, mas ficou a pensar que talvez fosse mesmo feminina a voz que ouvia na cabeça. Quereria ele pegar-lhe fogo? Nem por isso. Ele tinha um trabalho a fazer, que era infiltrar-se no castelo. Tirar o príncipe da torre.

E sair dali para voltar a ver Nico.

Gideon abriu caminho por entre as silvas, separando os ramos espinhosos como Moisés separou as águas do mar. Porque é que não se tinha lem-

brado de fazer aquilo antes? Tornava tudo mais fácil, como se lhe tivessem tirado uma nuvem da frente dos olhos. Estava cego, mas começou a ver. Era tão simples, na verdade, mais simples era impossível. Viu um lampejo da armadura preta a pairar algures perto dele e pensou, mãos de tornado, e, de seguida, lá estava, uma rajada de vento. A telepata, fosse ela quem fosse, estava a conduzi-lo para a torre. Choviam balas do céu, a luz estelar era violenta. Gotas de orvalho combustíveis. Belo sonhador, acorda e vem até mim!

Gideon deslizou pelo caminho de pedra à porta do castelo, a armadura da telepata a reluzir apenas meio passo atrás dele enquanto ele patinava nas pedras escorregadias e olhava para o caminho que tinha pela frente. Muito bem, videiras. Videiras trepáveis. Pendiam da janela da torre e Gideon saltou, lançando-se para cima para as alcançar. Não há gravidade aqui, Nicolás!

Um machado voou pelo ar e cortou a hera criação de Gideon. Ele inclinou-se para trás e mergulhou, transformando a pedra do castelo em água e em matéria macia de gomas. Sim, Gideon estava no seu domínio finalmente, porque estavam num sonho e Gideon era um sonhador. Era um otimista, um príncipe idiota. Viu a possibilidade do fim e disse *hoje não, cabrão!* e fintou os caprichos do destino para mergulhar de costas no inferno.

A telepata não estava preparada para aquele passo. Era poderosa e rápida, mas o que haveria de fazer com matéria de goma? Era, afinal, muito pegajosa. Gideon voltou a lançar-se para a torre e agarrou-se à parede de pedra escorregadia como um daqueles sapos de borracha. A telepata destruiu a torre pedra a pedra, eliminando-as do caminho de Gideon quando ele tentava trepá-la, mas ele substituiu-as por blocos de brincar, por vigas gigantes e por gomas em tons de pastel. Se Nico estivesse ali, nunca o deixaria esquecer-se daquele momento.

Estava quase a chegar ao cimo da torre quando sentiu a telepata a ganhar-lhe terreno e a agarrar-lhe o calcanhar, a apoiar-se no Aquiles daquilo tudo. Ele esperneou para se livrar dela, uma vez, duas vezes, mas ela era mais forte do que parecia e, aparentemente, nenhuma da magia que ele tinha feito a tinha afetado significativamente. Parecia-lhe familiar de

certa forma, como uma dor aguda que ele já tinha ultrapassado. Havia algo nela que era distante, mas reconhecível, como um *dèja vu*, ou alguém com que ele sonhara. Sentiu os dedos dela a fechar-se em redor da barriga da perna, o corpo dela a atirá-lo pela janela da torre e pensou: Interessante. Estou convencido de que já estivemos aqui.

Ela era verdadeiramente forte, ou, pelo menos, a versão dela que tinha assumido o controlo daquele plano astral era forte. Forçou-o a cair de costas, muito mais poderosa do que ele, brutalidade no cérebro e, a delirar com a dor, Gideon riu-se. Seria o fim? Seria assim que a história acabava, com uma lição de vida de alguém que chama pela mãe?

A telepata tinha a mão em alguma coisa. O cabo de uma espada. Claro. Ia matá-lo — sabia como fazê-lo, Gideon percebeu perfeitamente que os instintos que ela tinha para a violência eram dacronianos ao extremo —, pelo que a investigação de Nico de nada servia naquele momento. Partindo do princípio de que Nico fazia alguma pesquisa. Partindo do princípio de que ele não se tinha esquecido de que Gideon estava vivo, ou de que alguma vez esteve. *Gideon, tu és problema meu, tu és meu.* Falar era fácil para Nico. Demasiado fácil. Nico era capaz de sentir ternura por uma rajada de vento, mas não por Gideon, que tendia para a devoção. Por outro lado, se Gideon morresse, Nico ficaria bem. Nico de Varona não ficaria parado durante muito tempo.

— Gideon? — disse a telepata, no momento em que Gideon se preparava para o termo, para chegar finalmente ao fim. Estava aliviado, porventura. Muito bem, não teria a oportunidade de dizer adeus a Nico, mas não havia problema. Pelo menos, se ele não existisse, Nico não teria razão para andar de um lado para o outro a fazer coisas perigosas... disse o sonhador que, naquele momento, estava ocupado a arriscar a vida. E porquê? Por *diversão?*

Céus, era mesmo um cabrão sem nada na cabeça.

— És o Gideon — disse a telepata, que o largou e se afastou e, caramba, era lindíssima. Seria parte do sonho? Seria a Morte? Gideon sempre desejara saber qual seria o aspeto da Morte, se existisse, e, naquele momento, tornou-se claro que teria de ser, bem, *assim.* O tipo de coisa em

direção à qual queremos caminhar mesmo que não tenhamos o mínimo desejo de morrer. Era um anjo lindo e vingativo: um fim doce e terrível.

No entanto, Gideon vislumbrou mais alguém pelo canto do olho. Um rapaz. Um homem. Alguém que parecia o tipo de pessoa cujo nariz Nico gostaria de partir. Alto! Era o príncipe! Tinha conseguido! E a Morte, que estava ali por causa dele, estava distraída. Que sorte! Ainda bem que não era um realista, pensou. Ah, ah, ah, Nicolás! Eu disse-te que isto me haveria de servir de alguma coisa algum dia!

Com as últimas reservas de energia e os restos empapados de sanidade que tinha, Gideon lançou-se para o tornozelo do homem, do príncipe, e atirou-o para cima do ombro. O príncipe era mais alto do que ele, mas o problema era dele, Gideon era um otimista! Era capaz de fazer o impossível porque acreditaaaaaaaava! Atrás dele, a telepata estava a praguejar. Tinha desembainhado a espada e estava a persegui-los, mas Gideon era mais rápido, incomensuravelmente rápido. Pegou no príncipe e atirou-se da janela da torre, o chão a subir a toda a velocidade ao encontro deles, cada vez mais depressa, mais depressa, mais depressa ...

Gideon acordou a resfolegar, a suar. Os pulmões tensos do esforço. O chão mais abaixo estava seco.

— Caramba — disse Max, que estava nu como de costume, a olhar para Gideon do lugar onde se aninhara com ele no chão da sala de estar. — Não respiravas há séculos. Estava convencido de que tinhas morrido.

— O príncipe. — Gideon sentou-se tão depressa que a cabeça ficou a andar à roda. — Consegui tirá-lo de lá? Acabou?

— Estás acordado. — Max parecia pensar que Gideon ainda estava a sonhar. — Gideon, estás acordado. Estás no teu apartamento.

No apartamento deles. Certo. Os irmãos Mukherjee estavam a gritar no andar de baixo. O chihuahua estava a ladrar, alguém lá fora estava a praguejar. Em casa. Gideon estava em casa. Quase que conseguia sentir o sabor da roupa velha, a forma como se derretia devagar na boca dele.

— Onde está o Nico?

Max franziu o sobrolho, hesitante, e Gideon pestanejou.

— Espera. Não. Desculpa. — Certo. Ele estava em casa. Nico não.

Além disso, estava a babar-se. Ups. Gideon limpou o queixo.

— Resultou?

Max ofereceu-lhe um esgar compreensivo.

— Não sei.

— Oh. Está bem. — Se ele tivesse concluído a tarefa, estaria tudo bem. Eilif ficaria com a sua parte do acordo, o que significava que ele deixava de ter obrigações para com ela. Se não tivesse conseguido concluí-la...

Gideon expirou devagar e fechou os olhos.

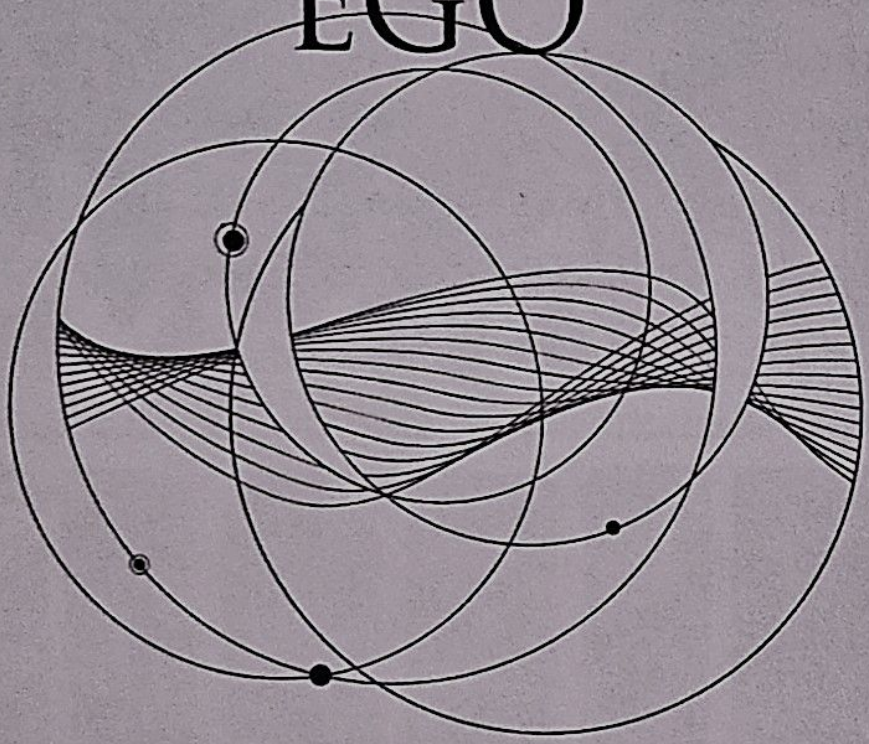
— Foda-se, estou cansado.

Em resposta, o sorriso de Max foi lânguido, como era habitual.

— Porreiro — disse ele antes de se deixar cair de costas ao lado de Gideon. — Já dormia uma soneca.

VI

EGO



• Nico •

Estava deitado, insone, na cama quando ouviu alguém a bater à porta. Olhou para o relógio, decidiu que não poderia ser nada de importante e fechou imediatamente os olhos.

— Vai-te embora, Tristan — murmurou entre dentes.

E foi então que sentiu um golpe contundente nos pensamentos e um reflexo estranho e intangível que o levantou num pulo. Como uma martelada no joelho ou algo parecido, só que foi no cérebro e, em resposta, o corpo ficou tenso como a corda de um arco.

— Caramba — disse Nico, antes de abrir a porta do quarto e ver Parisa à frente dele. — Nem sequer sabia que conseguias *fazer* isso...

— Aconteceu uma coisa. — Ela empurrou-o para o lado, frenética e com os olhos esgazeados. Cambaleava com tanta precipitação, o que era inusitado. Tinha o vestido amarrotado. Uma alça caía-lhe do ombro. Nico pensou que nunca tinha visto Parisa a apresentar-se menos do que perfeitamente composta.

— Estás bem? — perguntou-lhe, ao vê-la a andar de um lado para o outro à frente da lareira. Aos poucos, os diferentes elementos da aparência de Parisa começavam a reunir-se de forma a constituir algo mais preocupante. O cabelo estava estranhamente frisado. Tinha um brilho de suor no vestido, manchas redondas de condensação debaixo dos braços. A pele tinha um tom esverdeado, como se Parisa estivesse com febre.

Infelizmente, ele não deixava de se sentir muito atraído por ela, o que não ajudava.

— O teu amigo Gideon. — Parisa deteve-se para olhar, furiosa, para Nico. — Não me disseste que era um medeico tão poderoso.

Nico demorou um momento a perceber as implicações do que ela acabava de dizer.

— Tu... viste o Gideon? — perguntou ele, desconcertado. Ou furioso. Ou profundamente letárgico. Ou com algum tipo de dores horríveis relacionadas com uma indigestão.

— Pensava que estavas preocupado com ele. — Parisa deixou de andar para olhar para Nico, enfurecida. — Estás *sempre* preocupado com ele. Pensava que era um inválido qualquer, caramba!

— Não estou a perceber o que está a acontecer — disse Nico, e Parisa tirou os sapatos com um resmungo na direção dele, murmurando entre dentes em francês que Nico era um idiota inútil. — Ei — disse Nico. — Isso é um bocado desnecessário. É verdade — reconheceu com um suspiro interior mas, caramba, reservo-me o direito de não te ouvir a falar assim no meu próprio quarto. Ou, nem sei.

— Estou aqui há tempo de mais — atirou Parisa. — Comecei a... — Parou para dar a Nico o olhar mais desdenhoso que ele alguma vez recebeu de alguém e talvez o olhar mais desdenhoso na história do mundo. —... a *importar-me* — murmurou entre dentes.

— Com... o Gideon? — Nico não conseguia imaginar, por mais que tentasse, como é que tal coisa poderia existir, mas parecia realmente estar a existir. Parisa parecia estranhamente pequena em frente da lareira, aspeto em que Nico não conseguiu deixar de reparar. O que não ajudou. Ele sempre a vira como uma pessoa extravagante e exagerada, tão passível de lhe dar um murro no rosto como qualquer homem que ele tivesse conhecido.

— Sim. Não. Não sei. — Voltou a olhar, furiosa, para Nico pelo sim, pelo não e ele lembrou-se, tardiamente, de que provavelmente deveria fazer mais perguntas.

— Desculpa, estás a tentar dizer-me que se passa alguma coisa com o Gideon? — A perspetiva de Gideon ser acometido por algum mal passara pela cabeça de Nico mais vezes nas semanas mais recentes do que ele era capaz de admitir. Nico racionalizara o agouro, preferindo a irritação arrogante à potencial histeria, mas, ao ver Parisa a falar assim sobre ele, algo no circuito interno de Nico ficou paralisado de pânico.

Seria possível que o silêncio de Gideon significasse que ele estava...?

— Não. — Parisa fez uma expressão escarninha. — Pelo contrário. Está perfeitamente bem.

— Oh. — Bem, nesse caso, Nico estava longe de estar. — Então qual é o problema?

— Nada. Não há problema nenhum. — Um esforço valoroso de mostrar indiferença, embora o aspeto dela sugerisse outra coisa. — Pensei...

Não acabou a frase, e Nico levantou uma sobrancelha.

— Sim?

— Nada. — Parisa voltou-se, frustrada, e Nico, que não sabia o que fazer com as mãos ou com o rosto ou com quaisquer dos restantes membros, sentou-se na ponta da cama, à espera.

Parisa não se explicou. Uma vez que Gideon estava bem (embora fosse potencialmente um idiota de merda), a agitação de Parisa tornou-se a preocupação mais imediata de Nico.

— Estás bem? — perguntou-lhe Nico. — Pareces... abalada — apercebeu-se ele, calculando a velocidade dos passos dela no quarto e perguntando-se, imediatamente, o que outra pessoa lhe teria feito. — Foi o Callum? O Dalton?

— Não. Foste tu. — O olhar que ela lhe deu era venenoso. — Quase o matei. Ia fazê-lo. Quase o fiz e depois...

A boca de Parisa fez-se tensa.

— Como é que ele é? — perguntou ela. — O Gideon.

— Um pestinha — disse Nico imediatamente. — A melhor pessoa que podes imaginar — explicou para uma testa cada vez mais franzida. — O que é exatamente tão mau como parece.

— Claro que é. — Parisa soltou um suspiro, depois virou-se para cair de costas e aprumou-se ao lado dele no colchão. — Tu — disse ela fulminantemente, a virar a cabeça para olhar para ele. — Passa-se alguma coisa contigo.

— Só o habitual — respondeu Nico. Inclinou-se para olhar para ela de forma que ficassem em latitudes iguais.

— Não, estás em deterioração — disse Parisa, a olhar para o teto e não para ele. — Algo te está a sugar a energia.

— Nã. — Sim. Sem dúvida. Andava com dores e achaques em todo o corpo. Coisas pequenas. Coisas normais. Coisas que aconteciam a outras pessoas à medida que envelheciam ou quando tinham de lidar com a tensão. Coisas que não aconteciam a medeicos físicos do mais alto calibre, como ele deveria ser. As coisas que eram fáceis desde sempre tinham deixado de ser com um piscar de olhos. Não era nada de que valesse a pena queixar-se ter de pensar sobre as coisas antes as fazer, um atraso de um segundo ou de um momento, mas não deixava de lhe parecer que o corpo não era inteiramente dele. — Estou bem.

— Tens saudades dela? — perguntou Parisa baixinho.

Não tinham de dizer o nome dela em voz alta.

— Às vezes. — Nico tinha saudades de Libby Rhodes da mesma forma que teria saudades de ter eletricidade. Ou da mão esquerda. Não sabia funcionar sem ela.

— E tens saudades dele — observou Parisa.

Mais uma vez, sem nomes. O que significava que provavelmente Parisa sabia que Nico sentia falta de Gideon como sentiria falta da consciência, ou da capacidade de desferir um murro. Não sabia quem era quando Gideon estava longe.

— É engraçado — disse Nico. — Esta biblioteca. Tudo o que podemos ter.

— Sim — disse Parisa.

— É tudo até não ser nada — disse Nico. Com o que queria dizer: porque é que tinha abdicado de tudo quando podia ter ficado num lugar e nunca saber o quanto não sabia?

— Sim — disse Parisa novamente.

Nico virou-se de lado e enroscou-se para olhar para ela. Ela fez o mesmo, os dois a olharem um para o outro em cima da cama dele.

Nico nunca tinha estado assim tão perto dela. Os joelhos de ambos tocavam-se. Sempre tivera a sensação de que ela preferia que ele

mantivesse a distância e foi o que sempre fez. Só naquele momento é que sentiu que havia algum tipo de porta a abrir-se. Como se Parisa Kamali tivesse baixado as suas muralhas em troca de um momento de paz.

Um dos cabelos compridos de Parisa fez-lhe comichão na testa e ele virou-se e coçou a cabeça no edredão antes de voltar a olhá-la nos olhos.

Ela deu-lhe um olhar de quem entendia que algo estúpido estava prestes a acontecer.

— O que se passa?

O que é que ele tinha a perder?

— Não sei porquê, mas pensava que cheiravas a rosas — admitiu, e, para sua surpresa, ela riu-se, genuinamente. Era um riso surpreendentemente infantil e até doce. Melódico de certa forma.

— A que é que eu cheiro, então?

— Hum. — Nico farejou-a até ela o afastar com uma palmada. — Doce?

— Para.

— E, tipo... jasmim?

— É o meu champô. — Parisa fez um esgar. — Não digas a ninguém, mas é uma marca Nova.

— Vou dizer a *toda a gente* — disse Nico imediatamente. — Estou a esboçar um memorando para a casa enquanto falamos.

— És uma criança. — Parisa suspirou.

— Não, não sou. — Ele aproximou-se dela na cama. Os joelhos tocaram-se de novo. — Caso tenhas dúvidas.

— Oh, Nicolás. — Nico viu como vitória o facto de, pelo menos, ela não se rir do que ele disse. — Já falámos sobre isso.

— Eu sei. Mas pensei em voltar a colocar o assunto no topo da tua caixa de entrada, caso o queiras guardar para a tua análise trimestral. — Baixou a cabeça e olhou para os dedos dela. Eram longos e estavam nus e quietos. — És mesmo casada? — perguntou ele, ao lembrar-se do que Callum dissera quando ele e Parisa fizeram a sua pequena valsa de trauma emocional.

— Sou. — Encolheu os ombros. — Mas não de uma forma que conte.

— Legalmente?

— Pronto, de uma forma que conta. — Parisa desviou as mãos e usou-as para apoiar a cabeça. Ele fez o mesmo. — Mas é melhor não falarmos sobre isso.

O facto de ela querer ficar era motivação suficiente para ele deixar de fazer perguntas.

— Nicolás — murmurou ela em advertência.

Ele suspirou.

— Desculpa. Tinha-me esquecido que estavas na minha cabeça.

— És o único que se esquece.

— Oh. — Bem, que deceção. Pensou que era um milagre não ter acabado assassinado.

— Não, é querido. — Ela esboçou-lhe um sorriso. — Tu és querido.

Nico sentiu-se aguda e brutalmente atingido.

— Sou?

— És.

Ele voltou a aproximar-se. Talvez cinco centímetros.

— Querido até que ponto, exatamente?

Ela voltou a afastá-lo com uma palmadinha.

— Eu sei o que estou a fazer — recordou-lhe ela. Advertindo-o, talvez.

— Ainda bem. Adoraria aprender — respondeu jovialmente.

Ela suspirou.

— És demasiado problemático.

— Parisa. — Nico levantou a cabeça com uma mão. — Não tenho de ler a tua mente para saber que só vieste aqui hoje porque algo correu terrivelmente mal.

— Ah, sim, querido e esperto. A minha ruína. — Deixou os olhos fechar-se devagar. — Estou bem.

— Estás mesmo?

— Estou. Mas... — Deteve-se. — Acho que talvez esteja a desenvolver uma fraqueza.

Nico esperava que sim.

— Para — disse ela novamente.

— O que foi? Não posso viver com ambição?

— Algumas pessoas podem. Mas tu não. — Parisa entreabriu um olho e olhou para ele. Algo muito pouco sensual, e, no entanto, Nico estava convencido de que nunca tinha visto nada tão excitante. — Diz-me algo vulnerável — disse ela — para que eu me possa lembrar das minhas aversões habituais.

— Não sou muito próximo do meu pai — disse-lhe Nico alegremente. — A minha mãe assina os cartões de aniversário que me envia por ambos.

— Oh, revoltante. Fala-me mais sobre a tua mãe — disse Parisa de uma vez.

— É extremamente peculiar. Manda sempre retirar coisas quando vamos a restaurantes. Acho que é um jogo para ela. Quer sempre mudar alguma coisa para poder estabelecer domínio sobre o jantar.

— Terrível. Mais alguma coisa?

— Ensinou-me a cozinhar. E a dançar.

— E a lutar?

— Não, isso foi o meu tio. Eu era baixinho — explicou — para a minha idade. Tinha rufias a perturbar-me.

— Não — sussurrou Parisa. — A sério?

— Não sei. Não me lembro deles.

Os olhos dela tinham-se fechado de novo. O sorriso fez-se malicioso.

— Ainda bem para ti.

— É o que o Gideon diz. — O nome dele saiu espontaneamente. — Diz que a minha principal qualidade é o meu limiar de atenção e que nunca devia deixar que ninguém me dissesse o contrário.

— E tem razão. — Parisa parecia estar a conter a respiração, pelo que Nico continuou.

— Eu vim para aqui por causa dele. Para perceber as coisas por ele, para o ajudar. Mas desde que aqui cheguei... — Inspirou devagar, depois

expirou.

— Tentei. Mas a biblioteca não tem nada. Não tem as respostas que eu procuro. E tenho outras perguntas, muitas coisas que quero saber. O universo é tão grande, tão enorme, e, de alguma forma, quando o estudo também é *para* o Gideon, porque um universo tão vasto não pode cometer erros.

— Engoliu em seco. — Não comete erros. O Gideon não pode ser um erro estatístico qualquer ou um rolar de dados genético. Não pode ser, e *não é*, um erro.

Parisa não disse nada.

— Para ser sincero, tenho sido egoísta — disse ele, a aclarar a garganta.

— Porque tenho estado a pensar neste poder. Isto, tudo o que eu sou. Para ser *completamente* sincero, quero usá-lo. Se o Gideon não é um erro e eu não sou um erro, existe uma razão para isto, um propósito. Porque é que eu existo? É pela mesma razão que um peixe— Dourado existe? É apenas para fazer parte de um ecossistema, para existir em função de tudo o resto que existe na natureza, ou será... poderá ser por outra razão? — Hesitou, depois continuou. — Porque se eu, se alguma coisa que eu tenha... se isso puder criar vida. Se puder criar universos. — Outra pausa. — Se for algo que eu consigo fazer, será que *deverei*...? Quer dizer, tenho algum tipo de obrigação p...

— Ele pensou em ti — disse Parisa, baixinho. — O Gideon. Quando estava a morrer. Pensou em ti.

— Oh — disse Nico a suspirar.

Só reparou que estava a olhar para o vazio por cima da cabeça de Parisa quando viu os olhos dela a abrirem-se devagar e a pousarem-se lentamente no rosto dele.

Ela tocou-lhe na têmpora com um dedo e ele expirou novamente, a esvaziar-se. A fazer-se leve.

Energizado.

Ele sentiu-a a levantar a cabeça do colchão e a aproximar-se. Estava embaraçosamente recetivo e deitou-se imediatamente de costas para que as ancas dela se sobrepusessem às dele. O cabelo dela caiu-lhe sobre os

ombros como uma cortina, as pontas escuras a roçar o peito de Nico. Ele pegou numa madeixa e enrolou-a devagar no dedo.

Nico sabia que o coração lhe batia descontroladamente no peito. Era qualquer coisa, o efeito dela, o amasso de tudo o que caiu sobre ele como um peso. O vazio daquela vida, a forma como ele tentou tão esforçadamente enchê-la com algo, qualquer coisa. Livros. Poder. *Vai-te embora*, dissera a si próprio tantas vezes, *vai-te embora*, mas não conseguiu. Sabia que nunca o iria fazer.

Tenho uma teoria, queria dizer a Parisa. Uma teoria segundo a qual podemos abrir portas para outros mundos, que os podemos criar. Que podemos abrir brechas no tempo e no espaço. Penso que estes dons que eu recebi são uma ferramenta, que fui ensinado a querer saber por uma razão. Tornei-me amigo de um sonhador para também eu, com todo o meu poder, ser capaz de sonhar.

Em vez disso, levantou a cabeça desajeitadamente para ir ao encontro do beijo dela. Ela baixou o queixo e retribuiu o beijo e, naquele momento, ele não desejou nada químico ou animal. Percebeu o que ela queria dizer, que a foderia com todo o coração. Porque era doçura e era bondade e era suficiente. Aquilo, fosse o que fosse, era suficiente.

Ela recuou e ele deteve-a com os dedos no cabelo dela.

— Estou a tornar isto insuportável para ti? — perguntou ele, um pouco de vergonha a permear-lhe a voz.

Ela olhou fixamente para ele por um longo momento.

Vários momentos.

— Por acaso, não — disse ela, e voltou a beijá-lo.

Sem surpresa, havia uma sensualidade no beijo de Parisa que Nico sentia como inebriante na aceção mais sonolenta. As pontas dos dedos dele vaguearam pela bainha alçada do vestido de Parisa devagar, com indolência, como se ele não tivesse nada para fazer a não ser reconhecer cada centímetro da pele dela. Conscientemente, limpou tudo da cabeça a não ser o movimento lento dos lábios dela, o tecido a cair-lhe junto ao interior do joelho. Sempre admirara a utilização que Parisa fazia dos têxteis, a seda que lhe aconchegava o vale da cintura. Passou o dedo pelo tecido da coxa,

apertou o polegar nas covinhas do fundo das costas, inclinou a cabeça para trás com um gemido quando ela lhe puxou a cabeça para cima com uma mão. Debaixo deles, o chão vibrava como num sismo, um estrépito baixo incomparável com o som do prazer que saía da garganta de Nico.

A mão direita de Nico encontrou a esquerda de Parisa. Um emaranhado de dedos, uma palpitação de pressão. Ela mordiscou-lhe a base do maxilar e ele *rosnou*, tipo, *rosnou* mesmo, e enrolou a anca debaixo da dela, encaixando-as uma na outra numa corrente deliberada e decadente. Nico seria incapaz de dizer quanto tempo ficaram assim, as mãos entrelaçadas, embaladas para trás e para a frente, nenhum dos dois a decidir ir mais além, mas também a não recuar. Era verdadeira e completamente físico, e, pela primeira vez em meses, Nico não estava a pensar em mais nada. Sentia alguma coisa vinda dela, algo como um eco dele próprio, como se os movimentos de ambos estivessem numa conversa fluida. Um desespero ponderado, ou algo mais calmo, igualmente profundo, mas mais duradouro. Como se talvez ele lhe pudesse perguntar algo tonto e trivial, como se ela nunca tivesse olhado para a Lua e sentido um vazio ou como se ela soubesse o que significava entrar num país com uma língua que ela não falava e não tivesse de lhe dar uma resposta, porque ele já a saberia. E saberia porque sim.

A mão livre de Nico subiu até à nuca de Parisa, pegou-lhe no cabelo e puxou-a para trás para outro beijo, e outro. Outra vez. Outra vez. Mais profundo, mais próximo, mais. Os olhos dele estavam fechados e a pele dela quente, derretida. Soporífica. Nico suspirou na boca dela, a abdicar de cada respiração. Sentiu a cama a ceder debaixo dele, a engoli-lo, cavernosa de aquiescência enquanto ele balbuciava coisas, coisas embaraçosas, tudo moleza desaconselhável e desespero futuro. *Querida mía. Quédate conmigo.* Fica, fica um pouco comigo.

Os beijos fizeram-se mais lentos. Mais doces. Como mel dourado a pingar pequenas gotas de sol de verão. Sim, sim, aí. Ainda não lhe tinha largado a mão. Ela não era nada como ele imaginara — nada que fosse *possível* de imaginar —, era mais como um sonho. Nico ficou com o peito esmagado de desejo, do estupor da obsessão, da preguiça e da opulência de uma memória que nunca existira. A suavidade de veludo de Parisa. Já tinha saudades dela, como se ela já tivesse partido.

Nico perguntou-se o que Parisa estaria a ver na cabeça dele. Se estava vazia, sem pensamentos, ou se estaria, na verdade, cheia de sensações. Sentia que, provavelmente, a felicidade ocupava algum espaço. Imaginava o momento a esticar-se como pastilha elástica, como se estivesse a ser levado por uma nuvem. Sentia-se sem ossos, sem pernas debaixo dela, ancorado em segurança pelos dedos dela agarrados aos dele.

A verdade era que estava a sugar-lhe algo, aquela casa. Aquele ecossistema. Aquela rede de respostas que só dava azo a mais perguntas. A misteriosa repetição de padrões iludia-o, como fazia com todos quantos tinham existido naquele lugar. Conseguia sentir que começava a fazer parte da casa, devagar, já incapaz de distinguir entre os pensamentos que eram dele e os pensamentos que eram da casa. Costumava ser capaz de reconhecer cada átomo de si próprio, mas, agora, agora já não conseguia identificar os seus limites, encontrar os lugares em que o poder da biblioteca substituía os dele, onde a fome dele acabava e os arquivos começavam. Havia bocados que lhe tinham sido retirados algures, sentia-se mais e menos humano, pelo menos. O toque. O paladar. O prazer. Algo que não lhe podia ser sonegado. Algo de que não podia abdicar, nem voluntária nem involuntariamente. Algures na periferia da cabeça dele, vislumbrou os vestígios de um suspiro muito rhodesiano: *a sério, Varona*, como o proverbial acorde que David tocou para irritar o Senhor.

Sim, pensou com um sorriso interno, um soluço de alívio. Sim, Rhodes, eu sei.

Sentia as palavras a sair tartamudas, as pálpebras pesadas, o corpo a relaxar gradualmente. As barrigas das pernas a afundar-se no colchão, as ancas, os ombros, as costas. Puxou Parisa com mais força, agarrou-a, chegada a ele, e estremeceu de prazer com aquilo tudo até sentir que ela se estava a fundir com ele, a ir mais fundo com ele. Oh, foda-se, pensou, tardiamente, era isto o que ela queria, o meu coração, o meu coração, o batimento, a pulsação, tão ritmada, tranquila e segura. Aquele batimento tão familiar. O chão abanou e ele pensou, leva-me contigo. Vá lá, absorve-me.

Quando olhou em volta, percebeu onde estava. A luz da janela, o Sol a nascer numa cozinha, café e natas, a velha sensação de segurança. Havia

um brilho que vinha do alto, sol no canto do olho, como uma onda de cabelo ruivo.

— Gideon — disse Nico, e a luz baixou e o coração dele ficou extasiado.

— Não.

Sentiu a voz de Parisa antes de a ver. O pânico era menor. Provavelmente porque era um sonho.

— Desculpa — disse ela, a encostar-se à parede do apartamento de Nico. — Mas pensei que precisavas de descansar.

— Oh. — Nico pestanejou. — Isso significa que...

— Adormeceste? Sim. Não tens de quê. — Lançou-lhe um sorriso malicioso. — Mas não te preocupes, foi bom enquanto durou.

Nico pensou, não pela primeira vez, que as coisas que pareciam demasiado boas para serem verdade o eram muitas vezes.

— Houve algum momento que tenha sido real?

— Quem poderá dizer o que é real e o que não é? — Parisa encolheu os ombros.

Nico teve a sensação estranha de que devia agradecer-lhe. Ou talvez casar com ela.

Ela revirou os olhos.

— Não te entusiasmes demasiado, Nicolás — disse ela, a virar-se. — Desfruta da tua convalescença.

Foi só quando ela lhe virou costas que ele se apercebeu de que deveria ter sido real. Teria de ter sido. As partes importantes, pelo menos. Houvera comunhão entre eles, algo genuíno, imperdível e partilhado. Não como uma refeição ou um segredo; mais como a forma como a dor é partilhada.

E *era* dor. Era perda, embora não perda tradicional. A renúncia a um ser futuro, como a separação de uma amante que nunca teria a oportunidade de conhecer. Nico sabia que tinha sido engolido por alguma enormidade — sabia que estava a abdicar paulatinamente da sua força em troca da oportunidade de finalmente saber o que haveria para saber —, mas, a cada dia que passava, estava mais seguro. Não havia um teto para o seu poder nem

para a sua infelicidade. O vazio que sentia marcava-o de uma forma que ela deve ter tido mais do que a capacidade de perceber.

— Espera. — Nico precipitou-se para a frente para agarrar a mão de Parisa. — Não queres ficar aqui comigo?

Parisa parecia surpreendida. Ou desconfiada. Ficavam-lhe bem ambas as sensações, pelo que não havia forma de saber ao certo.

— O quê?

— Bem, puseste-me a dormir com uma ilusão — explicou ele. — E, se bem me lembro, não estavas no teu melhor. — Ela deve ter reparado nisso, uma vez que se arranjou melhor naquele novo plano, ou na cabeça dele, ou no que quer que estivesse a fazer. O vestido estava novamente imaculado, o cabelo estava tão bem escovado, que brilhava — Embora eu tenha de dizer que pensava que me iria lembrar melhor das coisas — observou Nico, a olhar em volta do apartamento. — Este plano muda muito as coisas, não é?

Ela observou-o por um segundo em silêncio.

— O quê, por exemplo?

— Oh, só... não sei. As coisas. — Nico sentiu uma nostalgia súbita em relação ao armário de canto sempre a ranger. Uma saudade aguda e dolorosa das marcas de patas no chão. Todas as razoes por que não iriam receber o dinheiro da caução de volta. — Parece haver coisas que não batem certo, só isso. Pensei que as coisas seriam melhores na minha cabeça.

Parisa inspirou como se fosse falar. Depois deteve-se.

Depois disse:

— Eu disse-te para arranjares um talismã.

— O quê? Porquê?

Parisa parecia irritada.

— Porque deverias saber que não estamos na tua cabeça.

— O quê? — Logo no momento em que ele estava a habituar-se à ideia. — Então estamos onde?

A boca dela fez-se tensa.

— Tenta não ficar demasiado sentimental com isto.

Ele franziu o sobrolho.

— Com o quê?

— Só... — Parisa expirou, impaciente. — Estamos na minha. Na minha cabeça.

— A tua cabeça. — Nico papagueou as palavras sem grande compreensão.

— Sim. A tua estava... — Parisa desviou o olhar. — Parecia que estavas a precisar de uma pausa.

— Parisa Kamali. — Nico queria ficar de boca aberta a olhar para ela. Na verdade, queria rir-se, embora sentisse que isso seria muito pior, porque a ideia de que ela o tinha deixado entrar na cabeça *dela* era mais próxima da intimidade para uma telepata do que o sexo teria a capacidade de ser.

— E foi aqui que *me* disseste para não te foder com todo o coração...

— Chega. Desfruta do teu descanso. — Parisa olhou para ele, furiosa, mas já não era tão eficaz. Não era, de todo, eficaz.

— Porquê? — perguntou ele. — E é bom que mo digas — acrescentou — porque, se não o fizeres, vou partir do princípio que é porque és uma *boa pessoa,* o que creio que pode ser mau para a reputação...

— Estava a sentir-me filantrópica — disse ela. — E agora estás a irritar-me, portanto aprendi a minha lição. A Rhodes tinha razão em odiar-te.

— Ah, estás a ver, estás a referir-te a ela por despeito, mas não vai funcionar — disse ele alegremente. — Como sabes, o desprezo entre mim e ela é recíproco.

— Sim, claro. Tens uma enorme capacidade para o ódio. — Parisa lançou-lhe um olhar conhecedor. — Existe algum limite para o número de pessoas que és capaz de *«odiar»?*

— Não — disse Nico.

Ela revirou-lhe os olhos.

— Vai dormir — disse ela. — Quando acordares, já não estarei aqui.

— E, no entanto, a memória desta noite perdurará, Vossa Alteza da Suavidade — respondeu Nico.

Ficou a pensar que não o deveria ter feito, porque, quando finalmente acordou — ao fim de quase dez horas, o corpo preguiçoso e recuperado —, viu que a sua camisola preferida tinha sido roubada, uma nota deixada no seu lugar.

É muito difícil encontrar boa caxemira.

Iria ser um inverno frio. Estranhamente, Nico não ficou preocupado. Sentia-se melhor do que nos tempos mais recentes, razão por que pegou no telefone, subitamente cheio de uma coragem que lhe faltava havia tanto tempo.

Sou o menino mais estúpido da escola, digitou.

A resposta de Gideon foi imediata.

Não te posso contrariar nesse aspeto, disse.

Depois, o telefone tocou novamente:

Estive longe tempo de mais, Nicky.

Só tenho mais uma paragem e não demoro a ir ter contigo.

• Libby •

— A Rhodes tem razão — disse o estudante de pós— Doutoramento mais baixo, Farringer. Estava a gesticular descontroladamente de uma forma que não tinha muito que ver com Nico, mas antes com algo que Nico imitaria com notável precisão depois das aulas para alegria dos colegas (exceto de Libby). — A gravidade quântica faz mais sentido e...

— Claro que a Rhodes tem razão — disse o mais alto, Mortimer. — Mas a questão aqui não é essa.

— Então qual é a questão, Mort, porque se vais continuar assim sempre que abordarmos o tema dos contextos dinâmicos e da relatividade...

Então a vida sem o Nico de Varona seria isto, pensou Libby, distraída. Se ela fosse a única física talentosa da NYUMA, as pessoas limitar-se-iam a concordar com ela. Diriam coisas como *claro,* a Rhodes tem razão. E claro que tinha! Ela sempre *teve* razão. A diferença era que dizia as coisas corretamente sem um par de covinhas no rosto. Ou com um par de ovários. Quem haveria de saber, no ponto em que estava.

Conteve um bocejo, a sentir subitamente que a sala de aula estava bastante quente. Era um dos laboratórios da cave para onde os físicos doutorados especializados tinham sido relegados, basicamente, o que não deixava de ser uma pena, na verdade. A LARCMA ficava num dos edifícios mais bonitos que Libby já tinha visto. Do exterior era um edifício de escritórios em tijolos, talvez vitoriano de origem, e, na primeira vez que se dirigira para a porta, Libby não esperava senão espaços de trabalho industriais no interior. Acertou em parte, mas também nem por sombras. O interior do edifício continha primorosas escadas em ferro forjado e chãos de madeira original, cavados, como que esculpidos à mão em redor de um pátio central. O átrio central era de vidro, magistralmente aberto ao céu noturno (na primeira vez que o viu, claro) e continha uma combinação perfeita de azulejos mexicanos e mármore italianizado. Vermelhos delicados apareciam mesclados com tijolo industrial e vários elevadores de vidro em forma de

gaiolas estavam em movimento constante à frente das sombras sempre em mutação ao longo do dia.

Quando Libby chegara a meio da noite, fora recebida pelos estudantes de pós— Doutoramento que estavam a observar o céu noturno com a ajuda de um dos primeiros telescópios medeicos. Tivera, portanto, a sorte de passar as primeiras 12 horas na LARCMA debaixo das incomparáveis claraboias do edifício a observar estudantes como se fossem flocos de um globo de neve mais abaixo.

Era uma visão maravilhosa, mas, dado que os currículos medeicos só existiam havia algumas décadas, os andares superiores com os tetos altos e patamares decorativos estavam reservados para estudantes de licenciatura com especialidades mais vistosas: ilusionistas que iriam contribuir para a economia mortal, naturalistas que iriam dar uma ajuda no âmbito da engenharia climática que viria a servir de base para a versão do mundo de Libby. Todas as noites desde que chegara, fora relegada para os laboratórios dos andares inferiores, onde Alan Farringer e Maxwell T. Mortimer (Fare e Mort para os alunos de pós-graduação, os cerca de sete especialistas físicos que tinham prosseguido os estudos depois da licenciatura) levavam a cabo investigação, escreviam artigos e, por vezes (muito esporadicamente, dado o número reduzido de alunos) davam aulas.

Sem surpresa, Libby fora uma curiosidade quando aparecera. Sem saber como se explicar — afinal, como é que uma pessoa pode dizer coisas como «venho do futuro» quando já parece uma vadia instável? —, apresentou-se apenas como Elizabeth Rhodes, física e estudante recente de pós-graduação na NYUMA e deixou-os preencher os espaços em branco a partir daí. Como seria de esperar (e ela não se orgulhava disso, mas as coisas eram como eram), os medeicos já tinham dificuldades suficientes e não se detiveram a analisar a aparência dela. Viram apenas uma académica em necessidade e apressaram-se a recebê-la de braços abertos, sobretudo depois de verem o que ela era capaz de fazer para ajudar à investigação sobre campos gravitacionais que estavam a fazer. Até ela chegar, disseram, era tudo meramente filosófico. («E pensar que estavas em Nova Iorque este tempo todo», disse Mort, maravilhado, com um ar mais aborrecido do que preocupado por ter andado tão distraído.)

Tornara-se uma compatrícia naqueles meses, na esperança de poder convencê-los a fazer-lhe um favor se se disponibilizasse a ajudar a equipa de pós— Doutorados. Por exemplo, encontrar uma solução que se revelava assaz impossível para tudo o que tinha que ver com «ficar preso no tempo errado». Mesmo que se considerasse o contínuo espaço-tempo uma simples quarta dimensão que poderia ser percorrida à vontade — o que já era um se significativo —, *não* havia nada além da teoria para explicar a ciência de ir de um ponto para outro. Em 1989, não havia investigação que se aproximasse daquilo que ela estudara na NYUMA, muito menos da dos arquivos da Sociedade. Tanto quanto os académicos da instituição sabiam, a segunda lei da termodinâmica — essencialmente, a entropia, que tornava certos processos irreversíveis — negava a possibilidade de viajar no tempo. O que era fácil para eles dizerem, porque eles, ao contrário dela, nunca tinham visto um buraco de minhoca, e eles, ao contrário dela, não possuíam aproximadamente metade (mais ou menos) da energia necessária para criar um.

Quais eram as opções, então? Sujeitar metade do país a gerações de poeiras radioativas? Tentar ser recrutada pela Sociedade de novo? Mesmo que o fizesse, o que poderia ela conseguir sem Nico, que era, para o melhor ou para o pior (o pior, decididamente o pior), a outra metade de que necessitava?

Argh, aquele sacana presunçoso. Teve esperança de que ele não fosse capaz de ouvir aquele pensamento onde quer que estivesse, que ela partia do princípio de que seria algum lugar idílico. Porque era claro que ele iria estar num lugar agradável. Tratava-se de Nico. Nunca iria namorar com alguém que o encurralasse algures no tempo por acidente.

Libby soltou um suspiro alto, um reflexo relacionado com Varona, e Fare — que, nos últimos tempos começara a usar um *blazer* volumoso com as calças salmão de menino-bem para se apresentar mais profissional, o que era uma ideia altamente otimista — levantou a cabeça do que estava a escrevinhar no — e eis mais um suspiro — projetor de transparências.

— O que foi, Liz? Algum problema?

Liz. Libby não se deu ao trabalho de o corrigir. Era sobretudo Rhodes, porque não havia mais nenhuma mulher pós— Doutorada, mas, aqui e ali,

um dos outros decidia ser... *familiar.* O tipo de familiaridade que as pessoas usavam quando esperavam trabalhar juntas durante muito tempo. O que não deveria ter incomodado Libby, na verdade, porque eles eram simpáticos e estavam a fazer um esforço significativo para a incluir nos círculos sociais limitados em que se moviam. Ela não se incomodava muito com eles, tirando pelo facto de estarem... bem, trinta anos atrasados em relação a toda a investigação relevante sobre física quântica, que não era um assunto que ela sentisse que poderia introduzir. Tal como acontecia com a questão dos mocassins de Fare.

— Não, não há problema nenhum — disse ela, a conter um bocejo. — Continua. O que estavas a dizer sobre os contextos dinâmicos? — Céus, as saudades que ela tinha de Tristan. (Não por causa de *Tristan,* claro. Embora sentisse uma certa nostalgia em relação às calças de bom corte que ele usava.) A questão era que ela tinha saudades de trabalhar com alguém que conseguisse ver coisas que ela não via. Afinal, ser a pessoa mais inteligente da sala era um pouco aborrecido.

— Na verdade, estávamos a discutir paradoxos — disse Mort com afabilidade. O tipo de correção afável que dava a entender a Libby que ele a levaria muito generosamente para jantar, aproveitaria para lhe dar uns amassos afetuosos e, mais tarde, encarregá-la-ia da tarefa de criar os três filhos obstinados enquanto ele fazia Coisas Muito Importantes no trabalho. — Aparentemente, é objeto de discussão para lá da fronteira do estado.

— Fronteira do estado? — repetiu Libby, a pensar o que o Oregon (ou o Nevada) tinham que ver com o assunto.

— No local de testes da Wessex, estás a ver — explicou Fare, mas Libby não sabia nada sobre o assunto, tirando o facto de, aparentemente, os outros dois ansiarem pela oportunidade de trabalhar no local. Libby pensou que a possibilidade de investigação privatizada seria o sonho de um académico em qualquer era de parco financiamento universitário.

— O que achas da IMM? — perguntou-lhe Mort.

Libby demorou um momento.

— Referes-te aos muitos mundos?

— Sim, à interpretação dos muitos mundos. Achas que tem algum valor? — perguntou Mort, com o ar de quem a queria corrigir assim que ela desse

uma resposta.

— Não gosto — interrompeu Fare muito solicitamente. — Acho que é um absurdo. Não nos dá resposta nenhuma.

— Que tipos de respostas procuras? — perguntou um Mort indignado. Libby decidiu vagamente que aqueles dois a faziam lembrar de alguma coisa.

— Bem, se *todas* as possibilidades são reais, não ficamos órfãos de algum tipo de... de... — Fare estava aturdido, o que nunca era bom sinal. Significava que Mort ficaria seguro de que iria ganhar, o que o tornaria duplamente insuportável. — Bem, de algum *excecionalismo*, não achas? Se for assim, eu nunca *faço* escolhas — defendeu Fare —, limito-me a... *ser* um de um conjunto infinito de resultados aleatórios?

Não necessariamente infinito, pensou Libby. E depois, oh.

Egas e Becas. Era isso mesmo.

— Então? Uma de um conjunto infinito de opções aleatórias não é preferível à predestinação? — Lá iam eles, animados, e Libby, mais uma vez, não conseguiu conter um bocejo. — Pelo menos és independente no momento em que fazes a escolha, não és?

— O que é *igualmente mau*, Mort! A única coisa que isso quer dizer é que, se o destino não te encurralar, o universo tratará de o fazer...

— Libby. Libby? Estás... consegues ouvir-me?

Libby baixou a cabeça e viu que Gideon estava lá novamente e também que ela estava a voar. Oh, raios, pensou. Era evidente que tinha adormecido.

— Não é estranho que esteja sempre a sonhar contigo? — perguntou a Gideon com uma expressão reflexiva. — Não que eu não goste de te ver, claro, mas enfim. Não sei se faz muito sentido.

— Sim, bem, tecnicamente não estás a sonhar *comigo* — disse Gideon, hesitante, e depois pareceu não querer detalhar. — Não interessa. A questão é que quero falar contigo sobre como poderás voltar.

— Voltar para baixo? — perguntou Libby, a olhar para o chão, que estava escondido debaixo de várias camadas de nuvens.

— Não, estou a referir-me a... *voltar.* Para, enfim. — Voltou a hesitar. — O teu próprio tempo.

— Ah. — Era um sonho bastante lúcido aquele que Libby estava a ter. Normalmente, em sonhos, ela não estava tão ciente de coisas como estar presa no tempo. — Bem, é praticamente impossível fazê-lo sem a Sociedade. — Com o que queria dizer Nico, mas preferia morrer a dizê-lo em voz alta.

— Será? — perguntou Gideon. Libby apercebeu-se de que ele desenvolvera asas para a acompanhar, mas ela estava desasada. Estaria a voar ou estaria apenas a levitar? Tinha a levíssima sensação de que já tinha feito a mesma coisa uma vez. A irmã dela estava lá. Porque é que Katherine nunca estava nos sonhos dela? Libby estava sempre a perseguir o fantasma da irmã, acordada ou a dormir.

— A questão é que — disse Gideon — eu penso que se conseguisses encontrar uma fonte de energia suficiente... — Escondeu algo que parecia ser um caderno de cálculos e deixou-o cair temporariamente para longe da vista. — Quer dizer — continuou, com dificuldade em chegar perto dela de novo — só precisas da quantidade certa de energia para te permitir viajar entre dois pontos do tempo.

— Isso é impossível — disse Libby, pouco animada.

— Não é, não — salientou Gideon. — Porque neste momento estás no passado.

— Bem, isso é uma anomalia. — Suspirou ela. — E, seja como for, não é possível encontrar nenhuma fonte de energia suficientemente poderosa para conseguir fazê-lo. Exceto... — Bem, exceto Reina. Ou melhor, a combinação dela própria, Libby, *com* Reina e Nico. E o que quer que Ezra era, aparentemente, capaz de fazer. E talvez o que Tristan era capaz de fazer também, se ele conseguisse chegar perto de perceber o que seria. E, tipo, uma bomba nuclear. — A questão é que eu...

— Não sabes como — concluiu Gideon por ela, antes de assentir muito seriamente com a cabeça. — Está bem. Sim. Está bem. Foi bom falar contigo.

— O quê? — Libby olhou para ele com o cenho franzido ao perceber que as asas de Gideon se tinham transformado em para-quedas. — Espera, Gideon, eu...

Depois alguma coisa caiu, e Libby acordou a resfolegar e descobriu que estava de novo na sala de aulas da cave e tinha derrubado sem querer a garrafa que tinha em cima da secretária.

— Oh, céus, desculpem...

— Estamos a aborrecer-te, Liz? — perguntou Fare com a voz arrastada, meio a sério. Parecia estar a usar uma estratégia de manipulação emocional para a seduzir e conseguir aquela coisa de criar os três filhos que Mort também desejava.

— Desculpa, estava só... — Pestanejou. Pestanejou de novo. A bruma do sono estava a desanuviar-se, mas não a ideia que, pelos vistos, já estava completamente formada na cabeça dela. — Sobre o tema da física teórica. — Ou o que quer que fosse que eles estavam a discutir, que não era, em si, desinteressante, a não ser para alguém que já tinha estado com os cinco medeicos mais poderosos de sempre. — Vocês os dois fazem alguma ideia de que tipo de fonte de energia seria necessário para criar um buraco de minhoca no tempo?

— O quê?

Fare e Mort trocaram um olhar rápido, e Mort decidiu tacitamente ser a voz da razão.

— Em primeiro lugar, não há provas de que os buracos de minhoca existam...

Havia provas, na verdade. Numa casa senhorial trinta anos depois. A serem usadas por um cubano hiperativo com uma dependência pré-Diabética de doces.

— ... e mesmo que exista uma forma de provar que existem, que tipo de energia seria necessária? — continuou Mort. — O equivalente a uma bomba nuclear, se eu tivesse de adivinhar...

— Ou uma linha de Ley — sugeriu alguém junto aos pés de Libby.

Libby sobressaltou-se, uma vez que não se tinha apercebido de que alguém estava, muito solicitamente, a limpar o líquido que ela tinha derra-

mado e deixado no chão.

— Oh, meu Deus — disse ela, a levantar-se atabalhoada para ajudar — peço *imensa* desculpa...

— A culpa não é sua — disse a rapariga alegremente a acenar com a mão para Libby. Era uma das alunas de licenciatura de Mort, se Libby se lembrava bem. Tinha a pele morena e um rosto de querubim, quase todo bochecha. Libby calculou que seria hispânica antes de a ouvir a falar com alguém numa língua que ela estava quase certa ser tagalo, com base na limitada experiência que tivera com um vizinho filipino na residência universitária da NYUMA. Não fossem as partes em *spanglish* e as referências culinárias misturadas, Libby poderia não ter chegado a reconhecê-la.

— Belen — disse a rapariga, a ler a mente de Libby e a dizer-lhe o seu nome, solícita. Trazia um casaco de malha cor-de-rosa que se assemelhava mais a um cobertor de bebé do que a uma peça de vestuário e parecia claramente deslocado. Como se ela o fosse trocar por um casaco de pele logo que saísse do recinto da universidade. — Desculpe, não tinha intenção de ouvir às escondidas...

Libby acenou-lhe para não fazer caso e estendeu o braço para a garrafa que tinha deixado cair.

— Não, não, tudo...

— As linhas de Ley são um disparate — interrompeu Mort, que tinha tendência a revelar a sua verdadeira personalidade quando falava com alguém que considerava que estava abaixo dele. — A geometria sagrada é no máximo uma teoria da conspiração.

— Só porque ninguém as estuda na universidade — disse Belen. — E chamam-se linhas do dragão na China. E já se chamam assim há séculos — acrescentou a dirigir-se a Libby e, aparentemente, a decidir (muito sensatamente) ignorar o tom depreciativo do professor. — Há uma grande na Indonésia. E há lugares sagrados no mundo inteiro, na verdade. A minha mãe sempre disse que o Monte Pulag era um deles.

Libby lembrou-se de que Reina tinha lido um enorme tomo sobre magia de criaturas. Existiam sistemas de magia secundários nos arquivos, o que era informação suficiente para ela.

— Sempre pensei que as linhas de Ley eram mais uma coisa tipo Stonehenge — observou Libby, a brincar com a garrafa caída enquanto pensava.

— Foi só uma ideia — apressou-se a apontar a rapariga, Belen. — Mas pensei, bem, se não existem buracos de minhocas, tudo bem. As linhas de Ley também não. — Lançou um sorriso irreverente a Mort que fez Libby lembrar-se de Parisa. Não pelo caráter sedutor, mas pela forma como Parisa se permitia apresentar-se ocasionalmente, quando decidia ser excecionalmente inteligente e ardilosa. — Mas, enfim, vou deixá-lo prosseguir, Professor Mortimer. Vim só entregar o meu exame.

— Com um dia de atraso, menina Jiménez — disse Mort com uma interjeição de reprovação, como se fosse um académico distinto a caminho dos 6o anos e não um jovem com pouco mais de 20 anos cheio de arrogância.

— Sim — disse Belen. — Tive de trabalhar, peço desculpa...

— Menina Jiménez — advertiu Mort — não é a primeira vez...

— Que eu tive de trabalhar? Não, não é, e, infelizmente para ambos, é provável que não seja a última, Professor. — Belen esboçou um sorriso angelical. — A minha avó está num hospital residencial em Luzon. A minha mãe é a única cuidadora que ela tem e eu...

— Se não está preparada para levar os seus estudos a sério, menina Jiménez, terei de perguntar o que está a fazer aqui — disse Mort. — Talvez a bolsa que lhe foi atribuída pela universidade estivesse melhor nas mãos de outra pessoa.

Algo perpassou nos olhos de Belen. Não que Mort pudesse reparar, porque estava pouco habituado a ver perpassar em olhos femininos algo que não fosse adoração (ou, pelo menos, o que ele pensava ser adoração). Mas Mort lançara uma ameaça e Belen dera uma resposta, por muito passageira que fosse. Libby detetou um frio súbito no ar que desapareceu tão depressa como apareceu.

— As minhas desculpas, Professor. — Belen esboçou um sorriso plácido. — Vou fazer o possível para que não volte a acontecer.

Mort arqueou uma sobrancelha.

— É bom que faça melhor do que isso, menina Jiménez.

Belen relanceou cautelosamente Libby, o que deixou esta subitamente ciente da posição que tinha na sala. Especificamente, a posição de cumplicidade. Para Belen, ou para qualquer estudante na LARCMA, Libby não era diferente de nenhum outro estudante de doutoramento ou de pós—Doutoramento. Era, afinal, vista exclusivamente na companhia dos docentes que ela esperava que estivessem mais avançados na investigação medeica relevante.

Mas Libby estava enganada. E, ao contrário dos outros dois, não tinha comportamentos de rufia. Belen virara costas arrogantemente, sem mostrar o respeito que de que Mort se achava merecedor e já tinha saído da sala quando Libby finalmente se apercebeu de que se tinha posto nas mãos das pessoas erradas.

— Segura aqui — disse ela, estendendo a garrafa de água vazia para as mãos de Fare.

— Rhodes...? — foi o grito distante de desorientação que ouviu atrás dela, mas Libby já se tinha precipitado porta fora atrás de Belen. Virou a esquina tão cegamente que esbarrou com uma pessoa que se aproximava vinda do outro lado.

— Desculpe, eu... — As palavras saíram num suspiro, o coração sobressaltado quando reparou na cabeça com o cabelo preto desgrenhado, a magreza familiar. — Estava — começou, antes de engolir em seco. A pulsação acelerada chegou a um pico perigoso para depois, ao fim de um momento de reconhecimento, abrandar.

— Sim? — perguntou o estranho. Graças a Deus, um estranho. Só mais um adolescente com o cabelo e a altura de Ezra.

Libby sacudiu-se.

— Desculpe, esqueça, estava... menina Jiménez!

Viu Belen quando ela se preparava para entrar no elevador da cave. Parou ao ouvir o seu nome. Libby afastou-se do aluno de licenciatura que não era Ezra o mais educadamente que conseguiu e correu atrás de Belen, que a esperava ainda a segurar a porta do elevador tipo gaiola.

— Vai subir? — perguntou Belen.

— Sim — disse Libby, porque não? Não tinha a certeza de como haveria de iniciar a conversa *Oh, desculpe lá aqueles senhores, tem mais alguma ideia acerca de enormes fontes de energia sem precedentes? É só uma curiosidade minha.* — Está a caminho de alguma aula?

— Não, tenho um intervalo para o almoço. — Belen premiu o botão do rés do chão. Relanceou Libby, que tinha esperança de que ela não encontrasse nada demasiado suspeito nas calças de ganga em segunda mão e na camisola de malha demasiado grande com a insígnia da LARCMA que ela surripiara dos perdidos e achados. — A professora?

— Rés do chão também, por favor. E também tenho intervalo. — O elevador começou a subir, o vidro que dava para o pátio a emergir dos andares inferiores e a permitir uma visão geral dos grupos de alunos a passar.

Seguiram em silêncio por um momento, Libby a pensar no que haveria de dizer. Colocaram ambas a atenção no exterior, os olhos postos nas pessoas que iam aparecendo à medida que elas subiam.

Havia um em particular a serpentear por entre a multidão a uma velocidade mais lenta do que os restantes. Mais vagaroso. Na direção errada. Uma cabeça de cabelo preto, desarranjado. Mas não era, disse Libby a si própria a engolir em seco com dificuldade. Claro que não era.

(E não era. Havia muitos jovens com o cabelo despenteado na LARCMA. Muito menos mulheres, que era precisamente a razão por que Libby tinha entrado naquele elevador.)

— Parece que viu um fantasma — comentou Belen, num jeito vivaz que lhe era característico, e Libby pestanejou.

— Hum? Oh, sim. Desculpe. — Não valia a pena falar de Ezra, muito menos de qualquer outra coisa. Libby relanceou-a e percebeu que talvez Belen fosse um pouco mais velha do que ela pensara de início. Tinha uma espécie de cansaço do mundo debaixo da juventude do rosto. Uma beleza, também, que Libby invejava mais à medida que olhava para ela. Belen tinha pestanas compridas que complementavam um par de belíssimos olhos negros. — Será que podemos tomar um café ou algo assim? A menos que tenha outros planos?

— Não, café parece-me bem. — Belen parecia surpreendida, mas satisfeita. O elevador chegou ao rés do chão e Belen fez sinal para que Libby saísse primeiro, em aparente deferência. Estranho, pensou Libby, com contido deleite. Fora peixe graúdo no enorme rio da NYUMA, depois outra coisa qualquer na Sociedade. Agora, parecia que estava em posição de autoridade, pelo menos para Belen.

— É aluna de licenciatura, não é? — perguntou Libby.

— Estou no segundo ano — disse Belen — embora seja um pouco mais velha do que os outros na minha turma.

— É? — Libby perguntou-se se seriam da mesma idade. Pela aparência de ambas, provavelmente não estariam longe.

— Eu deveria ter estudado em Manila — explicou Belen, a tirar o casaco de malha. — Era esse o meu plano. Iam abrir uma universidade medeica nova na cidade, embora ainda estivessem a recrutar docentes quando eu cheguei à idade de ir para a universidade. Mas depois abriu um programa que me permitia vir estudar para cá com um visto de estudante... — Não acabou a frase, talvez a antecipar o tédio de Libby. — E fez mais sentido vir para cá. Além disso, a Lola insistiu. — Belen pôs o casaco descuidadamente debaixo do braço e mexeu nos buracos para brincos das orelhas, que estavam vazios. A *T-shirt* preta — que Belen usava dentro de calças de ganga preta que lhe realçavam a cintura em vez de lhe enquadrarem a zona púbica de forma estranha (como as calças daquele tempo tendiam a fazer) — tinha um logótipo esbatido à frente. O nome de uma banda que Libby tinha uma vaga lembrança de ver na coleção de discos de que o pai tanto gostava.

— Qual é a sua especialidade? — perguntou Libby, e Belen riu-se. Demorou um momento a perceber que Libby não estava a brincar.

— Oh, desculpe. Pensei que... não interessa. Estou aqui no âmbito de um programa nuclear — explicou Belen. — Sou química, mas eles deram prioridade ao meu visto para a bolsa porque também sei trabalhar com conversão de calor. Fissão, especificamente, era aquilo em que queriam que me focasse.

— Oh? — Uma especialidade muito específica, mas fundamental, que estaria perto da ubiquidade num punhado de anos. Sem ela não haveria uma

rede de transportes medeicos, nem centrais de energia medeicas. Não haveria nenhum tipo de economia medeica. — Mas é mesmo química?

Belen encolheu os ombros.

— A minha especialidade original era a melhoria da alcalinidade do oceano. A fusão, basicamente. — Fusão de iões de bicarbonato em água ácida do oceano para reduzir as emissões de carbono globais, era o que ela queria dizer. O que era mais uma coisa que já tinha sido resolvida bem antes de Libby nascer. — A minha e a de toda a gente que eles trouxeram do terceiro mundo — acrescentou Belen, a brincar.

Saíram do edifício e entraram na onda de calor extemporâneo da baixa de Los Angeles, Belen a continuar a falar e Libby a ouvir.

— É um programa bem pensado, na verdade. Muito focado. E tenho emprego garantido aqui depois de me licenciar, pelo que acaba por ser melhor. Partindo do princípio de que o Professor Mortimer não me reprova. — Belen soltou um riso impotente.

— Ele não vai fazer isso, com certeza — disse Libby para a tranquilizar, embora estivesse convencida de que não estava a dizer a verdade. Libby sabia que Mort e Fare competiam implicitamente para ver quem fazia os exames mais difíceis. Orgulhavam-se das reprovações dos alunos, que consideravam querer dizer que tinham padrões muito altos e não que eram professores sem capacidade suficiente.

— Bem, há muita coisa que eu poderia fazer no meu país a trabalhar como química. — Belen encolheu os ombros, como se já tivesse tido aquela conversa com alguém. Provavelmente a avó. — Seja como for, as coisas vão ser incomensuravelmente piores para nós. E para a Indonésia, a Tailândia, o Vietname... enfim, todas as nossas pequenas ilhas e os nossos tremores de terras e as nossas tempestades. — Relanceou Libby com indiferença. — Se não fosse a Lola, não me teria dado ao trabalho de vir para cá. Mas enfim, a oportunidade de vir para os EUA — disse ela, concluindo a frase como se ficasse tudo explicado.

— Certo — disse Libby. Pararam na esquina e Belen deixou que Libby escolhesse de novo a direção para onde iriam. — Ouça — disse Libby, depois de virar para a esquerda. — Eu tenho a minha própria investigação, na verdade, sobre a possibilidade de melhorar fontes de energia existentes.

Algo que possa criar maiores volumes de energia mais eficazmente. — Algo que lhe permitisse abrir o universo a meio e cair por entre ele para aterrar... algures noutro lugar.

Algures num lugar muito, muito específico.

— Uma alternativa à fissão, é isso? — aventou Belen, com um ar interessado. Mais interessado do que o olhar afetado de tolerância que dera a Mort, pelo menos. — Está a referir-se a energia estelar? Ou a fusão?

— Fusão pura seria o ideal — reconheceu Libby cautelosamente. — Embora impossível.

O sobrolho de Belen dobrou-se em reflexão.

— Não sei se é impossível. Mas haveria um custo para tanta magia, pelo que seria certamente pouco ético. Não esquecendo que seria caro também. O Professor Mortimer tinha razão sobre as bombas nucleares, e tenho de dizer que não são exatamente seguras. — Belen e Libby trocaram um esgar.

— No entanto — acrescentou Belen calculo que sabe que existe uma bolsa qualquer da Wessex Corp a que a universidade pretende que o Professor Mortimer se candidate. É por isso que escolhi o curso dele como opção, embora o meu currículo seja apoiado pelo governo — explicou Belen antes de Libby ter a oportunidade de responder à referência a James Wessex, conhecido vilão da Sociedade, pela segunda vez naquele dia. — Não sei bem do que trata, pelo que não sei se ele chegou longe. Acho que esse tipo de coisas está muito acima do meu nível salarial e, seja como for, o Mortimer odeia-me. Está a escrever para alguma organização específica? — perguntou Belen ao de leve.

— Oh... — Libby apercebeu-se com um assomo tardio de culpa de que era óbvio que Belen pensava que a chamada investigação era financiada e não apenas uma questão de interesse pessoal. O que fazia sentido, uma vez que provavelmente pensava (também equivocadamente) que Libby era uma estudante de doutoramento ou uma docente em ascensão e não apenas uma mentirosa que de vez em quando ensinava secções de Física 101. — É mais de... — A dificuldade de explicar, novamente. — Bem, uma fonte de energia alternativa como as linhas de Ley de que estava a falar seria vantajosa na complementação da geoengenharia — disse Libby numa meia-verdade. — Uma alternativa e tanto às emissões de carbono?

— Sem dúvida — concordou Belen. — E seria uma boa novidade se investigação desse tipo obtivesse algum financiamento. — Belen relanceou Libby com uma expressão estranhamente lisonjeira. — Eu estava a começar a pensar que já ninguém se preocupava com medidas preventivas.

Parecia haver uma implicação mais sombria.

— Oh? — perguntou Libby com cuidado.

— Bem, é só... ninguém quer saber se a casa da minha avó acaba debaixo de água, não é? Desde que as pessoas daqui não tenham de mudar o estilo de vida que levam, está tudo bem. — Belen soltou mais um riso melancólico. — Quer dizer, claro, a tecnologia de alcalinidade já está obsoleta o suficiente para me pagarem para eu usar o meu conhecimento noutra coisa qualquer, mas ainda não chegou a ninguém no mundo *em desenvolvimento*, por isso... — Parou a meio do discurso inflamado para relancear Libby, o rosto subitamente afogueado. — Desculpe. Estou a revelar-me demasiado antissistema demasiado cedo, não estou? Desculpe, Professora, continue...

— Não, não, tem razão. — Talvez mais do que ninguém, Libby sabia que a tecnologia medeica iria continuar a ser proibitivamente cara pelo menos durante as décadas seguintes. Os progressos na biomancia que poderia ter salvado a irmã dela (se viessem a ocorrer) também não teriam um preço razoável depois do virar do milénio.

Mesmo no mundo de Libby, a magia era cara de mais para uma pessoa, *qualquer* pessoa razoável. Só os mais abastados tinham os recursos para tomar decisões «éticas», que consistiam em não dizer nada aos outros países e, muito menos, outras classes sociais ou espécies secundárias. Se Belen pensava que o estado das emissões de carbono em 1989 era uma crise, tinha a sorte de não saber o pouco que iria ser feito para mudar as coisas no futuro.

No mundo de Libby, as coisas eram estáveis. Graças a um esforço conjunto dos medeicos e dos grupos de pressão, a maioria das grandes empresas contribuíam para os esforços de descarbonização que a especialidade de Belen considerava serem necessários. Mas medidas preventivas? A maioria dos desastres naturais continuava a ser vista como uma crise isolada e não o resultado de um declínio sistémico global. O sistema médico americano

continuava a ser composto de organizações com fins lucrativos. A Wessex Corporation continuava a ser a principal distribuidora de tecnologia do mundo. A magia tinha resolvido as coisas durante a vida de Libby, sem dúvida, mas ainda não era grátis nem alheia à política. Nada se criava nem destruía sem que houvesse dinheiro a mudar de mãos.

Portanto, talvez aquele encontro fosse fortuito. Mais do que fortuito. Libby não queria romantizar a situação, mas tinha a sensação de que a aliança em que acabava de tropeçar era demasiado proveitosa para ser completamente aleatória. Afinal, quais eram as probabilidades?

— Que tal este? — disse Libby quando se apercebeu de que Belen ainda estava à espera de que ela escolhesse um café. Apontou para o café ao fundo do quarteirão, acrescentando: — E será que teria algum interesse em ajudar-me na minha investigação, por acaso?

Um vislumbre de cabelo preto penteado para a frente chamou a atenção de Libby no reflexo da janela da frente do café e, na excitação que se seguiu, não ouviu a resposta de Belen. Percebeu o tom de entusiasmo, mas achou-se a engolir em seco depois de mais um assomo inesperado de adrenalina, um momento de pânico que lhe secou a garganta de medo.

— ... todo o gosto — concluiu Belen, que parou de novo para deixar Libby tomar a iniciativa.

Não era nada, disse Libby para consigo, desviando-se para o lado para deixar uma onda de estranhos passar. Não era Ezra.

(Desta vez não.)

(Ainda não.)

— Ótimo — acabou por dizer Libby, a fazer o que podia para acalmar a pulsação quando chegou à porta do café e a abriu para que entrassem as duas. O rosto que ela tinha visto, se é que o tinha visto realmente, tinha desaparecido, ou nunca estivera lá. — Desculpe — disse ao perceber que Belen estava a olhar com expetativa para ela de novo. — Está interessada, então? — confirmou, a fazer um sinal para que Belen entrasse. — Mesmo não sendo a sua especialidade?

— Oh, claro, Professora...

Libby franziu o sobrolho de novo a olhar por cima do ombro enquanto Belen entrava.

Ninguém. Nada. Não tinha visto Ezra. Ele não a tinha encontrado. Libby estava em segurança.

(Até ver.)

Libby inspirou profundamente, depois expirou.

— Certo — disse ela, a virar-se para uma Belen que a esperava e só depois a lembrar-se para dizer a Belen para a tratar por Libby e não por Professora.

— Bem. Conte-me mais sobre as linhas de Ley.

• Callum •

Havia duas coisas que se estavam a tornar muito claras para Callum.

Uma era que Reina era decididamente louca. Pensou em falar sobre o óbvio: que as circunstâncias em que ela nascera — no seio de uma família que fundamentalmente não a queria — lhe estavam a fazer coisas muito estranhas aos processos emocionais. Callum pensou em explicar-lhe que a infância era muito frágil e que ela não podia superar as fraturas que vinham dessa fase. Não podia *desfazer* os danos. E fazer de conta que os danos não existiam e tentar superá-los fosse de que maneira fosse — tornar-se maior, mais invulnerável do que a dor — não era, em definitivo, algo que uma pessoa com a inaptidão emocional de Reina devesse tentar fazer por si só. Pior ainda seria influenciar uma biblioteca mágica ancestral de forma que lhe desse coisas para as quais ela não estava claramente preparada.

Não é nada pessoal, pensou Callum em dizer-lhe. Não és tu, pessoalmente, que estás a fazer algo astronomicamente estúpido. Há muita gente que sofre deste tipo de insuficiências e não devias pensar que te estou a insultar quando te digo que isto não te vai dar o amor que não tiveste quando tinhas cinco anos. Mas, infelizmente, parecia-lhe tudo uma enorme perda de tempo — quem é que tinha tempo para esse tipo de gestão de vulnerabilidade? —, pelo que Callum decidiu não dizer coisa nenhuma.

A segunda coisa que se foi tornando clara para Callum à medida que os dias ficavam mais curtos e mais frios foi que Atlas não queria que ele participasse na gala anual da Sociedade e estava a tentar fazer algum tipo de psicologia invertida para garantir a obediência de Callum.

— Será bem-vindo — foram as palavras exatas que Atlas dirigiu a Callum, sem nenhum tipo de preâmbulo, quando Callum se deixara ficar depois de uma das raras reuniões entre todos na sala pintada. Atlas enviara o convite a todos como grupo antes de os dispensar. (Era difícil de dizer quem ficou menos agradado com aquele cativeiro. Todos eles pareciam ter a sensação de que tinham sítios melhores para ir.)

— Creio que a menina Kamali já manifestou a intenção de se juntar a nós — esclarecera depois de uma pergunta não colocada por Callum pelo que talvez o Sr. Nova lhe deva perguntar qual é a indumentária que ela pretende usar.

Nenhuma ameaça dissimulada, nenhuma sugestão encoberta?

— Não me diga que está à espera de que eu me tenha esquecido de que me queria morto há poucos meses? Não tente negá-lo — apontara Callum a meio da conversa com Atlas, com zelosa empatia e (talvez se possa dizer) mente sã. Tudo aquilo parecia incorrigivelmente decente para Callum e, logo, implausível, e, conforme pedido, Atlas não o refutou. — E agora quer que eu marque presença na festa — disse Callum num tom escarninho — como... convidado de honra?

— Como membro da Sociedade — corrigiu Atlas. — Que é o que o Sr. Nova é e nada tem que ver com o que penso sobre si. — Lançou um olhar inexpressivo a Callum. — Nunca me coube decidir se o Sr. Nova vivia ou morria. Está vivo, portanto está convidado.

Quanta civilidade, partindo do princípio de que Atlas estava a dizer a verdade.

— Quer manter-me debaixo de olho, então, não é? — perguntou Callum.

— Já não tenho mãos a medir com toda a gente que tenho de manter debaixo de olho — respondeu Atlas. — Vá ou não vá, desfrute dos aperitivos ou não, a mim não me faz diferença.

Virou-se para acabar com a conversa, o que fez com que Callum se lembrasse de outro momento completamente diferente.

— Uma vez disse-me que eu tinha um vazio — observou Callum para as costas de Atlas, detendo-o quando ele estava a folhear papéis. — Uma falta de algo. Imaginação, não era?

— Se bem me lembro, o que eu disse foi que admirava as suas escolhas — disse Atlas sem levantar a cabeça. — As coisas que tinha escolhido não fazer.

Ah, sim, que bonita retórica entre admiradores.

— Mas depois também...

— O questionei porque não as tinha feito, sim, eu sei. — Atlas relanceou por cima do ombro para olhar Callum nos olhos depois de terminar a entediante tarefa logística que tinha em mãos. — Está agora a fazer a mesma pergunta a si próprio?

Claro que não. Callum não tinha interesse em... O que é que Atlas tinha dito? Guerra. Existência. Sobrevivência da espécie. Magnanimidade inútil, na opinião de Callum, que se costumava preocupar com dores mais pequenas e mais agudas.

Dores retributivas.

— Escolhi um tema para estudo independente — anunciou Callum, ao que Atlas levantou uma sobrancelha, aparentemente divertido.

— Foi? Será que se lembra das condições da sua iniciação, Sr. Nova? — A expressão de Atlas era tensa, mais impaciente do que severa. — Tem uma dívida para com a Sociedade...

— Tal como a Sociedade tem uma dívida para comigo, sim, bem sei. Pergunta rápida — disse Callum. — É assim tão mau?

Atlas estava muito claramente a tentar não ficar tenso.

— É assim tão mau...?

— Este período do ano — disse Callum, calmamente, sabendo que um telepático com a capacidade de Atlas não precisaria de mais esclarecimentos. — A mudança de temperatura, a monotonia. Afetam-no muito? A sua magia — acrescentou —, não o estado de espírito. Embora para si sejam uma e a mesma coisa, não é assim? Amaldiçoado com a clareza de pensamento quando a sua é tão terrivelmente medíocre.

Callum ficou satisfeito ao ver que, tal como ele esperava que acontecesse, Atlas teve de fazer uma pausa antes de responder. Não estava à espera que Atlas respondesse com a emoção, claro. O objetivo não era esse. Não importava se Atlas perdesse a cabeça ou irrompesse em lágrimas, ou se de repente decidisse agarrar Callum pelo pescoço e atirá-lo para o jardim.

O que interessava era a fração de segundo de tensão. A necessidade de pensar na resposta. Que belo momento de tensão e angústia. Como morder a língua e, por um instante, saborear sangue.

— Qual foi o tema que escolheu? — perguntou Atlas. Tão polido, tão distinto. Tão civilizado e aborrecido como o caralho.

— Os efeitos da depressão clínica nas especialidades telepáticas — respondeu Callum com jovialidade. Como um tomate-cereja a rebentar. Um estalo pequeno e doce.

— Ah. — Atlas abriu-lhe um sorriso fino. — Terreno muito batido, receio.

— Bem, pensei que poderia ter em conta outros fatores, também. Stresse pós-traumático. Culpa de sobrevivente.

O comedimento de Atlas, o silêncio, foi encantador e tenso, como massa de caramelo esticada até quebrar.

— Pensei, bem, sou um empático, não sou? — devaneou Callum. — Onde está a separação entre a doença *mental* e a realidade emocional? Existe, com certeza, alguma validade nisto. Algum terreno por bater, para usar as suas palavras.

O que estaria Callum a dizer, afinal? Não tinha a certeza, na verdade. Não tinha pensado um segundo que fosse sobre o assunto, embora até fizesse sentido. Parisa estava a ler o raio do Jung e em que sentido é que isso era diferente da tentativa de influenciar a emoção, afinal? Quanto mais Callum pensava no assunto, mais as provocações que fazia começavam a fazer sentido de forma algo absurda. Porque é que *não* haveria ele de estudar a química do cérebro? Afinal isso era o que ele estava verdadeiramente a alterar, não era? O que eram os sentimentos senão hormonas e fraquezas, a falsidade da mente?

— É uma proposta muito boa, Sr. Nova — disse Atlas. Infelizmente tinha chegado à mesma conclusão que Callum. Ou isso ou Callum, que já tinha bebido um copo de vinho (bem, mais uma garrafa), não estava a ter o devido cuidado para esconder a sua investida não intencional nas artes escolásticas. — Embora eu talvez alargasse o escopo das especialidades telepáticas — aconselhou Atlas secamente.

— Talvez. — Hum, era uma pena que Callum não estivesse genuinamente intrigado pelo tema e quisesse apenas espicaçar o passado de Atlas Blakely e acordar os muitos fantasmas que guardava. — Ainda assim

— disse ele, ainda pouco preparado para desistir daquele jogo — penso que entenderá porque recorri a si para ser objeto de teste.

Atlas sorriu secamente.

— Quão lisonjeiro.

— Incomoda-o esta altura do ano? — voltou a perguntar Callum, fazendo um gesto para lá da janela onde a neve cobria os caminhos do jardim.

— Sou suscetível a uma certa falta de ordem — respondeu Atlas — que acompanha a mudança das estações. Como tende a acontecer com muita gente.

— Não — disse Callum. — Refiro-me à outra coisa.

Atlas deteve-se.

— É muito interessante — apontou Callum. — O seu sentido de responsabilidade.

Atlas não disse nada.

— Perguntei-me várias vezes — apontou Callum num sinuoso vagueio — porque é que alguém haveria de se dedicar tanto a algo tão absolutamente cruel.

Atlas manteve o silêncio.

— Matar — acrescentou Callum, a encostar-se à mesa para avaliar melhor Atlas com um olhar. — Ninguém me chegou a perguntar se eu o teria feito. Se teria assassinado um dos outros. Parece que todos partiram do princípio de que eu o teria feito.

— Não foi por acaso — murmurou Atlas.

— Sim, verdade. É por isso que me despreza, e à minha existência — disse Callum. Atlas estaria, provavelmente, a referir-se ao que acontecera ao medeico que Callum matara durante o ataque na primeira noite do internato na Sociedade. Ou talvez quisesse aludir aos resultados da competição de talentos entre Callum e Parisa no ano anterior. Ou qualquer outra coisa, na verdade. Callum nunca tinha afirmado que era inocente, no entanto, era capaz de sentir o sabor suave a Chardonnay de uma vantagem justa. — Mas, na minha maneira de ver, o sangue que tenho nas mãos não é nada.

— Não me diga, Sr. Nova?

— Pelo menos — acrescentou Callum — nada comparado com o seu.

Parecia que, por fim, Atlas estava disposto a digladiar-se com ele. A finalmente mostrar alguma crueldade, algum menosprezo, que ambos sabiam que ele sentia. Por um momento, parecia que Atlas poderia ceder aos impulsos mais básicos: a necessidade de punir Callum, de o colocar no devido lugar.

Callum ficou com a sensação de que aceitava o repto de bom grado. Era humilhante perceber que tudo o que dissera no passado sobre Tristan era verdade nele próprio. Era Tristan quem *deveria* puni-lo, quem deveria sentir tanta repulsa por ele que teria de passar cada minuto a planear a morte de Callum. Mas Tristan estava a crescer, estava a prosperar, estava a desabrochar-se em flores vivas que apontavam ao céu.

Quando fora a última vez que Tristan olhara para Callum ou, pelo menos, desejara que azares sem fim caíssem sobre a cabeça de Callum e respetiva linhagem? Semanas, talvez até meses, e, de alguma forma, a culpa era de Atlas. Ou, pelo menos, Callum culpava-o por isso. Callum tinha a certeza de que Atlas Blakely merecia uma dose de sofrimento.

— Para cada vilão, uma história original — disse Atlas, a responder finalmente à provocação de Callum. — A minha desilude-o?

— Nem um bocadinho. — O que era ainda mais lamentável, porque era verdade. — Tudo o que fez foi horrivelmente irracional. Não consigo imaginar porque é que ainda está vivo sequer.

— Eu também não — disse Atlas, que pegou nas coisas dele e saiu da sala. Talvez Callum o tivesse parado se estivesse mais sóbrio. Mas, como não estava, não parou e estava na hora da gala da Sociedade, que, não obstante a ambivalência fingida de Atlas era uma oportunidade para Callum fazer o que fazia melhor: ser terrivelmente divertido em festas.

Callum vestiu o seu melhor fato e pôs-se a olhar para o reflexo no espelho. A imaginar as coisas que seria capaz de fazer com as emoções de Atlas Blakely. Callum não falara sobre o que tinha descoberto no ficheiro de Atlas a ninguém, uma vez que não tinha encontrado um parceiro de conspiração que não o fizesse querer atirar-se de cabeça para um lago.

Parisa era demasiado presunçosa, Reina demasiado imperfeita, Nico demasiado Nico. Mas se mais alguém soubesse o que ele sabia? Se algum dos outros pudesse compreender a verdadeira profundidade dos pecados do Curador?

Callum dobrou o lenço de seda da mãe no bolso do casaco e abanou a cabeça.

Esse tipo de culpa não necessitaria sequer de um empático para ser interpretada. Não havia hipótese de que Atlas Blakely não passasse todos os dias da vida dele a servir um trauma, e a única coisa que restava a Callum era encontrar uma forma de descobrir porquê.

Callum saiu do quarto, devagar, a observar as portas fechadas e dirigiu-se, vagante, para a galeria. Era uma época festiva para os mortais, embora a casa da Sociedade evitasse o aparato das festividades em favor da gala, preferindo a habitual paleta de cores escuras só que com uma iluminação mais interessante.

Das balaustradas, era claro que a casa estava a encher-se rapidamente com um conjunto variado dos suspeitos do costume. Políticos, filantropos, medeicos proeminentes de todos os tipos. Era pouco claro se eram todos membros da Sociedade — provavelmente não, calculou Callum —, mas os que pertenciam à Sociedade eram óbvios. Todos evitavam examinar a casa ou demorar-se a admirá-la, como se suspeitassem que as traves no chão tivessem uma memória demasiado boa.

Callum desembarcou da ala da residência tarde, claro, como qualquer pessoa responsável faria, e descobriu que Parisa tinha tido a mesma ideia. Estava a usar mais uma peça de seda, um vestido colado que lhe caía no corpo como lágrimas. Em vez do habitual preto, escolhera um ofuscante tom de ouro a derreter. Callum olhou para onde ela parara nas escadas a estudar cuidadosamente o momento de fazer a entrada. Os outros, se é que tinham intenção de aparecer, já estavam no salão ou estariam destinados a chegar com um atraso deselegante.

Quando Callum chegou ao lado de Parisa, ela olhou para ele por um breve momento antes de ignorar o pensamento que lhe passou pela cabeça, fosse ele qual fosse. Provavelmente de que ele estava muito elegante ou deveria morrer. Ou ambos, o que não seria inédito.

— Vamos? — disse Callum, a oferecer-lhe o braço.

Ela olhou-o com os olhos semicerrados.

— Arranja essa cara — advertiu ela.

Talvez não tivesse sido aquela parte do muito elegante, portanto.

— Arranjo?

Ela respondeu, perplexa.

— És demasiado conspícuo. Já alguma vez te tentaste integrar em algum lugar?

— Poderia fazer-te a mesma pergunta — disse ele, o olhar propositadamente a cair na curva da anca de Parisa.

— As pessoas só se lembram de mim se eu lho permitir. — Repreendeu-o com a sobrancelha como que a dizer-lhe que já devia estar avisado.

— Quem disse que eu não posso fazer o mesmo? — Mas parecia-lhe demasiado trabalho, pelo que deixou uma das ilusões cair. — Melhor?

Os olhos dela entrefecharam-se.

— O que fizeste? Recuaste a linha do cabelo? — Ela levantou o braço e ele inclinou-se para trás, as pontas dos dedos dela a roçar-lhe a linha do cabelo em V hereditária.

— Quando o teu cabelo começar a ficar branco, anda falar comigo — disse ele. Parisa fez um esgar, encolheu os ombros, e ele voltou a oferecer-lhe o braço.

— Deverias ter ficado no teu quarto — comentou ela, sem deixar de pousar uma mão no braço dele quando desciam as escadas. — Sabes que ele te odeia, não sabes?

O desprezo na referência a Atlas parecia ter-se desvanecido em Parisa. Interessante.

— Claro que me odeia. — Como é dever dele. — Vem mais alguém? — perguntou-lhe Callum quando chegaram ao rés do chão, fazendo um gesto por cima do ombro para os restantes quartos.

Parisa encolheu os ombros. Depois libertou-o.

— Muito bem.

Caminharam em silêncio em direção ao *hall* de entrada e fundiram-se no mar de circunstantes. Passaram ao lado da decoração de veludo, dos tapetes em tons de mogno e cor de vinho. Os esperados adornos de materiais finos estavam ainda mais deslumbrantes do que era habitual, os arcos greco-romanos esculpidos que já conheciam e os pilares reluzentes engastados de joias a cintilar com o movimento subtil dos lustres. Todos os olhos caíram em Parisa, e depois, tal como ela dissera, passaram por ela, a atenção a esvair-se.

— Estás muito calma — observou Callum.

— Estou? — Parisa não parecia incomodada nem impressionada pela observação. — Acho que preciso de uma bebida.

— Queres que te vá buscar uma?

— Não. — Ela olhou para ele com algo parecido com o espanto. — Não pretendes seguir-me para todo o lado toda a noite, pois não?

— Não. — Não tinha nenhuma intenção para aquela noite. Já não tinha nenhuma razão para fazer o que quer que fosse, nem para *não* fazer coisas. Era muito libertador, de facto. Ou deprimente, mas, por outro lado, não era ele que estava deprimido. — Eu só sei que ele não me queria aqui, por isso, estou aqui.

Parisa seguiu-lhe a linha de visão e viu Atlas, que estava junto às portas do salão a dar uma ressoante gargalhada por causa de algo que o primeiro-ministro canadiano estava a dizer.

— Descobriste algo no ficheiro dele, imagino.

Callum não lhe perguntou como é que ela sabia.

— Origens modestas — informou Callum. — Família humilde.

— Bem, claro — disse Parisa num tom escarninho. — As pessoas nascidas em berço de ouro são insuportáveis independentemente do que façam. — Olhou vincadamente para ele com um sorriso malicioso.

— A minha mãe era pobre — disse Callum.

— Ainda bem para ela — respondeu Parisa, os olhos pretos postos oportunisticamente numa bandeja com flutes de champanhe que passava.

— Presumo que não tenha conseguido transmitir-te nenhum tipo de zelo — murmurou ela.

Callum encolheu os ombros.

— Não pegou, parece-me.

— Como é evidente. — Parisa inclinou-se para longe dele para chamar a atenção de outra pessoa quando estendeu a mão para o champanhe. — Guarda este momento estranho que estás a ter para mais logo, está bem? — disse ela, a dirigir-se a ele desinteressadamente por cima do ombro. — E não bebas mais, senão vais ficar muito mórbido. E não mates ninguém — acrescentou em jeito de adenda. — Ou mata. Não tenho nada que ver com isso.

— Alguma vez estiveste apaixonada? — perguntou-lhe Callum.

Parisa ficou com uma expressão de revolta.

— Jesus Cristo, esquece. Toma — disse ela, estendendo-lhe o copo de champanhe que tinha na mão. — Estás a envergonhar-nos a todos.

— Certo. — Callum esvaziou o copo, mas quando voltou a olhar em volta, Parisa já tinha desaparecido.

Callum atirou o copo por cima do ombro e o copo dissolveu-se no ar antes de cair e se estilhaçar no chão. Pena. Pensou que havia todo o tipo de magia naquele lugar, que Tristan saberia como ver, mas, naturalmente, Callum não. Tristan via muitas coisas que as outras pessoas nunca viam. Como o facto de Callum ser muito, muito curto de vistas, de tal forma que estava sempre com os olhos semicerrados. Tinha resolvido o assunto, claro. Porque ele resolvia as coisas. Era bom a resolver problemas em geral. A certa altura, dedicara-se a resolver os problemas das pessoas, mas, argh, era tudo muito esgotante. E nunca ninguém ficava com os problemas resolvidos. E isso era o mais fodido, na verdade. O facto de as pessoas mudarem tão facilmente, tão depressa. Um dia amavam, no dia seguinte não. Callum vira-se a perder importância nas vidas de muita gente e, sim, está bem, não era desculpa para... o que *era* que Tristan não gostava nele próprio, afinal? Difícil de dizer, na verdade. Tinha tantos defeitos extraordinários à escolha. Felizmente, nunca ninguém ficava por perto tempo suficiente para ele ficar preocupado com isso.

Callum olhou em volta e viu algo. Uma ausência. Atlas tinha desaparecido, hum, interessante. Além disso, havia uma mulher a vaguear por entre a multidão. Atlas, seu malandro! Callum tentou pegar noutra flute de champanhe, mas não lhe chegou, pelo que a convocou atabalhoadamente para a palma da mão. Bebeu-a e seguiu a mulher em direção ao gabinete de Atlas, mantendo-se devagar e discretamente no seu encalço.

A porta tinha sido deixada muito convenientemente entreaberta.

— Professora J. Araña — dizia a voz de Atlas. — A sua reputação precede-a. Diga-me, o que quer dizer o *J*...? Ah, sim, Jiménez — observou, a sentar-se à secretária. — É casada, ou é só um pseudónimo?

— É o nome do meio da minha avó. — A voz em resposta era comedida, madura. A mulher parecia ainda mais velha do que Atlas. As emoções, tanto quanto Callum as sentia, eram sobretudo um misto de repulsa e raiva. A mulher desejava ardentemente destituir Atlas dos membros, mas, infelizmente, estava a conter-se por alguma razão.

— Estou a ver. E o que é que eu posso fazer por si, Professora?

— Morrer — disse ela. — Devagar. Dolorosamente.

— É compreensível — disse Atlas.

— Na verdade, só vim cá para o matar — disse ela, altura em que Callum esteve quase a interrompê-los, para dizer algo como oh, nããão não não isso é o que ele queeeer, não faça isso, *senõra*, mas ela continuou a falar. — Mas a verdade é que isto não tem que ver consigo. Se morrer, será substituído por outra pessoa. Como as cabeças da hidra.

— Verdade — disse Atlas.

— O veneno é institucional. É maior do que uma pessoa só.

— É sempre— respondeu Atlas com uma voz compreensiva. — Lamento não ser capaz de lhe oferecer mais, Belen.

— Certo. — A mulher, a professora, parecia subitamente esgotada. Como se o véu da razão de viver estivesse a cair. Oh-oh, pensou Callum. Isto é mau sinal, nunca são boas notícias. Cuidado. — Bem, não tem grande serventia a festa, portanto.

— Posso levar um murro no maxilar, se isso ajudar — disse Atlas, o que Callum achou que não era muito leal da parte dele. A mulher já estava suficientemente deprimida. Não precisava de condescendência.

— Muito complacente, obrigada — respondeu ela, antes de se virar para a porta do gabinete de Atlas e acabar a pisar os dedos de Callum logo à saída.

— Desculpe...

— Continue — sussurrou-lhe Callum. Encontrou um pequeno botão e aumentou a temperatura, como se estivesse a apanhar banhos de sol. A aquecer-se na lareira. Não que ela parecesse daquelas que desistiam, mas, mesmo assim, deixava-o mais satisfeito pensar que a fogueira estava acesa, que as luzes não tinham sido apagadas. — Não pare.

Ela olhou para ele. Era pequena, mas robusta, um pouco entroncada.

— Conheço-o?

Callum largou-a *e* encostou-se à parede enquanto se deixava cair momentaneamente. As bolhas de champanhe que tinha bebido ameaçavam subitamente abandoná-lo por meio de um arroto. Ou pior. Inspirou profundamente para se estabilizar. Chegou a ver estrelas.

— Sr. Nova — disse a voz de Atlas. A mulher teria desaparecido, portanto. — Talvez seja melhor provar um aperitivo. Ou uma reconciliação.

Callum estava certo de que a segunda opção só tinha sido dita na cabeça dele, o que era ir um pouco longe de mais. Quanta indelicadeza! Quão malicioso e invasivo! Que ótima e terrível ideia pela qual Atlas teria de pagar, e rapidamente.

— Matou-os — sussurrou-lhe.

Não haveria de lembrar-se da resposta de Atlas, o resto da noite perdido numa névoa gasosa, numa nuvem indistinta. Pensou que se lembrava de ver algo pelo canto do olho. Um halo de feitiços da marca Nova, um ninho sem lei das impressões digitais da família dele. E Tristan.

Mas, de manhã, Callum não iria ter a certeza de nada.

• Ezra •

— Olá — disse a mulher mais espetacularmente bonita que Ezra já vira. — Tens mais ou menos 1,80 metros, não tens? Interessante. Casa de banho?

Ezra demorou um momento a responder.

— Por aqui — lá conseguiu dizer a aclarar a garganta.

— *E* conheces os meandros. — A mulher sorriu-lhe, deslumbrante. — Fascinante. Nome?

— Ezra.

Ezra tinha intenção de mentir, ou melhor de não falar. Não que importasse se ela sabia o nome dele ou não. Ninguém ali o conheceria tirando Nico de Varona, e, nesse aspeto, as ilusões de Ezra — cabelo desengraçado e olvidável, olhos descorados, a aparência geral de alguém com quem toda a gente andou na escola — estavam seguras.

Olhou em volta para ver se via Nothazai, que não estava por perto. Atlas ainda não tinha aparecido.

— Oh, não te preocupes, ele também está à tua procura. — A mulher era mais baixa do que Libby, registou Ezra. Não sabia porque comparava sempre as mulheres a Libby, tendo em conta que ela tinha uma altura bastante mediana ou talvez dois a três centímetros acima da média. Não era propriamente uma referência adequada para *todas* as mulheres. Aquela mulher estava a usar saltos muito altos, mas não chegava à altura que a cabeça de Libby chegava. Porque caralho continuava ele a pensar em Libby.

— *Muito* interessante — disse a mulher, os lábios a enrolar-se em redor da borda do copo.

Naquele momento, Ezra lembrou-se de qual era o tipo de covil em que tinha entrado.

— És uma telepata. — O tipo de especialidade que ele menos apreciava e o único para o qual o rosto carregado de cuidadosa ilusão não serviria de muito. — És a Parisa Kamali.

Ela arregalou os olhos. Não de surpresa, infelizmente.

De... triunfo. Ou entusiasmo.

— Oh, agora isto tornou-se demasiado delicioso — disse Parisa, a fazer um brinde com a flute de champanhe que tinha na mão. — Gosto tanto de uma reviravolta. Desfruta desta noite, Ezra — sussurrou-lhe, lânguida, quase tonta de prazer.

Depois fez o copo desaparecer e sumiu-se no meio da multidão, camuflada entre a restante elite medeica antes de Ezra lhe poder perguntar o que era tão aparentemente delicioso. No mesmo instante, Ezra avistou Nico, que estava a vaguear em volta da casa a remexer no colarinho, a gola rígida da camisa em plena colisão com a protusão da maçã de Adão. Ezra esperou que o olhar distraído de Nico passasse por ele e virou costas.

Sacudiu-se e olhou de novo em volta à procura de Nothazai ou da professora. Não sabia do que estava à procura — sentiu-se como quando abria o frigorífico em busca de algo que já tinha procurado cinco segundos antes — ou, o que era mais importante, o que o tinha levado a ir àquele evento.

Bem, não era verdade. Sabia. Sabia muito bem. Porque precisava de mostrar a Atlas o tipo de influência que ele suscitava, o tipo de amigos que tinha. Especificamente, o tipo de amigos em posições de responsabilidade. Porque Atlas, que deveria ter mudado as coisas com Ezra, decidira fazer parte de algo que ambos detestavam, pelo que Ezra precisava que ele soubesse que nada naquela decisão o impressionava, era inovador ou, sequer, vagamente poderoso. Era uma decisão sem rasgo, previsível e insípida.

Era... *uma desilusão.*

Mas o fato fazia-lhe comichão e a casa estava demasiado quente, além do que Ezra sentia perfeitamente que tinha sido arrancado das defesas, que tinham sido reparadas e repostas. O que o magoava de uma forma muito especial. Deixou-se ficar ali, impotente, como uma espécie de parasita sem viço.

— Foi em 1988 — perguntou-lhe uma voz ao ouvido. — Ou foi em 89?

Ezra sobressaltou-se, a pulsação subitamente acelerada.

— O que é que foi em 89?

— Que a tua mãe morreu. — Atlas colocou-se ao lado dele e estendeu-lhe um copo de champanhe. — Desculpa, é uma memória dolorosa? — comentou Atlas, a levar o copo aos lábios. — Não deveria ter feito esta pergunta, talvez. *Foi muito fácil encontrar-te, Ezra, como é costume.*

Ezra não disse nada e aceitou o copo sem lhe responder.

— Sabes, não suporto o Nothazai, na verdade — observou Atlas. — Não por ele não concordar comigo nem com nada do que eu digo — acrescentou.

— Mas é um comunicador tão ineficaz. Sempre com a mesma ladainha.

— Relanceou para Ezra. — Nem sequer sabia que tinhas um fato.

— Cuidado — advertiu Ezra, a beber um pouco do champanhe. — Olha que parece que estás a falar com uma pessoa suficientemente jovem para ser um dos teus iniciados, caso te tenhas esquecido da perspetiva.

— Nunca me esqueço da perspetiva. — Verdade, pensou Ezra, sombrio.

— Estou só a falar com um velho amigo. Presumo que vieste pela conversa de circunstância, uma vez que sei que não és fã de patê.

Ezra relanceou para Atlas, que ostentava um sorriso indolente.

— Tem-la debaixo de olho, presumo? — perguntou Atlas, antes de levar o copo à boca para beber mais um pouco de champanhe. — Detestaria pensar que ela pode meter-se em sarilhos. Pensa na culpa que sentirias se ela se magoasse.

Ezra não disse nada.

— Ela está na LARCMA, já agora. Mas tu já sabes disso. — Mais um olhar de soslaio para Ezra, que tentava não pensar em nada. Tentava, propositadamente, não pensar em coisa nenhuma. Uma tela em branco, uma parede vazia. — Anda às voltas numa roda para *hamsters* da tua lavra, não anda? Partindo do princípio de que não é muito mais esperta do que tu pensas, o que já de si é perigoso.

— Não vou deixar que o faças — disse Ezra calmamente. — Sei o que estás a planear. E o que estás a fazer...

— O que é que eu estou a fazer exatamente? A beber champanhe numa festa — disse Atlas, a fazer-lhe um brinde com o copo. — Que eu saiba,

nunca raptei ninguém.

— Eu sei que encontraste uma forma de iludir os arquivos. — Estava a fazer *bluff*, mas estava longe de estar enganado. Os arquivos só davam o conhecimento que era conquistado e Atlas não tinha conquistado a omnipotência de forma nenhuma. Ezra murmurou com os dentes cerrados pelo canto da boca, embora ninguém estivesse a olhar para ele. — Eu sei que deves estar a usar alguém para aceder aos textos a que não consegues aceder. E sei o que estás a planear fazer com eles. — Pelo menos, esta parte era verdade. Mesmo sem conhecer os detalhes do plano, sem testemunhar os eventos que levaram ao resultado que Ezra tinha visto, Atlas mostrara a Ezra quem ele era realmente mais de vinte anos antes.

— Tu — disse Ezra a Atlas — não és deus.

— O que não deixo de lamentar todos os dias — respondeu Atlas secamente.

A velha centelha de ressentimento sempre latente em Ezra incendiou-se em protesto numa chama dupla com a memória do dia em que conhecera Atlas, a afinidade que sentira, a proximidade que pensara que tinham. Conteve ambos os impulsos.

— Onde é que ele está? O teu animador. — Ezra não estava à espera de resposta, mas queria que Atlas soubesse que o tinha na mira. Que havia alguém a fazer as perguntas certas algures. A procurar nos sítios certos.

Ezra queria que Atlas soubesse que alguém sabia o que ele era realmente.

— Deixou-se ficar para trás — disse Atlas. — Não se está a sentir bem. Ah-ha. Claro que não.

— Vejo que estancaste as defesas. Foi difícil?

— Deveras.

— Ainda bem. — Ezra virou-se e estendeu o copo bruscamente para o peito de Atlas. — Obrigado pela bebida.

— Desfruta da festa — foi a absurda bênção de despedida de Atlas.

Ridículo. Era claro que Ezra não devia ter ido.

Só que...

Só que as coisas não eram exatamente o que ele imaginava. Para começar, Atlas tinha razão quanto a Nothazai. E embora eles não tivessem falado sobre James Wessex, provavelmente Atlas também tinha razão sobre ele. Ezra ainda não sabia o que pensar da Professora J. Araña. De início, ela mostrara-se muito reservada, mas agora parecia... não exatamente expansiva, mas algo não batia *certo.* O ativismo dela — que fora a primeira coisa que o atraíra até ela — começava a parecer-lhe... bem, agressivo. Pouco específico. Descontrolado. Ezra sabia que ela fora forçada a remeter-se ao cativeiro do laboratório de alcalinidade em que trabalhava, numa espécie de técnica de silenciamento institucional, mas ouvi-la a expressar as suas opiniões era menos produtivo do que ele esperava. Quando ela falava, a causticidade que exibia não parecia ser sobre a tarefa que tinha em mãos nem sobre os iniciados. Havia algo a fervilhar debaixo do que dizia, algo a vir ao de cima.

Como se fosse uma borda gasta prestes a desintegrar-se e, portanto, passível de se desviar do plano que tinham em conjunto.

Ezra não sabia como explicá-lo porque não era um telepático, mas a questão era que as pessoas que ele tinha escolhido para aquela tarefa não compreendiam adequadamente a urgência da situação. Afinal, ele tinha-as avisado do tipo de omnipotência a que Atlas Blakely aspirava, do nepotismo que os iniciados que tinha sob a alçada iriam tentar se tivessem uma oportunidade. Mas, cada vez mais, os outros viam em Ezra um instrumento, ou talvez apenas uma sentinela. Era Paul Revere a gritar os britânicos estavam a chegar, quando, na verdade, o que ele queria dizer era salientar que os britânicos já tinham chegado.

O plano estava a ficar mais complicado a cada dia que passava. Na cabeça de Ezra era simples: apontar a cada novo membro da Sociedade e neutralizar a ameaça que constituía antes que pudesse — antes que Atlas pudesse — exercer influência sobre o mundo. Uma coisa era apontar filosoficamente à Sociedade, com o objetivo de unificar a missão que tinham em mãos, mas, na prática, a Sociedade era um inimigo demasiado poderoso e demasiado intangível e, portanto, impossível de destruir. Será que eles não percebiam isso? Que assim que Atlas Blakely fosse removido, a Sociedade limitar-se-ia a voltar a ser um conjunto de homens ricos e livros velhos? Deixaria de ser uma ameaça real, a não ser, talvez, para o ego de

quem não fosse aceite. Ezra não queria saber de egos. Ezra preocupava-se com a continuação do mundo tal como o conheciam. Assim, o problema era *Atlas.* A ameaça era Atlas e as suas armas, e, verdade, Ezra poderia matá-lo e acabar com o assunto, mas quem poderia dizer que Atlas não tinha já posto o plano em andamento? Os membros mais novos da Sociedade já iam a meio do segundo ano de estudo independente. O que os arquivos lhes tinham entregado era incalculável e aí residia o problema. Callum Nova tinha sido eliminado, Libby encurralada, mas continuava a haver quatro armas mortais prestes a ser libertadas para o mundo. E Ezra sabia, mesmo que nenhum dos iniciados não o soubesse, que Atlas tinha um plano para eles. Atlas tinha um plano para toda a gente.

Tanto quanto era do conhecimento de Ezra, nenhum dos iniciados tentara sair da casa desde que Ezra colocara o plano de contingência a funcionar. No entanto, um dia acabariam por abrir as asas e o que tinha de ser feito era claro: Parisa Kamali, Tristan Caine, Nico de Varona e Reina Mori tinham de ser travados. Não podiam, de forma nenhuma, continuar a seguir o caminho que Atlas — e, sem querer, Ezra — lhes trilhara tantos anos antes.

Ezra perambulou melancolicamente nas franjas da burguesia em festa e passou quase a roçar por um homem loiro com os olhos vidrados que parecia um sonâmbulo a vaguear pela casa. Deixou-se levar pelo entusiasmo, aparentemente. Céus, Ezra detestava festas. Todo aquele excesso era revoltante e, pior, ele não sabia como existir naquele meio. Além disso, lembrou-se da última vez em que fora iniciado naquela casa. Tinham passado poucos anos para ele, mas quase duas décadas para Atlas. Os outros iniciados da turma de ambos não tinham aceitado bem Ezra. Perguntou-se onde estariam, o que estariam a fazer, se teriam feito um brinde com Atlas antes da festa e se teriam soltado uns risos sonoros pela partida de alguém tão querido a Ezra. Ainda não os tinha visto — Folade adorava uma festa, Neel adorava ser o centro das atenções, e Ivy... com sorte, ninguém seria suficientemente estúpido para deixar Ivy à solta no meio de uma multidão —, o que não queria dizer nada. Ezra partia do princípio de que já estariam todos integrados na festa, a engrossar o núcleo dos privilegiados. (Estremeceu ao pensar que poderia voltar a deparar-se com Alexis Lai, que já o tinha assustado o suficiente quando tinha 28 anos.)

Ezra estava prestes a encontrar Nothazai, a apresentar as desculpas que tinha engendrado — afinal, não havia muito a aprender com aquela festa e, fosse como fosse, a Sociedade tinha-lhes atribuído pulseiras a todos, que, na verdade, eram instrumentos de dissuasão, para que ele desmaiasse se tentasse sequer abrir uma porta ou quebrar uma defesa do local onde se encontrava — quando alguém lhe pousou uma mão no ombro.

— Ezra, não era?

— Tristan — disse Ezra, com um susto e não sem se sentir algo confuso, antes de se deixar cair em algo que ele esperava que se assemelhasse a encantadora surpresa. Seria um engano? Seria com certeza. Afinal, as ilusões dele...

Virou-se e viu Tristan Caine, amuado, ao lado dele, apenas parcialmente vestido de acordo com o código de vestuário formal da festa. Parecia que tinha descido as escadas em busca de algo e, entretanto, desistira.

— Não estava à espera de te ver por cá — disse Tristan, que, infelizmente não mostrava sinais de se ter enganado, apesar da oportunidade de reparar no rosto ilusório propositadamente indistinto de Ezra. — Céus, que pesadelo — acrescentou Tristan a encolher os ombros e a perscrutar a multidão com um esgar. — Tantos figurões numa sala só.

Era claro que Tristan não tinha dúvidas acerca da figura de Ezra, o que pelo menos resolvia o mistério acerca da fonte de recrutamento da Sociedade. O que quer que fosse que Tristan fosse capaz de fazer, as ilusões de nada adiantavam, o que não era totalmente diferente de qualquer outra especialidade com que Ezra já se tivesse deparado. E uma capacidade a que Atlas nunca fizera referência, claro.

(A lista de razões para matar Atlas estava a crescer a olhos vistos a cada dia que passava.)

— Não me tinha apercebido... — Tristan não acabou a frase, e olhou para Ezra com o cenho franzido de perplexidade. — Estás com um ar mais jovem do que da última vez que te vi, ou talvez mais jovem do que eu estava à espera. Pensava que eras de outro plano astral quando me deparei contigo à volta das defesas.

Ezra, que pensava muito sobre as coisas antes daquele dia, tentou forçar um sorriso com todas as forças que tinha. Felizmente, Nico estava longe de mais para reparar. Estava a falar com uma mulher asiática, que olhava pela janela com indiferença num fato tão preto que quase parecia líquido, o cabelo penteado para um lado.

— É o meu estilo europeu — disse Ezra a Tristan, com a tranquilidade e a segurança que a distração de Nico lhe proporcionava. — Todo aquele vinho tinto e os planos de saúde subsidiados. Sou mais velho do que pareço.

— Ah — disse Tristan, que, de seguida, relanceou distraidamente para a multidão. — Quando foi a tua iniciação? Acho que nunca te perguntei.

— Oh, eu sou... — Hum. Complicado. Felizmente Tristan não lhe estava a prestar muita atenção. — E tu?

— Hum? Desculpa. — Sim, Tristan não estava a ouvir nada do que ele dizia. O olhar dele estava posto num jovem embriagado que tinha tropeçado e, logo depois, desaparecido em direção a outra sala.

— Deixam qualquer pessoa entrar nestas festas, não é? — comentou Ezra, o que finalmente chamou a atenção de Tristan de volta à terra.

— Verdade. Ouvi dizer que há membros de Fórum por aqui — Tristan abanou a cabeça. — Estava um bocado à espera de esbarrar com o meu antigo patrão.

Por acaso, Ezra sabia que James Wessex não tinha sido convidado. A assistente dele, Eden, estava exasperada a falar sobre isso sem parar quando estivera com Ezra.

— Acho que o Fórum *é* mais... esclarecido no que diz respeito aos inimigos — disse Ezra, e Tristan encolheu os ombros em desdenhosa concordância. — Muito mais filantrópico, pelo menos.

Desta vez, Tristan franziu o sobrolho com dúvidas.

— Será?

A questão era mesmo essa.

— Não são uma sociedade secreta — disse Ezra. — Estão empenhados na distribuição da informação.

— Talvez estejam, mas duvido que a informação seja de graça. Tudo tem um preço. — Tristan voltou a olhar em volta, depois para Ezra. — Não

estás convencido, pois não?

— Com o Fórum? — Já estivera, no passado. Mas pensava, apesar de tudo, que ainda poderia voltar a estar.

— Bem, já andaste pelo mundo — apontou Tristan. — Acredito que já os tenhas visto em ação.

Verdade. Ezra vira Nothazai em amena cavaqueira com diplomatas e políticos, e imaginava que Atlas fizesse o mesmo. Era uma necessidade, dissera-lhe Nothazai, o que também era verdade. Claro que era verdade. Como poderia o Fórum empenhar-se na melhoria da humanidade se não conseguisse ter como manter as luzes acesas? A questão era a transparência, a forma como os membros estavam a par de tudo. O que importava era a distribuição de informação, a partilha de recursos. No mês anterior tinham contestado uma patente medeica nos tribunais dos EUA e vencido. E passou a poder ser usada por toda a gente.

Bem. Toda a gente que *tivesse* dinheiro suficiente para a usar.

Mas, do ponto de vista funcional, não deixava de ser melhor do que os arquivos da Sociedade, que se dirigia apenas a uma mão-cheia de pessoas que estavam naquela sala. Os socialistas-champanhe, literalmente, pensou Ezra, ao ver Tristan a pegar num copo de uma bandeja que passava enquanto esperava a sua resposta com a testa franzida.

Então, o que é que ele achava do Fórum?

— Penso — decidiu Ezra — que a maioria das pessoas só diz é merda. Tristan engasgou-se ao beber o champanhe até que conseguiu balbuciar um sorriso.

— Verdade — disse ele, olhando de novo de soslaio para Ezra com uma expressão de aprovação, ou, talvez, celebração. — Bebo a isso.

Ezra sentiu mais uma pontada aguda de impaciência. Não, de... estranheza. Não pertencia àquele lugar, nunca pertencera. E também não tinha vontade de estar ali.

Teve uma visão de outra vida. Uma cabeça curvada conhecida, um velho olhar furtivo. A forma como Libby roía sempre as unhas quando estava a ler. Pedira a Ezra que a fizesse parar, mas fora algo que nunca o incomodara, bem como nenhum outro dos hábitos irritantes que a deixavam

tão inibida. Ezra gostava de ser a pessoa que a tranquilizava, que via todas as falhas e defeitos, e comprometera-se a protegê-los a ambos, a mantê-los a salvo. Sentia que estava a recuperar o tempo perdido. A salvar alguém, qualquer pessoa, mas era melhor ainda por ser ela. Porque ela era amável e mais poderosa do que sabia.

Mesmo assim, pensou, faria tudo de novo, exatamente da mesma maneira de cada vez. O que quer que ela fizesse depois da Sociedade, depois de conhecer Atlas, iria dar-lhe cabo daquele brilhozinho frágil de suavidade que a caracterizava. Não deveria ele sabê-lo melhor do que ninguém? A versão do mundo de Atlas Blakely não tinha limites e estava cheia de pontas aguçadas, dentes à espera de furar o otimismo frágil, a moralidade e a esperança de Libby. Se ela detestasse Ezra para sempre, que assim fosse. Ele tinha-lhe salvado mais do que a vida.

Perguntou-se como estaria Libby a sair-se na LARCMA. Perguntou-se o que estaria a ler; qual teria sido a ideia brilhante que ela teria tido naquele dia e que iria partilhar com uma pessoa que não ele. Não era assim tão mau, pensou Ezra, porque Libby estava a viver uma vida. A vida *dela*, que ele só poderia experienciar em miniatura e testemunhar do alto.

Um centro comercial, pouco tempo antes. O Galleria, onde Libby estivera a ouvir sem muita atenção um professor que a acompanhava, um investigador em ascensão que Ezra já conhecia — não obstante as viagens no tempo — e que acabaria por não reconhecer o papel de uma mulher na sua investigação inovadora. *Essa* mulher era Libby, que não haveria de se deixar ignorar com tanta facilidade. Usava calções de ciclista de cores berrantes, o rosa um choque abrasador para o sistema de Ezra. Ezra ouvira-a a rir-se, sem sinceridade, mas tranquilizadoramente despreocupada, e quisera ficar cego temporariamente.

Sacudiu a memória e engoliu em seco. Não era arrependimento. Nem remorso. Ezra não estava enganado.

Não podia estar enganado, chegado àquele momento.

Ezra, a fazer o que podia para não parecer bicho do mato, olhou em volta para ver se Nico ainda estava no canto com a mulher asiática. Verificou, com passageiro desânimo, que ambos tinham desaparecido. Era extraordinariamente improvável que Nico reparasse nele, mas enfim.

Subitamente, a razão para ter ido àquela festa pareceu-lhe completamente insubstancial.

— Bem — disse Ezra a Tristan. — Tenho de ir, detesto esta merda.

O riso de resposta de Tristan ressoou baixinho.

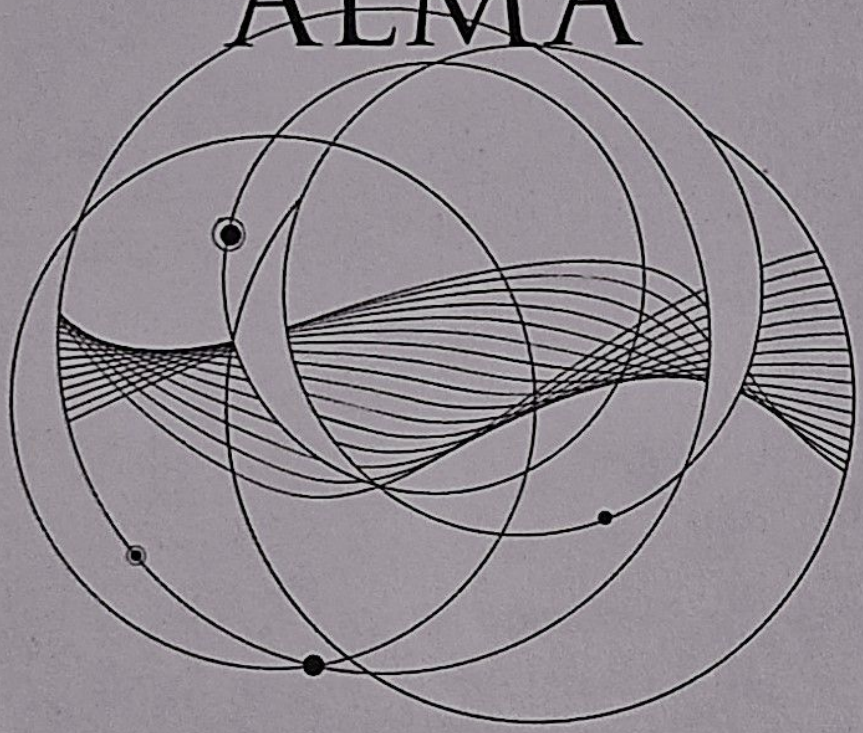
— À Sociedade e muito mais — disse ele, já mais enterrado no bolso de Atlas Blakely do que poderia imaginar. Tal como o animador, Tristan era, na melhor das hipóteses, um dos instrumentos de Atlas, e, na pior, um discípulo. Se não era já, não demoraria a sê-lo.

Do canto do olho, Ezra vislumbrou, enojado, o riso de Atlas e pensou que talvez devesse tratar pessoalmente de Tristan. Só por segurança.

Mas, naquele momento, Ezra inclinou a cabeça num adeus e virou costas, voltando a empenhar-se com a promessa de salvação que tinha pela frente.

VII

ALMA



• Tristan •

— Já o consegue usar? — perguntou Atlas a Tristan quando estavam ambos enclausurados no gabinete dele. A atmosfera estalava com a estática, algo elétrico. Não era tensão, nem ansiedade.

Entusiasmo. Que não era algo que Tristan estivesse habituado a sentir. Talvez nunca o tivesse sentido, na verdade.

— Quase — disse Tristan. — Falta um bocadinho.

Atlas tamborilou com os dedos na secretária, a pensar.

— Provavelmente precisa de algo mais eficiente do que a sua tática atual. Por mais empenhado que o Sr. de Varona pareça estar nesse aspeto — acrescentou secamente.

Verdade. Além do que Tristan começava a perguntar-se se estar constantemente com medo de morrer poderia começar a fazer-se sentir.

— Posso fazê-lo rapidamente e com urgência ou devagar. *Muito* devagar — apontou Tristan com um esgar. — Uma espécie de tarefa para o dia inteiro, se tanto.

A expressão de Atlas não se alterou.

— E o que é que acontece? Quando o faz?

— Consigo mudar a realidade. Ver coisas.

— Alterá-las.

Quebrá-las.

— Mais ou menos.

— Manipulá-las?

— De certa maneira.

Atlas parecia pensativo de novo.

— Tinha esperança de que o Tristan pudesse passar o ano a desenvolver as suas capacidades — disse Atlas ao fim de um instante. — Mas parece que poderemos ter menos tempo do que eu imaginava.

— Poderemos? — Tristan levantou a guarda imediatamente. — Portanto, está mesmo apostado em usar-me.

Altas olhou-o com algo que poderia ser impaciência em alguém menos distante.

— A questão não é o que *eu* pretendo fazer consigo, Tristan. Afinal, temos uma dívida para com os arquivos. Temos de contribuir para eles, como lhe disse no momento em que entrou nesta casa.

Nós de novo.

— Está a pedir o mesmo à Parisa? Ou ao Callum?

— Peço o mesmo a todos — disse Atlas —, ou seja, nada. A minha única aposta consiste em aprofundar os objetivos da biblioteca.

— Da Sociedade, para ser mais preciso — observou Tristan asperamente.

— Não. — Atlas levantou-se e parou junto à janela que dava para os terrenos orientais da casa. — Tenho uma teoria — acabou por dizer, a olhar por cima do ombro para Tristan. — Não queria partilhá-la consigo antes que compreendesse as suas capacidades. Mas cabe-lhe a si comprová-la ou não. Afinal faz parte das suas especialidades, não das minhas.

Tristan preparou-se para o pior.

— Que teoria é essa?

Atlas voltou a relancear pela janela, depois voltou devagar para a cadeira e colocou as mãos em V à frente da boca.

— Estou cada vez mais ciente de que vai parecer uma loucura — disse ele.

— Estou pronto para ouvir — respondeu Tristan, que já considerava Atlas deveras louco havia alguns meses, se não mais.

— Bem. — Atlas suspirou e recostou-se na cadeira. — O Tristan é um tipo de físico ainda sem nome. Essa é a minha suspeita desde sempre. É capaz de manipular *quanta*, o que o torna ainda mais poderoso do que um atomista, que é o que mais se aproxima de descrever as capacidades do Sr. de Varona. E é a sua capacidade para ver o mundo numa nova dimensão que abre a porta a mais testes.

— Testes de quê? — Armas, calculou Tristan, a sentir mal-estar nas entranhas. Trabalhara para James Wessex tempo suficiente para saber que as coisas acabavam em violência. O dinheiro estava na guerra, ou, talvez mais precisamente, a guerra era dinheiro.

— Mundos — disse Atlas.

O que deixou Tristan a pestanejar e depois a franzir o sobrolho.

— Desculpe?

— Conhece alguma coisa sobre a investigação do Sr. Ellery? — perguntou Atlas. — Ou a especialidade dele, já agora.

Claro que não. Tristan nunca se dera ao trabalho de pensar em Dalton a não ser para se perguntar como Parisa aguentava estar perto dele.

— Não.

— O Dalton — começou Atlas com outro relanceio pela janela — é um animador. Em certa medida, as capacidades dele podem criar senciência a partir do nada.

— Mas isso é... impossível...

— É — confirmou Atlas, a olhar para ele de novo. — Daí a área de investigação do Dalton. Durante a última década — explicou Atlas —, o Dalton dedicou-se a estudar a natureza do que parece ser, mas não pode ser, a criação espontânea. A biblioteca mostra-nos que, não obstante as convicções teológicas ou científicas, não existe um momento primordial no universo, não existe um átomo primevo a partir do qual a nossa vida se gerou. Milénios de investigação indicam uma alternativa: que nascemos de um vazio, um vazio que não é o nada. Há algo que nos antecede e que se manterá depois de nós. Não há nada de especial neste universo, tirando o facto de ser nosso. E, se nós não somos especiais, não somos singulares. Não somos únicos. — Atlas estava com os olhos fixados no nada. — Estou a falar sobre isto — continuou, mais para o renque de cornizos do outro lado da janela do que para Tristan — porque deve haver algum equilíbrio delicado, mas que pode ser conhecido, alguma quantidade de matéria e antimatéria a partir da qual este mundo foi formado. E se pudesse ser identificada, poderia ser recriada.

Neste ponto virou-se para Tristan.

— A investigação do Dalton é sobre estas flutuações. A possibilidade de o caos original não ter sido caos nenhum, mas uma qualquer força ordenada no seio de um vazio vivo e pulsante. Magia, porventura, ou talvez o Tristan possa vir a provar que é algum tipo de organização de *quanta*. — Abanou a cabeça. — Isso é algo que eu não sei nem posso adivinhar. Mas o que sei é o seguinte — concluiu, inclinando-se para a frente com algo a brilhar-lhe nos olhos com uma intensidade que poderia ser descrita como sinistra, ou maníaca ou apenas infantil, Tristan não saberia dizer qual. — A menina Mori é capaz de albergar essa centelha. É capaz de originar uma flutuação primordial. O Sr. Ellery pode convocar o vazio, o elemento de inflação cósmica. O Tristan pode vê-lo. O Sr. de Varona, a menina Rhodes, são capazes de o formatar, e...

— Quer que nós criemos outro universo? — interrompeu Tristan, pouco seguro de que tivesse ouvido bem o que Atlas estava a dizer.

Atlas abanou a cabeça.

— Criar não. Pelo menos, não a partir do nada. Não existe criação a partir do nada, compreende?

— Então, o que...

— O universo não tem nada de especial — repetiu Atlas. — Não há nada que sugira que isto é o melhor que a criação tem para oferecer. Por isso, deve haver outros.

Tristan sentiu que não poderia estar a acompanhar adequadamente o raciocínio de Atlas.

— Outros como por exemplo...?

— Outros mundos. — Atlas foi perentório. — Outros universos. Versões, porventura, deste.

Tristan franziu o sobrolho.

— Refere-se a um multiverso?

— Talvez. — A palavra deixou Atlas frenético, como se tivesse tido uma sensação de alívio. — Talvez não. Mas a questão é que consigo, Tristan, com a sua visão do mundo, talvez nós possamos finalmente ter uma resposta para essa pergunta. Se o universo não é um vazio... se não é um

nada... e o Tristan puder ver como é construído, também conseguirá identificar o seu formato. E se conseguir ver onde estamos no universo...

— Saberei onde estamos no multiverso — concluiu Tristan abruptamente.

— *Sim.* — Era este o desfecho que Atlas procurava. Todo o objetivo que ele tinha. — Sim. Exatamente.

— Mas... — Tristan parou para pensar, porque tudo o que tinha acabado de ouvir deveria ter sido, em todos os sentidos, um disparate absoluto.

— O único princípio que eu sei que é real é o do equilíbrio — respondeu-lhe Atlas. — Matéria e antimatéria. Ordem e caos. Sorte e azar. Vida e morte.

— Atlas estava estirado na cadeira, as pernas longas projetadas para a frente quando levantou as mãos para cima da cabeça. — Este não pode ser o único mundo.

Tristan pensou nos murmúrios de Nico, na teoria dos muitos mundos que ele tinha.

— Mas e se for?

— Se for, é. O que importa? Vamos todos morrer e nada mais interessará. — Atlas encolheu os ombros e continuou. — O que importa não é a resposta, Tristan, é a pergunta. É o facto de continuarmos sem a conhecer.

— Portanto, pretende descobrir se o gato de Schrödinger está vivo ou morto. — Tristan não conseguia acreditar no som da própria voz, que não era inexpressivo nem mecânico, *mas fascinado.* Por Deus, ele estava a achar aquilo interessante. Que incrível falta de discernimento da sua parte.

— Sim — disse Atlas —, exatamente.

— Quer abrir a caixa. — Não apenas a caixa com o gato. A caixa de *Pandora.* A caixa que continha uma resposta tão imensa que conduziria inevitavelmente a um dilema ético.

O que aconteceria se fosse possível encontrar outro mundo? Quem haveria de decidir qual era o universo que estava certo, que era verdadeiro ou correto?

E, mais importante, o que aconteceria com o universo existente?

— Não — disse Atlas. — Não quero abrir a caixa. — Uma pausa. — Quero que o *Tristan* abra a caixa.

— Mas... — E mais uma pausa. — Mas e se eu me recusar a fazê-lo? Outro encolher dos ombros.

— Nesse caso, recusa.

— E se eu não concordar com a sua teoria? — argumentou Tristan.

— Nesse caso, não concorda. O objetivo da Sociedade é promover o conhecimento dentro das nossas paredes. Ficarmos em dívida para com os arquivos porque somos um meio de pesquisar e continuar a pesquisar.

— Mas isto é muito mais do que uma simples experiência. — Tristan estava a começar a ter dores de cabeça.

— Não é menos uma experiência do que as curas médicas que existem nestes arquivos — disse Atlas. — Não é uma investigação menos ética do que a investigação que já existe aqui e que nunca foi partilhada.

— Quer abrir a porta para o multiverso e... — Tristan pestanejou. — ... mantê-lo em segredo?

— Eu quero abrir a porta — disse Atlas. — O que acontece a seguir não é nada.

— Nada — repetiu Tristan sem expressão. Era *aquele* o grande plano de Atlas Blakely? Abrir a porta sem ter em nenhuma conta as consequências?

Atlas apressou-se a abanar a cabeça, um assomo súbito de autoconsciência.

— Desculpe. Não é nada. Como é óbvio não é nada.

Mas aquele deslize fora revelador, não fora?

Ou talvez não.

— A questão é que — continuou Atlas — eu acredito que, dada toda a abrangência do seu poder, Tristan, você seria capaz de tudo isto e muito mais. As respostas para a fundação do universo estariam ao seu dispor. O Tristan não está comprometido com a minha hipótese — acrescentou enfaticamente. — Tem a liberdade de teorizar à vontade. Mas o poder que poderia exercer, as respostas que poderia dar...

As mãos de Tristan estavam a começar a ficar bambas.

— Eu *seria* capaz disso? — O modo condicional parecia pressagiador. Implicava, entre outras coisas, um *ou então.*

Atlas lançou-lhe um olhar compreensivo.

— Eu sei que estou a pedir-lhe muito. Mas, seguramente, não é o que *eu* lhe estou a pedir, Tristan, mas mais a sua procura de...

— Está sempre a chamar-me Tristan — percebeu Tristan, a levantar a cabeça com acutilância depois de a ter mantido baixa muito tempo. — Trata os outros pelos apelidos. — Havia mais alguma coisa que o incomodava e o espicaçava vinda de algures. A voz de Callum.

O Blakely detesta-me. A ti adora-te.

Atlas, que tinha ficado muito animado durante a conversa, parou subitamente.

— Isso incomoda-o?

— Gosta de mim — disse Tristan.

Atlas hesitou, depois disse:

— Como lhe disse um dia, já estive no seu lugar.

— E que lugar foi esse? — perguntou Tristan sem pruridos. — Capital de risco? Futuro genro de um bilionário? Noivo de uma mulher que estava a dormir com o seu amigo? Qual destas opções?

Foi então que Atlas o olhou longa e deliberadamente.

— Sabe bem qual delas — disse Atlas.

Tristan viu a imagem do pai na cabeça. Não, não foi só a imagem, mas a memória, a forma como o pai pairava sobre ele, o olhava de cima para baixo, lhe fazia sombra. Não, não a memória do pai, mas as consequências, as ondas de solidão, a sensação de insuficiência, a melancolia penetrante e duradoura. O andar em bicos de pés, a perigosa sensação de que, a qualquer momento, podia dar um passo em falso, poderia quebrar alguma coisa, poderia acordar o monstro dentro do peito do pai. Podia trazer para a vida o titã que lhe determinava a felicidade, que lhe reduzia a sensação já diminuída de ser. Teve a sensação acre de medo, o pensamento que não era verdadeiramente um pensamento, mas apenas uma sensação exacerbada de *descarga.* A dúvida entre ir ou ficar, amarga e detestável. A ira que lhe ia no

coração, a palpitar em baques secos com a pulsação. O medo de que a ira fosse hereditária. Que a sua própria alma fosse falha, como a do pai.

Quando Tristan voltou a pestanejar foi entre lágrimas, quentes e pungentes.

Uma vergonha. Sacudiu-se e limpou os olhos, furioso.

— É isso que pensa que nós os dois somos? Deprimidos? — perguntou.

Atlas não disse nada e Tristan levantou-se num pulo.

— Vá-se foder — disse.

Depois virou-se, saiu do gabinete e subiu as escadas de rompante.

Nas semanas que se seguiram àquela conversa, Tristan não estava certo do que deveria fazer. Não sabia bem o que fazer com o que sabia ou com o que Atlas pensava que ele sabia ou com o que ele ainda estava a fazer naquela puta daquela casa cheia de segredos, traições e vilezas. Tristan detestava Callum, detestava Parisa, nunca gostara verdadeiramente de Reina e não sabia o que fazer com Nico, porque a possibilidade de Nico ter percebido, a partir do momento de honestidade irreprimida de Tristan, o que Atlas percebera na sua cabeça, deixava-o a sentir algo mais do que ódio.

Estava a senti-lo de novo. Um anseio. Um sentimento desenfreado que precisava de ser controlado. Pensara que Libby era a sua crise existencial, mas ela significava mais do que isso para ele, não era assim? Ela não era apenas a causa; era, de alguma maneira, a parte de um todo. A peça que faltava em algo que o seu cérebro estúpido não conseguia perceber o que era. Libby, decidiu Tristan, era a razão por que ele não conseguia aceder à plenitude dos poderes que tinha. Libby tinha desaparecido e, enquanto assim permanecesse, haveria sempre algo a faltar-lhe. A... bondade? A moralidade? Algo crucial. Algo que ele não compreendia.

Tristan não tinha intenção de ir àquela gala ridícula até decidir que estava esfomeado e que estava tudo a cheirar muito bem, como dinheiro. Foi lá que ele decidiu que não valia a pena odiar Atlas. O que era Atlas, afinal? Quando o outro viajante, Ezra, partiu, Tristan viu Atlas a levar uma flute de champanhe aos lábios e a fazer um sinal hesitante de aquiescência ao primeiro-ministro do cu de Judas.

De repente, Tristan achou tudo muito estúpido: a Sociedade, os arquivos, o mundo e, por conseguinte, Atlas. Afinal, Atlas era só mais um homem humano com defeitos, com falhas e curiosidades e com objetivos muito próprios. Havia homens piores, com maiores exigências e expetativas mais egoístas longe daquela casa.

Ezra tinha razão, fosse ele quem fosse. Estava tudo fodido. Não era por Atlas ser mau, ou a Sociedade ser má, mas por o mundo ser o que era.

Ou talvez Atlas tivesse razão e o mundo fosse apenas um de muitos.

No exato momento em que pensou nesta possibilidade, Tristan viu Nico a caminhar na direção dele. Deu-lhe um aceno de cabeça distraído.

— Não estavas com a Reina ainda agora?

— Bem, a Reina detesta-me e quer ver-me morto por razões insondáveis. Ou talvez esteja só com fome. Quem era aquele? — perguntou Nico a apontar com o queixo para o vulto já distante de Ezra. — Alguém importante?

— Oh, era só... — Tristan apercebeu-se inoportunamente de que tinha apenas uma pequena ideia, uma vez que não o estava a ouvir. — ... o Ezra.

— Ezra? — Nico fez um esgar. — Desculpa. Força do hábito. Eu só conheço um Ezra e tem a personalidade de uma fatia de pão. Diria que é meu eterno inimigo se me conseguisse lembrar de algo que ele pudesse fazer que valesse a pena odiar. — O olhar de Nico passou distraidamente pela multidão, de Reina, que estava amuada a um canto, a Parisa, que se estava a rir no centro de um pequeno grupo de homens hiperatentos. — Mas calculo que já ouviste o suficiente sobre ele.

Tristan lançou-lhe um olhar de contundente irritação, talvez pela insinuação de que ele colecionava raivosamente curiosidades sobre a vida pessoal de Nico ou qualquer outra sugestão imprópria de que eram amigos.

— Porque é que eu haveria de saber o que quer que fosse sobre uma pessoa qualquer da qual queres vingança?

Nico parecia igualmente injuriado.

— Bem, não chega ao ponto da vingança — murmurou entre dentes — e pensava que a Rhodes te teria contado.

— A Rhodes? — A pulsação de Tristan acelerou e voltou a abrandar. — O que é que ela tem que ver com isto?

— Ezra é o nome do namorado dela. Ex-namorado agora, creio. — Pela primeira vez na conversa, olharam um para o outro, igualmente desconcertados. — Porque é que estás a ficar tão exaltado?

— O namorado da Rhodes chama-se *Ezra?* — perguntou Tristan com o cenho franzido.

— Sim. Bem, chamava-se. Agora está morto. Ou talvez não, não me faz diferença nenhuma. — Mas, ao ver a expressão de Tristan, Nico franziu o sobrolho. — Mas aquele não era ele — disse Nico, já duplamente confuso. — O tipo era ainda mais insonso do que o Fowler, acredites ou não, pelo que não sei porque é que estás a cismar tanto.

— Ele estava carregado de ilusões. — Tristan não sabia ao certo por que razão este facto lhe parecia tão importante, uma vez que só tinham falado durante alguns segundos. — Mas é uma festa, um evento formal. — Quase todas as pessoas na sala estavam a usar algum tipo de ilusões ou ampliações. — Pensei que era para fins normais.

— Aquele tipo? — Nico olhou para o lugar onde vira Ezra, o que não ajudou em nada, porque Ezra já tinha desaparecido. — Bem, o Fowler tem o cabelo preto. É um pouco mais baixo do que tu, talvez da altura do Callum. Em geral tem o aspeto de quem preferia estar noutro lugar qualquer. Nunca levantou mais do que um manual na vida dele.

Foda-se, pensou Tristan. A descrição podia aplicar-se a muita gente no mundo. Não seria nada, com certeza, mas...

— E aquele tipo? Qual era a aparência dele?

— Hã, cabelo loiro? Castanho-claro? O rosto era, enfim. Um rosto...

— Não. Não, esse é... não. — Tristan abanou a cabeça. — Não, cabelo preto, caracóis. E, na primeira vez que o vi, ele não estava a usar nenhum feitiço nem ilusão de certeza.

Nico piscou os olhos na direção de Tristan em acusação, como se aquela conversa devesse ter surgido quando estavam a fazer tranças no cabelo um do outro, a criar laços.

— Quando é que o viste antes de hoje.

— Lá fora. Perto das defesas.

— Qual defesa?

— Isso interessa? — Tristan sentiu algo a incomodá-lo.

— *Qual defesa?* — repetiu Nico.

— Eu... — Foda-se. — Uma defesa temporal.

— Estás a falar a sério? Uma *defesa temporal.* — Nico parecia furioso. — Eu disse-te que o tempo era a única dimensão que não tínhamos levado em conta, mas, mesmo assim, não te lembraste de me dizer que esbarraste com o ex-namorado da Rhodes numa das *nossas* defesas?

— Como é que eu haveria de saber que ele era o ex-namorado dela? — resmungou Tristan. — E qual é a especialidade dele, já agora?

— É... — Nico deteve-se. Franziu atesta. — Foda-se. A Rhodes disse-me isso centenas de vezes, juro, mas é algo, não sei. Algo estúpido, algo como... chato *como a potassa...*

— Ai é? — perguntou Tristan entre dentes cerrados. — Ou será ele um raio de um *viajante no tempo?*

Tiveram ambos a mesma perceção ao mesmo tempo.

— Filho da puta — disse Nico, antes de abandonar o copo de champanhe numa bandeja e ir para o corredor em passo incerto.

Tristan foi atrás dele, com dificuldade em conter-se para não correr.

— Sabes que isto pode não ser nada. — Alguém naquela situação tinha de ser o adulto, afinal. Alguém tinha de manter a cabeça no lugar. — Não podemos provar que ela está perdida no tempo, e muito menos que foi sequestrada por um viajante no tempo. Não temos provas de que a tua teoria seja mais do que uma divagação de um louco. — Tristan arquejava enquanto serpenteavam pelas pessoas que vagueavam pela sala, o que não ajudava. — Isto pode ser apenas uma coincidência.

— *Poderá?* — respondeu Nico, mordaz, como se Tristan não pudesse dizer nada mais idiota por muito que tentasse.

— Tu próprio disseste que ele não é nada, que é aborrecido e, seja como for, a Rhodes teria...

Deslizaram até ao corredor vazio quando, subitamente, Tristan ouviu as palavras de Callum na cabeça:

Ela conhecia a pessoa que lhe fez isto.

Piscou os olhos para afastar a memória com um arrepio.

Poderia ter sido uma mentira, disse para consigo. Poderia não ser nada. Afinal, tratava-se de *Callum*, caramba, e...

— Já se foi embora — anunciou Nico sem expressão a parar no corredor vazio antes das defesas de transporte. — Foda-se. Não está aqui.

— Sim, Varona, estou a ver — atirou Tristan. Trocaram um olhar irritado, ambos imersos em discussões silenciosas com pessoas não presentes. — Podias ter-me dito o nome dele antes — murmurou Tristan ao fim de um momento, num assomo de frustração não resolvida.

— *E tu* podias ter-me dito que tinhas visto alguém nas defesas! — disparou Nico.

— Pensei que era... — A boca de Tristan fez-se tensa. Não podia explicar nada daquilo a Nico, na verdade. — Nada. Isto é um absurdo. — Lançou um olhar irritado a Nico. — Nem sequer sabes qual é a especialidade dele. Ou se era *ele* sequer.

— Ah, então eu vou lá bater-lhe à porta, está bem? Perguntar-lhe o que é que ele anda a tramar e, já agora, se tem a Rhodes fechada no armário lá da casa dele? — O lustre no teto estava a vibrar com a frequência baixa, mas inconfundível da ira de Nico de Varona.

O entusiasmo inicial de Nico, a adrenalina da perseguição, estava a desvanecer-se e a dar lugar a outra coisa mais antiga, mais frágil. Fúria. Perda. Desilusão. Talvez porque Nico, tal como Tristan, se tivesse apercebido de que a conclusão a que tinham acabado de chegar não era garantia de muito, a não ser de que estavam ambos demasiado envolvidos do ponto de vista emocional para ver as coisas com clareza, que era o mesmo que admitir que nunca iriam encontrar Libby, o que era aterrador.

— Ela não está aqui — disse Nico, a chegar à mesma conclusão a que Tristan já tinha chegado. Que tinham procurado por Libby em cada centímetro da terra e não tinham encontrado nada. O peso desta conclusão dobrou os ombros de Nico e o momento de clareza conjunta foi-se. —

Sabes disso tão bem como eu. Ela não está *aqui* — disse Nico num tom inflamado — e, mesmo que por uma puta de uma razão qualquer eu estivesse certo quando disse que o Fowler era um inútil de merda, a minha teoria continuaria a não passar de uma teoria, e eu continuaria a não conseguir encontrá-la e não há ninguém que possa fazer nada em relação a isso. Não — acrescentou Nico, num tom um nível abaixo do grito — que alguém esteja a *tentar!*

Lançou um olhar de ódio incontido a Tristan e foi-se embora, esbaforido, esbarrando no ombro de Parisa pelo caminho. Ela fitou-o com o cenho franzido e depois olhou Tristan nos olhos.

— Deixaste-o a ferver — comentou ela. Havia um homem parado submissamente ao lado dela, e Parisa seguiu a linha de visão de um Tristan desconfiado do mais recente aspirante a seu amante antes de voltar a olhar para ele com um encolher de ombros. — Não posso ter um passatempo? O Callum também tem.

— Oh, foda-se — disse Tristan para o nada, com um desejo desesperado de dar um murro em alguma coisa, mas a optar por beber um copo.

Depois outro.

Felizmente, o tempo tendia a aclarar as ideias, mesmo que o champanhe não ajudasse. Depois de terminar o terceiro copo, Tristan precipitou-se teimosamente pelas escadas acima para ir bater à porta de Nico, subitamente impulsivo.

— Varona — gritou ao não obter resposta, enquanto batia outra vez na porta com força.

Do outro lado do corredor, Reina saiu do quarto de pijama e mostrou o dedo do meio a Tristan.

— Sim, sim — murmurou Tristan entre dentes, a acenar na direção dela até Nico abrir a porta com um ar ensonado.

— Argh, tu outra vez — disse ele sem nenhuma contundência especial, manifestando o que sentia com um bocejo. — Bem, ouve, penso que posso ter ficado um pouco...

— Veste-te — disse Tristan.

Nicou olhou para ele com olhos de sono.

— Ah?

— Veste-te — repetiu Tristan, agastado, antes de decidir que, na verdade, o que iam fazer não precisava de calças. — Esquece. Vamos.

Nico olhou para ele com a testa franzida e a esfregar um olho.

— Vamos onde?

— Sair. De carro.

— De *carro?* — repetiu Nico, a mão livre a cair junto à ilharga. — Onde é que vais encontrar um *carro?*

— És um mágico ou não, Varona? — atirou Tristan, o que era um disparate, mas pareceu ter feito sentido para Nico.

— Percebido. Dá-me cinco minutos. — Nico estendeu a mão para a porta e desapareceu atrás dela.

— Ficaste louco, pelo que vejo — comentou Reina nas costas de Tristan.

Ele virou-se para olhar para ela e apercebeu-se de que tinham passado semanas desde a última vez que tinha falado com ela antes daquela noite. O casaco de fato que ela usara estava pousado sobre uma pilha de livros no canto junto à porta. Parecia-lhe algo diferente. Mais... focada. Como sempre, parecia-lhe completamente insondável.

— O que é que andaste a fazer nos últimos seis meses?

— Percebido — disse ela antes de fechar a porta, embora a pergunta de Tristan fosse genuína. Tristan não fazia a mínima ideia do que ela andava a fazer ou a investigar. Sem as aulas diárias de Dalton, havia poucas ou nenhumas razões para interagirem.

Perguntou-se se ela saberia que Atlas a considerava uma peça no plano que tinha em mente. Estaria ela a par de tudo desde o início? Deu um passo em frente para lhe bater à porta e perguntar, mas, antes de o poder fazer, Nico abriu a porta do quarto dele.

— Então. — Nico estava agitadíssimo. O chão vibrava de energia e os apliques no corredor tremiam. — Onde vamos?

— Para norte — disse Tristan a afastar-se do quarto de Reina. A conversa podia esperar. Não tinha sequer a certeza de que queria ouvir a

resposta. E se toda a gente na casa tivesse um objetivo e Tristan fosse o último a saber? Seria embaraçoso. — *Bem* para norte.

— É por causa do Fowler? Vamos atrás dele? — perguntou Nico quando já desciam as escadas. No rés do chão, os lustres tiritavam como dentes.

— Podes fazer alguma coisa em relação a isto? — perguntou Tristan a apontar para as luzes. A festa já estava a decorrer no salão. Tristan perguntou-se se Callum teria ido para a cama e decidiu que provavelmente não. Andava sempre a vaguear pela casa às horas mais estranhas, não que isso fosse um problema para Tristan.

— Certo. Desculpa. Não tinha percebido o quanto queria sair daqui até, tipo, este momento. — Nico levantou o pescoço para espreitar para o corredor. — Então, vamos atrás do Fowler, é? — perguntou com avidez.

— Não. — Ainda era cedo. Só quando deixassem de parecer uns lunáticos só por sugerir tal ideia. — Não temos a certeza de que ele tenha levado a Rhodes ou de que ele possa fazer algo parecido com o que pensamos que aconteceu. — Libby saberia certamente se teria posto a vida nas mãos de um psicopata omnipotente, pensou Tristan em desespero. — E, seja como for, vamos fazer algo muito mais importante. A não ser que tenhas assuntos mais urgentes a resolver — disse ele, ao reparar pelo canto do olho que Nico estava constantemente a olhar para o ecrã do telemóvel.

— Nada. — Nico enfiou o telefone de novo no bolso. — Enviei umas mensagens para pessoas que eu conheço em Nova Iorque para lhes perguntar se tinham ouvido alguma coisa sobre o Fowler, mas ainda não tive respostas, nem sequer do Max...

— As outras pessoas têm vidas, Varona.

— Eu sei, mas... — Nico fez um esgar quando chegaram aos transportes junto à ala este da casa. — Esquece. Quando dizes *norte*...

— Saberei quando vir — disse Tristan apenas.

— E vais conseguir ver sem que eu te mate? — perguntou Nico com a sobrancelha arqueada em dúvida.

— Saberei quando vir — repetiu Tristan, mais enfaticamente desta vez. Bateu no botão para chamar o transporte pela segunda vez e depois uma

terceira, que ele sabia que não adiantava em nada. As portas, que se assemelhavam às de um elevador, continuaram sem se mexer. — Estou à procura de algo grande. Uma fonte de energia.

A cabeça de Nico acenou em reconhecimento.

— Porque...

— Porque se a tua teoriazinha marada estiver correta e a Rhodes estiver perdida algures no tempo, vai precisar de algo enorme para ter energia para voltar — disse Tristan muito seguro de si antes de decidir que o que estava a dizer era uma verdadeira loucura, pelo que talvez nem ele nem Nico estivessem a conseguir manter a cabeça no lugar.

— Ah. — Nico estava a pensar quando Tristan premiu o botão para King's Cross.

— Bem, vamos arranjar um carro e conduzir para norte — disse Tristan, sem querer esmiuçar toda a teoria. Quanto mais confessasse em voz alta, mais estúpido soaria.

— Está bem. — Nico estava inusitadamente calado quando as portas voltaram a abrir-se e os deixaram na estação. Lá dentro, a lua entrava pela mistura de vidros industriais e tijolos antigos da ala oeste, estranhamente calma. Tristan tinha-se esquecido de que Londres podia ser muito sossegado nas primeiras horas da madrugada. Já tinha passado um ano desde a última vez em que estivera fora das paredes da casa senhorial da Sociedade e ainda mais tempo desde que chamava casa àquela cidade.

Caminharam em silêncio durante vários minutos. Já tinham atravessado o átrio da estação, Tristan a caminhar decidido à frente com a violência da passada a aumentar na mesma proporção da incerteza, quando Nico voltou a falar.

— Auroras — disse.

— O quê? — A resposta de Tristan saiu disparada sem intenção. (Parecia que não fazer ideia nenhuma do que estava a fazer o tinha deixado um pouco suscetível.)

— Auroras — repetiu Nico. — São energia elétrica produzida pelos raios solares.

Tristan deteve-se, cauteloso. Da última vez que tinha verificado, Nico não era nenhuma *Encyclopaedia Britannica*, mas devia querer chegar a alguma conclusão que servisse de alguma coisa. — Sim, e...?

— *E* — disse Nico a levantar o queixo — estás a tentar encontrar uma fonte de energia que mais ninguém consiga ver. Mas, provavelmente, daria o mesmo tipo de energia, não? Portanto, se estás à procura de um conjunto, sei lá, de ondas...

Iria parecer uma aurora... para Tristan, e para mais ninguém. Que era o que ele já desconfiava irracionalmente, sem base científica, e não queria confessar em voz alta, para que a imbecilidade não fosse evidente. Agradecido, conseguiu desencantar um — Parabéns, Varona, és um génio — e ficou-se por aí.

— É verdade — concordou Nico. — Dizem que Deus não dá com as duas mãos, mas...

— Cala-te. Não, continua a falar. — Tristan voltou a arrancar, desta vez na direção inversa. — Vamos, esquece o carro. — O primeiro plano era um plano de um louco otimista, ao passo que o novo plano, embora, em teoria, fosse tecnicamente o mesmo, tinha um resquício de informação. — Vamos apanhar um transporte para Inverness e depois...

— Ah, as Terras Altas? Mágicas — disse Nico eivado de alegria. Debaixo do brilho das luzes da estação, Nico de Varona era subitamente a personificação da saúde. Estava com melhor aspeto naquele momento do que em qualquer outro dos meses anteriores. Talvez fosse a promessa dos comportamentos desviantes, mas Tristan, que não fazia uma travessura havia muito tempo, também se sentia revigorado. Talvez fosse o entusiasmo do ar fresco ou da falta geral de empáticos, embora Nico, talvez a sentir o momento de paz de Tristan, tivesse decidido prosseguir. — Mas, esclarece-me uma coisa, Caine: quando encontrares essa misteriosa fonte de energia, o que é que vai acontecer?

Esta era a pergunta em que Tristan estava a tentar não pensar com todas as forças que tinha. Estava perfeitamente ciente de que estava a meio da noite e de que apostara mais na vontade de Nico agir precipitadamente do que na sua própria lucidez no que respeitava àquela demanda específica. Não sabia o que iria fazer quando — ou se — a encontrasse. Sair disparado

para a noite para ir atrás de um molho de pedras de fadas não era exatamente o avanço científico do século. Dizê-lo em voz alta não ajudaria com certeza. Seria ele capaz de pôr aquela urgência em palavras, aquela necessidade de sair à rua para ver o que aquela magia era capaz de fazer? Tristan estava ciente de que praticamente admitira perante Atlas que as suas capacidades ainda deixavam muito a desejar. Não sabia o que iria conseguir, na verdade, ao tentar provar que Atlas estava certo ou errado, nem sequer se era isso que pretendia fazer. Os problemas de Tristan afunilavam-se cada vez mais até ao ponto em que tudo parecia andar à volta de uma única necessidade premente.

— Vamos encontrar uma forma de trazer a Rhodes de volta — disse ele em voz baixa.

Que era, pelo menos, aquilo que Nico de Varona nunca iria discutir.

Como esperado, a expressão de Nico acendeu-se com uma claridade renovada. Abriu a boca para responder e parou.

— Eu — começou antes de franzir a testa. — Tristan — disse, a olhar em volta. Havia um desfasamento ou, pelo menos, uma confusão aparente. — Não te parece... que está tudo muito vazio aqui?

— O que foi? — perguntou Tristan, irritado por ter mais um momento de vulnerabilidade espontânea não correspondida. — Estamos a meio da noite, Varona. Acho que...

— Baixa-te — disse Nico de repente, a puxar Tristan para o chão.

No mesmo momento em que bateu com os joelhos no chão, Tristan registou a presença de alguém — *dois* alguéns, ambos cobertos por ondas de magia — imediatamente antes de algo sair disparado da palma da mão de Nico. Depois, as orelhas a vibrar, as rótulas a palpitar, Tristan registou algo demasiado familiar.

O som de uma arma a ser disparada.

Tristan pôs-se em pé com dificuldade e deu meia-volta, tudo à volta dele em mutação. Estava tudo mais rápido, o ambiente caleidoscópico à volta dele, e, de repente, Tristan estava dentro das ondas da magia de Nico: o escudo que Nico deve ter erguido, uma espécie de globo de fios de açúcar em redor do lugar onde ambos se encontravam no átrio da estação. No inter-

valo de uma respiração, Tristan desintegrou a bala — não, espera, deixa de destruir coisas, *Caine, caramba, alguma vez vais aprender algum movimento de ataque!* — e voltou a formá-la, recalibrando a velocidade a que tinha chegado para a enviar pelo mesmo caminho que tinha vindo.

Naquele momento, Tristan lembrou-se de que ou as tentativas de assassinato espontâneo de Nico já tinham chegado ao ponto em que se tinham tornado inconvenientes ou talvez não tivesse sido obra de Nico de Varona, o que era mais preocupante.

A bala reencaminhada por Tristan acabou no peito do atirador original um momento antes de Nico, que tinha dissolvido o escudo que tinha erguido em volta deles, dar um golpe forte num dos lados da cabeça do segundo atacante.

— Viste isto? — perguntou Nico a resfolegar, antes de agarrar no ombro de Tristan e começar a correr. — A cara dele? Viste-a?

— Vi o quê? — Tristan estava ofegante e seguia Nico com uma passada irregular enquanto ele subia as escadas rolantes paradas a toda brida, claramente à procura de um ponto mais alto que lhe desse uma vantagem.

— Ele ficou *surpreendido.* — Nico puxou Tristan para trás de uma esquina e parou com uma mão nos lábios, à escuta. — Eles vieram atrás de ti — disse Nico em voz baixa em jeito de explicação.

— O quê?

Esperaram por sinais de que estavam a ser seguidos. Altamente improvável, pensou Tristan, tendo em conta que um dos homens estava a sangrar enquanto o outro estava inconsciente. Deveriam chamar a polícia? O que é que as pessoas faziam num ataque daqueles? Não era um assalto qualquer.

— Eles vieram atrás de ti. — Nico voltou a cutucar Tristan e apontou para uma saída de serviço. — Vamos.

Nico fez desaparecer os alarmes, que, pelos vistos, não tinham nenhuma salvaguarda contra medeicos. Previsível. Tristan avaliara sistemas de segurança medeicos para James Wessex e eram todos privatizados, com marca registada e patenteados com custos que abeiravam a loucura.

— Como assim, vieram atrás de mim? — perguntou Tristan.

Lá fora o ar estava cortante. Os pulmões de Tristan baquearam e as bochechas de Nico ficaram vermelhas do esforço.

— É como se estivessem à tua espera. Como se soubessem que virias. Mas eu fui uma surpresa. — Apesar do frio e do brilho de suor, Nico parecia estar a vibrar. — Alguém — deduziu — devia saber que irias estar aqui.

— Mas eu só decidi vir há poucas horas. Esta noite. — Tristan franziu o sobrolho. — E quem é que haveria de me querer ver morto?

Os olhos de Nico estavam a brilhar em reflexão.

— Não sei — disse ele —, mas acho que talvez devêssemos descobrir.

• Nico •

A meio da manhã no dia a seguir a ter deixado a casa senhorial da Sociedade com Tristan, Nico regressou ao interior das defesas da ala oeste com novo e ansioso sentido de urgência que não tinha desde... bem, desde que Libby ainda estava na casa. Por ironia, naquele momento estava contente por saber que Libby não estaria, uma vez que ela não iria receber bem a notícia das últimas viagens que ele tinha feito. O sermão teria sido interminável.

Entrou no corredor principal da casa e começou a correr. Primeiro, passou pela sala pintada para procurar sinais de alguma atividade e depois atravessou o rés do chão para ir até à sala de leitura.

— Parisa? — gritou, antes de voltar para o *hall* de entrada.

Ninguém respondeu. Parou de repente ao lado das escadas e depois subiu os degraus dois a dois para ir aos quartos.

— Parisa, estás aqui?

Silêncio. Bateu à porta do quarto dela, mas, como não obteve resposta, pensou que não deveria estar lá. Não ouviu nenhum resmungo ríspido e aristocrata a dizer «Nicolás, estás a pensar muito alto», o que queria dizer que provavelmente estava noutro lugar qualquer.

Muito bem. Estava na hora de ir ver o jardim. Voltou a descer as escadas e estava a preparar-se para sair porta fora quando o telefone tocou.

não deixei suficientemente claro que isto era uma emergência

O nome do contacto era «Idiota (Depreciativo)» para o distinguir do contacto de Max, que era «Idiota (Com afeto)».

vai buscá-la e depois volta para aqui, era a mensagem seguinte.

— Que conselho tão útil, Caine, obrigado — murmurou Nico entre dentes antes de voltar a colocar o telefone no bolso e passar marginalmente ao lado de um obstáculo pelo caminho.

— Cuidado — murmurou Callum, que estava a sair da cozinha a caminho da sala de jantar. — Cheiras a irresponsabilidade — acrescentou em reprovação, o que era irónico tendo em conta que a sanduíche meio comida que levava na mão era, quase de certeza, de Dalton.

— Obrigado — respondeu Nico. Depois, porque, aparentemente estava desprovido de juízo, perguntou: — Viste a Parisa?

— Não. — O olhar de Callum já estava noutro lugar, a atenção que tinha dado a Nico já colocada no que quer que o esperasse. — Adeus para sempre, então.

Nico pestanejou, alarmado.

— O quê?

— Nada. Só uma piada de nada. Ah! Ah! — disse Callum num tom desconcertante, embora tivesse parado por mais um momento para olhar para Nico com os olhos entrefechados.

— O que foi? — perguntou Nico à defesa.

Olharam ambos para baixo quando o bolso de Nico tocou, estridente, com algo. Provavelmente mais alguma queixa de Sua Eminência. *Tique-taque, Varona, et cetera,* como se Nico também não estivesse ciente de que havia uma questão premente a tratar. Ele não tinha culpa de não conseguir encontrar Parisa. O que é que podia fazer, afinal?

Embora, no lugar de Parisa...

Callum deve ter percebido a mudança na expressão de Nico.

— Não — disse ele com o habitual ar de condescendência e Nico suspirou.

— Ouve, eu preciso... de uma capacidade específica — disse Nico.

Tristan iria matá-lo por causa daquilo, claro. Mas, pensando bem, provavelmente Tristan iria ser um chato fosse como fosse e, dado que Parisa não estava na casa, ou recorria a Callum ou teria de andar às voltas pelos terrenos.

— Não — repetiu Callum, antes de virar costas. No entanto, Nico acenou com a mão. Callum, sem suspeitar de nada, o que era surpreendente, foi diretamente de encontro à parede de força conjurada por Nico e reagiu

como se tivesse batido contra uma parede de verdade. — Filho da *puta* — disse Callum, levando imediatamente a mão ao rosto. — Santo Deus.

— Ocupado? — perguntou Nico.

— És uma criança de merda — resmoneou Callum, que estava a beliscar a cana do nariz com afetação com os dedos aristocráticos.

— Sim, já ouvi dizer — respondeu Nico, que depois pegou em Callum pelo ombro, o puxou para a entrada oeste e o levou para lá da segurança das defesas da casa.

No exterior da casa, havia uma estrada de campo, campos, todo o tédio pastoral que seria de esperar. Isso e um carro alugado barato e um Idiota (Depreciativo) extremamente injuriado.

— Não — disse Tristan imediatamente, o sobrolho a franzir-se quando viu Callum e Nico a aparecer no outro lado das defesas de proteção da casa. Tristan estava encostado ao carro, mas aprumou-se num pulo e andou até ao meio do caminho no momento em que a participação de Callum se tornou óbvia. — Nem pensar. Queremo-lo *vivo*...

— Meu Deus — disse Callum, espirituoso, que, como era evidente para Nico, tinha decidido recorrer a uma teatralidade elaborada para marcar o tom do encontro. Como era habitual, estava vestido apenas com um robe sumptuoso que parecia pertencer a um rei louco. Tinha uma mancha de sangue no lábio superior, que lhe dava uma expressão especialmente desvairada, embora, pelo que Nico conseguia perceber, estivesse apenas tocado e não verdadeiramente embriagado. — Varona, trouxeste-me um prisioneiro?

Callum avançou descontraidamente para o carro e espreitou pela janela, a admirar o conteúdo do banco de trás como quem observa um urso no jardim zoológico.

— Fascinante — murmurou, com um olhar cheio de intenção por cima do ombro para Tristan, que até Nico percebia que era muito mais sóbrio do que o próprio Callum parecia estar.

Entretanto, Tristan disse a Nico entre dentes:

— Eu disse-te para ires buscar a Parisa.

— Sim, bem, querias manipular uma pessoa, não querias? — murmurou Nico entre dentes em resposta. Callum, que estava a tirar uma *selfie* com o prisioneiro letárgico pela janela de trás do carro, esboçou um sorriso por cima do ombro e levantou o polegar, o que não ajudou. — Não precisas de um telepático para isso.

Tristan olhou furiosamente para ele, mas não disse nada, e Nico pensou que estava no seu direito. Afinal, já ia no segundo dia de experiências de morte iminente e Nico tinha quase a certeza de que esse era o tipo de coisa que não ajudava muito à boa disposição.

Acontecera com uma regularidade que parecia cronometrada a cada par de horas. Uma pessoa atirara-se para cima do balcão da agência de aluguer de automóveis, outra armara uma armadilha para os pneus na estrada. Começava a parecer que, em intervalos cada vez maiores, alguém iria aparecer do nada para tentar matar Tristan Caine como se a cabeça dele tivesse sido posta a prémio, possivelmente para prevenir a possibilidade de ele deixar as defesas da Sociedade. De início, Tristan e Nico limitaram-se a liquidar o leque de assassinos que lhes foi aparecendo pela frente, e que iam de mortais a mágicos sem nenhuma racionalidade aparente, sem se esforçarem demasiado. No entanto, Tristan acabou por parar o carro e arrastar o último medeico (que se pusera ao lado deles na estrada quando eles estavam a discutir o conteúdo do folhado de salsicha de Nico) para o banco de trás, enquanto ostentava um olhar que parecia demasiado metódico para ser de raiva.

— Isto está a ficar ridículo — dissera Tristan antes de virar o carro com uma violência tão desnecessária, que Nico decidiu que estava a testemunhar mais uma camada da volubilidade de Tristan Caine. Nico não sabia que Tristan era dono de tão espetacular espinha dorsal, pelo que, por um momento, deixar-se ir e esquecer que fazer reféns talvez não fosse a melhor ideia que eles tinham tido naquele dia era suficientemente entusiasmante.

Não conseguiram levar o medeico que tinham feito refém para lá das defesas da casa — entre outras coisas, era uma violação da única regra de Sociedade —, pelo que o plano fora deixar Tristan (e, por arrasto, o passageiro inadvertido) à espera no carro enquanto Nico ia buscar Parisa o mais rapidamente possível. Um pouco de leitura de mente logo de seguida e

pronto, saberiam exatamente por que razão havia alguém (além de Nico) com tanta vontade de ver Tristan morto.

Mas a lembrança de que Callum existia servia, infelizmente, também para os recordar que às vezes era fundamental ter um plano B.

— O que nós não queremos — disse Tristan, a ferver, mais ou menos na direção de Nico — é andar aqui a brincar ao jogo do gato e do rato. — Ou seja, Tristan não considerava Callum capaz de deixar de brincar com a comida antes de a comer, o que era justo, embora não ajudasse. — Só temos de obter as respostas e depois depositar isto — que foi a terminologia que Tristan decidiu usar para se referir ao ocupante do carro alugado — *noutro lugar qualquer* e depois continuar a tentar perceber se...

— Querem saber uma coisa engraçada, rapazes? — perguntou Callum, a abrir a porta de trás do carro e a entrar. — Aqui o vosso amigo bruxo está acordado.

— Bruxo? — perguntou Nico, mas Tristan ignorou-o. A ser um bruxo significaria que era capaz de magia, mas não tinha a qualificação universitária que definia um medeico. A única coisa que Nico sabia realmente sobre bruxos era que tinham regras próprias e que o pai de Tristan era um. — Mas ele parecia tão bom a meter-se com o sinal de satélite...

— E não está acordado — resmungou Tristan, a precipitar-se para a frente com o punho cerrado como se tivesse intenção de dar um murro no nariz de toda a situação. — Eu próprio me certifiquei disso, está a dormir e...

— Um bruxo — confirmou Callum a dirigir-se a Nico, que tinha decidido ignorar Tristan. — A capacidade de mexer com máquinas não chega necessariamente ao nível da tecnomancia. Apresenta-te, por favor — acrescentou Callum a dirigir-se ao bruxo, que era mais velho do que Nico, embora não fosse velho. Quando muito, parecia uma versão mais aborrecida de Callum: uma manifestação mais gasta e menos acutilante de um loiro com olhos azuis.

— Olá — obedeceu o bruxo, que se levantou do banco de trás como se estivesse num transe. — Sou o Jordy Kingsworth.

— Viva, Jordy Kingsworth! — respondeu Callum, radioso, a pôr um braço em cima dos ombros do bruxo. — E, diz-nos, Jordy Kingsworth, o que é que te trouxe ao encontro destes meus amigos?

— Sou o refém deles — respondeu Jordy Kingsworth num tom descontraído e afável que dava a entender que estava a falar por vontade própria.

— Certo, claro — concordou Callum, deixando tanto o agitado Tristan como o ligeiramente arrependido Nico a dar um espetáculo bizarro de pseudoventriloquismo. — Mas antes disso?

— Recebi uma notificação a dizer que o Tristan Caine tinha deixado as defesas da Sociedade. — O bruxo parecia ter os olhos vítreos e serenos, como se tivesse acabado de comer um generoso prato de peru no dia de ação de graças. — E soaram alarmes semelhantes em Osaca, Paris e Nova Iorque para Reina Mori, Parisa Kamali e Nicolás Ferrer de Varona.

— Deveria sentir-me insultado? — perguntou Callum, numa alusão ao facto de estar ausente da lista e a fazer um biquinho exagerado.

— Callum Nova: falecido — respondeu Jordy Kingsworth. — Paradeiro dos restantes iniciados passível de mudar...

— Parece que está a ler um *dossier* — disse Nico com o cenho franzido, decidindo, por um momento, ignorar os olhares agitados de Tristan para Callum. — Há alguém a perseguir-nos? Quem?

Jordy Kingsworth balbuciou alguma coisa em resposta, as palavras a saírem indistintas.

— Como é que é? — perguntou Callum, faceto, com a mão em concha na orelha. — Diz lá outra vez.

— O Fórum está interessado em saber o paradeiro dos iniciados da Sociedade — repetiu Kingsworth, mais alto. — Em parceria com a Polícia Metropolitana. Os medeicos supramencionados deverão ser imediatamente apreendidos.

— Ah, isso explica isto — disse Callum, que retirou um distintivo de polícia do bolso do peito de Kingsworth e o estendeu a Tristan por breves momentos antes de mudar de ideias e o fazer desaparecer no seu próprio bolso no preciso momento em que Tristan estendeu a mão, contrariado. —

Eu fico com isto. Tem algum plano para o vosso refém? — perguntou a Nico.

Era uma pergunta oportuna. Nico relanceou Tristan, cuja boca se pôs tensa.

— Deixa-o ir — disse Tristan.

— Tens a certeza? — perguntou Callum com uma expressão de deleite presunçoso, como se já soubesse que a resposta iria ser devidamente desprovida de imaginação. — Deixá-lo ir assim sem mais nem menos? — apontou. — Sem mais perguntas? Nenhum... palavrinha de incentivo?

A promessa de algo sinistro parecia muito, muito palpável, o que Nico tinha dúvidas de que tivesse passado em claro a Callum.

— Deixa. O. Ir. — repetiu Tristan, e o sorriso fino de Callum abriu-se um pouco mais.

— Só mais uma coisa — disse Callum com a mão a envolver amavelmente a nuca de Jordy Kingsworth. — Disseste que os membros da Sociedade deveriam ser *apreendidos*, não atacados. Por isso, quem é que pôs a cabeça do nosso bom amigo Tristan a prémio? — perguntou ao bruxo, um olhar louco de prazer no rosto.

A resposta parecia estar a ser extraída como dentes. Ao lado de Nico, a respiração de Tristan entrecortou-se de forma tão evidente, que ele parecia ter ficado paralisado.

— Adrian Caine — disse Jordy Kingsworth.

— *Maravilhoso* — disse Callum, a dar uma palmada nas costas de Kingsworth antes de abrir a porta do lado do condutor e de o conduzir até ela. — Aproveita — disse e, animado, Kingsworth acenou-lhe antes de arrancar pela estrada fora a uma velocidade incrivelmente respeitável.

— Onde é que ele vai? — perguntou Nico, a dirigir-se para o meio da estrada para olhar para o carro com o cenho franzido.

— Para o penhasco mais próximo — respondeu Callum. Depois, ao ver o rosto fechado de Tristan, suspirou. — Estava a brincar. Foi só para o *pub* mais próximo beber uma caneca de cerveja. Parece que ficou cheio de sede de repente. — Tristan continuou sem dizer nada. — Calma — disse Callum

num suspiro. — Não te pode apanhar dentro das nossas defesas, pois não? Por isso não é uma ameaça com que valha a penar perder tempo.

Tristan deu meia-volta e precipitou-se para a casa. Callum relanceou para Nico e encolheu os ombros.

— Parece que há alguém que não é capaz de aceitar uma piada.

Nico, que calculou que a busca por Libby estaria suspensa devido a circunstâncias imprevistas, arqueou uma sobrancelha.

— Talvez te tenhas esquecido da parte em que o pai dele o quer ver morto.

Algo brilhou nos olhos de Callum. Era o primeiro sinal de verdadeira lucidez que Nico lhe via em semanas.

— Talvez — concordou Callum. — É estranho — disse, absorto, já a dirigir-se para o jardim da casa —, essa foi a melhor parte para mim.

Nico deixou Callum penetrar as defesas primeiro e seguiu-o enquanto pensava nas implicações de estar a ser seguido pelo Fórum. O que estaria o Fórum a planear fazer com os iniciados da Sociedade, afinal? Seria essa mais uma consequência escondida da iniciação? Afinal tinham dito a todos os iniciados que serem membros da Sociedade lhes traria prestígio e riqueza, não prisão imediata. Seria mais uma mentira de Atlas ou seria algo relacionado com o sequestro de Libby? Teria sido obra do Fórum, afinal?

Nico estava tão perdido nas suas próprias cogitações que quase foi de encontro às costas de Callum, ao chegar à entrada este da casa e reparar que Tristan e Parisa já iam a meio de uma discussão dentro da casa.

— ... não é nada de *novo,* ou é? — dizia Parisa. — Não sei porque é que estás tão surpreendido. Houve alguém que veio atrás da Rhodes. E hão de vir atrás de nós. E o que é que estavas a fazer fora da casa, afinal?

— Não tens nada que ver com isso — disse Tristan, exasperado — como é *evidente...*

— Ondas eletromagnéticas, a sério? — disse Parisa, depois de ter decidido ler a mente de Tristan em vez de discutir como gente adulta. Ao lado de Nico, Callum estava à entrada da casa com um ar divertido.

À distância, atrás do corredor onde Tristan e Parisa estavam a discutir, Reina parou no caminho que estava a seguir. Provavelmente vinha dos

arquivos, embora ninguém tivesse a certeza. A única coisa que Nico tinha percebido de Reina nos meses mais recentes era que ela queria que ele desaparecesse da face da terra logo que fosse humanamente possível.

— Não me digas que andavas à procura de pedras de fadas e círculos em plantações — dizia Parisa, no que Nico pensou tratar-se um tom bastante rhodesiano. — Varona — advertiu Parisa sem olhar para ele —, só por uma mulher dizer que um homem está a ser estúpido *não* significa...

— Esses mitos existem por uma razão — interrompeu Reina atrás deles.

— Ninguém te perguntou nada — dispararam Parisa e Tristan em uníssono.

— É sempre tão agradável quando estamos todos juntos — observou Callum, excêntrico, a apoiar-se no ombro de Nico. Nico apressou-se a desviar-se.

— *Cala-te* — responderam Tristan e Parisa.

— As criaturas escolhiam os locais ancestrais em que viviam por alguma razão — continuou Reina num tom académico como se ninguém tivesse dito nada e depois olhou longamente para Nico. — Li isto no livro que o Varona me deu no ano passado.

Nico sentiu uma brisa de acusação vinda de Reina, que não fazia sentido, uma vez que ele estava convencido de que estava inocente em quase tudo.

— Oh? — respondeu num tom inofensivo que esperava que fosse capaz de mostrar o desconcerto que sentia.

Não teve essa sorte. Pelos vistos, só iria descobrir o que tinha feito a Reina quando ela estivesse morta e bem morta.

— Há muitos locais no Reino Unido cuja atividade eletromagnética aumentou — prosseguiu, depois de olhar para Nico como se ele lhe tivesse estragado o dia. — Clava Cairns, Loch Ness, Kilmartin,...

— Algo que se veja? — perguntou Tristan. Tinha-se esquecido abruptamente da discussão com Parisa, que também estava a olhar para Reina com o cenho franzido em reflexão.

Reina encolheu os ombros.

— Talvez o Círculo de Callanish? Fica na Escócia. Podes ver no livro.

— Ótimo. — Tristan saiu disparado, abandonando Parisa com um olhar de fúria e deixando os outros para trás como se nunca tivessem falado.

— Estavas à minha procura? — perguntou Parisa a virar-se subitamente para Nico.

Petrificado pela atenção direta que estava a receber de Parisa, Nico sentiu-se inesperadamente incomodado.

— Estava, sim, mas...

Antes de Nico conseguir acabar a frase, Tristan voltou a aparecer de rompante no corredor.

— Gostaria de lembrá-los a todos que disseram que iriam ajudar o Varona a encontrar a Rhodes — anunciou numa voz irritada. — Mas, afinal, nenhum de vocês levantou um dedo que fosse. É óbvio que não servem de nada — acrescentou severamente mais ou menos na direção de Callum —, mas, enfim, estamos a chegar ao fim do ano e nenhum de vocês se dignou sequer a dizer o nome dela.

— Eu... — começou Nico, antes de ser novamente interrompido.

— O Varona é que está à procura dela — ripostou Parisa, a falar muito devagar para Tristan, como se desconfiasse que ele sofria de um problema crónico de estupidez. — O que mais queres de nós? Quando ele a encontrar, nós ajudamos.

— Bem... — tentou Nico novamente.

— Mais importante, parece-me, é o facto de estarmos prestes a ser apanhados por um grupo qualquer de coitados do Fórum — continuou Parisa, perante o cenho franzido de Reina.

— O quê?

— Pelos vistos, continuam a querer ter-nos na posse deles e já não estão interessados em pedir com bons modos — murmurou Parisa entre dentes na direção de Reina sem olhar para ela — o que é muito típico dos chamados filantropos, na verdade...

— O que interessa se estão atrás de nós? — perguntou Tristan. — Não podemos mudar isso a partir da casa — resmungou. — Quanto a trazer a

Rhodes de volta...

O telefone tocou no bolso de Nico. Toda a gente parecia ter perdido o interesse nele, pelo que tirou o telefone do bolso e olhou para o ecrã para ver se Max se tinha finalmente dignado responder à mensagem que ele lhe tinha enviado havia já um dia. (Mira, amiga de Libby, dissera apenas que não via Ezra havia algum tempo e que pensava que ele ainda estava condoído com a separação. Outra mensagem no dia seguinte dizia que a unidade tinha um novo inquilino, mas que a mudança de inquilinos não era nenhuma surpresa na cidade. O *apartamento era demasiado agradável para uma pessoa e, fosse como fosse, Mira pensava que o detestávamos. Oh, e Nico, eu sei que estás, tipo, superocupado a fazer coisas geniais de físico, mas se puderes convencer a Libby a responder à mensagem...*

Mas não era Max. Nem Mira.

bonjour

Nico engoliu em seco.

Cheguei, vi e venci

ou não sei o quê

o que interessa é que tenho novidades

tás a pé?

A pulsação de Nico fez-se irregular com a surpresa/o susto/um aumento ofensivo de atividade.

— Pessoal — disse ele, e reparou que tinha a boca seca.

— ... poderíamos pelo menos *ter uma estratégia* — dizia ainda Parisa em voz alta — para não sermos alvos fáceis quando chegar o momento, não?

A expressão de Reina era de tensa irritação.

— Foi isso o que eu acabei de di...

— Oh, mas eles acham que o Callum morreu — disse Tristan a acenar a mão com indiferença na direção de Callum.

— Bem, claro — respondeu Parisa num tom que parecia ter intenção de irritar Tristan.

Funcionou, e Tristan atacou-a verbalmente, completamente injuriado.

— O que queres dizer com *claro?* Ele ainda agora andava por aí a vaguear à vista de todos. Em que é que isso é *claro?*

— Pessoal — tentou Nico de novo. — Vou só...

Apontou para o telefone, mas não acabou a frase quando percebeu que ninguém a não ser Callum estava a olhar para ele.

— Encontro escaldante? — perguntou Callum com um sorriso malicioso e jovial.

Nico soltou um suspiro alto e subiu os degraus dois a dois, depois três a três. A partir dali, estava a poucos momentos de chegar à habitual cela de visitação onírica.

— Oh, olá — disse Gideon, o sacana. Nico queria dar-lhe um murro com toda a força na boca.

— Olá — respondeu Nico desenfreadamente. — *Cómo estás?*

— *Bien, más o menos.* Y *t-*

— Cala-te. Não digas mais nada. — Nico dirigiu-se para as grades e sentiu o mais frustrante tipo de exaltação. — Olá.

— Já fizemos isso, Nicky. — O sorriso de Gideon em resposta foi fraco e imperdoável. — Bem, enfim — continuou —, boas notícias. A Libby não tem jeito nenhum para isto, mas pelo menos é deliciosamente informativa. E... o que foi?

Nico piscou os olhos ao perceber que Gideon estava a olhar para ele com uma expressão interrogadora à espera de uma resposta.

— Como assim o que foi? — perguntou Nico, subitamente inibido. — Continua. Sabes onde ela está?

— Sei, estava só... — Gideon esboçou um sorriso, animado, e depois encolheu os ombros. — Posso ser breve, se quiseres. Ia só dizer-te que ela está...

— Fala o dia inteiro — ripostou Nico imediatamente. — A sério. Recita poesia, pouco me importa.

— A Libby está em Los Angeles — disse Gideon. — Em 1989.

O coração de Nico inchou quase até rebentar.

— A sério?

— Bem, já está em 1990 agora, acho eu. O que foi? — perguntou de novo Gideon, a sobrancelha a contrair-se de confusão. — Estás a olhar muito para mim, Nicky.

— Estou? — Nico sentiu-se curiosamente sem fôlego. — Esquece — disse ele. — Provavelmente não é nada. Mais alguma coisa?

— Sim, tenho uma teoria — disse Gideon.

Eram as palavras mais bonitas que Nico de Varona tinha ouvido na vida.

Pouco interessava ter acabado de saber que alguém andava atrás dele para o matar. Pouco interessava que, nos dois dias anteriores, muita gente o tivesse tentado. De repente, era tudo muito simples. Gideon estava ali e tinha respostas. Tinha uma *teoria.* Nunca nada lhe parecera uma sincronicidade do mais puro domínio do caralho do divino.

— Diz-me a tua teoria — pediu Nico, a deitar-se para o que viria a ser um sono muito longo. — Estou a ouvir. Desembucha.

• Reina •

Com a ajuda de Callum — sendo «ajuda» um termo muito generoso — Reina conseguira extrair (como dentes ou veneno) dos arquivos da biblioteca uma coleção de livros sobre mitologia a que, por alguma razão, a biblioteca não queria que ela tivesse acesso. Eram coisas que estariam perfeitamente ao dispor de Reina em qualquer universidade. Todas as culturas tinham uma explicação para o universo, para a vida que foi criada em sete dias ou vomitada de um estômago ou transformada a partir de uma gota de leite, e uma pesquisa deste tipo não deveria ter sido um problema. Mas, quanto mais ela pedia, mais os arquivos lhe resistiam. Especificamente, o que os arquivos não lhe queriam dar eram as histórias dos deuses que agiram nos casos em que os homens falharam: a domar a selvajaria à volta deles e a permitir que a terra renascesse.

O conceito de samsara e o respetivo ciclo de reincarnação era muitas vezes mal compreendido, o que era algo que Reina já sabia. O carma era constantemente representado erroneamente em forma de balança da justiça quando, na verdade, era uma questão de continuidade eterna. A roda da fortuna, sempre a girar, não tinha que ver com a existência de pontos de altos ou baixos, mas com a falta de uma medida, com a irrelevância do tempo. Não havia um início, não havia um fim. Havia apenas a natureza em si, e a magia em si, que não tinham nascido e, portanto, não morriam. Existiram e iriam existir sempre. Não havia um fim para o mundo, nem um início, nem uma salvação vinda do alto nem nenhuma necessidade dela. O Olimpo estava vazio. Os deuses já estavam espalhados pelo mundo.

Reina percebeu que os arquivos começavam a considerar este raciocínio problemático.

Felizmente, não confiava nos arquivos nem no cérebro que os regia, fosse ele o que fosse. Partiu do princípio de que era uma espécie de programação, de código, e que não deixaria de haver alguém responsável pelas suas propensões. Se era Atlas Blakely ou outro membro em posição de destaque na Sociedade não era questão que preocupasse Reina.

Bem, não era que não a preocupasse. Reina estava convencida de que era algo em andamento, algum mecanismo de controlo.

A mãe vêêêêêê, disse o feto na sala pintada. — *A mãemãe sabe, mas mãe, nósnósnós não estamos sozinhos!*

Que irritante. Aquela coisa das plantas nunca deixou de ser irritante, mas estavam cada vez mais interventivas. Parecia haver algo que as incomodava, talvez a quantidade de leituras que ela estava a fazer ou a moleza confortável que crescia no seu seio quando ela se deixava ficar na cama com a cabeça sempre enfiada em pilhas de livros. As videiras estavam a começar a furar o vidro e a infiltrar-se nas brechas do peitoril da janela do quarto dela. Parecia que, não obstante o proveito que estava a tirar dos estudos, a natureza queria cada vez mais que ela saísse de casa e tocasse em alguma relva.

Foi cerca de uma semana depois da festa ridícula da Sociedade («Serão bem-vindos», dissera Atlas, o que levara a figueira do vaso a rir-se às gargalhadas à custa de Reina) que Reina cedeu finalmente e saiu da casa para os terrenos de terra dura com os montes irregulares de neve ao lado dos cornizos. Debaixo de cada pisada nasciam plantas novas, ervas-bebé.

Foi um momento ao acaso. Ouviu vozes em tom de discussão e parou entre os ramos sorridentes.

— ... eu disse-te para esqueceres, mas tu não o fizeste. Não *foste capaz.* Não és capaz amar ninguém, pois não?

Era a voz de Dalton. Reina lembrou-se, então, de que Atlas os tinha informado sobre a doença de Dalton. Ela não se detivera a pensar no assunto. Época de gripes. Esqueceu-se (por falta de interesse, seguramente) que, tirando o constante namoro de Callum com a embriaguez, eram medeicos, que não ficavam doentes.

— É isso que tu achas que isto é? — foi a resposta escarninha de Parisa. — Amor? E como é que vias isso a acabar, já agora?

Dalton parecia não estar a ouvi-la.

— Por tua causa — continuou, inflamado — quase que não conseguia acabar o que comecei. Quem sabe se ainda vou conseguir. — A voz dele era intensa e inusitada e incarateristicamente acutilante. — O Atlas tem razão.

Isto não vai durar... já se nota. E quando acabar inevitavelmente por *dar para o torto...*

— Queres responsabilizar-me pelas tuas escolhas? Muito bem. Pareces ter-te esquecido de que sabias muito bem com o que estavas a concordar. — Parisa parecia mais fria em resposta à agitação de Dalton, cada vez mais distante perante a frustração crescente que ele exibia. — Esqueces-te de que foste *tu* quem *me* deixou entrar.

Reina espreitou atrás do tronco do ulmeiro mais próximo e viu no maxilar de Dalton uma expressão que ela não considerava ser apenas de frustração. Também não era apenas de ira.

Triiiiiiste, suspirou o ulmeiro.

— Muito bem. — Dalton virou as costas a Parisa e desapareceu sem dizer mais nada. Pelo caminho viu Reina, mas passou bruscamente por ela.

Parisa, por sua vez, não se virou e manteve-se sozinha onde estava.

— Eu sei que estás aí. — Parisa relanceou para a relva e depois olhou em frente de novo quando Reina se arrastava, relutante, na direção dela. — Não sei se sabes, mas consigo ouvir tudo o que tu ouves — acrescentou Parisa com vincado desapego. — E tens razão, este relvado é uma porcaria.

Reina chegou perto dela em silêncio.

— Não estás a sentir pena de mim desta vez, pelo que vejo — observou Parisa sem olhar para ela. — Acho que consegui finalmente convencer-te de que não mereço a solidariedade, portanto.

— Acho que mereceste, independentemente do que lhe tenhas feito. — A voz de Reina parecia enferrujada. Apercebeu-se de repente de que não falava com ninguém havia dias. A última vez que tinha precisado da ajuda de Callum, limitara-se a despertá-lo da sala de jantar onde ele tinha adormecido e a arrastá-lo para os arquivos. Callum ficara acordado tempo suficiente para ela ir buscar a história oral dos pastores Fulas e deixara cair a cabeça de novo logo a seguir.

— Oh, se mereço — concordou Parisa. — O que é interessante, porque raramente tenho o que mereço. — Parecia contente consigo própria, o que era quase revoltante.

— Achas mesmo que és assim tão desejável? — Reina olhou-a de soslaio. — Esperas mesmo ser amada apenas, sem nenhuma condição?

Parisa encolheu os ombros.

— O Dalton não me ama.

— Talvez sejas tu a querer pensar isso. Por não seres capaz de amar ninguém.

O riso de Parisa em resposta foi sombrio e cheio de uma espécie de melancolia austera.

— Não me digas que és uma romântica, Reina — suspirou. — Vais dar cabo da alta consideração que tenho sobre ti.

— Tu não tens uma alta consideração por mim — murmurou Reina.

— Que estupidez, tinha-me esquecido. — Parisa virou-se finalmente para ela. Foi um golpe duro, frio, um choque de alvura invernal.

Callum tinha razão, a beleza de Parisa era uma maldição. Mascarava a ausência de algo mais profundo.

Parisa sorriu, a expressão sombria.

— Vejo que não pensaste no que vais fazer quando o ano acabar — comentou.

— Nem tu. — Claro que não, dada a conversa que ela acabava de ter com Dalton.

— Oh, eu sei muito bem o que vou fazer — disse Parisa com um ar altivo de condescendência. — O mesmo que toda a gente faz. Envelhecer, gastar dinheiro e morrer.

A relva estalava, ou murchava, debaixo dos pés delas.

— A sério que só vieste cá fazer isso? — perguntou Reina, irritada.

— Não. — Encolheu os ombros. — Vir aqui é parte disso.

— Mas não tens um tema para investigação? — Como sempre, Reina perguntou-se porque se estava a dar ao trabalho de continuar a conversa, mas algo na filosofia fundamental de Parisa lhe escapava de uma forma que a deixava exasperada.

Seria a apatia dela? A aparente insistência em estar viva, em ser alguma coisa, não interessava?

— Claro que tenho um tema para investigação — respondeu Parisa. — Mas de que é que isso irá servir se ficar fechado nos arquivos para a próxima leva de medeicos usar em segredo?

— Então preferes dar esse conhecimento? — Por exemplo ao Fórum.

— Oh, não. — Parisa olhou para Reina como se ela fosse a rapariga mais estúpida de sempre. — Não, foda-se, estás a brincar? A humanidade não pode conhecer tudo o que está aqui escondido. — Apontou distraidamente para os arquivos por cima do ombro. — Pelo menos nisso a Sociedade tem razão.

Reina franziu o sobrolho.

— Mas então...

— Não percebes? O mundo está fodido e não significa nada — disse Parisa. — Pensava que percebias isso.

Reina olhou-a com uma expressão furiosa.

— Tu não me compreendes.

— Na verdade, compreendo, Reina. — Parisa parecia aborrecida. — Não és assim tão diferente de mim. Nem da Rhodes. Nem de ninguém. Não queres ser usada — disse ela — mas vais ser, *estás a* ser, porque, mesmo que fiques aqui, mesmo que caias de cabeça nos teus *preciosos livros* e morras... — E, neste ponto, um laivo raro de verdadeira ira — ... vais ser um instrumento para algo. Ou para *alguém.*

Parisa cruzou os braços com força sobre o peito.

— A magia nos arquivos é senciente — disse ela, a apontar de novo por cima do ombro. — Está a rastrear-nos, tenho a certeza, e sei que a Sociedade está a usar essa informação. Deve ter sido assim que nos acharam, logo para começar.

— E?

— Céus, és assim tão obtusa de propósito? E nada. E tudo. — Parisa parecia horrorizada. — Ou te preocupas por haver algo ali dentro que tem um cérebro (ou, pelo menos, um par de olhos que nos estão a observar) —

prosseguiu — ou não. E se não te preocupas com isso, o que caralho estou aqui a fazer a explicar-te estas coisas todas? — Parisa levantou os braços, exasperada. — O que eu quero dizer é que sei como é que as cabeças funcionam. E *ali* — disse ela com mais um aceno de queixo para a casa atrás delas — há uma. E deves saber disso — acrescentou. — Porque, por mais que insistas que não tens nenhuma capacidade especial, o que fazes dia após dia é conversar intimamente com algo que vive, respira e pensa por si próprio.

Lá estava novamente. Outra pessoa naquela casa a tratar a magia como se fosse um deus. Como se o naturalismo fosse uma força por si só, capaz de tomar decisões deliberadamente.

— A natureza não pensa por si própria — disse Reina. — Quer que eu pense por ela.

— Não, quer que *fales* por ela — corrigiu Parisa abruptamente. — Mas diz-te o que pensar.

A expressão de Reina era de escárnio.

— A natureza é muito estúpida, evidentemente.

— Estúpida não. — Parisa abanou a cabeça. — Bem, ao escolher-te como porta-voz, talvez seja. É claro que não conhece a natureza humana suficientemente bem para saber que obrigar alguém a fazer uma tarefa que lhe compete a ela significa que vai passar o tempo todo a debater-se com dificuldades desnecessárias.

— Então o que é que tu farias? — perguntou Reina. — Se tivesses as minhas capacidades em vez das tuas.

— Não enfiava a cabeça apenas nos livros. — Parisa olhou para ela de soslaio.

— Certo. Bem. Se eu tivesse os teus... *talentos* — disse Reina com um olhar igualmente desdenhoso —, acho que me tornaria um pouco mais útil, obrigada.

— Oh, sim. — A voz de Parisa era toda sarcasmo. — Porque não há diferença entre o teu poder e a minha cara. — Riu-se, não sem azedume. — Achas que este mundo é mais do que uma série de acidentes? Nada passa disso. Não existe um desígnio, apenas... probabilidade. A genética não

passa de um rolar dos dados. Todos os resultados, todos os pretensos dons ou feitiços não passam de uma estatística possível. — Parisa soava inusitadamente vencida.

— Deus não joga aos dados — murmurou Reina a sentir-se obstinada.

— Não digas a Deus o que fazer — respondeu Parisa.

De seguida virou-se, decidida, aparentemente cansada da conversa. No entanto, quando se aprestava para se ir embora, Reina apercebeu-se de que estava irritada com alguma coisa que não compreendia completamente.

— O Dalton tem razão, não tem? — gritou para a linha rígida dos ombros de Parisa. — Não és capaz de amar ninguém, pois não?

Debaixo dos pés delas, as raízes dos ulmeiros estenderam-se e estalaram. Parisa lançou um olhar gélido a Reina e, no breve momento em que os olhos de ambas se cruzaram, Reina sentiu o peito a rasgar-se. Remorsos, talvez, ou alguma nostalgia inexplicável. Sentiu-se escancarada e exposta, mas não era um pensamento. Não era uma ideia. Era apenas um tipo de dor diferente.

Depois Parisa desviou o olhar.

— Conheci muito poucas pessoas que valha a pena amar — disse Parisa antes de soprar nos dedos para os aquecer e voltar para a casa.

Nas semanas que se seguiram, a casa parecia mais calma. Reina acabou por se aperceber de que havia uma tensão estranha e crescente entre os ocupantes da casa à medida que os dias da chamada bolsa de estudo tendiam perigosamente para o fim. Era estranho que tivessem chegado todos à iniciação com toda a intenção de colaborarem entre si para depois o ritual de iniciação os afastar e desenlaçar todos os laços que os deveriam ter ligado para sempre. Acabar com o sacrifício que todos eles deveriam ter feito. Atlas dissera que os encantamentos iriam manter-se, mas houve algo, que era igualmente fundamental, que se quebrou. Callum estava vivo, Libby tinha desaparecido e, por consequência, todos os outros estavam a deslassar-se. A desfazer-se como se a casa estivesse a infiltrar-se nas fraturas entre eles.

Parisa tinha razão em relação a uma coisa. A vida nos arquivos da Sociedade não fazia sentido. Não por a investigação que faziam não ser

enriquecedora e rara; Reina ficaria plenamente satisfeita com uma vida entre os livros se quisesse, mas depois iria ouvi-lo durante os oito anos seguintes ou, quem sabe, a vida inteira: o riso escarninho de Parisa, o desprezo por Reina ter decidido ficar para trás. Reina estava cada vez mais ciente da desconformidade do objetivo único que orientava toda a sua vida. Tal como o vinho em Callum, o vício dela era um obstáculo sem imaginação. Parecia-lhe cada vez mais vergonhoso que, não obstante todo o poder do mundo, a única coisa que ela queria realmente era esconder-se.

Essa era outra área em que a intuição de Parisa se revelara certeira. E, se Reina precisasse de alguma motivação adicional, essa motivação seria provar que Parisa estava errada.

— Ouve — disse Reina a Callum, que tinha pousado a cabeça ao lado das costeletas de borrego daquela noite e não a tinha voltado a levantar. — Ei. — Cutucou-o e ele deu um pulo, olhou para ela com os olhos entrefechados e voltou a pousar a cabeça, limpando a boca à manga. — Ouve-me.

— O que foi? — A voz de Callum saiu abafada por um guardanapo. — Estou a ler.

Reina viu que, de facto, Callum tinha um livro debaixo da boca cheia de baba, embora as opiniões pudessem divergir quanto ao facto de o estar realmente a ler.

— Pensava que não estavas a fazer nenhuma investigação.

— Mudei de ideias. E vai-te embora. — Afastou a mão de Reina para o lado quando ela tentou puxar-lhe o livro de debaixo da curva do cotovelo, para ver qual era o título. — Já te disse para *ires embora*...

— Estás a ler um livro de... física? — Reina franziu o sobrolho ao ver o título do livro, que estava em grego. — Sabes ler grego?

— O que é que tu *queres?* — perguntou Callum a resmungar.

Pronto, está bem. Callum sabia manter segredos.

— Quero a tua ajuda.

— Com o quê? Um livro? Estou ocupado.

— Não. Com... — Reina hesitou. — Um... plano. Uma ideia, na verdade.

— Para quê?

— Para depois.

— Depois de *quê?* — Callum ficava mal-humorado quando não descansava como devia ser.

— Depois disto — disse Reina, a apontar para a casa. — Depois de irmos todos embora.

— Embora. — Ao ouvir estas palavras, Callum endireitou-se devagar.

— Sim. O objetivo desta Sociedade não deveria ser apenas contribuir para os arquivos — disse Reina com honestidade. — Deveria ser levar os arquivos para o mundo.

Callum parecia desiludido. Ou irritado por ter chegado a esperar uma resposta melhor.

— Estás a querer dizer que o Fórum...

— Não, não a distribuição — corrigiu Reina. — A ação.

— E ação significa... o quê, exatamente? E eu pensei que ias ficar aqui. — De repente, Callum estava a olhar para ela como se ela tivesse comida na cara, ou talvez como se a luz estivesse a esvair-se-lhe do rosto.

No entanto, Reina ignorou-o.

— O resultado inevitável da minha vinda para aqui é passar a ver as coisas de forma diferente. Vimos para aqui para existir fora do mundo e depois voltarmos para ele. Por necessidade, temos de o mudar.

O filodendro no corredor estava a guinchar algo ininteligível. Reina não conseguia perceber bem o quê, porque, na cabeça dela, estava na esteira de algo entusiasmante. Percebeu que as coisas estavam prestes a mudar. Havia algo inato e atávico a chamar. Não era por isso que ela estava na casa, nos arquivos? Não era por isso que ela tinha *nascido?* O próprio mundo ansiava por alguma coisa. Alguma relativização, algum renascimento.

Porque é que, na era do Antropoceno, com toda a violência e destruição que advinha do advento das máquinas e dos monstros, haveria de nascer uma criança que era capaz de ouvir o som da natureza? Estava na hora de

fazer a roda girar. De a alma do universo encontrar um equilíbrio. A área de estudo de Dalton podia ser a génese, a origem da vida, mas o futuro não tinha que ver com a forma como as coisas tinham começado.

O que importava não eram as plantas mexeriqueiras. Não era criar nem destruir vida. Bem, era, mas não no sentido que os outros sempre lhe tinham impingido: aumentar as colheitas, produzir frutos. O que importava era o ressurgimento, a ressurreição.

O que importava, como em tudo, era o poder. Um poder que Reina iria, muito em breve, poder decidir enterrar ou usar. Por isso, viu-se perante um dilema filosófico importante: ficar na casa, com os livros, a pesquisa, o isolamento do mundo ganancioso e glutão ou voltar a ele com um novo objetivo, uma nova perspetiva, uma nova compreensão de quem e do que ela era?

Era isso que significava ser um deus, decidiu Reina. Não viver para sempre, mas restaurar a ordem das coisas. Dar azo a uma era de algo novo.

Callum, entretanto, estava a olhar fixamente para ela.

— Queres que eu influencie... o mundo? Presumo que não estejas a referir-te às plantas. — Sentiu a boca a borbulhar, como se as ideias estivessem a colidir umas com as outras.

— Não, plantas não. — O filodendro ficou profundamente insultado e disse-lho usando palavras muito pequenas. — Penso que, para o melhor ou para o pior, o mundo é composto por humanos e por coisas que os humanos alteraram. Não é nada que não possas entender — acrescentou *a posteriori.*

Callum ficou com os olhos entrefechados e nada contente, como um pai desiludido.

— As pessoas não costumam concordar com as coisas tal como eu as entendo.

— Estás vivo — salientou Reina.

Ele brindou-lhe com um copo invisível.

— Não por falta de tentativas — brincou.

— Não, estou a dizer... — Reina expirou com contundência, irritada.

— Estás vivo. Não deverias estar. Concordámos que deverias morrer.

— Ah, bom — disse Callum, num tom arrastado. — Não me poupes, por favor. Diz-me o que achas realmente.

— O facto de estares vivo e, aparentemente, não apostado numa vingança — continuou Reina — significa que ou tens alguma ideia de como vais passar o resto do tempo que te foi atribuído assim tão aleatoriamente...

— Digo-o de novo — interrompeu Callum. — Não precisas de ser simpática.

— ... ou significa que estás à espera de alguma coisa. De um objetivo.

— Olhou-o fixamente. — Eu estou aqui para to dar.

Ele recostou-se na cadeira.

— Estás a levar este complexo de deus um pouco longe de mais, Mori.

— Não é um complexo murmurou ela entre dentes pela milésima vez. — E ou consideras que isto te aconteceu por uma razão ou...

— Não achas que eu estou apostado numa vingança? — interrompeu Callum.

Reina cerrou os lábios.

— Se estás, não te estás a sair nada bem. O Tristan está vivo. Está bem. Até as camisas estão impecáveis.

— Dizes tu — respondeu Callum. — Mas eu sei de fonte segura que as etiquetas lhe fazem comichão.

— O que interessa é que tens tempo — concluiu Reina a ignorar a muito irritante ambivalência fingida não obstante os indicadores bastante óbvios de descontentamento existencial, ou seja, de estar sempre a tentar afogar-se na proverbial barrica de vinho. — Tens um tempo que não deverias ter tido. O que é que vais fazer com ele, afinal?

— Pensei em comprar mais um iate — respondeu Callum Reina lançou-lhe um olhar silencioso de ódio completo e genuíno.

— Pronto, está bem — disse Callum. — Não faço a mínima ideia. Só estou aqui para perturbar o Blakely. Depois, não sei. Vou voltar para casa, ganhar dinheiro e morrer.

Reina não conseguia compreender como as duas pessoas da casa que estavam mais familiarizadas com a natureza humana — as que eram mais

capazes de *manipular* a natureza humana — não pensavam em nada mais importante do que em desperdiçar as aptidões que tinham com o capitalismo.

— Oh, e provavelmente foder — acrescentou Callum, que, pelos vistos, ainda estava a pensar nos objetivos de vida. — Em algum ponto haverei de desenvolver o que só posso pensar que será um colesterol terrivelmente alto...

— Para — disse Reina. — Estás a deixar-me deprimida. E não podes ir para casa — acrescentou ela. — Nenhum de nós pode ir para *casa.* O Fórum sabe quem nós somos — apontou. — Duvido que tenham desistido de interferir.

— Então o que é que *tu* vais fazer? — perguntou Callum com uma expressão que parecia de verdadeira curiosidade. — E não penses que não consigo perceber que estás a ficar emocionalmente descontrolada — acrescentou ele, acenando com a mão na direção geral de Reina. — O fanatismo não te fica muito bem. É muito perturbador.

— Eu não sou uma fanática. Sou... — Uma pausa para pensar. — ... inspirada.

— É uma palavra ótima para loucura — apontou Callum com delicadeza —, mas não deixa de ser loucura...

— Antes louca do que bêbeda — atirou Reina em resposta, antes de ficaram ambos calados de repente.

No preciso momento em que o relógio tocou em cima da lareira, Reina decidiu que passar grande parte do ano a tentar convencer Callum a ouvi-la não estava a correr bem. Era claro que ele queria morrer, portanto, muito bem. Talvez ela estivesse a perder o tempo dela e o dele ao não o deixar fazer o que ele queria. Era como se a casa se tivesse apropriado das impurezas da alma dele, tal como tinha acontecido com o estado físico de Nico. Estava a torcê-los completamente, a drenar-lhes tudo o que não tinham dado de boa vontade. Talvez Reina, acima de tudo, ao ser levada a acreditar que nada fora daquelas paredes poderia ser diferente.

Reina virou-se, enfurecida e estranha e humilhantemente pequena, quando Callum se levantou e a agarrou pelo pulso.

— Só vou dizer isto uma vez — disse ele. — Não sou desprovido de talento. Os poderes que eu tenho não são... — Não acabou a frase, largou-lhe o pulso e deixou a mão fechada num punho. — Se eu os usar — acrescentou, a escolher as palavras com muito cuidado —, o resultado não vai ser simples. Isto não é como na magia física, em que fazes força contra alguma coisa e alguma coisa faz força contra ti em igual medida. Não existem limites de conservação em relação ao que posso fazer, nenhuma lei previsível da física. As pessoas são mais complexas do que isso. E radicalmente mais frágeis.

Reina esperou pelo remate.

— E?

— E nada. — Abanou a cabeça. — Não vais conseguir o que queres, independentemente do que seja. Mas se significar que eu posso conseguir um momento de retaliação...

O humor de Reina fez-se mais sombrio.

— Retaliação contra quem?

— Tens alguma coisa que ver com isso? Não te perguntei qual era o *teu* plano. — Relanceou-a. — Somos seres práticos, não somos? Temos objetivos. Queremos resultados. Se pensasse outra coisa qualquer sobre ti, não estaria a perder o meu tempo.

Reina tentou convocar a energia para se importar com o que ele dizia. Não se sobrepôs a nada. A sensação de determinação geral tornou-se pesada, magnética.

— Muito bem. Mas não me influencies — advertiu ela. — E prometo que não vou interferir se não o fizeres também.

Ooooo mãemãemãe, sussurrou um fícus a crescer, as folhas a inclinar-se para os vidros gelados da janela. *A mãe é equilíbrio, a mãe é rei...!*

— Muito bem — disse Callum secamente. — Mais alguma coisa.

Sim, pensou ela. Vê se te atinas.

Mas, pensando bem, isso seria algo muito parecido com oferecer-lhe ajuda.

— Tenta não deixar que mais ninguém te mate — sugeriu em vez disso, a virar-se para deixar a sala.

Atrás dela, Callum desenterrou o livro de baixo do guardanapo.

— Conselho sábio. Possivelmente mais útil do que imaginas.

Reina parou e olhou por cima do ombro com o cenho franzido.

— O que é que isso quer dizer?

— Que é melhor esperarmos que a Rhodes esteja morta, em primeiro lugar. Vou tentar saber o resto e depois aviso-te. — Piscou-lhe o olho e ela revirou os olhos. — Desfruta das tuas ilusões, Reina. Alguém deveria fazê-lo.

Quando se virou e subiu as escadas em direção ao quarto, Reina tinha a distinta sensação de que tinha acabado de fazer um acordo com... não com um diabo, nada disso. Callum ainda não tinha chegado a *esse* ponto. Mas se o equilíbrio era rei, talvez fosse uma questão das naturezas deles. Ela tinha-o escolhido porque a existência dela, o poder que ela não conseguia exercer, precisava do dele: ele era a incarnação do Antropoceno, a própria natureza, e era assim que o ciclo iria continuar. A roda continuaria a rodar invariavelmente. Reina era a voz da avó na cabeça: *Reinachan, nasceste por uma razão.*

Muito bem. Assim sendo, ela estaria pronta quando a roda também estivesse.

• Parisa •

Parisa não era alheia a pesadelos. Tivera-os a vida inteira. Pesadelos confusos, pesadelos que pertenciam a outrem. Coisas que lera ou intuíra noutras mentes. Mas, agora, os sonhos que estava a ter eram só dela, o que não deixava de a desanimar. Eram uma recorrência do mesmo pânico, gerado no mesmo momento de erro inesperado...

— Gideon?

Parisa revivia-o constantemente: o momento de hesitação que levara ao súbito assomo de energia do sonhador. A força que ele convocara para se levantar, agarrar em Dalton, empurrá-lo pela janela da torre e...

Na vida real, Parisa fora arrastada para fora da cabeça de Dalton, e acordara sobressaltada em cima da mesa da sala de leitura sobre a qual estava debruçada.

Era difícil dizer, naquele primeiro momento, o que era sonho e o que era realidade. A linha entre estar acordada e não estar era difusa como aquela que separava os vivos dos mortos. A sala de leitura estava mais iluminada do que deveria estar, avivada pelas formas das coisas, ideias, memórias, explosões de forma e estrutura menos permanentes, em constante mutação e transformação. Como ver uma rosa a desabrochar à frente dos olhos. Como fantasmas, mas vivos, verdadeiramente vivos, ao dobro, triplo da velocidade do tempo normal, o que deixou Parisa ofuscada, desorientada quando ela se virou para ver a fonte da magia.

O animador em pessoa.

A sala e os fantasmas não eram as únicas coisas que pareciam estar a operar num *continuum* diferente do tempo. Dalton, o académico, Dalton o homem, contorcia-se de dores, curvado, as mãos pressionadas contra as têmporas, contra os olhos. Parecia estar a mudar a cada grau de perspetiva, cada truque de luz, como um holograma barato. Parisa, instável, virou a cabeça poucos centímetros para a direita e ali estava ele, a emergir da

coluna de Dalton como uma faca nas costas: Dalton, a memória. Dalton, o medeico, que tinha sido colocado numa jaula obra de outrem.

Dalton, o príncipe, que construíra um reino dentro da própria mente.

Parisa percebia que só um deles era, à falta de palavra melhor, *real*. Apenas um estava fisicamente presente, visivelmente com dores. O outro era como uma sombra, um espectro em forma de silhueta, mas era desse que ela não conseguia desviar os olhos. Era *esse o* Dalton que ela perseguira ao longo do tempo e da consciência, e ele estava a vê-la, os olhos de aparição a cruzar-se com os dela com um tiro a atingir o alvo, e pareceu, por um momento, estar a rir-se.

Mas fora então...

— Vai buscar o Atlas — dissera Dalton, voz roufenha, a arquejar: a acordar, submerso, de um transe. Na transição entre o plano astral e a realidade, também, Parisa perdera, momentaneamente o pé. Voltara a cambalear ao som da voz dele, inalara com demasiada força e depois sentira-se sufocada e tossira a engolir miseravelmente em seco. Havia algo nocivo na luz tremeluzente, algum vapor ou miasma psicossomático. Parisa sentira um enjoo no estômago, incapaz de respirar.

Quando Parisa conseguiu recuperar o fôlego, perdeu-o novamente para o príncipe. Ou melhor, para o súbito desaparecimento do príncipe. Já não estava no mesmo lugar, pelo menos na mesma silhueta assombrosa que ela vira, mas ela ainda sentia a ameaça que ele representava, da mesma forma que um intruso não desaparece sem mais nem menos. Parisa continuava a sentir a presença dos pensamentos do príncipe, a forma arrítmica e estranha como se fundiam como o fole de uma concertina e colidiam em ataques e arranques, em distorções e explosões. O que é que ele estava a fazer nas paredes, o que eram as figuras translúcidas que dançavam e derretiam? Parecia que ele estava a falar com a casa, a extrair-lhe as memórias como se de seiva se tratasse. A sala estava a respirar, a lamuriar-se, a uivar, e a primazia do pensamento que a caracterizava tinha-se inflamado e transformado em algo viral, algo pestilento e barroco no sentido mais corrupto, uma opulência que chegava ao ponto do grotesco. Seria sedução ou tormento? Era pouco claro, até para Parisa, que deveria saber a

diferença. A casa sempre fora senciente, mas nunca daquela forma. Nunca com dor ou êxtase, fosse qual fosse o caso naquele momento. Nunca *viva*.

O que impunha a questão: seria real o que Parisa estava a ver? Parisa sentiu-se atordoada, a olhar para as gotas de suor que turvavam a testa meticulosa de Dalton. Fora arrancada da consciência dele demasiado depressa. A vida real e a telepatia não se distinguiam, e a visão de Parisa era turva. No entorno via lampejos de outra vida, outra versão, a aparecer e a desaparecer. Um sonho dentro de outro sonho.

— Vai buscar o Atlas *agora* — gritou Dalton entre respirações sufocadas — trá-lo *agora...!*

Ouviu-se uma explosão vinda das portas atrás de Parisa quando as animações que se estendiam ao longo das paredes se levantaram como labaredas, os próprios arquivos aparentemente a tremer. Dalton afastou-a para o lado de repente, brusco na pressa que tinha, e deixou-a colidir com a mesa. Uma nódoa negra que haveria de durar semanas.

— Tens segundos — dizia Dalton com os dentes cerrados a alguém atrás dela — talvez menos...

— Sente-se — A voz de Atlas era superficialmente calma, transparente e tranquilizadora. — Sente-se. Vou entrar. — Olhou de soslaio para Parisa, como se ela não fosse senão uma distração. — Saia.

Parisa pusera-se de pé com dificuldade, e olhava de um para o outro.

— Mas...

— *Saia* — resmoneou-lhe Dalton antes de Atlas o levar à força para uma cadeira e o sentar com firmeza.

Ponha-se a andar, disse-lhe Atlas na cabeça dela. E, mais uma vez, ela sentiu a pequena força do reflexo que a impelia a seguir as instruções que ele lhe dava.

Ela saiu da sala a correr e apressou-se a ir para o primeiro lugar de que se lembrou. Com o coração a palpitar, os pulmões a vibrar, precisava de ir para um lugar onde pudesse lembrar-se de onde estava, *quem* era, um lugar onde pudesse encontrar outra coisa, qualquer coisa, que pudesse culpar...

No sonho recorrente, acordava sempre sobressaltada antes do que se seguiria. Antes de chegar ao quarto de Nico, a ferver do que sabia ser um

desvario. Desesperada por encontrar descanso algures, por encontrar tranquilidade. Era como se a casa a estivesse a caçar com a recorrência da tensão, mas sem o alivio, constantemente a lembrá-la do que tinha visto. *Sua idiota, quebraste as tuas próprias regras, deixaste-te ficar tempo de mais e começaste a preocupar-te de mais...*

Parisa inspirou, uma mão sobre o peito, e expirou.

Uma respiração, duas. Contou até 20 e voltou a deitar-se, fechou os olhos e foi-se deixando adormecer de novo.

— ... não és capaz de amar ninguém, pois não?

Logo na primeira nuvem de sono, a voz de Dalton regressou-lhe à cabeça.

— Pedi-te para me deixares em paz — reclamou ele. — Disse-te para te manteres longe de mim...

Quando ele o dissera, Parisa rira-se amargamente, sem humor. Não era assim que ela se lembrava daquele momento. Mas, aparentemente, Dalton acreditava que, por lhe ter salvado a vida quando lhe revelou as intenções da Sociedade havia tantos meses, ela lhe devia o *coração.*

Quão estereotipadamente masculino da parte dele. Quão extraordinariamente dececionante.

— Desde quando é que isto tem alguma coisa que ver com amor?

— Então tem que ver com quê?

Poder. Sempre o cabrão do poder. Que ela cedera a partir do momento em que se deixara ficar demasiado tempo na casa. Ali, naquela maldita casa, tempo de mais.

Os olhos dela voltaram a abrir-se de repente, as memórias em repetição. Uma coisa maravilhosa, a mente. Tão, mas tão útil.

— O que era isso? A tua versão de ti próprio na tua cabeça — dissera Parisa a Dalton na vida real. — Pensava que era só uma animação. — Fora a primeira conversa dos dois depois do erro do amigo sonhador de Nico, aquele pequeno tropeção de falta de bom senso. O balbucio percussivo do coração idiota de Parisa, que lhe deixara a mão firme por acidente.

— Era — disse Dalton secamente. — E não era.

Isto acontecera alguns dias mais tarde, quase uma semana. O tempo passara devagar enquanto Parisa esperava que ele a procurasse para se explicar. Parisa lembrava-se do silêncio pelo que significava de opressão, mais uma fraqueza inesperada, uma brecha na armadura, ou, mais fatalmente, um calcanhar de Aquiles inesperado.

Nunca gostara de ser punida com silêncio. Era a tática de Mehr, a irmã dela, porque, não obstante a pretensa falta de inteligência e beleza de Mehr, sempre tivera o dom da crueldade.

— Pedi ao Atlas que o fizesse — explicara Dalton. Já era ele próprio de novo na altura, ou, pelo menos a urgência roufenha Já tinha desaparecido. — A minha investigação... precisava de a concluir. Mas os arquivos estavam a esconder-me coisas. — Olhara longamente para Parisa, a expressão cheia de significado. Queria algo dela, mas estava a manter segredo em relação ao que era intencionalmente.

— Não compreendo. Aquilo lá, eras... tu? — perguntou Parisa com o cenho franzido. — Um aspeto da consciência, ou...?

— Sim. Uma parte de mim. O meu... — Dalton deteve-se e olhou para o outro lado. — A minha ambição, acho que lhe posso chamar isso. A minha fome.

A dissecação de um pedaço de Dalton — uma fração do que era ostensivamente todo o seu ser, a sua verdadeira *alma* — por parte de Atlas não estava ao alcance de um telepático. A menos que ele tivesse subestimado as suas capacidades quando falara com ela, o que era pouco provável.

— Como é que ele fez isso?

— Eu tive de fazer uma animação — disse Dalton, aparentemente revoltado com a confissão. — Daquele pedaço de mim. Daquele... defeito. — Dalton estremeceu. — Dei-lhe vida e depois separei-o do resto da minha consciência. E fiz o melhor que pude para me esquecer de que estava lá.

Portanto tinha sido ele a fazer a dissecação. A autocirurgia. Não admirava que parecesse enojado.

— E depois?

— O Atlas construiu defesas dentro da minha consciência. Manteve essa parte de mim contida a meu pedido. — Dalton passou a mão pela boca e pareceu mais velho. Cansado. — Concordámos que seria a melhor forma. A única forma. Eu pensava... — Mais uma pausa. — Pensava que era apenas uma fração de mim próprio. Uma pequena parte. — Uma brecha na armadura, pensou Parisa. É engraçado como coisas assim eram capazes de desfazer uma pessoa aos poucos ao longo do tempo. Bastava uma pequena fratura para destruir todo um alicerce.

— Então *foste* tu que fizeste a animação da Rhodes? — perguntou ela.

— Fui. Devo ter sido, não sei bem como. — O maxilar de Dalton pôs-se tenso. — Acho que não tinha pensado na possibilidade de aceder à minha consciência a partir do lugar que ele ocupava na minha mente consciente. Sabia que não havia nenhuma possibilidade de ele fugir sozinho, mas nunca pensei...

— Ele — repetiu Parisa. Como se fosse uma pessoa completamente diferente. Tornava-se evidente que, com o nível de capacidade mágica de Dalton, a divisão de um medeico em dois dava azo a dois medeicos funcionais. Dois animadores. — Então o amigo do Nico, o sonhador. Foi ele que te deixou sair?

— Tu ajudaste. — O olhar que Dalton lhe deu era frio e acusativo, azedo e seguro. — Eu nunca devia ter tido conhecimento da existência dele. O Atlas encerrou-o longe de mim. Mas quanto mais tu acedias a essa parte de mim, mais forte ele ficava.

— Estás a falar de ti próprio, Dalton. — A forma como aquela parte lhe escapava tão repetidamente era absurda. Ela já tinha conhecido homens que se negavam a assumir culpas, mas aquilo, a verdadeira personificação das fraquezas dele, era ir um pouco longe de mais. — Foste tu que me deixaste entrar. Foste tu que confiaste em mim, foste tu que...

— Cometi um erro — concordou Dalton friamente. — Mas tens de me ouvir, Parisa, isto tem de acabar. Para que eu consiga acabar o que comecei, tu tens de te afastar.

— Afastar — respondeu ela. — Da parte de ti que tu trancaste na tua própria cabeça?

A resposta dele foi um esgar condescendente.

— De mim. De mim por inteiro. — Uma pausa. — De qualquer parte de mim. Parisa engoliu um riso.

— Estou a ver. — Dalton estava a acabar com ela, era isso? Hilariante, absolutamente hilariante. Não admirava que estivesse cheio de paninhos quentes, sempre a ataviá-la com olhares ternurentos. — Estás a largar-me com suavidade, estou a ver.

— Tinha de acabar um dia. Não ias ficar aqui para sempre.

— Dalton. — Até ele tinha de perceber que tudo aquilo era demasiado estúpido. — Voltaste a trancar-te? E esperas que isso dure? — Parisa pensou naquela declaração da outra versão dele, que não seria capaz de fazer novamente o mesmo. Que o seu verdadeiro eu, a sua real *verdade,* acabaria por sair.

— Tenho os dias contados. Mas estou quase a acabar — disse Dalton. — Estou demasiado perto para desistir. O Atlas pô-lo de volta no lugar, e agora...

— E agora estás a correr contra o relógio. — Era tudo demasiado ridículo, muito pouco prático. — Dalton — disse Parisa, exasperada — será que não compreendes como é que a tua consciência funciona? — Se ele não sabia, Atlas saberia. Atlas teria algum conhecimento sobre a natureza da mente. Uma alma era inerente, não algo que pudesse ser retirado e esquartejado.

Não era essa a natureza da pessoalidade, da humanidade, por mais capacitado que fosse o medeico que fizesse o feitiço.

— Não interessa — disse Dalton. — Eu confio no Atlas. — Ah, era um idiota, então. Ótimo.

— Confies nele ou não — continuou Parisa —, a questão é que...

— Parisa, se me amasses, afastar-te-ias — disse Dalton.

Que foi aproximadamente quando, na vida real, Parisa estremeceu com a habitual aversão, o amargor da memória. Pensamentos invasivos. Terríveis. Parisa não conseguia deixar de reviver a artificialidade do momento, a forma como se apercebera meu Deus, temos andado a jogar jogos completamente diferentes. Disse algo como desculpa, e Dalton disse

algo como vou ter sempre muito carinho por ti e juntos fingiram um romance. Até, claro, à acusação inevitável.

— Seremos capazes de amar alguém sequer?

Absurdo. O que é que ele pensava que o amor era? Dor? Era só isso o que as pessoas pensavam que o amor era? Que, se não houvesse dor, se ninguém sofresse, seria como se não existisse e nunca tivesse existido? Uma árvore derrubada na floresta sem ninguém para a ouvir cair?

No entanto, não era a primeira vez que ela era acusada de carecer de algo. Como se fosse algum tipo de vaso vazio à espera que alguém o enchesse. Claro que ela amava. De que outra forma estaria ela carregada de buracos como estava se era realmente assim tão impermeável, tão incapaz de se ferir? Só porque para ela, sexo, amor, desejo e afeto eram coisas diferentes, algumas das quais queria ou desejava e outras nem um bocadinho? Porque, afinal, o amor não significava sempre dor, mas raramente deixava de ser uma desilusão. O silêncio da irmã, Mehr. A traição do irmão, Amin. O pequeno e terrível erro de ter misericórdia por um sonhador, que nunca tinha conhecido, por ele ter pensado, nos últimos momentos de vida, em Nico de Varona, e, portanto, ter fodido tudo.

E, valesse o que valesse, não era Parisa que ia atrás de Dalton. Ele não a queria? Muito bem, ela não era masoquista e, apesar da opinião popular, também não era sádica. Não o perseguiu.

Era ele que ia ter com ela, reiteradamente. Porque a outra versão dele, a versão na cabeça dele, era a que estava certa. A magia que tinha prevalecido durante dez anos antes da chegada de Parisa fora monumental na primeira vez, estivera a um pequeno sopro da impossibilidade. Não podia ser exercida com êxito duas vezes.

Cansada do esforço que estava a fazer para dormir, Parisa levantou-se da cama e precipitou-se para a porta, que abriu. Passou os nós dos dedos pelas paredes, a tentar sentir uma pulsação específica.

Sem surpresa, encontrou Atlas no gabinete dele, a cabeça nas mãos.

— Por favor — disse ele sem levantar a cabeça. — Não me apoquente hoje. Ela fechou a porta e sentou-se na cadeira à frente da secretária dele.

— Dor de cabeça?

— Sempre. — Estranhamente honesto da parte dele. Uma pena que ela se estivesse nas tintas.

— Podia ter-me dito — disse ela enquanto pousava os pés descalços na secretária. Ele afastou os calcanhares dela para o lado. — Eu tê-lo-ia deixado em paz, sabe, se...

— Se o quê? Se soubesse que uma parte sequestrada da consciência do Dalton estava a operar dentro do cérebro dele? — Atlas olhou para ela, desconfiado. — Por favor. Quando muito, eu é que devia ter-me dado ao trabalho de o tornar mais aborrecido para si mais cedo.

Parisa via alguma razão no que ele estava a dizer.

— Como é que o conseguiu fazer? — perguntou, porque tinha de saber.

— Todas as mentes têm uma estrutura própria. — Mais um olhar severo. — A menina Kamali sabe disso.

— Construiu-lhe aquele castelo?

— Céus, não. Pu-lo numa caixa. Ele é que se pôs no castelo. — Atlas recostou-se na cadeira e expirou, enquanto ela se lembrava do brilho metálico, as deformações que vira em certas ocasiões durante as anomalias da prisão mental de Dalton. — Teve quase uma década para o fazer. Eu pensei que era um bom sinal, que talvez ele o tivesse feito porque estava convenientemente aborrecido ou sozinho.

— Como é que ele era antes? — Parisa andava a perguntar-se havia muito tempo como seria a versão de Dalton que nunca tinha conhecido.

— Não muito diferente de si. — Atlas lançou-lhe um olhar perscrutador. — Era uma pessoa. Todas as pessoas são complexas.

— É uma perspetiva interessante de uma pessoa que recebe tanto talento — observou Parisa.

— Não a recebi a si — disse Atlas. — Escolhi-a.

Parisa não via a diferença nem queria saber.

— Então o que é que o fez desencantar este plano? — perguntou. — Alguma necessidade insana de dominar o mundo?

— Dominar o mundo? Não. Compreendê-lo, sim.

— Mas a investigação do Dalton. A... criação dele — resumiu Parisa. — Não?

— Não exatamente. — Parisa arqueou uma sobrancelha. — Pronto, essencialmente — concedeu Atlas. — Mas, mesmo assim, não sou o déspota que pensa.

— Não consigo imaginar que outra coisa considera que poderia ser feita com investigação sobre a criação do mundo — disse Parisa com um resfolego pouco feminino de escárnio. — Acha que dar esse tipo de informação aos arquivos é assim tão inocente? O que faz ou não *pessoalmente* não é a questão.

— Dá o mundo a um homem e ele ficará com fome numa hora — murmurou Atlas. — Ensina um homem a criar o mundo e dá-lhe uma boa oportunidade?

— Na verdade não sei se gosto mais ou menos de si quando faz piadas — disse Parisa.

— Verdade, esta foi forçada. — Atlas esfregou a barba de três dias no queixo e Parisa voltou a pousar os pés em cima da secretária. Ele viu-a a fazê-lo e depois pareceu desistir. — O que está a fazer acordada?

— Não finja que não sabe. (Disse um telepático para outro.)

— Pensava que estava a ser educado ao deixá-la dar-me a resposta. — Relanceou-a, e pôs ambas as mãos em cima da cabeça. — Tenho de admitir que estou surpreendido. Pensava que não se preocupava muito com o Dr. Ellery.

— Sabe, estar sempre a ser acusada de ser psicopata está a começar a enervar-me — disse Parisa secamente.

— Não se trata de psicopatia — corrigiu Atlas a encolher os ombros. — É obvio que tem sentimentos. Mas não a tinha por romântica.

Parisa olhou pela janela para a noite escura e indolente.

— Ele anda a perseguir-me.

Estava a começar de novo. Mais uma vez. Os olhares demorados. Os toques breves. De vez em quando passava a roçar por ela no corredor. Parisa ouvia-o a chamar por ela enquanto dormia.

Ela sabia que era melhor não o perseguir, só que desta vez era diferente. Havia uma mudança subtil de sabor. Dalton parecia um anel que deteta humores, sempre a mudar de cor. O velho Dalton tivera um sabor invasivo, uma sombra de fumo que se arrastava, uma ameaça de intimidade, mas o novo era como um pitéu para os sentidos telepáticos. A cada hora, era uma versão diferente, mais complexa. Ela nem sequer se tinha apercebido da fome que tinha até a ter provado. As sensações novas no palato eram um novo espectro de tentação.

— Não — avisou Atlas.

Parisa virou-se para olhar para ele.

— Então diga-me a verdade.

— Qual verdade? Já lhe disse. A investigação dele é importante.

— Para quem? Para si?

Atlas não disse nada.

— Para que é que me queria? — perguntou Parisa. — Não precisava de mim.

— Na verdade, até precisava — disse Altas. — Preciso — acrescentou.

— Mas pensou que eu ficaria agradecida, não pensou? — Abanou a cabeça. — Pensou que poderia convencer-me a ajudá-lo. A *tranquilizá-lo.* — Ela relanceou os polegares de Atlas a tremer e sentiu o baque dos dedos contra a têmpora dele como o baixo da sua própria pulsação. — Detesta isto, não detesta? O que é?

— A menina Kamali não?

Ela olhou-o nos olhos por um longo momento.

Depois levantou-se com um suspiro.

— Toda essa autocomiseração — comentou ela, a afastar-se dele e a aproximar-se da porta. — Não lhe fica bem. — Ficou frio, de repente. Parisa desejou ter-se lembrado de vestir um robe. — E, mais importante, não tenho interesse em ficar nesta casa.

Atlas pareceu animar-se.

— Quem disse que a menina tinha de ficar aqui?

— O Sr. Blakely. — Acercou-se dele. — É o Sr. Blakely que quer um ajudante. Alguém que seja leal à sua causa. Encontrou isso no Dalton, mas eu não vou ser como ele.

Atlas inclinou a cabeça. Acordo tácito.

— Nem foi isso que eu imaginei. Mas pensei que a menina Kamali poderia encontrar mais dentro destas paredes do que o que poderia perseguir fora delas.

Seria bom que ele acreditasse nisso.

— Prometeram-me riquezas com que nunca imaginei. — O sorriso de Parisa não tinha alegria. — Parece-me que a pesquisa vai ser deveras compensadora. — *E porque é que eu haveria de ficar? Porque me pediu?*

— Talvez. — *Chame-o pelo que é, menina Kamali. A sensação que está a tentar combater é a solidão.*

Deixaram-se ficar imersos numa batalha silenciosa antes de Parisa encolher os ombros.

— Ah, mais um homem que pensa que me pode salvar, portanto. Que cansativo.

O sorriso de resposta de Atlas era igualmente paciente.

— Sim, calculo que seja.

— Fique com o Dalton — acrescentou ela. *Digamos que é um presente de despedida.* — Não vou interferir.

Atlas inclinou a cabeça em reconhecimento ou agradecimento.

— Boa noite, menina Kamali.

Parisa percebeu que era o momento do adeus. Com vários meses de antecedência, mas um adeus. Que razão teriam para continuar a conversa? Cada um tinha escolhido o respetivo lado, o respetivo objetivo de vida. Tinham deposto as armas e voltado a empunhá-las. O que, na cabeça de Parisa, era pelo melhor.

Aquela não era uma casa normal. Quanto mais ela retirava dos arquivos, mais estava segura disso. Havia fantasmas na casa, uma mente maior a funcionar. Atlas estava-lhes em dívida, apegado a um qualquer plano que ele não conhecia ou não tinha partilhado com ela. Os arquivos não iriam conseguir o que quer que fosse que esperavam obter dela. E, naquele momento,

Parisa não estava preocupada em pensar se eles iriam procurar uma retaliação pela recusa dela.

No momento em que deixou o gabinete de Atlas, Parisa sabia que havia alguém a esperá-la no corredor. Sentira a presença desconhecida e deteve-se quando as costas dos dedos dele roçaram nos dela e a levaram para a penumbra.

— Claro que não o amas — disse-lhe a voz de Dalton ao ouvido, os lábios ao lado do maxilar dela. — Mas eu — murmurou-lhe para um dos lados do pescoço — não quero saber quem ou o que amas.

A novidade dele enchia-a de uma embriaguez familiar. Parisa fechou os olhos e deixou que ele lhe passasse com os nós dos dedos na bochecha, na boca.

— O que é que aprendeste? — perguntou-lhe ele. Aquele novo compósito dele. Aquele novo acumulado dele.

O verdadeiro Dalton.

— É inevitável — disse ela, a aclarar a garganta. — O caminho para atingires todo o teu potencial. Não vai acabar aqui, nunca acabaria aqui. — Lembrou-se da aula de Dalton, a prova de destino que ele obtivera do corpo de Viviana Absalon, a medeica cuja especialidade era a vida. A vida convocou a morte de Viviana, como dois lados de uma moeda. Uma subida e descida, o virar de uma roda. Não que Parisa acreditasse nessas coisas.

No entanto, havia algo nele que sempre a atraíra. Talvez significasse alguma coisa ter sido ela quem o trouxe à tona.

Dalton pegou-lhe no queixo entre dois dedos e levantou-o para olhar para ela. Não havia aquela loucura da animação, a centelha de energia maníaca, nem a solenidade que ele tivera antes, os ângulos altivos. Dalton estava a voltar a cair em si, na sua própria eventualidade.

— Não lhe digo se tu não disseres — disse ele, baixinho, enquanto lhe prendia uma madeixa solta de cabelo atrás da orelha.

Ah. E pensar que Atlas considerava que ela se sentia sozinha. Era o problema de pensar que ela era vulnerável ou de estar constantemente a tentar descobrir-lhe uma falha inerente. A ideia de que ela estava um caco só por-

que tivera o coração despedaçado no passado era uma ideia perigosa. Era muito fácil tirar conclusões erróneas e subestimá-la.

Parisa escondeu um sorriso e tocou na bochecha de Dalton, que não demoraria a voltar a esvair-se no velho Dalton, ainda a lutar com os demónios que nenhuma jaula de Atlas seria capaz de conter, mas a máscara de virtudes não iria durar. Não que uma versão de Dalton fosse estritamente diabólica e a outra unicamente boa ou que uma pessoa pudesse conter só uma das versões de si própria dentro dela sem a outra. Era isso que Dalton não tinha compreendido, e, possivelmente, Atlas também não. Era impossível separar Dalton da ambição do trabalho que fazia, assim como Parisa era incapaz de desembaraçar a tristeza que sentia do objetivo que tinha, a amargura da alegria.

Era aqui que residia o perigo de brincar com a mente consciente de uma pessoa, porque ninguém era constituído apenas de materiais fortes. Nenhum deles era um deus: a fragilidade da imperfeição mantinha-se. Dalton removera a sombra de si próprio que deixava os arquivos de pé atrás, mas fora mais por ambição do que por maldade. Havia também um maravilhamento infantil, o desejo inato de crescer. A ambição de Dalton encerrava o mapa do caminho percorrido, a adaptação ao destino. Os caminhos que teria inevitavelmente de seguir para se tornar algo mais.

Isolar o que nele era perigoso, a fome de poder, fora suficiente para enganar a senciência, mas não a vida. Uma pessoa nunca deixava de ser ela própria. Muito do que eles se tornaram, do que eles eram, era inseparável, irreversível. Se, para os outros, isso significasse que era irremediável, que assim fosse.

O problema era esse, não era? A questão das mentes e das almas.

— Até à próxima — murmurou Parisa para Dalton em despedida quando se dirigiu sozinha para o corredor.

• Libby •

Libby acordou com um resfolego, ofegante, e viu uma chávena de café acabado de fazer à frente dela na mesa.

Certo. Sala de aula da cave, LARCMA.

Ainda presa no tempo, mas, pelo menos, sabia onde estava.

— Está tudo bem? — perguntou Belen, ao reparar no movimento do salto sobressaltado de Libby. Belen estava a beber café da sua própria caneca e a olhar fixamente para o mapa à frente de ambas, tendo acabado de desenhar um pentagrama de linhas energéticas da Sibéria para a Mesopotâmia. O canto do mapa estava a descolar-se ligeiramente do quadro preto ao qual o tinham colado, com o cuidado de preservarem a maioria da aula que Mort tinha dado mais cedo. (Não era nada revolucionário, mas enfim. Era melhor não aborrecer ninguém com aquela investigação «ridícula».)

Libby aprumou-se na cadeira e limpou um vinco na bochecha provocado pelo punho dobrado da camisola de capuz.

— Um sonho estranho, acho eu. — Sacudiu-se. — Nada de importante. — Era mais um sonho perturbador, em que Ezra a perseguia numa espécie de labirinto num campo de milho, um daqueles com espelhos de palhaços, como quando Libby era jovem, e, de repente, apareceu Gideon.

Libby estava a começar a pensar que o sonho com Gideon era recorrente. Ou isso ou era um *déjà vu*. Libby seria capaz de jurar que ela e Gideon já tinham estado no mesmo lugar algures no passado.

Libby estendeu os braços para cima e olhou para o mapa em que Belen estava a trabalhar enquanto dormia sobre os apontamentos que tinha feito.

— Desculpa, perdi muita coisa?

Belen tirou os olhos do mapa, pô-los nela e sorriu.

Libby perguntara-se muitas vezes para que precisava de Belen, uma vez que ela seria capaz de fazer a investigação que queria sozinha, mas, afinal,

havia muito poucos casos em que se sentia segura. E aquilo — qualquer iteração *daquilo*, que, às vezes era um riso partilhado com uma chávena de café frio na mão ou um simples olhar enquanto analisavam um mapa — era um desses momentos de segurança. Uma daquelas intimidades acidentais deveras estranhas e inesperadas.

— Só apagaste por uns vinte minutos. — Belen passou a mão pelo cabelo escuro e bocejou. — Não te censuro, para dizer a verdade. Mas tenho de ir daqui a pouco, por isso...

— Oh, céus, desculpa. Trabalho? — Um dos muitos empregos de Belen era um turno numa padaria peruana próxima nas primeiras horas da manhã.

— Não, infelizmente não. Só vou ser crucificada pelo Professor Mortimer se não entregar a tempo a lista de fontes que ele pediu— respondeu Belen com uma expressão animada, embora logo de seguida tenha feito um sinal da cruz instintivo, possivelmente pela blasfémia. Deixara ficar os brincos — começara a abandonar gradualmente o disfarce de menina boazinha, um casaco de malha ou fio de pérolas de plástico de cada vez, a cada hora extracurricular que passava com Libby — e o conjunto de cadeados minúsculos que tinha nas orelhas tilintava ao tocar na gola de casaco de pele em segunda mão que trazia vestido. Era pelo menos quatro tamanhos acima do dela. («Falso, provavelmente», assegurara-lhe Belen com orgulho na primeira vez que vestira o casaco, «mas não está mal, pois não? Mesmo que cheire ao leitão da minha avó.»)

Libby conteve um bocejo e tentou lembrar-se se Belen lhe tinha falado sobre algum trabalho relacionado com uma lista de fontes.

— Pensava que já tinhas concluído o período com aquele ensaio?

— Oh, não é para a aula. É uma coisa que ele precisa para a bolsa da Wessex. — Belen revirou os olhos. — Eu ofereci-me como voluntária, claro, porque gosto de ser castigada.

Libby sentiu a boca seca como algodão. Um dia teria de conseguir dormir uma noite inteira e deixar de dormitar ao fazer apontamentos.

— Fissão outra vez?

— Sim, sim, enfim. — Belen acenou com a mão, como se não fosse importante. — Para as armas de destruição maciça e não sei que mais. O

habitual.

— Espera, o quê?

— Estou a brincar — assegurou-lhe Belen, antes de acrescentar: — Bem, mais ou menos. Não sei bem por que outra razão haveria uma empresa medeica britânica de precisar de ter um local de testes no meio do deserto do Nevada, mas... — Belen encolheu os ombros. —... tento não acusar o meu orientador da universidade de crimes de guerra. Só por uma questão de educação.

— Compreende-se — disse Libby secamente, o que produziu um riso de resposta de Belen.

— Sim. — Os ombros desapareceram dentro do casaco quando ela os encolheu. — Bem, enfim, tenho o que fazer para o resto da noite. A não ser que queiras que eu fique aqui...?

— Não, podes ir. Só, hum. Chegaste a olhar para a Escócia? — perguntou Libby a limpar o canto da boca, que sabia um pouco ao queque de mirtilo que tinha comido em vez de um jantar a sério. Lambeu discretamente o canto dos lábios e fez um esgar. — Eu já disse para verificares o Círculo de Callanish ou foi um sonho? — O nome estava-lhe na ponta da língua, pré-formulado como algo que ela já tivesse dito, embora não fosse capaz de imaginar porquê? Não lhe soava familiar.

Belen riu-se, as botas pretas a arrastar-se no linóleo enquanto ela punha o pionés azul em cima de uma das interseções do mapa.

— Deve ter sido um sonho. Escócia? Pensava que estávamos a centrar-nos na Ásia. — Antes de Libby poder responder, Belen acrescentou: — Mapeei-o, mas ainda não me tinhas falado nele.

— Hum. — Libby levantou-se e olhou fixamente para o mapa. — Sim, não sei porque é que se destacou.

Belen relanceou Libby por cima do ombro, com um meio-sorriso.

— Apareceu-te num sonho?

— Ah. — Melhor assim do que os sonhos que costumava ter, que, de repente, pareciam consistir em Ezra a perseguir toda a gente que ela já amara. Ou, no caso de Nico, que queria incendiar. — Pelos vistos.

— Bem, não é má ideia. Provavelmente é mais fácil chegar lá do que à maioria dos locais de que falámos. — Belen deu um passo atrás para ficar ao lado de Libby, que, de repente se sentiu desinteressante e ridícula com uns ténis falsificados, as calças de ganga sem alma, o rabo de cavalo cada vez mais desgrenhado e tão... castanho. Não que Belen parecesse reprovar aquele visual ou importar-se com ele. Pelo contrário, o ombro de Belen roçou no de Libby quando analisavam ambas o mapa.

Aquele toque leve, que, em qualquer outra circunstância, seria um contacto sem importância, provocou um arrepio de reconhecimento na coluna de Libby, o renascer de um reflexo adormecido. Por um momento, Libby teve a certeza de que Belen tinha reparado, ou que o movimento — não, a *proximidade* — tinha sido intencional, calibrada, mas não sabia o que aquela observação poderia significar.

— Bem — disse Belen rapidamente ao virar-se para olhar para Libby — Não sei como é que vais começar os testes sem ir lá. Recebeste alguma resposta sobre o financiamento?

— Oh. Hum. — Certo, a pequena questão do financiamento inexistente. Era um tema de conversa normal ou, pelo menos, mais normal do que «olha, obrigada pela pele de galinha, amiga». — Ainda não. Mas talvez fosse boa ideia tentar o Reino Unido primeiro — disse Libby. — Há muito mais investigação já realizada sobre as linhas de Ley gaélicas.

— Ah, sim, porque se um académico britânico menciona o assunto, deve ser importante — disse Belen num bocejo, a esfregar os olhos (com contorno *khol*, como vinha acontecendo nos tempos mais recentes) antes de encolher os ombros ao ver o relanceio de pedido de desculpa de Libby. — A culpa não é tua. A academia tem uma inclinação natural. A investigação no Reino Unido tem dinheiro, o que não é bem o caso da... — Acenou com a mão por cima da porção do Sudeste Asiático no mapa. — Enfim, desta zona.

— Achas que ficaria muito caro irmos para a Escócia? — perguntou Libby. — Se tivesses tempo, claro — acrescentou rapidamente, o que gerou um novo bocejo de Belen, não sem deixar de assentir apressadamente com a cabeça.

— Teria, claro que teria. Adoraria ter a oportunidade para testar esta hipótese. Além disso, bem, ter o meu nome num artigo académico...

Sobre isso.

— Certo, claro.

— Seria um grande contributo para me legitimar por estes lados. — Não era a primeira vez que Belen dava a entender que a incapacidade de Libby lhe pagar valia o sacrifício se significasse a descoberta de mais fontes de energia sustentáveis que não precisavam de emissões de carbono nem de milhares de medeicos imigrados para funcionar. — E deves poder usar os transportes medeicos, não é? — perguntou Belen a pegar na mochila do chão e a atirá-la para cima do ombro. — Quer dizer, eu sei que ainda estão a ser desenvolvidos, mas ouvi dizer que o pessoal universitário tem preferência.

— Oh? — Libby não sabia que havia transportes a ser utilizados, embora desconfiasse que o sistema estivesse a ser desenvolvido há muito tempo antes de ser aberto a um uso mais generalizado. — Sim, poderia perguntar ao Professor Farringer se sabe alguma coisa acerca disso.

— Ufa. Assustador. — Belen fez um esgar quando Libby mencionou o nome de Fare. — Desculpa, eu sei que são amigos...

— Não somos amigos exatamente. — Nem colegas. Nem nada, na verdade. — E, sim, acho que tens razão. — Provavelmente era pior para os alunos de licenciatura, apercebeu-se Libby. Sobretudo as alunas que eram bonitas e que não estavam dispostas a reconhecer-lhe a autoridade que ele pensava que merecia.

(Argh, homens.)

— O que interessa é que tu deves conseguir arranjar um meio de transporte, pelo menos é o que eu acho — continuou Belen. — Eu dei uma olhada a esse assunto e acho que a universidade to pagará desde que te candidates a algum tipo de bolsa educativa. — Belen conteve mais um bocejo, seguido de um sorriso de olhos turvos. — Peço *imensa* desculpa...

— Toma, bebe isto — disse Libby, estendendo-lhe a chávena de café que tinha na mão. — Estás a precisar mais do que eu.

— Sem ofensa, mas acho que isso não é bem verdade. — Belen riu-se, despediu-se de Libby com um aceno e saiu da sala da cave. — Vemo-nos ao meio— Dia?

Como era habitual, a ideia da ausência de Belen enchia Libby de um assomo de temor preventivo.

— Sim, claro, obrigada...

Ao acenar para Belen, Libby vislumbrou um reflexo no recetáculo das toalhitas de papel junto à porta. Céus, os papos debaixo dos olhos estavam a ficar absurdos. Levou a chávena de café à boca e suspirou. Estava frio. Ainda bem que Belen o recusara.

Aquecer a chávena custar-lhe-ia provavelmente a mesma quantidade de energia que aquele café fraco da LARCMA lhe proporcionava, pelo que Libby decidiu despejá-lo no lavatório. Estava muito frio no laboratório da cave e ela suspirou a olhar para o mapa.

Como potencial fonte de energia, o círculo de pedras de Callanish era uma ótima ideia, mas não estava nas cogitações dela. *De onde* teria surgido a inspiração?

Não se conseguiu lembrar de nenhuma fonte de inspiração, pelo que deixou de conjeturar. Estava exausta.

— Está na hora de ir para casa — informou ao mapa antes de o enrolar e de o guardar para que Mort não lhe fizesse perguntas sobre ele (e, inevitavelmente, acabasse por lhe perguntar quando teria perdido o juízo).

Fechou a porta da sala de aula à chave depois de sair e acenou para colocar a defesa no lugar. A LARCMA tinha sido mais do que generosa ao deixá-la trabalhar no *campus* e dormir na residência próxima. Em troca, Libby ensinava uma secção de iniciação sobre manipulação da força e magia física. Mantivera a maioria das capacidades que tinha em segredo, ciente de que qualquer coisa *demasiado* notável levaria alguém a contactar a NYUMA, o que acabaria por revelar a sua inexistência. Fora também por isso que ela não tentara obter nenhuma bolsa nem nenhum financiamento. Mas se Belen estivesse certa quanto aos transportes, talvez valesse a pena fazer esse esforço. Libby decidiu que teria de o tentar algures no futuro.

Entrou no elevador tipo gaiola, subiu da cave para o rés do chão e saiu do edifício. À noite, a baixa de Los Angeles parecia mais uma versão primitiva da Nova Iorque que ela conhecia, embora numa escala mais pequena e menos imponente. Caminhou durante um quarteirão em direção ao quarto, que ficava num armazém discreto onde a LARCMA hospedava os docentes e alunos. O estúdio de Libby, que, antes dela, estava ocupado por um medeico que passara a trabalhar no Departamento de Transportes, era uma unidade de esquina no terceiro andar.

Libby verificou duas vezes o ferrolho e as defesas depois de entrar e deixou-se cair no sofá pré-fabricado com um suspiro e a olhar para um fio de luzes que encontrara na conduta de lixo alguns meses antes. Tinha-as consertado e pendurado, como era próprio da estranha colecionadora em que se transformara, a acumular objetos reluzentes para tentar montar uma vida. Sentia que estava a viver numa animação suspensa, à espera de que algo acontecesse. Que alguém lhe dissesse que tudo aquilo não passava de uma piada. Ou de um sonho.

Encheu um copo de vinho barato e pôs-se junto à janela a olhar para o exterior. Mais abaixo, alguém gritava para o vazio, num discurso entaramelado, antes de começar a vomitar na sarjeta. Lindo. Libby abanou a cabeça e relanceou para o outro lado da rua.

Viu uma pessoa parada, meio abrigada pela penumbra.

O copo caiu-lhe das mãos e partiu-se quando ela fechou os olhos. Abriu-os de seguida.

Expirou. O cabelo preto desgrenhado tinha desaparecido.

Levou o cutelo da mão ao coração acelerado e sentiu mais uma onda de náuseas irreprimíveis. Estava a perder o controlo. Os sonhos, a paranoia, a sensação de que alguém a observava. Não tinha descanso. Na semana anterior alguém lhe dissera que um homem perguntara por ela e a primeira coisa em que pensara não fora *oh, meu deus, eles estão a perceber que eu estou a mentir,* mas *Ezra, é o Ezra, encontrou-me.* Estava a ser assombrada por ele, como se de um fantasma se tratasse.

Libby tinha de encontrar uma forma de sair dali. Sair daquele tempo, sair daquela vida. Lembrou-se de quando os sonhos dela eram eternamente sobre Katherine. Era difícil acreditar que tinham sido tempos mais simples.

A tristeza da dor chocara-a durante muito tempo. A certa altura Libby percebera que nunca se livraria da irmã, nunca deixaria de esperar ver Katherine sempre que virasse uma esquina e já tinha aceitado que seria sempre assim. Mas agora?

Havia um fio fino de fumo a subir de baixo do vidro partido e Libby deu um pulo, apressando-se a apagar as pequenas chamas que começavam a arder nas fibras cor de beringela do tapete selecionado pela LARCMA para o apartamento.

Aquilo, pensou ela quando se agachou para recolher os pedaços de vidro partido do copo, da sua mente fraturada. Aquilo teria de acabar.

Demorou alguns dias a obter a autorização da universidade.

Primeiro fora-lhe recusada em grande parte por Libby não ser um membro a tempo inteiro do corpo docente, pelo que tivera de ser ela própria a preencher os formulários de aprovação e a apresentá-los. Entrou à socapa para os receber no fax do escritório e depois namoriscou escandalosamente com Fare para o convencer a deixar Belen tirar uma semana do curso completamente banal (mas magistralmente ministrado, assegurou-lhe Libby) sobre desgaste químico, que era um requisito para a bolsa de Belen e, por conseguinte, para o visto. Mais uma vez, Libby perguntou-se se Belen seria realmente necessária e, mais uma vez, respondeu-se a si própria que sim, sem dúvida.

Ao fim de uma semana estavam prontas para partir.

— A Academia da Escócia vai enviar uma equipa? — perguntou Belen, que vestia calças aos quadrados que deveriam ser horríveis, enquanto irradiava uma alegria que deveria ser raiva, dado que não iria haver nenhum envolvimento da Academia da Escócia, não iria haver nenhuma fonte de energia alternativa, não iria haver, bem, nada. Ela não o sabia, claro. E Libby não teve coragem de lho dizer. No entanto, Belen estava sempre a falar do impacto que o artigo que iriam escrever iria ter. Libby, que viera de várias décadas mais tarde, já sabia que o mundo que Belen tinha esperança de construir não existiria em 2020. Talvez até muito mais tarde. Se é que alguma vez viria a existir. Mas dizê-lo não lhe parecia oportuno.

— Vamos só fazer alguns testes — recordou-lhe. Libby tinha esperança de poder fazer a parte dos testes sozinha, sem revelar demasiado o que (e,

logo, quem) era na verdade. Partindo do princípio de que a linha de Ley teria energia suficiente. Partindo do princípio de que a linha de Ley *existia* sequer, ou que campos magnéticos em rotação fossem capazes de produzir toda a energia que ela esperava que produzissem fracionariamente. Não se resumiriam a nada, com certeza — o motor de indução de Tesla já o provara —, mas teriam de ser inimaginavelmente poderosos para levar Libby do ponto A (1990 — Libby dissera feliz Ano Novo à nova década enquanto evitava a tentativa desajeitada de Mort lhe dar um beijo) ao ponto B (o mais próximo possível do momento em que ela fora levada, dependendo da precisão com que fosse capaz de selecionar o ponto de chegada).

— Certo, está bem. — Belen estava nervosa em relação aos transportes medeicos. Não que preferisse aviões, segundo ela. Era supersticiosa e andava com o rosário da avó, em que não acreditava, pretensamente, mas que, ao fim de algum tempo, não conseguiu deixar ficar para trás.

(— Acho que é melhor não enfurecer nenhum espírito — dissera.

— Isso é alguma coisa católica? — perguntou Libby.

— Quase? É sobretudo o colonialismo a aparecer — respondera Belen.) Libby gostava muito de Belen.

Talvez um pouco de mais, na verdade, porque ela precisava da ajuda de Belen, mas também não queria dizer a Belen *porque* precisava da ajuda dela. Como é que ela haveria de explicar? *Oh, Belen, já agora, eu costumava ter acesso a uma biblioteca senciente mágica pela qual estava disposta a matar? Era algo de que eu gostava e de que tenho saudades e agora quero voltar? Na verdade, Belen, sou uma viajante no tempo vinda do futuro, estás a ver, e posso ter dormido com um dos meus colegas, com o qual gostaria também de (talvez) voltar a dormir.* (E ainda havia a pequena questão dos pais!! Era bom não os esquecer.)

Mas os transportes, pelo menos, eram simples. Continuavam iguais. A versão dos transportes no futuro de Libby contava com mais destinos, mas Los Angeles, para Nova Iorque, para Londres (havia uma transferência, que não era ideal, mas não era terrível) era suficientemente simples. Depois, apanhariam um comboio e mais tarde um autocarro. E um barco. E, por fim, assim que chegassem à Ilha de Lewis, seguiriam para o círculo de pedras.

— Não sei como é que tu estás, mas eu estou exausta — disse Belen quando o comboio parou em Inverness. — O que achas de reservarmos um quarto para esta noite?

Libby estava praticamente morta em pé.

— Sim, boa ideia.

Encontraram uma capela convertida do século XVIII com uma única vaga e aceitaram o preço sem pensar duas vezes. O quarto era depois de umas escadas incrivelmente estreitas em que Libby bateu com a canela duas vezes antes de decidir transportar-se magicamente o resto do caminho.

— Exibicionista — disse Belen, ofegante, quando abriu a porta vários minutos mais tarde.

Libby já estava no lado direito da cama de casal quase a desmaiar.

— Não te importas — murmurou —, pois não?

Belen deixou-se cair na cama ao lado dela.

— Graças a deus — disse ela e acrescentou mais alguma coisa, embora Libby não a tivesse ouvido, já a dormir embalada pelo calor do quarto e a suavidade dos lençóis.

— ... lá, está bem?

Libby pestanejou, sobressaltada, ao ver Gideon de novo ao lado dela. Estava sentada na piscina das traseiras de alguém com Katherine, só que Katherine não estava lá. Em vez dela, estava Gideon.

— Tu de novo — disse Libby.

— Eu de novo — concordou Gideon. Estava a usar um biquíni muito parecido com outro que Libby tanto cobiçou quando andava no oitavo ano e estava na piscina com a água pela cintura, embora não parecesse estar molhado. — Alguém anda atrás de ti.

— O quê?

— Alguém anda atrás de ti — repetiu Gideon. Libby estava a tentar não olhar para o peito exposto de Gideon, que era tão pálido, que parecia mais um espelho do que pele. — De todos vocês.

Estranho. Não lhe parecia esse tipo de sonho. Parecia-lhe mais nostálgico do que emergente.

— Todos quem?

— Vocês, o que resta de vocês. Nico, o telepata. A Sociedade inteira.

— Oh — suspirou Libby. — Isso. Sim, eu sei.

Gideon inclinou a cabeça.

— Sabes?

— Bem, parece haver um plano completo. Algo sobre apanhar-nos a todos por ordem para salvar o mundo. — O sol ia alto e estava escaldante ou talvez o calor viesse de outro lugar qualquer. — Ele sabe tudo sobre nós. — A menção de Ezra deixou o céu mais cinzento. Libby estava vagamente ciente da presença de destroços e cinza a flutuar.

— Ele? — repetiu Gideon, com uma expressão ligeiramente pesarosa. — Sabes quem, por acaso? Porque... — Inspirou profundamente, a lutar consigo próprio. — Isto vai parecer uma loucura, bem sei, mas tem alguma coisa que ver com...?

Libby vislumbrou algo que a distraiu. Uma pequena distorção na periferia que a fez recuar da proximidade do fumo. Sentiu um cheiro diferente, mais leve. Talvez rosmaninho. Alguma lavanda.

— Oh, vá lá — disse Gideon. — Libby, *espera...*

Libby abriu os olhos e passou a mão no cabelo de Belen, cada vez mais ciente do calor insuportável dos cobertores. O cheiro a ervas do sabonete do hotel, a que não estava habituada, levou-a de volta à súbita realidade de que estava no quarto, naquela pequena cama da pensão. Lembrou-se de algo, de uma piscina, da irmã. De um céu turvo e escurecido.

De Ezra, que estava a tentar matá-la.

Libby sentou-se com um resfolego. Do outro lado da janela, o céu estava escuro e o relógio dizia que era de noite.

Início da noite. A hora de jantar mal tinha chegado e Libby estava bem acordada.

— Raios — resmungou, ao aperceber-se de que tinha sido enganada pelos fusos horários mais uma vez. Levantou-se e seguiu em bicos de pés para junto da janela ao lado da cama. Passou o dedo pela corda de veludo das cortinas e contemplou a tranquilidade da rua estreita.

— Também estás acordada? Desculpa — suspirou Belen a virar-se de costas.

— Não foi minha intenção acordar-te, mas sou um pouco agitada na cama.

Libby virou a cara por cima do ombro.

— Agitada?

— Sim. Não o consigo evitar. Mexo-me muito. — Belen sentou-se e espreguiçou-se e a *T-shirt* subiu acima do umbigo. Libby tentou não reparar.

— Poderíamos continuar o nosso caminho — sugeriu Belen, que, pelos vistos, não tinha visto a atenção de Libby a divagar. — Já que estamos ambas acordadas.

Libby aclarou a garganta, grata pela distração.

— A esta hora? — Estendeu a mão para a mesinha de cabeceira para pegar no horário dos autocarros e deu-lhe uma olhada rápida. — Não iria haver nenhum barco disponível quando chegássemos lá.

— Argh, tinha-me esquecido disso — suspirou Belen. Depois, apalpou o espaço na cama à volta dela e pegou no comando da televisão. — Queres ver alguma televisão? — propôs num sotaque incrivelmente incorreto.

Libby voltou a relancear pela janela para olhar para a escuridão da rua vazia, uma estrada de um sentido de velhas casas de tijolos e pitorescas pensões campestres. Uma sombra a tremeluzir provocou-lhe um arrepio, inoportuno, na espinha e ela fechou as cortinas rapidamente. Acordada ou a dormir, era a mesma coisa.

Reparou que Belen a observava.

— Encontraste alguma coisa boa? — perguntou Libby a apontar para a televisão e a mexer com o cabelo. Velhos hábitos. Por sorte, Belen decidiu não fazer comentários.

— Não faço ideia. Belen voltou a olhar para a televisão a mudar distraidamente de canal e claramente a tentar pensar no que dizer. — Acordei algumas vezes — fez saber ao fim de um momento ou dois antes de acrescentar — Tu não dormes nada bem, pois não? Falas enquanto dormes.

Libby abraçou o tronco, subitamente gelada.

— Falo?

— Parecias estar a falar com alguém. — Belen ficou em silêncio por um momento. — Ezra?

O nome dele, que não era completamente inesperado, parecia mais uma entrada ilegítima. Um assalto repentino numa atmosfera de paz conseguida à custa de muito esforço.

— Oh. Isso é... — Tinha uma negação ambivalente na ponta da língua. A *sério? Estranho. Não é nada.* Mas, ao fim de muitos meses a olhar por cima do ombro, a tentação — o *desespero* — de contar a alguém, era...

Não, decidiu Libby. Não era uma pessoa qualquer.

Tratava-se de *Belen*, que era a única verdadeira amiga que Libby tivera ao longo de quase um ano. Belen, que tinha contado confidências a Libby, que tinha confiado em Libby. Belen, que deixara a ilusão que criara para si própria cair cautelosamente como pele descamada e revelara suavidade na autenticidade subjacente; brincos de cadeado, meias de rede, uma pequena aranha tatuada na omoplata. Coisas que escondia de todas as outras pessoas do mundo.

Não obstante as viagens no tempo, parecia-lhe perfeitamente normal ter um passado romântico. Ou um futuro. Fosse qual fosse a cronologia no momento em que se encontrava. O que interessava era que se tratava de um segredo que Libby poderia partilhar com mais segurança, e escolher não o fazer seria fechar uma porta que Belen lhe tinha deixado entreaberta com tanta delicadeza.

— Não tens de me dizer nada — disse Belen, cautelosa, ao reparar na hesitação de Libby.

— Não, eu... — Libby respirou fundo. — Peço desculpa. Eu só... é um ex-namorado. O Ezra. É meu ex-namorado da faculdade. Foi uma coisa séria — disse ela muito rapidamente. — Muito séria. E, de certa maneira, fui eu que estraguei tudo...

— Duvido. — Belen tinha um ar solene.

— Não, é verdade. Mas depois ele ainda piorou mais as coisas — disse Libby com um sorriso sem alegria.

Tentou evocar o resto da história, ou, pelo menos, uma versão da história que ela pudesse contar sem revelar os detalhes mais complicados da situação em que se encontrava. Infelizmente, não se lembrou de nada e olhou pela janela de novo, contemplando a paisagem em silêncio.

— Sabes — apontou Belen para as costas de Libby —, eu fiz algumas investigações sobre ti.

— Foi? — Libby virou-se num ápice para ela.

— Sim. — Enquanto o coração de Libby batia mais depressa, inquieto, os olhos negros de Belen perscrutavam-lhe o rosto. — Não havia nenhum registo teu na NYUMA — disse Belen calmamente. — Libby, parece que ninguém ouviu falar de ti por lá. Não foi de lá que vieste, pois não? Não — decidiu sem hesitação. — Não me respondas. Eu já sei que não foi.

Libby esperou, sem saber bem o que dizer, mas a expressão de Belen não era de acusação. Quando muito, parecia... simpática. Possivelmente afável.

— Também sei que tens andado a esconder alguma coisa desde o momento em que chegaste. Sei que tens andado assustada, talvez até aterrada, e sozinha. — Belen inclinou a cabeça, um sorriso lamentoso. — Libby, não tens de me dizer nada.

Libby engoliu em seco.

— Eu...

— Não tens de me dizer nada — repetiu Belen — porque eu já sei. Ele ameaçou-te, não foi? Deixou-te a pensar que viria à tua procura? Para te castigar? Ou talvez — acrescentou com a voz baixa — já o tenha feito.

Com um arrepio, Libby fechou os olhos. Inspirou, trémula, e abriu-os.

— Seja qual for o lugar de onde vieste — disse Belen — podes guardá-lo para ti. — Os olhos de ambas cruzaram-se por breves momentos e o canto da boca de Belen contraiu-se de simpatia ou de promessa. — Os teus segredos estão seguros comigo, Libby Rhodes.

Belen fitou Libby com uma estranha expressão no rosto, os olhos postos nos dela durante uma ou duas pulsações do coração cansado e dorido de Libby.

Depois, Belen voltou a olhar para a televisão, que estava a passar um programa de humor. Libby viu Belen a rir-se para si própria ao ouvir uma piada, os lábios cor-de-rosa e delicados a iluminar-se com uma calma melancólica antes de voltar a baixar a cabeça e olhar para as mãos. Os risos enlatados do programa eram ruidosos e Libby estendeu a mão para o comando para baixar o volume.

— Não temos de ver nada — disse Libby, a expetativa a sufocar-lhe a garganta.

Belen seguiu o movimento dos dedos de Libby quando esta desligou a televisão. Depois, Belen levantou o olhar para o rosto de Libby antes de voltar com um aceno para debaixo dos cobertores e se deitar de lado. Libby fez o mesmo: subiu para a cama e deitou-se ao lado de Belen de forma que os joelhos se tocassem debaixo do edredão.

— Está calor aqui — disse Belen.

— Sim — concordou Libby. Estava. Libby já não estava a tremer nem sentia arrepios. Estava, antes, muito confortável. No calor áspero da flanela. No sentido em que ali, se mantivesse os braços e as pernas debaixo dos lençóis, não haveria nenhum monstro, passado ou presente, que pudesse aparecer subitamente.

— É estranho, isto? — perguntou Belen de súbito. Os olhos pretos estavam arregalados e líquidos.

Só então se tornou claro para Libby que tinha chegado a um lado de uma ponte intangível, mas crítica. Atravessá-la seria confessar todo o tipo de coisas inadmissíveis.

Libby engoliu em seco. Depois expirou.

A resposta era sim, claro que era estranho. O tipo de estranheza que antecedia a ponta de uma escarpa, uma queda acentuada. Um gole de absinto e um primeiro beijo. Libby sabia que se estava a envolver em demasia naquele tempo, que não era o tempo dela. Naquela vida, que não era para ela.

Mas, naquele momento, tudo isso era trivial. As impossibilidades, e inevitabilidades, eram demasiado vastas para serem compreendidas.

— Sabes que eu não sou realmente uma professora, não sabes? — perguntou ela a Belen, a boca subitamente seca.

O sorriso de resposta de Belen abriu-se devagar, a voz um murmúrio rouco.

— Sei. Mas não me importo de te tratar por professora se quiseres — respondeu Belen antes de puxar Libby para junto dela com uma mão.

Os lábios de Belen eram um sussurro de *Pepsi* de cereja e pastilha elástica revestida num rebuçado. Mas mesmo isso, um beijo cauteloso da boca cuidadosa de Belen era uma sensação descontrolada. A sugestão de pressão era como uma centelha para a imaginação de Libby, que lhe acendeu algo dormente no peito quando um gemido de satisfação se lhe escapou dos lábios entreabertos para a boca sorridente de Belen.

— Tinha esperança de que dissesses isso — disse Belen num sussurro rouco, a ponta da língua a roçar na de Libby enquanto os dedos de Libby dançavam debaixo da blusa dela.

O choque da pele macia de Belen foi suficiente para produzir mais um pequeno gemido, um arrepio prazenteiro de satisfação da curiosidade. Libby fechou os olhos e deixou que Belen a virasse de costas enquanto lhe distribuía beijos no maxilar, atrás da orelha, pela garganta abaixo. Libby expirou ao sentir um calor crescente a encher-lhe a barriga, o corpo a relaxar, complacente, sob o peso dos quadris de Belen. Belen tirou a camisola. Tirou o *top* de alças por cima da cabeça. Libby estendeu a mão para o corpo dela e viu o estômago de Belen a contorcer-se levemente com o toque dela e ouviu os vestígios da voz de Parisa na cabeça: *vai atrás do que queres, Rhodes.*

Aproveita.

— É — começou Libby, antes engoliu em seco. O coração acelerado. — É melhor não.

Belen ficou subitamente paralisada e afastou-se.

— Desculpa, deveria ter perguntado. Se não queres...

— Não, não, queria dizer... com licença. — Com um leve empurrão, Libby afastou Belen para o lado e deitou-a de costas. — Posso? —

perguntou em voz baixa, a passar o dedo pela garganta de Belen até às costelas.

— Sim. — Belen parecia extasiada. — Sim, por favor.

Libby colocou-se às cavalitas nos quadris de Belen e puxou os braços de Belen para cima da cabeça dela enquanto se baixava para a beijar, o cabelo a cair em ondas à volta de ambas. Tinha o cabelo mais comprido, grande de mais. Suficientemente comprido para Belen emaranhar os dedos e ofegar baixinho aos ouvidos de Libby.

Libby levantou-se para puxar a camisola de capuz por cima da cabeça e voltou a baixar-se para deixar a pele a arder tocar na de Belen e provocar um arrepio comum. Animada pelo impacto, Libby baixou a cabeça para mordiscar a clavícula de Belen, uma mão a entrar entre os quadris de ambas para afagar-lhe a curva da coxa.

— Talvez não devêssemos ir tão depressa — sussurrou Belen, os dedos a apertar a pele nua da cintura de Libby. — Não quero apressar isto.

— Isso é o catolicismo a falar? — perguntou Libby, e Belen deixou escapar um riso sonoro.

— Quem me dera poder dizer que algum dos sermões da Lola se revelou eficaz — devaneou Belen enquanto Libby enterrava um sorriso no cabelo dela —, mas, infelizmente, não posso. O problema — confessou — é o enorme fraquinho que tenho por ti.

— O quê?

Libby recuou, a pestanejar, e Belen mordeu o lábio.

— Desculpa, fui longe de mais?

— Eu... — Foi. Não. Não por si só, pelo menos. Embora Libby tivesse ficado a perguntar-se se quereria voltar a fazer aquilo. E a resposta era um sim fácil, claro. Sim, sem dúvida, mais do que uma vez seria o desejável, talvez até o ideal. Belen, desconfiava Libby, não era a única com um fraquinho.

Mas Libby não tinha muito tempo para perder. O futuro — o futuro *dela* — estava algures à sua espera. Não podia sequer prometer o dia seguinte, muito menos a quantidade de dias a que Belen poderia ter direito, ou poderia querer.

Libby tinha a sensação de que a hesitação que exibia era demasiado evidente. Belen pestanejou, a expressão cuidadosamente reservada quando disse:

— Eu não quis deixar as coisas demasiado sérias. — Engoliu em seco. — Ignora-me, estava só...

— Não, tens razão. Devíamos abrandar. — Libby recuou e afastou-se. O ar entre elas parecia frio com alguma coisa, que ela esperava que Belen pensasse que era contenção e não rejeição. — Muito tempo, não é?

Mais uma mentira num monte de mentiras. Mas aquela teve pelo menos a virtude de fazer Belen sorrir, mesmo que apenas por um momento.

— Sim — disse Belen, virando-se de lado para voltar a olhar para Libby. — Claro. Sem dúvida.

Libby virou-se de costas, preservando cuidadosamente espaço para os membros e as falsidades. De repente, os lençóis eram ásperos, demasiado quentes, e Libby teve a sensação de que Belen leu mais na distância de segurança que ela colocou entre ambas do que o tom leve e tranquilizador dava a entender.

— Será melhor dormirmos um pouco?

— Sim. — A voz de Belen parecia distante. — Sim, boa ideia.

Quando relanceou de novo para Belen, só lhe viu as costas, a respiração tão superficial e irregular, que ela não poderia estar a dormir. Libby sentiu as entranhas a revirar-se. Uma coisa era não contar nada a Belen sobre o futuro que ela já conhecia, a desilusão que se seguiria seria inevitável. Outra coisa, bem diferente, era mentir como estava a mentir naquele momento. Omitir uma verdade crucial e definitiva.

O autocarro na manhã seguinte percorreu as estradas estreitas da Escócia a balançar. O barco saiu na hora prevista, as vozes levadas pelo vento numa coleção de sotaques incompreensíveis. Chegaram à pensão que Libby tinha reservado e depois arrancaram em direção ao Círculo de Callanish, nem Belen nem Libby dispostas a sujeitar-se à preguiça do sono conjunto, as cabeças separadas por centímetros no quarto minúsculo, a brecha estreita entre as camas. O guia disse uma piada sobre círculos de

fadas e Libby riu-se educadamente; o sorriso de Belen, por sua vez, foi um pouco mais forçado.

Saíram do autocarro e seguiram uma multidão dispersa, um punhado de outros turistas. Belen e Libby deixaram-se ficar para trás, ambas anormalmente caladas. Talvez Belen fosse demasiado perspicaz. Ou Libby fosse má atriz. Fosse como fosse, ambas carregavam nos ombros uma sensação tácita de melancolia.

— E se chegarmos lá e não acontecer nada? — perguntou Libby, mesmo que apenas para quebrar o silêncio. Belen ficou mais tensa ao ouvir a voz de Libby e baixou a cabeça. O céu, escuro, trazia a promessa de chuva.

— Voltamos para casa e continuamos à procura, creio.

— Certo. — Era surreal, o hiato de possibilidades entre o nada e o tudo. Entre a probabilidade de sair dali de mãos a abanar e a possibilidade distante de um regresso. Algo teria de funcionar, pensou Libby em silêncio. Se não fosse aquilo, seria outra coisa.

Teria de ser outra coisa.

De longe, o círculo de pedras era como todas as fotografias que Libby tinha visto de Stonehenge. Ela e Belen esperaram, respeitosas ou talvez apenas hesitantes, que os outros à frente delas tirassem as fotografias que desejavam, mostrassem que estiveram junto do mito e da lenda e voltassem para junto dos diferentes guias para uma troca animada de palavras e uma caneca de cerveja.

Paulatinamente, os retardatários foram-se indo embora, à exceção de um. Havia um homem sozinho no centro do círculo, virado de costas para as restantes pessoas. Estava a olhar para a linha interminável de campos das Terras Altas da Escócia, as ondas de colinas que faziam contraste com a retidão da gola engomada da camisa que trazia vestida. Levantou uma mão e passou-a pela nunca, antes de parar, como se tivesse sentido alguma coisa em cima do ombro.

Quando se virou, foi como uma memória muscular. Como uma atração antiga e pouco natural; um puxão silencioso e invisível numa corrente familiar de tempo e espaço.

Por um momento, Libby ficou paralisada como que atingida por um relâmpago, por uma familiaridade efémera, a presença súbita de uma versão anterior dela própria. O baque arrastado da pulsação suspenso e reanimado. O homem no círculo franziu o sobrolho, a testa enrugada em reflexão e expetativa, e depois os olhos de ambos cruzaram-se. E assim ficaram.

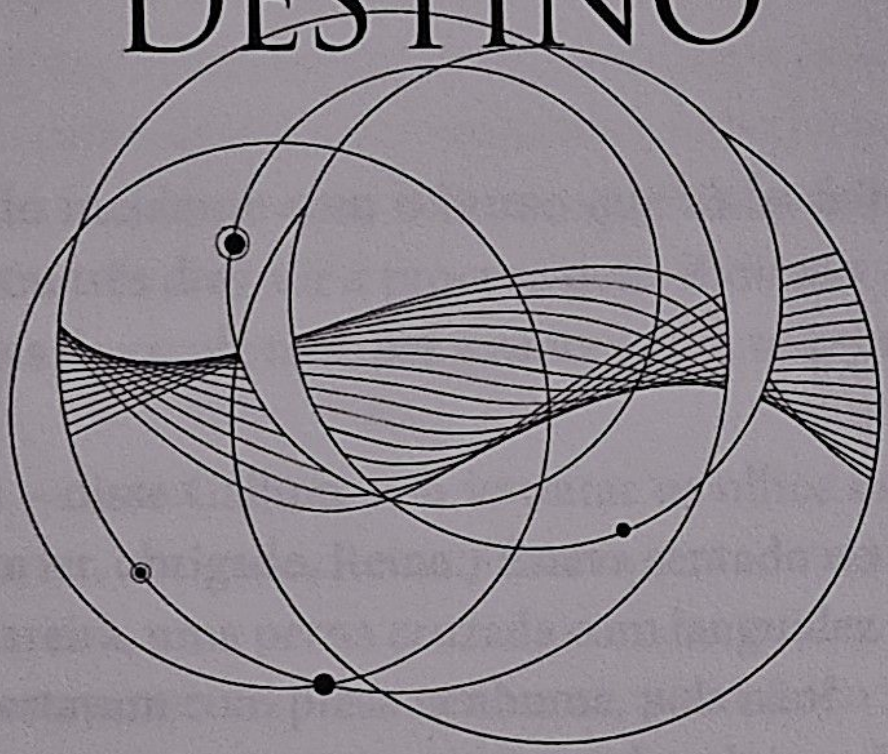
— Tristan — suspirou Libby sem avisar, a boca seca em redor do espectro do nome dele.

A boca séria de Tristan Caine entreabriu-se e, em resposta, o coração de Libby ficou frenético.

— Olá, Rhodes — disse ele.

VIII

DESTINO



• Callum •

Depois do incidente com o bruxo que tinha feito cativo, Tristan demorou três dias a ir à procura dele. Ridículo. Como se fossem meninas de escola três dias à espera para responder a uma mensagem.

— Finalmente — disse Callum sem levantar os olhos do livro. (Porque, sim, Callum sabia ler, obrigado, Reina.) Estava sentado no sofá da sala pintada à frente da lareira, uma perna cruzada com languidez e paciência efervescente. — Não estavam com presa nenhuma, pois não?

Era a primeira vez que estavam juntos e sozinhos de propósito desde aquela noite um ano antes, o que aparentemente não lhes escapou. Tristan sentou-se na outra ponta do sofá imprudentemente pronto para uma discussão.

— Foste tu que o obrigaste a dizê-lo? O nome do meu pai — disse Tristan com uma voz embargada de tensão. — Sabe-lo muito bem. E sabes o que significa para mim. Por isso, sabes porque tenho de perguntar.

Callum pousou o livro com um suspiro irritado e virou-se para olhar para ele.

— Sim — respondeu Callum secamente, e Tristan ficou branco, talvez inteligentemente a prever o que se seguiria. — Pensei «sabes o que seria engraçado?» — brincou Callum. — «Vou inventar uma bonita historieta que irá perseguir o Tristan durante três dias e depois vou dizer-lhe que tudo não passou de uma piada, ah, ah.» Não é uma situação *extremamente delicada*, seguramente — acrescentou, chocarreiro. — Afinal, que possível conhecimento poderia eu ter de tão frágeis enredos emocionais? Nenhum, parece-me...

— Muito bem. Percebido. — A expressão de Tristan, uma espécie de bloco de gelo, não deixou de azedar. — Então, quer dizer que o meu pai me quer matar. Maravilhoso. Que novidade entusiasmante para mim. — Afundou-se mais no assento e tamborilou com os dedos no apoio de braços do sofá.

— Creio que é mais complexo do que isso — disse Callum.

— Em que sentido? — perguntou Tristan a olhar de soslaio.

— Oh, não faço ideia nenhuma — assegurou-lhe Callum a encolher os ombros. — Só me limito a partir do princípio de que estas coisas são complexas, mais nada. Se não emocionalmente, então talvez seja a questão da eliminação que o teu pai deseja complicar. Seja como for, duvido que seja assim tão simples.

— Tu — disse Tristan, a levantar-se de pronto — és um idiota incurável.

— Sim, eu sei. Já agora — acrescentou Callum, a lamber descontraidamente um dedo para virar a página do livro —, sobre a Rhodes.

Como era de prever, Tristan parou.

— Na verdade, eu *não* me tinha esquecido do nosso acordozinho com o Varona — salientou Callum. — Claro que nunca ninguém se lembrou de me perguntar o que quer que fosse sobre ele.

Os desejos simultâneos de se ir embora e de ficar guerreavam um com o outro de uma forma assaz satisfatória na cabeça de Tristan.

— Então, estás a dizer-me — disse ele com a voz tensa — que passaste os últimos meses a pesquisar formas de trazer de volta para esta casa a pessoa que mais odeias?

— Falso — disse Callum. — Eu não odeio a Rhodes. Nem sequer desgosto da Rhodes. Só não me interesso nem um bocadinho por ela.

— Muito bem, então porque é que...

— Na verdade, se a Rhodes voltar mesmo — continuou Callum —, penso que se tornaria deveras necessário terminar a tarefa.

— Eu... — Tristan pestanejou. — Desculpa, o quê?

— É um aparte, claro. Nada da tua conta, na verdade. O que interessa é que sim, fiz a minha investigação — apontou Callum, retirando um documento muito organizado e bem preparado do interior da capa do livro, cujo título era *Como Conquistar Amigos e Influenciar as Pessoas*, escolhido devido às muitas técnicas maravilhosas que ensinava. Por exemplo, uma forma de fazer com que as pessoas gostem de nós, que Callum estava a

empregar de forma muito eficaz. — Eu sei que tu e o Varona têm uma teoria muito inteligente sobre ondas flutuantes no espaço, mas pensam que talvez não seja suficiente.

Tristan ainda estava encravado no tema anterior, o que não ajudava.

— O que queres dizer com terminar a tar...

— Veio a verificar-se que eu prestei a devida atenção às aulas não obstante as graves acusações de que estou aqui pelas razões erradas. Na verdade, fiz todos os cálculos sobre o que é preciso para trazer a Rhodes de volta, o que talvez os impressione — disse Callum com um floreado —, e como já todos sabem, mas preferem ignorar de forma bastante imbecil, para criar o buraco de minhoca que o Varona e a Rhodes construíram, também tiveram de criar uma explosão controlada de enorme magnitude. Não deixou de ser pequena em termos relativos, claro, porque o que eles fizeram também foi pequeno — apontou Callum —, por isso, quanta energia é que acham que é suficiente neste caso particular? Algo muito menos inócuo. E com poder suficiente para assegurar precisão? Para a fazer chegar no *preciso* momento em que se foi embora?

Tristan não disse nada.

— Mesmo que tenham conseguido encontrar uma energia bruta necessária para esse tipo de produção mágica, terão de a canalizar corretamente. Nas paisagens selvagens da Escócia não é possível encontrar nenhum tipo de *controlo* — concluiu Callum com vivacidade. — É por isso que a pequena excursão que estão a planear, precipitada e insensatamente e mais com o coração do que com a cabeça — acrescentou Callum —, não vai funcionar.

Tristan cerrou a boca de teimosia.

— Então achas que nem sequer vale a pena tentar, é? — Revirou os olhos. — Muito inovador.

— Não, não, absolutamente incorreto. — Callum fechou o livro com um estalo distraído e levantou-se. — Não quero apenas que tentes, Tristan. Quero que sejas *bem-sucedido.* Quero que sejas bem-sucedido de uma forma tão espetacular, que chegues a acreditar que és invencível e invulnerável e, em última instância, uma versão mais evoluída daquilo que

és atualmente. Mas é claro que não vais fazer isso — concluiu Callum, não sem acrescentar com um suspiro —, o que é muito triste para mim, porque eu sou um verdadeiro otimista.

A confusão que se esvaia dos poros desconcertados de Tristan largava um cheiro pungente.

— Estás a manipular-me de alguma maneira. Sei muito bem que estás a tentar convencer-me a desistir.

— Não estou a fazer nada disso, Tristan, valha-me deus. — Callum estendeu as notas detalhadas que tinha feito na direção de Tristan. — Toma, fiz os cálculos por ti. Esta é a potência de que precisas para gerar uma reação de fusão pura.

Tristan estendeu a mão para a página de notas como se pensasse que podia morder.

— Onde é que foste buscar isto?

— Sabias que há uma *biblioteca inteira* lá atrás? — perguntou Callum, a arregalar os olhos de forma chamativa para imitar a ingénua de franja preferida de Tristan.

Ao ver a expressão carrancuda de Tristan, Callum respondeu tranquilamente:

— Já te disse, fiz os cálculos. Há séculos. Já com três *whiskies* no papo, diga-se. Na verdade, sou muito mais inteligente do que as pessoas acham, o que é absurdo. E injusto. E inqualificavelmente grosseiro. — Callum, que não tinha bebido uma gota de álcool nos três dias anteriores, sentiu-se embriagado de prazer. — No entanto, sou o único desta casa que te ajudou de alguma maneira, Tristan, pelo que não tens de agradecer.

Tristan estava a examinar o papel, à procura de algum truque, como se estivesse escrito a tinta invisível.

— Qual é a contrapartida?

— A contrapartida? — Hilariante. De morrer a rir. — Quer dizer que ainda não a viste?

O olhar furioso que recebeu de Tristan era de uma beleza implacável.

— A Rhodes — explicou Callum — só conseguirá transportar-se no tempo por meio da criação de uma enorme explosão. Enorme até que ponto? Excelente pergunta, Tristan. Estamos a falar de uma dimensão *nuclear* — asseverou Callum, inebriado. — Uma força *letal.* Uma fusão de isótopos de hidrogénio tão potente, que seria como regenerar uma estrela. Tão enorme e, francamente, não testada que a zona pode muito bem ficar radioativa durante anos, com uma magnitude que levaria à morte de qualquer pessoa no raio de quilómetros. — Olhou para Tristan para ver se ele estava a acompanhar o raciocínio. Pela expressão pálida que tinha no rosto, estava. — A única possibilidade de a Rhodes criar um buraco de minhoca desta magnitude é, como creio que já sabes, alavancando a energia criada por uma arma de fusão perfeita, que até hoje nunca existiu — salientou Callum sabiamente — e que só poderá existir se a *própria Rhodes* decidir provocar uma explosão com um potencial exponencialmente maior do que a bomba atómica para criar danos duradouros.

Tristan não disse nada. Sabia que Callum tinha razão, conhecia o desespero da situação, e, da mesma forma, Callum sabia que não havia nada mais deploravelmente vazio do que mostrar que se estava certo desde o início.

— Podes ser capaz de bater as leis da física, Tristan — disse Callum — e, com a ajuda do Varona, *podes* conseguir vencer as leis da natureza... mas...

Neste ponto, Callum aproximou-se de Tristan e viu-o a proteger-se com um baque seco de raiva preventiva.

— ... nunca irás vencer a natureza da Rhodes — destacou Callum triunfantemente. — E isso, meu amigo, é, como te venho avisando há quase dois anos, precisamente o busílis da questão.

Callum percebeu que Tristan sabia que ele tinha razão porque sentia a sensação de naufrágio, a investida de pavor. Tristan não levantou os olhos da página de cálculos espetacularmente precisos de Callum. Afinal, o que iria ele encontrar?

Ah. O doce sabor da esperança a definhar.

Não havia mais nenhuma conclusão a tirar. Não havia alternativas. Para conseguir voltar atravessando o tempo e o espaço, Libby Rhodes teria de se pôr à frente de toda a gente. À frente de *tudo.* Teria de encontrar a força

para enfrentar a sua própria moralidade e dizer: que se foda; eu sou mais importante.

O que era completamente impossível. Uma comédia de enganos levada ao expoente máximo. E fora *isso* que Tristan escolhera em vez de Callum! Fora isso que ele fizera. E, nos canais sombrios que lhe irrigavam o alegadamente inexistente coração, Callum esperava que Tristan sofresse por isso. Esperava que deixasse Tristan a sentir dor durante o resto da vida, e se, por alguma razão, tal não acontecesse, Callum tinha outros planos na manga. Afinal, era mais inteligente do que todos os outros pensavam. Passara um ano a ser extraordinariamente insolente e chegou à conclusão inevitável de que, na verdade, nada daquilo importaria, porque não havia problemas de maior. Não havia nenhum vilão. Atlas Blakely poderia ter querido Callum morto, mas isso não fazia dele o mau da fita. Tristan poderia ter traído Callum, mas também não era o mau da fita. O mundo era assim. Confiavam nas pessoas, amavam-nas, ofereciam-lhes a dignidade do tempo, a intimidade dos pensamentos e a fragilidade da esperança que tinham, e ou elas as aceitavam e se preocupavam com elas ou as rejeitavam e as destruíam. E, afinal, nada dependia deles. Era assim que as coisas funcionavam. O desgosto era inevitável. A desilusão uma garantia.

Esta era a conclusão a que Callum tinha chegado e de que não gostava. Aceitava-a. compreendia-a. Não a apreciava.

No entanto, queria gozar o prato durante algum tempo antes de sair dali. Portanto...

Bem.

— Não tenho nenhum cão nesta luta — disse Callum a Tristan, a conter um sorriso. Tristan, coitado, ainda estava a olhar, entorpecido, para os cálculos que tinha na mão, pelo que não conseguia ver o prazer mal contido de Callum pela forma como lhe dera aquele golpe delicioso e perfeito. — Eu sei que tu sabes que eu tenho razão. Tanto sobre isto — disse ele, a bater com o dedo na página que Tristan tinha nas mãos — como sobre a Rhodes. Mas também sei que vais chegar às conclusões que quiseres e nada disso depende de mim.

— Então porque o fazes? — perguntou Tristan. A voz era grave de ressentimento, talvez amargura. Talvez até tristeza, mas o que haveria

Callum de fazer com isso?

— Porque disse que o faria — disse Callum com frieza. — Porque no dia em que fizemos os nossos rituais de iniciação, alguém me pediu uma promessa. Eu dei-a e mantive-a. — Era muito simples, na verdade. Tratava-se de decisões com as quais Callum conseguiria viver. Não se importava com o que acontecia ao mundo nem se preocupava com a possibilidade de Atlas Blakely criar outro. Atlas Blakely poderia criar todo um novo universo e não importava, porque nada importava. E não seria essa uma bela ironia? Atlas Blakely queria construir um mundo novo porque era um burocrata mágico clinicamente deprimido *que já sabia que nada importava.*

Para dizer a verdade, Callum estava a sair-se muito bem com a dor que sentia.

— Vou trazê-la de volta na mesma. — Tristan levantou a cabeça e todo ele ardia de certeza, o que, céus, era esgotante.

— É possível — disse Callum com moderação.

— Somos diferentes — insistiu Tristan. — Todos nós. Por termos estado aqui. Por termos caminhado nestes corredores, por termos lido estes livros...

— Sim, uma experiência mágica, verdadeiramente — concordou Callum sem grande expressão.

— Podes rir-te — atirou Tristan —, mas não somos as vítimas das nossas fraquezas que é tão óbvio que acreditas que somos.

Interessante, pensou Callum. Tristan parecia não estar a ouvir-se a ele próprio.

— Isto não foi nada para ti — continuou Tristan. — Só mais uma oportunidade numa vida de oportunidades, portanto, tudo bem. Podes sair disto sem teres mudado, ainda bem para ti. Mas para o resto de nós... para *mim...*

— Eu disse que isto tinha alguma coisa que ver contigo? — interrompeu Callum, cuidadosamente inexpressivo, mas, por uma vez, Tristan conseguiu surpreendê-lo.

— Claro que tem que ver comigo. — Tristan falava de forma ríspida e da lareira ouviu-se uma série coincidente de estalidos e crepitações. — Eu

estava lá, Callum. Eu estava *lá*, caralho.

O peito de Tristan subiu e desceu de angústia e Callum deixou-se ficar quieto, a suportar o peso inesperado do que estava a acontecer.

— Quer fales no assunto quer não — disse Tristan, a voz pesada de ironia, — isto, entre nós, foi real para mim. Podes fazer de conta que não teve importância. Que fui eu que te enganei. Que não fazias ideia de como as coisas aconteciam. Que eu fiz uma escolha com base em nada, com base nas minhas próprias inseguranças e falhas. Mas não sou assim tão idiota, não sou assim tão desprovido de *sentimento* — atirou Tristan — ao ponto de não saber perfeitamente que tu e eu tínhamos algo raro, difícil e com um significado do caralho que, afinal, só se quebrou por minha causa.

Callum sentia que o peito tinha sido amassado por um enorme macete de desenhos animados.

— Por isso, sim — concluiu Tristan com o músculo ao lado do maxilar a vibrar. — Eu sei que isto tem que ver comigo.

Não falaram durante vários minutos. Era a primeira vez que Callum se lembrava de não conseguir sentir algo intangível na sala ou os sentimentos dentro dela. Percebeu mais tarde que era porque era *ele* que estava a sentir coisas. Sentiu a vitória a intumescer e a fazer-se raiva, pura raiva. Sentiu ira com uma intensidade que incandescia de perda. Queria, tal como quisera no início daquele ano miserável, assassinar Tristan. Agarrá-lo pela garganta, cortá-lo em fatias e servi-lo como um assado, e também, meticulosamente e com grande inconveniente para ele próprio, tecer uma coroa de flores carregada de significados não correspondidos para adornar a cabeça incrivelmente estúpida e em perfeito funcionamento de Tristan.

Mas, acima de tudo, Callum queria que Tristan sofresse profundamente por cada palavra honesta que lhe saísse da boca.

Por isso, estava a voltar ao começo, na verdade.

Aliviado com a inércia da conclusão a que acabou por chegar, Callum expirou. E sorriu. As pessoas não gostavam de ser contrariadas, disse Dale Camegie, mestre da influência, ao que parece. Era melhor não criticar, mesmo quando as pessoas estavam enganadas acerca de coisas estúpidas como as lealdades que tinham.

— Boa sorte — disse Callum. — Em tudo. Espero que as coisas resultem entre ti e a Rhodes.

A expressão de Tristan fez-se sombria.

— Não *acabei de dizer*...

Mas Callum passou por ele, a ignorar o impulso de parar e ouvi-lo. A ignorar o impulso de beber, também. A ignorar a maioria dos impulsos, na verdade, porque Callum tinha um plano, e isso era o mais importante. Tal como Atlas Blakely, Callum iria cingir-se ao plano que tinha, mesmo que, objetivamente, tivesse falhas e fosse conduzir a despotismo ou lágrimas.

Esbarrou com Dalton quando ia a sair da sala pintada.

— Desculpe — disse Dalton, num sussurro, a acenar para Callum com a cabeça enquanto evitava olhá-lo a todo o custo.

Callum parou.

Olhou por cima do ombro.

Era pouco habitual ver Dalton, que Atlas dissera que estava doente, o que, claro, não interessava a Callum, embora, pelo que lhe era dado a observar, Dalton estivesse de perfeita saúde. Não, o que era estranho não era a presença de Dalton, que não tinha importância nenhuma para Callum. Mas havia algo estranho. Algo distintamente novo e evidente.

Teria sido...?

Sal. Fumo. Uma mistura de ambos. Pouco habitual em Dalton. Algo não batia certo, deduziu Callum com o cenho franzido. Havia algo mais profundo do que o que havia anteriormente.

Mas esse era um problema de Parisa — ou, seguramente, de outra pessoa que não ele —, pelo que o ignorou e subiu as escadas enquanto assobiava *La Vie en Rose.* Era muito libertador ter um plano, pensou Callum ao passar por uma janela aberta e sentir um sopro profundo de ar invernal. Percebia porque Atlas ficava tão desesperadamente junto à dele. A primavera não demoraria a chegar, seguida do verão, seguido pelo inevitável golpe de todos os inimigos que ele tinha, ou, mais precisamente, o desespero e a sensação de perda que decorriam inevitavelmente de se ser humano e de se estar vivo. Maravilhoso.

Para um homem responsável pelas mortes brutais de quatro pessoas — amigas dele ainda por cima —, Atlas Blakely tinha algo na manga.

• Reina •

Reina desconfiava de que tinha tido um sonho sobre a avó ou talvez fosse apenas sobre a casa da avó. Não costumava manter lembranças dos sonhos, mas, naquela manhã, acordou com a sensação de que fora muito pequena pouco tempo antes.

Não, lembrou-se, entretanto, graças a um lampejo de algo, a uma ponta de vapor. Não foi a mãe que a fez sentir-se pequena, foi o Homem de Negócios, o padrasto. Era uma memória de novo, a mesma que tivera quando estava a observar o ritual de iniciação de Nico. Ele estava a perscrutá-la no café dela em Osaca. O Homem de Negócios, ou melhor, o ceifeiro, cujo negócio era a guerra, e logo a morte. Sonhou com a mesma cena, o mesmo nome estrangeiro, as mesmas palavras zangadas.

Ele já o fez uma vez, pode fazê-lo novamente!

Reina não pensava naquele acontecimento desde o dia em que Nico o trouxera à tona, mas fazê-lo deve ter desencadeado algo que lhe começou a atuar lentamente no cérebro. Algo que tinha na ponta da língua, porque ali estava ela, a pensar no Homem de Negócios de novo, o que quase nunca acontecia, e sobre o inglês que o tinha deixado tão irado, o que não foi algo que ela tivesse considerado relevante na altura. Parecera-lhe universal naquele momento, insignificante. Mas, passado todo aquele tempo, lembrou-se do nome outra vez retroativamente, com um significado súbito, como se uma cor latente ao fundo tivesse sido iluminada.

— Tive um sonho estranho — comentou Reina quando Nico passou por onde ela o esperava ao lado do fundo das escadas. Nico ia a assobiar alguma coisa a caminho da sala de leitura, mas parou, sobressaltado, ao ouvir a voz dela.

— Jesus. — Nico levou uma mão ao peito como se ela o tivesse alvejado, depois recuou para olhar para ela. — Desculpa, não te tinha visto aí...

— Não me esqueci, sabes. Da Rhodes. Na verdade — acrescentou —, pensava que iríamos trabalhar juntos para a encontrar. — Deteve-se. — Não era esse o acordo?

Nico pestanejou, com a expressão de um menino à espera de uma reprimenda. Depois recuperou cuidadosamente.

— Ainda podemos, não podemos? O ano ainda não acabou.

— O que é que o Tristan fazia para a Wessex Corporation? — perguntou Reina, a ignorar a resposta de Nico. Um pouco tarde de mais. — Eu sei que ele era vice-presidente. Que tipo de tecnologia financiava?

— Quem me dera saber. — Nico encolheu os ombros. — Tecnologia, presumo? *Software?* Maçanetas?

— Não sabes? — perguntou Reina sem expressão.

— Não somos propriamente amigos. — Nico estava a olhar para ela com uma expressão estranha no rosto. — Não achas que eu te substituí pelo Tristan de alguma maneira, pois não?

— Estava só a pensar — disse Reina — que no ano passado, tu e a Rhodes... o buraco de minhoca. A reação que causaste. Foi para gerar energia suficiente para o criar, não?

— Tu ajudaste-nos a fazê-lo — insistiu Nico. — Sem ti, não teríamos...

— Mais alguma coisa poderia ter o mesmo efeito? — perguntou Reina, que não estava à procura de lisonjas. — Fusão. Daquela dimensão.

— Oh. Hã. — Nico parecia vacilante e destabilizado. — Não sei.

Parecia que Nico não estava a contar a verdade toda.

— Não sabes?

Nico esfregou a têmpora, a pensar em que explicar.

— A maioria das coisas daquele tipo, produções de energia daquela dimensão, exige fissão para desencadear uma reação. — Fissão: separação de um átomo em núcleos menores. — É isso que gera a energia necessária para a fusão. — Fusão: combinação de diferentes partículas para a libertação de energia. — Normalmente, na fissão perde-se energia, o que impede uma reação de fusão mais explosiva, mas a Rhodes e eu... *e* tu — clarificou rapidamente — conseguimos contornar a perda de energia, pelo

que a reação foi... — Franziu o sobrolho, e concluiu corriqueiramente, — ... bem, maior, creio.

— Certo. — Reina já o sabia. — Então o que é que te poderia substituir a ti e à Rhodes?

— Hum. Nada, que eu saiba. — Nico não parecia mais presunçoso do que era habitual, pelo que devia ser a verdade e não uma hipérbole. — E esse é que é o problema — admitiu, o que explicava o tom de hesitação anterior. — Criar uma reação de fusão pura como aquela teria de ser por meio de magia. E a energia libertada teria de ser canalizada por um medeico dotado. Mas, para que funcionasse a uma dimensão significativa, também teria de ser uma reação maior do que qualquer coisa que um único medeico fosse capaz de produzir, pelo que mesmo uma pessoa muito, muito dotada continuaria a precisar de ser capaz de...

— Ter-me-ias matado? — perguntou Reina.

Naquele momento, Nico parecia perdido.

— O quê?

— Ter-me-ias matado? — repetiu Reina. — Se se tivesse transformado numa competição.

— Oh. Estás a falar do ano passado? Não. Céus, não. Claro que não. — Abanou a cabeça freneticamente.

— Agora é fácil dizer isso — observou Reina. — Estamos num momento em que mais ninguém tem de morrer, não é?

— Bem, mesmo assim. Não te teria matado. — Encolheu os ombros.

— Terias matado o Callum? — perguntou Reina.

— Bem... quer dizer, não — disse Nico, com uma expressão de incómodo. — Não, provavelmente não...

— Ou o Tristan?

Naquele momento, o sobrolho de Nico dobrou-se de dúvidas.

— Eu não...

— A Parisa ou a Rhodes não, decididamente — comentou Reina —, por isso, basicamente, não terias matado ninguém. — Reina estava a tentar per-

ceber por que razão aquela conclusão era tão dececionante quando Nico se pôs na defensiva abruptamente.

— Onde é que queres chegar com isto? — perguntou, irritadiço. Estava agastado, claro, não por não ter pensado no assunto antes, mas porque tinha sido levado a admitir algo que não tencionava confessar.

— Bem — disse Reina -, acho que só estou a tentar perceber o que raio estás aqui a fazer.

Nico olhou fixamente para ela.

— Só... isso? — perguntou. Ou melhor, exigiu saber. — Não falas comigo durante meses e é isto que tens a dizer? Perguntar-te por que raio é que eu existo?

— Não porque é que existes — disse ela com impaciência. — Só... o que fazes aqui. Se estarias disposto a matar alguém *hipoteticamente.*

Ele franziu o sobrolho.

— Sim, e...?

— Mas não era uma teoria. Nem uma hipótese. Era um requisito real.

— E? — Nico cruzou os braços em desafio sobre o peito. — Andas extremamente estranha há quase um ano e agora estás chateada por eu não ter pensado em matar-te?

Sim.

— Talvez.

— *O quê...* — Nico inspirou. Expirou.

— Além disso, não matarias outra pessoa para me manter viva — apontou Reina.

Nico ficou visivelmente indignado.

— Bem, se o Nova fosse atrás de ti com uma faca, tenho quase a certeza que não ficava lá só a olhar...

— Quase a certeza — repetiu Reina e o rosto de Nico contorceu-se numa máscara dele próprio. Frustração de menino.

Céus, parecia tão novo de repente.

— Está bem, que caralho queres? — perguntou Nico com veemência, antes de lhe responder com escárnio — Como se tu me fosses salvar. Pelos vistos, para ti não faz diferença nenhuma que eu esteja vivo ou morto.

Reina sentiu uma queda abrupta no peito que receou dever-se a algum tipo de sentimentalidade odiosa. Felizmente passou depressa. Foi-se. Expirou-se. Uma morte misericordiosa, na verdade. Porque o preço da admissão era demasiado. O custo da confissão era demasiado alto. Não, Nico, eu teria ateado fogo a qualquer pessoa que tivesse a mínima intenção de te magoar, e é esse o tipo de amiga que eu sou, quando decido ser amiga de alguém. O que nunca ousei sonhar fazer.

Até te conhecer.

— Está bem — disse ela antes de se virar para subir as escadas.

— Reina — chamou Nico, com voz de frustração. — Reina!

Reina disse a si própria que, na verdade, se tratava de um gesto tático. Responsável, até. Callum tinha deixado isso muito claro.

— Bem — dissera-lhe Callum na noite anterior depois de lhe chamar a atenção quando ela estava ocupada a rever as anotações que tinha entregado aos arquivos durante a primeira unidade sobre o espaço. — Só te estou a dizer isto porque acho que é importante que não faças nada estúpido — dissera de — e tenho a impressão de que, para manteres a cabeça no lugar, vais precisar de conhecer os factos todos.

— E que factos são esses? — perguntara Reina sem levantar a cabeça. Não costumava associar Callum a factos. Callum parecia-lhe excecionalmente emotivo, que era o que os outros pareciam não perceber nele. Se ele fosse realmente um psicopata, provavelmente mostraria muito mais trabalho feito.

Callum sentara-se na cadeira à frente da dela, ocupando imediatamente demasiado espaço.

— O Atlas Blakely está deprimido — dissera ele.

— Certo — respondera Reina, apática. — Quem é que não está?

— E, *por* estar deprimido — continuara Callum como se ela não tivesse falado —, está à procura de uma forma de abrir um portal para uma camada diferente do multiverso. É o que eu acho, pelo menos — qualificara Callum.

— Uma vez que duvido que esteja a tentar começar um novo universo de raiz.

— Oh. — Reina piscara os olhos. — Ele é capaz... de fazer isso?

— Ele acha que sim — confirmara Callum —, mas precisa que sejas tu a fazê-lo. Tem todos os elementos de que precisa exceto um. Bem, dois — esclarecera Callum — por causa de toda a situação com a Rhodes, mas isso não é importante. É contigo que estou preocupado.

— Porquê? — perguntara Reina, contrariada.

— Porque — dissera Callum — o tempo que ele tem para recrutamento está quase a terminar. E acho que, na verdade, ele é bastante bom a assegurar que as pessoas tomem as decisões que ele quer que elas tomem.

Reina arqueou uma sobrancelha para indicar que sim, as pessoas manipuladoras tendiam a fazer isso. Circunstantes incluídos.

Callum sorriu com malícia.

— Elogio aceite — dissera ele. — Mas há um senão. Algo que ele não te vai contar.

— Algo no ficheiro dele? — aventara Reina, a perguntar-se se seria algo ridículo como o casamento de Parisa. Presumivelmente, algo desconexo e pessoal que Callum consideraria interessante, mas Reina não, porque Reina não era uma...

— Matou quatro pessoas — dissera Callum. — Amigos dele.

— O *quê?* — As palavras deixaram-na com um golpe profundo, como uma rajada de surpresa.

— Bom, enfim, não precisamente — dissera Callum com um riso. Como que a dizer, ah! Semântica. — Mas sente-se responsável pelas mortes dos outros quatro iniciados neste grupo da Sociedade.

De novo, uma nuvem de surpresa e confusão.

— O quê?

— Não conheço bem os pormenores — admitira Callum a encolher os ombros —, mas sei que algo que o Atlas fez provocou a morte dos outros quatro. Não todos de uma vez. Não num acidente esquisito nem nada parecido. Mas quando a turma de iniciados seguinte foi recrutada pela

Sociedade, eles já tinham morrido extemporaneamente. Um foi alvejado no peito. Outro envenenado. Um terceiro teve uma forma agressiva de cancro. — Reina estremecera. — A última morreu enquanto dormia. Alegadamente.

Tudo aquilo lhe parecia shakesperiano e irritantemente dramático.

— Muito bem. E?

— E creio que algo terá corrido mal com o ritual de iniciação do Blakely. Não está no ficheiro dele, o que é algo que eu não consigo explicar. Talvez ele lhe tenha chegado primeiro, não set Mas foi ele que pretensamente matou o quinto membro, o cordeiro sacrificial. E eu sei — dissera Callum com a voz baixa. — Eu sei que o sangue que tem nas mãos é unicamente em segunda mão.

Problemático, se fosse verdade. Que era um se muito grande.

— Isso é adivinhação — apontara Reina. — Não são factos.

— Pronto. Só pensei que irias considerar que era importante. Enfim, como ninguém da nossa iniciação foi morto... — salientara Callum, antes de se levantar. — O que quer dizer que os arquivos ainda estão à espera de um corpo.

— Mas...

— Pensa nisso. — A expressão de Callum era estranhamente cândida. — Têm vindo a roubar-nos algo a cada um de nós, não têm? O Varona está um caco. A Parisa anda agitada como o caralho. Tu estás... a ser tu — dissera, com uma sobrancelha arqueada que Reina queria esbofetear. — E estamos todos a desmoronar-nos aos poucos à medida que nos vamos deixando ficar aqui. Por isso, se o Atlas te convencer a *continuar* a ficar, o que não vai ser difícil, como é óbvio...

— Não — dissera Reina. — Não, já te disse. Já decidi que me vou embora.

— Dizes isso agora — dissera Callum. — Mas, no fundo, não resistes a que te digam que és especial. *Única* — dissera ele, a voz um pouco próxima de mais da orelha dela. — Necessária.

— Eu sei o que sou. — Olhara para ele com uma expressão furiosa, espantando-o como a um mosquito, mas Callum limitara-se a abrir um sorriso.

— Não, pensas que sabes o que és, mas não sabes. Pensas que és fria, insensível, mas não és. — Voltara a inclinar-se para a frente, e ela pusera-se hirta. — No momento em que te deixares ser amada, Reina Mori, será o teu fim. Garanto-te.

Ao lembrar-se desta conversa, Reina estremeceu. Não era crueldade, o que só piorava as coisas. E muito. Era honestidade, profética e invasiva, e, fosse verdade ou não, dentro dela havia algo a arder. A humilhação de ter sido vista.

Perdida nos seus próprios pensamentos, Reina quase esbarrou em Parisa, que estava a descer as escadas com uma lentidão repugnante. Talvez tivesse ouvido Reina a deixar a discussão com Nico e se tivesse posto naquele lugar, numa retribuição pelo que Reina ouvira de uma conversa dela no passado.

— Cuidado — advertiu Parisa.

Talvez parecesse mais presunçosa e omnisciente do que era habitual, mas Reina não tinha tempo a perder com isso. Nem com isso nem com nada. Voltou a empurrar Parisa contra a parede como se estivessem a treinar combates, embora, claro, Reina se tivesse deixado disso. Agora, Reina só travava combates a sério.

— Suscetível — observou Parisa, e Reina percebeu que estava ofegante. Não porque fosse difícil segurar Parisa, que era menor do que Reina se tinha apercebido até àquele momento, mas porque sentiu subitamente que algo dentro dela se estava a estilhaçar. A sanidade ou o coração.

Não ia dizer a ninguém o que tinha descoberto, decidiu. Nada sobre o Homem de Negócios, nem sobre James Wessex ou o seu local de teste de armas. Nada sobre as suspeitas que tinha. Libby Rhodes voltar ou ficar onde estava não era uma promessa que lhe coubesse manter. Para ela chegava daquele raio daquela Sociedade. Já estava farta da velha sensação de ser inconsequente e pequena.

— Odeio-te — sussurrou para Parisa, setas nos olhos.

Parisa perscrutou-lhe o rosto e assentiu com a cabeça.

— Eu sei — respondeu.

A chispa apagou-se em Reina com a mesma rapidez com que se tinha acendido. Libertou Parisa e seguiu calmamente para o quarto, a tensão libertada ao fim de tanto tempo. Entrou no quarto, fechou a porta e deixou-se ficar de costas para ela, fechando as mãos a tremer em punhos. Estava farta daquilo, de tudo aquilo. Ficou feliz por ter decidido guardar segredo e por se lembrar de que era uma solitária. Era mais fácil assim. Mais seguro. Menos complicado.

E se o que Callum dissera fosse verdade? Se alguém fosse atrás dela? Seria ainda menos complicado.

Reina atiraria a matar.

• Tristan •

Nico tinha razão quanto à radiação eletromagnética. Para lá das extremidades das pedras do Círculo de Callanish — que, de acordo com Nico, eram uma vista «gira» mas sem nada de especial — havia, para Tristan, uma faixa de fluorescência, verdes e roxos que se entrançavam uns nos outros e depois se esvaíam como foguetes luminosos. As cores subiam, flutuantes, até aos céus, auroras cristalinas debaixo das quais estava Libby Rhodes. Um ano mais velha. Sem franja. Sem livros na mão. Trazia uma gabardina amarela, uma camisola de gola alta por baixo de uma camisola de capuz cinzenta esbatida cuja fralda colocara dentro das calças de ganga. Parecia mais magra do que ele se lembrava, e mais alta, como se estivesse mais aprumada, mas não dormisse bem há meses. Assimilou as pequenas particularidades de Libby e achou-as alteradas. Mudadas.

— Tinha a impressão de que te poderia encontrar aqui — disse ela, com um riso nervoso, quase histérico, como se, a qualquer momento (talvez até aquele?) pudesse desfazer-se em lágrimas.

— Rhodes. Não faças isso. — Tristan deu um passo na direção dela e ela voltou a rir-se, desta vez em jeito de desculpa, e recuou meio passo.

— Eu... Como é que estás a fazer isto? É sequer real? Tenho andado a ter sonhos muito vívidos nos últimos tempos. — Libby estava a fitá-lo como se pudesse olhar para ele durante horas, dias, meses, vidas inteiras.

— Não estou fisicamente aí contigo, Rhodes, por isso não te entusiasmes. Continuo no meu tempo. — Partilhar a dimensão dela num plano astral era bastante simples, mas não deixava de ser como olhar por uma lente. Tinha viajado, mas não fisicamente. Ou melhor, não no sentido em que o corpo todo dele o pudesse acompanhar. O resto dele estava precisamente na mesma localização geográfica, mas a uma distância de mais de três décadas. — Mas não é um sonho, isso é certo.

Tristan perguntou-se se o tempo estaria a passar da mesma maneira para Nico, que tinha levado com ele para ficar de vigia. Tristan estava a flutuar

entre estados de permanência, com Nico num dos lados e Libby no outro. Como se tivesse subido para uma espécie de ninho de corvo e olhasse para baixo, mas só pudesse olhar para uma direção de cada vez.

Imaginava que Nico não estava a aceitar bem o silêncio. Em parte, porque Nico era Nico e não tinha jeito para esperar, mas também porque havia razões para acreditar que um ataque estava iminente. Os outros também tinham indicado que não gostavam da ausência dos dois medeicos das defesas da casa, que ainda estavam incumbidos de proteger. *És idiota?* foi o coro geral de Parisa (repetido pela expressão de lábios contraídos em reprovação de Reina) até Nico as ter lembrado de que lhe tinham feito uma promessa, *et cetera et cetera,* e, claro, fora Callum que dissera alegremente que tinham tudo sob controlo, obrigado.

Tristan fez um esgar ao pensar em Callum, que podia muito bem e muito adequadamente passar-se ao caralho. Não que ele tivesse tempo para desejar mal às pessoas naquele momento. Com a quantidade de magia que estava a usar, seria um alvo fácil para os inimigos da Sociedade (e o pai), o que significava que, na melhor das hipóteses, tinha minutos para falar com Libby.

— É quanta, não é? Eu sabia — balbuciava Libby. — Eu *sabia* que tinha de haver alguma coisa...

— Rhodes — disse Tristan com uma voz baixa que ele tinha esperança de que transmitisse o duplo significado de *não posso perder tempo* e também *tive saudades tuas, olá.* — Tenho más notícias.

— Piores do que eu estar encurralada no passado? — perguntou Libby. Parecia estranhamente de bom humor, como se tudo aquilo tivesse muita graça.

— Encontraste uma forma de saíres? — perguntou-lhe ele.

— Tinha esperança de que fosse isto — disse ela. — Vou fazer um teste.

Que pena. Lá vinha a bomba.

— Não vai funcionar — disse Tristan. — Lamento.

Ela olhou para ele com o cenho franzido.

— Como é que podes ter a certeza? Ainda nem sequer comecei os t...

— Eu sei, Rhodes, mas não é suficiente. Lamento, mas não é.

Tristan viu a informação a assentar confusamente na testa de Libby.

— Mas... então como...? Estás a dizer que eu...?

Libby tinha o rosto pálido com a definitividade. Oh, céus, Libby pensava que ele lhe estava a dizer que ela estava realmente encurralada naquele tempo.

— Há outra forma — apressou-se Tristan a dizer, embora temesse a conversa que se iria seguir. Só iria piorar, mas tinha de se fazer. — Não tenho muito tempo, pelo que tens de me ouvir, está bem?

Ela mostrou-se imediatamente preocupada, até desconfiada, como se devesse ter sabido que ele era um rapazinho idiota que não se sabia cuidar.

— Porquê, o que se passa?

— Nada, tenho a cabeça a prémio. Mas, em geral, nada. — Riu-se e, muito familiarmente, ela pareceu alarmada. Vê-la assim, ansiosa de novo, era um bálsamo inesperado. — Não te preocupes comigo, Rhodes, tenho o Varona de vigia. — Houve uma pequena chama nos olhos dela ao ouvir o nome de Nico, como uma dança de reconhecimento, que ele decidiu ignorar naquele momento. — A questão é que precisas de uma reação, Rhodes, uma reação grande. Um lugar como este é um amplificador, mas continuas a precisar de mais do que isso.

— Raios. — A voz dela era calma. — Era isso que eu receava.

Tristan sentiu um puxão nas costas, como o estalar de um chicote.

— Precisas de uma explosão de energia que seja essencialmente...

— Nuclear. — A expressão dela era de desânimo total. — Mas algo dessa dimensão, mesmo que o conseguisse fazer, teria efeitos que... — A garganta ficou claramente embargada. — As repercussões durariam anos. Poderia afetar as pessoas durante décadas, ou gerações. Eu... eu nunca poderia fazer uma coisa dessas.

E lá vinha a pior parte.

— A questão, Rhodes, é que acho que... já fizeste — disse Tristan.

Não fora Tristan que encontrara a resposta, ou talvez a palavra mais adequada fosse «lacuna». Tentara encontrá-la durante semanas, mas, afinal

fora Parisa que a encontrara, como não podia deixar de ser. Poucas semanas depois de Callum ter dado tão deliciosamente a Tristan a notícia de que Libby Rhodes preferiria comer o próprio pé a cometer a brutalidade necessária para conseguir voltar, Parisa afastara com o pé a cadeira ao lado de Tristan na sala de leitura e sentara-se nela com delicadeza, como um enho a pousar-se sobre erva de prados na primavera.

— O que é que fazias para o James Wessex? — perguntara.

Parisa parecia não estar a perceber a relutância de Tristan em falar com ela. Tristan acreditava que estava a guardar rancor havia já demasiado tempo, mas tinha dificuldade em desprender-se de coisas sobre as quais já tinha tomado uma decisão.

— O quê? — perguntara ele com aspereza.

— Para a Wessex Corp. — Parisa estava a olhar para ele com uma intensidade estranha e refletida. — Trabalhavas com capital de risco, não era?

— Era. — A palavra saíra num amuo murmurado, talvez porque a pergunta parecia andar a segui-lo ao longo do último ano. — Fazia avaliações sobre tecnologia mágica.

— Algum tipo de armas? — perguntara ela.

Outra vez a mesma coisa.

— Não. O James tratava disso pessoalmente. Porquê? — perguntara ele, tudo num único fôlego.

— Disseste que a Rhodes está em 1990? — perguntara ela.

Fora essa a informação que Nico lhes dera. Tristan insistira em saber como e considerara que a informação estaria algures entre a improbabilidade e a impossibilidade, mas Nico fora inflexível, e, afinal, Tristan acabara por decidir apenas que Nico era, de todos eles, o mais confiável.

— O que é que isso tem que ver com o que quer que seja?

Parisa acenara-lhe como se não fosse nada.

— Lá chegaremos. Mas ela está em 1990, não é? Em Los Angeles?

— De acordo com o Varona — murmurara Tristan entre dentes como uma criança ofendida.

— É assim — dissera Parisa.

Deslizara o livro para Tristan, que estava do outro lado da mesa. Não era um livro, na verdade, mas um relatório extenso. Um ficheiro. Ele abrira-o e vira um artigo de jornal em cima.

— A Reina não achou que valesse a pena falar-te disso — observara Parisa mas eu achei que irias gostar de saber. Presumo que sejas capaz de juntar as peças e perceber do que se trata.

Tristan examinara a página, depois virara-a. A página seguinte era um mapa do estado do Nevada, com o deserto logo depois de Las Vegas contornado a tinta vermelha.

— O James nunca me deixou aproximar de nenhuma tecnologia de armamento. Queria que essa parte ficasse reservada para ele, mas mais nada. Ele...

Tristan virara a página.

— Espera — dissera ele, a franzir o sobrolho à medida que lia o relatório. — Onde é que foste buscar isto?

Parisa encolhera os ombros.

Tristan lera a página.

Pestanejara. Voltara a lê-la.

— Não. A sério?

— A tua interpretação vale tanto como a minha. — Depois Parisa levantara-se e encaminhara-se para a porta em passo de passeio como se não tivesse acontecido nada.

— Parisa — dissera Tristan entre dentes a levantar-se de um pulo e a agarrá-la pela dobra do cotovelo. — Não achas que...?

— Bem. O que eu sei é o seguinte. — Libertara-se da mão de Tristan com um olhar altivo de impaciência. — Somos todos pessoas diferentes e essa é a razão por que viemos para aqui. Alguns de nós — acrescentara com um gesto de desinteresse em relação a ele — mais do que outros.

— Certo, insulto percebido — dissera Tristan, porque embora não soubesse exatamente o que ela pretendia dizer, era capaz de ter uma ideia bastante correta do que seria.

— Tu gostas dela por ela ser inocente, Tristan. Por ela ter moral. Por ela ser *boa*. Por ela representar algo para ti que todos nós já deixámos de ter porque viemos para aqui. E porque fizemos escolhas. — A expressão de Parisa era rígida, dura e ligeiramente punitiva. — Mas ela também fez uma escolha, Tristan. Ela sabia quais eram as consequências.

Parisa ficara em silêncio por um momento antes de tocar na têmpora de Tristan com suavidade.

— A Libby Rhodes não é a tua bondade, Tristan — advertira, a prepará-lo como que para a desilusão. — Ela é a sua própria chama acesa.

Tristan estava à espera de ver Libby de novo, de ser capaz de dizer com certeza que Parisa estava enganada, que era claro que Libby não era a bondade dele, mas também que era claro que ela era *boa*, e era disso que ele tinha saudades. Vinha vivendo a vida desde aquele dia numa paralisia ociosa, sem saber ao certo se desejava que fosse Parisa que estivesse certa ou que fosse ele. Provar que a Libby que ele conhecera, a Libby em que Libby se tornara, era apenas uma refração de uma verdade fundamental: que ela era incorruptível. Que, ao contrário dele, ela não poderia estar enganada.

Mas se isso fosse verdade, *Callum* teria razão, e esse era o pior dos resultados possíveis.

Porque Tristan preferiria ter uma qualquer versão de Libby que ela viesse a tornar-se do que enfrentar a perspetiva de não ter Libby nenhuma.

Tristan pestanejou para afastar a memória de Parisa e olhou para o rosto de Libby. Um rosto que era ao mesmo tempo familiar e desconhecido. Um rosto que, para o melhor ou para o pior, era real e não a idealização torturada dos seus pensamentos.

— Em maio de 1990 — disse Tristan — há uma explosão no Nevada. Numa área do deserto entre Reno e Las Vegas que é propriedade da Wessex Corporation. — A voz dele era contida e cuidadosa. — Ninguém se magoou. Ninguém foi... ninguém foi morto. Mas a dimensão é... significativa. — Aclarou a garganta, contornando as outras coisas que sabia.

Haveria radiação. Doenças. Deficiências. Cancros. Haveria pessoas afetadas. Mas ninguém morreria *naquele momento,* no inferno da explosão. Não precisava de se referir aos efeitos colaterais em voz alta. — As armas atómicas, as armas nucleares, dependem da fissão para criar a energia necessária para uma explosão — continuou Tristan, que era a mesma informação que ele já lhe tinha dado. — Mas esta explosão específica... — Tristan queria suspirar, talvez. Exprimir pesar.

Não o fez.

— É mágica — disse ele. — É uma arma de fusão perfeita que nunca foi replicada por ninguém desde então. Foi iniciada por uma fonte de energia suficientemente incendiária para gerar energia sem a utilização de fissão. Suficiente, pelos nossos cálculos, para abrir um buraco de minhoca no tempo. Por isso, é suficiente — esclareceu com uma guilhotina de definitividade — para te trazer de volta.

Ela olhou para ele durante muito tempo. À espera, como que de um remate melhor. Mas Tristan tinha acabado.

— Alto. Estás a dizer... — A testa de Libby estava franzida de conflito. — O que é que estás a dizer?

— Uma arma de *fusão perfeita,* Rhodes? — suspirou ele, a tentar ser paciente, embora, na verdade, também ele se estivesse a preparar para a reação dela. — Só há dois medeicos no mundo que teriam a capacidade para o fazer — apontou. — Mas só um de vocês está vivo em 1990.

— Não. — Libby abanou a cabeça imediatamente. — Não, eu não vou fazer isso... não seria capaz de maneira nenhuma de...

Isto iria dar azo a uma espiral interminável, se ele deixasse. Infelizmente, nenhum dos dois tinha tempo para isso.

— Rhodes — disse Tristan com firmeza — olha para os factos. Desapareceste. Todos os vestígios de ti desapareceram. Não encontrámos nada. — Ela olhou fixamente para ele sem compreender. — Se tivesses ficado no passado, haveria alguma coisa, algum fio que pudéssemos puxar. Terias envelhecido, construído uma vida e ter-te-íamos encontrado. Mesmo que tivesses... morrido... — As palavras saíram-lhe precipitadas. — Ter-te-

íamos encontrado — disse ele de novo a aclarar a garganta. — Não fazes ideia do tipo de recursos que temos, o que a Sociedade é capaz...

— Que se foda a Sociedade — Libby estava a respirar com dificuldade, a recuar. — Não posso, Tristan, não. Não seria capaz.

Houve uma sombra de movimento ao lado dela e Tristan percebeu, tardiamente, que ela não estava sozinha. Havia outra mulher ao lado dela, com o cabelo preto e a boca calada e a usar um casaco de cabedal puído como se fosse um escudo ou uma capa. Tristan perguntou-se se deveria ter evitado qualquer menção à Sociedade, mas depois voltou a ouvir um estalo de chicote do outro lado da sua projeção astral, mais uma fissura de urgência.

— Rhodes, já está feito — disse Tristan num suspiro rápido. — Tu mitigas os riscos. De certeza. — Tristan não tinha provas disso tirando o facto de saber quem ela era, depois de a ter conhecido, mas estava convicto do que dizia. Confiava nela. — Fazes as coisas com cuidado, muito cuidado, tenho a certeza. E... — Abanou a cabeça. — E tens de voltar. Eu preciso... — Deteve-se. — Bem, não podes ficar aí. Seria uma loucura absoluta ficares aí.

Ela estremeceu.

— Tristan...

— Por favor — disse ele. Estava a suplicar, o que deveria ser repugnante, mas ele não sabia o que mais poderia fazer. — Rhodes, *por favor.*

— Tristan, não podes estar...!

Tristan sentiu uma dor pungente e terrível no ombro, impossível de ignorar e de descartar. Deixou escapar um grito mudo e caiu para trás como se tivesse sido disparado do céu. A aurora mais acima dissipou-se e desapareceu, a força da magia de Nico suficiente para quase lhe extrair os pulmões do peito.

— *Varona...* — disse Tristan a tossir.

— Temos companhia — apontou Nico sem se desculpar, o suor a escorrer-lhe pela testa enquanto fazia um esforço para voltar a levantar Tristan, ambos a cambalearem com a mudança de ímpeto. — Eu já eliminei dois — acrescentou estupidamente, como se Tristan não fosse capaz de

contar os dois corpos deitados, inanes, no chão —, mas estão em comunicação com alguém. A avaliar pelo que consigo ouvir, há mais a caminho.

Tristan, que estava a ter dificuldade em levantar-se, tropeçou na bota de um dos atacantes, e arrancou atrás de Nico em direção à estrada mais próxima.

— Dois quê? Medeicos?

Nico abanou a cabeça.

— Não tenho a certeza. Não vi nenhuma magia específica, só capacidade de combate. Mas não eram mortais.

— Bruxos, portanto. — Oh, não. Que momento mais inoportuno. Se fossem os capangas do pai, estavam definitivamente organizados e a caminho Tristan deixou de correr e parou para olhar em volta e reavaliar os pontos de acesso que eles teriam. — Estamos numa puta de uma *ilha*, Varona. Para onde vamos, caralho?

— Se quiseres ficar aqui a lutar, eu fico contigo e lutamos. — A expressão de Nico era sombria quando parou, ofegante, ao lado de Tristan. — Só pensei que não quisesses ficar preso no teu pequeno transe astral e, quem sabe, ser alvejado. Ou o que quer que seja que eles querem fazer — disse ele enquanto mostrava a Tristan a queimadura que tinha no ombro.

Claro. Claro, caralho. Tristan lembrou-se da primeira vez que viu aquela lesão específica. A ideia era dar-lhe uma lição, assegurar que ele não voltaria a tocar nas armas do pai. *Não te aproximes, Tris, não estás preparado para dar conta disto, sabes a dificuldade que tive em conseguir isto?* Tristan sentiu um espectro da pontada que sentira na mão, o arranhão com que ficara naquele dia nas costas dos nós dos dedos. O olhar severo no rosto do pai: *Tens sorte de eu não piorar as coisas.*

Muito bem. Estava a acontecer.

— Não, temos de ir. — Teria preferido dizer — *Quem é que é um inútil agora, pai?* —, só que havia formas melhores de chegar a uma vingança que não implicavam deixar que toda a quadrilha do pai o fosse atacar.

Tristan virou-se para Nico, a contemplá-lo.

— Até onde nos poderás levar? Se eu abrir um caminho que possamos seguir. — Nico era essencialmente um aríete humano. Tristan tinha pelo menos a capacidade suficiente para o ajudar.

Nico lançou-lhe um olhar de cálculo.

— Tipo um transporte medeico?

— Quase isso. — Calculou que deveria funcionar. — És capaz de o fazer? — Era uma produção de energia explosiva, mas, pelo menos, não tinham de viajar no tempo.

— Tomei um pequeno-almoço reforçado — disse Nico. — Podemos fazer uns bons quilómetros.

Um carro derrapou mais acima na estrada, os pneus a guinchar até parar quando a mão de Tristan bateu no ombro de Nico. Nico sentiu o calor escaldante de uma explosão debaixo da palma da mão, o chão debaixo deles a abanar. Tristan imaginou molduras rústicas de fotografias a chocalhar, ovelhas a fazer ouvir o seu desagrado com balidos ruidosos, os locais a estenderem as mãos, perplexos, para as superfícies trémulas dos muros pastorais.

Em resposta à explosão de Nico, os poderes de Tristan acenderam-se, o mundo a pixelizar-se e a reordenar-se em partículas e ondas, auroras e grãos. A magia de Nico era, ela própria, uma onda, pelo que abrir um caminho de menor resistência para ela era uma questão de expelir a energia de Tristan para a frente. Era, como Nico dissera, o equivalente a usar um transporte medeico, só que a energia advinha apenas deles dois, da força que lhes restava. Não era suficiente para os levar para Edimburgo, que seria o lugar a partir do qual seria mais simples obter um transporte mágico que os levasse de volta para a casa, mas, quando aterraram/caíram num parque de estacionamento, tornou-se claro que tinham pelo menos chegado suficientemente longe para se distanciarem do grupo de bruxos que tinham no encalço.

— *Avança* — resfolegou Nico, que se levantou primeiro. Atirou-se para o primeiro veículo e desativou o alarme com uma faísca do que quer que lhe corria nas veias. Tristan seguiu-o, ofuscado, e colidiu com Nico, que tinha ido diretamente para o lugar do condutor.

— Para o outro lado, Varona — disse entre dentes, antes de se lançar para o banco do condutor de um carro feito para uma pessoa muito menor. — Stornoway — leu em voz alta numa loja de lembranças próxima, ainda ofegante. Tinham conseguido sair da Ilha de Lewis. Em comparação, o buraco de minhoca para a cozinha parecia deveras aborrecido. — Podemos apanhar o barco para o continente daqui. — A visão de Tristan ficou turva de exaustão. Só podia imaginar o estado em que Nico sé encontrava.

— Boa. Nada mau para uma primeira tentativa. — Nico parecia ao mesmo tempo pálido e presunçoso, a observar os objetos no carro ao mesmo tempo que Tristan colocava a alavanca de mudanças em marcha-atrás. — É um carro alugado.

— O quê? — perguntou Tristan, que estava ocupado à procura da estrada mais próxima para o barco.

— É um carro alugado. Esperemos que com seguro. O que é que a Rhodes disse?

Era claro que Nico estava a tentar desesperadamente não parecer desesperado.

— Não sei — disse Tristan ao virar na primeira curva. — Eu só tive tempo para lhe contar tudo e vir embora.

Nico assentiu com a cabeça, com uma expressão abatida.

— Achas que ela o vai fazer?

— Já te disse, Varona, já o fez. — Tristan não exprimiu as dúvidas que tinha: que talvez, só talvez, fosse unicamente uma coincidência. Ou que talvez, ao *não* o fazer, pudesse alterar o futuro. Como é que o tempo funcionava, exatamente?

Mas uma voz mais alta, uma voz que ele tentava silenciar, dizia-lhe precisamente o que Parisa lhe tinha dito. Estavam diferentes eles, todos eles. O domínio que os arquivos tinham sobre eles era forte, mais forte do que qualquer outra coisa. Porque como poderia uma pessoa ver o que tinham visto e continuar a decidir que o destino era algo diferente do que eles faziam dele com as suas próprias mãos? Este era o paradoxo. Libby Rhodes poder, ao mesmo tempo, viajar no tempo e recusar-se a fazê-lo. Libby saber

como se salvar e, ainda assim, ser forçada a decidir se poderia recusar ou usar o conhecimento que tinha.

Era a mesma ideia que continuava a assolar-lhe o espírito quando abandonaram o carro roubado, entraram no barco e seguiram caminho até Londres. A sensação de portento, o chamamento iminente do ainda desconhecido, só aumentou. Perguntou-se se havia alguma forma de contornar as coisas, mas tal como no caso de Rhodes, já sabia que não.

Estava em dívida para com os arquivos, tal como eles estavam em dívida para com ele.

— Muito bem — disse Tristan, antes de parar junto à porta do gabinete de Atlas Blakely, que levantou a cabeça.

— Muito bem? — repetiu Atlas.

— Muito bem. — O coração de Tristan batia-lhe com estrondo no peito, já sem a velocidade da raiva. Bem, não apenas raiva. Não a ira de alguém cujo pai o queria morto por um preço. Não a fúria de um homem que tinha acabado de fugir da Escócia, onde vira a mulher que amava pela primeira vez num ano e percebera que faria qualquer coisa por ela. Não, era a agonia, a inevitabilidade de um rapaz que fora queimado e que se tornara um homem imune à chama.

— Vamos fazer um mundo novo — disse Tristan, os pulmões a doer. — Regras novas.

— Ficaria aqui, então? — perguntou Atlas com a sobrancelha arqueada.

— Ficaria. — Tristan já sabia o que o esperava longe daquela casa. O bando de bruxos insignificantes do pai. Carros alugados roubados com os quais não se importava nem um pouco. Nico ainda se preocupava, pelo que ainda havia esperança para ele. Mas para Tristan não. Tristan queria apenas que as pontes que ele queimasse lhe iluminassem o caminho a percorrer.

— Muito bem, Sr. Caine. — A expressão de Atlas era inescrutável, mas Tristan estava-se nas tintas. Algures havia um relógio a contar; o gume de uma faca esperava-o, chamava-o, cintilava.

— Estou ansioso por trabalhar consigo — disse Atlas, e Tristan assentiu com a cabeça com uma expressão sombria. Sabia-o da mesma forma que

conhecia a sua própria pulsação: Libby Rhodes iria voltar. E ele estaria ali. À espera.

Quando a roda começasse inevitavelmente a rodar, Tristan Caine pretendia sair por cima.

• Libby •

— Quem era aquele? — perguntou Belen. Libby assustou-se de tal maneira que deu um salto. — E o que é a Sociedade?

Libby esquecera-se por um momento de que Belen continuava junto a ela. Não junto a ela, na verdade, mas a uma curta distância um pouco mais atrás, a pairar no limiar da sua periferia.

— O quê? — perguntou Libby, atordoada. A visão de Tristan parecia-lhe uma espécie de viagem no tempo por si só: o ímpeto de ser ela própria, só que precisamente um ano antes. A referência a Nico, que deveria ter sido respondida com um revirar de olhos, só resultara numa sensação de que algo se tinha rasgado dentro do peito dela. Algo necessário, como uma artéria. Estava a sangrar por dentro e, no entanto, estava perfeitamente bem.

Encurralada, mas perfeitamente bem.

— Aquele tipo disse algo sobre uma sociedade. E porque é que estavam a falar sobre viagens no tempo? — A sobrancelha escura de Belen estava franzida devido a algo que não era bem confusão. Na verdade, Belen estava significativamente menos confusa do que Libby esperava que estivesse. — Pensava que o objetivo desta viagem era encontrar uma fonte de energia alternativa.

Libby ponderou o valor de dizer a verdade, o que já estava a tornar-se um hábito.

— Bem, certo, claro. Mas eu sou uma física — disse Libby precipitadamente. — Fiz algum trabalho com gravidade quântica no passado, por isso, é obviamente uma questão a considerar.

Era uma desculpa frágil e Libby sabia que Belen o sabia. Afinal, Belen ouvira tudo o que Tristan dissera e, mesmo que não compreendesse o que significava, não era nenhuma idiota.

— Porque é que estamos à procura das linhas de Ley, afinal? — perguntou Belen num tom que Libby já a vira usar antes. Habitualmente em

resposta a Mort e Fare. Tinha uma inflexão perigosa, dava a sensação de que, a qualquer momento, algo poderia estalar.

— Tu sabes porquê. Energia alternativa. Sempre foi esse o objetivo. — Libby sentiu-se subitamente sem fôlego.

Em resposta, a expressão de Belen estava coberta de uma dissimulação cautelosa.

— Porque é que ele falou sobre o local de testes da Wessex?

— Não sei. Não tenho nada que ver com isso. — E não tinha. Provavelmente.

Os olhos de Belen entrefecharam-se.

— Quem é ele?

— Um colega. — Libby inspirou profundamente. — Um velho amigo.

— Quão velho?

— De há algum tempo. Da minha investigação anterior.

— Lá naquele sítio que não era a NYUMA. — A voz de Belen trazia o peso de algo. Da dúvida, talvez.

Libby virou-se para olhar para ela.

— Pensava que tinhas finalmente decidido ser honesta comigo na noite passada. Mas continuas a mentir, não continuas? — disse Belen sem expressão.

— Não estou — começou Libby — *a mentir*, estou só...

— Eu queria confiar em ti — disse Belen, a cova entre as sobrancelhas a aprofundar-se. — *Quero* confiar em ti — enfatizou, com uma expressão magoada — e se me disseres que é algo estúpido, algum erro técnico ou engano nos registos, eu acredito em ti. — Engoliu em seco. — Mas não é, pois não?

Os olhos de Belen estavam a nadar raivosamente em lágrimas. Libby identificava-se com o que ela estava a sentir. Havia algo horrível em sentir raiva e querer conter algo, mas não conseguir e ceder à suavidade das hormonas, deixando que os olhos inchassem de lágrimas com a insuficiência da tristeza quando a única coisa que queria era gritar.

— O que é que queres que eu diga? — perguntou Libby, impotente.

— Quero que me digas a verdade. — Outro pequeno grupo de turistas estava a aproximar-se atrás delas, mas Belen não se mexeu. — Toda a verdade. Agora.

Muito bem, pensou Libby com um suspiro interno. Muito bem. Provavelmente era uma inevitabilidade desde sempre.

— Eu nasci em 1998 — disse Libby. Belen pestanejou. — É verdade que me licenciei na NYUMA, mas não em 1988, como disse que tinha feito. Licenciei-me em 2020. — Aclarou a garganta. — No mesmo ano, fui recrutada pela Sociedade de Alexandria, os curadores de...

— Para. Cala-te. Para. — Belen estava a pestanejar com muita rapidez. — Não. isso não é possível. Existem leis... termodinâmica, entropia, eu... — Deteve-se. — Isso não é possível.

— Eu não *queria* ser depositada aqui — disse Libby rapidamente. Pareceu-lhe importante dizê-lo de alguma maneira: que não tinha pedido que aquilo acontecesse. Nada daquilo. — O meu ex-namorado, aquele de quem te falei, é um medeico. Foi ele que fez isto. Está a tentar matar toda a gente de quem eu gosto naquele lugar... naquele *tempo*... que eu deixei. E tenho quase a certeza de que me tem perseguido desde que me pôs aqui, por isso...

— Quer dizer que me tens andado a mentir. — Belen engoliu em seco. — Sobre a bolsa. A investigação. E sobre...— O olhar que tinha no rosto tinha um espectro de angústia. — Sobre tudo.

Libby sempre soubera que era um erro aproximar-se de Belen. Soubera-o, perigosamente, quando tinha os lábios pregados ao pescoço de Belen, soubera-o quando passava o dedo distraidamente pelo peito de Belen, e soubera-o antes também quando olhara para o outro lado de uma mesa cheia de café tépido a pensar: *eu não posso fazer isto sem ti.*

— Belen, ouve-me, se eu não tivesse pensado que era... — hesitou. — ... que tu eras necessária...

— É melhor irmos. — Belen cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse subitamente preocupada que Libby a lesse melhor. — Certo? Uma vez que já tens a resposta de que precisavas. Está feito.

O coração de Libby inchou e doeu-lhe.

— Belen, isto não é propriamente inútil. Ouviste o que ele disse, não ouviste — disse num tom suplicante. — Existe realmente alguma tensão energética neste lugar...

— Mas não a suficiente. Certo? Não a suficiente. Por isso não interessa. — Belen virou-se e começou a caminhar. Libby, sem saber bem o que fazer, apressou-se a segui-la.

— Bem, eu sei que isto parece... — Libby hesitou. — Eu sei que soa mal, mas... Belen rodou para olhar para ela.

— Estás a dizer que, no futuro, vai haver uma sociedade que vai saber como fazer isto? Viagens no tempo? Buracos de minhoca?

— Sim. — Libby estava ligeiramente perplexa. — Sim, e...

— Então vão *resolver* as coisas, certo? Tudo o que há de errado no mundo. Emissões de carbono, vírus, pobreza... vão inverter isso tudo, não é? — Belen estava a fitá-la com uns olhos diferentes. De esperança, talvez.

— Bem... mais ou menos. — A resposta caiu desajeitadamente da boca de Libby. — Quer dizer, sim.

Os olhos de Belen entrefecharam-se.

— É «sim» ou é «mais ou menos»?

— Bem... — Libby expirou. — As coisas que tu consegues fazer, a alcalinidade... ajudam a tornar tudo mais lento. Mas para as coisas serem realmente *resolvidas...*

Belen recuou um passo.

— Não resolvem isso?

— Quer dizer. — Libby andou à procura das palavras. — Eu não... Não compreendo tudo o que se passa nesse aspeto. A questão política. Mas há investigação! — decidiu finalmente, porque claro! Isso era óbvio! — Há laboratórios em todo o país em qualquer altura, e um deles pode ser teu...

— Achas que isso são *boas notícias?* — perguntou Belen com uma voz que sugeria que Libby era realmente uma idiota incurável. — Achas que *é bom* que daqui a trinta anos alguém tenha ignorado tudo o que já sabemos

sobre o mundo *neste momento?* E há uma sociedade inteira que sabe como resolver as coisas, mas não o faz?

— Uma sociedade secreta não pode apoderar-se do mundo assim sem mais nem menos. — A postura defensiva de Libby estava a transformar-se rapidamente em frustração. — Só por haver informação não quer dizer que as pessoas atuem em função dela. Não é essa a questão? Podes dizer o que quiseres — apontou — mas não quer dizer que as pessoas vão acreditar.

Libby percebeu que era um erro quando viu o maxilar de Belen a pôr-se tenso. O conceito de crença era um golpe para a lealdade de Belen, para a fé terna e bem-intencionada que a animava. As palavras *os teus segredos estão seguros comigo, Libby Rhodes* pareceram atingi-las a ambas ao mesmo tempo.

Os olhos líquidos de Belen estavam raiados de vermelho.

— Manipulaste-me — disse ela, a voz a falhar.

— Não. — Libby abanou a cabeça, inflexível. Callum é que era o manipulativo. Parisa também, e Ezra, e Atlas. Ela só fizera o que era necessário e não houvera momento nenhum em que não sentira dor. — Não, nunca te quis magoar, Belen...

Deu um passo em direção a Belen, que se afastou rapidamente e se abraçou a ela própria com mais força.

— Não? — perguntou Belen num tom escarninho. — Porque ao longo de um ano viste-me a pôr a minha vida e a minha família de lado por causa de algo que *sabias* que nunca iria acontecer.

Belen virou-se e abanou a cabeça enquanto olhava, fulminantemente, para as ruínas ao lado delas.

Mas não fora nenhum tipo de truque, na verdade. Não fora nenhuma orquestração diabólica de Libby, que nunca pedira que nada daquilo acontecesse. Sentiu um assomo da ira que estava a reprimir havia quase um ano, e que fora ultrapassada pelo medo e pela solidão durante tanto tempo. A ira tornou-se subitamente difícil de conter e, na ponta da língua, Libby sentiu o sabor a fumo.

— O que é que eu haveria de ter dito? — perguntou, enfurecida. — Deveria ter desistido e dito que não era possível? O que é que isso

adiantaria? Ajudaria em alguma coisa?

Belen disse algo que Libby não conseguiu entender.

— O quê?

Belen demorou um momento a olhar para ela. E quando o fez, Libby percebeu que havia um mar de coisas que tinha ignorado na pressa de a levar com ela para aquele lugar.

— A minha avó *morreu* — atirou Belen. — Na semana passada. E eu vim para aqui. Contigo. Porque tu me disseste que precisavas de mim. Porque me fizeste acreditar... — Deteve-se e limpou o nariz com veemência na manga. — Porque tu precisavas de mim.

— Eu... — Libby ficou de ombros caídos, depois decidiu aprumar-se. — Peço desculpa, Belen, lamento muito. — A voz soava-lhe áspera até a ela, mas não havia nada a fazer. — Podias ter-me *contado* isso, mas...

— Vais fazê-lo, não vais? — interrompeu Belen. Passou a mão pelos olhos acusadores, como se estivesse a desafiar Libby a reparar nas marcas das lágrimas, a testemunhar em primeira mão o mal que tinha feito.

— Vou fazer o quê? — perguntou Libby, embora soubesse a resposta. Sabia exatamente qual era a resposta.

— Aquilo. A explosão, a arma de fusão de que aquele tipo estava a falar... és tu. — Belen disse o que tinha a dizer e deixou o impacto cair perto dos pés de Libby. — Não sei se reparaste que ele não disse que não *houve* efeitos. Disse que ninguém *foi morto.* É uma formulação muito específica.

— Eu não disse que o ia fazer — disse Libby cautelosamente, ou talvez com impaciência, e o rosto de Belen contorceu-se e transformou-se em algo maníaco. Um riso histérico e sem humor.

— É claro que o vais fazer! — disse ela quase a gritar. — Eu sempre soube que estavas a esconder o verdadeiro poder da tua magia. Pensava que era por causa do Fare e do Mort, que talvez não quisesses que a tua investigação fosse roubada ou talvez que não quisesses que o teu ex-namorado te encontrasse, mas... — Belen abanou a cabeça, numa expressão subitamente escarninha. — Eu vi a tua cara, Libby. Ele disse-te que estava pré— Destinado, que já estava feito, e, nesse momento, decidiste fazê-lo.

Não estás preocupada com os custos. Estou a vê-lo agora nessa merda dessa tua cara estúpida.

— Não podes ter a certeza disso — ripostou Libby. Belen não era Parisa. Não era Callum. Não era nenhum dos seis. E como poderia ser, como poderia saber? Como poderia qualquer outra pessoa compreender o que significava ter visto o que eles tinham visto e ter escolhido o que eles tinham escolhido?

Na cabeça de Libby, houve algo horripilante que se virou, não muito diferente do que acontece com uma chave na fechadura. Algo se destrancou em Libby Rhodes. Talvez fosse crueldade. Ou a necessidade. Porque a verdade, como Libby a via agora, era que Belen não era grande coisa em nada. Belen tinha magia suficiente no sangue para alguma forma moderna de alquimia, mas era só isso. A avó podia ter morrido, mas, pelo menos, vivera uma vida, tivera filhos, alguém a amara. A irmã de Libby morrera e não tivera nada disso. Belen queria que Libby fizesse uma escolha moral baseada nas suas próprias limitações, mas Libby não *tinha* limitações, porque o que ela *tinha* era um cabrão de um ex-namorado com um complexo de deus e os meios para a levar para casa de uma forma que nunca mais ninguém na terra teria a capacidade de fazer. Num momento em que ninguém vivo o *poderia fazer.*

A questão era essa. O busílis do problema era que Libby tinha o poder, tinha as fórmulas, tinha os cálculos — tinha o raio dos meios —, por isso, o que significaria se ela começasse a viver a vida dela, decidisse ser pequena e não ter poder *de propósito?* O que haveria ela de fazer, presa na sua própria cabeça, uma cabeça que tinha todas as respostas, uma vida que lhe tinha sido roubada, e que ela — e *só ela*— tinha os meios para recuperar? Se Libby já sabia que Belen passaria uma vida inteira a travar uma luta política que nunca daria frutos, que tipo de vida lhe restava a ela?

E de que caralho adiantava viver mais do que Katherine se Libby nunca fizesse nada com o raio da vida que tinha?

— Não consigo acreditar em ti. — Belen estava a afastar-se dela, a abanar a cabeça como se pudesse ver para onde as ideias de Libby a tinham levado. — Mentira atrás de mentira atrás de mentira. Para quê? Só para que eu te ajudasse? Porque é que precisavas que eu viesse afinal?

— Não precisava. — A ideia apoderou-se de Libby com todo o vigor, agarrou-a como um torno. — Não preciso — apercebeu-se a expirar com contundência. Estivera aquele tempo todo desesperada por ajuda, por alguém que a tranquilizasse, por alguma forma de conforto ou algo que lhe desse a sensação de que não estava sozinha. Mas Libby *estava* sozinha. Estava sozinha e aquela decisão cabia-lhe a ela e a mais ninguém.

Bem, era assim, então.

— Não me interessa o que ele diz. — A voz de Belen tremia. — Não me interessa que tu digas que já está feito. Não acredito em ti. Eu... — O tremor na voz dela fez-se requebro. — Eu sou capaz de mudar as coisas. Tenho de ser capaz de mudar as coisas.

Libby ouviu a dúvida e tentou não a comentar.

— Não sei o que queres que eu te diga.

— Quero que me digas que tens alguma *moral*, caramba! — disparou Belen.

— Quero que me digas que não vais para o Nevada já a seguir para rebentares 50 quilómetros de deserto só para *poderes ir para casa*...

— E porque é que ir para casa é uma coisa tão insignificante, hum? — perguntou Libby, o ar denso com cinza a arder como num dos pesadelos que ela tinha recorrentemente. — E se se tratasse da *tua* vida, Belen? E se a *tua* vida te tivesse sido roubada? O que farias para a recuperar?

— A minha vida está a ser-me roubada todos os dias! — Estavam a discutir com raiva, a digladiar-se como amantes em frente das pedras de fadas. — Acabaste de me dizer que eu abdiquei da minha família para... o quê? — disparou Belen. — Para que um país, ou talvez dois ou três na melhor das hipóteses, possam prosseguir com toda a normalidade?

— Não sou eu que tomo decisões sobre quem vive ou morre — atirou Libby, e Belen olhou para ela como se a quisesse esbofetear.

— Continua a tentar convencer-te disso — disse Belen. As lágrimas tinham secado, canais pálidos de infelicidade passada no rosto. — Duvido que sejas a única a fazê-lo.

Virou-se e começou a afastar-se. Libby olhou para ela, zangada, depois com remorsos. Aquele momento na cama da pitoresca pensão de campo, os

joelhos a tocarem-se como mãos em oração, parecia incomensuravelmente distante.

— Belen — chamou Libby, a bolha de fúria no peito a rebentar, a emoção da discussão a apagar-se e a deixá-la sem nada senão o vazio. — Belen, vá lá, precisas de mim para voltar para casa.

Belen não estava a ouvi-la.

— Belen, queres que eu te diga que não o vou fazer? — Libby já estava a gritar e a correr atrás dela. Provavelmente parecia demente para as ovelhas que passavam. — É isso que queres? Que eu desista e fique aqui?

Contigo? não acrescentou.

Belen não parou. Não se virou. Por fim, Libby deixou-a ir, convencida de que voltariam a discutir o assunto na pensão. Esperou junto às pedras do Círculo de Callanish e apanhou o último autocarro.

Quando chegou à pensão, o quarto estava vazio. Quando chegou ao transporte, não havia sinal de Belen.

***

Um mês depois, Libby Rhodes acordou num quarto de motel à entrada de Las Vegas, os olhos a abrir-se de repente quando o sinal a dizer VAGAS tremeluziu do outro lado da janela. Passou uma mão pelos lençóis ásperos com a indolente sensação de que estava a ter mais um dos sonhos que tinha com tanta recorrência.

Gideon estava lá. Libby estava quase certa de que ele lhe dissera que Nico lhe desejara boa sorte para aquele dia. Depois dissera mais alguma coisa. Perguntara-lhe algo sobre Ezra e, neste ponto, a memória voltava a falhar-lhe; não se lembrava da pergunta dele e não tinha a certeza se tinha respondido. Ou talvez Gideon não tivesse dito nada sobre Ezra, e Ezra tivesse simplesmente aparecido sem ser convidado, como tendia a fazer. Mas, naquela altura do sonho, Libby não sentia as pernas, pelo que não conseguiu correr quando tentou fazê-lo. De seguida, acordou, felizmente.

Libby levantou-se da cama e pôs-se à frente do espelho a olhar para o seu reflexo. Embora só tivessem passado algumas semanas desde a viagem à Escócia com Belen, sentia-se uma pessoa diferente, ainda que não parecesse muito diferente. Só cansada. Esfregou um nó no pescoço e

inclinou a cabeça, puxando o cabelo para um lado. Pegou na escova de dentes. Lavou os dentes. Depois foi até ao roupeiro e pegou na roupa — comprada na loja de lembranças do aeroporto de Las Vegas — e colocou o crachá para o trabalho do dia.

Não tinha voltado para a LARCMA. Não podia fazê-lo. Em vez disso, encontrara emprego na Wessex Corporation: era uma das medeicas a trabalhar como segurança no local de testes que a empresa tinha nos EUA. Fora propriedade do governo no passado, mas uma vez que a geoengenharia fora privatizada, porque não fazer o mesmo com a tecnologia de defesa militar? A magia poderia salvar o mundo. E acabar com ele. A própria Libby tinha ajudado a perceber como.

Passou o dedo pelo limiar do crachá e viu o reflexo a manter-se inalterado. Sabia como fazê-lo. Sabia o que fazer. A questão era como iria viver com isso, o que também não era grande questão, dada a alternativa.

Libby pensou subitamente nas aulas na sala pintada. Sorte e azar. Setas letais. Destino. Antes, Libby acreditava no destino: seria capaz de admitir prontamente que pensava no dela de vez em quando. Agora, porém, detestava-o com todo o coração. Porque, se a história da vida dela era apaixonar-se por um homem que se iria limitar a traí-la, sequestrá-la e persegui-la como a uma presa até ela ceder ao peso do seu controlo, então o destino não era *nada*. Nenhuma parte dela estava disposta a aceitar a forma como o seu caminho fora alterado.

Teria de encontrar uma saída.

Voltou a olhar para o reflexo. Desta vez, obrigou-se a ficar mais hirta. A manter os ombros aprumados. A atirar o fardo que inevitavelmente a esperava para trás das costas. Quem é que vivia sem culpa? Ninguém. Libby não seria capaz de viver sob o peso do arrependimento. Sabia demasiado. O problema residia precisamente aí: no conhecimento.

Nico tinha razão, e já tinham passado tantos anos.

Se ela não usasse a vida que tinha, estaria a desperdiçá-la.

O dia era aquele. Havia duas versões dela ao mesmo tempo: a Libby Rhodes que era suficiente e a que nunca seria.

Colocadas nestes temos, as coisas tornavam-se simples. Começaria por provocar um pequeno fogo controlado para ativar os alarmes e evacuar o edifício. Seguir-se-ia uma leve reconfiguração das câmaras de segurança. A estrutura de contenção do reator nuclear da Wessex que não funcionava — que não podia funcionar, nem iria funcionar sem a assistência mágica de uma pessoa que ainda não tinha nascido — era composta por um reator, tirantes de controlo, tubos de vapor, turbinas e bombas. Era tudo uma distopia sem alma, maquinaria brilhante e esterilidade insossa.

Bem, exceto ela. A medeica que seria capaz de alimentar as estrelas.

Colocar-se-ia debaixo do gerador. Fecharia os olhos e evocaria a febre das veias, a fúria dos pulmões. A raiva e a inquietação. A dor e a impotência.

Porque, por muito que tivesse estudado a teoria medeica, os cálculos que fizera, o que significava juntar núcleos atómicos e forçar duas coisas teimosas a fundir-se, também sabia que não era uma questão de exatidão. Fazê-lo significaria ter uma supernova nas palmas das suas mãos humanas e desesperadas. Deixar-se cair e depois explodir no tempo não era uma questão de conter as coisas dentro dela. Já estivera zangada no passado, mas retivera tudo no interior, sozinha, humilhada e desolada. Desta vez, a atitude teria de ser diferente.

Desta vez, iria fechar os olhos. Iria inspirar profundamente. Iria fazer o que fizera no passado, mas, desta vez, não se permitiria fracassar, porque já não tinha medo. Já não estava em sofrimento. Já não estava desesperada pela muleta da fé de outrem. Pela primeira vez desde que deixara os muros da Sociedade — pela primeira vez desde que entrara no gabinete do reitor da NYUMA — pela primeira vez desde que conhecera Nico de Varona — pela primeira vez desde a morte da irmã, o dia em que Libby perdera metade do coração — não iria olhar para si própria e pensar que era deficiente. Não duvidaria do poder que tinha no corpo. Não questionaria o que era merecido.

Iria fazê-lo. E iria fazê-lo sozinha.

Mais tarde, não se iria lembrar dos pormenores, só da explosão. O caminho que tomou dentro do seu peito para se usar como veículo e fonte de uma energia que nenhuma outra máquina ou ser humano ou mito poderia

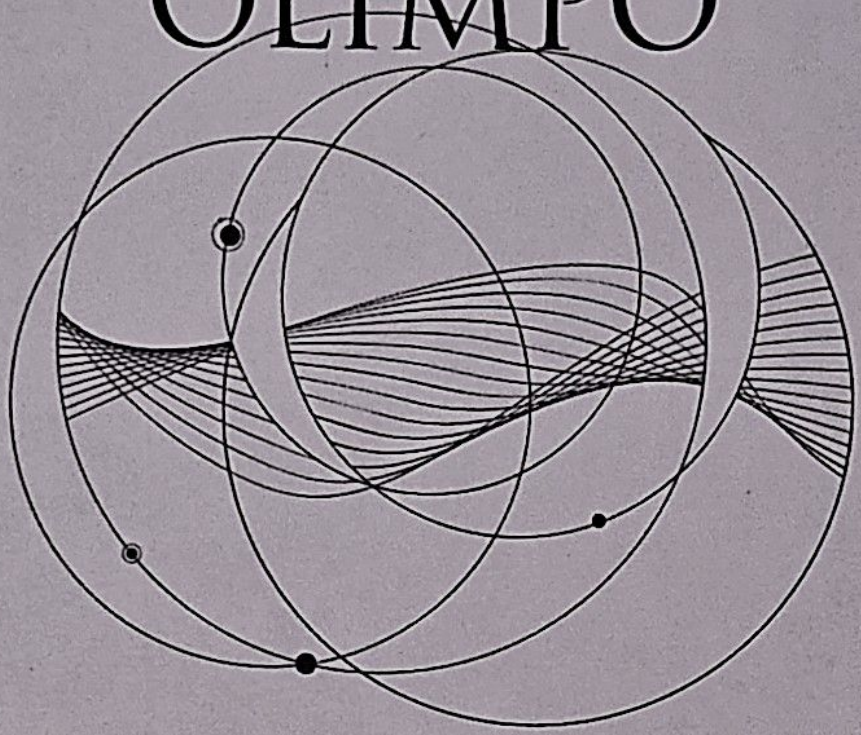
alguma vez atingir. Não se iria lembrar da histeria, da absoluta demência de transportar energia estelar dentro do mesmo coração que fora sendo quebrado em porções cada vez mais significativas desde que tinha 12 anos. Não se iria lembrar dos pormenores do que exigiria dela, não iria registar a força exercida nem o suor segregado, não iria ser capaz de calcular as mudanças de temperatura no sangue nem as cãibras nos músculos, o tremor dos dedos, nem a desidratação, a dor alucinante, o ímpeto agonizante da pulsação incerta. Haveria de experienciar, em retrospetiva, os momentos, os lampejos, mas não a escuridão. A *carnificina* absoluta da dor.

Depois de todos os efeitos difusos, a única coisa de que se iria lembrar de certeza era daquela manhã. Da forma como colocara o crachá, o ajeitara, o polira até brilhar e pensara para si própria: o destino *é* uma escolha.

Está na hora de atear fogo a este efeito e deixar que o cabrão arda.

IX

OLIMPO



• Belen •

Numa fase mais tardia da vida, Belen Jiménez haveria de olhar para trás para os dias que se seguiram à discussão com Libby Rhodes no Círculo de Callanish e chegar à conclusão de que a resposta fora um flagrante desperdício de dinheiro e o ato de uma criança despeitada. Para começar, Belen gastara todo o dinheiro que tinha na conta num bilhete de avião com várias escalas, o que significara que, quando a ira se esbatera um pouco (algures sobre o Atlântico), ela se apercebera de que poderia ter ido para casa de graça e ficado com algum dinheiro para a mercearia quando chegasse. Portanto, a birra, embora possivelmente eficaz a fazer valer uma opinião, não fora, de todo, a decisão mais acertada.

Mas isso foi numa fase mais tardia da vida. A versão de Belen que voltara à LARCMA estava cheia de fome e de raiva e prestes a reprovar no curso de física: o curso que tirara por causa de Libby Rhodes, que nunca voltaria a Los Angeles. Provavelmente porque induzira a bomba e se encaminhara para o futuro, *sayonara*, ámen.

O mais extraordinário foi que Belen não ouviu nada sobre o assunto. Nem um pio. Na verdade, demorou anos a descobrir que havia um pedido de patente para uma arma de fusão pura por parte da Wessex Corp, a que ela só conseguiu ter acesso depois de aceitar um contrato governamental e se pôr a espreitar atrás de muita fita vermelha, arriscando o nível de autorização de segurança que lhe tinha sido atribuído. No entanto, isso aconteceu em meados da segunda década do século XXI, altura em que ela já se estava nas tintas para as autorizações de segurança. Chegara a prever — nos dias mais otimistas, pouco depois do virar do século — que o supranacionalismo seria o futuro da política internacional (a União Europeia! o Acordo de Comércio Livre da América do Norte! o raio das Nações Unidas!), mas o otimismo não lhe serviu de tanto como, bem, a ira. O tipo de ira que a fez investigar documentos confidenciais, encontrar a explosão nunca replicada de 1990, decidir que, na verdade, estava farta até

ao tutano de trabalhar no âmbito de contratos da treta de um país colonialista e avançar para uma luta só dela.

Não demorou muito a encontrar o Fórum, cujo *website* extraordinariamente bem delineado — a ostentar um imaculado logótipo com letra gótica — tinha uma interface de utilizador muito agradável e um plano óbvio. Todos os meses, os comunicados de imprensa que emitiam estavam cheios de «inovadora transparência» e «pedidos de ação» e «futuros brilhantes» para a «comunidade global» que não significavam absolutamente nada, mas davam a entender que tinham muito dinheiro vindo de algures. Naquela altura, Belen já tinha chegado à seguinte conclusão acerca do mundo: que nos casos em que havia uma interface de utilizador escorreita e promessas de transparência inovadora, provavelmente também havia dinheiro. Quantidades de dinheiro extraordinárias. O Fórum não tinha «hierarquia de liderança, Professora, somos todos iguais aqui dentro» (treta), mas Belen lá acabou por chegar a Nothazai, um homem mais ou menos da idade dela, que, paradoxalmente, estava cheio de objetivos claros não obstante o pouco que tinha conseguido, o que não deixava de ser habitual em homens da idade dela. Como se os fracassos políticos e económicos catastróficos que tinham vivido fossem culpa de terceiros. Tinham de ter esperança, diziam, porque quando a esperança morria, tudo ia por água abaixo. Mas Belen queria dizer que não era esperança, mas uma qualquer sensação bizarra de prerrogativa. O fracasso em acreditar no fracasso — ou até de aceitar a natureza das coisas e adaptar-se — parecia-lhe uma forma extrema de narcisismo. Não disse nada disto a Nothazai. Não que ele fosse acreditar nela.

Não que houvesse alguém que acreditasse nela.

Era engraçada quando ela era aluna da universidade. A dela, diga-se. A esperança dela, mais especificamente. A sensação que ela tinha de que havia um caminho para fazer, uma necessidade de não desistir. Adorável! Havia alguns artigos importantes sobre ela, na verdade. A elogiá-la e a dizer que era uma heroína. Houve um ano em que foi designada a Pessoa do Ano pela revista *Time* juntamente com um programador de *software* mortal e, também, toda a gente (foi o ano em que o conteúdo global gerado pelos utilizadores se tornou relevante, pelo que, o consumidor médio se tornou Pessoa do Ano... uma habilidade, mas não exatamente uma falsidade).

Excertos do discurso de Belen na sede das Nações Unidas tornaram-se... bem, não *virais* (ainda não se tinha tornado moda naquela altura), mas não há dúvida de que foram reconhecidos em círculos académicos com tendências progressistas. As Filipinas, país onde nascera, aplaudiram-na e os Estados Unidos, país de adoção, ofereceram-lhe várias bolsas cerimoniais (não fizeram nenhuma alteração às políticas que tinham em vigor, mas isso era de esperar). Belen chegou até a ser um dos nomes apontados para o Prémio Nobel da Paz. (Perdeu-o para o presidente norte-americano daquele ano, que, aparentemente, tinha evitado a guerra com outro país do primeiro mundo com a mesma capacidade de provocar danos globais duradouros, pela que ela acabou por considerar que não podia ficar zangada.)

Quando a esperança começou a perder algum brilho, Belen decidiu ficar zangada. Os países desenvolvidos estavam a roubar, salientou. Usavam mais recursos e culpavam os países do terceiro mundo por tudo o que não tinham só porque *eles*, com a mão invisível dos mercados livres, tinham conseguido obter a tecnologia para compensar os erros cometidos. (Ninguém se conseguia lembrar por que razão os países que tinham sido generosamente colonizados por outros países não se tinham conseguido desenvolver. Talvez fossem apenas... estúpidos? Quem é que se lembrava de um passado tão distante.)

Depois, os aplausos tornaram-se um pouco mais surdos.

Algumas pessoas ainda acreditavam que Belen tinha razão, mas outras começaram a desconfiar que ela poderia ter andado a perorar aos gritos sobre o nada. As pessoas começaram a fazer perguntas como: será que o que Belen diz é racismo ao contrário? As vidas não eram *todas* importantes? Talvez as pequenas ilhas-nações devessem simplesmente apostar na reciclagem. Ou em comer menos carne! A pegada de carbono da carne era verdadeiramente considerável. E, na verdade, não estariam *todos* já igualmente bem informados, dadas as medidas filantrópicas levadas a cabo para garantir a transparência global?

Não caberia ao consumidor individual *decidir* ser socialmente consciente?

O que haveriam as Nações Unidas de fazer se as pessoas na África continuavam a incendiar e a derrubar as árvores?

E, fosse como fosse, perguntavam, como é que ela previa que as coisas iriam acontecer? Os itens acionáveis eram intangíveis (não, Belen dizia repetidamente, na verdade era muito simples, a única coisa que era preciso era responsabilizar as empresas pelas emissões que faziam, mas, por qualquer razão, a voz dela parecia ser abafada por algo, habitualmente anúncios publicitários calorosos em que limpavam o petróleo de patos com detergente de roupa Muito Eficaz). Além disso, apontaram um pormenor importante: onde é que haveriam de ir buscar *o dinheiro?* Belen disse aos impostos sobre a riqueza, e os ricos disseram hã, desculpe, o quê? E, fosse como fosse, provavelmente tudo se resumiria a questões de comunicação. Já não era bonita, pelo menos como era dantes, e, dado que a maioria das pessoas conseguia viver o dia a dia sem sentir os efeitos do que quer que fosse que deixava Belen louca, havia muitos outros problemas que lhes chamavam mais a atenção. Que eram mais desejáveis. E toda a luta de Belen era como um casamento que perdera a chama.

Por isso, quando se sentou numa sala a olhar para um jovem a tagarelar-lhe sobre a Sociedade de Alexandria, de que ela tinha ouvido falar pela primeira vez quando tinha 22 anos e ainda acreditava nas coisas, Belen — que já ia com 52 anos que pareciam 200 a avaliar pela dor prematura que sentia nos ossos e que haveria de não passar de ciática — já tinha iniciado a transição para o caos de uma avó sem filhos e deixado o cabelo ficar branco como a proverbial bruxa da aldeia. Publicava discretamente a antiga investigação que tinha feito sobre fissão e a investigação que fora fazendo quando ocupara outros cargos e financiava teimosamente as ações judiciais sobre propriedade intelectual com os proventos obtidos no laboratório governamental que dirigia. O mundo ocidental e os países ricos asiáticos tinham formas de garantir que a tecnologia medeica compensava as emissões de carbono, mas os outros continuavam com dificuldades e sujeitos a perder milhares de milhões de dólares e milhões de vidas (aparentemente insignificantes) se as coisas piorassem. Belen estava a canalizar o tempo, o dinheiro e a atenção — *toda a puta da vida dela* — para as pessoas que queriam que o mundo ardesse, pelo que, quando Ezra Fowler, aquele pobre bebé idiota, começou a falar sobre salvar o mundo das seis pessoas mais perigosas do planeta, como se não fossem exatamente as mesmas pessoas sentadas ao lado dela (James Wessex, por exemplo, ou

Nothazai, que tinham feito fortuna com algo que Belen duvidava que fosse filantropia), Belen sentiu o súbito e incontornável desejo de atear fogo ao edifício todo até não restar nada. Os danos para o ozono seriam compensados pelo trabalho que ela fizera quando tinha pouco mais de 20 anos, que assegurara a sobrevivência do planeta por tempo suficiente e em lugares do mundo suficientes para ela poder estar ali, naquela sala, a ouvir uma criança a falar sobre o fim do mundo.

Belen soube imediatamente quem ele era.

Ezra.

Lembrava-se do nome, tal como se lembrava de tudo o que saíra dos lábios de Libby Rhodes numa altura em que Belen ainda estava ávida de algo. Reconhecimento, afeto ou amor. Reprovar um curso por causa de Libby Rhodes quase custara a Belen a bolsa na LARCMA, mas, felizmente, os serviços que ela prestava eram tão valiosos para o complexo militar e industrial norte-americano que acabou por ter de fazer o curso novamente, 26 unidades num único semestre. Uma carga de estudo que lhe retirou a capacidade de trabalhar. Viveu durante quatro meses à base de *noodles* de micro-ondas e não ia para casa muitas vezes. Durante aquele período, a mãe dela foi uma das vítimas de um enorme terramoto em Luzon: não do impacto, mas da incapacidade de receber ajuda global suficiente. O pessoal militar norte-americano estivera lá, razão por que Belen haveria de descobrir o que acontecera, mas os militares norte-americanos tinham um limite de gastos em coisas tão... inconsequentes.

A mãe de Belen morreu alguns meses depois da erupção do Monte Pinatubo, que foi provocada pelo terramoto. Por isso, se se pensar bem no assunto, dizer que a mãe de Belen morreu de «complicações» significava apenas que, na verdade, tinha morrido de treta.

Estava tudo ligado. E era isso que ninguém parecia compreender. Que embora algumas famílias alimentadas a milho no Iowa pudessem não sentir a perda das Filipinas no imediato, iriam senti-la um dia, porque os ecossistemas estavam ligados uns aos outros, porque a vida *era importante*, porque nada no mundo desaparecia sem deixar rasto e, portanto, a razão para Belen regressar um dia a casa tinha desaparecido.

Estava a sentir-se deveras assassina quando recebeu o convite de Atlas Blakely para ir a Londres para uma farsa a que chamavam baile na Sociedade de Alexandria. Não deixava de ser irónico que tivesse sido convidada tão casualmente ao fim de um esforço de meia vida para lançar luz sobre os segredos da Sociedade. Era imbecilmente transparente a tentativa de a acolher como se ela ainda tivesse alguma coisa a oferecer ou como se alguém quisesse ouvir o que ela tinha a dizer. Nothazai já se encontrava com governos naquela altura para trocar o conhecimento que Ezra lhe transmitira sobre os sistemas de rastreamento da Sociedade pela cooperação militar de outros países e a assistência da respetiva polícia. Tudo para capturar os medeicos mais perigosos do mundo, liderados por Atlas Blakely, um conhecido membro de uma sociedade secreta que poderia mudar tudo, *mas não o quis fazer.* Um homem que tinha acesso a arquivos tão preciosos, tão inestimáveis, que poderia mudar o rumo da existência humana. E não fez nada senão ficar parado.

A autocerimónia comemorativa no grande salão da Sociedade foi demasiado dececionante. Suficientemente má para a levar a procurar irracionalmente o próprio Curador a pensar que poderia assim animar a noite. Uma pequena jogada de poder para o palato. Mas não, nem isso conseguiu, porque estar no gabinete de Atlas Blakely foi decididamente o momento mais deprimente da vida de Belen Jiménez.

O que era ridículo, na verdade. Porque, em quase todos os padrões mensuráveis, a vida dela era muito deprimente.

Não tinha amigos próximos. A família tinha desaparecido. Nunca tinha casado. Nunca tinha tido filhos. Tinha tido muitos casos, mas nada substancial; não tinha tido coisas pequenas que mais tarde poderia recordar como as coisas importantes. Nada que valesse grandes romantismos.

Uma vez apaixonara-se por uma professora que não era uma professora, que representava o poder e a feminidade e a promessa de que poderia ter o que merecia, mas que acabara por revelar ser apenas mais uma rapariga branca que pensava que uma coisa qualquer que achava que deveria alcançar valia mais do que todo o futuro de Belen. Parabéns, quisera gritar Belen, por seres quem és! Por seres bonita! Por estares cheia de magia que não

sabes em que usar! Por teres nascido num país que disse que tinhas o direito de lutar e *ser grande!*

Mas não. Nem esse momento, em que estivera na Escócia com Libby Rhodes, fora tão deprimente como olhar para Atlas Blakely e perceber, com um estrépito ensurdecedor no ouvido, que também ele, era apenas... um homem.

— Professora J. Araña — disse ele, a brandir o nome dela como uma ameaça. — A sua reputação precede-a. Diga-me, o que quer dizer o *J*...? Ah, sim, Jiménez. — Belen teve um arrepio ao lembrar-se daquele momento. Tinha-se livrado do antigo nome, da antiga vida, que estava demasiado associado à pessoa que o eminente Dr. Maxwell T. Mortimer, o menino-homem anteriormente conhecido como Mort e que, entretanto, se tinha tornado um dos fundadores da teoria do *quantum*, reprovara e que, mais tarde, haveria de chegar ao ponto de se rir ao ouvir o nome Belen Jiménez durante uma entrevista para o Fields Medal.

— É casada — perguntou Atlas ou é só um pseudónimo?

Decerto saberia a resposta. Idiota.

— É o nome do meio da minha avó.

— Estou a ver. — Atlas era mais novo do que ela pensava. E mais velho, também. Parecia tão cansado como ela apesar de ser quase dez anos mais novo. — E o que é que eu posso fazer por si, Professora?

— Morrer — disse ela. — Devagar. Dolorosamente. — Belen ficou desiludida ao descobrir que não o odiava. Não sentia nada por ele, que era quase pior. Era... anticlimático. Patético.

Triste.

— É compreensível — disse Atlas.

— Na verdade, só vim cá para o matar — disse ela. O que era verdade. Belen começava a pensar que aquele pequeno subterfúgio daquela criança chamada Ezra poderia ser resolvido de forma muito mais eficiente com uma boa dose de golpes preventivos, como seria matar Hitler quando era bebé — Mas a verdade é que isto não tem que ver consigo — suspirou, pondo termo a qualquer devaneio homicida, que era a única coisa que lhe restava naquela

altura. — Se morrer, será substituído por outra pessoa. Como as cabeças da hidra.

— Verdade — disse Atlas.

— O veneno é institucional. É maior do que uma pessoa só. — Foda-se.

— É sempre— respondeu Atlas, e muito bem, ela odiava-o um pouco por causa disso, porque o que é que ele sabia, na verdade? Nada. Era tão britânico, que o poderia barrar numa panqueca — Lamento não ser capaz de lhe oferecer mais, Belen — disse ele.

— Certo. — E era assim. Belen espreitara por trás do véu e só vira um tipo inglês. Então *aquele era o vilão?* Era um nada. E ela era ainda menos do que nada, afinal de contas.

— Bem. — Belen aclarou a garganta. — Não serviu de muito a festa, então.

— Posso levar um murro no maxilar, se isso ajudar — disse Atlas. Parecia pensar que tinha piada. Estava a olhar para ela de forma estranha, como se soubesse exatamente que tudo aquilo era deveras deprimente e como se tivesse pena dela.

Ótimo.

— Muito complacente, obrigada — respondeu Belen, perguntando-se se não deveria matá-lo na mesa só por diversão. Mas o que é que importava afinal?

O que é que importava o que quer que fosse?

Durante a entrevista que dera à *Time,* um jornalista galardoado com o prémio Pulitzer chamado Frank perguntara-lhe porque tinha lutado tanto naquele ano para fazer pressão para que o Congresso aprovasse políticas ambientais institucionais. Era uma pergunta estúpida e ela tratara-a como tal. Era como perguntar-lhe: «Porque acha que é importante que todos os humanos sejam tratados com dignidade, quase como se fossem importantes ou algo parecido» e ela vira-se tentada a dizer: «Bem, Frank, porque haveria de dignar-me a responder a essa pergunta, hum? O Frank tem uma família, uma aliança no dedo, um telhado para o abrigar: porque haveria de tratá-lo como se o Frank fosse importante, quando poderia ter nascido mulher, mosquito ou habitante da cidade natal da minha mãe?» A realidade — que

aquela ideia nunca passaria pela cabeça de Frank — enfurecera-a na altura, mas depois só a deixara mais vazia. Odiara-o durante anos, mas não acontecera nada em resultado desse ódio.

O cabelo dela ficara branco. Ele servira de base a um filme galardoado com um óscar.

O que é que importava, o que é que importava, *o que é que importava?*

Acabou por dar meia-volta e deixar o gabinete de Atlas Blakely para se pôr imediatamente no caminho de outra pessoa.

— Desculpe...

Belen não sabia exatamente o que tinha acontecido. Era como se uma bomba tivesse sido detonada algures na cabeça dela. Algo explosivo, que não lhe permitia voltar atrás. Percebeu que não podia desistir. Porque se desistisse, *eles ganhariam.* Belen não sabia exatamente quem *eles* eram, mas isso não era importante. *Ela* iria vencer. Não deixaria que o futuro que Libby Rhodes tinha previsto fosse o único futuro possível. Belen iria *obrigar* alguém a ouvi-la. Iria obrigar alguém a escutar a sua voz e, de repente, não importava como, nem o tempo que iria demorar, nem qual dos princípios tinha de pôr de lado para o conseguir.

***

Depois da festa, Belen aumentou a produtividade do laboratório que dirigia.

Deixou de recusar projetos com base em preocupações morais.

Não respondeu às chamadas de Nothazai, rejeitando os objetivos que ele tinha por os considerar demasiado altivos, a transparência de que ele tanto gostava a um preço demasiado elevado.

Durante anos, tivera acesso ao tipo de investigação medeica que lhe permitiria fazer umas massas valentes em mercados negros. Se o dinheiro fazia o mundo girar, que assim fosse. Se dinheiro era o que ela precisava para calar as bocas e abrir os ouvidos das pessoas, então era de dinheiro que iria atrás.

Não para ficar com ele, claro. Não para o guardar. Para o *gastar.*

Estava, portanto, a apontar a ambientalistas de guerrilha que se opunham a políticas governamentais de países governados por homens idiotas.

Em lugares como a Indonésia e o Vietname, começou a financiar discretamente revoltas de sindicatos. *Que se foda a cadeia de abastecimento!* gritava enquanto transferia dinheiro para os muitos inimigos do estado.

Violava todas as putas de todas as patentes e revelava todos os segredos comerciais para que os humildes herdassem a terra. Teriam de o fazer! Seriam os únicos a sobrar para herdar o que quer que fosse, porque Belen iria assegurar-se pessoalmente de que todos os capitalistas com fatos à medida haveriam de *sangrar.*

— Receio que esteja a perder o nosso objetivo de vista — disse Nothazai, que considerou oportuno visitá-la no laboratório. Ezra estava com ele, o imbecil. Não devia ter mais de 25 anos e ali estava ele: a cercá-la. Como se ela fosse uma adolescente que tivesse perdido a cabeça. Como se não estivesse a agitar uma espécie de guerra ideológica com a sua própria culpa.

(Não que importasse agora, mas quando Belen tinha a idade dele, era mais atraente do que ele.)

— Não faço ideia de qual é o objetivo, Nothazai — respondeu Belen calmamente, embora a aparência dela pudesse muito bem sugerir o contrário. Não lavava o cabelo havia vários dias e tinha deitado fora todos os batons, bases e os amuletos de magia que usara no passado para parecer digna e/ou sensata. — Sabe qual é o seu objetivo?

— O nosso objetivo é o mesmo que sempre foi — respondeu Nothazai estoicamente. — Revelar a verdade sobre a Sociedade. Tornar público o conhecimento precioso que escondem atrás de portas fechadas. Fazer...

— Em primeiro lugar — disse Belen — tudo o que vale a pena saber já é sabido. As pessoas *sabem* do trabalho escravo — salientou. — As pessoas sabem da política da geoengenharia. Sabem das práticas comerciais amorais. Sabem do resgate de empresas e das lacunas fiscais e das putas das Ilhas Caimão. O que quer fazer em relação a *isso?*

Belen apercebeu-se de que estava a falar depressa, talvez demasiado depressa. Nothazai parecia não a compreender. Ezra, se é que compreendia o que quer que fosse, tinha posto a atenção com demasiada determinação nos próprios sapatos.

— Nós não temos nada que ver com o que as pessoas fazem com a informação. — Nothazai falava calmamente, como que para tranquilizar um tigre a rugir furioso, que não era o caso de Belen. Belen era uma mulher extremamente sensata que estava *farta até aos cabelos* de toda a gente que a tinha ignorado durante trinta anos. — Não podemos controlar o que o mundo decide fazer com o conhecimento. Não nos cabe a nós guardá-lo.

— Treta — disse Belen. — Então cabe a quem?

— J. — disse Nothazai de forma tranquilizadora. — Seja razoável.

— Não me chamo J., seu pateta pomposo — disse ela. — Chamo-me Belen, que era o nome da prima da minha mãe. A minha mãe que morreu, diga-se — informou a Ezra, que estava a olhar para todo o lado exceto para a cara dela. — E a prima dela que também morreu, e claro, talvez esse fosse o destino dela, mas alguém se importou? *Alguém* se importa?

— Professora — disse Nothazai.

— Está a fazer tudo ao contrário — disse Belen a Ezra, porque, naquele momento, ele não passava de uma criança que talvez ainda pudesse aprender alguma coisa e não um burro velho que não tomasse andadura. Belen não conseguia imaginar como é que aquele poderia ter sido o homem que deixara Libby Rhodes tão aterrorizada, mas, pensando bem, também não tinha compreendido Libby Rhodes.

— Acha que isto tem que ver com *seis pessoas?* — perguntou Belen a Ezra e ficou a ver a expressão dele a empalidecer. — Está enganado. Não tem que ver com seis pessoas. Não tem sequer que ver com o mundo. — Certo, talvez daquela vez o riso dela soasse um pouco demente, até para ela. — Nunca tem que ver com *o mundo,* Ezra. Só tem que ver com uma pessoa — disse ela e, pelo menos, ele parecia estar a ouvi-la, o que era gratificante. — Tudo o que fazemos. Tudo aquilo em que acreditamos. Todos os erros que fazemos ou todos os sonhos que temos. Não têm que ver com os dez mil milhões de pessoas que nunca vamos ver na vida. Só tem que ver com uma. Tudo se resume a uma única pessoa.

Libby Rhodes, sua cabra. Tenho saudades tuas e detesto-te.

Este era o último pensamento consciente de que Belen se lembrava. Tudo o resto era muito difuso. Um movimento das mãos de Nothazai (escumalha da biomancia), um relanceio repugnante de um Ezra envergonhado, a súbita inclinação dos velhos soalhos de linóleo. Belen, na altura, estava a rir-se, a garganta a começar a doer por causa disso, do riso. Só tinha mais uma coisa na cabeça cansada e zangada. Só uma ideia, em repetição...

Vai-te foder, Libby Rhodes!

Vai-te foder, *Libby Rhodes!*

Vai-te foder, Libby Rhodes!

... até que, discretamente, a pequena chama de raiva que ardera durante três décadas no coração de Belen Jiménez começou finalmente a tremeluzir e se apagou.

• Nico •

— Onde é que estão todos? — perguntou Nico ao fim de cinco minutos de silêncio desconfortável na sala pintada. A data estava marcada no programa havia quase um ano; o estudo independente deveria terminar naquele dia, de uma forma que Nico pensava que seria cheia de pompa e circunstância, ou, pelo menos, algum tipo de vago esplendor. Tristan, que estava sentado à mesa, encolheu os ombros. Callum, que estava a olhar pela janela, não se virou. — Pensava que a ideia era partilharmos a nossa investigação.

Nada. Grilos.

— A sério? — disse Nico.

— Tens mesmo de passar mais tempo no mundo, Varona. — Parisa, pelo menos, tinha finalmente entrado na sala, óculos de sol no nariz, como se tivesse decidido ir dar um passeio e só tivesse ficado porque o tempo tinha mudado. Não tinha; estava um belo dia lá fora. E isso era exatamente o que era tão frustrante. — Não vais apresentar nenhum exame final — disse ela, a sentar-se na ponta do sofá como se esperasse que alguém lhe fosse buscar uma bebida.

— Não vou, o caraças — disse Nico, cujos apontamentos tinham sido meticulosamente preparados sem tempo a perder ao longo da noite anterior, tal como tinha feito com todos os cursos anteriores. — E onde é que está a Reina?

— Aqui — ouviu-se da entrada da sala pintada. Reina entrou de fininho e sentou-se na ponta oposta à de Parisa, um enorme tomo agarrado tacitur-namente ao peito.

— Vês? A Reina trouxe... algo. — Nico acenou a mão na direção dela. — Quer dizer, atribuíram-nos o estudo independente por uma razão, não foi? Olhar em frente e investigar? Fazer aos arquivos o que eles nos fazem a nós?

— Estás a confundir o Atlas com a Bíblia — disse Parisa, enquanto Callum e Tristan resfolegaram baixinho e tentaram imediatamente esconder a sincronia ao olharem para direções opostas. — Ninguém disse que tínhamos de apresentar as nossas conclusões — acrescentou Parisa. — Sempre nos disseram que isto não era uma escola. A única instrução que recebemos foi para contribuirmos com a nossa investigação pessoal para os arquivos.

— *Fazê-los crescer,* digamos — recitou Callum, com um tom afetado a fazer lembrar Atlas.

— Certo, *e*? — incitou Nico a acenar a mão. — Onde está a alegada investigação?

— Oferecida como contributo — respondeu Parisa. Relanceou para Reina, que ainda estava a abraçar os apontamentos ao próprio corpo, e depois desviou o olhar. — Mas penso que a pergunta é onde está o Atlas, não é?

— Não vem — disse Tristan.

— És discípulo dele, agora? — perguntou Callum sem se virar.

— Vai-te foder, e não — atirou Tristan. — Só não está aqui.

— Doentio — disse Callum com um olhar esquivo para Parisa, que ela ignorou.

— Oh. — Nico pestanejou e depois franziu o sobrolho. — Então o que estamos aqui a fazer, afinal?

Em resposta, Reina levantou-se e virou-se para a porta para se ir embora até que Parisa suspirou e a agarrou pelo pulso para a travar.

— Ora, esta é a nossa última semana aqui — disse Parisa, que depois relanceou Tristan. — Bem, da maior parte de nós.

Tristan não disse nada. Nico, que não tinha sabido nada, aproximou-se dele.

— O quê? — perguntou. — Desde quando? Pensava que a Reina ia...

— Não — disse Reina, já irritada. — Acabámos?

Relanceou Parisa com um olhar carrancudo de ressentimento.

— Senta-te — disse-lhe Parisa.

Irritada, Reina sentou-se.

— Linda menina — disse Parisa, e Reina revirou os olhos. — Mas, bem, caso se tenham esquecido, anda alguém atrás de nós. — Relanceou Nico, que fez um esgar, e Reina, que desviou o olhar. — Por isso, devíamos discutir a nossa estratégia de fuga entre nós, quer o Atlas esteja aqui quer não. Afinal de contas — acrescentou Parisa não é ele que vai ser perseguido assim que puser os pés fora destas defesas.

Reina lançou-lhe um olhar de teimosa irritação.

— Só saberão como nos encontrar se formos para onde esperam que vamos — murmurou Reina entre dentes. — Por isso, podemos simplesmente ir para outro lugar qualquer. Feito. Problema resolvido.

— Acabarão por nos encontrar — apontou Parisa. — O que eu acho um pouco inconveniente de mais para o meu gosto.

Nico reconheceu o tom na voz de Parisa como aquele de que mais gostava: o timbre da formulação de um plano.

— Tens a minha atenção — disse, ao que Parisa respondeu com uma saudação irónica.

— Bem — disse ela. — Sabemos que a Sociedade tem inimigos. Sabemos que decidiram vir atrás de nós. Ao fim de dois anos neste lugar abandonado, quase de certeza que esperam que voltemos para os lugares de onde viemos. E sabemos que esperam pelo menos que um de nós já tenha sido morto. — Olhou vincadamente para Callum, que estava a pensar no que ela dizia em silêncio e à distância. — O que eu calculo é que eles vão enviar alguém para nos apanhar um a um até concluírem a tarefa. Por isso, em vez de ficarmos aqui à espera do inevitável, diria que poderíamos acabar com a ameaça deles usando nós próprios uma ameaça com alguém que seja uma surpresa para eles.

Nico sentiu a sobrolho a franzir-se.

— Referes-te a...

— Alguém enviado para apanhar um telepata em Paris pode não estar bem preparado para um físico — apontou Parisa com um encolher de ombros. — Da mesma maneira, alguém que espera um físico em Nova Iorque pode ser facilmente desarmado por um empático. Sobretudo um

com... a especialidade específica do Callum. — Lançou-lhe um sorriso malicioso de deferência escarninha e ele arqueou uma sobrancelha em reconhecimento, mas não disse nada. — A questão é que — continuou Parisa — temos a oportunidade de fazer as coisas com as nossas próprias mãos uma última vez antes de voltarmos para o mundo em geral. O que — acrescentou secamente para Nico — não é um mundo em que tenhamos de apresentar o nosso trabalho de casa, diga-se de passagem.

Houve um pequeno rufo de entusiasmo no peito de Nico apesar da indireta.

— Estás a dizer que queres que nós ripostemos?

— Porque não? — Parisa encolheu os ombros e depois olhou para Reina, desafiando-a a discordar dela. — A menos que tenham outra ideia.

— Não. — A resposta de Reina foi surpreendentemente rápida. — Não, acho que é um bom plano.

— Eu também — disse Callum suavemente.

Parisa levantou-se e ajeitou o vestido.

— Bem, isto foi fácil. Podes ir para Londres — disse a Reina, e depois partilhou o resto dos destinos não atribuídos — e eu vou para Osaca.

— Está bem — disse Reina, que parecia estranhamente indiferente à sugestão. Nico pensou que ela estava realmente cansada deles todos.

— Ótimo. Excelente. Estamos conversados então. — Parisa virou-se para a porta, preparada para se ir embora.

Reina levantou-se e seguiu-a, Tristan também. Depois, antes de saber o que estava a dizer, Nico já tinha atirado atabalhoadamente:

— Mas não vamos despedir-nos?

Os outros viraram-se devagar para olhar para ele.

— Desculpem — disse ele. Depois pestanejou. — Não, não peço desculpa. Não acho que seja pouco razoável pensar que possamos considerar falar uns com os outros de alguma forma antes de irmos embora! E como caralho é que o Dalton ainda está doente? — acrescentou ardorosamente, em parte porque ninguém tinha visto Dalton e também porque a presença de Dalton costumava indicar um Evento Académico

Oficial. E Nico ficou desiludido quando soube que aquela não era uma dessas ocasiões. — Não podem pensar, com toda a honestidade, que vão todos embora e depois... *nada* — disse Nico, titubeante. — Certo?

Reina olhou para ele sem expressão. Parisa tinha na boca um trejeito de afeto misericordioso, como se ele tivesse dito algo especialmente encantador e adorável. Tristan suspirou sonoramente.

— Está bem — disse Tristan numa voz paciente, como se nunca ninguém tivesse estado tão cansado e, portanto, eles não pudessem sequer imaginar o trauma que ele sentia ao pensar no assunto. — Jantamos juntos? A nossa última noite?

— Uma última ceia? — disse Parisa. — Nem sempre correm bem.

— Que ninguém traga facas — observou Callum do lugar onde estava junto à janela.

— Vai-te foder — disse Tristan. — Isso é um sim?

— Não é um não — apontou Parisa.

— Está bem — disse Tristan antes de relancear Reina, que encolheu os ombros para manifestar a sua ambivalência. — Pronto — concluiu Tristan a voltar-se para Nico. — Vemo-nos no final da semana. Satisfeito?

— Bem, acho que sim — murmurou Nico, que não esperava sentir-se como o miúdo mais carente de um acampamento de fim de semana. Mas, aparentemente, era suficiente para os outros todos, porque dois minutos depois, abandonaram todos a sala.

— Creio que não os podes censurar — disse Gideon de fora da habitual jaula dos sonhos de Nico. — Isto nunca passou de um trabalho para eles, não foi? Tu és o único que ainda não teve nenhum.

— Acho que sim — murmurou Nico, embora se tenha animado ao lembrar-se que dali a poucos dias deixaria de ter de ocupar uma cela de uma prisão para falar com Gideon. — Queres ir ter comigo a Paris? — perguntou, a sentir-se inesperadamente contente.

— Não tens de lutar com alguém? — perguntou Gideon.

— Tenho — disse Nico.

— Então sim, claro — respondeu Gideon. — Embora tenha a sensação de que a minha versão corpórea precise de tomar algumas vitaminas antes.

— Alonga-te — aconselhou Nico.

— *Gracias.*

— *De nada.* E leva *bagels.*

— Não — disse Gideon. — Podes levá-los tu.

— A menos que seja assassinado — disse Nico.

Gideon arqueou uma sobrancelha.

— Estou só a brincar — disse Nico. — Nunca seria assassinado a não ser que fosse por uma ex-namorada, a dormir. Nesse caso seria merecido.

— Bastante — concordou Gideon.

— Por falar em ex-namoradas. — Nico fez uma carranca de repulsa, que Gideon interpretou bem, o que ajudou.

— Nem sinal dele — disse Gideon a abanar a cabeça. — Mandei o Max fazer umas perguntas por lá, mas ninguém ouviu nada sobre o Fowler há mais de um ano.

Sem surpresa.

— Então e...

— Os pais da Libby? Estranhamente, têm estado em contacto com ela, ou pensam que têm. — Ao ver o olhar de surpresa de Nico, Gideon encolheu os ombros. — Pelos vistos, alguém lhes tem andado a mandar mensagens de texto a partir do telefone da Libby com uma frequência mais ou menos regular. Mensagens tranquilizadoras normais para dizer *olá, amo-vos,* esse tipo de coisa.

Que raio.

— Quem é que haveria de fazer isso? — murmurou Nico, enojado. — Algum tipo de sádico.

— Ou alguém que se preocupe com eles — sugeriu Gideon neutralmente, a usar a melhor voz de São Gideon que tinha.

Inacreditável. Que ameaça.

— Será que o teu exageradíssimo sentido de compaixão tem algum limite racional? — resmungou Nico. — Por uma vez, Gideon, tenta lá deixar de me forçar a amar as pessoas e aceita que tenho sido extremamente razoável e correto este *tempo todo*...

— Não devias estar satisfeito? — ripostou Gideon. — Estou só a apoiar a tua teoria segundo a qual quem fez isto foi alguém que se preocupa com ela, afinal de contas.

Nico atrapalhou-se, a sentir uma armadilha.

— Sim, bem... mesmo assim, eu... — Deteve-se, agitado. — Como se ele pudesse fazer isto e mesmo assim *preocupar-se com ela.* A sério, como é que isso seria...?

Gideon sorriu, o que era exasperante.

— Alguma notícia da Rhodes? — perguntou Nico, a sentir uma sucção no peito ao pensar no assunto. Pensou que não admirava que tivesse feito algo tão completamente embaraçoso como pedir aos outros bolseiros para se encontrarem com ele uma última vez. Não tinha a Libby havia um ano, o que, aparentemente, significava que se tinha transformado nela durante a sua ausência.

— Eu fiz passar a mensagem — disse Gideon a encolher os ombros. — E, para que conste, não a encontro em lugar nenhum nos domínios, pelo que ou o conseguiu ou...

Não acabou a frase, e mostrou-se particularmente etéreo na sua relutância.

— Ela não vai morrer — apressou-se a dizer Nico. — A Rhodes nunca seria morta.

— A menos que fosse por um ex-namorado enquanto dorme? — perguntou Gideon com a voz baixa.

Por muito que Nico adorasse a ideia de estar certo acerca de Ezra Fowler, detestava-a em igual medida. Era melhor partir do princípio de que o pior não era realmente *o pior.*

— Quem lhe dera — disse Nico num tom escarninho, atirando qualquer aparência de verdadeira preocupação para trás das costas. — Provavelmente é extraordinariamente atenciosa para com os amantes.

— É uma tristeza que tenha tão poucos inimigos — concordou Gideon a devanear. — Ao contrário de ti.

— Exatamente — disse Nico.

O sorriso de Gideon em resposta era de um carinho demoníaco.

— Até breve, Nicky — disse ele.

— *Bagels* — disse Nico.

— Vou dizer ao Max — respondeu Gideon a estalar os dedos para que Nico acordasse.

O dia seguinte passou com uma rapidez absurda. Nico não conseguia acreditar que algo tão pretensamente impactante pudesse passar assim, sem nenhuma cerimónia, sem nada digno de nota. De qualquer forma, pensou que alguém que iniciasse a bolsa já estaria morto, pelo que talvez fosse ele que fosse estranho.

— Liga-me quando quiseres — disse Nico a Reina no último jantar. Callum estava atrasado. Parisa ficou zangada com ele e pôs-se a olhar para um mapa do epicentro mágico de Osaca. Tristan estava a atacar a salada furiosamente com o garfo.

— Obrigada — disse Reina. — Nico tinha intenção de reparar o que quer que se tivesse quebrado entre eles, mas não parecia provável. Reina parecia ansiosa por se ir embora, o que ele não conseguia compreender.

— Estava convencido de que irias querer ficar — murmurou-lhe num aparte, e ela relanceou-o como se ele tivesse dito algo horrorosamente vulgar.

— Porquê? Tu não — murmurou ela.

Ele hesitou, sem saber bem em que pé estava.

— Bem, não, mas...

— Não há como vencer a esta — avisou Parisa do outro lado da mesa.

— Só precisas de dizer à Reina que ela é muito inteligente e perigosa e ela vai sentir-se muito melhor.

— O quê? — disse Nico, a virar-se para fitar Reina. — Isso é verdade? Porque...

— Boa noite. — Reina puxou a cadeira para trás e deixou os talheres caírem com estrondo antes de sair da sala. Esbarrou com os ombros num Callum que finalmente se dignava a aparecer e vinha a assobiar.

— O que é que se passou? Oh, não me digam — disse ele, a acenar como se não tivesse importância. — Nunca se sabe com ela. Sabiam que ela acha que é um deus?

— O quê? — perguntou Nico.

— Não é importante — disse Parisa. — Come a salada.

— Já estou tão arrependido disto — suspirou Nico.

— Eu também — contribuiu Tristan, que parecia estar a tentar fazer explodir um tomate-cereja com o poder da mente. Que era algo que ele até já conseguia fazer mais ou menos, graças a Nico, mas falar no assunto parecia-lhe um bocado triste. Seria como ver um vídeo dos melhores momentos deles todos e dizerem «aauu» em conjunto.

— Alguém falou com o Atlas? — perguntou Nico, em vez de dizer algo sentimental. («Vou ter saudades vossas» ou «Tenham um ótimo verão» parecia desadequado para dizer a verdade.)

— Sim, na verdade, eu acabei de falar — disse Callum a acenar com a cabeça para o corredor. — Pelos vistos, ele ia juntar-se a nós esta noite, mas foi chamado para outro lugar. Ele disse que alguém da Sociedade vai falar connosco depois de nos irmos embora.

— Só isso? — Tudo aquilo era exasperante para Nico. — Quem?

— A pessoa responsável pelas carreiras, creio. — Callum estava obviamente a brincar. Bem, devia estar a brincar. Na verdade, Nico não conseguia perceber a logística da Sociedade, que só iria ficar... bem, menos mágica à medida que ele se afastasse dela. Embora ele estivesse convencido de que a distância em relação aos arquivos lhe iria fazer bem.

— Oh. — O relógio em cima da lareira corria enquanto eles comiam em silêncio, Nico a olhar para o garfo. — Bem — começou, e Parisa deu-lhe um chuto debaixo da mesa.

— Nós sabemos, Varona — disse ela. — Não tornes as coisas mais estranhas ainda.

— Mas...

— Foi só uma coisa que todos nós fizemos — disse Tristan.

Callum acrescentou:

— Tenta tornar a próxima coisa que fizeres mais interessante.

— Mas...

— Pão? — perguntou Parisa, a oferecer o cesto a Nico.

Nico nunca se sentira tão criança.

— Certo — disse Nico a exalar.

No dia seguinte, Dalton teve finalmente a decência de aparecer, embora fosse apenas para explicar o processo de transporte, como se Nico nunca tivesse sido transportado magicamente para lugar nenhum.

— E se alguma vez tiver de consultar os arquivos, deverá contactar o Curador — acrescentou Dalton, estendendo um cartão a Nico que dizia ATLAS BLAKELY, CURADOR, como se também isso fosse algo que ele nunca tivesse visto.

— Uau — disse Nico. — Uaaaaaaaaau.

— Com efeito — disse Dalton. Deixou-se ficar muito quieto, como se tivesse pensado que a interação tinha terminado.

— Bem, adeus, então — murmurou Nico, a olhar por cima do ombro para ver se via Reina. Nenhum sinal dela. O quarto de Parisa já estava vazio. Nico não se dera ao trabalho de dizer nada a Tristan porque estava convencido de que sabia como iria correr, e Callum... era Callum.

— Ah, Sr. de Varona — disse a voz de Atlas, e Nico deixou escapar um suspiro agitado de alívio. Pelo menos, aquela parte seria importante. Talvez envolvesse uma placa e tudo.

Mas não, Atlas trazia apenas a mão estendida.

— Boas viagens — disse ele. — Esperamos vir a encontrá-lo em breve.

— Viu a minha investigação? — perguntou Nico, mais parecido com a Rhodes do que nunca.

— Vi. — Atlas assentiu com a cabeça. — Muito meticulosa.

E parecia ser o fim. Nico estendeu a mão para a de Atlas.

Depois, porque era um idiota, perguntou:

— Porque é que não me pediu para ficar?

— Hum? — disse Atlas.

A resposta deixou Nico ansioso.

— Pediu ao Tristan para ficar. E à Parisa. E, bem, o Callum é um caso à parte, mas... — Nico mordeu o lábio. — Pensei que iria achar a minha investigação, enfim, interessante.

Céus, sentia-se um idiota catastrófico. Foi ainda pior quando Atlas lhe sorriu.

— O Sr. de Varona vai voltar — disse-lhe de forma paternal com uma palmadinha no ombro. — Tenho a sensação de que o vou ver de novo não tarda, Sr. de Varona.

— Porquê? — perguntou Nico desesperadamente. — Como?

— Porque — disse Atlas — a menina Rhodes vai voltar.

Esta informação atingiu Nico com violência. Como o sol a bater-lhe nos olhos e a ofuscá-lo.

— Oh — disse ele, atordoado, e Atlas afastou-se para o lado e apontou para os transportes na ala oeste das defesas.

— Boas viagens — disse Atlas, com um aceno amável quando as portas do transporte se fecharam.

Nico engoliu em seco e parou por um momento em silêncio. Depois carregou no botão para Paris e esperou que o transporte o levasse ao destino, altura em que as portas se abriram e o deixaram a pestanejar para a luz.

O Sol ia alto na Pont Neuf, o Sena a reluzir debaixo dele. Nico apercebeu-se pela primeira vez de que se tinha desabituado do barulho ao longo dos dois anos anteriores. O som dos carros e dos estranhos a passar era alto, quase assustador, as vistas e os cheiros uma fúria de novidade avassaladora, de vida. Uma bicicleta passou por cima da calçada e Nico desejou cair de joelhos e beijar o chão.

— Tinha esperança de te encontrar aqui — ouviu à sua esquerda.

Nico virou-se e viu Gideon encostado a um dos lampiões icónicos da cidade, com um rosto pálido e ensonado e um aspeto geral de desleixo. A pulsação de Nico começou a bater com estrondo para o saudar, como a cauda de um cão fiel a sacudir-se.

— *Bonjour* — queria dizer, ou qualquer outra coisa culta e inteligente, mas o sobrolho de Gideon carregou-se de intensidade antes de ele o poder fazer.

— Nicky, atrás de ti...!

Mas ainda antes de Gideon lhe gritar, ele já o tinha sentido. A terra debaixo dele vibrou, palpitante, e Nico virou-se, aturdido de expetativa, para olhar de frente para a última pessoa que o queria ver morto.

• Callum •

No momento em que se deparou com Reina na rua estreita atrás da Catedral de São Paulo, ela já tinha reduzido os quatro atacantes a dois. No entanto, Callum tinha a sensação de que ela estava a arrepender-se do tempo que passara a ler livros e a divagar sobre a divindade (ou o que quer que fosse que ela fazia no quarto) em vez de treinar combates, como fizera no ano anterior, porque o desgaste que estava a provocar-lhe era considerável. Era óbvio que estava a abrandar e que os assomos de magia física que era capaz de produzir se tornavam mais frágeis de cada vez que se centrava no alvo, pelo que Callum decidiu ser cavalheiro e cutucou um dos atacantes — o mais encorpado dos dois — no ombro. Era evidente que se tratava de um homem que estava habituado a receber ordens de pessoas que eram mais pequenas, mas também mais inteligentes do que ele, o que era um ponto de partida muito vantajoso para Callum.

— Desaparece — sugeriu Callum, e o cão de fila de um bruxo pareceu achar que era uma boa ideia. Aprumou-se e pôs-se a andar imediatamente, mais depressa que o tolinho que um dia Callum convencera a deixar a irmã mais velha em paz e que antes daquele episódio Callum considerava ser o idiota mais acéfalo do planeta. Portanto, parecia que algumas pessoas não escolhiam bem os seus soldados.

Entretanto, Reina tinha ficado bastante bem cercada. Não que Callum lutasse muito, se é que alguma vez o fazia — curiosamente, nunca tivera muitos inimigos antes daquele momento —, mas estava convencido de que ela tinha violado alguma lei essencial de combate quando deixou que a empurrassem até uma parede. Pelo menos, tinha uma arma, uma espécie de faca fina como uma agulha, que era um acessório de moda encantador e não completamente inútil, dado que o bruxo que estava a enfrentar tinha de ter cuidado com os olhos. Mas, tirando a faca, Reina parecia mal preparada para a armadilha que a esperava e Callum via que ela estava com dificuldade em recuperar o fôlego, o cabelo a cair-lhe nos olhos, fibroso com o

suor, no preciso momento em que ela o viu. Pelos vistos, as reservas de magia de batalha suja já se tinham esgotado.

Reina franziu o sobrolho ao vê-lo aproximar-se, um momento de hesitação quase a levá-la a conhecer em primeira mão o punho fechado do atacante que se aproximava. Callum surgiu em seu auxílio com um assobio e tirou proveito de um momento de distração para travar o bruxo mais pequeno com uma mão no ombro.

— Para — disse Callum.

O bruxo parou, com uma expressão confusa.

— Senta-te — sugeriu Callum.

O bruxo sentou-se.

— Deixa-te estar — concluiu Callum. E, quando percebeu que a situação estava controlada, virou-se para Reina, que estava a arquejar e parecia à beira de um colapso. — Má escolha — disse ele com uma pequena interjeição de reprovação. — Ninguém te avisou que havia um bando inteiro de bruxos à caça do sangue do Tristan Caine?

— Creio que a Parisa se esqueceu dessa parte. — O peito de Reina subia e descia em sacudidelas tão desordenadas, que, por um instante, Callum ficou quase preocupado com o bem-estar da congénere medeica. Mas quando ela o fitou com uma expressão carrancuda, ele percebeu que não tinha com que se preocupar. — O que é que estás aqui a fazer?

— Tu e eu tínhamos um acordo, não tínhamos? — Callum encolheu os ombros. — E, diga-se, a situação em Nova Iorque foi resolvida facilmente.

Na verdade, foi mais estranha do que ele estava à espera, porque, além dos jagunços mágicos que ele tinha previsto, havia também uma sereia de veias azuis que parecia *muito* dececionada por o ver. Callum nunca tentara manipular uma criatura — na realidade, fora ela que quase realizara uma espécie de manipulação sobre *ele*, que, claro, foi capaz de evitar, uma vez que não tinha interesse nenhum em foder com uma sereia —, pelo que não tinha a certeza se o efeito já estava a fazer-se sentir. No entanto, estava ali e, a acreditar na sereia, Nico de Varona tinha claramente um amigo muito bem posicionado, o que era bom saber. (Iria ter em conta esses detalhes mais tarde, se fosse necessário.) O que interessava era que estava tudo bem em

Nova Iorque e que Callum estava em Londres e não havia mais casas sencientes sempre em cima dele e toda a gente se estava a comportar muito bem. Até, ou talvez sobretudo, o bruxo que estava sentado placidamente aos pés deles.

— Não precisava da tua ajuda — disse Reina, o que era claramente falso. Callum sentia todos os grãos de remorso que Reina exalava desde que deixara a casa senhorial naquele dia, respingos de dúvidas que se agarravam a ela como gotas de orvalho e lhe turvavam a superfície da pele. Reina estava exausta e furiosa por ninguém ter tentado fazer mais nada para a ajudar. Nenhuma árvore que se revelasse útil, nenhuma videira que pudesse ser usada, nenhum Nico, nenhuma palavra de Atlas, que ela esperava que lhe suplicasse para ficar, mas que era óbvio que não o tinha feito. Estava desolada e pensava que era raiva, razão por que terá pensado que deveria responsabilizar Callum. Callum não poderia, e não iria, deixá-la triste. Não tinha nenhum efeito nela. O que, afinal, era o melhor para ambos.

— Não estou aqui para te ajudar — disse Callum. — Mas acho que existe vantagem em assegurar que não vais acabar morta inutilmente.

Reina estava a recuperar o ritmo da respiração aos poucos. Fez um esgar e relanceou o bruxo que tinha aos pés.

— Então vais tratar disto? — perguntou-lhe com um aceno de queixo. — Enviá-lo para o seu próprio pesadelo privado como costumas fazer?

— Não, não me parece. À minha frente — ordenou Callum ao bruxo, que se levantou com avidez. — Meu deus, tão bem-comportado. Vamos, Mori — disse para Reina, que estava a olhar para ele com o cenho franzido, embora Callum já tivesse começado a andar.

Alcançou-o e depois cambaleou um pouco.

— Cãibra? — perguntou Callum jovialmente.

Ela olhou para ele, furiosa, enquanto pressionava a pontada de dor com a mão.

— Não é nada.

— Não vais morrer — concordou Callum. Nada de preocupante, ao contrário do que ele desconfiava que iria acontecer-lhes se não encontrassem uma forma de concluir o ritual da Sociedade antes que os

efeitos da distância começassem a corroê-los como uma neblina densa de decadência. Ou, pensou ao levantar os olhos entrefechados, como o nevoeiro de Londres.

— Então — acrescentou —, alguma coisa que eu deva saber quanto a objetivos?

Reina continuava a concentrar-se na dor.

— O quê?

— Estás a planear cumprir o teu fim divino, não estás? Onde é que começas? Acho que ninguém vai ficar impressionado se andares sobre água — salientou Callum, a apontar para o bruxo, que estava a conduzi-los por uma rua sinuosa que descia para lá do Tamisa. — Em termos de magia, até este tipo pode fazer isso, provavelmente.

Reina fez um esgar.

— Não quero atenção. Não preciso que ninguém me veja.

Na verdade, pensou Callum, era precisamente isso o que ela precisava. Mas se ela ainda não o sabia, não ia ser ele que lho iria dizer.

— Vais fundar o teu próprio Fórum? — perguntou-lhe. — Distribuir informação às massas? Comunidade de um mundo só?

— Não. — Reina estava a fazer uma careta, de repulsa ou de dor. Não era dato. — Só quero que as coisas sejam diferentes.

— Que coisas?

Reina encolheu os ombros.

— Tudo.

— Define objetivos que possas alcançar, é o que eu digo sempre — apontou Callum com um aceno seco de aprovação. Ela olhou furiosamente para ele. Depois encolheu os ombros — Parece que ainda me vais usar, então, não é? Por isso, talvez precisasses da minha ajuda — acrescentou ele com um abanar dos dedos para o bruxo que seguia à frente deles.

— Eu... — Sim, ela sabia-o. Oh, não se importava com isso. Sentiu mais uma onda de dúvida repugnante a apoderar-se dela. — Eu disse-te. Podemos ajudar-nos um ao outro.

Ah, sim, quão igualitário da parte dela. Tão *quid pro quo*.

— Para que conste — apontou Callum —, duvido que esta seja a última vez que vais ouvir falar do Atlas Blakely. — Ela lançou-lhe um olhar zangado. — Não o negues — advertiu ele. — Estavas à espera de ter uma oportunidade de o mandar foder, mas ele não ta deu, pois não? Mas vai dar — assegurou-lhe Callum. — Só que é suficientemente inteligente para não to perguntar já, quando é certo que vais dizer que não. — Callum esperou que Reina dissesse alguma coisa, que discordasse dele, mas ela tinha fixado o olhar carrancudo na calçada à frente deles. — Ele vai esperar até que estejas desesperada — disse Callum. — Até que todos os teus outros planos falhem. Quando não tiveres mais nada, ele virá atrás de ti.

— Até parece que o admiras — murmurou Reina, numa reação que Callum não esperava, embora fosse capaz de conceder que ela tinha razão. De facto, havia certos aspetos do estilo de Atlas Blakely que acabaram por lhe suscitar admiração. Ironicamente, quanto mais compreendia Atlas, mais o respeitava. (Nada disto afetava o ódio que Callum nutria por ele, claro. Esse ódio continuava de boa saúde, sem sofrer nenhuma alteração.)

— O Atlas é muito eficaz no que faz — disse Callum secamente. — É por isso que é importante que alcances os objetivos que podes realmente alcançar.

— Certo — disse Reina amargamente.

— Porque se não o fizeres...

— Sim, eu compreendo — atirou Reina. — Não sou estúpida.

— Claro que não és. Se fosses, provavelmente estarias mais confortável. — Callum sorriu antecipadamente, já a prever a carranca de Reina. — Tem um pouco mais de fé cega, Reina. Ou raiva cega. Faças o que fizeres, fá-lo cegamente — sugeriu. — É muito mais fácil assim.

Ela mostrou-lhe o dedo do meio quando o bruxo virou a esquina. A última, desconfiava Callum, e estava correto. Um *pub* que parecia quase dickensiano surgiu-lhes à frente dos olhos.

— Já sabemos para onde ir a partir daqui — disse Callum, a travar o bruxo. — Podes ir nadar um bocadinho se quiseres.

O bruxo pensou travá-lo por um momento — estavam perto, claramente, da fonte das instruções que o bruxo recebia habitualmente, mas

Callum não era desprovido de talento — e depois voltou-se, inexpressivo, para a direção de onde tinham chegado.

Reina virou a cabeça, os olhos negros a seguir o bruxo até ele desaparecer de vista.

— Não acabaste de sugerir que ele se afogasse, pois não? — perguntou a Callum, ainda com os olhos no horizonte de onde o bruxo tinha desaparecido.

— Claro que não — disse Callum antes de bater à porta do *pub*. A porta foi aberta por outro homem que provavelmente também era um bruxo, este mergulhado em vapores pútridos de água de colónia cara, uma camada de truques baratos e uma armadura invisível. — Deixe-nos entrar — disse-lhe.

O bruxo levantou a cabeça.

— Vá-se foder — sugeriu.

Reina, a sentir que o momento era oportuno, aproximou-se. Callum pousou-lhe uma mão no ombro.

— Deixe-nos entrar — voltou a sugerir, a magia dele a apoderar-se da de Reina e a disparar como uma bola de canhão.

Callum desconfiou que o resultado tinha sido um pouco exagerado. O bruxo parecia comatoso quando se virou e cambaleou em direção às traseiras quase sem conseguir manter-se em pé. Da próxima vez, pensou Callum, seria melhor fazer uso de mais moderação. Reina virou-se para olhar para ele e encolheu os ombros.

Seguiram ambos o bruxo em direção às entranhas de uma cozinha respeitável. Havia, pelo menos, um negócio algo funcional a decorrer no lugar. Era claro que o estabelecimento era usado como verdadeiro *pub*, embora provavelmente também fosse uma fachada para alguma coisa. Lavagem de dinheiro? Venda de armas? Provavelmente ambos. O bruxo, que cheirava agressivamente a ganância, bateu duas vezes à porta de uma sala nas traseiras e murmurou:

— Temos visitas, chefe.

— Obrigado — disse Callum, que não tinha sido criado por lobos.

O bruxo resmungou e deixou-se ficar para trás quando Callum entrou na sala, Reina meio passo atrás dele.

— Boa tarde — disse Callum quando o bruxo à secretária levantou a cabeça e olhou para ele com desdém com os olhos tipicamente entrefechados. — Estou aqui devido a uma pessoa que ambos conhecemos.

— Não me diga? — perguntou o bruxo, os olhos a desviar-se para Reina e a voltarem a Callum. — Belo músculo — disse a Callum em jeito de elogio, apontando para Reina com um olhar óbvio de escárnio. Callum estava bastante certo de que, debaixo da secretária, havia uma pistola apontada à pila dele.

— Só estamos aqui para falar — assegurou-lhe Callum, a sentar-se. Reina lançou-lhe um olhar a dizer *não foi com isto que eu concordei*, mas não demoraria a juntar as peças daquele *puzzle*. Não demoraria nada. Afinal, não era estúpida.

— Como disse — continuou Callum — estamos aqui devido a uma pessoa que ambos conhecemos.

— E quem é essa pessoa? — perguntou o bruxo numa voz cava com desinteresse fingido.

Ah, maravilhoso. Até o ceticismo parecia familiar.

— O seu filho — respondeu Callum.

Ao lado dele, Reina ficou tensa. Os olhos entrefechados de Adrian Caine assumiram uma expressão de clareza e, por um instante, Callum perguntou-se se Tristan ficaria com o coração despedaçado ao saber que possuía todos os maneirismos do pai. Callum esperava bem que sim.

— Bem — disse Adrian Caine a levantar a pistola para que ambos a vissem, antes de a descarregar e a pousar em cima da mesa como gesto de paz. — Falemos.

• Parisa •

Não sou eu quem vocês procuram.

Olhem para outro lado.

Não foi por minha causa que vieram.

Um a um, os quatro pretendentes a atacantes — cada um num dos lados do centro da praça — viraram a atenção para a atividade encoberta que tinham escolhido no momento em que ela chegara. Um estava a ler o jornal. O outro estava a fingir que estava a falar ao telefone. O terceiro estava a fazer de conta que estava a alterar os enfeites da fonte central, vestido de trabalhador de manutenção de algum tipo. A quarta era uma mulher que estava a empurrar um carrinho de bebé que não tinha nenhum bebé no interior e cujo cabelo estava preso com duas facas.

Ao contrário do plano de ação que tinha sugerido antes de deixar a casa senhorial, Parisa não tinha intenção de matar nenhum dos atacantes. Eles tratariam uns dos outros mais tarde, depois de ela desfrutar de um chá com leite e deixar que cada um fizesse o que achasse melhor (cortesia do poder da sugestão telepática) para passar aquela tarde. Entretanto, continuariam a tratar do que tinham a tratar e ela também. Tinha aprendido alguma coisa com Callum, afinal.

Parisa entrou num café e fez sinal para a empregada de mesa. Depois sentou-se numa mesa a um canto e pegou num livro. Tinha passado muito tempo desde a última vez que lera por prazer. Sempre adorara um mistério leve. Havia algo muito relaxante em não pôr a cabeça a trabalhar.

O chá chegou e bebeu-o confortavelmente a ouvir os pensamentos dispersos à volta dela. Alguém preocupado com a mãe doente. Outra pessoa preocupada com os filhos problemáticos. Outra a olhar para as pernas de Parisa. Coisas mundanas, normais. Uma pessoa tinha tido um sonho sobre a tia morta a olhar para ela do canto da cama.

Parisa também tivera um sonho estranho.

— És a telepata que ergueu as defesas subconscientes — disse o homem no sonho, que não era bem loiro, nem inteiramente nada. De perto e em circunstâncias menos urgentes, Parisa reparou que ele tinha um aspeto ambivalente, etnicamente falando, bem como em relação ao facto de ser uma pessoa ou não. À primeira vista, era uma coisa, mas era óbvio que havia algo que não batia certo. O homem tinha uma expressão geral de impermanência.

— Sou — confirmou Parisa, a aprumar-se para olhar em volta. Nunca tinha estado dentro das suas próprias defesas subconscientes e lamentava não passar mais tempo a torná-las menos parecidas com uma prisão. As barras não eram uma atmosfera agradável. — És o Gideon — disse ela.

— Sou — confirmou ele. — E vim aqui para te agradecer por não me teres matado, embora me esteja a sentir um pouco menos grato depois do que me fizeste passar só para dizer isto. — Apontou para cima do ombro, possivelmente para uma qualquer armadilha de que tinha acabado de escapar.

Parisa tinha alguma ideia do que ele teria de passar para chegar ao interior das defesas telepáticas da Sociedade. Dor, sobretudo. Parisa era muito boa com a dor.

— Tinha uma tarefa para fazer.

— E fizeste-a muito bem.

Parisa quase se permitiu fazer um esgar ao ouvi-lo.

— Tirando o facto de te ter deixado fugir.

— Tirando isso. — Gideon olhou longamente para ela com uma expressão que ela tinha toda a intenção de ler até que ele disse — Funcionou?

Apanhou-a desprevenida. (Os pensamentos dele eram outra coisa que não era completamente normal.)

— O quê?

— O príncipe — disse Gideon. — Nunca descobri se tinha funcionado. E o Nico não sabe.

— Oh. — Bem, Nico sabia muito pouco. Coitado. Estaria de volta ao interior da Sociedade ao fim de um mês, talvez menos. Parisa tinha a certeza disso. — Não, não funcionou.

— Oh. — A voz de Gideon tinha uma inflexão de desilusão. — Que pena.

— Porquê?

— A minha mãe é... — Fez um esgar. — Vai andar à minha procura.

Ah.

— Homens com mães disfuncionais são o piorio — disse Parisa.

— Completamente — concordou Gideon antes de suspirar. — Mas enfim.

— Nem mais. — Parisa levantou-se, ficou de frente para ele e escrutinou-o por detrás das grades onde se encontrava. — Faz-me um favor — disse ela. — Não digas ao Nico exatamente o que aconteceu da última vez que te encontrei. — Mesmo com o resultado relativamente benéfico, Parisa não gostava de se lembrar da negligencia do que fizera. Ou *não* fizera, como pode ter sido o caso.

— Porquê? — Gideon parecia divertido. — Tens medo de que ele pense que gostas dele ou algo assim se ele souber que me salvaste a vida?

— Claro que não. Não gosto de ninguém. E, mais importante do que isso, não te salvei a vida. Cometi um erro e tu escapaste. O que — apontou — não vai acontecer duas vezes.

— É justo — disse Gideon com garbo e um ligeiro brilho no olhar.

— Embora seja melhor ficares atento ao Nico — acrescentou Parisa. — É um idiota.

— *Oui, très vrai* — disse Gideon.

Sorriram educadamente um para o outro tal como as pessoas costumavam fazer imediatamente antes de se enfrentarem no ringue.

— *Bonne chance* — disse Parisa. — *Ne meurs pas.*

Boa sorte. Não morras.

— Vou dizer ao Nico que disseste isso — foi a resposta de Gideon. Depois Parisa acordou e, algumas horas mais tarde, os dois anos mais

estranhos da vida dela acabaram.

Perguntou-se se iria ter saudades deles. Nunca fora atreita a nostalgias. Preferia seguir em frente.

Naquele momento, alguém entrou no café, os passos lentos e familiares.

Parisa levantou a cabeça quando o assento à frente dela foi ocupado.

— Olá — disse ela.

Dalton cruzou uma perna sobre a outra e recostou-se na cadeira.

— Isto — disse ele — foi esgotante.

Os pensamentos de Dalton tinham mudado completamente nas semanas mais recentes. Tinham passado de ordenados a dispersos, a crescer, como videiras ou ervas daninhas, e a espalhar-se cada vez mais. A caligrafia tinha-se alterado. A voz tinha-se alterado. Os maneirismos tinham-se alterado. Escondê-lo de toda a gente fora um esforço hercúleo. Se os outros não andassem absorvidos nas suas próprias vidas, alguém teria seguramente reparado. Por sorte, se havia algo que se podia esperar das pessoas, era uma espécie de narcisismo. Toda a gente estava algures no espectro da auto-obsessão e, naquelas circunstâncias, os outros quatro estavam mais virados para um eixo do que a maioria.

— Bem, agora acabou — disse Parisa com pragmatismo, a estender a mão para o chá. — O Atlas disse alguma coisa?

Parisa perguntou-se se Atlas saberia. Nos dias anteriores, perguntava-se constantemente o que é que Atlas sabia em geral. Era possível que Atlas tivesse cometido vários erros crassos, incluindo subestimá-la.

Mas isso parecia... não corresponder à personalidade dele de alguma maneira. Parisa não conseguia deixar de sentir que ainda fazia parte de um plano. Que continuava a ser uma peça, uma mudança ou um mecanismo, uma parte da engrenagem invisível de algo que ainda não conseguia vislumbrar. Ou talvez tivesse cedido à imprudente tentação de gostar dele.

— Não — respondeu Dalton com um ar aborrecido. — O que é que haveria de dizer? Terminei a investigação. Já pode fazer os joguinhos dele se ele quiser. — Dalton olhou por cima do ombro para a mulher no pátio, a que tinha o bebé falso. — Sempre quis um.

— Hum? — disse Parisa, que ainda estava a pensar em Atlas antes de se aperceber de que Dalton tinha os olhos postos no carrinho de bebé do outro lado da janela. — O quê? Estás a falar a sério? Um bebé? — perguntou com vontade de rir.

— Sim. Mas não. — Virou-se e sorriu-lhe. Era um sorriso novo, travesso e ligeiramente conhecedor. Parisa descobriu que gostava bastante dele. — Só desfruto da vida, mais nada.

Pensou na memória de infância de Dalton, a reanimação de uma árvore pequena que haveria de morrer na mesma, porque eram coisas que aconteciam. Porque toda a vida tinha um fim. Parisa começava a reparar na estranha fixação que ele tinha em relação à morte, que era quase uma paranoia. Como se quisesse desesperadamente enganá-la.

Era uma observação nova, porque fosse essa fixação o que fosse, a versão anterior dele não a tinha. Parisa apercebeu-se de que, sem a totalidade de Dalton — *sem* ambição e, de facto, nenhuma formulação do futuro, que era uma coisa que ela pensava que tinham em comum até perceber que, na verdade, a versão tábua rasa dele era altamente diferente da dela —, nunca vira as outras complexidades que o constituíam.

Os sonhos dele. As ansiedades. Os medos.

— Nunca pensei que pudesse ser grande mãe. — Parisa pensou nas plantas na cabeça de Reina, na forma como se agarravam a ela como crianças. Por falar em mães pouco naturais. — Acho que não tenho a capacidade de não ser egoísta.

— Acho que ter descendência é inerentemente egoísta — disse Dalton, que ficou imediatamente aborrecido. Virou-se para Parisa, com algum tipo de ânsia. As fraturas não tinham sarado completamente e a manta de retalhos da consciência de Dalton deixara-o com pequenas lacunas, peças sobrepostas. Era uma fratura mal solidificada. — Forçar algo que não tem escolha na matéria a existir — disse ele — é um ato de puro egoísmo.

Parisa riu-se para o chá.

— Verdade. Mas tu fá-lo-ias na mesma?

— Eu nunca disse que não era egoísta. — Sorriu-lhe de uma forma tão doce, que a lembrou um pouco de Gideon. Parisa quase se arrependeu de

lhe ter mentido, dada a óbvia preocupação que tinha em relação à mãe, embora ela não tivesse beneficiado em nada se lhe dissesse a verdade. (E, fosse como fosse, se ele tinha problemas com a mamã, não iriam desaparecer de um momento para o outro. Talvez nunca. Veja-se o caso de Callum.)

— Então — disse Dalton —, o que vais fazer?

— Pensei que podíamos investigar o Fórum — sugeriu Parisa. — Ver que tipo de recursos têm, quem são realmente. Tenho a impressão de que estão a preparar-se para uma tomada hostil. — Ou uma tomada muito bem vestida, pelo menos. Cruzou os *Louboutins* novos debaixo da mesa.

— Parece-me bem. — Dalton sacudiu o joelho, inquieto. — E os físicos? Parisa deteve-se.

— O que é que têm?

— Eu quero-os — disse Dalton. — Onde é que está o outro, afinal? Parisa pousou a chávena de chá na mesa.

— Tu sabes os nomes deles.

— Certo. Varona e Rhodes. — Deu-lhe mais um sorriso tranquilizador. — E a outra também. A bateria. Vamos precisar dela.

Parisa abriu a boca, depois voltou a parar.

— Estás a dizer que queres bater o Atlas na investigação dele?

— Na minha investigação — clarificou Dalton.

— Certo. — Era verdade. Era justo. — Só não pensei que estavas interessado em criar um mundo novo.

— Oh, não, não tem que ver com a criação de um mundo completamente novo — disse Dalton rapidamente com um pequeno gesto de impaciência, como se tivesse passado os dez anos anteriores a provar que era um disparate. E, diga-se, tinha. — Tem que ver com encontrar uma forma de entrar num já existente. Com abrir uma porta para outro mundo. Para muitos mundos. Para todos os mundos. Embora, em certo sentido, isso seja criar um novo. — As palavras estavam a emendar-se umas às outras como acontecia muitas vezes naquela nova versão dele, os padrões de fala acelerados e maníacos.

— E tu queres isso? — perguntou Parisa. — Uma porta?

Dalton sorriu para o vazio, depois estendeu o braço em cima da mesa para lhe pegar na mão.

— Eu quero tudo — disse ele. — Tu não?

Hum, pensou Parisa. Problemas.

Era possível que houvesse uma tendência perigosa, um pequeno assomo de loucura. Algo muito levemente dissonante, como um violino desafinado. Nunca ninguém lhe tinha perguntado verdadeiramente o que ela queria. Pelo menos, não de uma forma que interessasse. As pessoas queriam-na, e isso era uma coisa bem diferente. Ainda assim, a verdade era que querer tudo era perigoso e que procurar poder só pelo poder era uma futilidade. Provavelmente haveria algo como demasiado conhecimento, porque só ter algum já poderia deixar uma pessoa ávida de mais.

Mas, ao mesmo tempo, ele tinha razão, caramba.

— Para o que é que precisas de mim? — perguntou Parisa, porque ainda tinha um cérebro e um sentido de cautela equilibrado.

Dalton encolheu os ombros.

— Pela mesma razão que ele te quer.

— Queria — disse Parisa, *e* Dalton abanou a cabeça.

— Quer — repetiu.

Parisa perguntou-se novamente onde estaria na corrente dos planos de Atlas Blakely. Estaria já no meio ainda antes de saber que tinha começado? Lembrou-se do primeiro encontro com Atlas, o espelho que ele lhe mostrara. A forma como ela se vira à frente do seu próprio rosto no meio dos pensamentos dele.

Jung disse que o ego era a soma da psique de uma pessoa. A parte que olhava em frente, o processo de individuação, a busca por ser algo mais. Talvez fosse essa a parte de que Parisa estivesse a sentir falta ao fim de um ano de investigação sobre o inconsciente coletivo, a sensação atávica de humanidade, a unicidade da existência. Uma existência que estava cheia de traições e de buscas titubeantes e cegas por significado. Uma existência, como o próprio Dalton dissera, que era uma garantia invariável de dor.

Parisa perguntava-se havia algum tempo se devia algo ao mundo — alguma ideia de quando parar, quando encontrar os limites —, mas que se fodesse. O que é que o mundo tinha feito por ela?

— Vamos fazer um novo — disse ela a Dalton. Os ângulos esplêndidos apanharam a luz; refrataram-na com um sorriso.

— Pensei que fosses dizer isso — respondeu ele, a inclinar-se sobre a mesa para chegar até ela quando a chávena de chá já estava a ficar fria.

• Ezra •

Ezra lembrava-se distintamente de que era manhã cedo quando chegara à casa senhorial da Sociedade pela primeira vez; a luz brilhava vinda das janelas altas e estreitas do salão da casa. Lembrava-se de as janelas lhe parecerem serpenteantes, a luz a cintilar entre fendas ofuscantes. Muito tempo depois, ao pensar no tempo que passou por lá, ainda via lampejos problematicamente dourados e reluzentes.

Mas a casa estava mais escura, as sombras a cair com cortinas à medida que ele caminhava, a luz a iluminar os ornamentos artesanais ao longo do soalho. Havia algo de fúnebre naquele tom. Naquele sossego.

Parou à porta do gabinete do Curador e viu Atlas a olhar pela janela, os dedos em V à frente da boca. Mais uma vez, Ezra ficou espantado ao ver que Atlas parecia velho. Mudado. Ezra assumira que Atlas já o sabia: sentia a presença dele e, presumivelmente, os pensamentos também.

— Deixaste-me entrar — disse Ezra com a voz bem alta.

Os olhos de Atlas movimentaram-se na direção dele, observadores, e depois voltaram para a janela.

— Voltaste — respondeu Atlas.

Ezra entrou no gabinete e sentou-se na cadeira em frente da secretária de Atlas.

— Bem. Foi tal como sonhaste que seria? — perguntou Atlas num tom que era quase juvenil. Uma quase acusação que era seguramente desdenhosa, porque já devia saber que a resposta era não.

— Não te podia deixar continuar. — Ezra olhou para as mãos dele. — Eu vi o caminho que estavas a seguir, Atlas, e tinha de te deter. Lamento.

— Lamentarás mesmo? — Atlas virou-se finalmente para ele, os olhos negros sem expressão devido ao desinteresse. — Se isso é verdade, estaria tentado a pensar que estás pior do que imaginas.

— Eu disse que lamentava, não que tinha remorsos. Eles continuam a ser perigosos. Continuam a ter de ser travados. — Uma pausa. — Tu — esclareceu Ezra. — Tu tens de ser travado. — Por muito que lhe custasse. E que, a cada minuto que passava, parecia mais do que ele era capaz de aguentar.

As coisas estavam a dar para o torto, pensou Ezra. Tristan, que Ezra tinha muito especificamente planeado encontrar, não tinha ido para onde ele estava à espera. Talvez estivesse em Osaca, onde nenhum alarme tinha soado, ou na Cidade do Cabo. Deviam saber que alguém andaria atrás deles; as restantes ferramentas de Atlas tinham sido preparadas para uma emboscada e, apesar de um ano de planeamento, Ezra tinha perdido o elemento de surpresa.

Um golpe, embora a janela de oportunidade ainda não se tivesse fechado. Quanto tempo poderiam os quatro medeicos mais fáceis de rastrear ficar escondidos, quando metade do mundo sabia que eles existiam e queria que eles desaparecessem? A surpresa era apenas uma arma entre muitas, o que seguramente Atlas já sabia.

A sala, como a própria casa, estava sinistramente silenciosa. Ezra perguntou-se se Atlas tinha algum plano para se defender ou se aquilo seria alguma armadilha. Possivelmente, o animador ainda se mantinha algures por perto. Dalton Ellery parecia, afinal, ter aceitado tudo o que Atlas tinha para oferecer e que Ezra acabara por rejeitar.

— Não — respondeu Atlas em resposta aos pensamentos de Ezra. — O Dalton foi-se embora.

Ezra eriçou-se. Telepatia indesejada era o menor dos pecados de Atlas, mas era demasiado na mesma.

— Para onde?

Atlas encolheu os ombros.

— Acho que não tens nada com isso.

Resposta surpreendente. Ou talvez apenas embaraçosa.

— Quer dizer que não sabes mesmo?

— Tenho as minhas suspeitas. — Atlas passou o dedo pelo lábio inferior, contemplativo. — Mas não me cabe a mim controlá-lo. Nem a ti.

— Mas tu tentaste — murmurou Ezra.

Atlas abanou a cabeça.

— Não.

— Sim, claro que tentaste. — Ali, ao rescrever a sua experiência, Ezra encheu-se de um súbito tremor de frustração. — Estás a falar a sério? Deixaste bem claro que se eu não concordasse contigo...

— Estás aqui para me matar? — interrompeu Atlas. — Porque, se estiveres, é bom que te despaches. — Atlas parecia aborrecido, talvez até exausto. — Não tenho a certeza de que tenha a energia para mais uma das nossas belas *tête-à-têtes.*

— Treta. — Atlas adorava um pouco de retórica. Com certeza quereria fazer um discurso e tornar aquilo tudo inutilmente cerimonioso.

— Não, na verdade, sou muito mais realista do que tu imaginas. E, seja como for, Ezra, já antecipei os cenários. — Atlas olhou-o de frente. — Se não me matares, tudo isto terá sido para nada. Tudo o que sacrificaste terá sido inteiramente em vão.

Ezra levantou o queixo, desafiador. Como se Atlas, que não fizera nada senão subir na vida, pudesse compreender o sacrifício.

— Do que é que achas que eu abdiquei? Da Libby? Porque posso assegurar-te — disse Ezra em tom escarninho — que ela teria terminado comigo na mesma.

— Sim, a menina Rhodes é uma das coisas que puseste de lado inadvertidamente. — Mas é mais do que isso. Não é só ela.

Ah, bom, mais uma observação pungente sobre a experiência de vida de Ezra. Que sorte a dele!

— Adoro quando tiras um bocado do teu tempo para me deliciares com os meus próprios pensamentos — suspirou Ezra, embora Atlas tenha continuado, claro.

— Deitaste fora a tua oportunidade de ter uma vida — disse Atlas. — De teres paz de espírito. Deitaste fora as tuas convicções, Ezra. — Uma pausa. — Apercebeste-te mais uma vez de que não tens as coisas sob controlo e como é que hás de viver com isso a partir de agora? Ao fim de tudo o que já tiveste de passar. — Atlas parecia quase compreensivo, o que, para Ezra,

era uma prova de que ele sempre fora um completo e absoluto sociopata. — Estarás para sempre assombrado — voltou a dizer Atlas — pelo momento em que viste a morte à tua volta e decidiste manter-te vivo.

Não. Não eram palavras justas.

— Não te cabe a ti dizer-me o que eu sinto, Atlas. — A boca de Ezra fez-se tensa. — Não te cabe moldar a minha vida.

— Já fomos amigos — apontou Atlas. Tamborilou com os dedos na secretária. — Não fui eu que te tirei aquela visão. Tu é que ma deste.

— Ah — disse Ezra com o semblante carregado. — Nunca o faria...

— Ezra — interrompeu Atlas com cautela. — Por favor. Faz-me alguma justiça. Ezra voltou a sentir uma investida de agitação. Uma faísca de fúria súbita ao pensar que, *de alguma maneira,* Atlas ainda se considerava a vítima em tudo o que tinha acontecido. Como se a traição tivesse sido apenas de Ezra.

— Fiz-te bastante justiça.

— Sim. Mais do que a que eu mereço, claramente — concedeu Atlas com elegância —, ou não continuarias a preocupar-te comigo.

— Desculpa? — Ezra levantou-se de um pulo e olhou fixamente para Atlas. — O que queres dizer com isso? Não compreendes que tudo o que eu fiz foi por *tua causa?* — Era claro que não, o que era uma ilusão do mais alto nível. — Tu estás no cerne disto tudo!

— E o que é que tu imaginas que eu causei? — perguntou Atlas num tom de ligeiro regozijo, que deixou Ezra ainda mais zangado. Seria essa a intenção de Atlas: provocá-lo com a sua inutilidade. — É claro que pensas que estás a proteger-me de coisas terríveis e ignóbeis — disse Altas secamente — ou não terias matado cinco pessoas para o conseguir.

Ouvir a acusação em voz alta foi inesperadamente dececionante. Ezra ficou temporariamente perplexo.

— Não matei ninguém.

— A sério? Achas que tens as mãos limpas? — Desta vez o regozijo não foi nada ligeiro. Era de pena, na verdade. Como se Atlas sentisse que era Ezra quem tinha pecados para confessar. — O facto é que planeaste as

mortes de cinco membros da Sociedade — recordou-lhe Atlas. — E raptaste o sexto.

Era este o plano de jogo de Atlas. Salvar-se virando a mesa para Ezra, e assacar as responsabilidades a Ezra.

— Um já estava morto — apontou Ezra, irritado — graças à tua preciosa Sociedade...

— Não. — A interrupção de Atlas foi áspera e Ezra ficou temporariamente abalado. — O Callum Nova saiu daqui vivo esta manhã.

Ezra pestanejou.

— Eu... — Deteve-se. — Eu nunca disse que eles seriam mortos. E quanto ao empático, era...

— Será que continuas mesmo a achar que as coisas vão correr de acordo com os teus planos? — interrompeu Atlas. — O que é que achas que vai acontecer por revelares os nomes eles, as especialidades mágicas, as famílias e os amigos? As localizações? Achas mesmo que a informação só vai ser usada para os *apreender?* — Perante o silêncio de Ezra, Atlas concluiu: — Conheces a natureza humana tão bem como eu, Ezra. Por isso, sabes o que os espera. Tornaste-os alvos e as mortes deles estão nas tuas mãos.

— Foste tu que os tornaste armas — atirou Ezra. — Sem ti...

— Sem mim poderiam nunca ter descoberto as coisas que descobriram. Ou talvez tivessem, quem sabe? — Atlas permaneceu sentado, os olhos a seguirem Ezra devagar quando ele transferiu o peso de um pé para o outro, agitado. — Mas sem ti, não teriam seguramente ido ao encontro de uma série de armadilhas. Por isso, parece que estamos num impasse.

Seria uma piada?

— Não sabes se vão ser mortos. — Mas Ezra ouviu a sua própria hesitação, o nó de dúvida, e soube que Atlas também a ouviu.

— Terás de me matar — repetiu Atlas a encolher os ombros. — Terás de o fazer ou tudo o que fizeste para chegares a este momento terá sido um desperdício. Uma traição das tuas próprias convicções.

Levantou-se, as mãos abertas, como que para se tornar um alvo maior, mais acessível. Ezra nunca o quisera mais morto. Seria Atlas completamente suicida? Ezra queria, idealmente, que a morte de Atlas acontecesse por meio de algum tipo de golpe divino, como um relâmpago vindo dos céus. Esperou, mas era evidente que não estava ninguém em casa. O Olimpo estava vazio e o inferno também. Os diabos estavam todos ali, naquela casa.

— Tens razão — disse Ezra. — Vou ter de te matar.

Lamentavelmente, Ezra parecia estar ainda a tentar convencer-se a ele próprio. Muito indelicado da parte dele, com a parada tão alta, mas era verdade que Atlas sempre realçara o seu lado mais submisso, mais pequeno, mais insignificante. Atlas tinha uma vastidão, um brilho que era impossível de reprimir. Mas Ezra teria de o fazer. Era uma inevitabilidade.

— Mas não é por isso que estás aqui — observou Atlas, e a atenção de Ezra voltou a colocar-se nele.

— O quê?

— Tens de me matar — disse Atlas. — Acredita, eu sei. Eu compreendo. Eu consigo perceber como o caminho da lógica te traz de volta para aqui para esta sala. Para este momento. Tem de acabar aqui. — Uma pausa. — Mas não foi por isso que vieste.

— Oh, ótimo. — O riso de Ezra era doentio, cheio de amargura com a perspetiva de outro dom cerebral de Atlas Blakely. — Diz-me então — desafiou, apático. — Porque estou eu aqui se não para me livrar de ti finalmente?

Atlas parecia ter pena dele.

— Porque — disse ele — finalmente percebeste que há algo lá fora pior do que eu.

Ezra ficou tenso por meio segundo. Como se, mais uma vez, Atlas lhe tivesse lido a mente.

Depois, porque Ezra estava a usar todos os bloqueios telepáticos conhecidos pelo homem, disse em tom escarninho:

— Oh, *por favor...*

— Não, tens razão, não é isso — concordou Atlas. — Mas percebes que há outros como eu. Que *eu* não sou o problema — aventou Atlas —, porque o problema és tu, porque *tu* não encaixas. Porque aquilo em que tu acreditas, o que é importante para ti, não melhora o mundo de ninguém de nenhuma forma que se veja, por isso nunca acreditarão em ti, nunca te ouvirão. Vieste para aqui para salvares este mundo e a única coisa que fizeste foi destruir as coisas. A única coisa que fizeste foi dar a homens destrutivos a justificação para a violência que eles impõem. — Atlas ficou novamente em silêncio por um momento. — Eu não fui o que tu querias que eu fosse, Ezra, mas eles também não foram. Nada disto foi o que tu quiseste. Não foi o que tu pensavas.

Ezra desviou o olhar e virou-se para a janela.

— Não fazes ideia do que eu...

— Do que abdicaste? — ajudou Atlas.

Ezra sentia Atlas a olhar para ele, mas não se virou.

— Achas que eu não compreendo a guerra que tens dentro de ti neste momento, Ezra? — Atlas riu-se. — Há vinte anos, eu escolhi uma lacuna. Decidi fazer o meu próprio plano, o meu próprio mundo. E sabes o que aconteceu por eu ter feito essa escolha?

Vai-te foder, pensou Ezra. Vai-te foder, Atlas Blakely, não tentes sequer...

— Os outros quatro morreram — disse Atlas, e Ezra virou-se para ele sem querer; sem sequer reparar que o tinha feito até estar feito. — Lembraste deles? Talvez não, eu lembro-me de também não pensar muito neles e, de início, parecia não importar. Talvez tivesse sido um acidente, pensei. Talvez apenas má sorte. — Atlas perdeu-se na nostalgia, a brincar com os nós dos dedos da mão direita. — Mas depois percebi que a culpa tinha sido minha, porque me disseram para fazer um sacrifício, mas eu decidi escolher-me a mim. Decidi cingir-me ao plano que gizei contigo. E depois escolhi isto — disse a referir-se ao gabinete dele — porque, ao fim de uma certa altura, cheguei à mesma conclusão que tu: que se eu não me tornasse o Curador, se o meu plano não fosse bem-sucedido, teria para sempre o sangue de quatro pessoas nas mãos para nada.

Ezra não conseguia engolir, não conseguia respirar. Não conseguia pensar.

— Estão mortos? Os outros?

— Estão.

Ezra franziu o sobrolho.

— Mas então porque é que...?

— Porque é que eu estou vivo? — aventou Atlas antes de encolher os ombros. — Talvez por ter ficado aqui, junto aos arquivos. Por ter continuado aqui nesta casa, onde ainda me podem usar, onde a magia ainda me pode corroer por dentro e tirar-me o que me resta. Eu preocupo-me com os arquivos e eles permitem-me um certo grau de liberdade — disse ele com um sentido de deferência —, mas a minha vida é o que está em dívida. O meu sacrifício ainda é devido.

— Queres que eu te mate. — Ezra estava quase sem fôlego. — Queres mesmo que eu te mate, não queres?

— Porque não? Se não fores tu, será alguém. — Outro encolher dos ombros. — Talvez um dos teus amigos. Possivelmente os próprios arquivos. Seja como for, vou morrer Ezra, um dia. O que poderia eu conseguir fazer antes disso que pudesse compensar o peso dos meus pecados?

O Atlas que Ezra conhecia não era tão derrotista. Quase parecia inútil todo o objetivo de Ezra. A visão. A motivação, a sensação de significância, a razão de existir. Atlas já era. E se a Sociedade continuasse sem ele, para que teria servido toda a vida de Ezra?

— Isto é... — Ezra deteve-se para humedecer os lábios. — Isto é algum tipo de psicologia invertida? Estás a tentar convencer-me a fazê-lo para que eu não o faça?

Atlas deu um riso sombrio, depois abanou a cabeça.

— Não. O que eu acho é que existe um plano para as nossas vidas, Ezra. E eu acho que escolhemos caminhos errados, eu e tu. — Atlas estava a olhar para ele de forma estranha, com uma expressão que Ezra não era capaz de ler. — Acho que se me deixares terminar a minha investigação, terei uma oportunidade para corrigir as coisas. De emendar o que correu mal.

— Meu Deus. — Ezra quase que se riu. — Então estás a tentar *recrutar-me?* Outra vez?

— Não. — Atlas abanou a cabeça devagar. — Estou a tentar explicar-te que tudo o que eu fiz... tudo o que tentei fazer — corrigiu — foi em consciência. Porque sim, deixei que acreditasses em certas coisas sobre mim no meu fracasso para te dizer a verdade, mas fi-lo porque não sentia que a verdade fosse um fardo que tu devesses carregar.

— Oh, bem, graças a Deus por isso — disse Ezra, quase a rosnar para Atlas quando ele começou a andar furiosamente de um lado para o outro atrás da secretária. — Graças a *Deus* que não me disseste nada para que eu não tivesse de sofrer nem um *bocadinho.* Quão magnânimo da tua parte — disse Ezra com um sorriso de apreço fingido — teres decidido o que eu deveria saber...

— O que é que vais fazer com ela? — perguntou Atlas. — Com a Libby?

— Eu não estava... — Ezra hesitou ao ouvir o nome dela. — O quê?

— Sabes bem que não conseguirei ser bem-sucedido sem ela, o que não tenho problemas de admitir que é verdade. Tu tiraste-a da equação por agora — disse Atlas —, mas, se não me matares, ela continuará a ser uma ameaça para ti e para os teus planos. Ela é a peça que já sabes que eu preciso. Portanto, o que vais fazer com a Libby?

— Eu... — De novo, uma pausa. — Isso é irrelevante, porque te vou matar. Isso é... — Ezra titubeou, com dificuldade em expressar-se devido à frustração. — É por isso que eu estou aqui, Atlas. Porque não posso permitir que continues. Tu não podes... — Balbuciou. A garganta incuravelmente seca. — Não podes *fazer-te de deus,* Atlas...

— Queres odiar-me — Ezra — observou Atlas. — Mas não odeias.

— Cala-te — rosnou Ezra. — Não és tu que me vais dizer o que se passa na minha cabeça, Atlas. O plano era *nosso,* não teu...

— Ela não vai ficar perdida no passado — disse Alas. — Ela é o teu verdadeiro erro, Ezra. O teu maior erro não foi trazê-la até aqui, até mim, mas permitir que ela se tornasse perigosa. — Onde, pensou Ezra desesperadamente, estava o golpe final? Como é que Atlas não estava a acabar em incêndios e inundações, em pestilência e violência? No peito dele parecia que havia uma guerra, uma devastação, um sem-fim de pragas. —

Se já quisesses parar-me, já sabias como. E deverias ter sabido há muito tempo — advertiu Atlas — que se não fosses capaz de a matar, ela seria sempre o teu calcanhar de Aquiles.

— Não me digas o que a Libby é para mim. — As palavras de Ezra saiam tensas, desequilibradas, até a ele próprio. — Não fazes ideia do que ela é para mim...

— É isso que tu achas? Que eu não compreendo? A voz de Atlas saiu grave, com uma rouquidão que significava alguma coisa. Não era honestidade, pensou Ezra. Não podia ser honestidade. — Ezra, acaba isto aqui — suspirou Atlas. — Deixa-me acabar a minha investigação e depois deixa que tudo isto acabe aqui comigo.

Os olhos de Ezra estavam a ficar turvos com algo. Conflito. Infelicidade. Ódio.

— Eu sou capaz de matá-la — atirou a Atlas como uma ameaça.

— Não és. — A pena, de novo. — Ezra, não vais fazê-lo, porque não és capaz.

— Sou, sim. Tenho de ser. Não teria feito isto se não fosse... — Respirou fundo. Expirou, titubeante. — Se não fosse por algo que eu acredito *impreterivelmente*...

— Muda o teu caminho — disse Atlas. — Ezra, muda-o.

— Não. não. — Tinha a visão toldada. — Não posso. Já fui longe de mais. Não posso recuar a partir de agora.

— As coisas só vão piorar, Ezra.

— Não me digas o que eu consigo aguentar ou não. Não fazes *ideia* do que eu consigo aguentar! — A voz de Ezra estava a quebrar e algo dentro dele pensou: agora, terá de ser agora. Terá de ser agora, neste momento, porque se não o fizeres, o mundo acabará. O mundo tal como o conheces, o mundo que desde há tanto tempo te vira as costas, o mundo que fizeste tudo o que podias para salvar irá acabar.

Não tem que ver com o mundo — dissera-lhe a professora, o que lhe parecia um aviso naquele momento. *Nunca tem que ver com o mundo.*

Tem, pensou Ezra desesperadamente. Tem de ter. Tem de ter, porque se não tiver que ver com o mundo, passei o último ano em agonia para nada. Traí a mulher que amo, vi-a sofrer sem levantar um dedo para a ajudar, virei as costas ao único amigo que já tive. Traí-me a mim próprio, às minhas convicções, os livros que não eram nada, que nunca foram o que quer que fosse, porque o conhecimento é uma puta de uma maldição. O conhecimento não é nada. Poderia ter vivido uma vida inteira sem saber o significado que ela tinha ou a razão para a existência e poderia ter tido alegria, doçura, suavidade...

— Ela tem de morrer — disse Ezra, as palavras bambas entre os lábios. — Tem de ser. Tu não compreendes. — Eram palavras vazias, recheadas de remorsos, ou talvez de falsidade, porque Atlas sabia seguramente que ele não estava a falar a sério. Atlas, aquele cabrão, conhecia uma fraqueza quando a via e sabia, por fim, a verdade: que Ezra era fraco. Que ele tinha ido àquela casa não por vingança, não por retaliação, mas para procurar redenção. Perdão. Para confessar que sim, tinha cometido um erro, pensava que estava a escolher o menor de dois males, mas não deixava de ser um mal, não deixava de ser uma decisão errada. Mas agora era impossível. Nunca o poderia dizer. — Tu não compreendes.

Não ouviu o som de passos atrás dele.

Nem sequer pareceu reparar na presença junto à porta, pelo menos antes de os olhos de Atlas se levantarem.

Foi só quando se apercebeu de que tinha perdido o controlo do momento, que tinha perdido a noção dele próprio no tempo e no espaço, que Ezra olhou por cima do ombro para enfrentar o seu momento de acerto de contas.

Era aquele o momento que ele esperava.

A conclusão de uma vida de espera; o conhecimento que a vez dele haveria de chegar. Os joelhos de Ezra cederam com o medo, que também era alívio.

Ela estava em combustão. Estava chamuscada. A roupa dela tinha ardido e ela estava ali à frente dele como uma deusa zangada e vingadora.

— Vai-te foder, Ezra — disse Libby, o peito rasgado de angústia.

A explosão vinda da palma da mão dela ofuscou-lhe os olhos e, por uma vez, não havia portas por onde cair. Nenhuma brecha por onde gatinhar. Nenhuma forma de escapar. E no momento em que ardia, se consumia, definhava, Ezra Mikhail Fowler olhou para os olhos da morte e pensou ah, é isto então o destino.

Era aquele o destino, de facto.

• Fim? •

Gideon Drake nunca fora muito dado a combates. Não era muito combativo como pessoa, na verdade. Não era grande lutador. Havia muitas coisas que ele achava que não valiam o tempo ou a energia, não tinha um cariz violento, nem um grande ego. Sempre se considerara relativamente moderado, afinal, e a única prova em contrário era a amizade com Nico de Varona, que era muito vivo e nada moderado, pelo que chegava a ser uma pena que perdesse tempo com Gideon.

Dito isto, sugerir que Gideon não era um lutador por natureza não significava que não fosse extraordinário quando tinha a oportunidade de o ser.

— Boa, Gideon — disse Nico, que, ofegante, parara, muito elegantemente, para dar uma palmadinha de parabéns no peito de Gideon depois de um golpe particularmente bem dado num dos lados da cabeça do atacante, que tinha como objetivo confundir-lhe e destabilizar-lhe temporariamente o ouvido interno. Gideon era particularmente bom naquele tipo de impactos especializados. Ao contrário de Nico, não gostava de extrair coisas.

No entanto, tratava-se menos de uma oportunidade para Nico se divertir do que de uma muito bem elaborada cilada. Ironicamente, a armadilha montada para Parisa Kamali não foi diferente das armadilhas que a própria Parisa preparara para Gideon no passado. Não se tratava de pessoas normais, nem da polícia, nem de bruxos como os atacantes que Nico dissera que encontrara na Inglaterra. Tratava-se de medeicos, cada um especificamente selecionado para enfrentar o telepata mais talentoso que Gideon já tinha conhecido. Um era um especialista de biomancia que parecia ter controlo sobre matéria muscular. Gideon estava sempre a ter espasmos musculares e a lutar contra a sensação de que poderia colapsar espontaneamente a qualquer momento. Outra era uma especialista em multipotência, que era capaz de replicar a consciência e estar em vários lugares ao mesmo tempo: uma forma inteligente de combater a telepatia, presumivelmente para criar uma câmara de eco de pensamento, embora não

fosse muito eficiente contra a utilização da força por parte de Nico. O terceiro era um físico que se especializava em conversão de energia, o que era inconveniente para Nico (e um pouco mais do que isso para Gideon). Em última instância era um teste para ver quem durava mais, quem contava com mais apoio e quem dispunha de mais armas mágicas.

Além disso, não era um sonho. Era a realidade, na qual a mortalidade era um problema, talvez ainda maior do que a dor. A dor era temporária. A dor podia acabar. A consciência poderia extinguir-se, o que era um resultado muito mais problemático. Gideon sentiu a omoplata de Nico a alinhar-se com a dele, os dois costas com costas quando os três medeicos os cercaram, preparados para o próximo ataque.

— Vou precisar que faças algo estúpido — disse Nico a Gideon entre respirações. Conjurou um escudo fino de algo, que os protegeu de um golpe de uma das medeicas: a multiplicadora, que se tinha dividido em terços.

Os outros dois, que estavam à espera de cada um dos lados para voltarem a atacar, eram essencialmente especialistas físicos, que não era o caso de Gideon. Olhou por cima do ombro para ouvir as instruções de Nico.

— Estúpido até que ponto, exatamente?

— Preciso que vás para aquele lado — disse Nico a acenar com o queixo para o Sena. — Mas depois, tipo, baixa-te.

— Está bem — disse Gideon, incerto, a perguntar-se se tinha espaço para um veto. — Então quando é que queres que eu...

Mas Nico já estava a rebolar para o outro lado e o escudo que ele tinha conjurado dissipou-se no momento em que o seu golpe bateu na calçada. Gideon suspirou, mas fez o que Nico lhe pediu, acenando com uma salva de faíscas quando mergulhou para o outro lado da ponte.

Alguém tinha gritado que o seguissem, isso Gideon sabia, e, se conhecia Nico — e conhecia — seguir-se-ia algo de explosivo, pelo que Gideon fechou os olhos e apressou-se a avançar, inseguro, por cima da borda da ponte, atirando-se num arco alto, a procurar mais altura do que distância.

O tempo abrandou, o vento a assobiar-lhe nos ouvidos, quando ouviu algo tão alto como o disparo de uma arma mais acima. Depois, tudo voltou a acelerar novamente, a tornar-se demasiado rápido, a adrenalina a correr-lhe pelas veias, o assomo primitivo de mortalidade. O impacto no rio seria

duro e não haveria forma de quebrar a tensão da superfície. *Vive*, disse Gideon para consigo. *Vive*.

No meio segundo que passou antes de entrar em contacto com a água, os olhos a fechar-se antes do embate na superfície vidrada do Sena, a força do ímpeto de Gideon desmoronou-se subitamente debaixo dele. Gideon resfolegou, respirou fundo, com o rosto não mais de dois centímetros acima da água quando algo lhe inverteu a direção e o conduziu para trás e ao encontro da ponte de pedra parcialmente desconstruída. Havia um pedaço em falta na parede, o monte chamuscado de cascalho resultante a esconder um vislumbre de membros paralisados.

Gideon, que caiu de costas, demorou mais um momento a recuperar do namoro temporário com a morte.

— Muito bem apanhado — disse, ofegante, a Nico, que sorriu da forma extraordinariamente arrogante que o caracterizava.

— Sempre — respondeu Nico, a estender-lhe a mão.

Gideon pegou-lhe na mão e aceitou o puxão que o ajudou a levantar-se antes de olhar em volta para ver a pequena multidão que se reunira à volta deles.

— Estás preocupado com isto? — perguntou a apontar para a sirene da polícia metropolitana que se aproximava.

Claro que não. Nico encolheu os ombros.

— Eu ponho na conta do Blakely.

Gideon achou que era razoável. Embora tivesse sofrido o que teria sido um golpe na cabeça ou um clarão desconcertante do sol, porque pensou que tinha visto uma sombra de algo quando se levantou.

— Onde estão os outros dois?

— Um, hã, caiu — disse Nico, vagamente, com a mão no cabelo. — E o outro...

Gideon viu uma nuvem de luz na periferia, mais movimento do que objeto.

— Nico, baixa-te!

Empurrou Nico para o lado e sentiu algo a arder-lhe num dos lados da cabeça, como se tivesse batido com ela na esquina de uma mesa. Ficou com o cérebro a andar à roda, a pele da têmpora a latejar do impacto, os olhos tão lacrimejantes, que ouviu, mas não viu, a explosão saída da palma da mão de Nico para cima, Nico ainda no chão depois de ter sido empurrado por Gideon. Este girou com um gemido de dor, a estender um braço sem ver e a apanhar um medeico pela garganta, que segurou com força, enquanto Nico, ainda meio caído, desferiu um golpe nos joelhos do medeico. Gideon apanhou o medeico a cair com outro dos seus movimentos de combate especializados. Fora um movimento que aprendera com o vizinho da casa dos pais adotivos, um caçador que era conhecido por abater ursos com raiva. Assim que tudo terminou, Gideon queria vomitar, mas, em vez disso, estendeu a mão para a de Nico e agarrou-a sem a ver.

— Estás bem?

— Estou bem, *Sandman.* — Nico parecia atordoado, eufórico, espantado. — Onde raio aprendeste aquilo? Eu disse-te para deixares de jogar jogos de vídeo.

— Cala-te, idiota. — Gideon estava arquejante, quase a regurgitar de exaustão, quando finalmente a visão se desanuviou o suficiente para ver que Nico se estava a rir à custa dele. Ficaram os dois parados como imagens de um espelho, ambos dobrados na cintura e agarrados aos joelhos.

Havia um fio de sangue na bochecha de Nico quando Gideon olhou para ele. Um fio que escorria devagar vindo do cabelo, um corte ao longo no maxilar. Gideon deu um grito de fúria e ferocidade quando estendeu a mão para limpar o sangue e parou.

— O que foi? — disse Nico, que engoliu um riso. O músculo do maxilar latejou, depois parou.

— Nada — disse Gideon.

— O que foi?

— Nada.

— Gideon, vá lá, *no me hagas rogar...*

Não me obrigues a suplicar. Ah, como se ele o fosse fazer. Como se fosse *capaz.*

Nico voltou a sorrir e Gideon sentiu uma dor profunda, que lhe deixou as pernas bambas com paralisia ao retardador. Ou isso ou um colapso gradual. Medo, em primeiro lugar, por terem evitado algo por pouco, por tão pouco que foi quase um desastre, um desastre do qual Gideon nunca iria recuperar. Alívio por ninguém ter travado aquele riso arrogante. Por Nico de Varona nunca ter percebido a extrema fragilidade de Gideon. Por, uma vez que Nico se julgava invencível, Gideon também acreditar nisso de vez em quando, precisamente até aos momentos assustadores em que deixava de acreditar. Como aquele momento.

— Esqueço sempre de como és bom em tantas coisas — balbuciava Nico em apreciação, ainda a falar, ainda a rir-se, ainda feliz, ridiculamente vivo, e alguma loucura dentro do peito de Gideon decidiu por ele. Gideon inclinou-se para a frente e segurou a boca de Nico com a dele numa espécie de força castigadora, um golpe cativo. Mais um resfôlego do que outra coisa qualquer, na verdade.

Embora tecnicamente fosse um beijo.

Os lábios de Nico estavam secos e a boca quente, espantada, despreparada e metálica de concentração. Gideon sentiu o fôlego de Nico a agarrar-lhe a língua, um nó de surpresa e depois Nico afastou-se e Gideon pensou *não, não, não...*

— Oh. Então é assim? — disse Nico. Os olhos eram perscrutadores e desconcertante e confusamente brilhantes. Em resposta, Gideon sentiu-se descoberto e em carne viva, como se tivesse aberto o peito em dois e apresentado as provas para avaliação de Nico.

— É. — A voz de Gideon saiu fina e rouca, mas que se fodesse. Já tinha aquilo atravancado na garganta havia tempo suficiente. — É — voltou a tentar — é, é assim.

O sorriso de Nico abriu-se.

— Ainda bem. — Nico agarrou-lhe a *T-shirt* e puxou-o novamente. — Ainda bem.

O coração de Gideon palpitou no peito, os lábios a abrir-se em êxtase absoluto, quando ouviu outro barulho atrás dele. Era inconfundível e inevitavelmente mágico. A abertura de uma defesa de transporte.

Gideon deu meia-volta, um braço atirado instintivamente para o peito de Nico para se colocar entre ele e o seu mais recente assassino, antes de pestanejar, surpreendido. Atrás dele, Gideon sentiu a pulsação de Nico a titubear e acelerar e ouviu-lhe a confusão na voz.

— Rhodes?

Libby Rhodes estava à frente deles no passeio. Tinha sangue na roupa — claramente de outra pessoa — e cinza no cabelo, mas não havia dúvida de que era ela. Tinha encontrado uma forma de voltar, no tempo, no espaço e na impossibilidade. Era Libby Rhodes e estava ali.

Dizer que estava incólume seria falso. Os olhos dela estavam desfocados exceto na forma como olharam para os de Nico, que, reparou Gideon, parecia demasiado espantado para falar, uma mão ainda à frente da boca e do espectro do beijo de Gideon.

— Varona — disse Libby, a dar um passo em frente. — Precisamos de falar. Depois deixou-se cair nos braços de Gideon.

Agradecimentos

O facto de ter este livro na mão é (1) a confirmação de que estamos numa linha do tempo estranhíssima e (2) uma verdadeira prova do que pode ser alcançado com tão pouco sono que eu não me arriscaria a conduzir um veículo. Tenho de agradecer em primeiro lugar à minha mãe, porque se ela não tivesse deixado tudo para viver comigo e com a minha família durante quatro semanas pouco depois de o meu filho ter nascido, nunca teria havido um primeiro rascunho. Também tenho de agradecer enfaticamente a toda a gente que leu os primeiros rascunhos porque foi editado no meu iPhone, pelo que continha todo o tipo de erros de autocorreção com que se pode sonhar. À Molly McGhee e à Lindsey Hall, as minhas fantásticas editoras na Tor, estou mais do que grata pela vossa genialidade, as vossas observações e a vossa fantástica capacidade de decidir até que ponto posso melhorar uma cena se o tentar verdadeiramente. À Amelia Appel, a minha querida agente com olho para a área editorial, devo-te algo fundamental. Se alguma vez precisares de um rim, estou aqui de joelhos. (E também, um profundo agradecimento às minhas fãs número um, Debbi e Sam.)

À Little Chmura, minha ilustradora e amiga, nunca deixo de ficar espantada com a sorte que tenho por poder trabalhar contigo. Cada nova aventura em que embarcamos juntas é uma forma de me lembrar o quanto gosto de criar arte contigo e tu consegues sempre realçar a melhor versão da criadora dentro de mim. Trabalhar contigo é um prazer e uma bênção.

À minha equipa na Tor: mais uma ronda de agradecimentos à Lindsey por aceitar, sem reservas, tudo o que eu faço aqui. Ao meu sempre excelente desenhador de capas Jamie Stafford-Hill e desenhadora de interior Heather Saunders. Às minhas agentes publicitárias, Desirae Friesen (sempre na minha caixa de entrada a salvar-me a vida) e Sarah Reidy. A minha equipa de *marketing*, rainha dos GIF Eileen Lawrence e génio infalível Natassja Haught. À minha editora de produção Dakota Griffin, à minha editora-geral Rafal Gibek, ao meu gestor de produção Jim Kapp, e à minha incrível técnica de edição Michelle Foytek. Às minhas editoras, Devi Pillai e Lucille

Rettino. Chris Scheina, agente de direitos internacionais. Christine Jaeger e a sua incrível equipa de vendas. Ao Steve Wagner e aos fantásticos artistas de voz James Cronin, Siho Ellsmore, Munirih Grace, Andy Ingalls, Caitlin Kelly, Damian Lynch, Steve West e David Monteith. Ao Troix Jackson, por se manter ao meu lado e nunca deixar de ler.

À minha equipa na Tor UK/Pan Macmillan: muita gratidão à minha editora Bella Pagan e um reconhecimento também a Lucy Hale e Georgia Summers no departamento editoriaL À Ellie Bailey e ao resto da equipa de *marketing* — Claire Evans, Jamie Forrest e Becky Lushey bem como à Lucy Grainger, do *marketing* internacional e Andy Joannou no marketing digital. A Hannah Corbett pela excelente magia de relações públicas, bem como a Jamie-Lee Nadone e Black Crow por uma incrível campanha de publicidade. A Holly Sheldrake e Sian Chivers na produção e Rebecca Needes nos serviços editoriais. Ao desenhador de capas no Reino Unido, Neil Lang. A Stuart Dwyer, Richard Green e Rory O'Brien nas vendas; Leanne Williams, Joanna Dawkins e Beth Wentworth nas exportações; e a Kadie McGinley nas vendas especiais. À equipa do audiolivro, Rebecca Lloyd e Molly Robinson. E, por último, mas não menos importante, a Chris Josephs por tratar da bela confusão dos correios.

Aos tradutores *e* editores que levaram este livro para o resto do mundo nas muitas, muitas línguas que eu não sei falar: agradeço-lhes infinitamente por viverem nas minhas palavras e por contarem a minha história por mim.

Ao Dr. Uwe Stender e ao resto da equipa da Tríada. Obrigada a Graves e Jen Schuster na Amazon Studios e a Tanya Seghatchian e John Woodward da Brightstar por serem meus parceiros criativos.

Um enorme agradecimento aos bons cidadãos do BookTok, BookTwt, BookTube e Bookstagram. Vocês são completamente loucos (com carinho). A todos os incríveis livreiros que tive a sorte de conhecer desde que esta febre bizarra começou. A toda a gente que usou a Internet (ou até — suspiro — a vida real) para convencer outras pessoas a ler este livro. Há tantas pegadas na areia. Todas as pegadas menos a minha. (Perceberam? É porque vocês me levaram ao colo.)

Aos rapazes: Theo, Eli, Clayton, Miles, Harry e respetivos pais: Lauren e Aaron, Kayla e Claude, Lauren e Matt, Carrie e Zac, Krishna e James. À

minha família, especialmente à Megan, signo do ar como eu, e à Mackenzie, que leram os meus livros antes de serem aprovados pelo BookTok Ao David. Ao Nacho e à Ana. À Stacie. À Angela. À Melina. A toda a gente que me ajudou a manter a sanidade, ou quase.

Ao Henry, o meu reizinho, o meu *goblin* do caos, o meu menino fofo, que isto te deixe embaraçado até seres adolescente e muito mais. Meu pequeno príncipe maroto, que sorte a minha por ser tua mãe. Entraste na minha vida e criaste-me todo um mundo novo. Amo-te muito a ti e ao teu pai.

Ao Garret. Oh, merda. Não te consigo agradecer sem que as lágrimas me venham aos olhos. Um dia deixarei de ter poesia tonta para ti, mas não vai ser hoje. És o meu porto seguro, o meu lugar preferido. És o privilégio da minha vida. Obrigada por acreditares em mim. Escolho-te sempre a ti.

Para ti, leitor: sem ti não sou nada a não ser uma tontinha insone a gritar inutilmente para o vazio. Obrigada por me ouvires e por dares à minha história um lugar para aterrar. Espero que haja algo aqui que te deixe a pensar, a imaginar, a sorrir, a rir ou a sonhar. Espero que te faça sentir. E mesmo que não faça, é, como sempre foi, uma honra escrever estas palavras para ti. Espero sinceramente que tenhas apreciado a história.

Beijo, Olivie

This file was downloaded from Z-Library project

zlibrary

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.se singlelogin.re go-to-zlibrary.se single-login.ru

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library